



O
E
D

Livro 3

Pré-vestibular Geografia

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Autoria: Murilo Medici Navarro Cruz.

Diretor executivo: Nicolau Arbex Sarkis.

Gerência editorial: João Carlos Puglisi.

Coordenação de edição técnica: Marília L. dos Santos C. Ribeiro.

Edição técnica: Equipe de editores técnicos da Editora Poliedro.

Coordenação de produção editorial: Livia Scherrer dos Santos.

Analista de produção editorial: Claudia Moreno Fernandes.

Coordenação de edição: Michelle Silva da Mata e Vivian Plascak Jorge.

Edição: Equipes de edição da Editora Poliedro.

Coordenação de revisão: Mariana Castelo Queiroz.

Revisão: Equipe de revisão da Editora Poliedro.

Coordenação de arte: Antonio Domingues e Kleber S. Portela.

Diagramação: Equipes de arte da Editora Poliedro.

Ilustrações: Equipes de ilustração da Editora Poliedro.

Coordenação de licenciamento: Ana Rute A. M. Perugini.

Licenciamento: Equipe de licenciamento da Editora Poliedro.

Projeto gráfico: Alexandre Moreira Lemes e Kleber S. Portela.

Projeto gráfico da capa: Bruno Torres e Varão Monteiro Junior.

Coordenador de PCP: Anderson Flávio Correia.

Impressão e acabamento: nywgraf Editora Gráfica Ltda.

Créditos: capa e frontispício Calvin Chiu/123rf.com 5 CobbleCC/Wikipedia • hotblack/Morguefile • Beth Castelo/Wikipedia 95 Victor Soares/ABR • Diliff/Wikipedia • Elmar Thiel/Wikipedia **contracapa** Elinalee/Shutterstock.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as obras de artes plásticas presentes nesta obra, sendo que sobre alguns nenhuma referência foi encontrada. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos faltantes, estes serão incluídos nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos nos arts. 28 e 29 da lei 9.610/98.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

São José dos Campos - SP
ISBN: 978-85-7901-067-5
Telefax: (12) 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br
www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © 2015
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro

SUMÁRIO

Frente 1

8	O espaço urbano	6
	A cidade, o urbano e a urbanização.....	7
	Redes e hierarquias urbanas.....	12
	A urbanização desigual.....	15
	Problemas sociais urbanos no Brasil.....	26
	Revisando.....	32
	Exercícios propostos.....	33
	Texto complementar.....	52
	Exercícios complementares.....	54
9	Dinâmica demográfica e estruturas da população	59
	A população mundial.....	60
	A dinâmica demográfica.....	60
	Revisando.....	79
	Exercícios propostos.....	79
	Textos complementares.....	86
	Exercícios complementares.....	89

Frente 2

9 América do Norte	96
América do Norte: caracterização geral.....	97
Os Estados Unidos	99
O Canadá.....	105
O México.....	106
Revisando	108
Exercícios propostos.....	109
Texto complementar.....	115
Exercícios complementares.....	118
10 América Latina	120
Américas Central e do Sul: características gerais	121
América Latina: região subdesenvolvida.....	123
Conflitos na América Latina.....	128
Revisando	131
Exercícios propostos.....	132
Texto complementar.....	140
Exercícios complementares.....	141
11 África	143
África: caracterização geral.....	144
África Subsaariana.....	147
Norte da África	153
Revisando	155
Exercícios propostos.....	155
Textos complementares.....	164
Exercícios complementares.....	168
Cabarito	170



Frente 1

8

FRENTE 1

O espaço urbano

[...] A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, outros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm umas das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças.

Henri Lefebvre. *A revolução urbana*. UFMG, 2004.



© DREAMSHOT | DREAMSTIME.COM



NATE BRELSFORD/ISTOCK.XCHING



A cidade, o urbano e a urbanização

O que é a cidade? Atualmente, órgãos de pesquisa nacionais e internacionais adotam diferentes metodologias para identificar as áreas urbanas e contar a população que as habita. É comum que os critérios do tamanho da população e da densidade demográfica sejam utilizados. Normalmente, identificam-se como núcleos urbanos as áreas que possuem, pelo menos, uma média de 50 habitantes por km². Para muitos, além dessa marca, é preciso que a área apresente mais de 10 ou 20 mil habitantes para ser vista como uma cidade e não simplesmente como uma vila. Mas será que esses critérios quantitativos nos dizem o suficiente sobre o que é uma cidade? Acreditamos que não.

O nascimento das primeiras cidades e um pouco da história de sua transformação ao longo do tempo podem ser argumentos mais ricos para que entendamos o que são as cidades. Vejamos essa trajetória de forma bem geográfica, com foco no espaço e na forma como a humanidade com ele se relacionou nas diferentes fases de sua história.

A cidade e o urbano no período de vigência do meio natural

Anteriormente, dividimos a história das relações homem-meio seguindo as ideias de Milton Santos, destacando três grandes fases: o **meio natural**, o **meio técnico** e o **meio técnico-científico-informacional**. Vejamos como tal classificação pode nos ajudar a compreender a criação e o desenvolvimento das cidades.

Durante o domínio do **meio natural**, os seres humanos transformavam o meio; no entanto, mais se adequando a ele do que mudando suas características fundamentais. As tradições alimentares, as formas de construção, as atividades econômicas, a rotina diária, eram determinadas pelas características naturais de cada região. Esse tipo de relação homem-meio era caracterizado pela ausência de máquinas automáticas, sendo as técnicas e as ações humanas baseadas no uso de ferramentas e máquinas simples, as quais dependiam da força de animais ou do próprio corpo humano. Os limites para o poder de transformar o meio eram dados por essas características técnicas.

O período em que prevaleceu o meio natural abrange a maior parte da história humana, desde a Pré-história até as décadas antecedentes à Revolução Industrial. É claro que durante esses milhares de anos muita coisa mudou, mas as características mais gerais das relações homem-meio apontadas acima permaneceram basicamente as mesmas. Foi nesse período que as cidades surgiram.

Entre 5 e 7 mil anos atrás, algumas aldeias do vale do Nilo, da Mesopotâmia e da China ganharam uma característica diferenciada e, a partir do crescimento delas, conheceram uma mudança qualitativa, que as metamorfoseou de aldeias em cidades. Mas qual seria essa diferença? Responder a essa pergunta é, ao mesmo tempo, falar do que é, fundamentalmente, uma cidade.

As aldeias que existiam na Antiguidade e as que ainda existem em regiões rurais de países mais pobres não podem ser consideradas cidades, principalmente porque elas são apenas

aglomerados de camponeses, isto é, de trabalhadores dos campos ao seu redor. Podemos dizer que elas não apresentam uma **função urbana**.



Fig. 1 Aldeia rural na Tanzânia.

A passagem de aldeias a cidades se dá, justamente, quando fica clara uma função específica daquele aglomerado humano em relação ao espaço que o cerca, quando há uma diferenciação entre o que é a cidade e o que é a não cidade, entre o espaço urbano e o espaço rural. Perceber a função urbana é uma forma de destacar essa diferenciação.

Costuma-se dizer que as cidades podem apresentar **diferentes funções**, entre elas a política, a comercial, a religiosa, a turística, a industrial e a financeira. As duas últimas, logicamente, só podem ser verificadas em cidades atuais. Mas a verdade é que, em geral, as cidades apresentam mais de uma dessas funções, mesmo que uma delas predomine e domine o imaginário popular em relação a determinada cidade.

Quando pensamos em Brasília, por exemplo, é comum lembrarmos as cenas do Congresso Nacional ou do Palácio do Planalto. Brasília tem realmente uma função política. Mas há milhões de pessoas nessa cidade e em seu entorno, as quais têm de comprar, vender, utilizar bancos, passear, habitar, trabalhar, enfim, viver na e da cidade. Suas funções, portanto, são múltiplas.



Fig. 2 Brasília (Esplanada dos Ministérios).

As cidades da Antiguidade eram, principalmente, políticas e, às vezes, comerciais. Sua importância residia justamente no fato de que eram os centros de comando dos quais saíam decisões sobre regras a serem seguidas ou ações a serem cumpridas em vastas áreas. Basta pensar, por exemplo, em Atenas, Alexandria, Cartago ou Roma.



Fig. 3 Ruínas romanas.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento de rotas comerciais entre a Europa e a Ásia, algumas cidades ganharam uma forte função comercial, caracterizando-se como espaços de trocas. Atraindo vendedores e compradores de regiões distantes, as cidades passaram a gerar a demanda pela produção agrícola e a proporcionar o fornecimento de bens de produção (ferramentas, metais, madeira) ou de consumo (alimentos, tecidos) para a maior parte da população residente nas áreas rurais.



Fig. 4 Veneza.

Dessa forma, mesmo que demograficamente fossem pouco importantes, não atingindo mais que 2% da população mundial, as cidades já cumpriam uma função fundamental para a organização das sociedades pré-industriais. Não estamos falando das funções políticas, comerciais ou religiosas separadamente, mas da função urbana em si, que é comum a estas três e também àquelas exercidas pelas cidades industriais, turísticas ou financeiras. Trata-se da função de **centro**.

A **centralidade** é a característica das cidades por definição e o que as diferencia dos espaços rurais, inclusive das aldeias. Ser o centro não significa, de forma alguma, estar no meio, mas criar uma situação de atração e dispersão de inúmeros fluxos econômicos, sociais, culturais, e assim por diante.

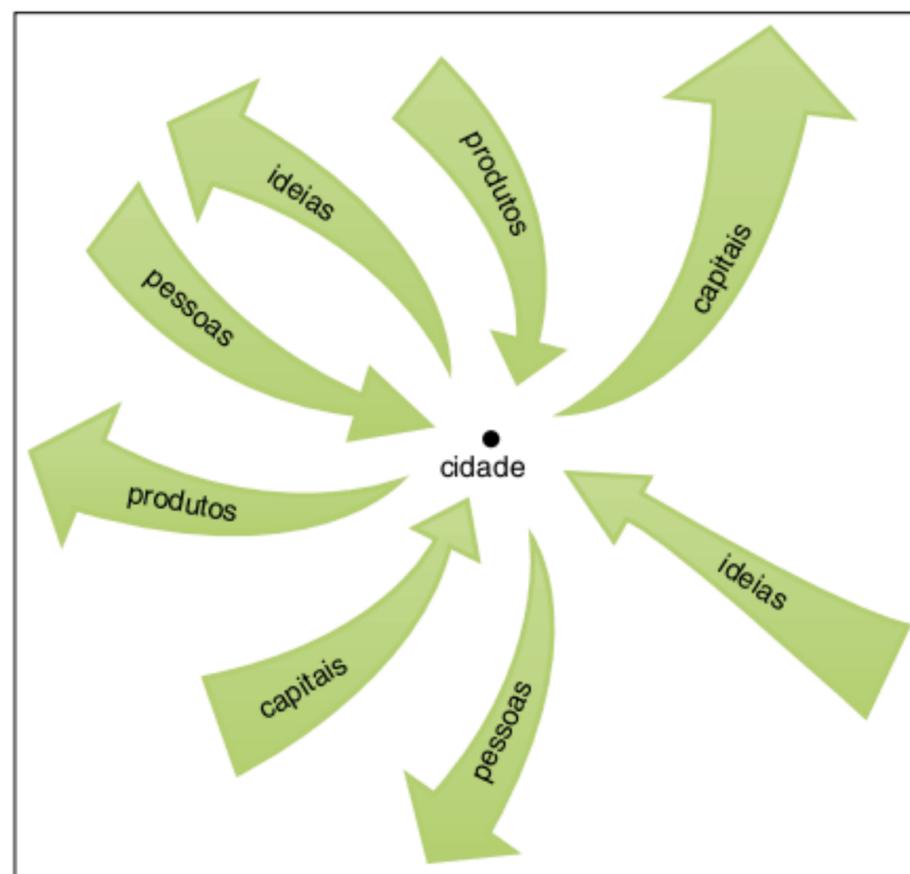
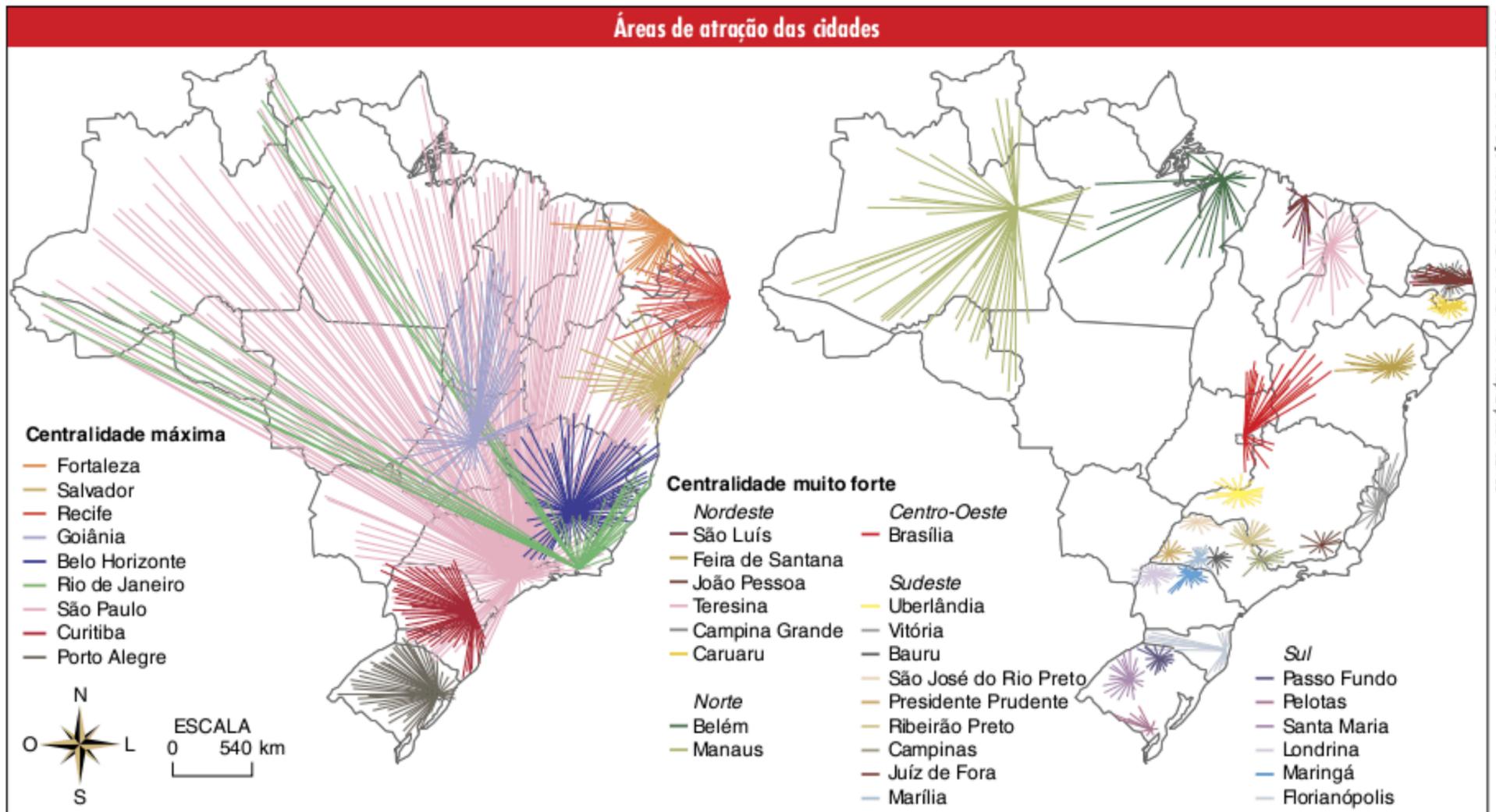


Fig. 5 Centralidade das cidades.

Nesse sentido, vale lembrar a diferenciação entre as concepções de espaço absoluto e relativo. Do ponto de vista do espaço absoluto, o centro é um ponto equidistante às margens de um polígono. Mas do ponto de vista do espaço relativo, que é o que nos importa aqui, o centro é o ponto para o qual convergem e de onde divergem os fluxos.

É importante perceber que a centralidade pode ser definida como a característica mais fundamental das cidades, pois ela possibilita o desenvolvimento de outros elementos que normalmente entendemos como próprios das cidades. A centralidade define o que entendemos como condição urbana – diferencia as relações sociais da cidade em relação às do campo, tidas como rurais.

Há, por exemplo, a **forma urbana**, reconhecível em qualquer imagem de satélite. Se analisarmos, o que nos possibilita diferenciar áreas urbanas de rurais quando as visualizamos de cima é, justamente, a concentração de edificações. A própria palavra *concentração* já remete a centro: concentrar é, segundo o dicionário Aurélio, “fazer convergir para um centro”.



FONTE: HENRI THÉRY & NEU MELO AP. ATLAS DO BRASIL, SÃO PAULO: EDUSP, 2005.



Fig. 6 Istambul – Turquia.



Fig. 7 Hanói – Vietnã.

Mas há também a **vida urbana**, que necessariamente se relaciona a essa concentração. Mesmo nas cidades mais antigas, a vida urbana se distinguia da rural. A concentração de pessoas já proporcionava a intensidade dos encontros. Para tal intensidade colaborava também a **diversidade**, própria das cidades, uma vez que se encontram ali habitantes da cidade e outros, que vêm dos mais diversos lugares trocar mercadorias, ideias, crenças, comportamentos etc.

A vida urbana, portanto, é caracterizada pela diversidade, pelo encontro, pela troca e pelo dinamismo que tudo isso gera. É um modo de vida que sempre tendeu a questionar as tradições e promover grandes mudanças sociais, assim como estimular o desenvolvimento de novas ideias e novos comportamentos.

Do meio técnico ao técnico-científico-informacional – da cidade à sociedade urbana

Desde as primeiras cidades até as megalópoles atuais, a centralidade é uma característica determinante; mas sua intensidade, sua extensão e sua importância na organização social se transformaram a partir da **Revolução Industrial**.

A criação de máquinas movidas à combustão de lenha e, principalmente, de combustíveis fósseis deu aos seres humanos a capacidade, inimaginável em épocas anteriores, de transformar o meio. Mas, ao mesmo tempo, gerou novas necessidades. Tornou-se necessário, principalmente, criar um sistema técnico que desse suporte ao funcionamento dessas máquinas e das novas relações sociais por elas engendradas. Ocorria, então, a passagem do meio natural ao **meio técnico**.

Apesar de já existir anteriormente, a cidade passa a ser transformada pela industrialização. Como proporcionavam concentração de pessoas, de relações comerciais e de desenvolvimento técnico, as cidades foram bons locais para a instalação de indústrias. Porém, as fábricas e as técnicas industriais não apenas transformaram essas cidades como também criaram muitas outras, graças à necessidade de criar novos centros de produção e comercialização e à capacidade de construí-los em uma velocidade crescente. As funções industrial e comercial tornavam-se cada vez mais importantes para caracterizar as cidades.



Fig. 8 A cidade passa a ser transformada pela industrialização.

Esses processos fizeram com que vastos espaços fossem alterados, tanto no sentido material como nas relações sociais que os caracterizavam. O que mais nos interessa agora é destacar a mudança dos espaços agrários que gerou o **êxodo rural**.

O êxodo rural define-se pela saída das pessoas do campo em direção à cidade. Ele é provocado, em geral, pelo aumento da produtividade do trabalho agrícola, que diminui a necessidade de mão de obra nas áreas rurais; pela criação da propriedade privada da terra por processos como os cercamentos ingleses, ou outros equivalentes; e pela criação de fábricas nas cidades, que atraem a população que sai do campo.

Assim sendo, a Revolução Industrial deu início ao que chamamos de **urbanização**, ou seja, a passagem de um período no qual existiam cidades e elas eram importantes, mas não tinham uma tendência de forte crescimento – dado que apenas centralizavam as atividades produtivas que ocorriam no campo –, para um outro em que seu crescimento passou a ser intenso e seu peso demográfico começou a aumentar cada vez mais.

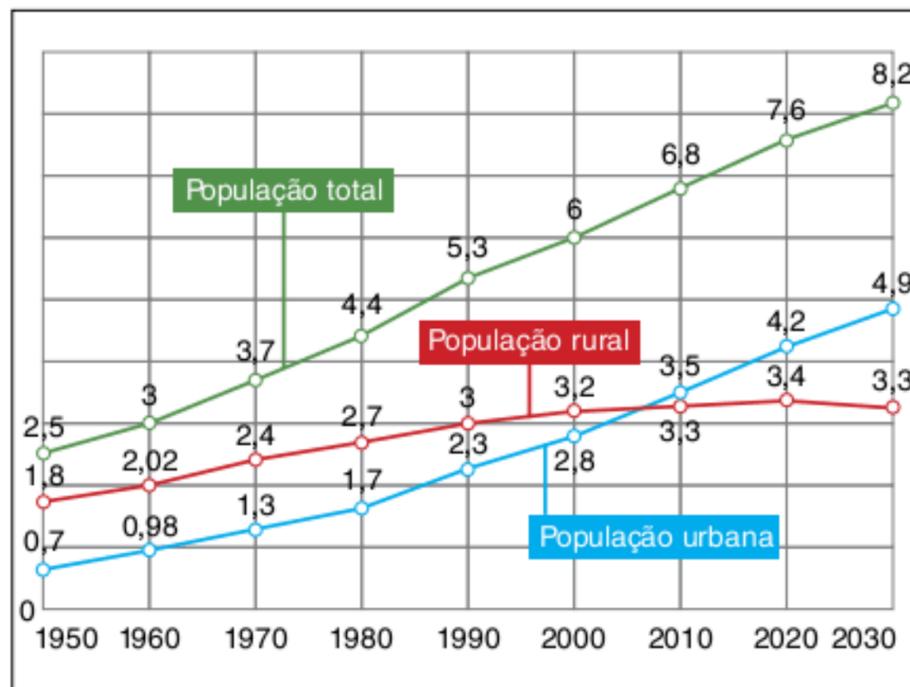


Fig. 9 Distribuição da população urbana e da população rural.

Uma das formas mais simples, porém também mais superficiais, de identificar o processo de urbanização é o aumento da proporção da população urbana em relação à população total. Se desde o início da história humana até 1800 não mais que 2% da população mundial chegou a viver em cidades, na década de 1950 a população urbana já atingia cerca de 30% e, em 2010, mais de 50%.

Variação da população urbana mundial em relação à população rural (porcentagem)

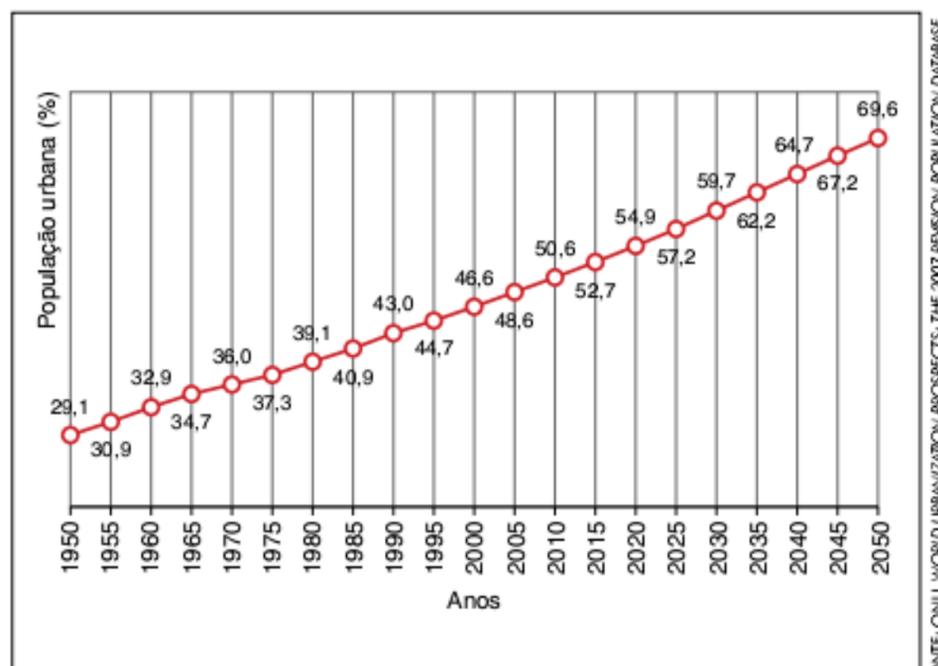


Fig. 10 Porcentagem da população urbana mundial.

Chamamos a porcentagem da população urbana de **taxa de urbanização** ou **índice de urbanização**. Este não deixa de ser um dado interessante, mas ele é superficial pelo fato de que, ao longo do século XX, as transformações espaciais que caracterizam a constituição do meio **técnico-científico-informacional** tomaram a condição urbana muito mais geral do que era antes, a ponto de podermos falar de processos como a **urbanização do campo** ou a generalização do modo de vida urbano, independentemente de as pessoas viverem nas cidades ou no campo, pelo menos no caso de países ricos.



Fig. 11 Urbanização do campo.

Para entender tal mudança, falemos ainda da questão da centralidade, mas agora na condição de desenvolvimento espacial, característica do período técnico-científico.

Durante o século XX, houve um forte desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Tal desenvolvimento caracteriza-se pelo **aumento da velocidade dos fluxos materiais e informacionais**, pelo **barateamento** do uso dos serviços ligados a tais fluxos e pela sua **disponibilização** para um número cada vez maior de lugares e pessoas.

Com isso, criaram-se grandes e eficientes **redes** de transporte e de comunicações. As redes constituíram uma nova forma de relação entre os lugares, que se caracteriza por uma espécie de **dispersão da centralidade**. Por mais que pareça estranho, já que o centro expressa a condição de convergência em um ponto, as redes proporcionam a dispersão da centralidade por muitos lugares, pois cada ponto da rede é, de certa forma, um centro.

A internet é um caso exemplar e extremo desse processo. Os programas de compartilhamento de dados e as redes sociais tornam cada computador um minicentro de recepção e dispersão de dados. Claro que continuam existindo centros mais importantes e continua existindo uma **hierarquia**, mas não há dúvida de que haja uma dispersão da condição de centralidade.

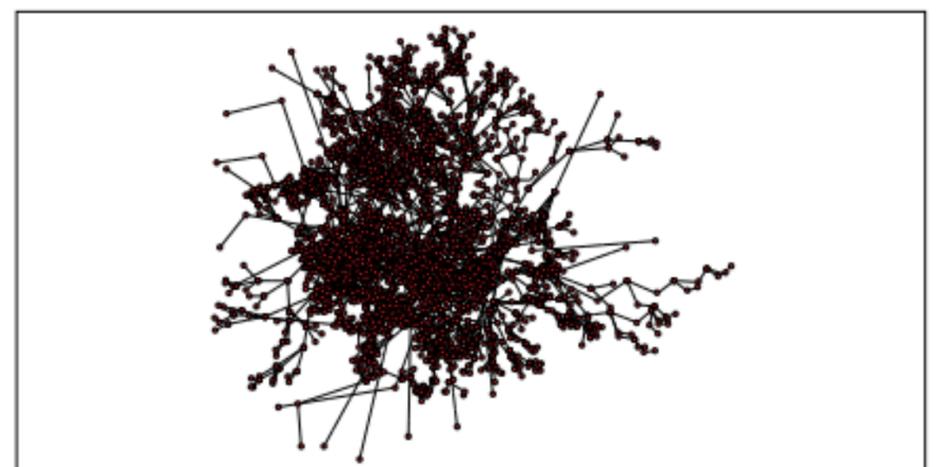


Fig. 12 Condição de centralidade dispersada.

No caso das cidades propriamente ditas, a centralidade também se encontra mais dispersa, principalmente devido ao alcance dos meios de transporte. Sejam as vias expressas para automóveis os metrô, os trens de alta velocidade ou a disseminação de aeroportos, o fato é que o transporte de pessoas e mercadorias se tornou muito mais barato, rápido e eficiente. Dessa forma, muitos centros vão sendo criados, diminuindo a importância dos centros tradicionais.

Hierarquia

Classificação, crescente ou decrescente, de acordo com uma escala de importância, valor ou tamanho.

A dispersão da centralidade, como observado com mais força nas últimas décadas, tornou a diferenciação entre urbano e rural mais difícil, principalmente em países ricos, nos quais os objetos técnicos próprios da cidade se dispersaram por vastas áreas, diminuindo a distância relativa e o isolamento. A generalização dos fluxos e do modo de vida urbano que essa nova condição traz leva-nos a identificar uma tendência da sociedade atual de ser uma **sociedade urbana**.

O que nos permite falar em sociedade urbana atualmente não é simplesmente o fato de que aproximadamente 51% das pessoas vivam em áreas consideradas oficialmente como cidades. A questão é que grande parte dos outros 49% está diretamente ligada às cidades, muitas vezes morando em suas proximidades e trabalhando nos centros urbanos ou, no mínimo, adotando um modo de vida urbano.

Com isso, falar em urbanização na atualidade não é apenas tratar do êxodo rural e do aumento do percentual de população vivendo em cidades, mas também da expansão do modo de vida urbano e das relações sociais ligadas às cidades.

Redes e hierarquias urbanas

Seguindo a mesma linha de reflexão sobre o significado mais geral da urbanização, trabalharemos com os conceitos de **redes e hierarquias urbanas** – muito bons para expressar o que vem a ser o processo de urbanização em nossos dias.

Rede urbana é a expressão de uma divisão territorial do trabalho, ou seja, os bens e serviços necessários a todas as pessoas que habitam as cidades que fazem parte de uma mesma rede urbana são produzidos em locais diferentes e trocados entre esses lugares. Com isso, dizemos que existe uma divisão do trabalho baseada na localização dos meios de produção e das pessoas.

Na relação entre uma cidade e o campo em seu entorno poderíamos pensar na seguinte situação: no campo são produzidos alimentos e matérias-primas, enquanto na cidade industrializada se produzem as mercadorias manufaturadas e se concentra o poder político-administrativo da região. Esta já é uma divisão bem simples do trabalho em termos territoriais.

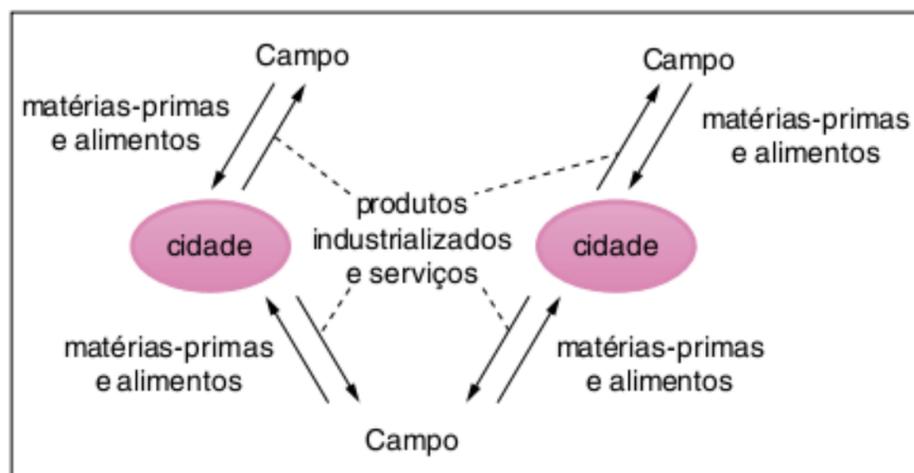


Fig. 13 Divisão territorial do trabalho entre o campo e a cidade.

No entanto, pensando na ampliação do número de cidades e na intensificação das relações entre elas, podemos considerar uma divisão territorial do trabalho mais complexa e abrangente. Começam a surgir cidades especializadas em alguns ramos industriais, em serviços portuários, em centros de comercialização ou administração pública.

O mais interessante é que nenhuma cidade é completamente autossuficiente. Cada uma delas tem uma posição na rede urbana. Até a primeira metade do século XX, a interdependência entre as cidades aumentou e se ampliou da região para o país e depois para o exterior. Cidades como Londres, Nova York, Rio de Janeiro e Buenos Aires passaram a integrar redes urbanas internacionais, caracterizadas pelos percursos dos grandes navios mercantes.

Contudo, as posições na rede urbana não são neutras e igualitárias. Cada cidade, de acordo com a história de sua formação, tem certa concentração de poder econômico e político – a expressão daquilo que definimos como característica fundamental das cidades, ou seja: a centralidade. Cada cidade representa um centro dentro da rede urbana; assim, quanto mais poder de centralizar as relações econômicas, políticas, financeiras e culturais, mais alta é sua posição dentro da chamada **hierarquia urbana**.

Em cada período da história, as propriedades que podem fazer com que uma cidade seja mais ou menos importante dentro das redes urbanas são diferentes, sempre em razão das características econômicas, políticas, sociais e culturais de cada época. Essa variação segue, em parte, aquela que já comentamos anteriormente sobre a função urbana.

No período dos grandes impérios da Antiguidade, as cidades com função política tendiam a ser as mais importantes nas redes urbanas, ainda pouquíssimo desenvolvidas. Na época da expansão marítima, foram os centros comerciais que ganharam importância. Entre meados do século XVIII e meados do século XX, as cidades industriais foram os grandes destaques nas redes urbanas, fortemente desenvolvidas pela construção de sistemas de transporte e comunicação entre os centros urbanos.



Fig. 14 Parque industrial da Ford em Detroit, importante cidade industrial dos Estados Unidos. Início do século XX.

Nas últimas três décadas, no entanto, as grandes cidades estão passando por intensas mudanças. Não há mais tanto interesse em instalar indústrias nelas como havia até a década de 1960. Se antes o chamariz para as fábricas era a concentração de pessoas e a infraestrutura, atualmente, tal concentração passou a ser um obstáculo.

Em cidades muito grandes, o preço dos terrenos sobe muito, devido à grande procura, mas também à grande concentração de infraestrutura em seu entorno. A alta nos gastos com

moradia, alimento e transporte cria também um aumento do preço da mão de obra. Esses fatores começam a expulsar as grandes fábricas das metrópoles, o que chamamos de **desconcentração espacial da indústria**.

Esse processo é uma consequência da dispersão da centralidade que apontamos anteriormente, característica do estabelecimento do meio técnico-científico-informacional. Mas é interessante perceber que, historicamente, primeiro predominou a tendência à concentração e depois à desconcentração. Em geografia urbana, dizemos que inicialmente houve um processo de metropolização para depois ocorrer a desmetropolização.

A **metropolização**, como o termo bem indica, refere-se à formação de metrópoles. Identificamos como metrópoles as cidades que são os núcleos principais de áreas conurbadas. A **conurbação**, por sua vez, é a união física de duas ou mais manchas urbanas, pertencentes a municípios diferentes.

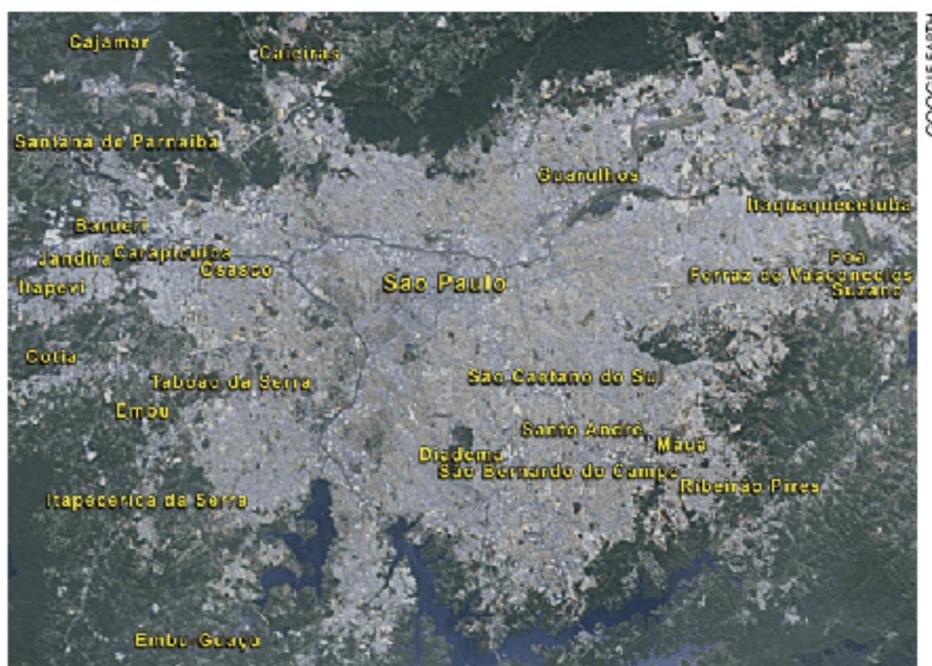


Fig. 15 Mancha urbana da metrópole paulistana, envolvendo vários municípios.

Até meados do século XX, o processo de metropolização era mais comum pelo fato de os atrativos para a localização das atividades econômicas estarem em poucos lugares, o que atraía os investimentos de forma concentrada na rede urbana, ou seja, muito mais em alguns pontos do que em outros. Tal processo foi mais intenso em alguns países e regiões, principalmente naqueles de urbanização acelerada, como foi o caso do Brasil. Quando ocorre uma concentração muito forte da população em poucos pontos da rede urbana, dizemos que há um processo de **macrocefalia**. Mas com os problemas criados pela própria metropolização somados à diversificação dos sistemas de transporte e comunicação, a tendência se inverteu. A propensão é que em países mais desenvolvidos a desmetropolização seja mais intensa, principalmente quando há para onde descentralizar, como é o caso dos Estados Unidos e, até mesmo, futuramente, do Brasil.

A desmetropolização não significa, necessariamente, uma diminuição absoluta do tamanho das metrópoles. Na realidade, basta que as cidades menores cresçam em uma intensidade maior do que as grandes para que possamos falar em desmetropolização.

Nesse novo contexto, o papel das metrópoles se transforma. A saída das grandes unidades industriais não retira das metrópoles os escritórios que comandam as empresas; ao contrário,

com o aumento da fluidez do espaço, a separação entre o centro de decisão da empresa e suas fábricas se torna uma estratégia cada vez mais comum.

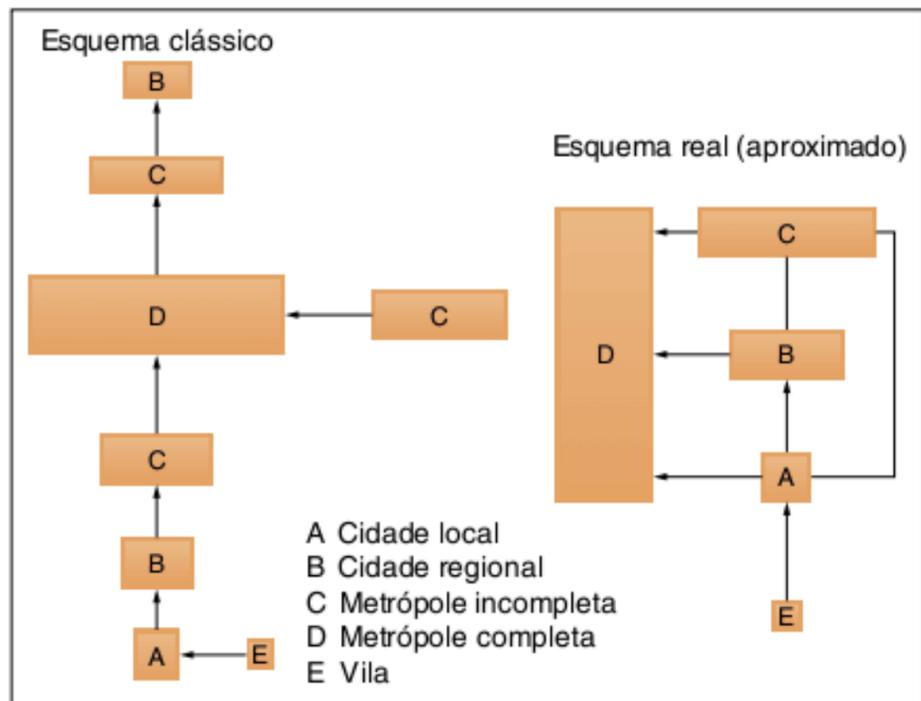
Mas por que as empresas constroem seus escritórios nas grandes metrópoles e não em uma de suas fábricas do interior? Porque o que mais interessa à parte administrativa das grandes empresas – mão de obra altamente qualificada nas áreas de economia, publicidade e administração, proximidade das sedes dos principais bancos e bolsas de valores – ainda se encontra na metrópole.

Com essas transformações no papel das metrópoles e das outras cidades da rede urbana na economia de um país ou região, mudam também as relações entre as cidades da rede e o tipo de hierarquia estabelecido. Assim, de acordo com as escalas de poder, podemos classificar as cidades em:

- **Metrópoles completas:** aquelas que têm uma grande diversidade de atividades econômicas, políticas e culturais. Até a década de 1950, um dos fatores mais importantes para identificarmos tais metrópoles era seu grau de industrialização. Atualmente, essas metrópoles estão se caracterizando pelo aumento das atividades terciárias em detrimento das indústrias. No entanto, elas permanecem como centros de decisão.
- **Metrópoles incompletas:** não têm tanta diversificação de atividades econômicas como as anteriores. Atualmente é mais simples identificá-las, pois elas não se tornam centros de decisão, sendo muitas vezes apenas locais de alta industrialização, porém sem conter sedes empresariais ou financeiras.
- **Cidade regional:** não tem conurbação como no caso das metrópoles sendo apenas uma cidade maior e com mais influência em sua região. Pode ter algumas indústrias. O mais comum é que sua industrialização se limite a um determinado setor, como o químico ou o têxtil, por exemplo.
- **Cidade local:** só tem influência no campo que a cerca e nas pequenas vilas próximas. Tal influência geralmente se dá pela concentração de atividades comerciais, necessárias às outras cidades.
- **Vila:** é um pequeno centro comercial e cultural. Geralmente centraliza as atividades da população rural em seu entorno.

Com base nessa classificação, podemos dizer que há uma hierarquia entre esses tipos de cidades, o que cria uma rede de relações nas quais as metrópoles completas são as mais importantes, tendo influência em toda a rede. A metrópole incompleta tem influência somente sobre algumas cidades regionais, locais e vilas – a hierarquia segue assim.

No entanto, isso não quer dizer que haja um esquema simples de relacionamento entre tais unidades urbanas de forma que as vilas se relacionem com cidades locais, estas com as regionais e assim por diante. Na realidade, quanto mais desenvolvidos são os meios de transporte e comunicações, maior pode ser a flexibilidade nas relações. Uma pequena cidade local no meio de uma região plantadora de soja pode se relacionar diretamente com a Bolsa de Chicago para que os agricultores vendam seus produtos, por exemplo.



MILTON SANTOS. METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO. SÃO PAULO: HUCITEC, 1994.

Fig. 16 As relações entre as cidades em uma rede urbana.

O crescimento exagerado das maiores metrópoles do mundo não é apenas uma consequência de sua vitalidade econômica. Na maior parte das vezes, principalmente nos países periféricos, as metrópoles acabam sendo as únicas regiões em que se podem encontrar empregos mais bem remunerados, ou pelo menos, esta é a impressão que as pessoas que para elas se direcionam têm. Portanto, o mais comum é que o crescimento exagerado das metrópoles surja da pobreza do restante do território de um país ou, o que também é muito comum, da concentração da terra e dos baixos salários pagos no campo.

Em regiões economicamente mais desenvolvidas, está ocorrendo um maior crescimento das **cidades médias**, aquelas entre 100 mil e 1 milhão de habitantes, nas quais a relação entre custo (da moradia, do transporte, dos alimentos etc.) e benefício (acesso a melhores empregos e serviços urbanos de qualidade) é melhor. Essa desconcentração é possível, principalmente pelo desenvolvimento do meio técnico entre as grandes cidades.

As metrópoles modernas

Entre as características das cidades modernas de fins do século XIX estão os bairros planejados para a habitação, a diversificação e o aumento dos meios de transporte urbano, a formação dos grandes centros de compras, o surgimento dos lugares destinados ao lazer, a ampliação dos serviços urbanos e assim por diante.

As novas possibilidades de se deslocar nas metrópoles, principalmente os trens urbanos e o **automóvel**, deram uma nova perspectiva para o **crescimento horizontal** das cidades. Muitas se expandiram tanto que começaram a se fundir umas às outras, dando origem às metrópoles conurbadas. Ao mesmo tempo, as novas técnicas de construção possibilitaram um melhor aproveitamento do solo por meio da construção de prédios cada vez maiores, dando impulso ao crescimento vertical, chamado também de **verticalização**.

Após a década de 1950, um novo processo começa a chamar a atenção no crescimento contínuo das grandes metrópoles dos países centrais. A urbanização passou a ser mais acentuada que a industrialização. A porcentagem de população das cidades envolvida em empregos industriais começou a baixar, sem necessariamente criar pobreza nessas regiões.

Esse processo se deve ao fato de que dentro das grandes metrópoles modernas novos ramos da economia foram criados, ampliando a gama das atividades do setor terciário. Além do desenvolvimento do comércio provocado pela formação da sociedade de consumo de massa, desenvolveram-se atividades como o lazer, o turismo, os transportes e centenas de outras atividades criadoras de empregos. Podemos dizer que a cidade grande, que havia sido impulsionada pela industrialização, começava a se desprender das fábricas e a criar seu próprio tipo de economia.

Também nas últimas décadas, a estrutura interna das cidades sofreu modificações. Os antigos centros das metrópoles dos países ricos conheceram processos de deterioração e desvalorização, devido ao aparecimento de novos centros. As grandes cidades que têm vários centros são chamadas de **metrópoles polinucleadas**, cuja formação está ligada às novas possibilidades de transporte dentro das cidades, que torna desnecessária a existência de um único centro. Os **shopping centers** constituem um dos melhores exemplos de novos centros nas cidades, mas também podemos encontrar a formação de centros comerciais de rua e, principalmente, centros financeiros, onde se concentram bancos e bolsas de valores.



Fig. 17 Grande shopping center paulistano próximo a vias expressas e com grande estacionamento.

Em quase todos os países centrais, a urbanização tomou o rumo da descentralização. Graças às melhorias realizadas nas cidades menores e às facilidades de transporte e comunicação por todo o território, as cidades médias estão crescendo mais que as grandes metrópoles. Essa tendência traz uma grande vantagem aos países centrais: a diminuição dos principais problemas urbanos, principalmente a poluição e a violência. Apesar disso, as grandes metrópoles dos países centrais, mesmo com todo o desenvolvimento que conheceram, não se tornaram perfeitas. Um de seus maiores problemas é a poluição. Com o crescimento da população e da própria cidade e, conseqüentemente, a intensificação do uso de meios de transporte, a poluição se acentuou drasticamente, sendo responsável pelo aumento das doenças respiratórias, do aquecimento urbano (ocorrência de ilhas de calor) e da chuva ácida.

Mesmo com a tendência geral à desconcentração urbana, em alguns países observa-se a formação das megalópoles. A megalópole não é, necessariamente, a junção física de duas ou mais metrópoles. Basta que os fluxos de pessoas, mercadorias e serviços entre duas ou mais metrópoles sejam bastante intensos – o que só é possível com uma união de densas redes de transporte, para que possamos falar em **megalópoles** ou **macrometrópoles**.

Todo o processo de urbanização que estudamos até agora se dá de forma diferente de acordo com o desenvolvimento geral da economia e do território de um país. Sendo assim, é necessário que analisemos também as especificidades desse processo no centro e na periferia da economia mundial.

A urbanização desigual

Processos como a industrialização, a implantação do meio técnico-científico, a modernização e a urbanização estão diretamente interligados. Cada fator não só colabora com o desenvolvimento do outros, como também recebe influências.

Assim sendo, da mesma forma que a industrialização se deu de formas diferentes nos diversos países e regiões do mundo, o processo de urbanização também foi marcado pela desigualdade. Para começar, se, por um lado, mais de 50% da população mundial já vivia em cidades em 2010, por outro, é importante lembrar que há países e regiões inteiras onde os índices de urbanização ainda são bastante baixos.

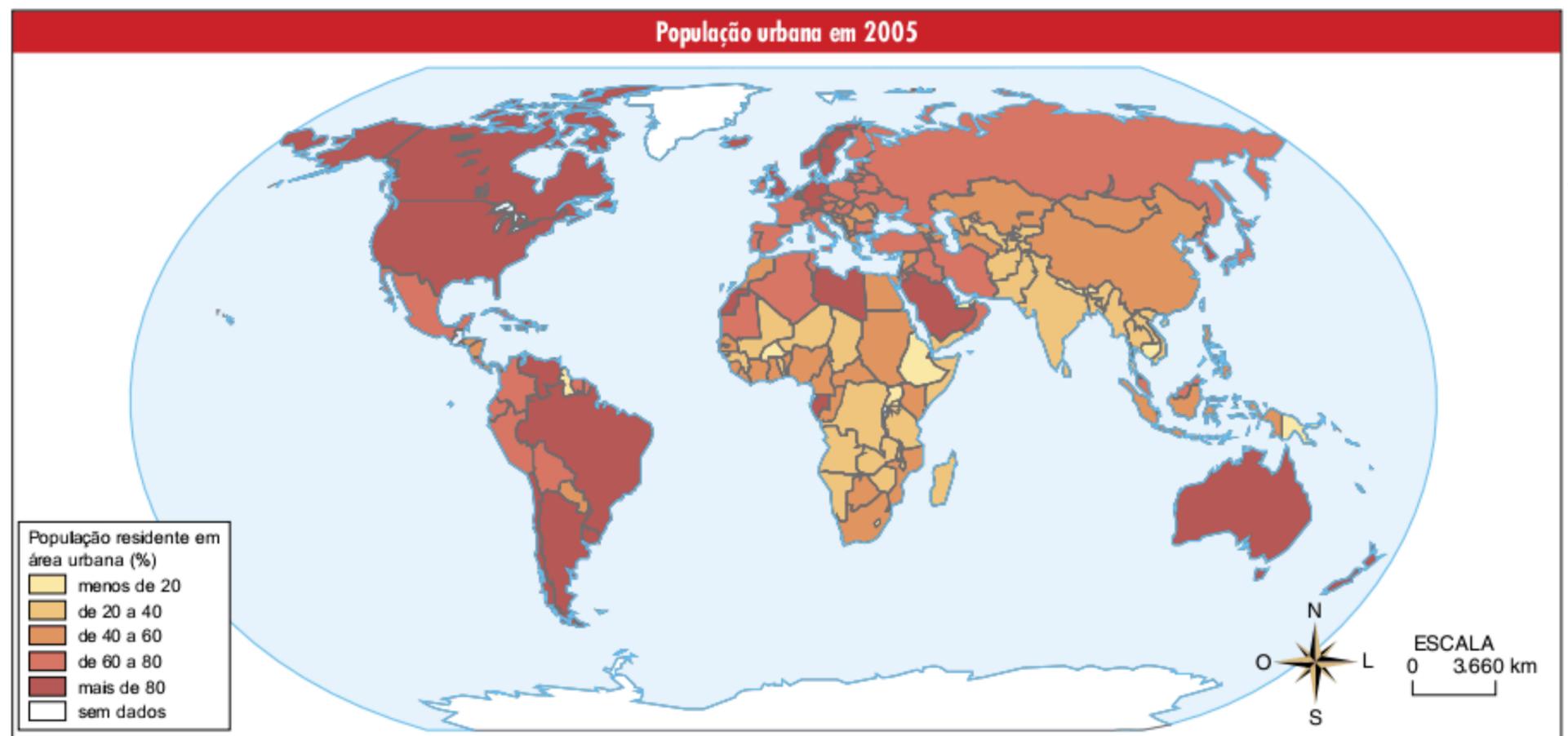
Novamente, é preciso ter cautela com o índice de urbanização, afinal de contas, não é possível fazer uma relação direta entre os níveis de industrialização, desenvolvimento socioeconômico e urbanização. Há países que apresentam altos índices de urbanização sem, necessariamente, apresentarem bons resultados em termos de desenvolvimento econômico e social. Da mesma forma, há aqueles que podem ser considerados países ricos, mas cujas taxas de urbanização não são tão elevadas.

País	PIB <i>per capita</i> (US\$)	Índice de urbanização (%)
Bélgica	47289,00	97
Venezuela	11388,00	93
Argentina	8171,00	92
Austrália	46824,00	89
Brasil	8295,00	86
Estados Unidos	47440,00	82
França	46037,00	77
México	10200,00	77
Noruega	94387,00	77
Alemanha	44729,00	74
Colômbia	4989,00	74
Rússia	11807,00	73
Suíça	68433,00	73
Peru	4448,00	71
Irã	4600,00	68
Itália	38996,00	68
Áustria	50039,00	67
Japão	38457,00	66
Finlândia	51588,00	63
Paraguai	2601,00	60
Portugal	23041,00	59

Tab. 1 PIB *per capita* e índice de urbanização.

ATENÇÃO!

As representações gráficas têm a vantagem de facilitar a visualização das características apresentadas em termos numéricos. Ao relacionar dois dados diferentes para cada país, como é o caso da tabela anterior, é interessante procurar perceber em que índice cada país se aproxima ou se



distancia dos outros. Neste caso, um gráfico de dispersão pode ser uma boa alternativa. Observe o gráfico a seguir e procure perceber as tendências dos países em relação aos dados apresentados.

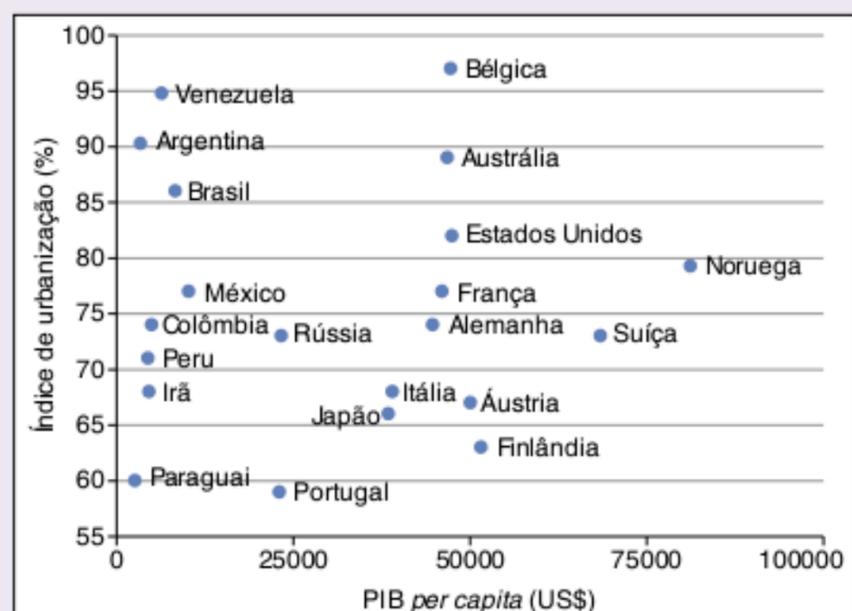


Fig. 18 Gráfico do PIB per capita e índice de urbanização.

No entanto, mais importante do que a questão quantitativa é a qualidade do processo de urbanização e da constituição da rede urbana em cada país ou região do mundo. Tal qualidade dependerá, diretamente, do modo como a economia do país em questão realizou a transição do agrário para o urbano, o que se relaciona, em maior ou menor grau, à industrialização.

Ao verificar as diferentes **condições de industrialização**, percebe-se que, naquele momento, viu-se que existiram, por exemplo, as industrializações pioneiras – realizadas por países como a Inglaterra, a França, os Estados Unidos e o Japão – e as tardias, ou retardatárias, realizadas por países como o Brasil, o México e a Coreia do Sul. Mas, dentro deste último grupo, podemos, ainda, perceber a diferença entre os países que se industrializaram de acordo com o modelo de substituição de importações e aqueles que o fizeram como plataformas de exportação. Enquanto Coreia do Sul e China se encaixam mais no último modelo, o Brasil e o México estão mais próximos do primeiro.

Estas e outras diferenças nos modelos de industrialização acabaram gerando o que conhecemos como divisão internacional do trabalho. Essa divisão, por sua vez, representa não apenas uma especialização das economias nacionais dentro de um todo maior que é a economia mundial, mas também, e principalmente, as diferenças socioeconômicas entre os países, muitas delas consequências da posição de cada país dentro da economia mundial hierarquizada.

Nesse sentido, como se sabe, costumamos dividir os países em desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento; centrais, periféricos e semiperiféricos; ou, ainda, ricos, pobres e emergentes. Independentemente de qual classificação seja adotada, o importante é que a industrialização e a modernização não geraram os mesmos resultados para todos os países nos quais ocorreram e, conseqüentemente, a urbanização também guarda características próprias para cada um desses grupos.

Urbanização na periferia do Capitalismo

Os países periféricos, ou subdesenvolvidos, não haviam se industrializado nem se urbanizado até as primeiras décadas do século XX. Porém, a partir da década de 1950, houve uma verdadeira explosão urbana na América Latina, na África e em grande parte da Ásia. O processo de urbanização que se iniciou há aproximadamente meio século tornou algumas dessas regiões as mais urbanizadas do mundo e criou algumas das maiores metrópoles e megalópoles. Porém, surge uma importante dúvida: se, como havíamos dito anteriormente, a urbanização tem como causa principal o processo de industrialização, a grande urbanização do mundo subdesenvolvido foi resultante de sua ampla industrialização? Não.

A migração campo-cidade, ou êxodo rural, é provocada pela transformação do campo em uma região de repulsão e da cidade em uma região de atração. No caso dos países centrais, podemos dizer que o papel de atração das cidades foi mais importante que o de repulsão do campo, apesar de este último também ter tido a sua participação. Mas é interessante notar que os índices de urbanização no centro da economia capitalista mundial, em geral, estão caindo bastante, posto que a cidade apresenta problemas como o alto custo de vida, a violência e a poluição, ao mesmo tempo em que as áreas rurais desses países já têm condições de oferecer uma boa qualidade de vida.

Enquanto isso, os índices de urbanização dos países periféricos continuam bastante altos. Isso ocorre porque o papel de repulsão do campo nestes países foi, e continua sendo, mais forte que nos países centrais. Mesmo que a industrialização seja incompleta ou mesmo muito fraca, os problemas no campo são tão grandes que as pessoas continuam a migrar.

Com essa diferença entre países centrais e periféricos, a tendência é que as **megacidades** (cidades com mais de 10 milhões de habitantes) se concentrem cada vez mais nestes últimos. Além da manutenção de altas taxas de êxodo rural, outro elemento que reforça essa tendência é o fato de que esses países possuem uma rede urbana pouco desenvolvida, devido à relativa escassez de bons sistemas de transporte e comunicação, o que tende a gerar a **macrocefalia**, da qual tratamos anteriormente.

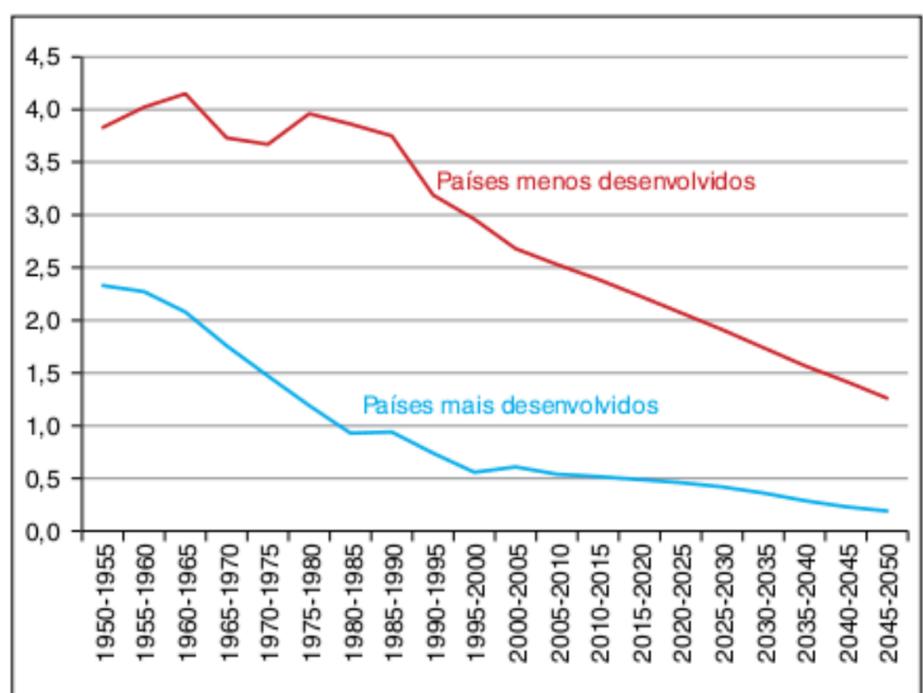


Fig. 19 Crescimento da população urbana nos países mais e menos desenvolvidos (em %).



Um dos principais fatores que tornam o campo dos países periféricos uma área de repulsão é a **concentração fundiária**. Ao contrário de regiões como a Europa e o Japão, a maioria dos países da África, Ásia e América Latina não tem programas eficientes de reforma agrária e formas de limitar a concentração da propriedade rural. Além disso, diferentemente do que costuma ocorrer nos países ricos, em que há várias formas de subsídios ao pequeno produtor, os camponeses dos países pobres sofrem com a modernização do campo.

A concentração fundiária, a falta de fiscalização em relação aos direitos trabalhistas dos agricultores e a atividade agrícola voltada à exportação de produtos baratos torna a vida dos trabalhadores rurais miserável, excluindo-os dos benefícios da modernização.

Assim, um grande número de pessoas migra todos os dias do campo para a cidade nos países pobres. Sua busca não é mais por um emprego na indústria – o qual está se tornando cada vez mais raro e acessível somente àqueles com melhor formação técnica –, a esperança é de arranjar empregos no comércio ou nas casas das classes médias e altas, por exemplo, para que possam participar, minimamente que seja, dos benefícios de uma sociedade urbana. Essa tendência cria um grande problema para os países periféricos, que vivem a **urbanização terciária**, assim chamada por não se apoiar no crescimento das indústrias, e sim no do setor de comércio e serviços. A má remuneração dos novos moradores urbanos acaba dificultando sua sobrevivência em um meio no qual o custo de vida é mais elevado. Ao mesmo tempo, sem o devido investimento estatal em infraestrutura urbana, como saneamento básico, escolas e hospitais, essa população apenas muda de tipo de pobreza ao sair do campo e ir para a cidade.

América Latina

As sociedades latino-americanas foram formadas pela colonização europeia. Durante o período colonial, as poucas cidades existentes nesses países serviam como portos de exportação de recursos minerais ou bens agrícolas. Enquanto isso, conservava-se no restante desses territórios uma economia voltada para atender os interesses de Portugal e Espanha.

Os processos de independência que surgiram no continente durante o século XIX não transformaram significativamente o processo de urbanização. A constituição de elites agrárias, proprietárias de grandes latifúndios, fez com que os novos países independentes passassem de colônias a economias agroexportadoras. Essa nova condição mantinha a maior parte da população no campo, uma vez que a agricultura continuava a ser a base econômica.

As primeiras décadas do século XX foram fundamentais para a urbanização de grande parte dos países latino-americanos. Naqueles anos, o contexto político e econômico internacional – que teve como principais fatos as duas Guerras Mundiais e a Crise de 1929 – colocou em cheque a relativa estabilidade das economias agroexportadoras. As vendas e, conseqüentemente, o preço de produtos como o café, a cana-de-açúcar e o algodão caíam.

A diminuição da entrada de capitais originários das exportações agrícolas teve importantes conseqüências na economia e na política latino-americanas. Houve, por exemplo, a diminuição do poder político das elites agrárias, o que pode ser bem verificado na experiência brasileira durante a Revolução de 1930. A crise na economia agroexportadora também passou a ser um problema para os trabalhadores rurais, muitos deles trabalhando em regime de colonato ou outros tipos de parcerias.

Além disso, surgiu a escassez de produtos manufaturados, uma vez que estes eram comprados dos países industrializados com o dinheiro das exportações de bens agrícolas. Apareceu a oportunidade, em alguns países, para o início do processo de industrialização, baseado na substituição de importações.

A crise da agricultura e a industrialização por substituição de importações deram início à urbanização latino-americana. Inicialmente, esse processo parece repetir a urbanização europeia; no entanto, note que a crise da agricultura latino-americana foi mais violenta, enquanto a industrialização foi menos dinâmica. No caso da agricultura, enquanto os camponeses europeus mantinham uma atividade voltada ao mercado interno, o que não permitia que a demanda por seus produtos caísse tão rapidamente, a América Latina, ao contrário, tinha como principal destino de sua economia agrária o mercado estrangeiro.

Inversamente, no caso da industrialização, os europeus trabalhavam em indústrias que rapidamente passaram a exportar mercadorias para vários outros países, o que lhes garantiu um crescimento relativamente rápido. Já a indústria no México, no Brasil ou na Argentina, por exemplo, destinava-se a suprir as necessidades de um limitado mercado interno. Além disso, as indústrias destes últimos países tinham de concorrer, dentro de seus países, com as mercadorias estrangeiras.

No início da industrialização e da urbanização latino-americanas já é possível verificar um êxodo rural baseado em uma forte crise da economia agrícola e em uma frágil industrialização. Tal processo levaria inevitavelmente a uma urbanização repleta de problemas, entre eles a miséria, a falta de moradia, o trabalho informal e a violência. No entanto, esse processo de urbanização ainda sofreu outras transformações, como veremos em seguida.

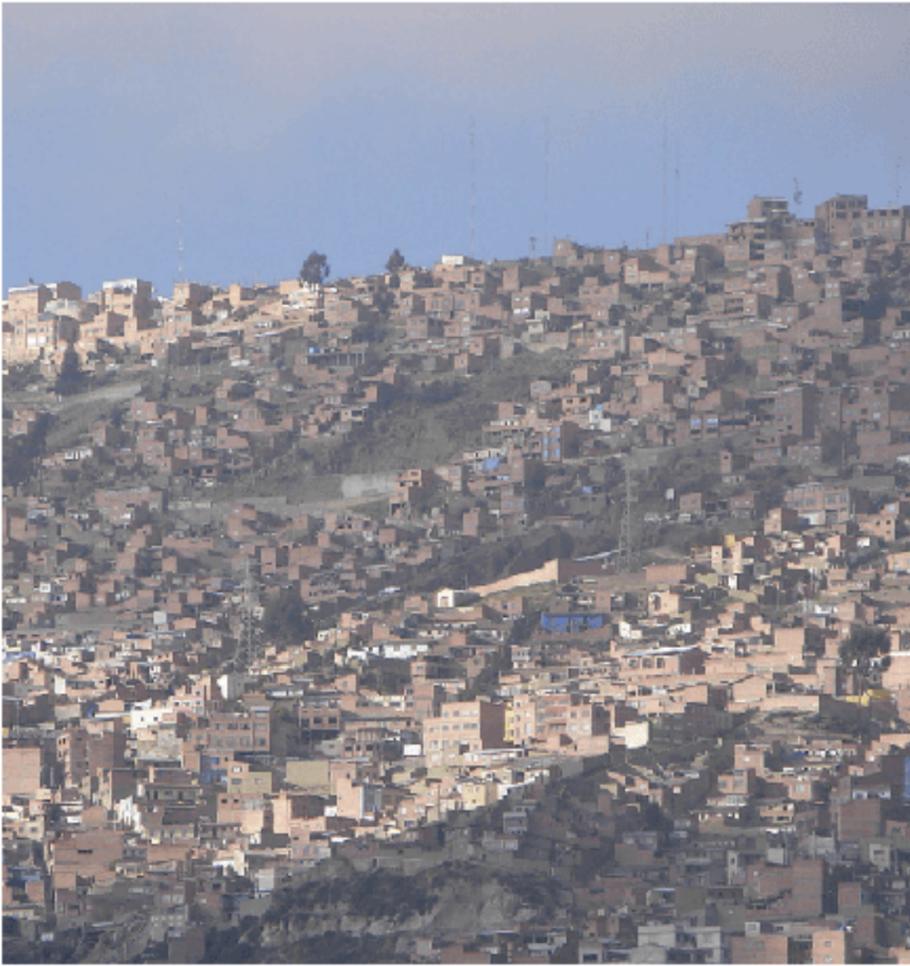


Fig. 20 Periferia da cidade de La Paz, Bolívia.

A partir da década de 1950, alguns países latino-americanos partiram da **industrialização por substituição de importações** para a atração de multinacionais. Não se tratava apenas de uma mudança no setor industrial, mas sim em toda a sociedade.

A industrialização latino-americana até a década de 1940 é, principalmente, destinada à produção de bens manufaturados de baixa tecnologia, como roupas, alimentos, velas, ferramentas simples e calçados.

A vinda das **multinacionais** significou um amplo processo de modernização, com a ampliação do consumo de bens duráveis, principalmente eletrodomésticos e automóveis. O crescimento da indústria automobilística, em particular, obrigou os governos a realizarem amplos programas de construção de sistemas de rodovias e grandes avenidas nas cidades.

Após 1960, a cultura da América Latina havia mudado. A entrada de um modelo de sociedade moderno desvalorizava a cultura tradicional das áreas rurais e tornava a vida urbana, aos moldes das **sociedades de consumo em massa**, um sonho comum à maioria da população.

Com a intenção de desenvolver a industrialização, os governos passaram a apostar nos investimentos para modernizar seus territórios, construindo, na medida do possível, sistemas de transporte, energia e comunicações. Era a integração territorial ampliando a fluidez do espaço geográfico e, conseqüentemente, favorecendo as migrações internas.

Ao mesmo tempo, o processo de modernização no continente latino-americano não rompeu com os antigos privilégios da elite agrária, herdados do tempo da colonização. As condições de vida no campo sofreram pouca alteração. A concentração de terras e o trabalho camponês voltado para a produção de alimentos básicos baratos, destinados a suprir as necessidades da mão de obra também barata nas cidades, são fatores que continuam deixando o trabalhador rural sem opção, a não ser a migração para a cidade.

A metropolização latino-americana e seus problemas

Com uma forte pressão pela saída das pessoas do campo em direção às cidades, mas sem um forte desenvolvimento urbano-industrial, o processo de urbanização latino-americano provocou uma intensa concentração da população urbana em um número relativamente pequeno de cidades. Dessa forma, o processo de metropolização foi intensificado, criando cidades muito grandes e desorganizadas e, por conseqüência, com sérios problemas sociais. O crescimento concentrado de algumas cidades se uniu a uma escassez de investimentos na área social. Isso porque a industrialização baseada na vinda de multinacionais exigia a concentração dos investimentos na infraestrutura necessária ao desenvolvimento industrial, tais como usinas hidrelétricas e amplas redes de transporte rodoviário.



Fig. 21 Economia informal em centros urbanos.

Por outro lado, a formação de grandes cidades propiciou o crescimento de novos setores da economia, principalmente o de comércio e de serviços. Mesmo não constituindo uma solução para a baixa qualidade de vida dos habitantes das cidades, o aparecimento desses setores representa uma possibilidade de o grande **contingente** de migrantes vindos do campo sobreviver nas áreas urbanas.

Atualmente, a concentração da urbanização nas grandes cidades está retrocedendo. Não que essas cidades tenham parado de crescer, mas a velocidade de crescimento é atualmente menor que a das cidades médias. Esse fato não se deve a um planejamento estatal (com algumas exceções), mas sim aos próprios problemas sociais das grandes cidades, unidos a uma melhoria de vida nas cidades menores.

A urbanização na África

A colonização na África se deu em um momento diferente do que vimos no caso da América Latina. O continente africano passou a ser o centro da atenção dos colonizadores europeus apenas no século XIX, durante a expansão da industrialização na Europa. O fim do período colonial também é mais recente, sendo que a maioria dos países africanos só conquistou sua independência após a Segunda Guerra Mundial.

Contingente

Grupo de pessoas que, dentro de uma coletividade, cumprem determinado fim.

Além de recente, a independência dos países africanos é repleta de problemas herdados do período colonial. Com uma colonização muito violenta, os europeus desestruturaram a maior parte das sociedades do continente, criando áreas de *plantation* ou de extração mineral, ambas voltadas para exportação.

Outra herança colonial é a grande quantidade de guerras civis, as quais ocorrem em quase todo o continente. Devido à criação de fronteiras artificiais ou ao papel das potências durante a Guerra Fria, grupos guerrilheiros ou tribais continuam se chocando por vários interesses, como o controle de jazidas de ouro e diamantes ou os movimentos separatistas.

Esses fatores foram, e continuam sendo, grandes obstáculos ao desenvolvimento africano. A industrialização é muito pequena na maioria dos países, e a maior parte da população está envolvida em economias de base agrária, seja na agricultura de subsistência ou na de *plantation*. Desse modo, a maioria dos africanos ainda vive no campo, com exceção de alguns países com algum índice de industrialização, como a Argélia, o Egito, a Líbia e a África do Sul.

Mesmo assim, atualmente a África é o continente no qual a urbanização mais cresce. Tal aceleração é provocada pela expansão da agricultura de *plantation*. Ao contrário da agricultura de subsistência, realizada por camponeses para sua própria sobrevivência, a *plantation* é feita por trabalhadores assalariados, com uma remuneração muito baixa, em grandes fazendas, com objetivo de exportação.

A urbanização asiática

Considerando apenas os países periféricos e semiperiféricos da Ásia, já podemos encontrar uma grande diversidade quanto ao índice de urbanização. Para realizar uma exposição didática, vamos identificar alguns fatores que determinaram a situação da urbanização de alguns grupos de países.

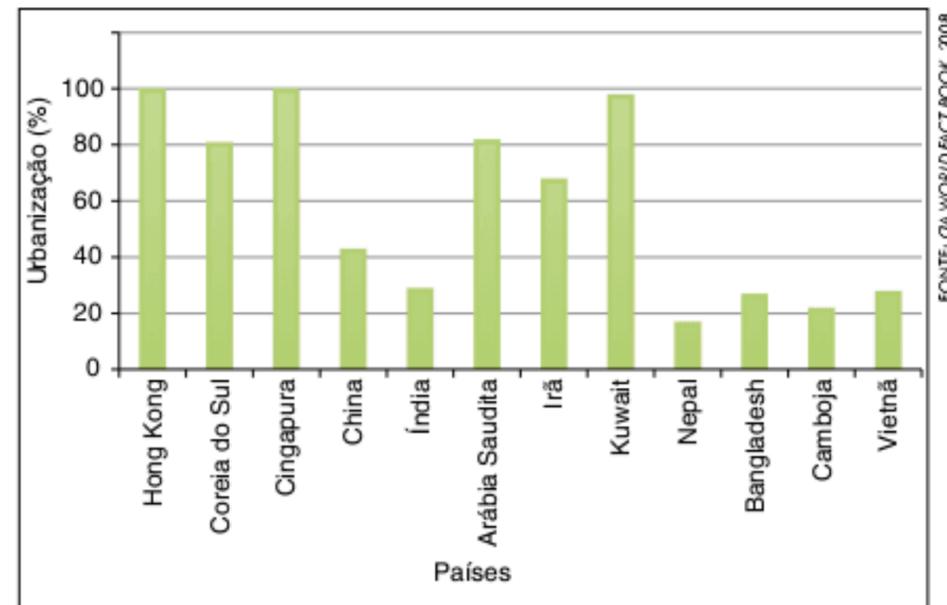


Fig. 23 Urbanização asiática.

Ao conferir o gráfico anterior, é possível identificar que os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coreia do Sul e Cingapura) têm altas taxas de urbanização. Essa é uma consequência direta do processo de modernização pelo qual tais países estão passando desde a década de 1970.

É importante lembrar que a industrialização dos Tigres Asiáticos é baseada no modelo de plataformas de exportação. As indústrias têm como objetivo básico produzir mercadorias de média e alta tecnologia para exportação. Dessa forma, sua industrialização conseguiu ir além das necessidades de consumo do mercado interno, o que tomou as cidades fortes áreas de atração populacional. Ao longo do tempo, o desenvolvimento industrial melhorou a qualidade de vida e abriu as portas do mercado financeiro internacional a esses países, possibilitando a criação de bons empregos nas áreas de comércio, serviços e finanças.

Outro grupo que podemos destacar é formado pelos países exportadores de petróleo do Oriente Médio. Nesse caso, são dois elementos que contribuem para as altas taxas de urbanização de alguns desses países: por um lado, a própria economia do petróleo, que envolve a população em atividades urbanas; por outro, a dificuldade de se realizar atividades agrícolas em muitos desses países, devido ao clima semiárido.



Fig. 24 Hong Kong, um dos Tigres Asiáticos.



Fig. 22 Cidades africanas.

Sendo assim, podemos dizer que boa parte da população que deixa o campo e vai para a cidade está, na realidade, sendo expulsa pelas mudanças na agricultura, e não sendo atraída por uma modernização das cidades.

Tal situação provoca o crescimento da miséria urbana nos países africanos como em nenhum outro lugar do mundo. Muitas cidades vivem uma situação parecida com a dos campos de refugiados. A população não tem emprego na indústria nem no setor terciário.

No caso da China e da Índia, é preciso destacar que mesmo com um recente processo de industrialização, principalmente na China, é muito difícil a alteração do modelo econômico para boa parte da população. A maioria dos chineses e dos indianos (cerca de 1,3 bilhão e 1,1 bilhão de habitantes respectivamente) vive da agricultura de subsistência, principalmente de arroz, com excedentes destinados ao mercado interno. A transformação dessa situação ainda está bem distante, pois, para que seja possível a tais países ter uma taxa de urbanização de mais de 70%, terá de se completar um crescimento econômico que ainda deverá levar décadas.

Para finalizar, podemos notar que ainda existem na Ásia países com as mais baixas taxas de urbanização do mundo. Muitos desses países ainda têm uma economia completamente tradicional, baseada na agricultura de subsistência, às vezes sem excedentes ao mercado interno, e no pastoreio nômade. Podemos citar como exemplos o Nepal e Bangladesh. Em outros casos, como no Camboja e no Vietnã, os regimes socialistas que até há pouco tempo lá existiam mantiveram grande parte da população no campo como tentativa de garantir a subsistência econômica do país.

Observação: Atualmente o Camboja é uma Monarquia constitucional parlamentarista. O Vietnã é uma República socialista de partido único.



Fig. 25 China e Índia.

Urbanização brasileira

No Brasil, o processo de urbanização acentuou-se a partir da década de 1940. Nessa época, 74% da população brasileira encontrava-se no campo, enquanto apenas 26% estava nas cidades, que eram menores e em menor quantidade. A partir de então, o quadro começa a se inverter, ou seja, a porcentagem de população no campo passa a diminuir, conseqüentemente a urbana aumenta cada vez mais. Essa tendência é praticamente constante, uma vez que durante os anos 1960 a população urbana já ultrapassava a rural, chegando no ano 2000 a uma situação totalmente invertida,

com 19% de população rural e 81% de população urbana. Esse processo é facilmente verificável no gráfico.

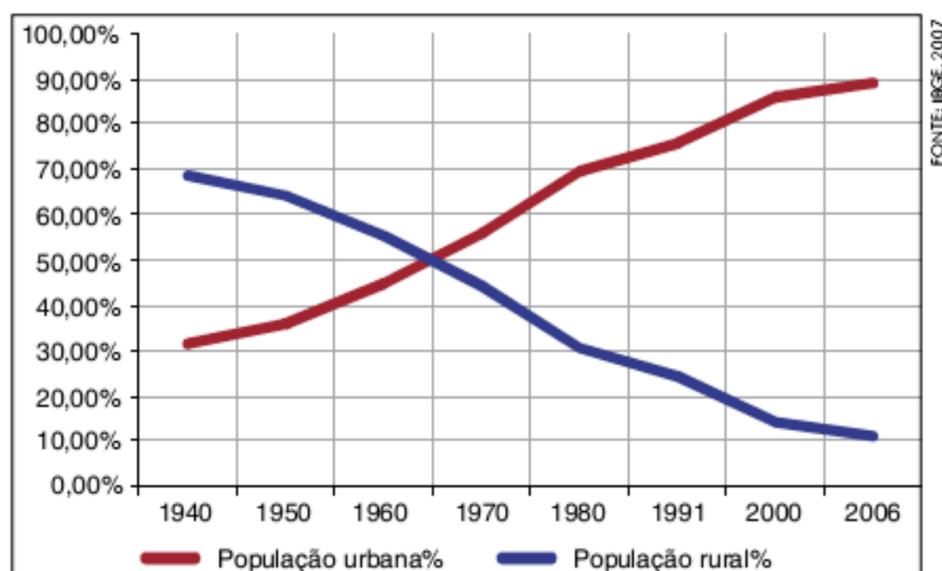


Fig. 26 Crescimento da população, em porcentagem (%).

Até meados da década de 1960, a queda da população rural foi apenas relativa, ou seja, ela continuava a crescer, porém, em uma velocidade menor que a da população urbana. Já a partir da segunda metade da década de 1960, o número de pessoas no campo começou a ficar menor, a população parou de crescer e até diminuiu, de 41.054.053 em 1970 para 38.566.297 em 1980, continuando a baixar e chegando a aproximadamente 32.100.000 em 2000, como podemos observar no gráfico.

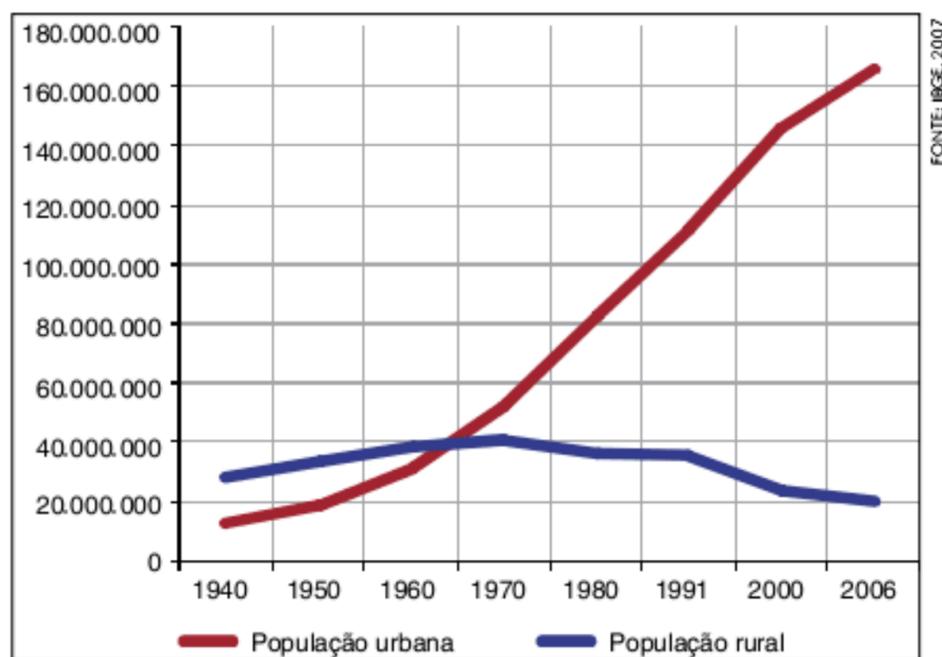


Fig. 27 Crescimento da população, em milhões de habitantes.

Em ambos os gráficos podemos definir a década de 1960 como o período em que se inverteu a característica geral da população brasileira de rural para urbana. Essa transformação envolve muito mais que apenas a mudança do lugar de residência das pessoas. Mudam as formas de socialização, trabalho, moradia, transporte, muda a cultura das pessoas e mudam suas maneiras de manifestação. Essas mudanças estão ligadas à transição do modelo agroexportador ao urbano-industrial, transição esta que envolve a urbanização.

Como vimos, o desenvolvimento e a crise da economia cafeeira foram os fatores que determinaram a concentração industrial em São Paulo. Por essa cidade ter se tornado o “carro-chefe” da economia urbano-industrial brasileira, foi nessa área que apareceram os novos empregos, tornando a região um núcleo de atração das migrações campo-cidade, regionais e inter-regionais.

Esse movimento migratório relaciona-se de diferentes maneiras com o modelo econômico urbano-industrial. Primeiramente, os investimentos em atividades agrícolas tornam-se menos frequentes, diminuindo a intensidade da produção e, portanto, dos empregos no campo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos meios de produção e da tecnologia são incorporados pelas atividades rurais, diminuindo a necessidade de mão de obra. Esse desenvolvimento só chega até os grandes produtores com acesso ao crédito bancário; pequenos e médios agricultores são prejudicados por não acompanharem a maior produtividade. Esses processos criam uma grande pressão demográfica sobre a terra, ou seja, há muitas pessoas que não conseguem mais encontrar meios de sobrevivência no campo, restando como opção a ida para a cidade.

Por outro lado, os valores de uma sociedade urbano-industrial de cunho consumista são divulgados por todo o território nacional, procurando-se criar um mercado de consumo interno que atenda às necessidades do desenvolvimento econômico. Desse modo, a cidade torna-se também um modelo da modernidade e uma aspiração para um grande número de pessoas. Porém, são poucas aquelas que, vindas do campo, conseguem inserir-se no mercado de consumo da classe média, idealizado pela televisão, pelo rádio e pelos outros meios de comunicação e propaganda.

No entanto, mesmo que essa última relação entre o modelo econômico e o êxodo rural seja verdadeira, não podemos considerá-la como elemento que explica o processo, pois, se assim o fizermos, poderemos não entender o fato de milhões de pessoas permanecerem nas grandes cidades, mesmo vivendo em condições de miséria. Na verdade, mesmo as condições dos miseráveis que moram em favelas no sudeste do país são melhores (ou “menos piores”) que aquelas existentes em regiões de extrema pobreza, como o Vale do Jequitinhonha no norte de Minas Gerais, ou no interior do Piauí, onde muitas pessoas não têm meios de sobrevivência.

Enfim, a pobreza de algumas partes do campo e o interesse no desenvolvimento de um mercado interno forte são fatores que criam o aumento das taxas de êxodo rural e, portanto, da urbanização brasileira. É um novo ciclo da vida econômica, social e política brasileira, que a partir de então se volta para os interesses urbanos e para as características que esse tipo de organização espacial imprime a uma sociedade.

As especificidades regionais da urbanização

Como já vimos, durante os primeiros períodos da industrialização houve uma concentração das atividades econômicas na região Sudeste, mais especificamente em São Paulo. Essa concentração deveu-se às características de desenvolvimento econômico, social e espacial da região, que já possuía infraestruturas favoráveis a tais atividades. Da mesma forma, o processo de urbanização concentrou-se em algumas áreas e teve uma forma diversa em cada região do país, isso porque o processo se dá conforme as características preexistentes em cada área. Assim, podemos dividir a urbanização brasileira de acordo com as diferentes regiões do país, sem esquecer que, dentro de cada uma das macrorregiões, existem diferenças locais.

Ao observarmos o gráfico a seguir, podemos notar algumas diferenças regionais da urbanização brasileira. Fica evidente, por exemplo, que desde 1940 a região Sudeste destaca-se como a mais urbanizada do Brasil; até os anos 1970 era a única a ter um índice de urbanização maior que o nacional, enquanto as demais regiões ficavam bem abaixo. Nota-se, porém, que, a partir da década de 1970, as regiões Sul e Centro-Oeste tornaram-se mais urbanizadas, aproximando-se bastante do Sudeste.

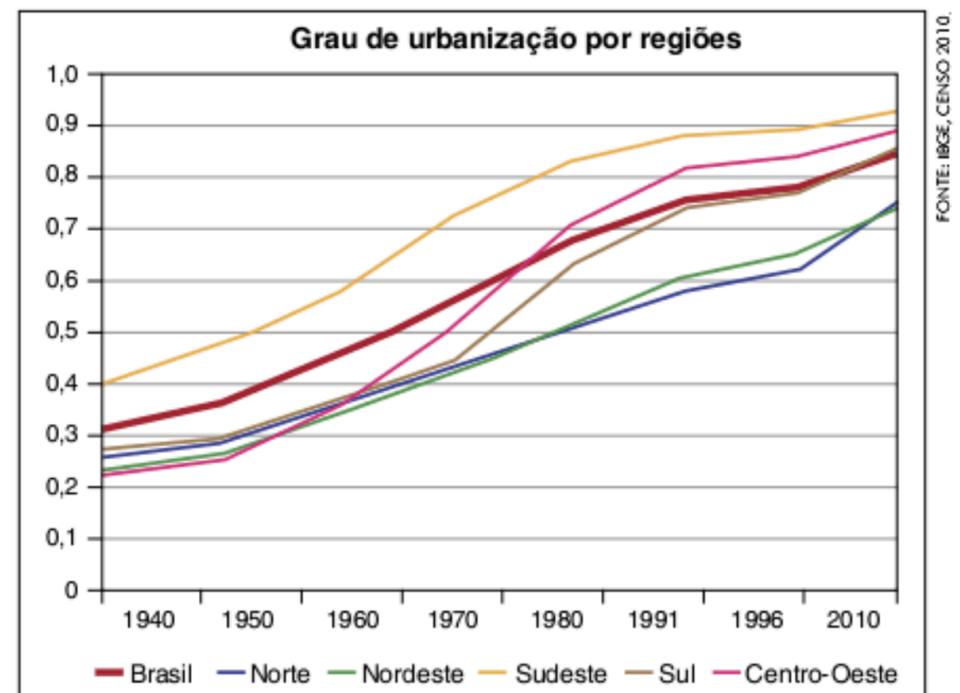
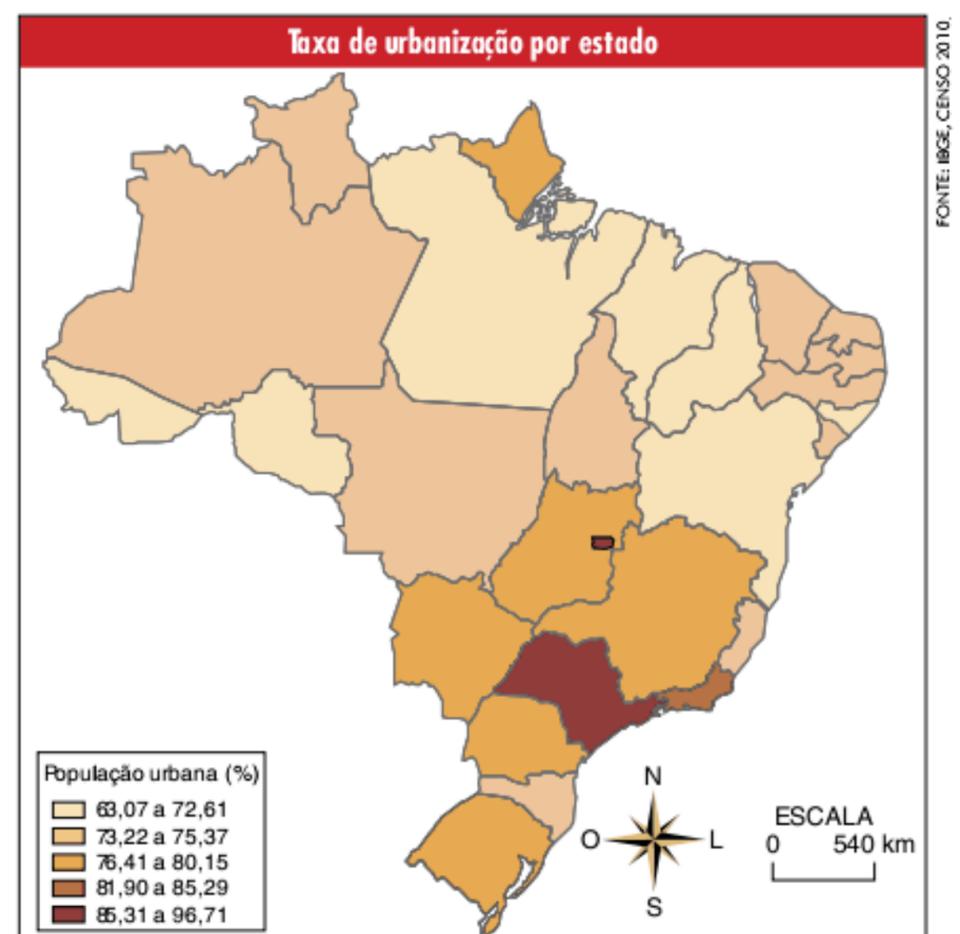


Fig. 28 Evolução da urbanização por região.

Podemos notar, portanto, em um primeiro momento, a concentração da urbanização na região Sudeste e, em um segundo, a desconcentração e o crescimento da urbanização em outras regiões. Para entendermos esses processos, devemos pensar em fenômenos como **concentração urbana**, **metropolização** e **desmetropolização**. No entanto, antes de analisar esses fenômenos gerais da urbanização brasileira, devemos entender como esta ocorre em cada uma das macrorregiões.



O caso da **região Centro-Oeste** merece um certo destaque, já que era a menos urbanizada na década de 1940 e passou a ser a segunda em porcentagem de população urbana nos anos 1990. Essa alteração nas características espaciais da região deve-se à mudança de suas características econômicas, políticas e mesmo espaciais, encontrando influências inclusive das características físicas de seu território.

Até o final dos anos 1950, o Centro-Oeste era um grande vazio, tanto em termos de população quanto de infraestrutura urbana, de transporte, de energia e assim por diante. A ocupação das áreas rurais também era escassa, já que fora realizada por meio de **grilagens**, o que proporcionou à região uma estrutura fundiária bastante concentrada, dificultando a ocupação intensa. Unindo-se a isto o fato de que até então as características físicas do cerrado não favoreciam a implantação de uma agricultura rentável – situação que só mudou com o desenvolvimento da biotecnologia e de técnicas de plantio em geral – temos um quadro dos fatores que levaram o Centro-Oeste brasileiro a não ter uma expansão da população urbana até o fim da década de 1950.

No entanto, alguns desses fatores levaram à ocorrência de acelerada urbanização, ligada à construção de Brasília e da rede de rodovias e à expansão das atividades agrárias de grande porte. A construção de Brasília teve grande peso na atração de população à região, principalmente para as cidades-satélites, em torno do plano piloto. Além disso, a rede rodoviária criou possibilidades de locomoção pelo território, favorecendo o aparecimento de novas cidades.

Mas o fator principal que levou a urbanização para o Centro-Oeste foi o desenvolvimento da atividade agrícola moderna e de grande porte. Com o desenvolvimento de sementes adaptadas às condições naturais do cerrado, criou-se a possibilidade de investimento na agricultura voltada para exportação, principalmente de soja. Como a estrutura fundiária da região é bastante concentrada e o tipo de agricultura implantado requer elevado investimento, continua não havendo a ocupação rural intensa, mas sim o surgimento de cidades que servem de suporte para a atividade agrícola, seja como fornecedora de matéria-prima e tecnologia (máquinas, adubos e profissionais especializados), seja como local de moradia dos trabalhadores agrícolas.



Fig. 29 Soja no Centro-Oeste.

Assim, grande parte das regiões urbanas existentes são voltadas para atender às necessidades das atividades agrícolas. Desse modo, fica evidente a diferença da urbanização dessa região para a que ocorreu no Sudeste, em que a base do processo foi o desenvolvimento industrial.

A **região Sudeste** mostra-se, desde antes da década de 1940, a mais urbanizada. Tal fato deve-se a suas características de desenvolvimento econômico.

Na realidade, a mudança do modelo econômico do país, de agroexportador para urbano-industrial, teve nessa região o seu ponto de apoio, provocando, nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e principalmente São Paulo, a concentração das características do novo modelo, as quais se resumem na mudança da sociedade rural para a sociedade urbana, baseada na atividade industrial. Assim, foram criadas diversas infraestruturas voltadas à vida urbana, como a geração de energia elétrica e a construção de uma densa rede de rodovias interligando os diferentes núcleos urbanos.

Com a transferência dos capitais da atividade agrícola para a industrial, esta última desenvolveu-se mais em relação à primeira, a ponto de transformar as relações entre cidade e campo, subordinando as atividades rurais aos interesses da cidade. Esse fato é facilmente verificável na existência dos cinturões verdes, áreas fornecedoras de alimentos para a cidade, e até na expansão do cultivo de cana-de-açúcar, que é voltado à produção de álcool combustível para sustentar os veículos urbanos.



Fig. 30 Canavial no interior do estado de São Paulo.

Se até a década de 1970 a participação da região Sudeste na porcentagem de população urbana era mais alta, sua queda relativa a partir dos anos 1980 não se deve à diminuição de suas taxas de urbanização. Tal fato é consequência de uma desaceleração própria ao estágio de desenvolvimento urbano-industrial da região, que já conhece um índice de urbanização de mais de 90% nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, deve-se ao acelerado processo de urbanização que tem ocorrido em outras regiões, porém com características diferenciadas, como é o caso do Centro-Oeste, conforme acabamos de verificar. Portanto, sua posição de carro-chefe na modernização do território nacional continua sendo válida, já que não há outra área com tamanha concentração de infraestruturas modernas, como transportes, energia e comunicação, tendo São Paulo como o grande centro de todo o país. Isto é o que o geógrafo Milton Santos chama **metrópole informacional**, ou seja, aquela que, mesmo não detendo grande parte da produção, detém o poder de decisão sobre essa produção, já que as sedes das grandes empresas, os grandes bancos, as bolsas de valores e os agentes econômicos em geral estão aí localizados.

Grilagem

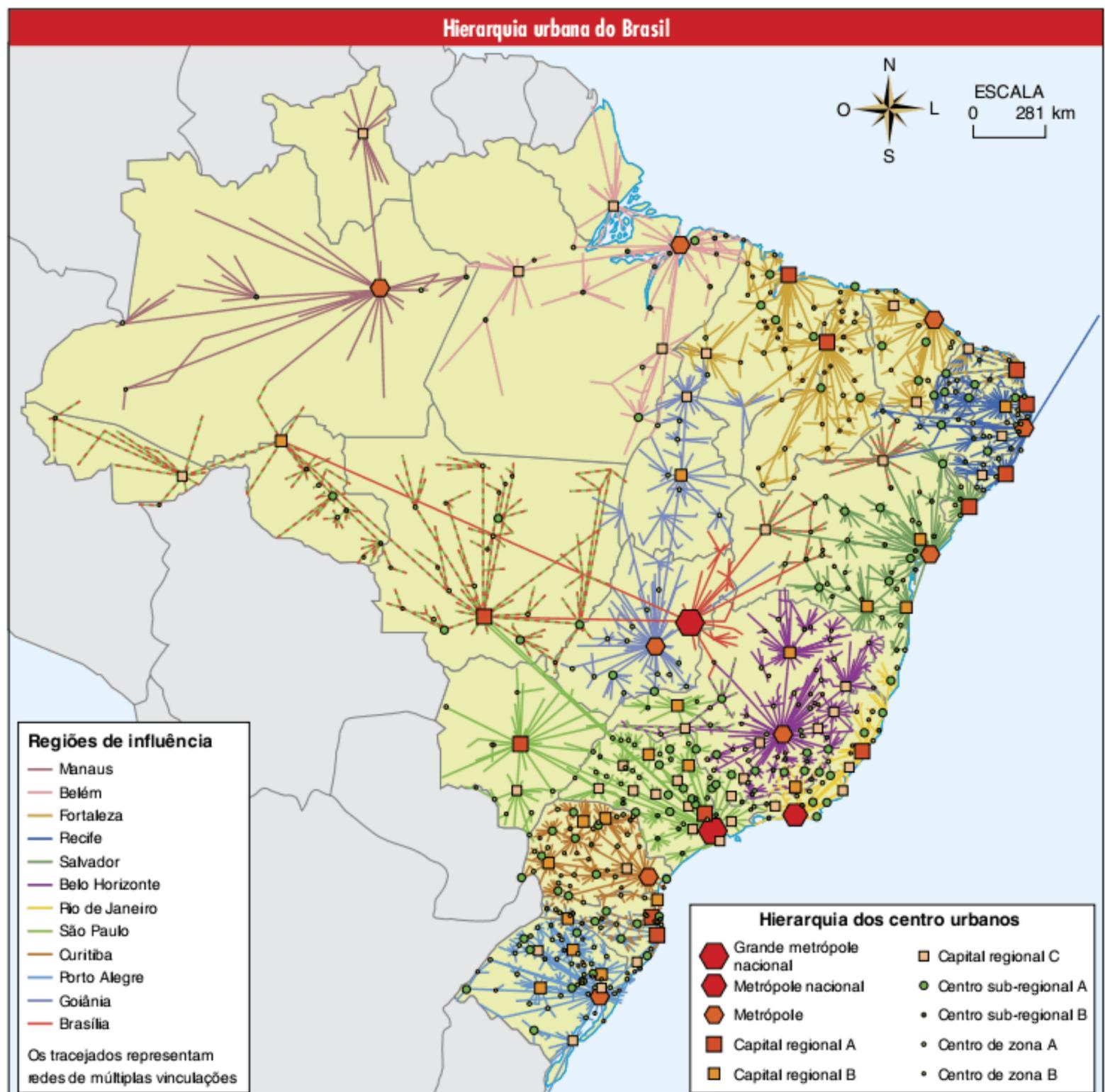
A grilagem constitui falsificação dos títulos de propriedade da terra.

A **região Norte** tem uma especificidade interessante, já que segue o caminho inverso da região Centro-Oeste: sai da posição de segunda região mais urbanizada em 1940 para a última em 1991. Esse processo ocorreu primeiramente porque em 1940 a população total da região era extremamente rarefeita, sendo formada de alguns núcleos importantes, como Belém, e outros menores, que reuniam os resquícios populacionais da época do ciclo da borracha, os quais buscavam assegurar as condições de sobrevivência após a decadência daquela atividade econômica. Não se criou na região uma economia urbana forte, que pudesse levar à integração de seu imenso território, o que formou uma rede urbana caracterizada por núcleos isolados, em uma **configuração de arquipélago**.

Essa falta de integração do território não favoreceu a continuidade do processo de urbanização, porém não é essa a principal causa da desaceleração do processo ocorrida nessa área. O principal a ser observado é o fenômeno da expansão das fronteiras agrícolas e dos projetos de colonização empreendidos pelo governo militar durante a década de 1970, cujas consequências permaneceram durante os anos 1980. Assim, a região conheceu uma grande ocupação da área rural que diminuiu a vantagem numérica da população urbana sobre a rural, desacelerando o processo de urbanização.

A **região Sul** também passou pelo aumento da urbanização, ultrapassando a média nacional durante a década de 1990. Nesse caso, o fenômeno urbano foi consequência da reestruturação das atividades econômicas urbanas e rurais e da própria estrutura fundiária. A mecanização da agropecuária, que se voltou para a produção de mercadorias de exportação (grãos) ou para aquelas que atendessem à agroindústria (frango e fumo), levou a uma concentração das propriedades rurais e a uma mudança das relações de trabalho no campo, expulsando parte da população rural em direção às cidades, as quais conheceram um acelerado desenvolvimento industrial, o que se acentua na década atual.

Por último, a **região Nordeste** apresenta uma certa limitação para o processo de urbanização local, que é a concentração do desenvolvimento econômico no Sudeste. Mesmo as cidades da Zona da Mata, as mais desenvolvidas da região, não têm capacidade econômica suficiente para atrair e absorver todo o êxodo rural, já que estão apoiadas em bases econômicas e sociais pouco desenvolvidas, fazendo com que esse fluxo migratório dirija-se para as cidades do Sudeste ou para as áreas de colonização da Amazônia. Dessa maneira, o processo de êxodo rural, fundamental para que ocorra a urbanização, colabora em parte para o crescimento das populações urbanas de outras regiões do país.



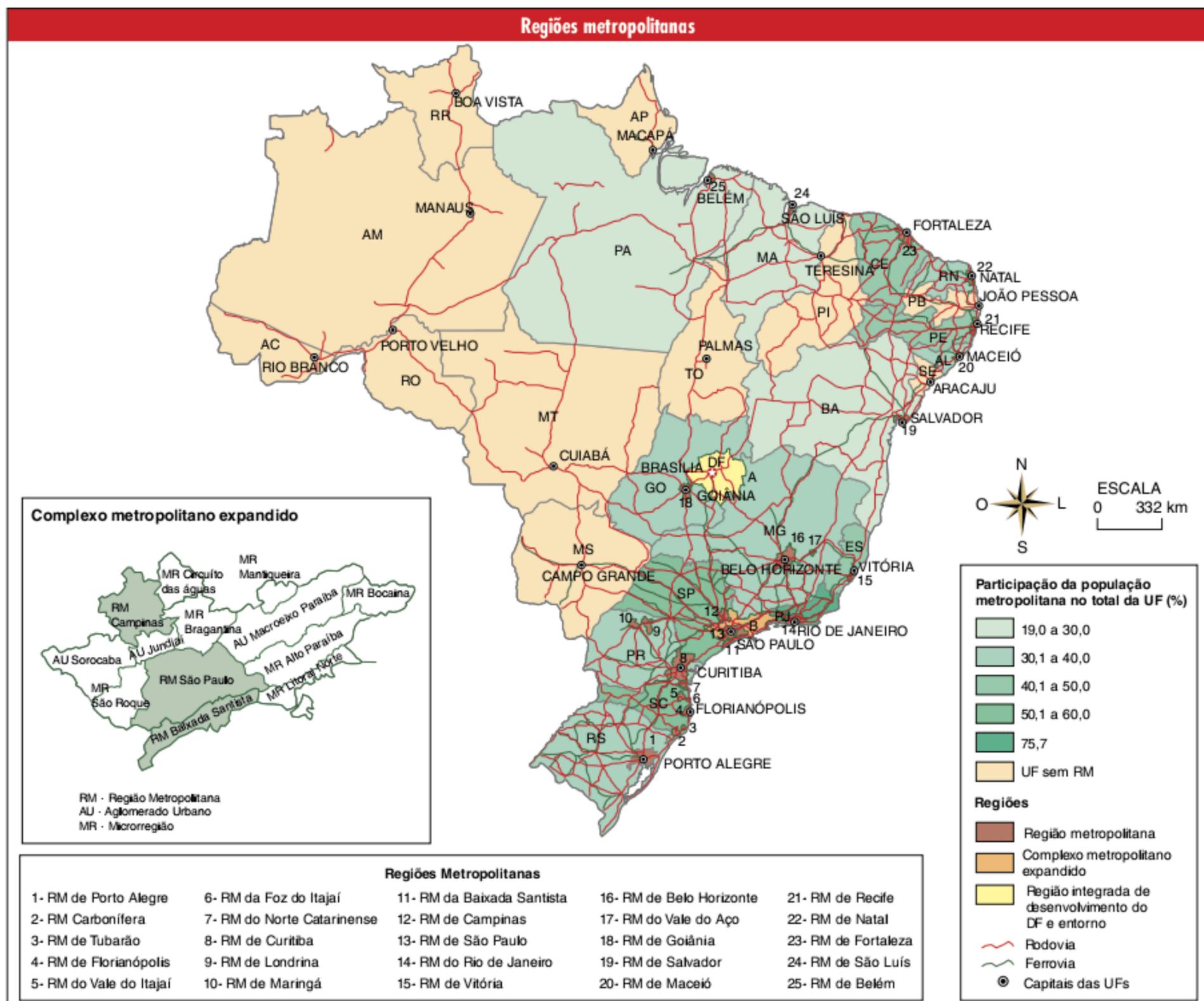
Concentração e desconcentração metropolitana

O modelo econômico adotado pelo Brasil levou o país a conhecer diferentes processos de concentração e dispersão do desenvolvimento. Com isso, a população e, conseqüentemente, a urbanização também se concentraram em algumas áreas, apresentando nas últimas décadas um movimento de relativa dispersão. Esse crescimento diferenciado de várias cidades cria uma **hierarquia urbana**, que vem passando por modificações nos últimos anos.

No início da década de 1940, quando estava se desenvolvendo a industrialização no Brasil, somente a região Sudeste tinha infraestrutura de transporte e energia, mercado consumidor e concentração de capitais suficientes para a implantação do modelo industrial. Por depender de tais condições, o desenvolvimento industrial concentrou-se nessa região, atraindo a população e produzindo cada vez mais espaços urbanos. Mas é bom lembrar que, mesmo nessa região, o desenvolvimento não se deu por igual; concentrou-se, num primeiro momento, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, para nas últimas duas décadas expandir-se pelas cidades do interior.

A capital paulista tinha todos os privilégios de ser o ponto no qual as ferrovias que traziam café do interior do estado se encontravam, antes de descer para Santos. A presença dos negociantes do produto agrícola – que, na época, era a principal atividade econômica brasileira – proporcionava-lhe o *status* de centro de comércio internacional. Além disso, São Paulo servia como domicílio para os Barões do Café, tendo, assim, um mercado consumidor bastante dinâmico, que incluía os trabalhadores de outras atividades ligadas ao café e os operários das primeiras indústrias têxteis.

Já o Rio de Janeiro ainda tinha a grande vantagem de ser a capital federal, com todos os órgãos administrativos que uma capital exige, portanto com um mercado consumidor também importante, pela existência de grande quantidade de bons empregos na administração do Estado. Quanto a Belo Horizonte, havia sido fundada pela elite mineira a fim de ser a capital do estado a substituir Ouro Preto, que se achava sob forte influência fluminense. Tal elite tinha grande importância na política nacional e conseguiu direcionar certa parte do desenvolvimento para sua área, como no caso das indústrias siderúrgicas.



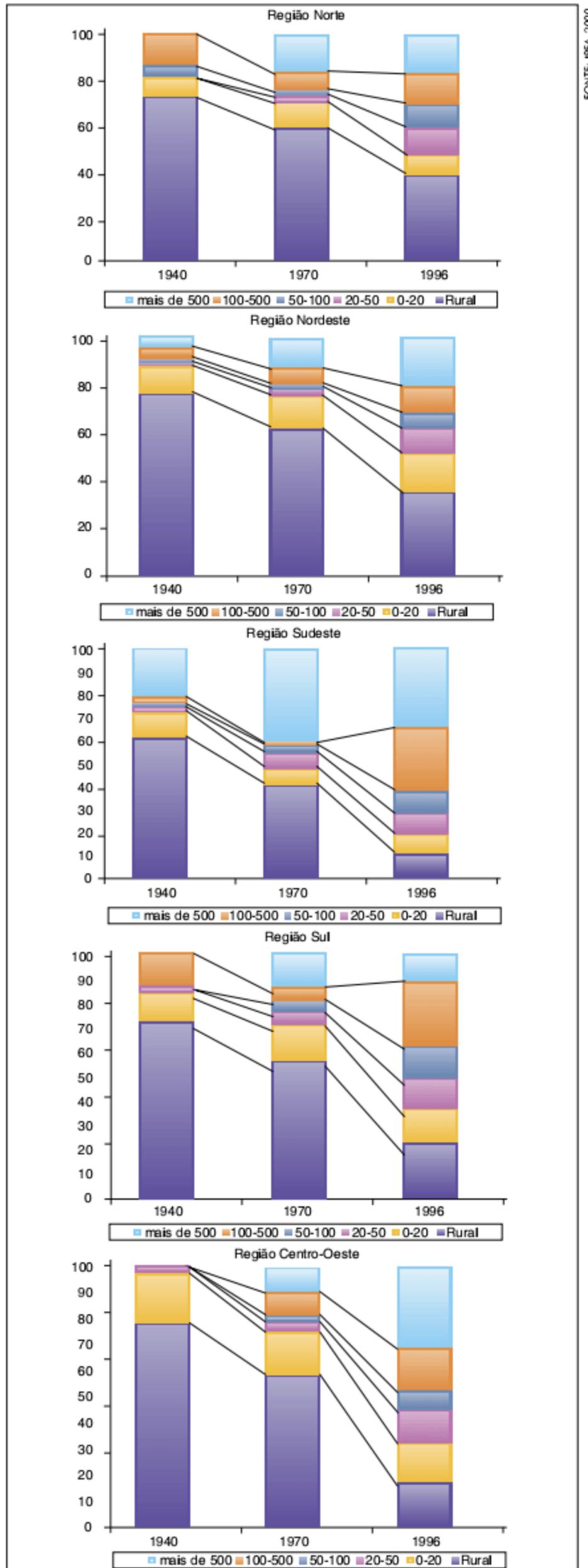


Fig. 31 Distribuição percentual da população por tamanho de cidades.

Posteriormente, as políticas de descentralização promovidas pelo Estado brasileiro levaram ao crescimento de novas cidades, como Brasília e Goiânia, e ao “renascimento” de outras, como Manaus, Salvador e Recife. A partir dessa história, configurou-se a hierarquia urbana brasileira, que, segundo estudo recente do IBGE, pode ser dividida em: **grande metrópole nacional** (São Paulo), **metrópoles nacionais** (Rio de Janeiro e Brasília), **metrópoles** (Belo Horizonte, Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Curitiba, Goiânia e Porto Alegre), **capitais regionais** (A, B e C), **centros sub-regionais** (A e B), **centros de zona** (A e B) e **centros locais**.

Cada um desses níveis de importância das cidades dentro da rede urbana se deve, como já indicamos, ao seu poder de centralização e influência. Os centros locais são aquelas cidades que têm influência apenas dentro de seu município, devido a serviços básicos de comércio, lazer e questões administrativas. Os centros de zona, os centros sub-regionais e as capitais regionais, representam níveis (subdivididos em a e b ou a, b e c) crescentes de influência e centralidade. As metrópoles são zonas conurbadas que apresentam influência sobre seu próprio estado ou para além dele. É interessante destacar a diferenciação, antes inexistente, entre São Paulo e as outras metrópoles nacionais.

O processo de metropolização inicia-se com o grande crescimento da população urbana em uma dada cidade ou em um grupo de cidades. Com o crescimento da área urbana em tais municípios, ligados pelo mesmo polo urbano-econômico, a tendência é que ocorra a **conurbação**. A partir de então, já não é mais possível a resolução dos problemas urbanos isoladamente em cada município, pois já se tornaram comuns às várias cidades. Em razão dessa realidade, foi criado, entre 1974 e 1975, um conjunto de leis regulamentando oficialmente essas áreas, dando-lhes o *status* de **regiões metropolitanas**, o que possibilita a resolução dos problemas urbanos de forma integrada e com auxílio dos governos estadual e federal.

ATENÇÃO!

O objetivo da criação de regiões metropolitanas foi tentar resolver os problemas urbanos nos grandes centros. Ainda nos anos 1960 foram criadas algumas regiões, por meio de mecanismo institucional que exprimiu os resultados de estudos do IBGE e dos ministérios do Interior, do Planejamento e da Justiça.

Alguns estados criaram órgãos destinados ao estudo e ao planejamento das regiões metropolitanas (como é o caso da Emplasa em São Paulo), que resultaram na Lei Federal nº 14, de 8/06/1973, pela qual se criaram as regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Em 1974, foi criada a região metropolitana do Rio de Janeiro, com a união dos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro (Lei complementar nº 20, de 1º/07/1974).

A Constituição de 1988 transferiu para os governos estaduais a capacidade de criar as regiões metropolitanas, constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, para integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum.

O surgimento de novas regiões metropolitanas nos últimos anos (como as de Campinas, Baixada Santista, Florianópolis, de Tubarão, do Vale do Itajaí, entre outras) indica uma desconcentração do processo de metropolização, antes presente apenas em um número reduzido de centros urbanos de grande importância regional ou nacional. Esse processo de desconcentração pode ser identificado, também, como um aumento do peso das cidades médias como locais de residência da população urbana brasileira.

Pela expansão das cidades médias é que se pode formar a primeira **megalópole** brasileira, entre São Paulo e Rio de Janeiro, que já tem seu esqueleto desenhado pela via Dutra e pela rede urbana que liga as cidades do Vale do Paraíba. Faltaria, porém, uma renovação das infraestruturas urbanas e territoriais, como transportes, comunicações e energia elétrica.

A possibilidade dessa mudança na rede urbana brasileira, que envolve a desmetropolização, a nova metropolização e a megalopolização, é dada pela expansão da infraestrutura de comunicação e de transporte pelo território nacional, ligando os vários núcleos urbanos. Com a melhoria dos transportes e das comunicações, não é mais tão necessária a concentração espacial da produção e do consumo, já que o fluxo de mercadorias e pessoas torna-se mais facilitado. Atualmente, a cidade de São Paulo assume o papel de **metrópole informacional** ou **cidade global**, já que, apesar de não apresentar a mesma importância industrial de alguns anos atrás, é o centro das decisões econômicas do país, por possuir as sedes das grandes empresas e os mais importantes centros financeiros, sendo assim uma importante ligação entre o Brasil e o mundo.

Problemas sociais urbanos no Brasil

As cidades brasileiras são anteriores ao processo de industrialização. Aliás, as primeiras apareceram no início da colonização. Porém, até o início do século XX, a cidade e a vida urbana eram exceções dentro do território nacional. Enquanto a economia dominante era agroexportadora, as cidades tinham apenas funções específicas.

Algumas, como Salvador, Recife e São Paulo, serviam de centros de ligação entre as áreas produtoras de mercadorias agrícolas de exportação e os mercados europeu e norte-americano. Esses mesmos centros eram também cidades voltadas para o atendimento das necessidades da elite econômica que nelas vivia, função também bastante destacada da cidade do Rio de Janeiro.

Outras cidades menores eram centros de comércio local, nos quais a população residente no campo ia comprar os bens de que necessitava. Algumas outras tinham funções mais específicas, como centros religiosos. O que importa é que, no geral, as cidades serviam para atender a algumas necessidades específicas de uma população que majoritariamente vivia no campo, envolvida em uma economia de base agrária.

A década de 1930 é um marco da mudança da economia brasileira de agroexportadora para urbano-industrial. Essa mudança econômica produziu grandes transformações sociais e espaciais no país, dentre as quais podemos destacar o intenso êxodo rural e o conseqüente crescimento das cidades.

Nesse novo contexto econômico e social, a cidade cada vez mais deixa de ser uma exceção para transformar-se no local de moradia da maioria dos brasileiros. Com isso, não é mais possível

falar das cidades como lugares que têm funções específicas. Agora a vida da maior parte da população se dá nas cidades, que têm função industrial, comercial, financeira, cultural, de lazer, de habitação etc. Enfim, as cidades tornam-se o centro da vida nacional.

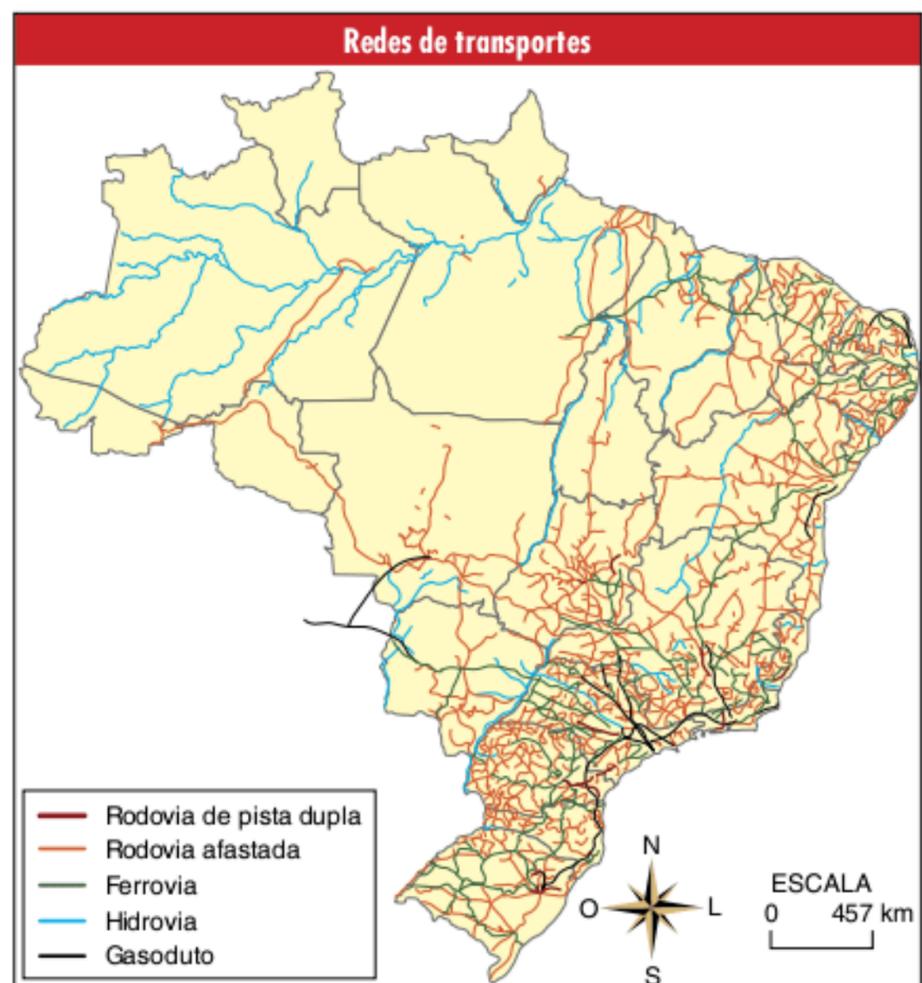
Assim, o processo de modernização pelo qual passou o Brasil durante o século XX foi também um processo de urbanização. Essa urbanização não se limita ao fato de o crescimento da população urbana ser mais acelerado que o da população rural. Ela pode ser entendida também como a criação de uma sociedade urbana, ou seja, a população brasileira passa a ser formada por pessoas que vivem na cidade, com costumes, necessidades e problemas característicos da vida urbana.

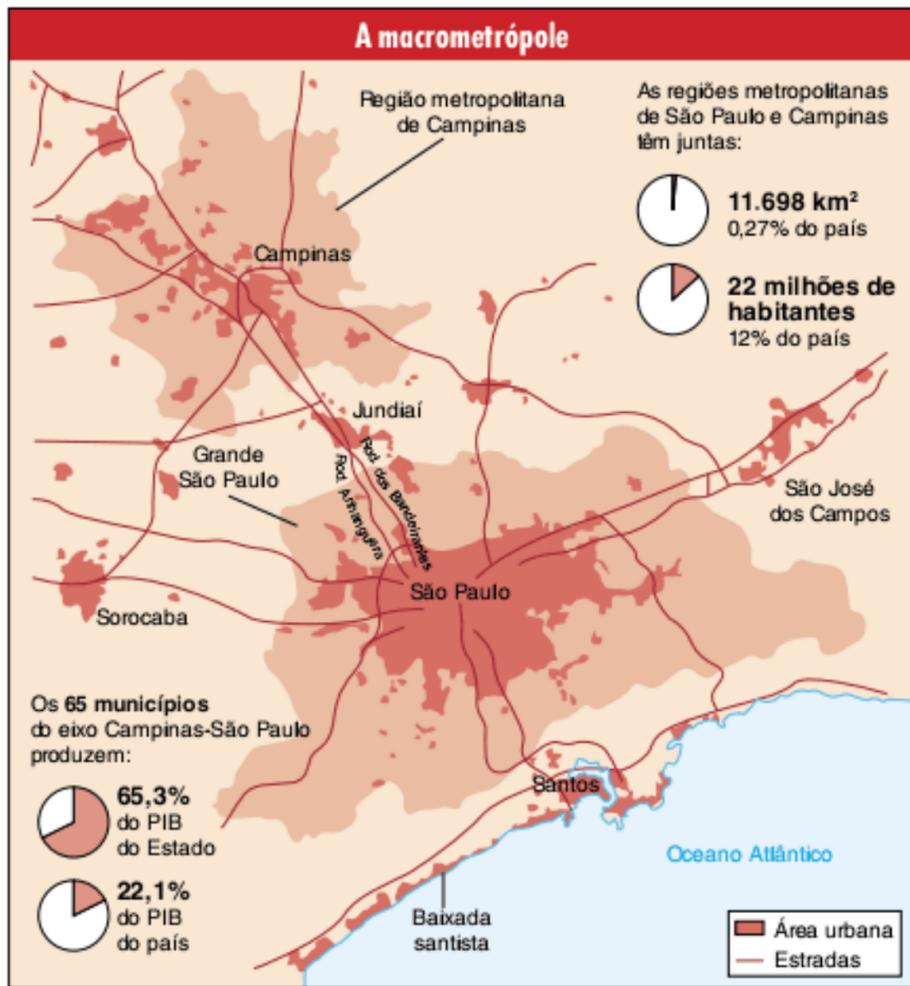
Mas esse processo de modernização do país, como vimos, deu-se na periferia do sistema capitalista mundial. Sendo uma modernização periférica, ela produziu conjuntamente crescimento econômico e miséria, desenvolvimento tecnológico e permanência de altos índices de analfabetismo, aumento da produção agrícola e crescimento da fome etc. Da mesma forma, como a urbanização brasileira é um produto dessa modernização, nossas cidades tornaram-se lugares de grande desigualdade social; portanto, com graves problemas urbanos.

A cidade como lugar da desigualdade social

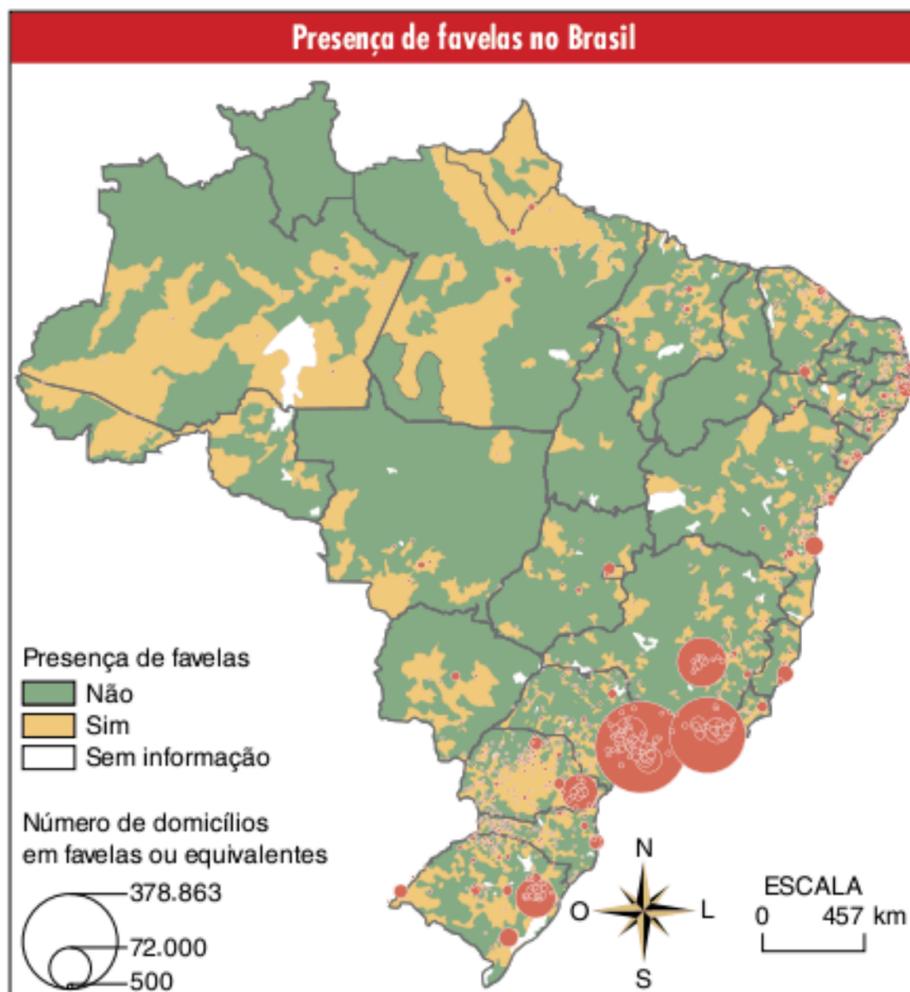
Entre as décadas de 1930 e 1970, o Brasil passou de país agrário a país industrializado. Tal transformação foi cumprida na maioria dos países centrais em um tempo bem maior. Mas essa rapidez não é sinal de desenvolvimento; ela se deve ao tipo de industrialização que aqui se realizou, a qual criou desenvolvimento e pobreza ao mesmo tempo.

O país se industrializou tão rapidamente graças à vinda das multinacionais. Para que isso ocorresse, foram fundamentais os investimentos governamentais em infraestrutura (principalmente transporte e energia), os incentivos fiscais e a presença de mão de obra barata.





Desse modo, os governos, mesmo sem ter tanta disponibilidade de recursos, em razão dos incentivos fiscais dados às empresas, passaram a dar prioridade aos investimentos em infraestruturas que trouxessem vantagens comparativas ao país, do ponto de vista das empresas. Nas cidades, os investimentos concentraram-se nas grandes avenidas e em meios de transporte, como o metrô. Embora beneficiassem indiretamente a população mais pobre, esses investimentos não deram conta de suas prioridades, como habitação, educação e saúde. Além disso, a própria remuneração da mão de obra, sendo baixa, intensificou as dificuldades da população em manter boas condições de vida.



Fora essas características do processo de modernização do país, há ainda outra fonte de problemas urbanos: as condições de vida no campo. Ao mesmo tempo em que o país se industrializava, a economia agrária expulsava cada vez mais trabalhadores da zona rural, intensificando a migração para as cidades. Com uma estrutura fundiária concentrada e um alto índice de exploração dos trabalhadores assalariados, o campo brasileiro passou a ser uma região de forte repulsão populacional.

Enfim, os baixos padrões de investimento governamental em infraestruturas básicas para a população, os baixos salários e o êxodo rural muito acelerado fizeram com que as cidades brasileiras crescessem com vários problemas para a população, como déficit habitacional, transporte urbano de péssima qualidade e criminalidade.

A questão habitacional e a segregação espacial

O problema da habitação é provavelmente o mais grave das cidades brasileiras. A desigualdade social fica bem evidente ao compararmos as áreas habitadas pela população mais pobre aos bairros de elite que ocupam as regiões mais valorizadas. Essa separação da população no espaço urbano segundo o nível de renda é denominada **segregação espacial**.

É comum vermos nas grandes cidades o crescimento das favelas e dos cortiços. Quanto às primeiras, são ocupações clandestinas em terrenos sem loteamento, portanto sem infraestrutura urbana adequada. No Rio de Janeiro, as favelas ocupam os morros em vários pontos da cidade, enquanto em São Paulo elas se localizam preferencialmente nas proximidades das marginais ou de outras grandes avenidas.

Segundo dados do Censo 2000 do IBGE, atualmente existem no Brasil 3.905 favelas, considerando-se apenas aquelas com mais de 50 habitações. Só no estado de São Paulo são 1.548 favelas, das quais 612 estão na capital. Os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná também têm altos índices de favelização, com 811, 256 e 207, respectivamente. Mesmo a cidade de Curitiba, considerada como parâmetro de qualidade de vida, acumula 122 favelas.

Os cortiços são habitações coletivas, geralmente em áreas desvalorizadas próximas aos centros das cidades ou a bairros mais antigos. Alguns imóveis acabam se transformando em moradia de um número de pessoas muito superior ao que seria adequado ao seu tamanho. Desse modo, os cortiços apresentam vários problemas para seus moradores, entre os quais a falta de higiene, de iluminação e de ventilação, favorecendo o aumento de doenças como a tuberculose.

Localidade	Valor
Andaraí, Complexo do Alemão e Salgueiro	varia de R\$ 150 a R\$ 200
Complexo da Maré	de R\$ 200 a R\$ 250
Jacarezinho	de R\$ 150 a R\$ 170
Pavão-Pavãozinho e Vidigal	de R\$ 250 a R\$ 300
Santa Cruz	de R\$ 180 a R\$ 220

Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 2004.

Tab. 2 Valor do aluguel de um quarto e sala em uma favela do Rio de Janeiro.

Localidade	Renda
No asfalto	R\$ 1.533,74
Na favela	R\$ 352,41

Tab. 3 Renda média de um chefe de família no asfalto e na favela no Rio de Janeiro.

FONTE: IBGE / CENSO 2000.

Localidade	Renda
Barra da Tijuca	R\$ 5.175,50
Favela do Angu Duro	R\$ 382,46
Penha	R\$ 828,75
Vila Cruzeiro	R\$ 358,94
Tijuca	R\$ 2.412,80
Borel	R\$ 290,80

Tab. 4 Renda média do chefe de família por bairro ou comunidade de uma mesma área no Rio de Janeiro.

FONTE: IBGE / CENSO 2000.

Localidade	População (%)
Rio das Ostras	40,1%
Teresópolis	24%
Rio de Janeiro	18,8%
Volta Redonda	17,1%
Macaé	16,3%

Tab. 5 Os municípios do Rio com maior proporção da população vivendo em favelas.

FONTE: IBGE / CENSO 2000.

É bastante comum pensarmos que os habitantes de cortiços e favelas são pessoas geralmente desempregadas e que essas condições de habitação são derivadas do grande aumento populacional das cidades, porém a questão é mais complicada. Na realidade, a maioria da população dos cortiços e das favelas é composta de trabalhadores, informais ou com carteira assinada, que ganham baixos salários. Sendo assim, os problemas não são exatamente o superpovoamento das cidades e a falta de trabalho, mas sim os baixos rendimentos de grande parte da população urbana.



COREL GALLERY

Fig. 32 O trabalho informal é uma constante nas grandes cidades.

Como já vimos, a mão de obra barata é parte fundamental do desenvolvimento, injusto, da economia brasileira. Nesse contexto, as favelas e os cortiços vêm sendo uma forma de a população malremunerada da cidade conseguir um local de moradia.

Além dos baixos rendimentos, outro fator responsável pelos problemas habitacionais das cidades brasileiras é a especulação imobiliária. Graças a uma constituição frouxa, que permite o acúmulo de propriedades nas mãos de poucas pessoas, além do modelo econômico do país como um todo que leva ao enriquecimento de alguns em detrimento da maioria, a moradia regular torna-se cara o suficiente para ser inacessível aos mais pobres.

Enquanto isso, a habitação das classes média-alta e alta ocupa áreas valorizadas e com densa infraestrutura de serviços públicos e privados. A qualidade de vida é incomparavelmente superior. Em regiões tradicionais de habitação das elites urbanas, podemos encontrar intensa arborização, serviço hospitalar de qualidade, eficientes meios de transporte e assim por diante.



CAVO DO VALE/WIKIPEDIA

Fig. 33 Jardins: área residencial nobre de São Paulo.

A separação entre pobres e ricos no espaço urbano, geralmente, é feita de forma indireta pelo mercado imobiliário. Em bairros destinados à elite, o preço das propriedades é bastante elevado, impossibilitando a instalação de pessoas de baixa renda na área.

Mas a segregação espacial está tomando novas formas nas grandes cidades. Com a expansão da mancha urbana, muitos bairros da periferia acabam envolvendo residências de pessoas com diferentes níveis de renda. Como a criminalidade é mais comum em bairros de classe baixa, consequência dos elevados índices de desemprego e miséria, os condomínios fechados vêm sendo utilizados para se criarem ilhas de habitação de elite no meio de tais bairros.

Alguns condomínios fechados não se limitam a proporcionar apenas segurança a seus moradores. Dentro desses bairros fechados, são construídos centros de serviços voltados apenas para a população neles residente.

O transporte urbano

O crescimento da população de uma cidade pode resultar em duas formas de crescimento do espaço urbano: o crescimento horizontal e a verticalização. Esta última é representada pelo aumento do número de prédios em bairros onde havia casas térreas anteriormente. É uma forma de se resolver o problema do crescimento populacional.

No entanto, o crescimento horizontal das cidades é o mais intenso na maioria dos casos. Este se dá com o aumento da mancha urbana, provocando a criação de novos bairros e a extensão de meios de transporte, redes de esgoto, energia e telefone a áreas cada vez mais distantes do centro.



CORBIS GALLERY

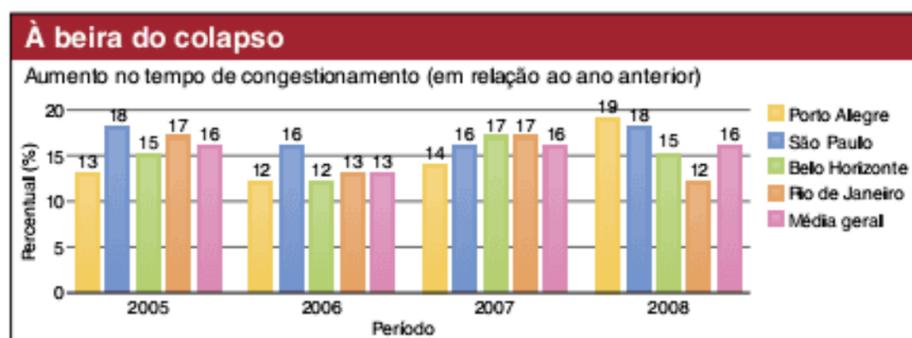
Fig. 34 Verticalização na cidade de São Paulo.

Com o crescimento horizontal, um dos principais problemas a serem resolvidos em uma cidade é o do transporte. Como em uma grande cidade a maioria da população trabalha distante de seu lugar de residência, o ato de transportar-se pelo espaço urbano é um dos mais comuns e fundamentais do dia a dia.

No Brasil, o transporte urbano, a exemplo de todo o sistema de transportes do país, foi dominado pela febre do automóvel desde a década de 1950, quando as grandes indústrias automobilísticas começaram a se instalar no território nacional. Desse modo, são poucos os sistemas de transporte urbano que fogem ao modelo rodoviário. Os poucos casos são representados pelas limitadas linhas de metrô de algumas grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, ou pelas linhas de trem de subúrbio que percorrem partes das áreas metropolitanas destas duas cidades.

Fora isto, o transporte urbano no Brasil é feito por ônibus e carros. Um sinal muito claro desse fato é a quantidade de grandes avenidas que cortam o tecido urbano de qualquer cidade grande no país. Nessas obras, fixaram e continuam se fixando os investimentos estatais nas últimas décadas.

A preferência pelo transporte automobilístico dentro das cidades acaba trazendo outros problemas sérios, como congestionamentos e poluição. Para piorar a situação, o transporte rodoviário coletivo (feito pelos ônibus) é, salvo raras exceções, de baixa qualidade e alto custo, o que estimula o uso do automóvel particular, aumentando ainda mais a intensidade de tráfego nas ruas e avenidas.



FONTE: REVISTA CARTA CAPITAL, 23 JUN. 2010

Fig. 35 Crescimento dos congestionamentos.

Problemas socioambientais urbanos no Brasil

Além dos problemas sociais, as cidades, tanto do Brasil como do mundo, apresentam problemas socioambientais. É importante destacar, para começar, que esses problemas são

socioambientais, e não simplesmente ambientais, por duas razões: em primeiro lugar, eles são causados pela forma como a cidade é socialmente construída; em segundo, tais problemas afetam as classes sociais de forma diferente. Entre esses problemas estão as mudanças climáticas locais, já estudadas anteriormente. Vejamos alguns dos outros problemas.

Enchentes urbanas

As enchentes urbanas no Brasil causam grandes problemas, principalmente para as populações mais pobres que habitam áreas de risco. A possibilidade de perder móveis, documentos pessoais, roupas, a casa ou até a vida a cada chuva forte é uma tensão constante para essas pessoas.



ANTONIO GAUDÉRIO/EDITORIA ABRIL

Fig. 36 Enchente urbana.

No entanto, apesar de terem uma relação direta com as fortes chuvas, as enchentes nas grandes cidades, em geral, não podem ser vistas como catástrofes naturais. Ao contrário, elas devem ser avaliadas como problemas socioambientais.

Inicialmente, é preciso lembrar um fato já apontado no capítulo sobre mudanças climáticas, que é o aumento das chuvas devido às ilhas de calor formadas nas metrópoles. Assim sendo, nem mesmo as chuvas fortes que provocam o problema podem ser vistas como naturais. Mas, para piorar, outros fatores de origem social determinam tanto a ocorrência das enchentes como sua localização nas cidades e os grupos populacionais mais afetados.

Em relação à ocorrência, é preciso perceber que as enchentes são consequência não apenas das chuvas, mas sim da relação entre a chuva e o solo. Normalmente, grande parte da água da chuva deveria infiltrar-se no solo e outro tanto deveria escorrer, mais lentamente, devido à desaceleração promovida pela vegetação. Mas, como na cidade a vegetação é retirada e grande parte do solo é impermeabilizado pelo asfaltamento das ruas e em quintais, praças e calçadas concretadas, não há infiltração e nem desaceleração. Assim, a vazão da água é muito maior do que seria em uma outra situação de uso do solo.

Impermeabilizado

Que se tornou impermeável – incapaz de ser infiltrado por fluidos, sobretudo líquidos.

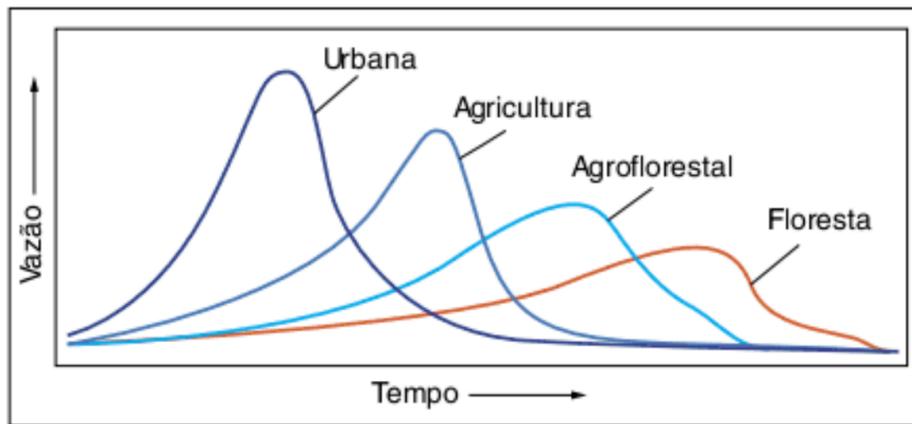


Fig. 37 Vazões máximas em vários tipos de coberturas.

Em relação às áreas e pessoas mais afetadas, o problema é que a água corre para onde, naturalmente, ela deve ir, ou seja, para os rios e córregos. Em regiões de clima tropical, esses corpos-d'água possuem várzeas, que são as áreas de alagamento natural durante o período de chuvas. No entanto, devido à voracidade do mercado imobiliário, essas áreas não foram respeitadas, sendo ocupadas com sistemas de transporte e, principalmente, loteamentos populares. Por serem áreas de risco, tais loteamentos são também menos valorizados e comportam a população mais pobre, que acaba sendo a mais afetada pelas enchentes.

Lixo

A sociedade urbano-industrial é uma grande produtora de lixo. Embalagens, restos de comida, papel e materiais usados dão origem a toneladas diárias de resíduos sólidos, os quais são tratados, em geral, como lixo, mas que poderiam, em boa parte, ser aproveitados de alguma forma.

O cotidiano corrido, próprio de grandes cidades, leva as pessoas a comprarem produtos que geram mais lixo, principalmente devido às embalagens. Comida congelada e porções individuais de suco em caixinhas ou de refrigerante em latas são exemplos disso. Mais além, o modo de vida urbano dificulta a reutilização desses resíduos, levando as pessoas a tratá-los como lixo, ou seja, a jogá-los nos seus cestos, deixá-los nas ruas para que o caminhão recolha e esperar que alguém dê um jeito nisso. Em áreas rurais, grande parte dos resíduos, principalmente os restos de comida, são mais facilmente reaproveitados, em geral, por meio da **compostagem**, mas também como comida para animais.



Fig. 39 Lixão a céu aberto.

O mais importante, no entanto, é perceber que a ideia de que alguém dará um jeito em toneladas de lixo diariamente produzidas é altamente enganosa. Para onde vai, afinal, o lixo que produzimos? Normalmente, para lixões ou para aterros sanitários.

A situação dos **lixões** é o maior problema, já que são áreas nas quais o lixo é depositado sem nenhum tipo de cuidado ou planejamento. Não há, por exemplo, isolamento entre o lixo e o solo, de modo que o chorume – material tóxico produzido pela decomposição anaeróbica da matéria orgânica – infiltra-se no solo e contamina o lençol freático, córregos e rios.

Outro problema é que, como o lixo não é aterrado em camadas, ficando constantemente exposto, ampliam-se as chances de proliferação de doenças por meio de animais que transitam entre os lixões e outras áreas da cidade, particularmente ratos, baratas e gambás. Como os lixões ficam em áreas periféricas das cidades, novamente é a população pobre que acaba sofrendo mais com o problema.

Os **aterros sanitários** podem ser completamente diferentes. Podem, porque a descrição que faremos a seguir se refere a uma situação ideal, em que todas as normas de saneamento são seguidas.

Para começar, esses espaços são planejados, já considerando a área em que podem ser instalados, por exemplo, devido ao solo, que não deve ser muito arenoso. Mas o principal é que a

Compostagem

Processo que, a partir da decomposição de material orgânico misturado com terra, em locais apropriados, produz adubo.

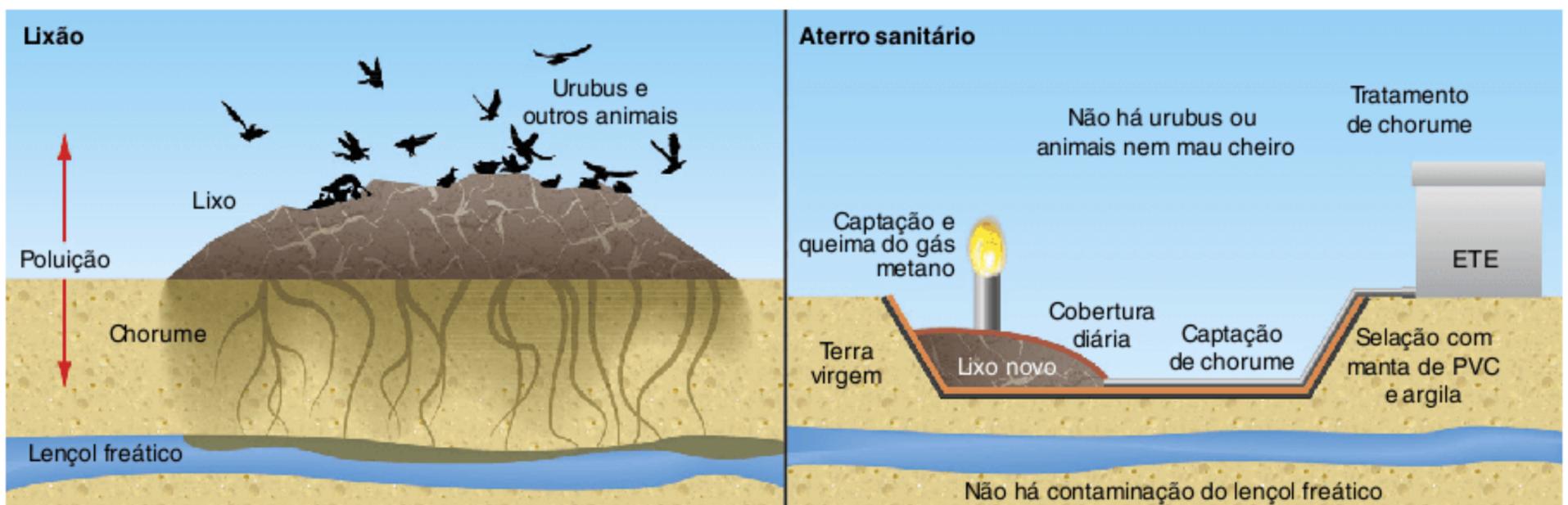


Fig. 38 Esquema de um lixão e de um aterro sanitário.

área é preparada para receber o lixo, que vai sendo depositado em camadas que se alternam com porções de terra para controlar o processo de decomposição. Além disso, dois produtos dessa decomposição são capturados e tratados: o chorume e o gás metano. O primeiro é recolhido e tratado antes de ser lançado no esgoto e o segundo pode ser queimado para evitar seu lançamento direto na atmosfera ou, ainda, ser utilizado para geração de energia em pequenas centrais termelétricas.

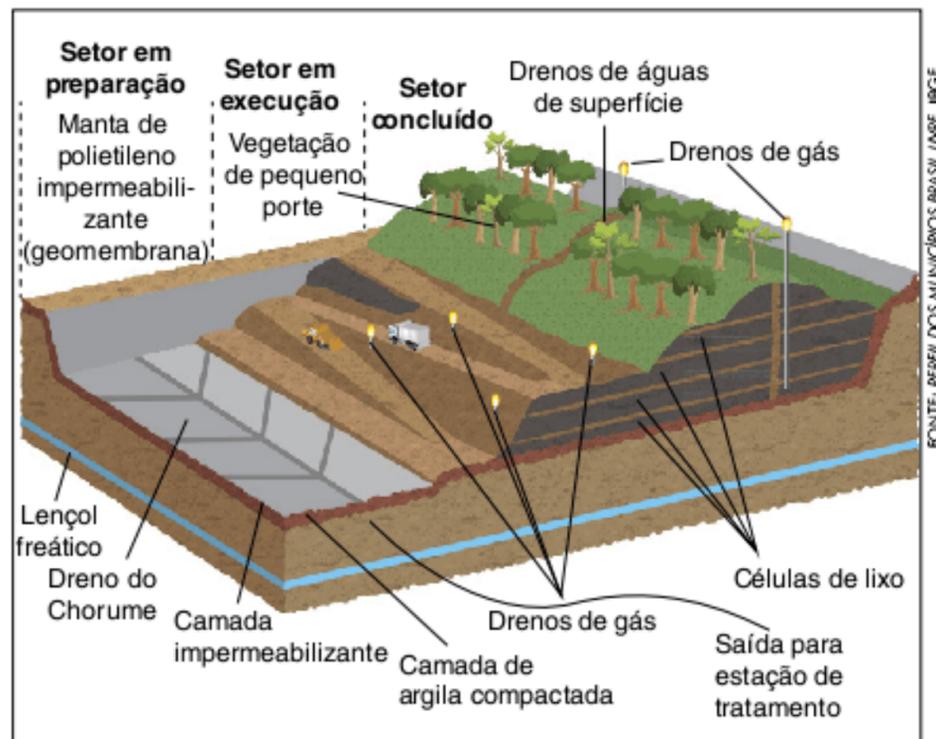


Fig. 40 Funcionamento de um aterro sanitário.

O ideal seria seguir os **3 Rs** do lixo: **reduzir, reutilizar e reciclar**. Os problemas em relação à redução são, em primeiro lugar, que ela caminha no sentido contrário ao da tendência atual da economia brasileira, que é o aumento do poder de consumo da população, e, em segundo lugar, que ela depende de uma forte mudança de hábitos das pessoas. Um exemplo é o uso das sacolinhas plásticas de supermercados, padarias, quitandas e outros estabelecimentos comerciais. Por mais que a discussão esteja sendo feita, são muito poucos aqueles que abrem mão da comodidade de pegar as sacolinhas em vez de levar a sua de casa.

Em relação à reutilização, também temos um problema cultural, visto que a cultura de nossa sociedade consumista diz que devemos trocar nossos objetos constantemente. O maior exemplo são os produtos eletrônicos, que estão se transformando rapidamente em lixo. O Brasil já é o primeiro colocado em produção *per capita* de lixo eletrônico entre os países emergentes.

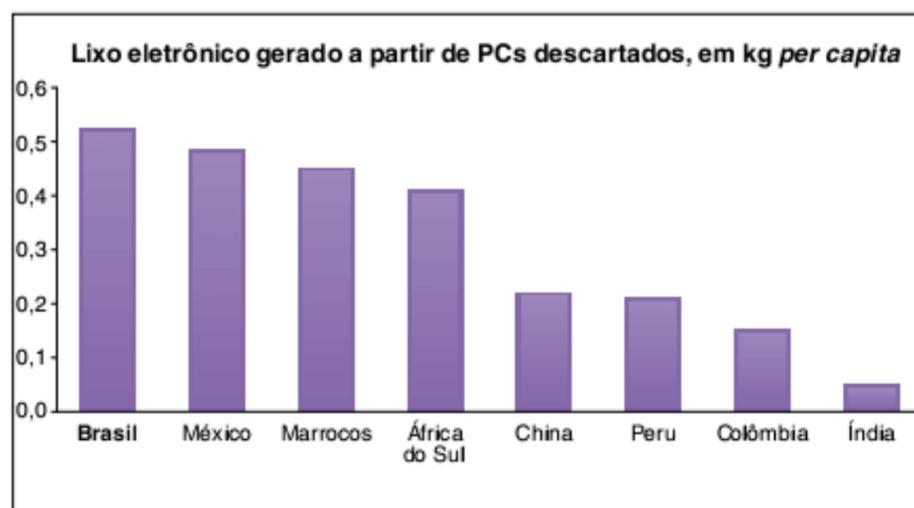


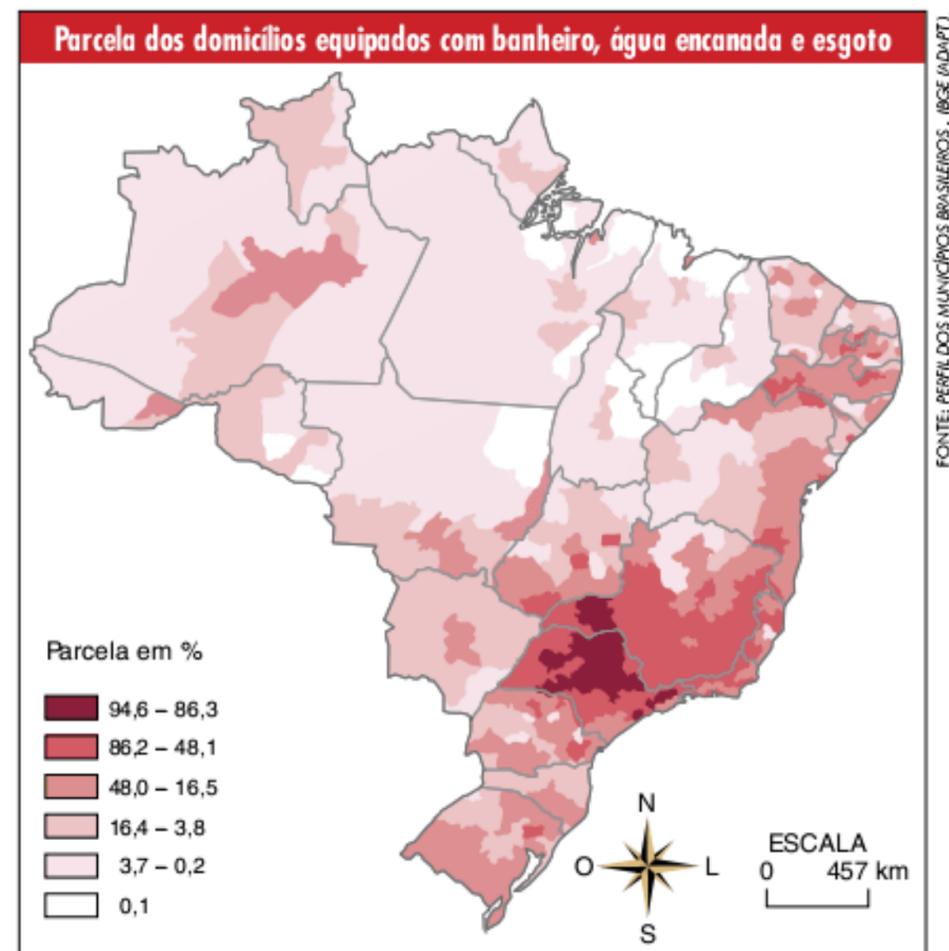
Fig. 41 Volume de lixo eletrônico produzido por países emergentes.

Sobre a reciclagem, há várias dificuldades a serem superadas. Primeiro, é preciso que as pessoas separem o lixo, inclusive sabendo o que pode e o que não pode ser reciclado. Depois, é preciso disponibilizar sistemas de coleta desse lixo ou convencer as pessoas a levá-lo até um centro de recepção. É preciso também classificá-lo e encaminhá-lo para centros de reciclagem. O Brasil é um dos países que mais recicla lixo no mundo, com destaque para latas de alumínio. Isso, no entanto, deve-se em grande parte à pobreza, que leva muitos a viverem como catadores de material reciclável nas ruas dos grandes centros.

Condições sanitárias

O saneamento básico é o conjunto de ações do poder público que deveria visar a qualidade sanitária da cidade, o que inclui o fornecimento de água potável, a coleta e o tratamento de esgoto e de lixo e o controle de pragas.

O fornecimento de água potável, a coleta e o tratamento de esgoto são fundamentais para o combate à mortalidade, principalmente infantil. A situação do Brasil nesse aspecto é muito desigual. Novamente, a população mais prejudicada é a mais pobre, que sofre com a ausência desses equipamentos urbanos.



Um destaque atual de falha em outro aspecto do saneamento básico, que é o combate a pragas, é o aumento dos casos de dengue. A dificuldade de combater o mosquito se deve, principalmente, às condições precárias dos bairros mais pobres das grandes cidades, onde os locais de proliferação são muito numerosos.

Revisando

1 Identifique o método quantitativo apontado no capítulo atual para diferenciar áreas rurais de áreas urbanas.

2 Por que podemos dizer que as cidades da Antiguidade eram importantes apesar do fato de que menos de 2% da população mundial vivia nelas?

3 O que é uma função urbana? Identifique três exemplos.

4 Que elemento caracteriza todas as funções urbanas e acaba sendo uma propriedade geral das cidades?

5 Explique duas formas como a Revolução Industrial impulsionou a urbanização.

6 O que é o índice de urbanização?

7 O que são redes urbanas?

8 O que é a hierarquia urbana?

9 O que são metrópoles?

10 Explique metropolização e desmetropolização.

11 Por que vem ocorrendo um destaque para o crescimento das cidades médias?

12 Identifique a principal causa de diferenciação entre a urbanização de países desenvolvidos e a de subdesenvolvidos.

13 O que é uma região metropolitana?

14 Explique a segregação socioespacial.

Exercícios propostos

1 Uerj 2008 De Karl Marx a Max Weber, a teoria social clássica acreditava que as grandes cidades do futuro seguiriam os passos industrializantes de Manchester, Berlim e Chicago – e, com efeito, Los Angeles, São Paulo e Pusan (Coreia do Sul) aproximaram-se de certa forma dessa trajetória. No entanto, a maioria das cidades do hemisfério sul se parece mais com Dublin na época vitoriana, que, como enfatizou o historiador Emmet Larkin, não teve igual em meio a “todos os montes de cortiços produzidos pelo mundo ocidental no século XIX, uma vez que os seus cortiços não foram produto da Revolução Industrial.”

Mike Davis. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006. (Adapt.).

De forma diferente do que ocorreu nos países desenvolvidos, o crescimento das cidades na maior parte dos países subdesenvolvidos está relacionado ao processo de:

- periferização da atividade industrial, com intensos fluxos pendulares.
- urbanização fundamentada no setor terciário, com alto nível de informalidade.
- favelização nas periferias, com predomínio de empregos no setor industrial de base.
- metropolização em um ponto do território, com população absorvida pelo setor quaternário.

2 Uerj 2009 E os governos do Terceiro Mundo sabem ainda menos sobre as suas fronteiras urbanas, esses estranhos limbos onde se faz a transição entre cidades ruralizadas e campos urbanizados.

A orla urbana é a zona de impacto social onde a força centrífuga da cidade colide com a implosão do campo.

Mike Davis. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006. (Adapt.).

O trecho destacado sugere que a orla urbana das grandes metrópoles do Terceiro Mundo é a expressão espacial da convergência de dois processos. Esses dois processos, significativos na segunda metade do século XX, são:

- verticalização e imigração.
- periferização e êxodo rural.
- conurbação e migração pendular.
- industrialização e tráfico de mão de obra.

3 Uerj 2009 É verdade que mudaram radicalmente as relações cidade-campo. Mas não foram mudanças que reduziram o contraste entre ambos, por mais que a estrutura ocupacional da economia rural tenha se tornado semelhante à da economia urbana. Nos Estados Unidos, os serviços garantem mais da metade dos empregos rurais e a indústria, quase um quinto.

Mas o valor do espaço rural está cada vez mais ligado a tudo o que se opõe à cidade.

Na verdade, o desenvolvimento leva à revalorização do ambiente natural e não à “urbanização do campo” visualizada por Marx em manuscritos de 1857-8.

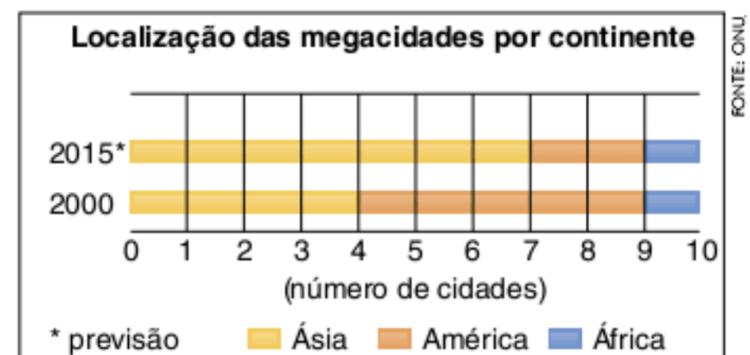
José Eli da Veiga. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002. (Adapt.).

A partir das informações do texto, podemos concluir que a distinção entre cidade e campo vincula-se ao estabelecimento da diferença entre espaço e atividades econômicas.

Essa distinção está adequadamente expressa em:

- o campo **não** é lugar adequado à instalação de indústrias.
- o espaço rural **não** é sinônimo de atividades primárias.
- o espaço urbano **não** é compatível com a prática do ecoturismo.
- a cidade **não** é o local de predomínio dos setores secundário e terciário.

4 Fatec 2007 Observe o gráfico.



A leitura do gráfico e os conhecimentos sobre a urbanização mundial permitem afirmar que:

- o rápido processo de urbanização tenderá a concentrar o maior número de megacidades nos países subdesenvolvidos.
- a rápida urbanização deverá transformar as megacidades asiáticas em cidades globais de primeira grandeza.
- os continentes que apresentarão maior número de megacidades são aqueles que recebem maior número de imigrantes.
- na hierarquia urbana mundial as megacidades de 2015 deverão concentrar maior hegemonia política e econômica.
- no futuro a globalização permitirá aos atuais países subdesenvolvidos da Ásia e da América tornarem-se desenvolvidos.

5 UFG 2006 A urbanização dos países subdesenvolvidos constitui um fenômeno marcante da segunda metade do século XX. As características desse fenômeno, na América Latina, expressas na paisagem urbana das metrópoles, são decorrentes da:

- instalação de indústrias de bens de produção nos arredores das pequenas cidades e próximas às fontes de matéria-prima.
- industrialização tardia e da modernização das atividades agrícolas, conjugadas à concentração de pessoas nas grandes cidades.
- aglomeração humana e do aumento do poder aquisitivo da população, favorecidos pela expansão do capital financeiro na economia.
- inovação tecnológica e do aumento da produtividade das indústrias de bens de consumo, para suprirem as necessidades da vida urbana.
- implementação de parque industrial e da regulação, por meio do planejamento governamental, de deslocamentos populacionais para as cidades.

6 UFG 2008 A massificação da cultura reforçada pelo crescimento das metrópoles é um fenômeno importante do espaço contemporâneo. No mundo atual, essa massificação tem a função de:

- (a) absorver os símbolos e os signos dos migrantes rurais.
- (b) desenvolver valores consumistas na economia de mercado.
- (c) inibir a ação cultural dos movimentos sociais urbanos.
- (d) oferecer entretenimento à população de baixa renda.
- (e) estimular a rebeldia no interior da sociedade urbana moderna.

7 UFPel 2006 Observe o quadro apresentado a seguir.

População das dez cidades mais populosas do mundo em 1900 e 2001
Projeções para 2015

1900	Pop*	2001	Pop*	2015	Pop*
Londres	6,6	Tóquio	29	Tóquio	29
Nova York	3,4	Cidade do México	18	Mumbai	26
Paris	2,7	São Paulo	17	Lagos (Nigéria)	25
Berlim	1,9	Mumbai	17	São Paulo	20
Chicago	1,7	Nova York	16	Karachi (Paquistão)	19
Viena	1,7	Xangai	14	Dacar (Bangladesh)	19
Tóquio	1,5	Los Angeles	13	Cidade do México	19
Wuhan (China)	1,5	Lagos (Nigéria)	13	Xangai	18
Filadélfia	1,3	Calcutá	13	Nova York	18
São Petersburgo	1,3	Buenos Aires	12	Calcutá	17

FONTE: NEJA, 2001.

(*) em milhões de habitantes

Com base nas informações anteriores e em seus conhecimentos sobre o processo de urbanização, é correto afirmar que:

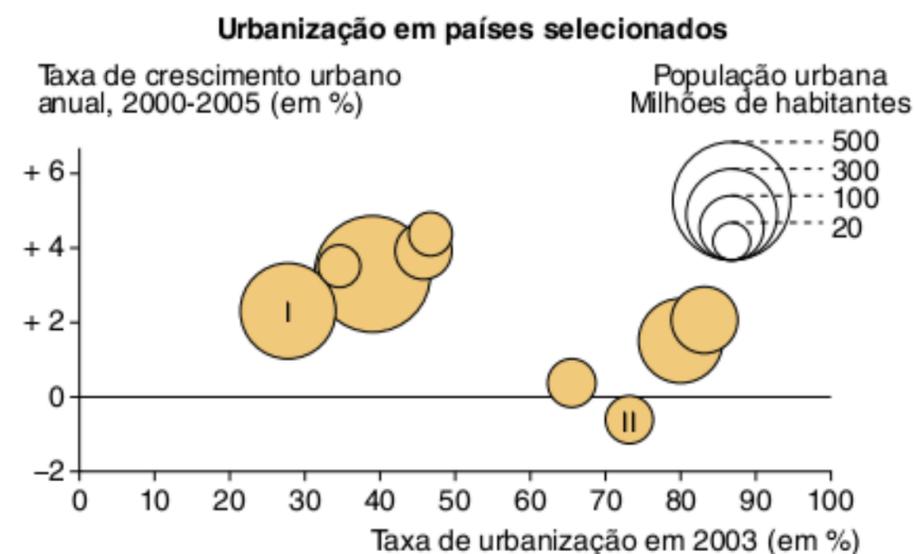
- (a) o crescimento populacional das grandes cidades no período de 2001 a 2015 ocorrerá de forma intensa em países subdesenvolvidos, agravando problemas já existentes, como os de infraestrutura e saneamento.
- (b) Nova York e Los Angeles terão um crescimento negativo no início do século XXI, graças às políticas de controle de migração e de diminuição das taxas de natalidade implementadas por essas cidades.
- (c) as dez maiores cidades em 1900 estavam localizadas em países desenvolvidos em função dos benefícios da Revolução Industrial. Já em 2001, essas cidades decresceram em função da competição internacional.
- (d) a taxa de crescimento populacional das grandes cidades nos primeiros 15 anos deste século será proporcional, entretanto, o crescimento em números absolutos, será maior nas cidades dos países subdesenvolvidos, em função das altas taxas de natalidade.
- (e) as megacidades do século XXI são cidades mundiais, pois, em função de seu tamanho, detêm o controle das economias nacionais, concentrando as maiores rendas e as melhores condições de vida nos seus respectivos países.

8 UFPel 2007 De acordo com estatísticas acerca da população mundial, haverá mais gente vivendo em cidades do que no campo, em 2007, pela primeira vez na história. A urbanização é um processo que ocorre de maneira desigual no mundo, por ser dependente das condições econômicas dos países.

A respeito da urbanização nos países desenvolvidos ou centrais, é correto afirmar que:

- (a) essa urbanização provocou uma drástica redução da migração do campo para a cidade, e a tendência é que haja uma estabilização das taxas de urbanização em torno de índices muito elevados.
- (b) essa urbanização, por ter sido um processo extremamente rápido, não esteve integrada com a área rural. Esse fato fez com que as cidades não acompanhassem as migrações, produzindo espaços sem os equipamentos adequados.
- (c) as taxas de crescimento da urbanização ainda se mantêm em um patamar elevado na maior parte da Europa Ocidental, na América Anglo-saxônica e no Japão. Isso pode ser evidenciado na excelente qualidade de vida experimentada pela população urbana nesses locais.
- (d) o crescimento nas cidades desses países ainda é muito grande. Deve-se considerar que o processo de crescimento vegetativo também é elevado nessas localidades.
- (e) o rápido processo de urbanização provocou o fenômeno da "macrocefalia urbana", produzindo cidades totalmente desprovidas de planejamento urbano, infraestrutura e equipamentos.

9 Unifesp 2007 O processo de urbanização ocorre de maneira desigual no mundo.



Identifique, de acordo com o gráfico, os seguintes países:

- I. Apresentou o menor crescimento urbano no período e cerca de 72% de taxa de urbanização.
 - II. Apresentou mais de 2% de crescimento urbano no período e cerca de 30% de taxa de urbanização.
- (a) I – China e II – Brasil.
 - (b) I – Índia e II – Rússia.
 - (c) I – China e II – Rússia.
 - (d) I – Índia e II – Brasil.
 - (e) I – Nigéria e II – Estados Unidos.

Texto para a questão 10.

A cidade de São Paulo, nesse meio de século, revelou-se solo fértil [...]. Em nenhum lugar, a urbanização e o crescimento industrial atingiram tal completude, o que lhe facultou alçar-se à condição de metrópole. Ao mesmo tempo, as diferentes correntes migratórias lhe haviam imprimido um ar cosmopolita; inseridas na dinâmica econômica, alteravam a estratificação social, expandindo e diversificando a ocupação do espaço de que resultaram formas renovadas de sociabilidade. Culturalmente, o legado modernista codificara uma tradição que se impôs às gerações posteriores e que puderam afirmar, dado o contexto, a necessidade de relacionamento entre criação e funcionalidade. O experimentalismo vanguardista adquiriu em São Paulo inequívoca ambientação, uma vez que o concretismo na poesia teve na cidade a sua expressão mais acabada. O quadro não se fecha sem que se considere a institucionalização da vida universitária que acabou por alterar o estilo da reflexão, assim como a constituição das organizações de cultura, os museus, os teatros, o cinema, conferiram lastro material à divulgação das obras produzidas no exterior, adensando o processo de trocas culturais.

Maria Arminda do Nascimento Arruda. *Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 20-1.

10 Puccamp 2004 Analise a tabela a seguir.

Taxa de crescimento da população urbana entre 1950 e 1960 nos países desenvolvidos e nos subdesenvolvidos

Grupo de países	Taxa em %
Desenvolvidos	31,0
Subdesenvolvidos	59,3

Milton Santos. *Manual de Geografia Urbana*. In: Elian Lucci. *Geografia: o homem no espaço global*. São Paulo: Saraiva, 1998, p. 209.

No período de 1950 a 1960, pode-se afirmar que a urbanização dos países subdesenvolvidos é explicada, dentre outras razões, devido:

- (a) ao elevado crescimento industrial, sobretudo a partir da transferência das plantas industriais das empresas de capital nacional.
- (b) à modernização e emprego de maquinaria na produção agrícola, liberando contingentes populacionais do campo.
- (c) à precariedade das condições socioeconômicas do campo, provocando o êxodo rural.
- (d) ao crescimento considerável do setor terciário ampliando a oferta de emprego formal nas cidades.
- (e) ao elevado crescimento vegetativo ocorrido nas áreas urbanas associado ao processo de industrialização.

11 Enem 2009 As cidades não são entidades isoladas, mas interagem entre si e articulam-se de maneira cada vez mais complexa à medida que as funções urbanas e as atividades econômicas se diversificam e sua população cresce. Intensificam-se os fluxos de informação, pessoas, capital, mercadorias e serviços que ligam as cidades em redes urbanas.

Sobre esse processo de complexificação dos espaços urbanos é correto afirmar que:

- (a) a centralidade urbana das pequenas cidades é função da sua capacidade de captar o excedente agrícola das áreas circundantes e mantê-lo em seus estabelecimentos comerciais.
- (b) as grandes redes de supermercados organizam redes urbanas, pois seus esquemas de distribuição atacadista e varejista circulam pelas cidades e fortalecem sua centralidade.
- (c) as capitais nacionais são sempre as grandes metrópoles, pois concentram o poder de gestão sobre o território de um país, além de exportarem bens e serviços.
- (d) o desenvolvimento das técnicas de comunicação, transporte e gestão permitiu a formação de redes urbanas regionais e nacionais articuladas a redes internacionais e cidades globais.
- (e) a descentralização das atividades e serviços para cidades menores ocasiona perda de poder econômico e político das cidades hegemônicas das redes urbanas.

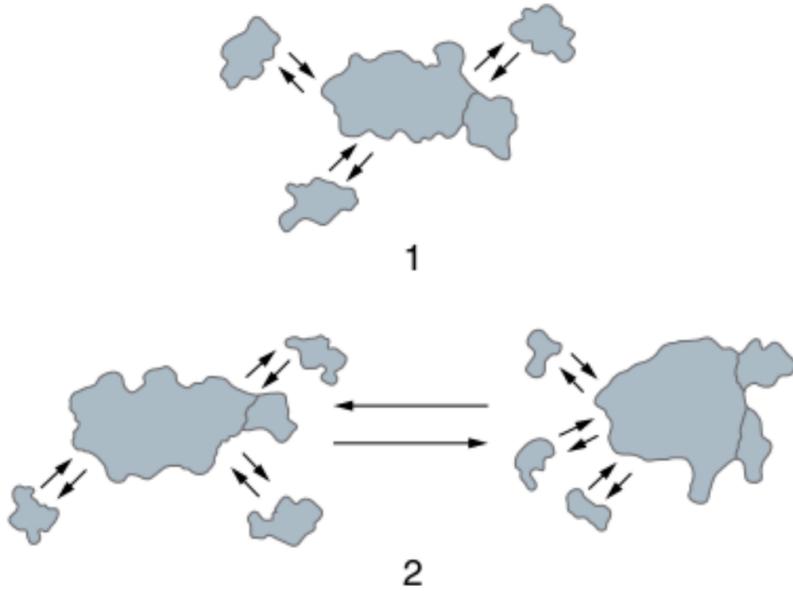
12 Unemat 2010 O processo de urbanização e de industrialização gerou a concentração das atividades comerciais e dos serviços mais importantes em algumas cidades, acumulando capital e poder político nesses espaços urbanos, chamados de:

- (a) conurbação.
- (b) metrópoles.
- (c) megalópoles.
- (d) cidades globais.
- (e) rede urbana.

13 Ibmec-RJ 2009 O processo de urbanização dos espaços geográficos mundiais vem se intensificando nas últimas décadas. Sobre a temática, assinale a afirmativa incorreta.

- (a) A urbanização no fim do século XX foi marcada por profundas diferenças entre o nível de vida dos habitantes de países ricos e o de países pobres e pela existência de duas novas categorias na hierarquia urbana: as cidades globais e as megacidades.
- (b) As duas metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, exercem uma polarização sobre todo o território nacional, praticamente comandando a vida econômica e social da nação.
- (c) Nos países desenvolvidos, o crescimento das cidades e a importância que elas passaram a ter na vida das sociedades se consolidaram com a Revolução Industrial e o estabelecimento da indústria como atividade essencialmente urbana.
- (d) O processo de urbanização dos países subdesenvolvidos começou após a Segunda Guerra Mundial; alguns países industrializaram-se e atraíram elevado contingente populacional para as cidades.
- (e) Na atualidade, a urbanização dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos é processo independente, principalmente devido ao isolamento geográfico dos espaços mundiais e à ausência de conexão das redes urbanas.

14 Uerj 2004



Fonte: M. J. Souza. *ABC do Desenvolvimento Urbano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

As figuras identificadas pelos números 1 e 2 correspondem, respectivamente, às seguintes formas urbanas:

- (a) megacidade e megalópole.
- (b) megacidade e cidade global.
- (c) região metropolitana e megalópole.
- (d) região metropolitana e cidade global.

15 UFPel 2005

O processo contemporâneo de urbanização tem produzido uma série de espaços característicos, que evidenciam as transformações sociais. A rede urbana é um sistema de cidades formado pela conexão dos sistemas de transporte e das comunicações entre cidades, por onde ocorre o fluxo de pessoas, mercadorias, informações e capitais.

Assim, nos diferentes países e regiões do mundo, podem ser observados, por exemplo, espaços como os caracterizados a seguir.

- I. Conjunto de cidades conurbadas ligadas pela expansão da periferia da malha urbana, nas quais se observa um município-núcleo.
- II. União entre duas ou mais metrópoles, com integração do fluxo de pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços.
- III. Cidades que são sedes de importantes empresas com grande tecnologia, conectadas aos fluxos do espaço mundial.
- IV. Cidades ou aglomerações com mais de 10 milhões de habitantes.

Com base em seus conhecimentos e nas informações anteriores, é correto afirmar que os espaços acima se referem, respectivamente, a:

- (a) conurbação, megalópole, metrópole nacional e cidades globais.
- (b) metrópole, região metropolitana, cidades globais e megalópole.
- (c) metrópole, megalópole, cidades globais e megacidades.
- (d) megalópole, cidades globais, capitais nacionais e metrópole.
- (e) região metropolitana, conurbação, capital regional e megacidades.

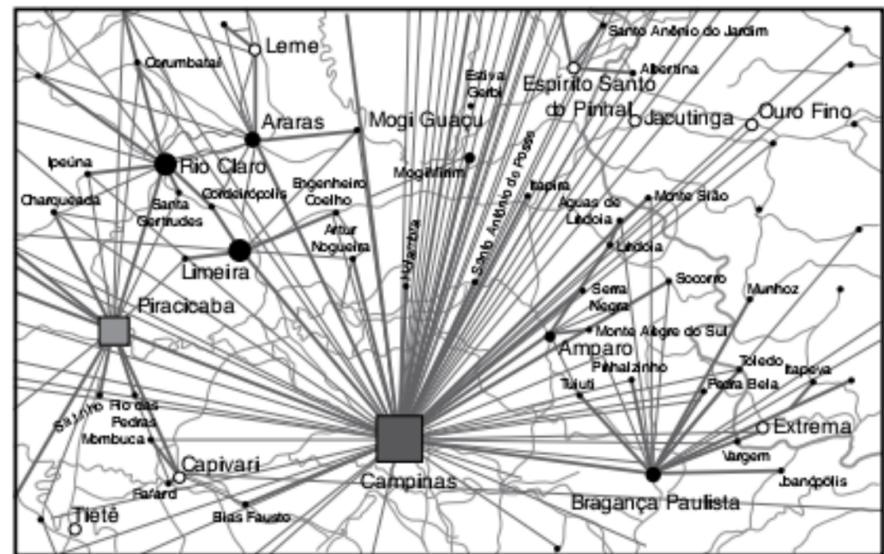
16 PUC-SP 2009

É comum encontrar, nas referências sobre a urbanização no século XX, menções ao fato de ela ter sido fortemente marcada pela metropolização. De fato, as metrópoles são fundamentais para se entender a vida urbana contemporânea. A respeito das metrópoles modernas brasileiras, pode-se afirmar que:

- (a) não são aglomerações tão grandes quanto às de outros países, porque elas são fragmentadas em vários municípios, como no caso de São Paulo.
- (b) são configurações cujas dinâmicas, em alguns casos, levaram seus limites para além do núcleo municipal de origem, formando aglomerações multimunicipais.
- (c) elas são aglomerações modestas em razão da inviabilidade de se administrar em países pobres áreas urbanas de grande porte.
- (d) apenas uma delas pode ser considerada de fato metrópole, logo, não se pode afirmar que no Brasil houve uma urbanização metropolitana.
- (e) elas estão com o seu crescimento paralisado, sofrendo, em alguns casos, encolhimento, em função de novas políticas de planejamento.

17 UFRJ 2009

Na teoria urbana clássica, a hierarquia é considerada um dos principais componentes da estrutura da rede de cidades. A figura a seguir apresenta cidades com diferentes níveis hierárquicos.



■ Capital Regional A	● Capital Sub-regional A
■ Capital Regional B	● Capital Sub-regional B
■ Capital Regional C	• Centro de Zona A
	○ Centro de Zona B

Explique o que determina o nível hierárquico das cidades na rede urbana.

18 Unifesp 2009

No Brasil, em decorrência do processo de urbanização, verificou-se uma intensa metropolização, da qual resultaram:

- (a) cidades médias, que se industrializaram após a abertura econômica da década de 1990, como Campinas e Ouro Preto.
- (b) metrópoles nacionais, sedes do poder econômico e político do país, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.
- (c) cidades mundiais, que receberam vultosos investimentos externos no início do século XXI, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

- (d) megacidades dispersas pelo país, graças ao retorno de imigrantes, como Manaus, Goiânia e Curitiba.
- (e) metrópoles regionais, que constituem a primeira megalópole do país, como Fortaleza, Recife e Salvador.

19 Unicamp 2010 Em 1985, viviam na Região Metropolitana de São Paulo mais de 14 milhões de pessoas. A maioria mora em habitações precárias – favelas, cortiços e casas autoconstruídas em terrenos destituídos de serviços públicos – e ganha poucos salários mínimos por mês, revelando um acentuado grau de pauperismo e precárias condições urbanas de existência. A Região configura-se como Metrópole não só pela sua extensão territorial, mas também porque é a partir dela que se organiza a dinâmica do capitalismo no Brasil, pois aí se concentra a engrenagem produtiva essencial à economia do país [...].

Lúcio Kowarick. *Escritos urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 19.

- a) O que define uma metrópole?
- b) Identifique dois fatores econômicos determinantes na metropolização de São Paulo.

20 UFU 2010

Municípios que representam juntos 25% do PIB nacional

1999	2002
1º São Paulo (SP)	1º São Paulo (SP)
2º Rio de Janeiro (RJ)	2º Rio de Janeiro (RJ)
3º Brasília (DF)	3º Brasília (DF)
4º Belo Horizonte (MG)	4º Belo Horizonte (MG)
5º Manaus (AM)	5º Manaus (AM)
6º Curitiba (PR)	6º Duque de Caxias (RJ)
7º Porto Alegre (RS)	7º Curitiba (PR)
	8º Guarulhos (SP)
	9º São José dos Campos (SP)

Fonte: IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios 1999-2002. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=354>.

Observe o quadro acima e assinale a alternativa correta.

- (a) O crescimento das atividades econômicas na região Nordeste justifica o aparecimento das capitais nordestinas na listagem apresentada.
- (b) A mudança na posição de Manaus na listagem apresentada é decorrente das dificuldades de comercialização de produtos de origem florestal.
- (c) Devido à expansão das atividades econômicas nas regiões metropolitanas, as cidades do entorno das capitais passam a ter representatividade significativa no PIB nacional.
- (d) A entrada das cidades do entorno das capitais na listagem apresentada está basicamente associada à atividade econômica representada pelo cinturão verde das regiões metropolitanas.

21 Uerj 2008 (Adapt.)

As dez maiores cidades por população e PIB

Segundo a população em 2000	Segundo o PIB em 1996 (posição segundo a população em 2010)
1 Tóquio	Tóquio (1)
2 Cidade do México	Nova York (3)
3 Nova York	Los Angeles (8)
4 Seul	Osaka (9)
5 São Paulo	Paris (25)
6 Mumbai	Londres (19)
7 Délhi	Chicago (26)
8 Los Angeles	São Francisco (35)
9 Osaka	Düsseldorf (46)
10 Jacarta	Boston (48)

*Projeção. Mike Davis. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006. (Adapt.).

A análise da tabela permite estabelecer uma associação entre demografia e hierarquia urbana que pode ser formulada corretamente como:

- (a) o país desenvolvido com maior população urbana abriga a metrópole mais rica.
- (b) a concentração de riqueza não apresenta relação direta com a população absoluta.
- (c) as megacidades são encontradas sobretudo na rede urbana dos países centrais.
- (d) os aglomerados urbanos mais ricos não se localizam nas grandes megalópoles do planeta.

22 Fuvest 2008

As megacidades



Fonte: <www.un.org/esa/population>. (Adapt.).

O mapa retrata a distribuição espacial, no planeta, de núcleos urbanos com mais de 10 milhões de habitantes, as megacidades. Sobre megacidades e os processos que as geraram, é correto afirmar que:

- (a) a maior do mundo, Tóquio, teve vertiginoso crescimento após a Segunda Guerra Mundial, em razão do expressivo desenvolvimento econômico do Japão nesse período.

- (b) as latino-americanas cresceram em razão das riquezas geradas por atividades primárias e do dinamismo econômico decorrente de suas funções portuárias.
- (c) a maior parte delas localiza-se em países de elevado PIB *per capita*, tendo sua origem ligada a índices expressivos de crescimento vegetativo e êxodo rural.
- (d) as localizadas em países de economia menos dinâmica cresceram lentamente devido à expansão do setor primário.
- (e) as localizadas no Oriente Médio são expressivas em número, em razão do desenvolvimento econômico gerado pelo petróleo.

23 UFRJ 2007 A rede urbana constitui um conjunto de cidades articuladas entre si que formam uma hierarquia de graus de comando estabelecida pelo tamanho e pela oferta de bens e serviços de cada cidade.

Apresente três fatores que estão alterando a hierarquia da rede urbana brasileira.

24 Uerj 2005 (Adapt.) Observe os quadros a seguir, que tratam das grandes aglomerações urbanas mundiais.

Quadro I

Percentual de população urbana nas maiores cidades nacionais em relação à população urbana do país		
País	Cidade	%
Guatemala	Guatemala City	71,8
Congo	Brazzaville	66,2
Haiti	Porto Príncipe	60,9
Tailândia	Bangcoc	59,2
Uruguai	Montevidéu	43,2

Quadro II

Número de aglomerações urbanas com mais de 10 milhões de habitantes				
Regiões	1975	1995	2005	2015
Mais desenvolvidas	2	4	4	4
Menos desenvolvidas	3	10	15	17

Fonte: <www.un.org/esa/population/publications> (Adapt.). *Projeção.

Apresente:

- a) duas consequências socioespaciais para os países que apresentam o fenômeno de macrocefalia urbana expresso no quadro I;
- b) duas justificativas para o processo diferenciado de concentração de população urbana retratado no quadro II.

25 UFRJ 2005

Metrópoles Mundiais

As metrópoles mundiais são sistemas abertos e complexos cujos tentáculos fazem o mundo e os homens se moverem mais.



Indique as características que conferem o papel de metrópoles mundiais às cidades assinaladas no mapa.

26 Fatec 2008 Considere as afirmações sobre a urbanização brasileira.

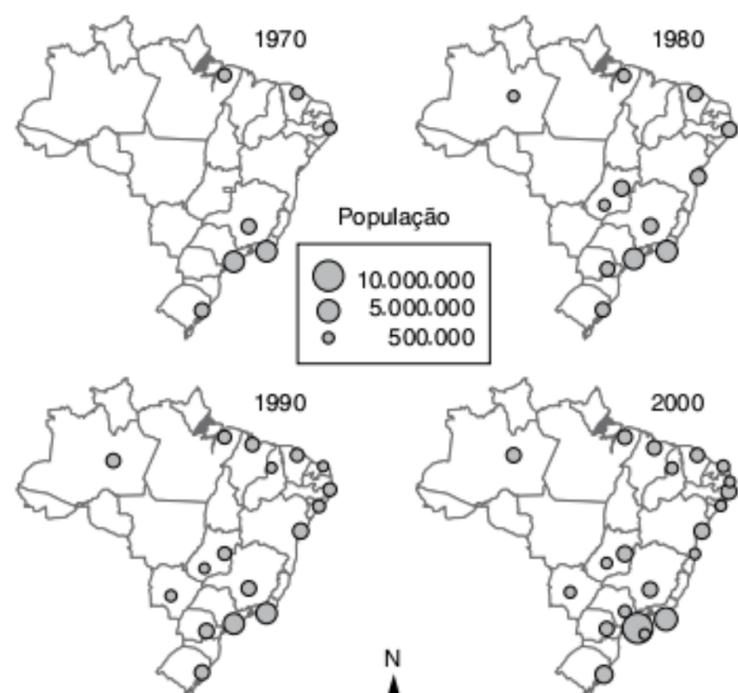
- I. Embora os números referentes ao processo de urbanização possam conter algumas distorções, resultantes das metodologias utilizadas, é inegável que entre as décadas de 1950 até 1980 o Brasil passou de forma intensa por esse processo.
- II. No início da ocupação do território brasileiro, houve grande concentração de cidades na região Sudeste. Esse fenômeno está associado ao processo industrial, que teve seu maior desenvolvimento nessa região.
- III. Num mundo cada vez mais globalizado, há um reforço do papel de comando de algumas cidades globais na rede urbana mundial, como é o caso de São Paulo, importante centro de serviços especializados.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) II e III, apenas.
- (c) II, apenas.
- (d) I e III, apenas.
- (e) I, II e III.

27 PUC-RS 2008 INSTRUÇÃO: Para responder à questão, analise os mapas e as afirmativas referentes ao aumento das cidades com mais de 500 mil habitantes no Brasil, preenchendo os parênteses com V para verdadeiro e F para falso.

Cidades com mais de 500 mil habitantes



Quanto às cidades brasileiras com mais de 500 mil habitantes, afirma-se:

- A maior concentração de cidades deste porte ocorre na região Norte do Brasil.
- Dentre as causas para o aumento das cidades deste porte no país, é correto citar o êxodo rural.
- Esse aumento vincula-se à oferta de empregos no setor industrial, favorecido pela migração de indústrias dos grandes centros para essas cidades.
- Suas vantagens competitivas em relação às grandes cidades, como isenção de impostos municipais e oferta de mais infraestrutura, facilitam o aumento dos ganhos sobre o capital investido, contribuindo para o aumento do número destas cidades.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses é:

- (a) V – F – F – F
- (b) F – F – F – V
- (c) V – V – V – F
- (d) F – V – V – V
- (e) V – V – V – V

28 Uece 2007 Leia com atenção as afirmativas a seguir.

- I. As regiões metropolitanas brasileiras são vistas como palco de contradições entre inovações, modernização e pobreza; são lugares de aglomeração urbana, concentração demográfica e centralização das atividades secundárias e terciárias da economia;
- II. A metropolização faz parte do fenômeno da urbanização brasileira, que expressa tendências importantes, tais como o espraiamento de algumas metrópoles e a inserção de novos municípios nas aglomerações metropolitanas;
- III. A despeito do planejamento realizado pelos governos militares nos anos 70, responsáveis pela instituição de nove regiões metropolitanas em todo o Brasil, a Constituição Federal de 1988 transferiu a responsabilidade da criação e gestão metropolitana para as unidades da Federação, resultando num novo arranjo metropolitano brasileiro, composto de 26 regiões metropolitanas e três Regiões Integradas de Desenvolvimento – Rides.

São corretas:

- (a) I, II e III.
- (b) apenas I e II.
- (c) apenas I e III.
- (d) apenas II e III.

29 Uece 2008 A urbanização no Brasil ocorreu de modo acelerado nas últimas décadas do século XX, comprimindo no tempo um fenômeno que em outros países aconteceu lentamente. Considere as seguintes afirmações que tratam do processo da urbanização brasileira:

- I. As indústrias tiveram papel central no crescimento das metrópoles, sobretudo aquelas localizadas no Sudeste.
- II. As metrópoles brasileiras tornaram-se lugar da crise urbana, relevada pela precariedade do sistema de transportes e falta de moradia entre outros problemas que afligem a população de baixa renda.

- III. No Nordeste, apesar da pobreza rural, a urbanização com industrialização promoveu um aumento no nível de renda dos trabalhadores.
- IV. A extensão contínua dos grandes centros urbanos é definida por cidades que balizam regiões de agricultura moderna, como é caso de Ribeirão Preto em São Paulo.

Assinale o correto.

- (a) Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
- (b) As afirmações I, II e III são as únicas verdadeiras.
- (c) As afirmações I, II e IV são as únicas verdadeiras.
- (d) Apenas as afirmações I, III e IV são verdadeiras.

30 Uece 2008 A tradição nos estudos de geografia urbana no Brasil privilegiou a análise das áreas metropolitanas e o crescimento das grandes cidades. Recentemente, observa-se um crescente interesse pela compreensão das cidades médias e suas articulações no contexto regional e nacional. Assinale o correto.

- (a) No contexto da rede urbana, as cidades médias constituem-se como nós articuladores entre as pequenas cidades e seus distritos.
- (b) As cidades médias estão vinculadas, apenas, ao adensamento populacional uma vez que, na nova hierarquia urbana, o tamanho da população é mais importante que a posição da cidade.
- (c) As cidades médias são centros que oferecem bens e serviços com certo grau de especialização para o contexto regional em que estão localizados.
- (d) As cidades médias se caracterizam pela presença de inúmeros problemas ambientais, o que não ocorre com os centros metropolitanos.

31 UEG 2007 O intenso processo de urbanização no Brasil está relacionado à industrialização e ao êxodo rural-urbano desencadeado a partir de 1950, causando reflexos diretos e indiretos no espaço urbano. São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte são exemplos marcantes dessa intensa urbanização, apresentando graves problemas sociais, como surgimento de favelas e bairros clandestinos, falta de saneamento básico, aumento do desemprego e do emprego informal, crescimento da violência etc. Em relação à temática, é correto afirmar que:

- (a) as migrações campo-cidade no Brasil vêm desempenhando espontaneamente, sem interferência compulsória ou mesmo planificadora do Estado, funções de extraordinária importância, como, por exemplo, o crescimento da população rural e a favelização.
- (b) uma característica marcante no processo de urbanização é o crescimento das atividades primárias e secundárias, especialmente aquelas ligadas à economia informal.
- (c) a partir de 1990, observa-se uma nova tendência dos fluxos migratórios no Brasil, por causa, entre outros fatores, da redução nos postos de trabalho, do aumento da informalidade e do redirecionamento dos investimentos para as metrópoles.

- (d) o processo de urbanização no Brasil apresenta um padrão periférico, com formação de amplas manchas urbanas e concentração da população de baixa renda em áreas periféricas.

32 UFG 2007 A polarização que os centros urbanos exercem uns sobre os outros determina a hierarquia urbana, em escala nacional. Nessa perspectiva, a concepção de metrópole regional abrange:

- (a) extensas regiões, com influências que ultrapassam o limite estadual.
- (b) cidades menores e vilas dentro de um limite determinado pelo centro regional.
- (c) distritos, povoados, comunidades rurais e áreas vizinhas, no limite municipal.
- (d) todo o território nacional, direcionando a vida econômica e social.
- (e) centros regionais menores, com raio de ação inferior à esfera estadual.

33 UFPel 2007 De acordo com dados da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e o Caribe), três em cada quatro pessoas na América Latina vivem em cidades e, destas, 44% em favelas ou habitações precárias. O Brasil é um dos países mais urbanizados do mundo, com mais de 80% de sua população considerada urbana.

Juntamente com o número de pessoas que buscam as cidades por causa das melhores ofertas de qualidade de vida, os problemas urbanos têm se multiplicado.

Analise as seguintes afirmações.

- I. A desigualdade regional na urbanização brasileira é bastante grande, apesar de o acesso a serviços públicos de saneamento ser deficiente de maneira geral. Essa situação é mais grave na região Norte do que na Sudeste.
- II. No interior das cidades, as desigualdades sociais expõem a exclusão, mas as periferias, apesar do seu crescimento desordenado, são dotadas de boas condições de infraestrutura em saúde e segurança.
- III. Uma das principais causas da expansão das favelas no Brasil é o êxodo rural; além disso, outro fato que faz crescer a população de favelados é a alta taxa de fecundidade, que normalmente é maior entre a população mais pobre.
- IV. Uma nova lógica na organização da sociedade, impulsionada pelo maior número de fábricas, inovações econômicas, integração por transportes e telecomunicações, refletiu-se no aumento das taxas de urbanização no Brasil, a partir da década de 1960.
- V. A Constituição de 1988 do Brasil limita ao Governo Federal a competência para a criação de regiões metropolitanas, reconhecendo o processo de conurbação, pelo qual o crescimento de cidades vizinhas forma um só conjunto, compartilhando da mesma malha urbana econômica e de infraestrutura.

Estão corretas apenas as alternativas:

- (a) I, IV e V. (c) II e IV. (e) III e V.
- (b) II, III e V. (d) I, III e IV.

34 PUC-RS 2005 Segundo a ONU, as decisões internacionais estão centralizadas conforme uma hierarquia urbana que contempla a organização do mundo global. Quanto a essa hierarquia, é correto afirmar, sobre as chamadas megacidades, que:

- (a) apresentam menos de 5 milhões de habitantes, porém possuem importante participação internacional nos aspectos culturais e financeiros.
- (b) são definidas por um critério quantitativo, pois nem todas apresentam recursos tecnológicos suficientes para centralizarem informações e serviços globais.
- (c) são comparáveis às cidades globais por apresentarem as maiores sedes de empresas transnacionais.
- (d) estão localizadas na Ásia e na África, sendo caracterizadas como polos articuladores do capital global.
- (e) concentram a maior parte da população no setor secundário da economia.

35 UEG 2005 Com o advento da globalização, a economia internacional avança e, com ela, as metrópoles comandam espaços econômicos maiores, desenvolvendo-se de todas as formas: em número de habitantes, na prestação de serviços, na sofisticação da rede financeira e nos serviços de telecomunicações. Com essas transformações passaram a ser conhecidas como “cidades globais”.

A respeito desse assunto, pode-se afirmar que são cidades globais:

- (a) Tóquio, Londres e Nova York.
- (b) Tóquio, São Paulo e Dacca.
- (c) Londres, México e Lagos.
- (d) Zurique e São Paulo.
- (e) Karachi e Buenos Aires.

36 UEL 2007 “Cidades e regiões em todo o planeta estão sendo profundamente modificadas em suas estruturas e condicionadas em seus crescimentos econômicos pela ação combinada de três importantes processos históricos: revolução tecnológica, formação da economia global e a emergência de uma forma informacional de produção e gerenciamento”, dizem Castells & Hall (1994). E, como resposta natural a este desafio no mundo em processo de globalização, surgem as Tecnópolis, sofisticadas áreas urbanas, envolvidas por regiões competentes para o desenvolvimento da indústria baseada em alta tecnologia.

R. Borba. *A Cidade Cognitiva: proposição para o desenvolvimento local na era do conhecimento*. 2000, p. 202. 344f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.geocities.com/robinsonborba/CognitiveCity>.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, assinale a alternativa que caracteriza uma Tecnópolis.

- (a) Comprometidas com a questão ambiental, trazendo em seu bojo a esperança de um verdadeiro desenvolvimento sustentável, as Tecnópolis são a imagem da “Nova Economia” que apenas está começando a ser impressa em nossa sociedade: arquitetura com equilíbrio, edifícios envolvidos por um ar leve e agradável em meio a impecáveis paisagens, onde pessoas trabalham felizes em ambientes puros e saudáveis.

- (b) O desenvolvimento tecnológico empreendido em uma Tecnópolis visa a capacitar a economia regional tendo por objetivos: ampliar a base de postos de serviços qualificados mais bem remunerados; melhorar a competitividade pública e empresarial; aumentar a produtividade pública e empresarial.
- (c) Metas do desenvolvimento tecnológico somente serão alcançadas com ações isoladas. É essencial, para uma Tecnópolis, ter clara em sua meta uma estratégia de política tecnológica para construir uma inter-relação de parcerias fundamentalmente locais, aproximando oferta e demanda de tecnologia, informações, produtos e serviços.
- (d) Os efeitos sinérgicos da Tecnópolis refletem a consolidação de baixos investimentos, setorização dos especialistas e pesquisadores de diferentes áreas, adaptação dos projetos às necessidades supranacionais, independentemente de facilidades do acesso das empresas a profissionais e serviços oferecidos.
- (e) Caracterizada por uma gestão tecnológica compartilhada pela sociedade nacional e internacional, que conduz à criação de um complexo de atividades em um determinado espaço descentralizador, esta estrutura operacional é uma espécie de terceira via de uma Tecnópolis.

37 Uerj 2004 Observe os dados da tabela a seguir, que estão correlacionados com as mudanças na organização espacial metropolitana nas últimas décadas.

Nova York e Chicago: percentual de trabalhadores empregados por setores, 1981-1996

Setores	Ano/Cidades					
	1981		1985		1996	
	Nova York	Chicago	Nova York	Chicago	Nova York	Chicago
Indústria	16,0	28,4	14,0	20,9	8,1	17,6
Transportes, comunicações e utilidades	6,5	5,4	6,5	5,8	6,2	7,0
Financeiro, seguros e imobiliário	11,5	6,1	12,4	7,4	23,2	10,3
Serviços	23,3	21,2	26,5	24,6	43,5	37,1

S. Sassen. *The global city*. New York: Princeton University Press, 2001. (Adapt.).

Podemos concluir que Nova York e Chicago são exemplos de cidades onde vem se acentuando o processo de:

- (a) terceirização.
- (b) periferização.
- (c) terciarização.
- (d) hierarquização.

38 FGV 2009 Observe a imagem que apresenta um fato comum encontrado em grande parte das médias e grandes cidades brasileiras na década de 1990.



G. G. Azevedo e F. M. Santos. *Panorama do mundo*, 1992.

Decorridos mais de 10 anos entre o momento da foto e os dias atuais, pode-se afirmar que o planejamento urbano, no Brasil, é:

- (a) uma realidade evidente que, de certo modo, consegue reduzir o *apartheid* urbano.
- (b) considerado renovador porque está sempre transformando as áreas centrais das cidades.
- (c) insipiente porque não consegue corrigir as distorções criadas pelo crescimento desordenado.
- (d) resultado do amadurecimento e mobilização da sociedade que reivindica melhorias na infraestrutura.
- (e) responsável por um rígido controle do crescimento urbano, via fiscalização do Estado.

39 UEG 2010

Invadindo espaços

As cidades que antes serviam para abrigar os cidadãos, hoje são o ambiente típico dos automóveis.

Nos países em desenvolvimento, a ação do poder público em favor do automóvel foi e tem sido tão eficaz que fica cada vez mais difícil para os moradores das cidades viver com um mínimo de conforto sem um automóvel particular. Só os que, em razão do seu padrão de renda, não podem almejar ter um carro sujeitam-se ao ineficiente sistema de transporte público. Neles perdem várias horas do dia, muitos dias por ano, alguns anos de vida.

Se as condições fossem outras, se o transporte público fosse mais eficiente, menor seria a parcela de renda que boa parte da população precisa reservar para compra e manutenção de um carro particular, menores seriam as demandas por investimentos públicos no sistema viário, maiores seriam as disponibilidades da renda pessoal para outras atividades, incluindo lazer, e maiores seriam os recursos que o poder público poderia destinar para melhorar a qualidade de vida de uma população.

Jorge J. Okubaró. *O automóvel, um condenado?* São Paulo: Senac, 2001, p. 52-3. (Adapt.).

De acordo com a análise do texto acima, é correto afirmar que:

- (a) o elevado custo, os problemas de congestionamento das grandes cidades (ônibus, automóveis, caminhões) são os maiores responsáveis pela poluição atmosférica nos centros urbanos, ocasionando a redução na qualidade de vida da população.
- (b) a baixa tarifa do transporte urbano é um incentivo ao trabalhador, independentemente do tempo gasto para o deslocamento entre a casa e o trabalho, o que resulta em ganho no orçamento no final do mês.

- (c) a qualidade do transporte coletivo urbano, fruto de estratégias de planejamento, acaba por estimular a utilização do transporte coletivo, diminuindo o número de veículos nos grandes centros urbanos.
- (d) a crescente preocupação com o planejamento urbano pelos órgãos oficiais do governo tem trazido melhorias na condução do tráfego e a diminuição dos custos na infraestrutura viária.

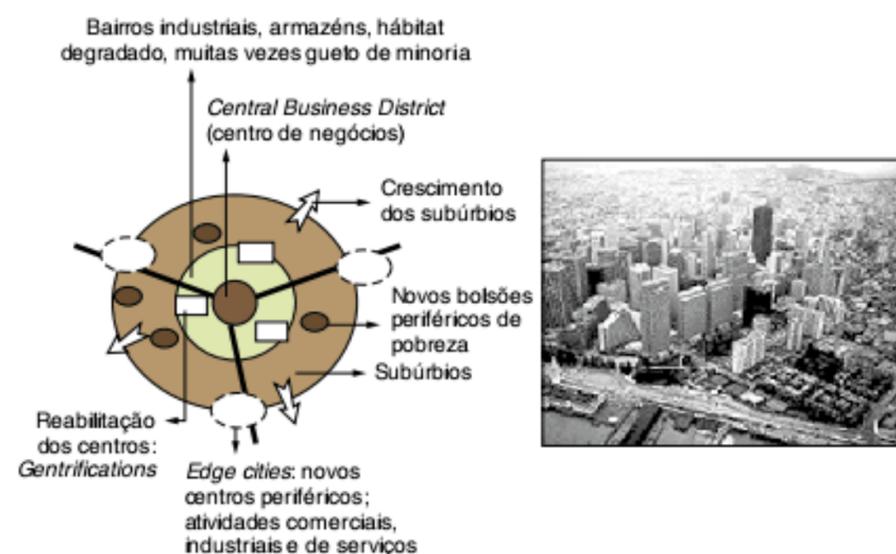
40 Enem 2009 O trânsito nas grandes cidades se transformou em problema que exige criatividade e pesados investimentos. A multiplicação dos acidentes, congestionamentos quilométricos e a poluição urbana, por exemplo, preocupam a sociedade. A indústria, por sua vez, teve de investir tanto em segurança ativa, facilitando o controle do veículo pelo motorista, quanto passiva, a fim de diminuir as consequências dos sinistros. A preocupação ambiental engloba também o trânsito, mas uma solução efetiva nessa área não pode se restringir à escolha de combustíveis pouco poluentes. A escritora Raquel de Queiroz, fazendo uma reflexão bem-humorada, em artigo da revista "O Cruzeiro", desafiava o leitor a imaginar como seriam as cidades da década de 1970 com carruagens puxadas por cavalos: "a poluição causada pelos excrementos dos animais literalmente sufocaria a todos".

Disponível em: <www.primeiramao.com.br>. Acesso em: 20 set. 2008. (Adapt.).

Com base no texto anterior e na situação atual do trânsito, infere-se que:

- (a) os acidentes eram mais frequentes na época das carruagens, devido à falta de segurança nos transportes.
- (b) as carruagens a tração animal em circulação têm alto impacto ambiental.
- (c) o número de veículos em circulação nas grandes cidades é parte importante do problema.
- (d) a segurança no trânsito se alcança com base numa escolha responsável da matriz energética.
- (e) a solução para os problemas ambientais da atualidade é o retorno a meios de transporte antigos.

41 FGV 2007 Ao longo do século XX, as cidades norte-americanas se organizaram espacialmente de um modo original: a partir do "Central Business District" (CBD), elas se estruturaram em circunferências concêntricas tendo como referência o nível de renda da população.



Com base no texto e nas figuras:

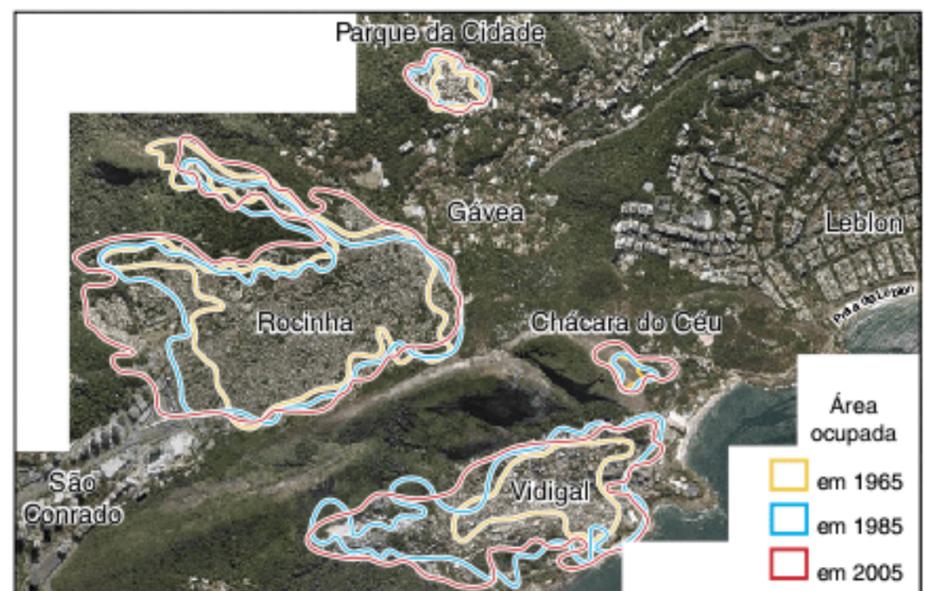
- a) apresente duas razões que expliquem a verticalização do CBD.
- b) indique dois motivos para a valorização da periferia urbana.

42 PUC-Rio 2006 A rápida urbanização pela qual passou a sociedade brasileira foi certamente uma das principais questões sociais experimentadas no país no século XX. Enquanto em 1960 a população urbana representava 44,7% da população total, no ano 2000, 81,2% da população brasileira vivia em cidades. Essa transformação, já imensa em números relativos, torna-se ainda mais assombrosa se pensarmos nos números absolutos, que revelam também o crescimento populacional do país como um todo: em 40 anos a população urbana aumentou de 31 milhões para 137 milhões, ou seja, as cidades receberam 106 milhões de novos moradores no período. A urbanização vertiginosa, coincidindo com o fim de um período de acelerada expansão da economia, introduziu no território das cidades novos e dramáticos significados.

Estatuto das Cidades. Brasília, 2005.

Cite três exemplos de como esses dramáticos significados se apresentam no território urbano.

43 Uerj 2008 Quatro favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro cresceram 81% em quatro décadas.



O Globo, 3 jun. 2007. (Adapt.).

Com base na análise da imagem acima, apresente dois argumentos que expliquem a expansão dessas quatro favelas na área mais valorizada da cidade.

44 PUC-SP 2008 Leia com atenção.

Quase metade dos municípios que hoje estão no topo da lista de dengue de seus estados já havia sido alertada sobre o risco de epidemia no final do ano passado pelo Ministério da Saúde. 108 municípios estavam em estado de alerta ou de emergência. O aviso não surtiu o efeito esperado. Mesmo alertados, 53 dos 108 municípios não agiram de forma adequada e hoje figuram na lista com maior número de casos.

53 municípios ignoram alerta e agora enfrentam surto de dengue. O Estado de S. Paulo, 27 out. 2007, p. A35. (Adapt.).

Considerando que a doença é transmitida por um mosquito que põe seus ovos (procria) em recipientes com água limpa, pode-se dizer que:

- (a) em cidades nas quais o sistema de abastecimento de água é precário, e as pessoas devem estocar águas, o risco é maior. Esse é o caso de muitos municípios brasileiros na região do Nordeste brasileiro.
- (b) os municípios dos Estados mais desenvolvidos, como São Paulo, por exemplo, estão praticamente livres da dengue, inclusive nas áreas litorâneas mais chuvosas, em razão da eficácia das campanhas.
- (c) nas grandes metrópoles brasileiras, pelo fato de existirem infraestruturas urbanas modernas disseminadas por toda sua extensão, o risco da dengue se tornou bastante baixo.
- (d) as regiões mais secas do país, sem estação chuvosa importante, tais como o Centro-Oeste brasileiro e o Nordeste, estão praticamente livres da dengue, pelo fato de não haver acúmulo de água limpa.
- (e) as chances de a dengue se tornar epidêmica em cidades de espaços muito compactos é bem menor, em razão da facilidade de se localizarem e eliminarem os criadouros, sempre próximos uns dos outros.

45 Fuvest 2008

① NUNCA MAIS CONSEGUIMOS RETIRAR OS CARROS DO ENGARRAFAMENTO DE 10 DE JANEIRO DE 98, NO ANEL VIÁRIO DA INTERLIGAÇÃO DA RADIAL LESTE COM A 23 DE MAIO.



② DEPOIS DE INÚMERAS TENTATIVAS DE REMOÇÃO, A PREFEITURA APELOU PARA UMA SOLUÇÃO INUSITADA.



③ JOGOU ASFALTO SOBRE AS CARÇAÇAS AMONTADAS EM TODA A REGIÃO.



④ A NOVA PAVIMENTAÇÃO REALIZADA SOBRE AQUELA MONTANHA DE FERRAGENS RESULTOU NUMA ELEVACÃO DA VIA, SOTERRANDO O VALE DO RIO ITORORÓ. HOJE, 50 ANOS DEPOIS, A AVENIDA 23 DE MAIO SE ESTENDE SOBRE UMA IMENSA ÁREA PLANA, DO CENTRO ATÉ O IBIRAPUERA.



Revista Atenção. Editora Página Aberta, ano 2, n. 5, 1996. (Adapt.).

A charge apresentada, satirizando uma situação problemática, comum às grandes cidades, sugere a:

- I. importância da circulação para a dinâmica das atividades urbanas, exigindo da municipalidade a produção de soluções.
- II. hegemonia do automóvel particular frente ao transporte público coletivo, resultando em entraves à fluidez do tráfego viário.
- III. ausência de instrumentos legais de planejamento urbano, impedindo o processo de metropolização.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) III, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

46 PUC-RS 2008 INSTRUÇÃO: Para responder à questão, considere as afirmativas referentes às favelas no Brasil.

- I. A existência das favelas está relacionada diretamente ao desequilíbrio entre baixa oferta de imóveis para compra e alta demanda de mercado.
- II. A ocupação desordenada das favelas degrada o meio físico e causa problemas ambientais.
- III. O aumento das favelas está associado ao ingresso, nas últimas décadas, de latino-americanos e asiáticos, que entram ilegalmente no país.
- IV. O êxodo rural e os baixos salários pagos nas áreas urbanas auxiliam a explicar o aumento das favelas.

As afirmativas corretas são, apenas:

- (a) I e II.
- (b) I e III.
- (c) I e IV.
- (d) II e IV.
- (e) II, III e IV.

47 Uerj 2007 O contraste entre as fotos a seguir é um exemplo das transformações por que passou a cidade do Rio de Janeiro em mais de meio século.



Veja, 20 abr. 2005.

Dois processos fundamentais que contribuíram para essas transformações são:

- (a) mudança da capital para Brasília, em 1960, e criação das zonas administrativas, em 1978.
- (b) constituição da Região Metropolitana, em 1945, e renovação urbana com o Rio Cidade I, em 1980.
- (c) verticalização acentuada, a partir dos anos 1950, e difusão do transporte rodoviário, a partir dos anos 1960.
- (d) ampliação de moradias na periferia, a partir dos anos 1970, e expansão urbana da Zona Oeste, a partir dos anos 1980.

48 Uerj 2007

Trem da central

*Empurra pra entrar dez mil
nesse trem da Central do Brasil
Eu já vou na porta pra saltar em Bangu
sei que vou ser chutado e pisado pra chuchu
No outro dia não saltei onde moro
me chutaram do trem na estação de Deodoro
[...]*

César Cruz; Silvinha Drumond, 1959.

Avenida Brasil, tudo passa, quem não viu?

*De lá pra cá, daqui pra lá eu vou (ah, como vou)
Com meu amor vou viajando nessa Avenida
pela faixa seletiva no sufoco dessa vida
tudo passa, quem não viu?
Uma confusão de coisas assim é a Avenida Brasil
Linha Vermelha vem cortando a Maré [...]
Do importado à carroça o contraste social
Nesse rio de asfalto o dinheiro fala alto
É a filosofia nacional [...]*

Dico da Viola; Jefinho; Jorge Gannen, 1994.

Tanto a marcha do carnaval de 1959 quanto o samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel de 1994 fazem referência às condições da circulação urbana na cidade do Rio de Janeiro.

Uma característica, associada aos meios de transporte, preservada durante o tempo decorrido entre os dois momentos retratados e sua consequência urbana são:

- (a) estatização do sistema de transporte – intensificação da ocupação da periferia.
- (b) longa duração dos movimentos pendulares – aceleração do processo de favelização.
- (c) prioridade para o transporte de massa – incentivo ao processo de segregação urbana.
- (d) custo elevado de tarifas – concentração espacial de comércio e serviços na Área Central.

49 UFG 2008 Considere a seguinte situação:

Em fevereiro de 2007, após vários dias chuvosos, na região Sudeste do Brasil, ocorreram diversos processos relativos a movimentos de massa. O bairro “Paraíso” foi um dos lugares com maior número de vítimas, entre fatais e feridos. Esse bairro localiza-se numa área desprovida de vegetação, com declividade acentuada, vertentes longas e retilíneas, solos pouco profundos e grande densidade de construções civis. Num período

de curta duração, observou-se uma significativa diferença entre o solo que foi movimentado juntamente com os destroços das casas e o material que permaneceu no local.

Tendo por referência as características físico-naturais da área e a forma de uso e ocupação do solo, verifica-se que o movimento de massa responsável pelo fenômeno expresso no texto refere-se ao:

- (a) assoreamento.
- (b) desmoronamento.
- (c) rastejamento.
- (d) escorregamento.
- (e) solapamento.

50 UFMG 2007 Analise este trecho de música, em que se retratam condições socioambientais das grandes cidades brasileiras:

A cidade

*A cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais e camelôs
A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce*

Chico Science. *A Cidade*.

A partir dessa análise, é incorreto afirmar que, nesse trecho de música, o autor:

- (a) considera a exclusão social como uma característica marcante das sociedades urbanas, que tem aumentado à medida que se intensifica a concentração de renda.
- (b) denuncia a pequena mobilidade econômica das classes sociais, decorrente da intensificação da divisão do trabalho que acompanha o processo de urbanização.
- (c) exalta o modo de vida urbano ao alegar que, nas cidades, a posse de bens duráveis – como automóveis e motocicletas – é traço característico de seus habitantes.
- (d) inclui o contingente populacional urbano inserido no mercado de trabalho informal, comumente ligado à expansão do subemprego e do desemprego estrutural.

51 UFOP 2008 Leia o parágrafo a seguir.

O modelo de urbanização brasileiro produziu nas últimas décadas cidades caracterizadas pela fragmentação do espaço e pela exclusão social e territorial. O desordenamento do crescimento periférico associado à profunda desigualdade entre áreas pobres, desprovidas de toda a urbanidade, e áreas ricas, nas quais os equipamentos urbanos e infraestruturas se concentram, aprofunda essas características, reforçando a injustiça social de nossas cidades e inviabilizando a cidade para todos. [...]

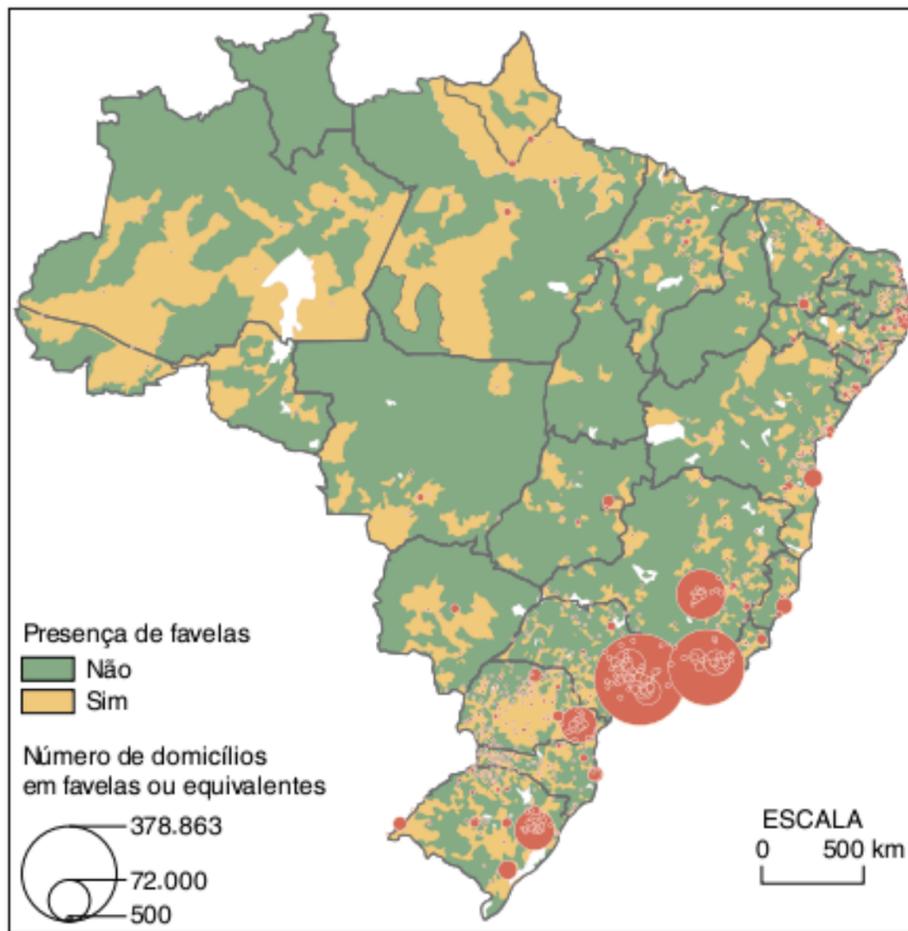
Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Programas Urbanos. Disponível em: <www.cidades.gov.br/>.

Com base no texto, assinale a alternativa incorreta.

- (a) A maior parte dos investimentos públicos se destina às áreas centrais das cidades.
- (b) A população mais rica usufrui melhor dos equipamentos e da infraestrutura urbana.
- (c) As cidades brasileiras abrigam algum tipo de assentamento precário da sua população.
- (d) As diferenças de acesso aos recursos urbanos reforçam as desigualdades sociais.

52 UFSM 2006 Observe o mapa.

Favelas



H. THÉRY E N.A. MELLO. ATLAS DO BRASIL. DESPARIIDADES E DINÂMICAS DO TERRITÓRIO. SÃO PAULO: EDUSP 2005. P. 193.

A respeito da presença das favelas no território brasileiro, é incorreto afirmar que:

- (a) o fenômeno está presente em todo o território nacional, mesmo em regiões de densidades populacionais reduzidas.
- (b) a maior densidade encontra-se nas capitais dos estados da região Sudeste, porém são, contraditoriamente, inexistentes nas cidades do interior.
- (c) apesar da distribuição irregular pelo território, a região concentrada (Sudeste e Sul) é a mais representativa do fenômeno, tanto em número quanto em densidade.
- (d) em sua origem povoadas por pobres, muitas favelas apresentaram melhoria em infraestrutura, abrigando pessoas de classe média.
- (e) no Rio Grande do Sul, embora dispersa, a maior densidade de domicílios em favelas encontra-se na região metropolitana e na denominada Metade Sul do Estado.

53 UFPE 2006 Sobre a Urbanização e a Industrialização no Brasil, pode-se afirmar que:

- a região Norte do Brasil é uma região onde a população rural é maior que a urbana, uma vez que contém muita extração madeireira, colonização familiar e formação de novas explorações rurais, sendo a produção industrial e os serviços, irrelevantes.
- a política industrial de substituição de importações, nos anos de 1950 e 1960, permitiu que, mesmo diante da forte emigração no campo e do crescimento populacional alto, o país pudesse oferecer chances de emprego à população brasileira.

- o PIB industrial do estado de São Paulo – e do Brasil – concentra-se na região metropolitana paulista; e estudos recentes não identificam nenhuma reversão nesta tendência de localização (região metropolitana de SP), inclusive, no setor da indústria automobilística.
- o processo geral da urbanização no Brasil apresenta pouquíssima relação causal com a industrialização no país, a julgar pelo crescimento, nos últimos anos, da população nas sedes dos pequenos municípios dominados pelo emprego informal e malremunerado.
- entre as macrorregiões do Brasil, a região Sudeste, em torno de 1950, foi aquela em que primeiro a população urbana ultrapassou a população rural. Para o Brasil, no seu conjunto, isto ocorreu nos anos de 1960.

54 UEL 2007 As recentes transformações urbanas implicam um aprofundamento do processo de segregação socioespacial agravado pela violência urbana. A emergência de um novo padrão de segregação residencial é marcada pelos denominados “enclaves fortificados”, os quais representam a incorporação de um estilo de vida relacionado a novos comportamentos de consumo, inspirado nas metrópoles americanas. O consumo refere-se, principalmente, ao acesso de bens, serviços e valores socioespaciais simbólicos, tais como o verde, a privacidade, o *status* e a segurança.

São representantes da situação descrita anteriormente:

- (a) os conjuntos habitacionais, os conjuntos comerciais e os espaços de lazer e turismo.
- (b) os condomínios fechados residenciais, os conjuntos de escritórios e os *shopping centers*
- (c) as favelas, os condomínios comerciais e as fábricas.
- (d) as associações de moradores, as galerias comerciais e os parques fabris.
- (e) os cortiços, os pontos de comércio urbano e as áreas de trocas informais.

55 UFG 2005 A metrópole é o lugar em que se dão sucessivas adaptações do espaço urbano com o objetivo de atender às exigências do mundo moderno, o que a distingue de quaisquer outras cidades. A distinção entre as metrópoles e as outras cidades brasileiras pode ser identificada pela:

- (a) construção de habitações para absorver a população oriunda da zona rural.
- (b) construção de grandes avenidas perimetrais e radiais que cruzam a cidade.
- (c) revitalização do sítio urbano e dos centros históricos para preservar a memória urbana.
- (d) implantação de infraestruturas e serviços que interligam e polarizam vários centros urbanos.
- (e) valorização dos terrenos nas áreas periféricas por causa do crescimento horizontal da cidade.

56 UFPE 2006 As cidades no mundo vêm apresentando, desde meados do século, e particularmente nas últimas décadas, significativas mudanças na sua forma (morfologia). Fatos que representam, influenciaram ou estão associados a estas mudanças são:

- a disseminação do uso do transporte individual automotivo, requerendo vias largas e amplas áreas de estacionamento.
- a presença das grandes estruturas do varejo, denominadas *shopping centers*, que passaram a competir com os tradicionais "centros" das cidades que, em muitos casos, entraram em decadência.
- o desenvolvimento das vias de contorno (perimetrais), na circulação urbana das médias e grandes cidades, vias estas ligando os subúrbios espalhados e revelando a crescente importância de outros roteiros de deslocamento dentro da cidade, para trabalho, compras, serviços etc., que não aqueles deslocamentos radiais da população em direção ao centro.
- a formação dos corredores de serviços e comércio, seja nas vias radiais seja nas de contorno, como espécies de centros alongados, que competem com o velho centro e pressupõem uso amplo do transporte individual.
- a criação de seções ou zonas funcionais nas grandes cidades – fora do centro tradicional mas beneficiadas por acesso – com concentração de serviços, como saúde, finanças, seguros, consultorias, imobiliárias, escritórios de firmas em geral, transportadoras, serviços etc.

57 UFRGS 2005 O estudo da organização interna das cidades permite entender vários aspectos da sua economia, gestão e estrutura socioespacial.

Associe as conceituações relacionadas ao espaço urbano, dadas no bloco II com os termos a que se referem, enumerados no bloco I.

BLOCO I

1. Vazio urbano
2. Espaço de consumo
3. Cidade informal
4. Condomínio fechado

BLOCO II

- Parcelado espaço urbano carente de infraestrutura, onde a maioria da população vive em loteamentos clandestinos.
- Local que as classe sociais de maior renda escolhem para morar, em função da segurança, do conforto e do contato com a natureza.
- Área de grandes proporções dentro dos limites urbanos do município, geralmente subutilizada, aguardando valorização para fins imobiliários especulativos.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- (a) 3 – 2 – 1. (c) 3 – 4 – 1. (e) 2 – 3 – 4.
 (b) 1 – 3 – 2. (d) 1 – 4 – 2.

58 Unesp 2004 A tabela seguinte contém dados das regiões metropolitanas com mais de 10 milhões de habitantes em 2000, números que são uma fonte de constante preocupação para a ONU, visto que em 1950 apenas Londres e Nova York atingiam este total. As projeções indicam que, em 2015, 23 áreas metropolitanas terão mais de 10 milhões de habitantes.

Regiões metropolitanas com população superior a 10 milhões de habitantes no ano 2000 e projeção para o ano de 2015

2000		2015	
Tóquio	26,4	Tóquio	26,4
Cidade do México	18,1	Mumbai (ex-Bombaim)	26,1
Mumbai (ex-Bombaim)	18,1	Lagos	23,1
São Paulo	17,8	Daca	21,1
Nova York	16,6	São Paulo	20,4
Lagos	13,4	Karachi	19,2
Los Angeles	13,1	Cidade do México	19,2
Calcutá	12,9	Nova Iorque	17,4
Xangai	12,9	Jakarta	17,3
Buenos Aires	12,6	Calcutá	17,3
Daca	12,3	Nova Délhi	16,8
Karachi	11,8	Manila	14,8
Nova Délhi	11,7	Xangai	14,6
Jakarta	11,0	Los Angeles	14,1
Osaka	11,0	Buenos Aires	14,1
Manila	10,9	Cairo	13,8
Pequim	10,8	Istambul	12,5
Rio de Janeiro	10,6	Pequim	12,3
Cairo	10,6	Rio de Janeiro	11,9
		Osaka	11,0
		Tianjin	10,7
		Hyderabad	10,5
		Bangcoc	10,1

ONU, 2001.

Analise a tabela e, utilizando seus conhecimentos geográficos, assinale a alternativa que contém três consequências deste elevado crescimento populacional e os países onde este processo tem sido mais intenso.

- (a) Aumento do poder aquisitivo, diminuição dos investimentos estrangeiros, aumento da produção industrial; países do Oriente Médio e da América Latina.
- (b) Diminuição da população economicamente ativa, aumento do setor informal, aumento da população abaixo da linha de pobreza; países da Ásia e da África.
- (c) Aumento do trabalho infantil, aumento do setor agrícola, aumento da produção industrial; países da Ásia Meridional e Extremo Oriente Asiático.
- (d) Diminuição da população economicamente ativa, aumento do setor eletroeletrônico, aumento da escolaridade; países da Europa de Leste e da África.
- (e) Aumento do número de mulheres, diminuição da produção agropecuária, diminuição da população abaixo da linha de pobreza; países da Europa Ocidental e Austrália.

59 UEL 2009 Esta última fonte (IBGE, 2000) traz também a informação de que mais da metade da população brasileira (60%) não tem acesso à rede de esgoto, enquanto a distribuição de água tratada é mais abrangente (76,1%). [...] Com relação ao esgotamento sanitário, por exemplo, a pior situação ocorre no Norte (97,2% da população não é atendida), sendo que no Sudeste a cobertura é mais ampla (36,4% não são atendidos). Em relação à distribuição de água a situação é parecida; observa-se que a população atendida é de 84,6% no Sudeste, enquanto no Norte é de apenas 51,9%.

Tabela I: Distribuição dos recursos hídricos* no Brasil por regiões

Região Norte	Região Centro-Oeste	Região Sul	Região Sudeste	Região Nordeste
68,5%	15,7%	6,5%	6%	3,3%

* Distribuição de recursos hídricos equivale à disponibilidade de água nas bacias hidrográficas.

F. Mendonça; L. J. C. Santos. Gestão da água e dos recursos hídricos no Brasil: Avanços e desafios a partir das Bacias Hidrográficas – uma abordagem geográfica. *Geografia*, Rio Claro, v. 31, n. 1, p. 103-17, jan./abr. 2006

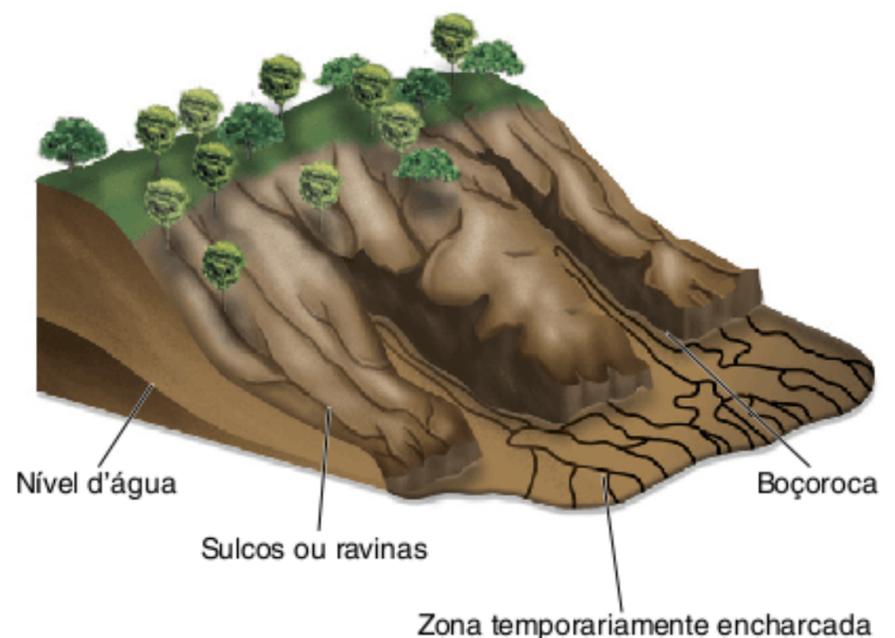
Com base no texto, na tabela e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

- I. A distribuição dos recursos hídricos é equilibrada entre as grandes regiões brasileiras dado que a maior abundância de águas corresponde às regiões de maior densidade de ocupação humana e maior crescimento da agricultura irrigada.
- II. A maior abrangência da distribuição de água tratada em relação ao esgoto indica que a carência de rede de esgoto projeta para o futuro possibilidades de escassez de água gerada pelo comprometimento das fontes primárias desse recurso, em face do contínuo lançamento de dejetos na rede hidrográfica.
- III. A distribuição dos recursos hídricos no Brasil revela que onde estes existem em abundância se encontram também ameaças importantes, como a situação de risco dos pequenos córregos e rios, caracterizada pelo baixo grau de acesso da população a sistemas sanitários apropriados.
- IV. Nas regiões Sul e Sudeste, os problemas de degradação da qualidade da água são menos importantes do que na região Norte, devido aos baixos índices de disponibilidade hídrica e ao alto grau de cobertura dos sistemas de saneamento básico daquelas regiões.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

60 Enem 2010



W. Teixeira et al. (Orgs). *Decifrando a Terra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

Muitos processos erosivos se concentram nas encostas, principalmente aqueles motivados pela água e pelo vento. No entanto, os reflexos também são sentidos nas áreas de baixada, onde geralmente há ocupação urbana. Um exemplo desses reflexos na vida cotidiana de muitas cidades brasileiras é:

- (a) a maior ocorrência de enchentes, já que os rios assoreados comportam menos água em seus leitos.
- (b) a contaminação da população pelos sedimentos trazidos pelo rio e carregados de matéria orgânica.
- (c) o desgaste do solo nas áreas urbanas, causado pela redução do escoamento superficial pluvial na encosta.
- (d) o aumento da incidência de doenças como a amebíase na população urbana, em decorrência do escoamento de água poluída do topo das encostas.

61 Uerj 2006 Florestas de pequenas e ameaçadoras plaquinhas que avisam: "Resposta Armada!" crescem nos gramados cuidadosamente aparados do "West Side" de Los Angeles. Até mesmo os bairros mais ricos se isolam atrás de muros guardados por polícia privada armada e por moderníssimos equipamentos de vigilância eletrônica.

Nós vivemos em cidades brutalmente divididas entre "células fortificadas" da sociedade afluyente e "lugares de terror" onde a polícia guerreia contra o pobre criminalizado.

Mike Davis. *Cidade de Quartzos*. São Paulo: Página Aberta, 1993. (Adapt.).

O texto anterior descreve um processo socioespacial que também pode ser observado em metrópoles brasileiras, como o Rio de Janeiro. A partir dessa comparação:

- a) identifique esse processo e aponte o fator comum que o desencadeou nas duas cidades;
- b) cite duas ações do Estado que reforçam esse processo na cidade do Rio de Janeiro.

62 UFRJ 2006 O mapa a seguir destaca as principais áreas urbanas nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em 2003, o estado de São Paulo possuía três regiões metropolitanas (mostradas na tabela):



Regiões Metropolitanas	Data de Criação	Nº de municípios	Município-sede
São Paulo	8 / 6 / 1973	39	São Paulo
Baixada Santista	30 / 7 / 1996	9	Santos
Campinas	19 / 6 / 2000	19	Campinas

J. C. Moreira e E. de Sene. *Geografia Geral e do Brasil*. (Adapt.).

Elabore uma argumentação defendendo a ideia de que há melhores condições para a formação de uma megalópole entre os núcleos urbanos 1, 2 e 3 do que entre os núcleos 2 e 4. Sua argumentação deve se iniciar com a definição de megalópole.

63 UFRJ 2007



[...] Todas as grandes aglomerações urbanas situadas em sítios do Brasil Tropical Atlântico oferecem entraves para o escoamento das águas originadas em momentos de fortes chuvas. [...]

Aziz Ab'Saber. *São Paulo: Ensaio Entreveros*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Adapt.).

Apresente quatro fatores, decorrentes do processo de urbanização, que influenciam a frequência e a magnitude das enchentes que ocorrem em grandes cidades brasileiras.

64 Unesp 2006 Observe as tabelas que apresentam, em ordem decrescente, as cidades mais poluídas e mais limpas do globo, considerando a quantidade de emissão de poluentes e a qualidade do ar.

Cidades mais poluídas – 2005	Cidades mais limpas – 2005
Cidade do México, México	Calgary, Canadá
Pequim, China	Honolulu, EUA
Cairo, Egito	Katsuyama, Japão
Jakarta, Indonésia	Helsinque, Finlândia
Los Angeles, EUA	Otawa, Canadá
São Paulo, Brasil	Minneapolis, EUA
Moscou, Rússia	Montreal, Canadá
	Atlanta, EUA
	Boston, EUA
	Vancouver, Canadá

Fonte: OMS; M. H. Resource Consulting, 2004.

- Considerando a posição latitudinal, em qual hemisfério localiza-se a maioria das cidades relacionadas nas duas tabelas? Quais são as exceções a esta localização e em que tabela, 1 ou 2, aparecem?
- Que tipo de relação é possível estabelecer entre as cidades mais limpas, as mais poluídas e o nível de desenvolvimento econômico de seus respectivos países?

65 UFRGS 2006 Com a intensificação do processo de urbanização no Brasil, muitas bacias hidrográficas urbanas tiveram a sua cobertura alterada para superfícies impermeáveis, onde, em muitas ocasiões, foram construídos canais e galerias subterrâneos destinados ao escoamento das águas pluviais. Com relação às consequências do processo de urbanização sobre o ciclo hidrológico, considere os itens a seguir.

- aumento da infiltração
- aumento da vazão dos cursos-d'água
- diminuição do escoamento artificial
- diminuição da evapotranspiração

Os dois itens que constituem alterações ocasionadas pelo processo de urbanização sobre o ciclo hidrológico são os de números:

- (a) 1 e 2. (b) 1 e 3. (c) 2 e 3. (d) 2 e 4. (e) 3 e 4.

66 PUC-MG 2006 A urbanização é um processo cada vez mais presente no espaço geográfico brasileiro. Entre suas características, é incorreto afirmar que:

- a urbanização é definida por um determinado número de habitantes de uma cidade, não se restringindo ao crescimento físico ou a prolongamentos no meio circundante.
- as formas de urbanização resultam do espaço produzido e expressam o caráter de formação econômico-social de produção.
- a urbanização resulta da reprodução de comportamentos culturais e da estrutura de formação social urbana.
- a urbanização expressa a combinação de movimentos sociais, difusão de valores e informações.

67 PUC-MG 2006 No Brasil, antigos arranjos na base da centralidade urbana são afetados pela dinâmica cada vez maior das comunicações, favorecendo a integração, e pelas especializações dos contextos regionais, estabelecendo novas configurações nas relações sociais e econômicas. Nesse contexto, é incorreto afirmar que ocorre:

- o desaparecimento da área central, que perde sua função de comércio e de prestação de serviços.
- a descentralização geográfica da indústria e fortalecimento dos contextos regionais de urbanização.
- a intensificação da mobilidade das informações e dos fluxos de pessoas e mercadorias.
- a sobreposição das redes de fluxos às redes de lugares.

68 PUC-SP 2005 Hoje totalizam 26 [regiões metropolitanas]. O conjunto metropolitano reúne atualmente 413 municípios, onde vivem pouco mais de 68 milhões de habitantes, distribuídos em aproximadamente 167 mil quilômetros quadrados [...]

Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 9.

Como decorrência da condição demográfica das regiões metropolitanas deve-se concluir que:

- (a) esse é o motivo da criação (1988) da figura dos governos metropolitanos, para coordenar as ações públicas, antes diluídas em vários municípios.
- (b) essa condição explica e, ao mesmo tempo, favorece o maior dinamismo econômico dessas regiões, o que é expresso também pela concentração do PIB.
- (c) a formação dessas imensas concentrações acaba resultando numa condição inadministrável, o que é a principal causa da violência urbana, por exemplo.
- (d) a elevada densidade demográfica que existe em boa parte delas é responsável pelas dificuldades incontornáveis para a criação de serviços públicos decentes.
- (e) as condições ambientais precárias decorrem dessa concentração, visto, por exemplo, a impossibilidade em se conter os malefícios ocasionados pelo excesso de lixo.

69 UEL 2006 Analise a imagem e leia o texto a seguir.



AUGUSTO MALTA, SEM TÍTULO, RIO DE JANEIRO, 1920, 30

Cria-se na cidade moderna um campo de batalha diário entre os pedestres e os novos veículos automotores. Qualquer percurso exige atenção máxima, concentração, reflexos rápidos, golpe de vista, gestos atléticos e instinto de sobrevivência. A máxima dominante é o "Sempre alerta!".

Nicolau Sevcenko. *História da Vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 550.

Com base na imagem, no texto e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

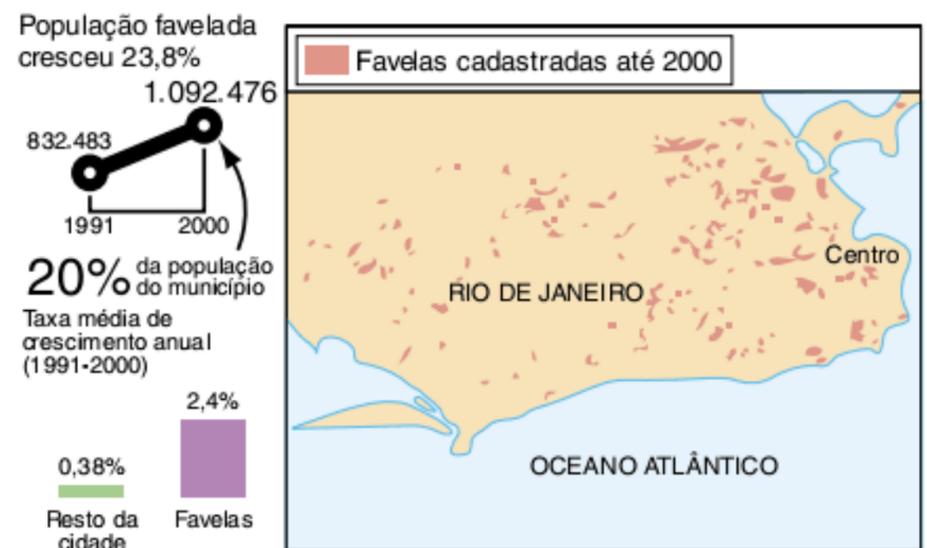
- I. Por terem se tornado ações automáticas, caminhar, atravessar uma rua, prestar atenção ao trânsito e nos arredores passaram a ser irrelevantes e dispensáveis no mundo moderno.
- II. A imagem apresenta uma apropriação social do espaço urbano que se contrapõe àquela descrita no texto, pois retrata uma cena típica de cidades pré-industriais.
- III. A expansão da área de concentração que caracteriza o espaço urbano das grandes metrópoles se tornou possível em decorrência do surgimento de novas tecnologias de transporte e comunicação.
- IV. A metrópole, em países como o Brasil, representa um espaço privilegiado para a incorporação de objetos e relações advindas de países mais desenvolvidos.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (a) I e II.
- (b) II e III.
- (c) III e IV.
- (d) I, II e IV.
- (e) I, III e IV.

70 Uerj 2006

O mapa das favelas no Rio de Janeiro



Fonte: Folha de S.Paulo, 18 abr. 2004.

O mapa mostra a intensidade do processo de favelização no município do Rio de Janeiro, ao longo da década de 1990.

O crescimento da população nessas comunidades e a distribuição destas no espaço urbano podem ser explicados, respectivamente, por:

- (a) estagnação dos níveis de escolaridade e oferta igualitária dos serviços públicos.
- (b) redução do valor dos salários e concentração espacial das atividades tecnológicas.
- (c) segregação de parte da classe trabalhadora e acesso desigual à rede de transporte.
- (d) desaceleração dos fluxos migratórios e crescimento acentuado da especulação fundiária.

71 Uerj 2007 Desde que, em 1993, frequentei por dez meses a favela de Vigário Geral para escrever "Cidade Partida", muita coisa piorou no quadro da violência no Rio. [...]

[Nesse espaço de tempo, porém,] nem tudo foi retrocesso. Ao contrário, há que se comemorar nos últimos anos o surgimento de importantes ações afirmativas em que se destacam os trabalhos de personagens como MV Bill, na Cidade de Deus; Jailson de Souza e Silva, na Maré; Celso Athayde, à frente da CUFA [Central Única das Favelas], entre outros.

Estes movimentos se caracterizam pelo empenho em sair do gueto e ganhar visibilidade não pelos tiros de AR-15, mas pelos sons, cores e gestos da arte e da cultura.

Zuenir Ventura. "A cultura une o que a economia separa". *O Globo*, 2 abr. 2006.

As frases de Zuenir Ventura expressam um ponto de vista sobre as ações afirmativas realizadas por diversos grupos na tentativa de redução da distância entre "asfalto" e "favela".

Para o autor, essas ações afirmativas decorrem da:

- (a) atuação social do terceiro setor.
- (b) formação de novas agremiações políticas.
- (c) entrada de investimentos produtivos nas áreas de periferia.
- (d) produção de programas sociais pelos governos municipal e estadual.

72 UFPel 2006 A relação homem/sociedade/natureza precisa ser entendida em um mesmo contexto. Não é possível pensar isoladamente a problemática social sem levar em conta o comprometimento ambiental. A relação que se estabelece entre o equilíbrio econômico-social da população e o do ecossistema é recíproca.

Desse modo, a produção da moradia, nas cidades, evidencia um delicado relacionamento na construção do ambiente urbano no qual a transformação das características naturais do lugar precisa ser resolvida de forma coerente, para não representar uma degradação ambiental.

Com base no texto e em seus conhecimentos, é correto afirmar que:

- (a) a rápida industrialização pós-Segunda Guerra Mundial, o crescimento populacional acelerado e o êxodo rural são fatores que contribuíram para piorar a crítica situação ambiental das cidades brasileiras.
- (b) as favelas não constituem um problema ambiental importante e representam uma solução para a camada social carente que, desse modo, não paga aluguel e pode morar próximo ao local de trabalho.
- (c) o tratamento de esgoto no Brasil é muito deficitário, ainda que a rede coletora tenha crescido ultimamente, possibilitando que grande parte do esgoto produzido seja despejado nos solos e nos rios em sua forma natural, minimizando o problema ambiental.
- (d) o destino da maior parte do lixo produzido nas cidades são os chamados "lixões", depósitos a céu aberto que, apesar de constituírem problemas ambientais, evitam a contaminação das águas subterrâneas.
- (e) a contaminação das águas nas cidades é particularmente mais grave que no campo, e consiste, basicamente, nos efeitos da emissão de gases (dióxido de carbono, dióxido de enxofre, metano etc.) e material particulado (poeira, fuligem etc.).

73 UEG 2005 As desigualdades sociais materializam-se na paisagem urbana. Quanto maiores forem as disparidades entre os diferentes grupos e as classes sociais, maiores serão as disparidades de moradia, acesso aos serviços públicos e qualidade de vida. Um bairro habitado por população pobre pode oferecer oportunidades de melhoria da qualidade de vida caso os serviços públicos de educação, saúde, transporte coletivo, entre outros, funcionem de forma adequada.

E. de Sene; J.C. Moreira. *Geografia para o ensino médio: Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002, p. 99.

De acordo com o texto e com os seus conhecimentos, julgue as afirmações a seguir.

- I. A sociedade precisa organizar-se para melhorar o seu cotidiano e reivindicar os seus direitos, visando diminuir as desigualdades sociais e a exclusão social.
- II. Para a melhoria do cotidiano, a sociedade deve organizar-se com vistas na transformação da cidade em um condomínio fechado, com infraestrutura de segurança, lazer e saúde.
- III. As políticas públicas ligadas à construção de moradias populares nem sempre se preocupam com a implantação da rede de infraestrutura e serviços.

Marque a alternativa correta.

- (a) Apenas a afirmação I é verdadeira.
- (b) Apenas as afirmações II e III são verdadeiras.
- (c) Apenas as afirmações I e II são verdadeiras.
- (d) Apenas as afirmações I e III são verdadeiras.
- (e) As afirmações I, II e III são verdadeiras.

74 FGV 2006 A degradação ambiental que se observa na periferia das regiões metropolitanas brasileiras manifesta-se, principalmente, em função de:

- (a) clima tropical úmido que concorre para acelerar os processos erosivos e os deslizamentos de encostas instáveis.
- (b) chuvas convectivas que se concentram em áreas de fundo de vale, muito vulneráveis a enchentes e assoreamentos.
- (c) situação predominantemente litorânea da maioria dessas áreas urbanas, onde as condições climáticas são mais úmidas e sujeitas a instabilidades.
- (d) crescimento desordenado da mancha urbana com ocupação de espaços inadequados e grave insuficiência de infraestrutura.
- (e) constituírem conurbações muito extensas, ocupando áreas com características naturais bastante diversificadas.

75 CEFET-CE 2006 São as principais alterações ambientais causadas pelo ritmo frenético da urbanização e o aparecimento de novas megacidades nas últimas décadas em países subdesenvolvidos:

- (a) geração de grandes volumes de resíduos sólidos, poluição da água e da atmosfera.
- (b) globalização e poluição atmosférica.
- (c) coleta seletiva de resíduos e investimentos no comércio.
- (d) minimização do déficit habitacional e coleta seletiva de resíduos.
- (e) diminuição do nível de instrução da população e o aumento do setor informal.

76 Puccamp 2005 Os cenários metropolitanos em todo o globo têm muitos aspectos em comum: grande concentração de pessoas, um ou mais centros de negócios onde a vida econômica pulsa com intensidade, variada atividade cultural etc. No entanto, observe as figuras e leia as afirmações a seguir.



Marlman Point, em Mumbai (Índia).



Sem-teto em Nova York (EUA).

Demétrio Magnoli; Regina Araújo. *Projeto de ensino de geografia*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 154-5.

- I. Embora, atualmente, com ritmos diferentes de crescimento, muitas das metrópoles dos países capitalistas ricos e pobres apresentam problemas ligados à pobreza e marginalização de parte de seus habitantes.
- II. As questões ligadas à violência e ao desemprego fazem parte do cotidiano das megacidades subdesenvolvidas, mas não existem nos países ricos.
- III. As sub-habitações representam a mais antiga solução para o problema de moradia e, de modo geral, estão situadas em áreas decadentes, nas proximidades do centro das cidades.

Está correto somente o que se afirma em:

- (a) I. (c) III. (e) I e III.
 (b) II. (d) I e II.

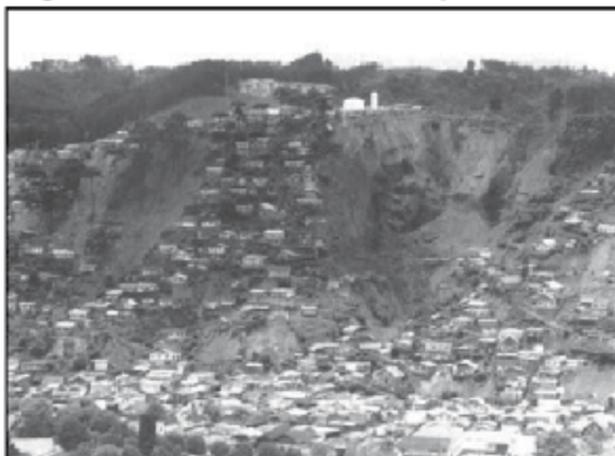
77 CEFET-MG 2004 Os problemas ambientais urbanos avolumaram-se nas últimas décadas, em decorrência da expansão das atividades econômicas que se concentram nas cidades.

Entre os inúmeros problemas causados pela poluição relacionados ao futuro de nosso planeta estão as chuvas ácidas, cuja formação é:

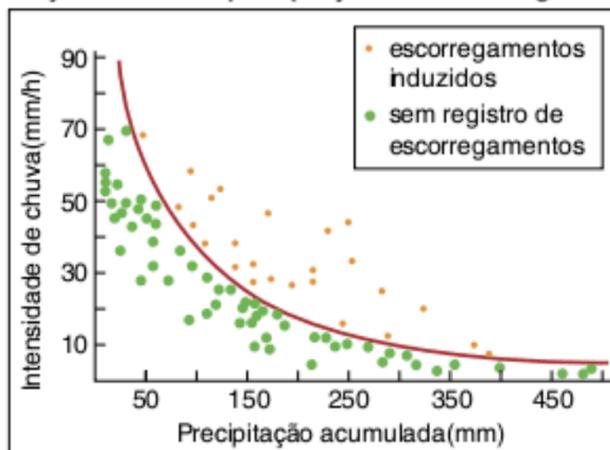
- (a) dependente da influência das ilhas de calor, pois o aumento de temperatura é o único elemento que determina a mudança de pH das chuvas, tornando-as ácidas.
- (b) provocada pela reação química que se processa entre os gases poluentes e a umidade presente na atmosfera.
- (c) consequência do fenômeno da inversão térmica que determina uma retenção de ar quente próximo à superfície, provocando chuvas carregadas de poluentes.
- (d) consequência do aumento do "buraco de ozônio" na alta atmosfera, o que tem facilitado a formação de chuvas.

78 UFSM 2006 Observe as figuras a seguir.

Escorregamento em área urbana de Campos do Jordão (SP)



Correlação da taxa de precipitação com escorregamentos



W. Teixeira et al. Decifrando a Terra. São Paulo: Edusp, 2003, p. 521-7.

A moradia é um dos direitos fundamentais de todo ser humano. No entanto, desigualdade e exclusão sociais acabam gerando bolsões de pobreza nas áreas urbanas cujos moradores não têm outra opção que não a de se estabelecerem em áreas de risco, constantemente sujeitas à ocorrência de movimentos de massa. Com base nas figuras e nos seus conhecimentos, pode-se afirmar que esses eventos:

- (a) estão sempre relacionados a chuvas de grande intensidade.
- (b) afetam, exclusivamente, as áreas situadas em alta declividade.
- (c) estão associados a tremores de terra que desestabilizam as encostas e podem levar à morte um grande número de pessoas que ali residem.
- (d) sofrem pouca influência da retirada da vegetação, uma vez que a alta impermeabilização dos solos nas áreas de favela reduz a infiltração de água e, conseqüentemente, a ocorrência de desastres naturais.
- (e) são detonados pela associação de pancadas de chuva à precipitação acumulada em áreas de encosta densamente ocupadas.

79 UFSM 2005 Coloque verdadeira (V) ou falsa (F) nas alternativas que seguem a proposição inicial.

As imensas superfícies urbano-industriais são resultantes das mais profundas intervenções humanas sobre a face da Terra. Considerando a cidade como não ecossistema, pode-se dizer que nela existe um sistema urbano, pois cada cidade:

- constitui apenas uma etapa consumidora, interferindo em vários ecossistemas.
- consome matéria-prima e energia e gera subprodutos, como resíduos sólidos, líquidos e gasosos.
- gera toneladas de resíduos excedentes que, não sendo reciclados, causam impactos ambientais.
- é um ambiente em equilíbrio, formado pela relação entre plantas, animais, clima e solo.

A sequência correta é:

- (a) V – F – F – F
- (b) V – V – V – F
- (c) F – F – F – V
- (d) V – V – F – V
- (e) F – F – V – F

Urbano, demasiado urbano

A imagem do urbano como desmedida e espetáculo do excesso, da exceção e da catástrofe, é parte dos esquemas e mapas de leitura de que dispomos para pensar a cidade na atualidade. Atordoados pela profusão de informações, signos, símbolos, publicidade e objetos necessários para uma adequada participação no modo de vida cotidiano, somos rapidamente capturados para pensar a cidade através das metáforas da segunda modernidade, ou seja, as do “mundo líquido”, as da “sociedade de risco”.

Os processos temporais do mundo antigo, com a repetição da produção e do saque sobre os valores de uso, como ocorreu até o colonialismo ibérico e o imperialismo europeu, foram atravessados pelas cadeias globais de mercadorias com seus impulsos ampliados pelas várias revoluções industriais, pela ciência e pela tecnologia, até o Capitalismo tardio e a globalização.

As cidades e as regiões metropolitanas resultam desse espaço de centralização de processos e populações, com a concentração do poder pela circulação das ondas de modernização. No espaço urbano, são articulados pelas relações de produção a multiplicação sem fim dos vetores da acumulação de capital e da sua reprodução impulsionada pela forma monetária, pelo consumo e pelos estilos de vida fetichistas da sociedade do espetáculo.

Nas periferias e semiperiferias do sistema mundo, como as latino-americanas, em particular para países como a Colômbia, a Venezuela, o México e o Brasil, essa urbanização constitui fenômenos de velocidade, impacto e magnitude que nos exigem um olhar crítico sobre a modernização acelerada, autoritária e excludente. Modernização excludente que converge para os contextos de precarização e violência que alcançaram o ápice na década de noventa do século passado.

No século XXI, entramos numa disputa pelos circuitos e os lugares em que habitam as classes populares através da construção de muros, de remoções, de valorização e especulação, complementadas pelos jogos de guerra e controle dos territórios das “comunidades”. As ações estratégicas do novo regime de dominação e segurança nas cidades são alimentadas por leituras estreitas e restritas, quer pelo viés da sociologia da marginalidade, quer pela ótica da estratégia de exclusão baseada nos “choques de ordem”, na “tolerância zero” e no “controle social”. As ações estratégicas de disciplinação e de contenção das “classes perigosas”, implementadas pelo novo regime de controle do Estado policial de segurança, adotam dois pesos e duas medidas no trato da cidadania, e são legitimadas pela criminalização seletiva de populações e territórios.

Se, no curto prazo, o medo e a emergência alimentam as operações e os programas de emergência, no médio e longo prazo, já se manifestam os efeitos ampliados e as explosões de violência de classe num ritmo que vai para além dos ciclos eleitorais e dos eventos mediáticos. A superação da lógica baseada no binômio mercado e medo só pode ser superada por outro modo de ver, ler e agir, numa visão alternativa que reconheça “a centralidade do social” de que nos fala a professora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ana Clara Torres, coordenadora do Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (Lastro) ou do reconhecimento das potencialidades da resistência e do poder de

transformação sustentado pelos “homens lentos” de que nos falava o grande geógrafo brasileiro, professor Milton Santos.

No mundo urbano, entram em choque as dimensões contraditórias e desiguais do desenvolvimento. O urbano articula as tensões e contradições entre vetores verticais e horizontais de poder e de cooperação nas configurações dos modos de produção e consumo, assim como na estruturação das condições de existência que dividem os sistemas de objetos e os sistemas de ação que constituem a articulação entre os lugares.

Nas cidades, nossos modos de vida aparecem como a vasta composição de camadas de experiências, onde se multiplicam as interações entre os grupos de origem distinta, onde as formas de transmissão dos saberes, os modos de agir, os modos de falar e de pensar são constituintes do mosaico que forma a cultura popular urbana. As relações sociais são mediadas pelos diferentes subsistemas de distribuição, de representação e de trocas, cujos ritmos e impactos produzem as diferentes velocidades e as diferentes táticas dos sujeitos na luta pela apropriação e uso dos espaços da cidade, na construção de suas trajetórias e estratégias de vida.

A questão urbana remete para os mecanismos de distribuição e segregação, nascidos da divisão e da reprodução social que fazem da nova natureza social transformada das megacidades, das regiões metropolitanas, das metrópoles um espaço urbano privilegiado para definir a produção social do hábitat da espécie no planeta. Mas, nesse processo de urbanização, seria nostálgico e arriscado pretender confundir a defesa do meio ambiente e a busca de formas de desenvolvimento humano sustentável como um mero retorno ao quadro de vida idealizado de uma suposta “comunidade” anterior ao processo de revolução urbana.

As novas formas comunitárias nascidas dos territórios e populações tradicionais buscam adaptações e composições com o ambiente construído, se articulam de forma prática com processos em permanente mudança, para enfrentar e modificar os modos de usar dados pela dominância do paradigma técnico-científico. Uma novidade potencial da luta das periferias está no direito de acesso às novas tecnologias de informação e comunicação pelos mecanismos das redes sociais horizontais, através de novas abordagens e lutas pelo direito à cidade, visando adequar e mesmo transformar o uso das diferentes tecnologias. O direito ao lugar, o direito a morar, o direito à cidadania se traduziram nas lutas e na poética, “daqui do morro eu não saio não”. Direito e reconhecimento da favela, “do lugar onde eu nasci”, que marca as viradas e as lutas e a memória de construção desse patrimônio que se expõe nos novos museus das favelas, que se traduz em imagem e som nos centros e associações e pontos de cultura.

O mundo contemporâneo já é marcado pela noção da cidade como território produtivo, como espaço de circulação, distribuição e consumo, que articula e difunde os padrões de interação com o agrário e com os ambientes preservados e/ou conservados, face ao poder de destruição humano. Para pensar uma cidade que saia da dinâmica reprodutiva perversa da economia política do medo, da fragmentação social e do abuso de poder em todas as esferas de ação, com toda a sequência de danos e violações socioambientais e discriminações étnicas e raciais insustentáveis no

longo prazo, é preciso dar conta e repensar o lugar das questões hoje englobadas em torno do informal, do precário e do popular.

Durante o Fórum Urbano Mundial no Rio de Janeiro (22 a 26 de março de 2010), mais particularmente no evento paralelo dos movimentos sociais (Fórum Social Urbano), foi apresentada ao longo de alguns debates a necessidade da construção de um novo urbanismo que nasça da confluência entre as múltiplas plataformas que compõem a referência para constituir uma nova urbanidade, rearticulando as agendas da mobilidade democrática e produtiva do território com a afirmação da centralidade da periferia no contexto emergente de um novo direito à cidade.

O mundo urbano, demasiadamente marcado pela desigualdade e segregação, pode ser objeto de uma transformação com base na rearticulação de saberes e práticas com apoio nas ciências

espaciais e nas tecnociências, desde que a voz e a iniciativa política das multidões da periferia esteja no centro das formulações para um enfoque político e tecnológico de planejamento democrático apoiado na dimensão crítica dos sujeitos coletivos populares que participam da construção da cidade como espaço de direitos, colocando a periferia como centro.

Pedro Cláudio Cunha Bocayuva. "Urbano, demasiado urbano". *Com Ciência*, 10 maio 2010. Disponível em: <www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=56&id=706>.

Pedro Cláudio Cunha Bocayuva é professor do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e pesquisador do Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território (Lastro), do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ.

RESUMINDO

Vimos que a urbanização pode ser percebida pelo aumento da população urbana em relação à população rural, mas que o processo como tal é bem mais amplo do que isso, envolvendo mudanças econômicas e culturais, tanto nas cidades como no campo.

A partir daí, destacamos o fato de que cada processo de urbanização é diretamente caracterizado pelas mudanças mais amplas ocorridas na sociedade em questão, o que nos permite diferenciar a urbanização em países ricos da que acontece em países pobres, evitando a ideia equivocada de que quanto mais urbanizado for um país, mais rico e desenvolvido ele deve ser.

A urbanização deixa suas marcas no território, levando à criação de redes urbanas, que são grandes conjuntos de cidades interligadas por meios de transporte e comunicação e com relações econômicas, políticas e culturais bastante intensas. Dentro das redes urbanas, percebemos a existência de uma hierarquia e de diferentes processos de concentração (metropolização) e desconcentração (desmetropolização).

Por mais que os problemas sociais caracterizem países como um todo, os problemas sociais urbanos se ligam diretamente ao espaço das cidades e às suas características. Nos países ricos, questões como poluição e trânsito intensos se mantêm constantes, enquanto isso, nos países mais pobres, a esses problemas somam-se outros, como o déficit habitacional e a violência urbana.

■ QUER SABER MAIS?

LIVROS

- Paulo Lins. *Cidade de Deus*. Companhia das Letras, 1997.
- Francisco Scarlato e Joel Pontin. *O ambiente urbano*. Editora Atual, 1999.
- Ermínia Maricato. *Habitação e cidade*. Editora Atual, 1998.
- Ned Ludd. *Apocalipse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2004.
- Jane Jacobs. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Milton Santos. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.

SITES

- Seção do site do IBGE especificamente voltada aos dados municipais <www.ibge.gov.br/cidadesat>.
- Site da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano, fundada pelo Governo do Estado para gerar dados e planos sobre as regiões metropolitanas paulistas <www.emplasa.sp.gov.br>.

- Site do Instituto Polis, que se dedica a investigar o desenvolvimento urbano e local no Brasil <www.polis.org.br>.
- Site do Ministério das Cidades do Governo brasileiro <www.cidades.gov.br>.
- Site que faz uma ampla discussão sobre a questão dos resíduos sólidos nas cidades <www.lixo.com.br>.
- Site de um grupo de permacultura urbana de São Paulo <www.casadosholons.org>.

FILMES

- *O homem que virou suco*. Direção de João Batista de Andrade.
- *Cidade de Deus*. Direção de Fernando Meirelles.
- *Notícias de uma guerra particular*. Direção de João Moreira Salles e Kátia Lund.
- *Tropa de Elite 2*. Direção de José Padilha.

Exercícios complementares

1 CEFET-CE 2006 Considere a tabela para responder à questão.

Taxa de crescimento urbano	em %
África	4,3
Ásia	3,2
América Latina/Caribe	2,3
Oceania	1,4
América do Norte	1,2
Europa	0,5
Mundo	2,5

Com base na tabela e em seus conhecimentos sobre o tema, pode-se afirmar corretamente que a taxa de crescimento urbano, registrada em relação à média mundial foi:

- (a) equivalente na América Latina e no Caribe, em razão de a concentração de renda urbana gerar mais empregos, favorecendo o homem do campo.
- (b) pequena na Oceania, porque esse continente apresenta a menor população absoluta do globo.
- (c) baixa na América do Norte, em decorrência do vazio populacional nas áreas geladas do Alasca, do Canadá e da Groenlândia.
- (d) mais baixa na Europa, devido às mortes registradas nos conflitos étnicos ocorridos após a Guerra Fria.
- (e) superior na África e na Ásia, uma vez que esses continentes apresentam menores índices de população urbana no globo.

2 CPS 2008 Analise o texto a seguir.

A vida nas grandes cidades gera a necessidade de lazeres periódicos que permitam a fuga da rotina estressante e da atmosfera poluída, ao contrário da vida no campo e na pequena cidade que ainda pode manter um contato diário, direto e gratuito com o meio natural. A grande cidade exige, assim, a produção de um novo espaço urbano com cinemas, teatros, centros culturais, estádios, parques naturais até lugares de viagem, como casas secundárias em regiões próximas ou estâncias turísticas mais distantes. O equipamento de habitação para os lazeres supõe também uma nova concepção da casa e da sala de estar. Motiva a compra de objetos diversos, desde os aparelhos de som e TV até jogos eletrônicos, brinquedos, livros, computador etc.

Pierre George. *Panorama do mundo atual*. São Paulo: Difel, 1971, p. 226; e Pierre George. *Geografia do Consumo*. São Paulo: Difel, 1971, p. 73. (Adapt.).

Com base no texto e nas tendências geográficas atuais do mundo globalizado, pode-se deduzir que:

- I. a sociedade urbana tende ao crescimento das atividades terciárias, entre estas aquelas ligadas às necessidades do lazer.
- II. o habitante das grandes cidades, diferentemente do homem do campo, tem mais propensão ao turismo e formas de diversão mercantilizadas, isto é, compradas no mercado.
- III. as mudanças na organização do espaço geográfico geradas pelas necessidades de lazer atingem desde a escala micro (habitação) até escalas mais amplas (local, regional, nacional, mundial).

É correto afirmar o contido em:

- (a) III, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) I e III, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

3 PUC-MG 2007 Ao se analisar o processo de urbanização na América Latina, considerando-se as condições de desenvolvimento capitalista, é incorreto afirmar que:

- (a) existe uma correlação entre a urbanização e o desenvolvimento das forças produtivas, como novas atividades industriais e de serviços.
- (b) a velocidade do processo de urbanização sofreu influência do crescimento da população, intensificado na América Latina após a Segunda Guerra Mundial.
- (c) as motivações iniciais que estimularam as estratégias capitalistas nesses países geraram uma urbanização voltada para os centros médios priorizando a qualidade de vida e o meio ambiente.
- (d) a aceleração do processo de urbanização é influenciada por fatores de expulsão, que atuam nas zonas rurais, produzindo fluxos de migração em direção às cidades.

4 PUC-SP 2004 Numa matéria sobre a 5ª Bienal Internacional de Arquitetura e Design de São Paulo, via-se a seguinte manchete (referente a São Paulo e outras grandes metrópoles): "Projetos tentam criar oásis na cidade" e a seguir o subtítulo "Soluções expostas... buscam conviver bem com a metrópole". Ainda na mesma edição, uma outra manchete referente a São Paulo também chamava a atenção: "Ilha branca revela exclusão de negros".

Folha de S.Paulo, 21 set. 2003. Construção e decoração, P1; Folha Cotidiano, C1.

Considerando os títulos do jornal, é incorreto afirmar que:

- (a) a metáfora geográfica do oásis acaba sendo negativa para as cidades, pois ao identificá-las ao deserto, o faz no sentido de território inadequado para a vida.
- (b) as metáforas de oásis e de ilha indicam situações de separação das condições do entorno, no caso, uma cidade, que é exatamente a configuração espacial da proximidade, do encontro.
- (c) as configurações humanas (a cidade, no caso) devem ser interpretadas em analogia com as formações naturais, diante da integração existente entre essas duas dimensões do espaço.
- (d) a identificação da cidade ao deserto é incoerente, visto que, como formação natural o deserto é uma condição para poucas vidas, o que a demografia das cidades desmente claramente.
- (e) se oásis e ilha referem-se à diferença e à ruptura com o entorno, pode-se interpretar que "conviver bem com a metrópole" criando um oásis significa não se deixar "contaminar" por ela.

5 UFPR 2006 Na Geografia, o termo *polarizar* significa atrair, influenciar, fazer convergir para si. Assim, para que uma determinada área possa exercer as funções de polo, precisará concentrar um número considerável de atividades e recursos capazes de influenciar processos que ocorrem em outras áreas. Com base no texto e nos conhecimentos de Geografia, assinale a alternativa incorreta.

- (a) O poder de polarização de uma cidade está associado ao tamanho de sua população.
- (b) A implantação de indústrias numa cidade pode ampliar o poder polarizador dela ao atrair novos investimentos industriais e criar encadeamentos produtivos com indústrias de outras cidades.
- (c) No contexto da globalização, o poder polarizador das grandes metrópoles faz com que elas assumam a função de elos privilegiados entre as economias nacionais e o exterior.
- (d) A polarização faz com que a população de alta renda empregada na indústria e nos serviços resida nas metrópoles, enquanto a pobreza se localize nas pequenas e médias cidades não metropolitanas.
- (e) A presença de cidades com forte capacidade de polarização é essencial para a articulação da rede urbana, motivo pelo qual essa rede é menos estruturada nas regiões pouco desenvolvidas.

6 UFPR 2007 Considere as afirmativas a seguir.

1. Pequim e Nova Délhi são cidades que, pelo tamanho de suas populações, constituem-se em duas das “cidades globais” com maior área de influência internacional na atualidade.
2. Uma metrópole nacional é uma megacidade com mais de 10 milhões de habitantes, na qual se situa a capital de um país.
3. A expressão “cidades globais” vem sendo usada para designar um grupo de centros urbanos nos quais se concentram as sedes das grandes empresas multinacionais e que apresentam atividades de prestação de serviços financeiros, pessoais e de apoio à produção bastante diversificadas e sofisticadas.
4. Uma metrópole regional é uma cidade com mais de 5 milhões de habitantes que exerce influência dentro de uma zona de livre-comércio. São exemplos dessas metrópoles São Paulo e Buenos Aires.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- (b) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- (c) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- (d) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- (e) Somente a afirmativa 3 é verdadeira.

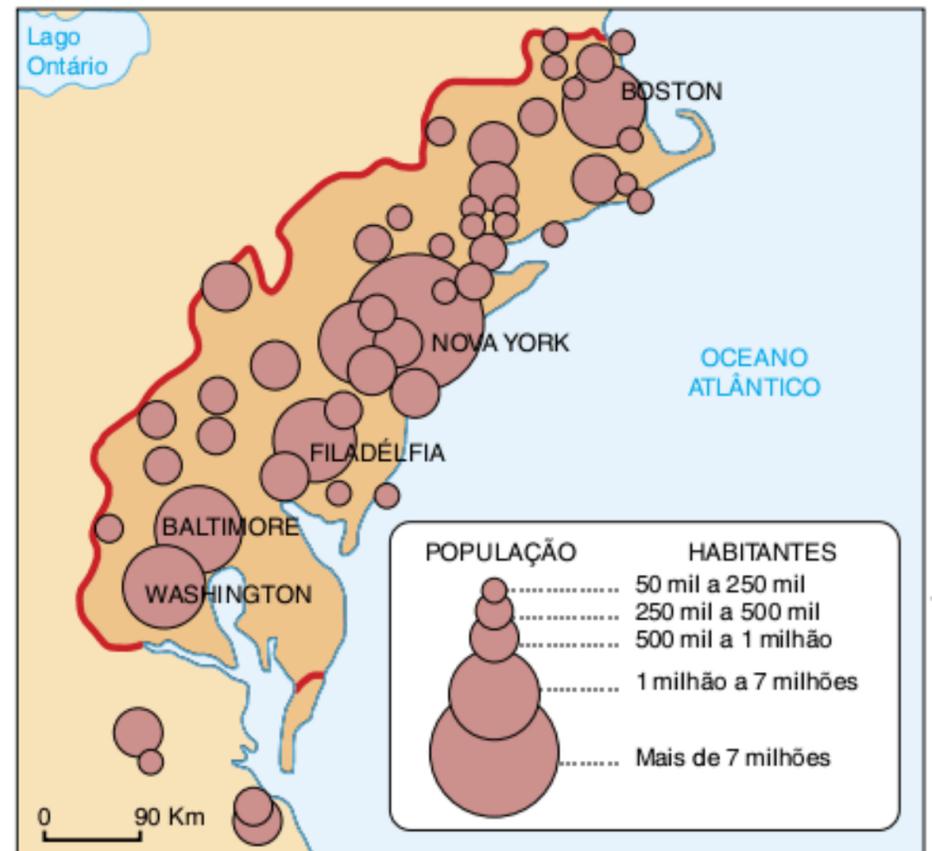
7 UFRN 2004 A hierarquia urbana pode ser avaliada sob duas concepções distintas: uma baseada no modelo industrial e outra no modelo informacional.

Considerando a hierarquia urbana, segundo o modelo informacional, é correto afirmar que:

- (a) as cidades lideram a rede urbana à qual estão integradas a partir da menor relação de trocas e de comunicações e de suas articulações políticas, independentemente da situação socioeconômica do país.
- (b) a diversificação da economia de uma cidade permite a esta maior capacidade de polarizar outros centros urbanos com os quais mantém relações.
- (c) as metrópoles exercem liderança na rede urbana, provocando a menor oferta de bens e serviços colocados à disposição das populações das pequenas cidades.

- (d) a interligação das cidades, por meio da implantação de modernos sistemas de transportes e de comunicações, reduziu as distâncias, possibilitando a desconcentração das atividades econômicas.

8 UFRN 2005 Observe atentamente a figura a seguir. Ela representa uma forma de aglomeração urbana bem característica do mundo atual.



O tipo de aglomeração representado pela figura chama-se:

- (a) megalópole, porque apresenta grandes áreas conurbadas constituídas de cidades globais, com espaços rurais bem-definidos.
- (b) metrópole, porque concentra grandes áreas conurbadas, polarizada por grandes e médias cidades.
- (c) metrópole, porque expressa uma região conurbada com intensa concentração de grandes, médias e pequenas cidades.
- (d) megalópole, porque apresenta uma grande região conurbada, sendo esse espaço polarizado por grandes metrópoles.

9 UFRGS 2007 Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a seguir, referentes à urbanização e à formação das cidades.

- As cidades de Nova York, Tóquio e Londres são chamadas de cidades globais, pois influenciam a economia mundial e possuem os principais centros financeiros do globo.
- A área metropolitana de São Paulo é formada pela conurbação do município de São Paulo com Santo André, São Caetano do Sul e Diadema, entre outros.
- Na região nordeste dos Estados Unidos, localizam-se as cidades de Boston, Los Angeles, São Francisco e Washington, que constituem a primeira megalópole mundial.

As megacidades são aglomerados urbanos com mais de 10 milhões de habitantes, tais como o Rio de Janeiro, a Cidade do México, Cairo, Calcutá e Tóquio.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- (a) F – V – V – F.
- (b) V – V – F – V.
- (c) V – F – V – F.
- (d) F – F – V – V.
- (e) F – V – F – F.

10 Unifesp 2006 Este conceito foi criado na década de 1960 para explicar a formação de uma grande área urbanizada, que se estende por mais de uma metrópole. Trata-se da:

- (a) urbanização acelerada, verificada em países de passado colonial e agrícola.
- (b) favelização, que afetou países com elevada concentração de renda, como a Índia.
- (c) periferação, na qual as classes abastadas moram em condomínios fechados.
- (d) megalopolização, como ocorreu em países como Estados Unidos e Japão.
- (e) desindustrialização, situação encontrada no nordeste da França.

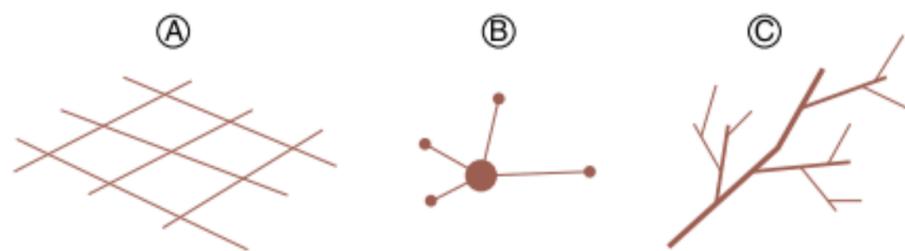
11 PUC-PR 2007 Há poucos anos, foi estabelecida uma série de novas regiões metropolitanas no território brasileiro, estendendo para mais de 20 a sua quantidade. No Paraná, a novidade fica por conta das duas regiões metropolitanas do interior do estado, Londrina e Maringá, pois até então a única região metropolitana paranaense era a de Curitiba. Londrina e Maringá são atualmente as sedes de regiões metropolitanas em virtude de:

- (a) ambas serem atualmente “cidades milionárias”, ou seja, as populações dos municípios de Londrina e de Maringá já ultrapassaram a quantia de um milhão de habitantes.
- (b) essas cidades desbancarem Curitiba em importância demográfica, industrial e de diversidades de serviços.
- (c) ambas terem largado totalmente sua economia de origem agrícola, recebendo recursos exclusivamente dos setores industriais e do comércio e serviços.
- (d) representarem o principal eixo industrial do estado e concentrarem as maiores populações do estado em torno de seus municípios.
- (e) representarem polos regionais de referência no norte do estado, sendo que já se constata o fenômeno da conurbação, tanto na região de Londrina como também em torno de Maringá.

12 PUC-RS 2007 Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a sede administrativa de um município, no Brasil, é considerada como:

- (a) bairro.
- (b) cidade.
- (c) área metropolitana.
- (d) franja urbana.
- (e) conurbação.

13 PUC-RS 2010 Responder à questão com base nas afirmativas que tratam das redes de transporte, associando-as aos desenhos que representam três tipos de rede de transporte.



- I. As redes reticulares são homogêneas e garantem alta conectividade. O seu traçado pode ser observado no exemplo do desenho A.
- II. As redes polares são mais frequentes nas áreas com movimentação pendular entre os grandes centros urbanos e os núcleos urbanos periféricos. O seu traçado pode ser observado no exemplo do desenho B.
- III. As redes em árvores estruturam-se a partir de um eixo central com ramais que se conectam ao longo de um tronco principal, como é observado nos exemplos dos desenhos A e C.
- IV. As redes ortogonais são heterogêneas e se destinam a áreas de alta concentração de transporte, como nas regiões metropolitanas brasileiras, estando exemplificadas nos desenhos B e C.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (a) I e II.
- (b) I, II e III.
- (c) I e IV.
- (d) II e III.
- (e) III e IV.

14 PUC-PR 2010 Em 21 de abril de 2010, Brasília completou 50 anos.

Sobre isso, pode-se considerar que:

- I. as cidades-satélites deveriam ter sido criadas de forma planejada e, somente após o Plano Piloto, terem sido ocupadas, o que foi desvirtuado já na primeira década. Atualmente, as cidades-satélites comportam aproximadamente 80% da população do Distrito Federal e apresentam índices de renda e educação menores que os de Brasília.
- II. Brasília é um marco na organização do espaço regional e urbano, pois é a primeira cidade planejada do Brasil. O projeto modernista de Lúcio Costa divide a cidade em setores ocupacionais. Desde o seu planejamento, constatou-se que o Distrito Federal não poderia ter vocação industrial ou turística. Seria somente a capital administrativa do país.
- III. a construção de Brasília representa um marco importante na ocupação do Centro-Oeste brasileiro. A partir dos anos de 1960, construíram-se grandes rodovias, as quais passaram a ligar a região ao restante do país, o que impulsionou a ocupação (da região) e a transformação do cerrado em área de grande produção agropecuária.

Está(ão) correto(s):

- (a) somente o enunciado I.
- (b) somente os enunciados I e II.
- (c) somente os enunciados II e III.
- (d) somente os enunciados I e III.
- (e) todos os enunciados.

15 Udesc 2009 Comente a importância do planejamento participativo dentro do planejamento urbano municipal.

16 UFRJ 2010

Cidades do amanhã



Arrasamento do Morro do Castelo – Rio de Janeiro, 1922.



Pelourinho – Salvador, anos 2000.

As cidades modernas reestruturam-se por meio de projetos de reforma urbana. Alguns projetos preconizam a destruição de grandes áreas da cidade e sua substituição por novas construções. Outros propõem o reaproveitamento e a refuncionalização do ambiente construído.

- Apresente dois argumentos favoráveis ao arrasamento de partes da cidade para fins de reforma urbana.
- Apresente dois argumentos favoráveis ao segundo tipo de projeto.

17 UFF 2010 Leia atentamente os textos a seguir.

Texto 1

Revitalização de região portuária do Rio de Janeiro custará R\$ 374 milhões

A Prefeitura do Rio de Janeiro lançou no dia 23 de junho o projeto Porto Maravilha, que vai aplicar R\$ 374 milhões na revitalização da área portuária da cidade. A cargo da Companhia das Docas do Rio de Janeiro, as obras serão divididas em três frentes principais: **infraestrutura**, **habitação** e **cultura e entretenimento**.

Nos projetos de **infraestrutura**, estão previstas a revitalização completa da Praça Mauá e do Píer Mauá; a construção de benfeitorias em áreas anexas; a demolição da alça de subida do viaduto da Perimetral; a reurbanização do Morro da Conceição; a construção de uma garagem subterrânea na Praça Mauá, com capacidade para até mil veículos.

Já na frente **habitação**, a Prefeitura do Rio de Janeiro lançou o programa Novas Alternativas para a criação de 499 novas residências na Região Portuária, financiadas pela Caixa Econômica Federal. As unidades serão disponibilizadas a partir da revitalização de 24 imóveis degradados na região.

Por fim, o projeto Porto Maravilha também prevê investimentos em **cultura e entretenimento** com a implantação da Pinacoteca do Rio no edifício D. João VI e do Museu do Amanhã nos armazéns 5 e 6 do cais do Porto. As duas obras serão construídas em parceria com a Fundação Roberto Marinho.

Ana Paula Rocha. PINIweb, 23 jul. 2009. Disponível em: <www.piniweb.com.br/construcao/urbanismo/revitalizacao-de-regiao-portuaria-do-rio-de-janeiro-custara-r-142365-1.asp>. (Adapt.).

Texto 2

Saúde, Gamboa e Santo Cristo

Escrevendo sobre os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo (anexas ao porto do Rio de Janeiro), a arquiteta Nina Maria

Rhaba destaca a preservação de seu papel periférico em relação à área central da cidade, por abrigar estabelecimentos como depósitos e armazéns, além de população de baixa renda, originalmente ligada ao trabalho no porto. Diz a autora: “Uma das funções mais resistentes desses bairros é a residencial, mantida desde a origem até hoje. A antiga área de pobres tem ainda esse significado, mas são muitos os proprietários de seu chão. E neles um ponto de contato: o amor pelo lugar e o tempo de permanência na casa ou nos bairros. Trata-se de um lugar de pobres, sim, mas que não é centro, zona norte, sul ou subúrbio. É a ‘cidade do interior’, encravada e próxima a tudo que uma metrópole pode oferecer. É essa localização que, aliada à permanência dos moradores e seu consequente envolvimento comunitário, atribui poder e resistência à função residencial”.

N. M. Rhaba. “Cristalização e resistência no centro do Rio de Janeiro”. In: Revista Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, p. 35-43, set./dez. 1985.

Os dois textos mostram que formas diferentes de ocupação do solo urbano podem coincidir numa mesma área da cidade. Com base neles:

- aponte dois agentes responsáveis pela revitalização da área portuária do Rio de Janeiro.
- identifique e comente uma possível consequência social da revitalização da área portuária do Rio de Janeiro.

18 Udesc 2009 A qualidade da água que bebemos depende do saneamento básico; o ar que respiramos depende das medidas quanto ao transporte e à indústria; e a saúde do trabalhador depende de tecnologias limpas. O teor de enxofre no diesel serve para aumentar a má qualidade do ar que respiramos e acentua a urgência da adoção de medidas imediatas e de um plano nacional de qualidade do ar.

Sobre esse assunto, assinale a alternativa incorreta.

- Para melhorar a qualidade do ar, com medidas muito além do teor de enxofre, há que investir pesado nos transportes sobre trilhos, como trens e metrô, na integração dos meios de transporte e no combate aos engarrafamentos.
- Nosso diesel é de péssima qualidade: no interior há o S2000, que tem duas mil partes por milhão (PPMs) de enxofre, e nas regiões metropolitanas há o S500, com quinhentas PPMs de enxofre. Para termos uma base de comparação, na Europa já é obrigatório o S50; e, a partir de 2010, será permitido apenas o S10, com dez PPMs de enxofre.
- Apesar de não haver comprovação científica, há suspeitas de que o dióxido de enxofre tenha provocado a morte de 3.000 mulheres e milhares de internações por doenças respiratórias, só na cidade de São Paulo.
- Um veículo desregulado emite até 40% a mais de poluição, devido à carburação imperfeita, e consome mais combustível. Isso representa um rombo no clima e nos pulmões. A emissão do gás metano nos lixões deve ser evitada e o metano convertido em energia.
- Em 2002, o Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama) aprovou uma resolução (que tem força de lei) determinando que, a partir de 2009, os novos veículos a diesel, como caminhões e ônibus, deverão sair da fábrica com uma emissão atmosférica máxima correspondente à gerada pelo motor Euro 4 e pelo diesel S50 (com 50 partes por milhão de enxofre).

19 Enem 2009 O ecossistema urbano é criado pelo homem e consome energia produzida por ecossistemas naturais, alocando-a segundo seus próprios interesses. Caracteriza-se por um elevado consumo de energia, tanto somática (aquela que chega às populações pela cadeia alimentar), quanto extrassomática (aquela que chega pelo aproveitamento de combustíveis), principalmente após o advento da tecnologia de ponta. Cada vez mais aumenta o uso de energia extrassomática nas cidades, o que ocasiona a produção de seu subproduto, a poluição. A poluição urbana mais característica é a poluição do ar.

Almanaque Brasil Socioambiental. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.

Os efeitos da poluição atmosférica podem ser agravados pela inversão térmica, processo que ocorre muito no sul do Brasil e em São Paulo. Esse processo pode ser definido como:

- processo no qual a temperatura do ar se apresenta inversamente proporcional à umidade relativa do ar, ou seja, ar frio e úmido ou ar quente e seco.
- precipitações de gotas-d'água (chuva ou neblina) com elevada temperatura e carregadas com ácidos nítrico e sulfúrico, resultado da poluição atmosférica.
- inversão da proteção contra os raios ultravioleta provenientes do Sol, a partir da camada mais fria da atmosfera, que esquenta e amplia os raios.
- fenômeno em que o ar fica estagnado sobre um local por um período de tempo e não há formação de ventos e correntes ascendentes na atmosfera.
- fenômeno no qual os gases presentes na atmosfera permitem a passagem da luz solar, mas bloqueiam a irradiação do calor da Terra, impedindo-o de voltar ao espaço.

20 UFRJ 2006



A proximidade entre o mar e a montanha, característica do sítio da cidade do Rio de Janeiro, produz belezas cênicas que encantam os cariocas e os viajantes. No entanto, essa proximidade é igualmente responsável por diversos problemas urbanos, enfrentados há tempos pelos habitantes do Rio.

- Apresente dois custos que o sítio da cidade do Rio de Janeiro impõe à circulação.
- Apresente dois riscos ambientais, associados ao sítio, a que estão sujeitos os moradores do Rio.

21 CEFET-MG 2004 O Centro-Sul constitui o núcleo econômico do país. Concentrando mais de 60% da população brasileira é também a região mais urbanizada do país. No entanto, apresenta graves problemas sociais e ambientais.

Sobre os problemas ambientais dos centros urbanos do Centro-Sul brasileiro, não se pode afirmar que:

- as indústrias liberam poluentes na atmosfera que, além de comprometerem a saúde humana, provocam alterações ambientais com a formação de um microclima específico.
- o lixo e os esgotos constituem-se em grandes problemas ambientais, uma vez que o lixo, na sua maior parte, é jogado em terrenos baldios, e os esgotos, normalmente, despejados em rios que cortam a cidade.
- as poluições sonora e visual possuem baixa intensidade nos grandes centros urbanos da região.
- a carência de áreas verdes agrava a poluição do ar, além de tornar mais restritas as opções de lazer nas grandes cidades da região.

22 Uerj 2007

Cidade lagoa

*Esta cidade, que ainda é maravilhosa,
Tão cantada em verso e prosa,
Desde o tempo da vovó.
Tem um problema, crônico renitente,
Qualquer chuva causa enchente,
Não precisa ser toró.
Basta que chova, mais ou menos meia hora,
É batata, não demora, enche tudo por aí.
Toda cidade é uma enorme cachoeira,
Que da Praça da Bandeira,
Vou de lancha ao Catumbi.
[...]*

Cícero Nunes; Sebastião Fonseca, 1959.

O problema das enchentes na cidade do Rio de Janeiro é muito antigo, conforme reforça a letra do samba acima. Considerando a área central da cidade, uma causa natural desse fenômeno e uma característica urbana que o agrava são, respectivamente:

- pluviosidade elevada no verão – ruas muito estreitas.
- bacia de rios temporários – galerias pluviais insuficientes.
- maciço coberto por floresta tropical – desmonte dos morros.
- topografia plana – alto índice de impermeabilização do solo.

Dinâmica demográfica e estruturas da população

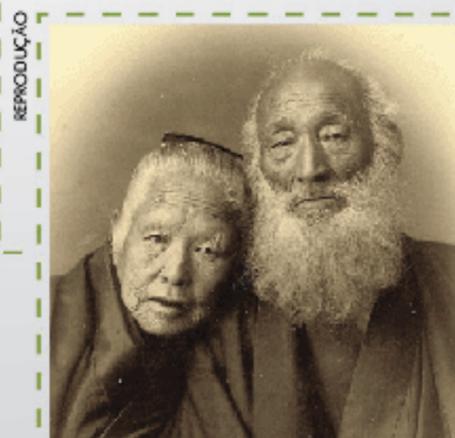
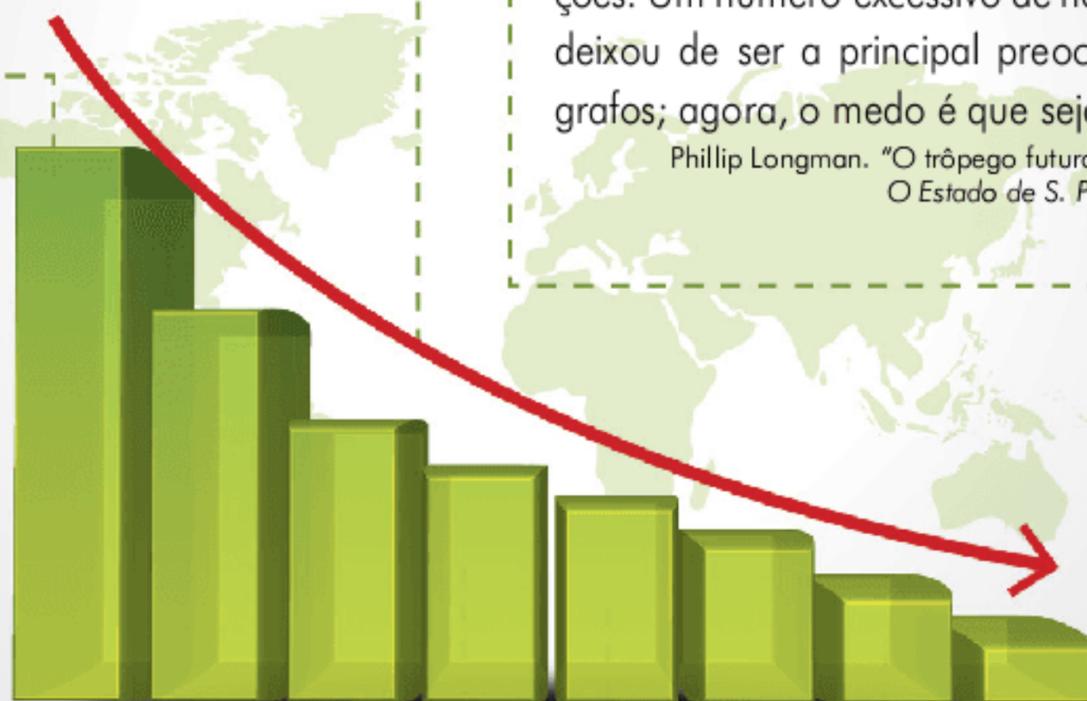
9

FRENTE 1



Não faz muito, fomos advertidos de que o aumento da expectativa de vida no planeta levaria inevitavelmente à morte da humanidade por inanição. [...] Em vez disso, a taxa de crescimento global caiu de 2% em meados dos anos 60 para quase a metade, e muitos países não mais produzem crianças em número suficiente para evitar a redução das populações. Um número excessivo de habitantes no planeta deixou de ser a principal preocupação dos demógrafos; agora, o medo é que seja pequeno demais.

Phillip Longman. "O trêpego futuro da sociedade de idosos".
O Estado de S. Paulo, 24 out. 2010, p. 15.



A população mundial

Mesmo estando presente no planeta há dezenas de milhares de anos, foi pouco depois do ano 1800 que a humanidade atingiu a marca populacional de 1 bilhão de habitantes. Desde então, o crescimento acelerou. Em 1930, já se atingia os 2 bilhões; em meados dos anos 1970 os quatro, no final da década de 1990 os seis e em 2011 os sete. As estimativas atuais apontam para a probabilidade de chegarmos a ser uma população com cerca de 9 bilhões de habitantes por volta de 2050.

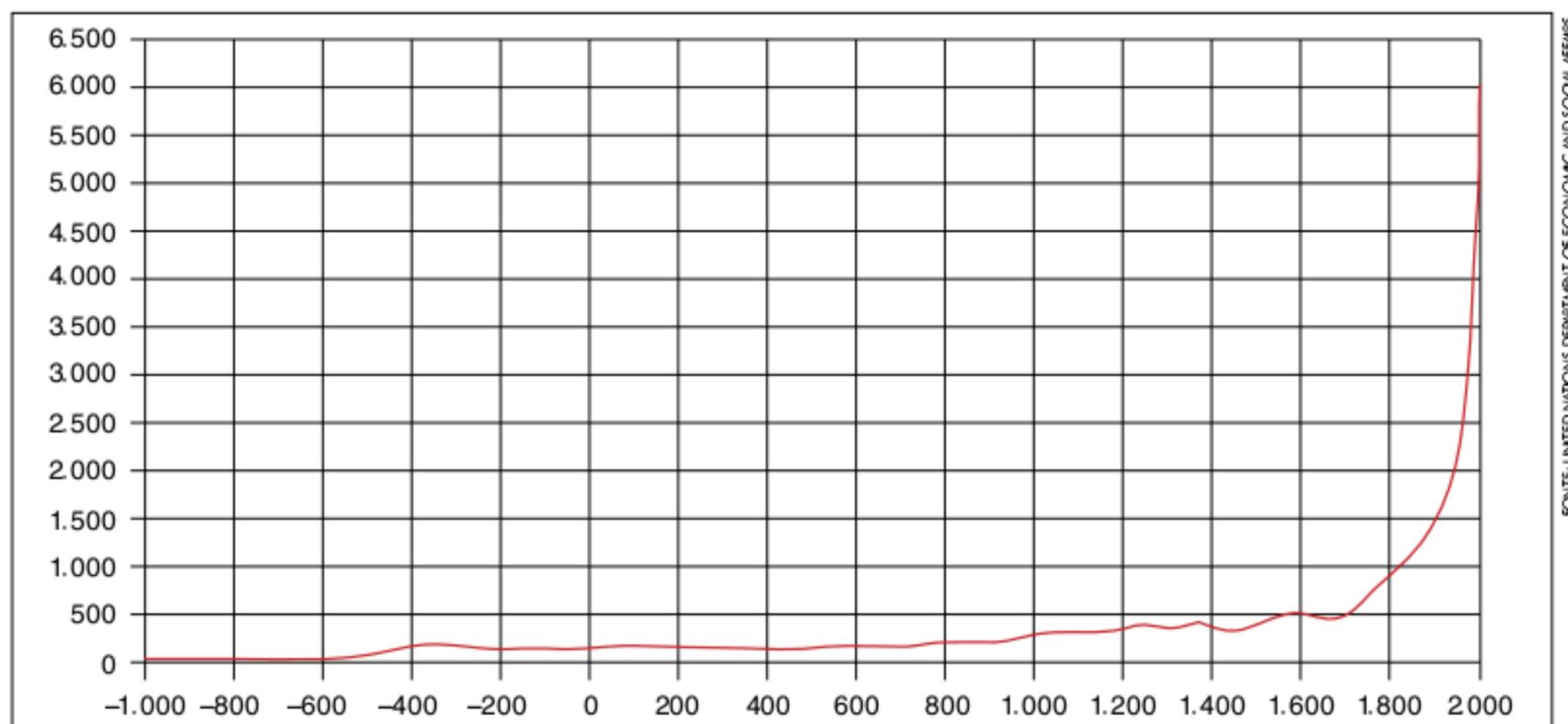


Fig. 1 População mundial ao longo da história.

Os números são, sem dúvida, impressionantes. Mas mais importante que a quantidade de pessoas, são outras questões ligadas à população. Primeiramente, existe o que chamamos de **dinâmica demográfica**, que é o processo de crescimento populacional e suas tendências. Além disso, há as **análises qualitativas**, ou seja, sobre quem são e como vivem esses bilhões de seres humanos. Nosso objetivo, no presente capítulo e no próximo, é tratar dessas questões, tanto em relação à população mundial quanto em relação à brasileira.

A dinâmica demográfica

A dinâmica demográfica refere-se à variação quantitativa da população, ao ritmo dessa variação e às suas causas e consequências. Elementos determinantes dessa dinâmica são a proporção de nascimentos e de mortes em relação à população total e as migrações.

Quando consideramos apenas os nascimentos e as mortes, falamos de **crescimento vegetativo**, ou seja, o crescimento da população por ela mesma. Ao considerarmos, também, o saldo migratório (imigração menos emigração), dizemos que estamos tratando de **crescimento demográfico**, ou total. Por enquanto, trataremos apenas do crescimento vegetativo.

As formas mais utilizadas para medir e avaliar o crescimento vegetativo são as taxas de **fecundidade**, **natalidade** e **mortalidade**. As duas últimas expressam, respectivamente, o número de nascidos e de mortos para cada mil habitantes que já existiam na população considerada. A taxa de natalidade menos a de mortalidade resulta no **crescimento vegetativo**.

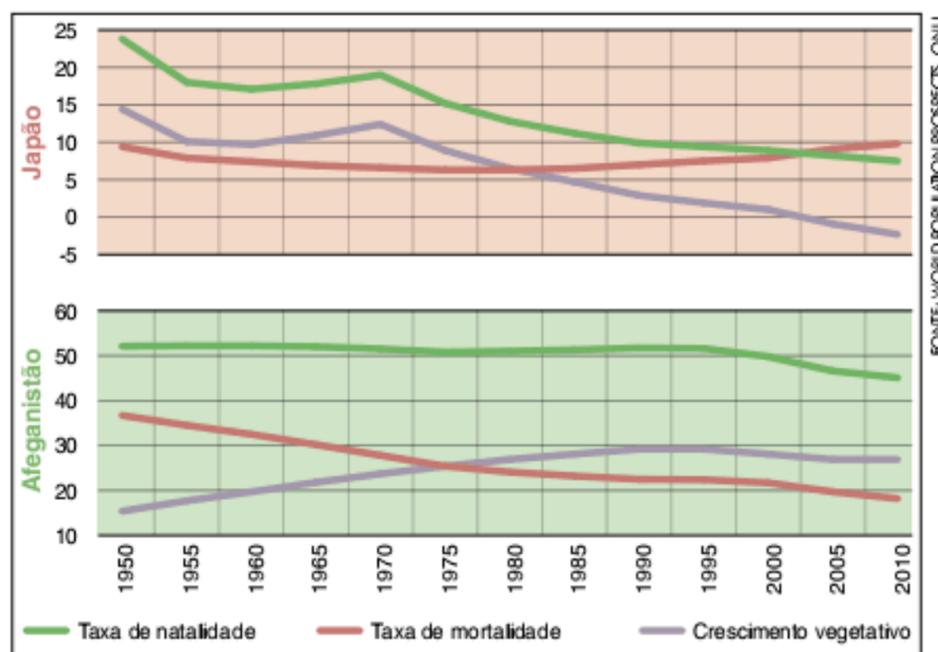


Fig. 2 Taxas de natalidade, mortalidade e crescimento vegetativo (%).

A **taxa de fecundidade** é outra forma, hoje bastante utilizada, para obter uma noção do crescimento vegetativo. No fundo, as taxas de natalidade e de fecundidade procuram medir o mesmo fenômeno, ou seja, a proporção de nascimentos em relação à população já existente. Mas enquanto a natalidade considera o número de nascidos em relação à população total, a fecundidade, segundo definição do IBGE, expressa o número médio de filhos nascidos vivos para cada mulher ao longo de seu período reprodutivo.

A vantagem dessa forma de expressar o crescimento vegetativo é que alguns aspectos da dinâmica demográfica ficam mais facilmente observáveis. O principal ponto a se notar é se a fecundidade está acima ou abaixo do **nível de reposição populacional**.

Estatisticamente, o valor desse nível pode variar um pouco, de acordo com fatores como a mortalidade dos jovens e a proporção entre homens e mulheres na população considerada. No entanto, em geral, a população está sendo repostada se a taxa de fecundidade estiver acima de 2,1 filhos por mulher. Quanto mais acima desse valor, mais a população estará não só sendo repostada, como também crescendo. Já no caso de populações que apresentam uma taxa abaixo de 2,1, constata-se uma tendência de declínio demográfico.

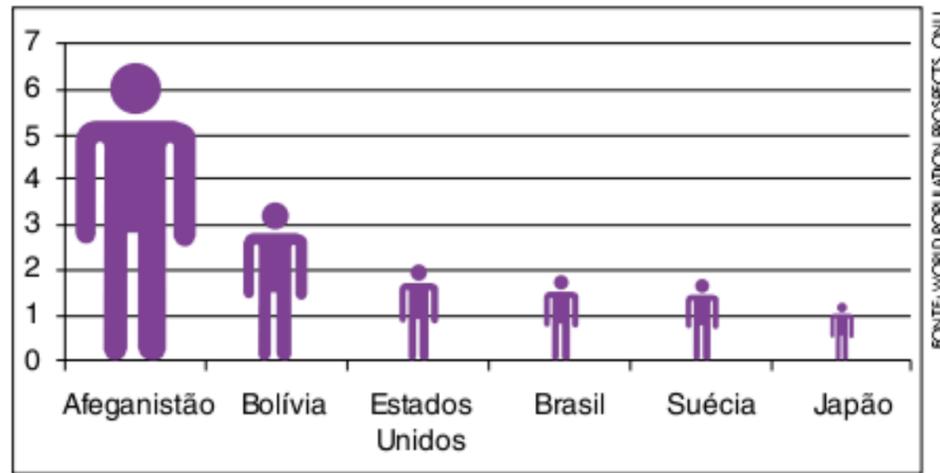


Fig. 3 Taxa de fecundidade entre 2005 e 2010.

Nas figuras 2 e 3, é possível perceber grandes diferenças entre as três taxas referentes aos países selecionados. No caso das taxas de natalidade e de mortalidade, é possível perceber, também, a variação em cada um deles ao longo do tempo. Um dos objetivos dos estudos sobre dinâmica demográfica é compreender as causas e as consequências de tais variações. Façamos, para isso, uma comparação entre as populações humanas no presente e outras populações da natureza.

Na maior parte das espécies animais e vegetais, o crescimento populacional é determinado pelas leis naturais de convivência com o meio. No geral, quando uma população de indivíduos surge, ela tem grandes reservas de alimentos, uma vez que ainda é pequena, e, pelo mesmo motivo, não se enquadrando completamente na cadeia alimentar, não constituindo, assim, uma fonte de alimentos natural de outra espécie. Nessas condições, existe uma tendência a um acelerado crescimento inicial. A taxa de natalidade é sempre alta, uma vez que os impulsos instintivos de manutenção da espécie levam os animais a se reproduzirem o quanto puderem. Ao mesmo tempo, as taxas de mortalidade ainda são baixas, devido à disponibilidade de alimentos e à falta de predadores.

Ao longo do tempo, o crescimento da população tende a se estabilizar. Entre os fatores que determinam essa estabilização, temos as limitações de alimentos impostas pelo meio ambiente, a competição por alimentos com outras espécies e a exposição aos predadores. O importante é perceber que, nesse caso, o crescimento populacional é limitado pela alta taxa de mortalidade, uma vez que a de natalidade permanece alta.

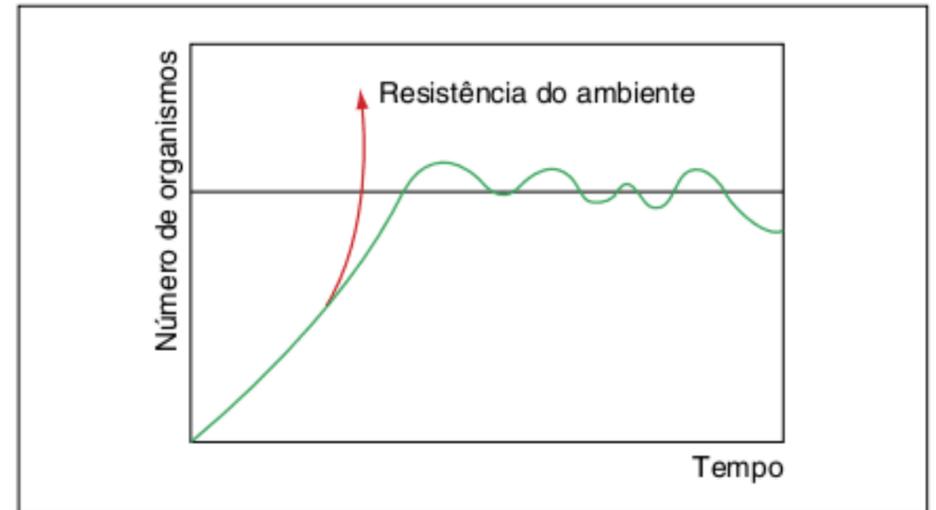


Fig. 4 Crescimento de populações no meio natural.

No caso da população humana, o processo é diferente. A capacidade de transformar o meio ambiente e dominar outras espécies proporcionou-nos um crescimento demográfico muito mais acentuado e, até certo ponto, menos determinado pelas condições naturais.

Entre as ações humanas que colaboraram para o aumento do crescimento populacional, temos: o domínio do fogo, o desenvolvimento da agricultura, a Revolução Industrial e o desenvolvimento da medicina. Estes e outros avanços contribuíram para a **diminuição da taxa de mortalidade humana**, fazendo com que o crescimento vegetativo disparasse, principalmente nos últimos três séculos.

Eis a primeira diferença entre a dinâmica demográfica humana e a dos outros seres vivos: nosso crescimento não é mais controlado por altas taxas de mortalidade. No entanto, a diferença mais notável é que os seres humanos não geram filhos com base apenas em instintos de sobrevivência, mas, principalmente, de acordo com comportamentos socialmente definidos.

As mudanças sociais, culturais e econômicas explicam a tendência de queda nas taxas de natalidade observada nos países destacados na figura 2, assim como as diferenças de fecundidade entre os países da figura 3. Isso significa que a estabilização da população mundial, que deve ocorrer até meados deste século, deverá se dar pelo controle da natalidade e não por altas taxas de mortalidade. Essa tendência vem sendo demonstrada por meio da teoria da transição demográfica, que veremos a seguir.

Transição demográfica

Denominamos **transição demográfica** uma mudança específica na dinâmica demográfica, que é a queda acentuada das taxas de fecundidade, de natalidade e de mortalidade. Em um esquema teórico, podemos dividir a transição em três momentos: no primeiro, a taxa de mortalidade cai intensamente, mas a natalidade e a fecundidade continuam altas; no segundo, a natalidade e a fecundidade também começam a cair; mas só no terceiro alcançam a queda da mortalidade.

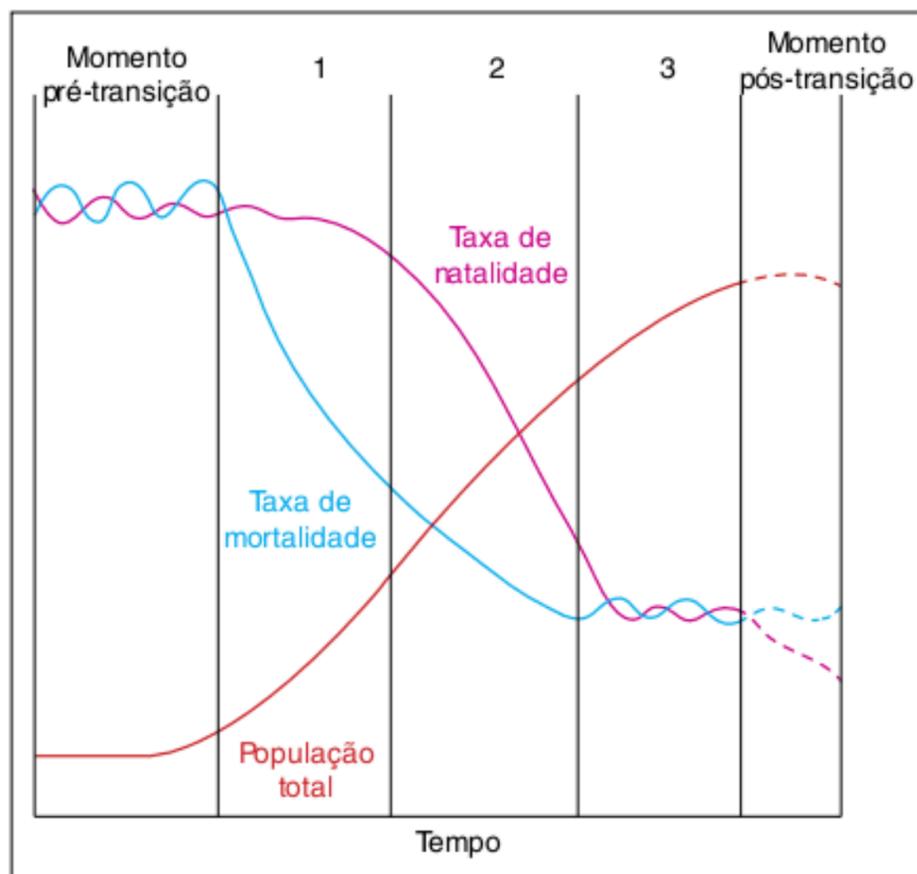


Fig. 5 Esquema teórico da transição demográfica.

É importante perceber que, devido ao descompasso entre a queda de mortalidade e a de natalidade e a de fecundidade, ocorre, durante a transição, um forte crescimento populacional, muitas vezes identificado como uma **explosão demográfica**. Mas tal crescimento não se deve ao aumento do número de filhos, e sim à diminuição da mortalidade. Com isso, muitos nascidos que morreriam cedo sobrevivem, chegam à vida adulta e acabam tendo filhos também, o que realimenta a explosão populacional.

Após a transição demográfica, o crescimento vegetativo tende a zero, ou até mesmo a ficar negativo, o que gera estabilização e até diminuição da população. Isso se deve à queda das taxas de natalidade e fecundidade.

A transição demográfica é uma teoria segundo a qual haveria a tendência de que mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais levem à passagem de um **regime demográfico** antigo (com altas taxas de natalidade, fecundidade e mortalidade) para um novo (com baixas taxas). Essa passagem seria justamente a transição chamada também de **revolução demográfica**.

Existem diferentes teorias para justificar e explicar tal tendência. A associação mais comum dá-se entre a teoria da transição demográfica e a **teoria da modernização social**. Nesse caso, o regime demográfico anterior à transição é visto como tradicional, e o que se observa depois dela é tido como moderno. Portanto, para os teóricos dessa linha, as quedas das taxas de fecundidade, natalidade e mortalidade estariam ligadas ao processo de **modernização**.

Para entender essa ligação, é interessante lembrar, primeiramente, que modernização não significa um simples e direto avanço, ou uma necessária melhoria, mas sim uma ampla transformação socioeconômica, cultural e espacial. Modernizar-se significa adotar os padrões de organização socioespacial que caracterizam a sociedade moderna, cujo desenvolvimento na Europa deu-se por volta do século XVI, com o desenvolvimento do **Capitalismo**, da **Revolução Industrial** e da **urbanização**.

SAIBA MAIS

Baby Boom

Não se deve confundir a explosão demográfica característica da transição demográfica com o fenômeno identificado como *baby boom*. Como vimos, aquela explosão demográfica deve-se à diminuição da taxa de mortalidade. O *baby boom*, por sua vez, apesar de também caracterizar um forte crescimento populacional, está diretamente ligado a um claro aumento da natalidade. Teoricamente, um fenômeno como esse pode ocorrer a qualquer momento, mas, historicamente, o mais famoso período de *baby boom* foram as duas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, na Europa e no Japão.

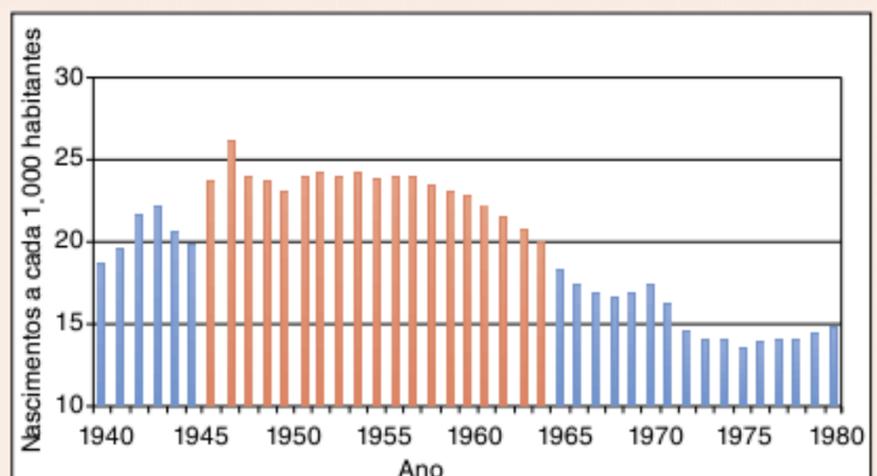


Fig. 6 Taxa de natalidade nos Estados Unidos – período do *baby boom* em vermelho.

Neste caso, o aumento da taxa de natalidade deveu-se a um momento de grande otimismo resultante da vitória dos Aliados na Guerra. A geração que nasceu nesse período é identificada como os *baby boomers*. Em 2010, eram os norte-americanos, europeus ou japoneses com idade entre 46 e 64 anos.

A modernização explicaria a queda da taxa de mortalidade, principalmente se considerarmos seu aspecto espacial. Nesse sentido, o Capitalismo, a Revolução Industrial e a urbanização possibilitaram mudanças fundamentais, como:

- o aumento da produção de alimentos – proporcionado tanto pelo desenvolvimento tecnológico próprio das técnicas industriais quanto, igualmente, pela expansão da agricultura como negócio, ampliando os investimentos e o estímulo ao aumento das áreas agrícolas e da produtividade;
- a melhora das condições de moradia – o que pode ser representado pelo melhoramento das habitações e pela ampliação do acesso a saneamento básico (água tratada, escoamento de esgoto e coleta de lixo);
- o desenvolvimento da medicina – não só pelos avanços da indústria farmacêutica (criação de novos medicamentos), como também pela expansão de sistemas de saúde públicos e privados, incluindo o aumento do número de profissionais da saúde e de estabelecimentos, como postos de atendimento e hospitais.



Fig. 7 Melhores condições de vida contribuem para a queda das taxas de mortalidade.

A modernização também explicaria a queda das taxas de fecundidade e natalidade, mas principalmente se considerarmos seu aspecto sociocultural. Nesse caso, é interessante lembrar que a modernização é, também, o processo de substituição de comportamentos tradicionais por outros caracteristicamente modernos. Tal substituição é utilizada pelos teóricos da modernização para explicar a queda do número de filhos. Vejamos como se dá esse processo.

Caracterizando as sociedades tradicionais, podemos dizer que elas apresentavam uma organização mais rural, uma economia mais próxima da subsistência e a tendência à manutenção de valores e comportamentos fortemente ligados à família, à religiosidade e à comunidade.

Tais características tendiam a estimular um número maior de filhos. Isso porque, em comunidades rurais de subsistência, os filhos podem ser vistos mais facilmente como mão de obra, uma vez que o trabalho dá-se nas proximidades da casa e a formação para o trabalho é realizada diretamente pelos pais. Nas sociedades urbanas, com economia mercantilizada, não apenas é mais difícil transformar os filhos em mão de obra (devido à necessidade de arranjar empregos fora de casa), como os custos de criação e formação deles são mais altos.

Ainda em relação aos custos de criação, é interessante ressaltar que a modernização marca a passagem de sociedades pouco monetarizadas para outras com alto grau de monetarização, ou seja, com alto índice de uso do dinheiro e da satisfação das necessidades por meio da compra e venda de mercadorias. Nesse sentido, a urbanização, a industrialização e a mercantilização das relações sociais não só teriam tornado o custo de criação dos filhos maior, como também mais perceptível para as pessoas, que passam a contabilizar, ou seja, a medir em dinheiro quanto custa criar os filhos. Tal contabilização teria influenciado na decisão de diminuir o número de filhos, devido a uma tendência de **racionalização econômica da sociedade moderna**, ou seja, dito de forma mais direta, uma tendência de as pessoas pensarem na organização familiar em termos de custos e benefícios.

Além desses aspectos ligados ao comportamento econômico, há questões culturais muito importantes a serem

consideradas. Nas sociedades urbanas modernas, a posição da mulher e a mentalidade acerca de questões como o sexo, a família e até mesmo o sentido da vida conheceram grandes mudanças.

Em relação à situação feminina, o crescente **ingresso da mulher no mercado de trabalho** não só tornou mais difícil para ela ter muitos filhos, como também menos desejável, já que outros objetivos (carreira, manutenção do emprego, realização profissional) passaram a fazer parte de suas preocupações diárias. Para ir além da simples constatação de que a mulher conquistou o direito de trabalhar fora de casa, o ganhador do Nobel de economia, o indiano Amartya, fala em aumento da **condição de agente da mulher**, situação na qual ela pode cuidar mais livremente da sua saúde, da sua sexualidade e da sua posição na família.



Fig. 8 Amartya Sen, economista indiano ganhador do prêmio Nobel de Economia.

Por outro lado, em contextos sociais mais competitivos, consumistas e individualistas, voltados ao prazer imediato e ao culto da juventude, o desejo de ter filhos foi se tornando menos comum, não só para as mulheres, como também para os homens.

Acrescente-se a tudo isso as tendências à **liberalização sexual** e à **laicização** (diminuição da influência da religião na organização da sociedade) e o desenvolvimento e a disseminação de novos métodos anticonceptivos (pílula e camisinha, principalmente), gerando uma distinção entre sexo e reprodução e diminuindo a importância dada ao projeto de se constituir família.

Para fechar a teoria da transição demográfica, é importante notar que todas essas mudanças de caráter sociocultural e econômico que determinam a queda da natalidade demoram mais tempo para se concretizar e se disseminar do que aquelas ligadas à modernização socioespacial, que promovem a queda da mortalidade. Em geral, é isso que explicaria o fato de esta última cair mais rápido que a natalidade e, dessa forma, gerar a explosão populacional que caracteriza a transição demográfica.

Mas, como dissemos, a transição demográfica é uma teoria, e as explicações e justificativas que procuram ligá-las ao processo de modernização também o são. Isso não significa que não sejam processos reais, inclusive porque é possível verificá-los empiricamente. No entanto, é preciso cuidado para não fazer

grandes generalizações, achando que o processo dá-se da mesma forma em todos os espaços considerados. Nesse sentido, veremos, a seguir, exemplos importantes sobre como a transição demográfica pode dar-se de formas bastante diferenciadas.

A realização espacial e socialmente desigual da transição demográfica

Vimos que a transição demográfica é tida como a queda da proporção de nascimentos e de mortes em uma dada população. Mas, como tais quedas são diretamente ligadas a condições socioeconômicas e culturais, seu ritmo e sua intensidade serão diretamente resultantes dessas condições. A partir dessa constatação, é possível falar em desigualdade social e espacial da transição demográfica. Vejamos quais são os determinantes dessas desigualdades.

Aceitando a ligação entre transição demográfica e modernização, lembremos que a própria modernização não é homogênea entre as regiões em que se dá, nem dentro de cada uma delas. A modernização é um processo nascido na Europa e que se expandiu para o restante do mundo. Com isso, já podemos distinguir dois tipos gerais de modernização: a central e a periférica, ou a pioneira e a retardatária.

A **modernização central**, ou **pioneira**, ocorrida nos países europeus e em algumas extensões mais diretas de seu padrão socioeconômico e cultural, como os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, intensificou-se entre meados do século XVIII e a segunda metade do século XIX. Em geral, é marcada pela industrialização a partir das empresas do próprio país e das ações do Estado-nacional, entre elas a generalização da educação pública para criar a mão de obra necessária à nascente sociedade urbano-industrial.

Além disso, em termos culturais, foram esses países que produziram quase todos os ideais modernos aos quais nos referimos no item anterior, com destaque para a laicização, a racionalização econômica, o individualismo, a competitividade, a liberalização da mulher e da sexualidade e a diminuição da importância dada à família.

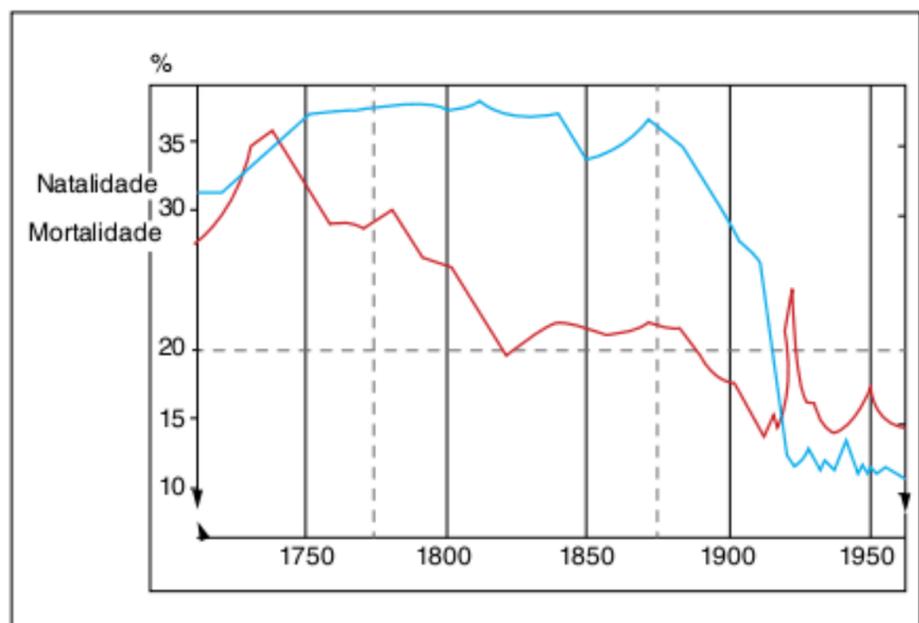


Fig. 9 A transição demográfica na Inglaterra e em Gales (1700-1950).

Por tudo isso, a transição demográfica nesses países iniciou-se primeiro, cumpriu-se de forma mais completa e, em alguns casos, chegou a um extremo problemático, marcado por taxas de fecundidade muito abaixo do nível de reposição populacional.

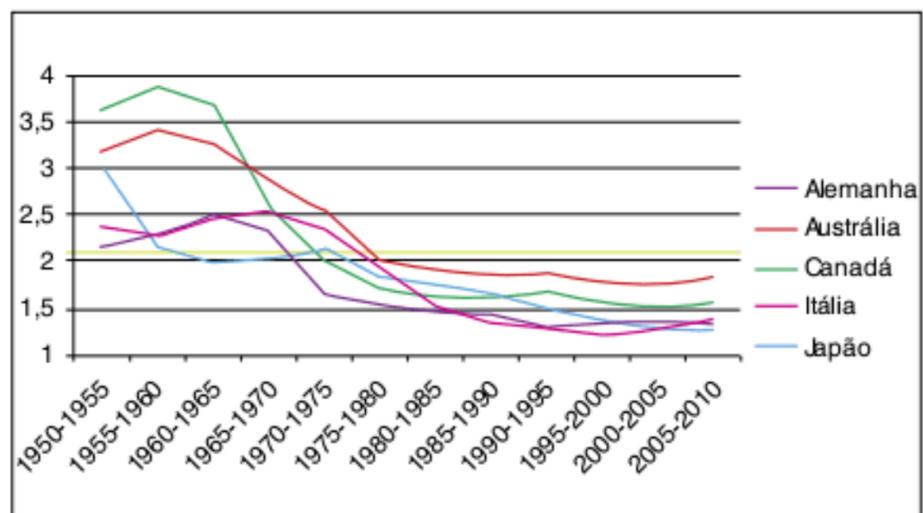


Fig. 10 Taxa de fecundidade em países centrais selecionados.

A **modernização periférica**, por sua vez, característica de países da América Latina, África e Ásia (com exceção do Japão) é marcada não só pelo atraso das mudanças socioeconômicas e culturais, como também pela sua incompletude ou heterogeneidade.

Entre os periféricos, há aqueles que se industrializaram e os que não o fizeram. No caso dos primeiros, a industrialização é marcada pela chegada, após a Segunda Guerra Mundial, de indústrias multinacionais em busca de benefícios fiscais, matérias-primas e mão de obra baratas. O resultado do processo de industrialização não foi, evidentemente, o mesmo dos países centrais. Isso porque foi marcado pela desigualdade (entre classes sociais, gêneros e etnias) e por problemas como o analfabetismo, a violência, a fragilidade das relações democráticas e a formação de periferias pobres nas grandes cidades.

No caso dos que não se industrializaram, a condição é, em geral, ainda pior. A situação ficou marcada por processos de urbanização ligados mais à simples desestruturação das comunidades rurais tradicionais do que à modernização econômica. Neste caso, os níveis de analfabetismo, pobreza, violência e precariedade nos sistemas de saúde são ainda maiores.

Ao mesmo tempo, em muitos desses países, principalmente nos mais pobres, os valores tradicionais ligados à religiosidade, à família e à vida comunitária resistem mais ao processo de modernização, justamente porque este é incompleto. É claro que há exceções, mas, no geral, nos países em que a mercantilização e a monetarização das relações sociais são mais intensas, os valores tradicionais tendem a perder espaço. Ao mesmo tempo, nos países mais pobres esses mesmos valores tendem a se manter.

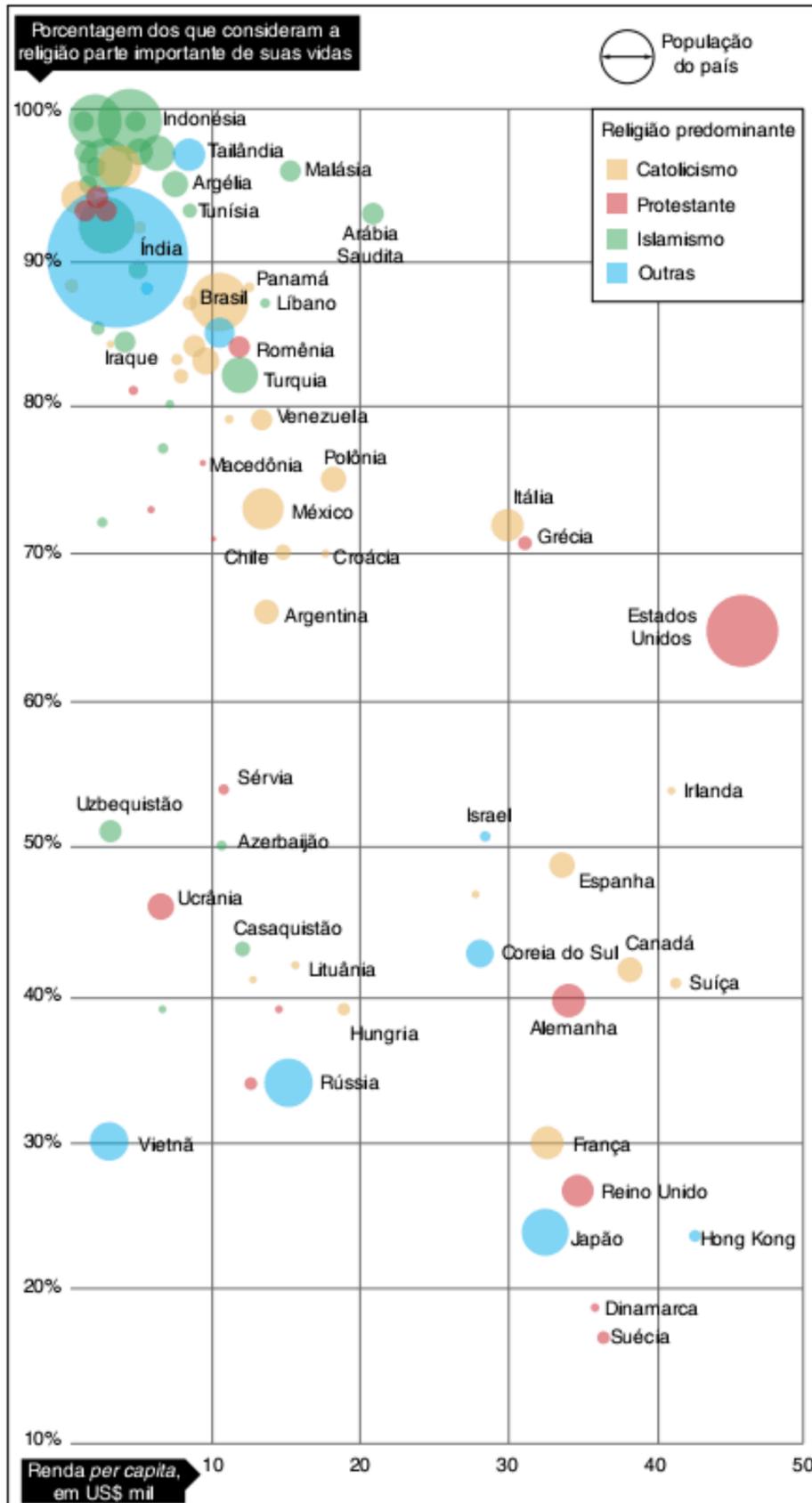


Fig. 11 Pessoas mais pobres integram o grupo das que se consideram mais religiosas.

Todas essas características socioeconômicas e culturais dos países periféricos apontadas tendem a atrasar ou mesmo bloquear a transição demográfica. Isso, no entanto, não significa que os regimes demográficos desses países mantenham altas taxas de natalidade e mortalidade. Em geral, a mortalidade vem caindo muito mais rápido do que a natalidade, já que, mesmo em condições econômicas precárias, os avanços da medicina e o aumento da produção de alimentos vêm beneficiando as populações pobres.

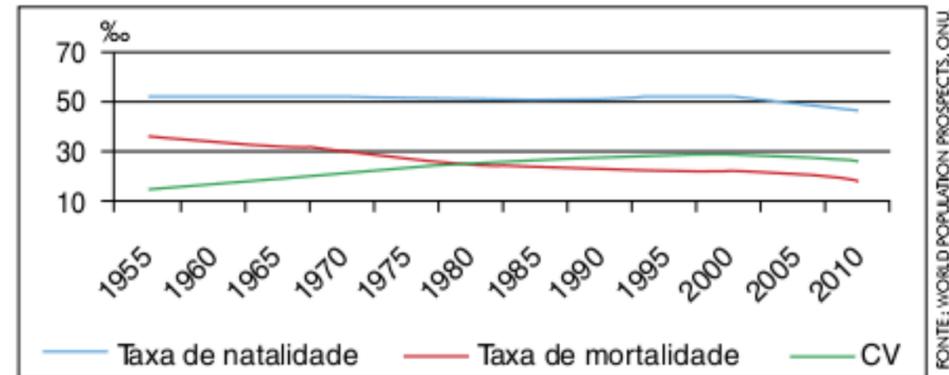


Fig. 12 Transição demográfica no Afeganistão.

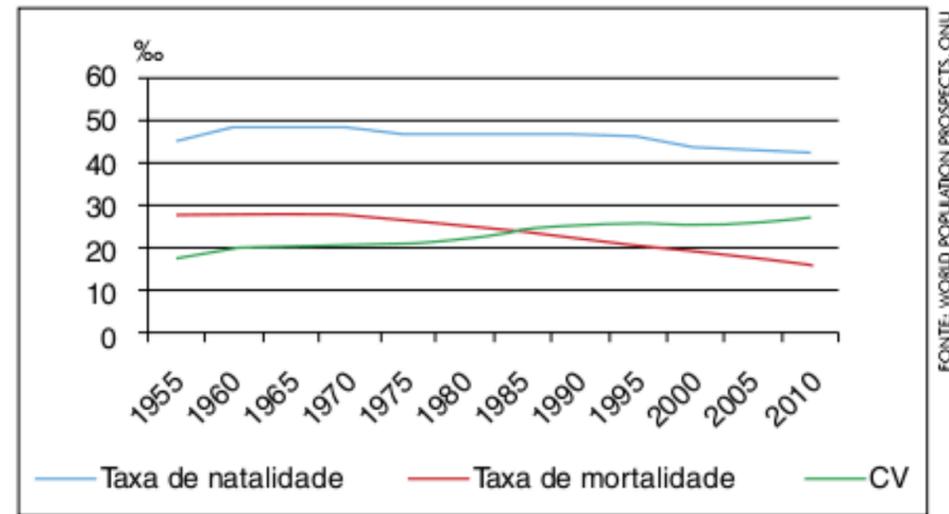


Fig. 13 Transição demográfica no Mali.

Ao mesmo tempo, a persistência de altas taxas de natalidade e fecundidade, nesses países, relaciona-se a problemas como analfabetismo, baixo nível de autonomia das mulheres e manutenção de fortes valores religiosos. É possível perceber, em alguns casos, como o do Afeganistão, no gráfico a seguir, que a taxa de fecundidade aumenta durante um período de conflito ou de regimes opressores à mulher.

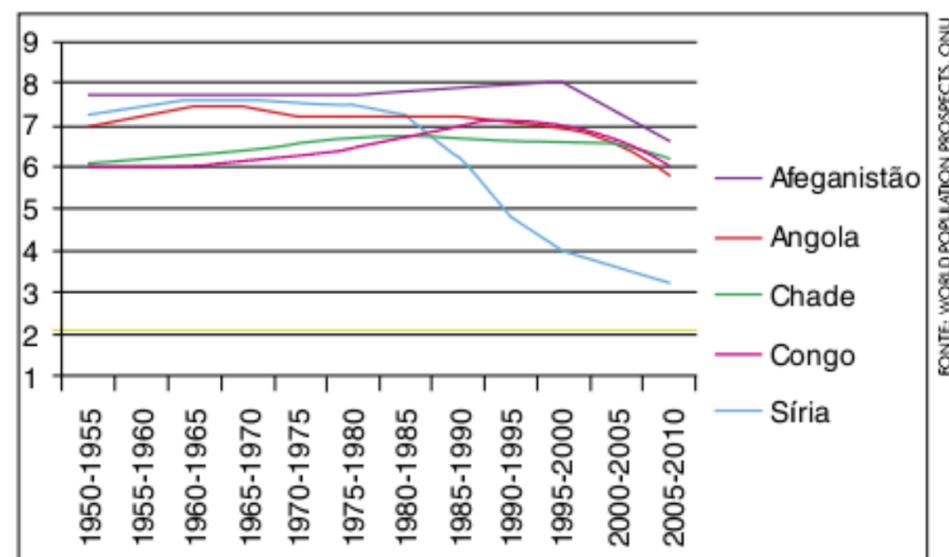


Fig. 14 Taxa de fecundidade em países periféricos selecionados.

A grande consequência do desencontro entre as taxas de fecundidade dos países centrais e dos periféricos é que a população dos primeiros tende a estabilizar-se ou regredir, enquanto a dos últimos vem apresentando grande aumento. Isso vem provocando uma grande transformação nos pesos relativos de cada continente na população mundial, como se pode observar no gráfico a seguir.

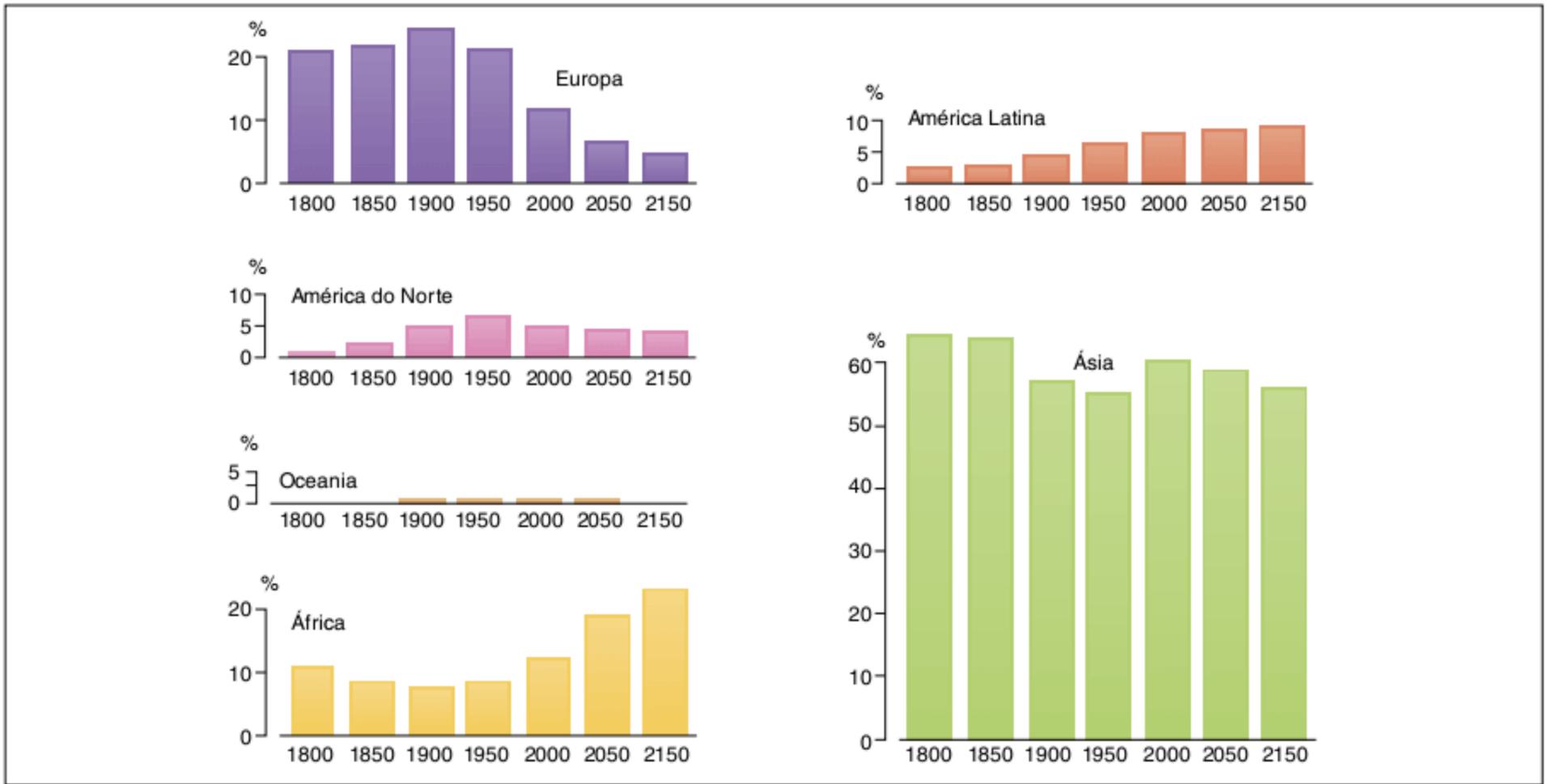
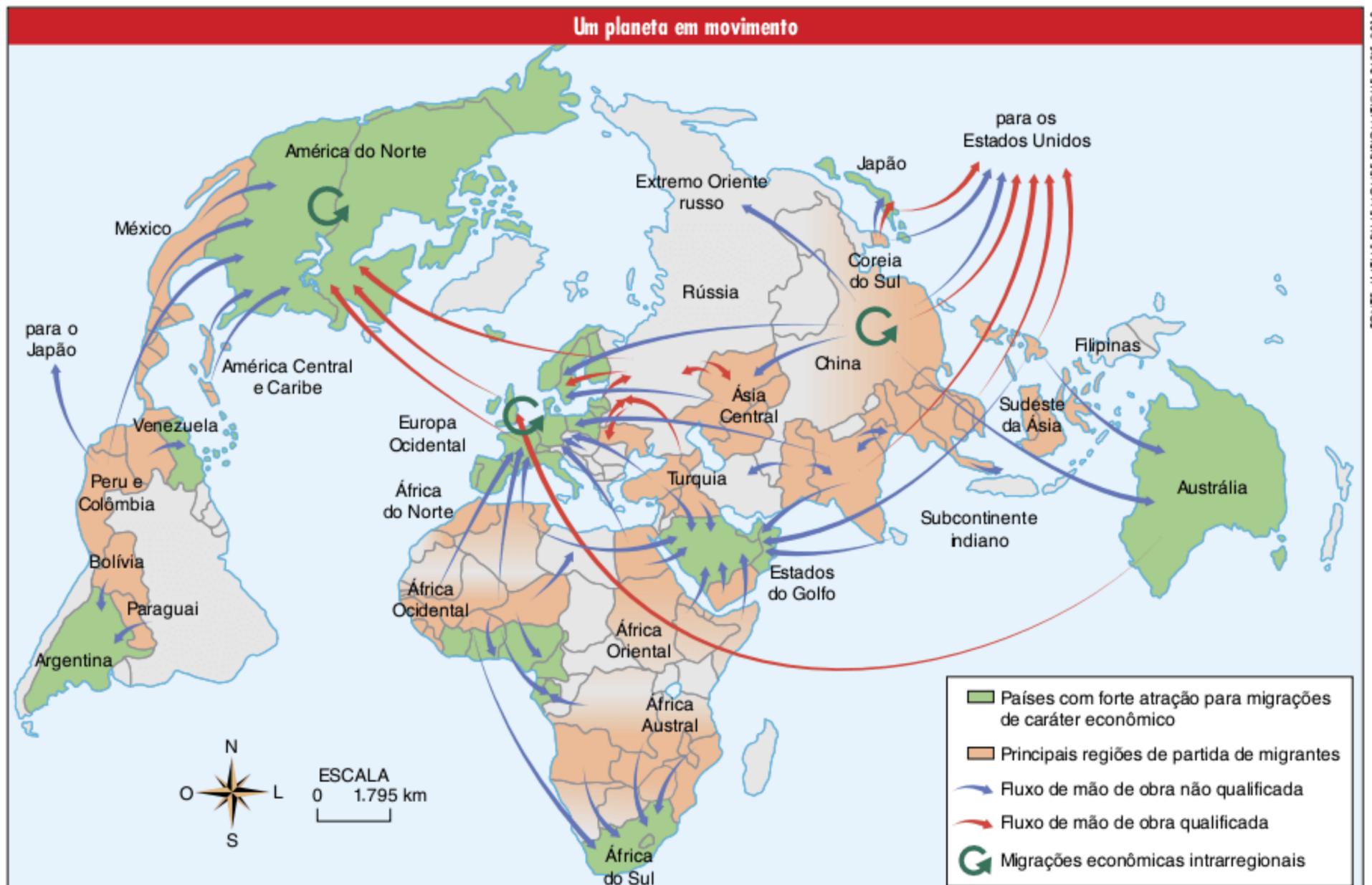


Fig. 15 Peso relativo no conjunto da população mundial, por grandes regiões.

Assim se dá origem a uma situação de aumento populacional em países pobres e com dificuldades para acionar os mecanismos da geração de emprego e desenvolvimento econômico. Ao mesmo tempo, cria-se uma escassez de mão de obra em países ricos. A solução, aparentemente óbvia, é a migração de pessoas do primeiro grupo para o segundo, o que, aliás, vem

ocorrendo intensamente. Para se ter ideia, na Europa mais da metade do crescimento demográfico dos últimos anos vem da entrada de imigrantes. Eis uma situação em que se deve aplicar a distinção entre crescimento vegetativo e crescimento demográfico, sendo este último a soma do primeiro com o saldo migratório.



No entanto, mesmo precisando de imigrantes para compensar a baixa fecundidade, grande parte da população de países europeus e dos Estados Unidos é contrária à entrada de estrangeiros. Esse contrassenso deve-se ao medo da **descaracterização cultural**. O fato é que, se as populações da Europa, dos Estados Unidos e do Japão continuarem a apresentar baixas taxas de fecundidade, ao mesmo tempo em que dependem da entrada de imigrantes para manter suas economias, a tendência será um constante aumento da proporção de estrangeiros e seus descendentes no conjunto de tais populações.

Tal situação vem gerando medidas contraditórias, por parte dos governos dos países ricos, que, por um lado, regularizam imigrantes ilegais ou fazem “vista grossa” à entrada de novos grupos e, por outro, reprimem suas manifestações culturais. Manifestações de hostilidade para com os estrangeiros e sua cultura são condutas típicas da **xenofobia**.

Além disso, segundo o que espera a maioria dos demógrafos, a situação de grande crescimento populacional nos países pobres é passageira. A tendência é que, nas próximas décadas, a taxa de fecundidade caia também nessas populações, estabilizando o crescimento da população mundial e diminuindo os fluxos migratórios.

O envelhecimento da população mundial

Já vimos que a transição demográfica leva, inicialmente, ao aumento da população e, em seguida, à queda do crescimento demográfico ou, em casos mais extremos, ao decréscimo populacional. A estabilização ou o decréscimo são características no novo regime demográfico, marcado pela queda da taxa de fecundidade. Agora, vamos tratar de outra característica de regime demográfico moderno: o envelhecimento da população.

É importante destacar que o envelhecimento da população mundial não é, necessariamente, um grande acúmulo de idosos. É claro que, se ocorre um processo de envelhecimento por longo tempo, a tendência é que a proporção de idosos na população cresça. No entanto, inicialmente, o envelhecimento pode indicar, por exemplo, o aumento da proporção de adultos em relação à de crianças.

Uma forma de identificar o envelhecimento de uma população, de maneira geral, é considerar sua média de idade, que corresponde à soma das idades de todos os indivíduos dividida pelo número de indivíduos.

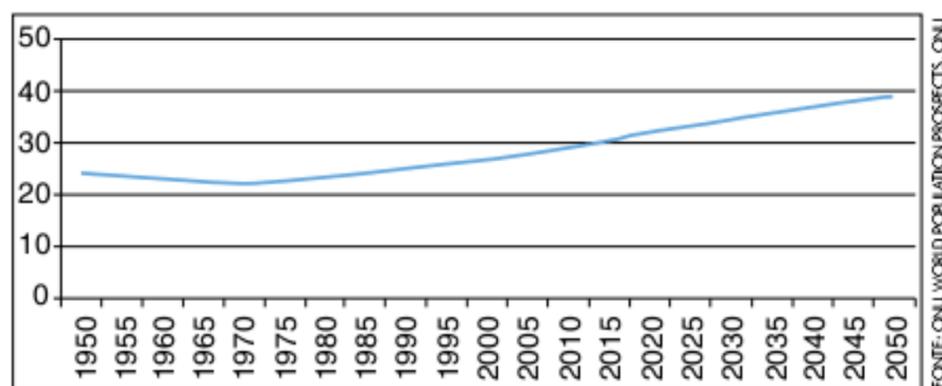


Fig. 16 Idade média da população mundial.

No gráfico anterior, pode-se notar, primeiramente, uma pequena queda da idade média da população mundial, entre as décadas de 1950 e 1970. Tal queda foi devida ao **baby boom** pós-guerra e às explosões populacionais ligadas às transições demográficas. O posterior crescimento da idade média, indicando envelhecimento populacional, deve-se a dois fatores que podem ser observados no gráfico a seguir.

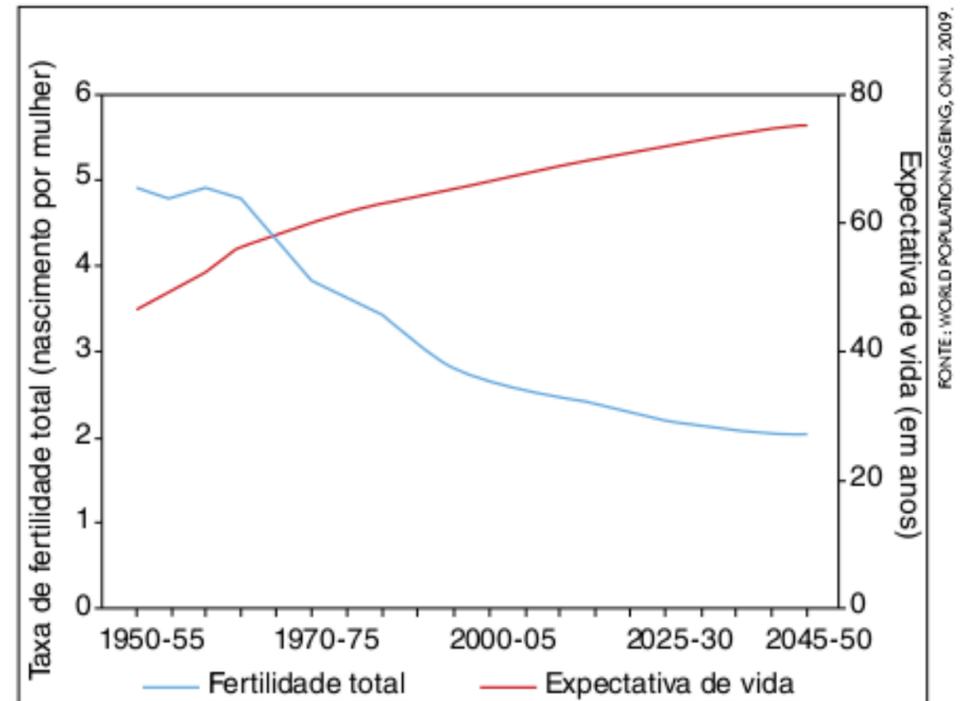


Fig. 17 Taxa de fecundidade e expectativa de vida ao nascer. Médias mundiais 1950-2050.

Podemos notar que, após um pequeno aumento da fecundidade na década de 1950, esta taxa vem caindo continuamente, indicando que as pessoas têm cada vez menos filhos e, portanto, a proporção de crianças na população tende a cair. Ao mesmo tempo, a expectativa de vida ao nascer cresceu continuamente desde os anos 1950, indicando que os adultos e idosos foram se tornando cada vez mais numerosos e, dessa forma, compõem uma proporção cada vez maior da população. Portanto, as causas do envelhecimento populacional são a **queda da fecundidade** e o **aumento da expectativa de vida**.

Apesar de serem tendências gerais para a população mundial, a queda da fecundidade e o aumento da expectativa de vida são mais ou menos intensos, dependendo das condições sociais da população considerada. Quanto maior o desenvolvimento socioeconômico, mais intensas tendem a ser essas variações na dinâmica populacional.

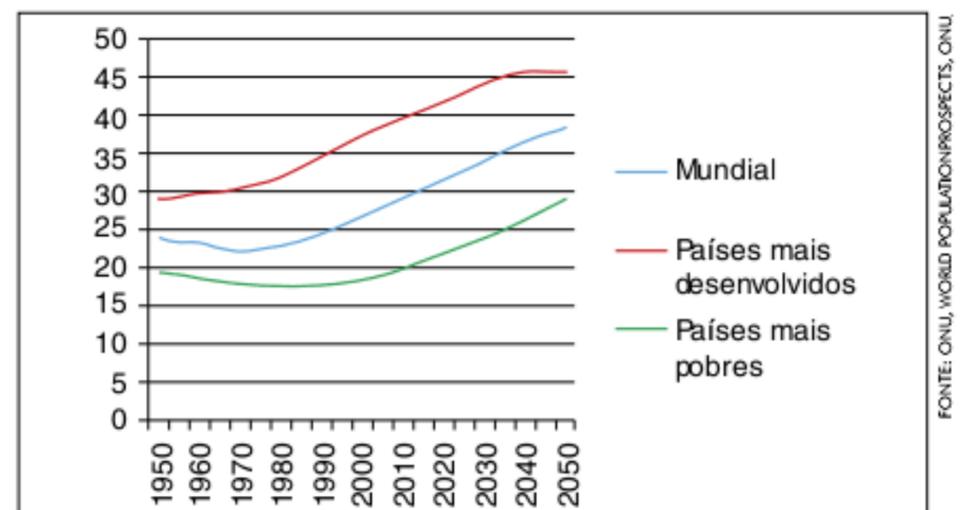


Fig. 18 Idade média nos países mais ricos e mais pobres, 1950-2050.

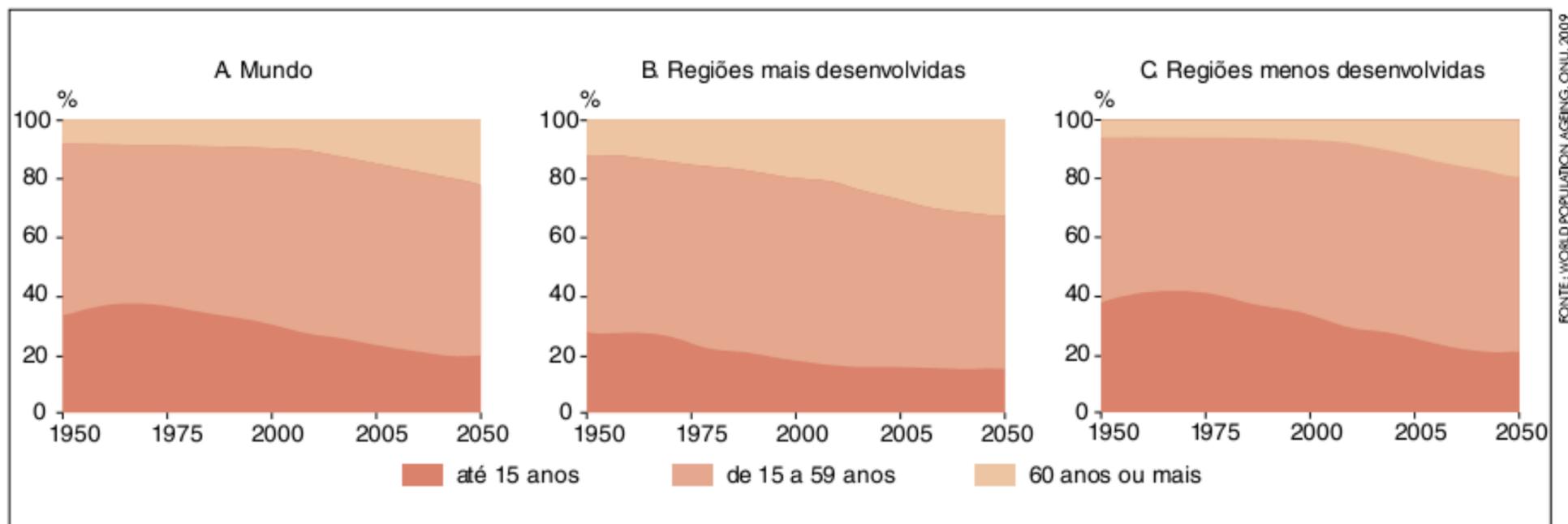


Fig. 19 Distribuição da população em faixas de idade: mundo e regiões de acordo com nível de desenvolvimento, 1950-2050.

É possível perceber que não apenas as populações dos países mais ricos apresentavam uma média de idade maior a dos países mais pobres na década de 1950, como também a diferença foi aumentando ao longo das décadas posteriores. Isso indica a lentidão da transição demográfica nos países mais pobres e a demora para aumentar a expectativa de vida.

Mas, para ir além da constatação do aumento da idade média, é preciso reconhecer, como já apontamos, que um processo de envelhecimento promove, a longo prazo, o aumento da proporção de idosos. Nesse sentido, é interessante avaliar a distribuição da população por faixas de idade, que chamamos de **estrutura etária**. Essa estrutura costuma ser representada em diferentes tipos de gráficos. Vejamos alguns exemplos e as conclusões às quais eles nos permitem chegar.

Nos gráficos anteriores, temos a população classificada em três faixas de idade: crianças (menos de 15 anos), adultos (entre 15 e 59) e idosos (60 ou mais). É possível notar que o que mais chama a atenção no envelhecimento, nos países mais desenvolvidos, é o aumento da proporção de idosos; enquanto nos países mais pobres, o destaque é o aumento da proporção de adultos e a forte diminuição da proporção de crianças.

Assim sendo, é interessante destacar que o envelhecimento da população terá significado diferente para os países ricos e pobres nas próximas décadas; enquanto para os ricos, esse envelhecimento já vem sendo – e tende a ser ainda mais – um problema, para os mais pobres ele será vantajoso.

Os **problemas do envelhecimento** populacional para os países ricos podem ser resumidos em três questões: diminuição da mão de obra disponível; aumento dos gastos com previdência social e saúde do idoso e tendência à diminuição do dinamismo econômico. Esta última é mais difícil de verificar em termos estatísticos, mas é o que muitos estudiosos apontam devido à menor necessidade de pessoas idosas de comprar

casas novas, trocar mais de automóveis e realizar outros gastos que aquecem a economia. Já as duas primeiras questões podem ser discutidas por meio do conceito de **taxa de dependência**.

Chamamos de taxa de dependência a relação entre a porção da população potencialmente em idade para trabalhar (geralmente entre 15 e 64) e a porção que, também potencialmente, não está na idade de trabalhar (com menos de 15 e com mais de 65 anos). O valor pode variar de 0 a 100 e indica quantas pessoas dependentes há, na população, para cada 100 em idade produtiva. Em termos estatísticos, quanto menor for essa taxa, mais potencial o país teria para crescer economicamente e se desenvolver.

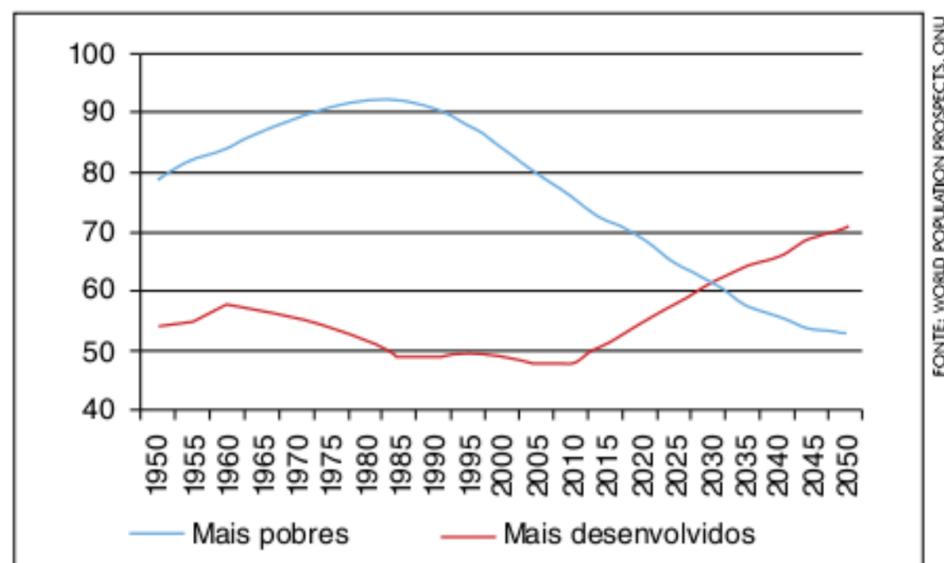


Fig. 20 Taxa de dependência nos países mais ricos e mais pobres, 1950-2050.

Observando o gráfico, podemos notar que a taxa de dependência caiu nos países mais ricos até o início do século XXI, porque eles estavam ficando com uma população com um peso menor de crianças e um peso maior de adultos. Mas, de agora em diante, a tendência é que esta taxa suba bastante, devido ao aumento da proporção de idosos.

Já para os países mais pobres, as **vantagens do envelhecimento** se relacionam à possibilidade de otimização dos gastos com educação – devido à diminuição da proporção de crianças – e ao aumento da mão de obra adulta.

Nesse gráfico, também é possível constatar que a taxa de dependência desses países aumentou até a década de 1980, devido ao início da transição demográfica. Porém, desde então, essa taxa vem caindo e, por volta de 2030, deve ficar menor que a dos países ricos, o que se deve, justamente, ao aumento da proporção de adultos em relação às crianças.

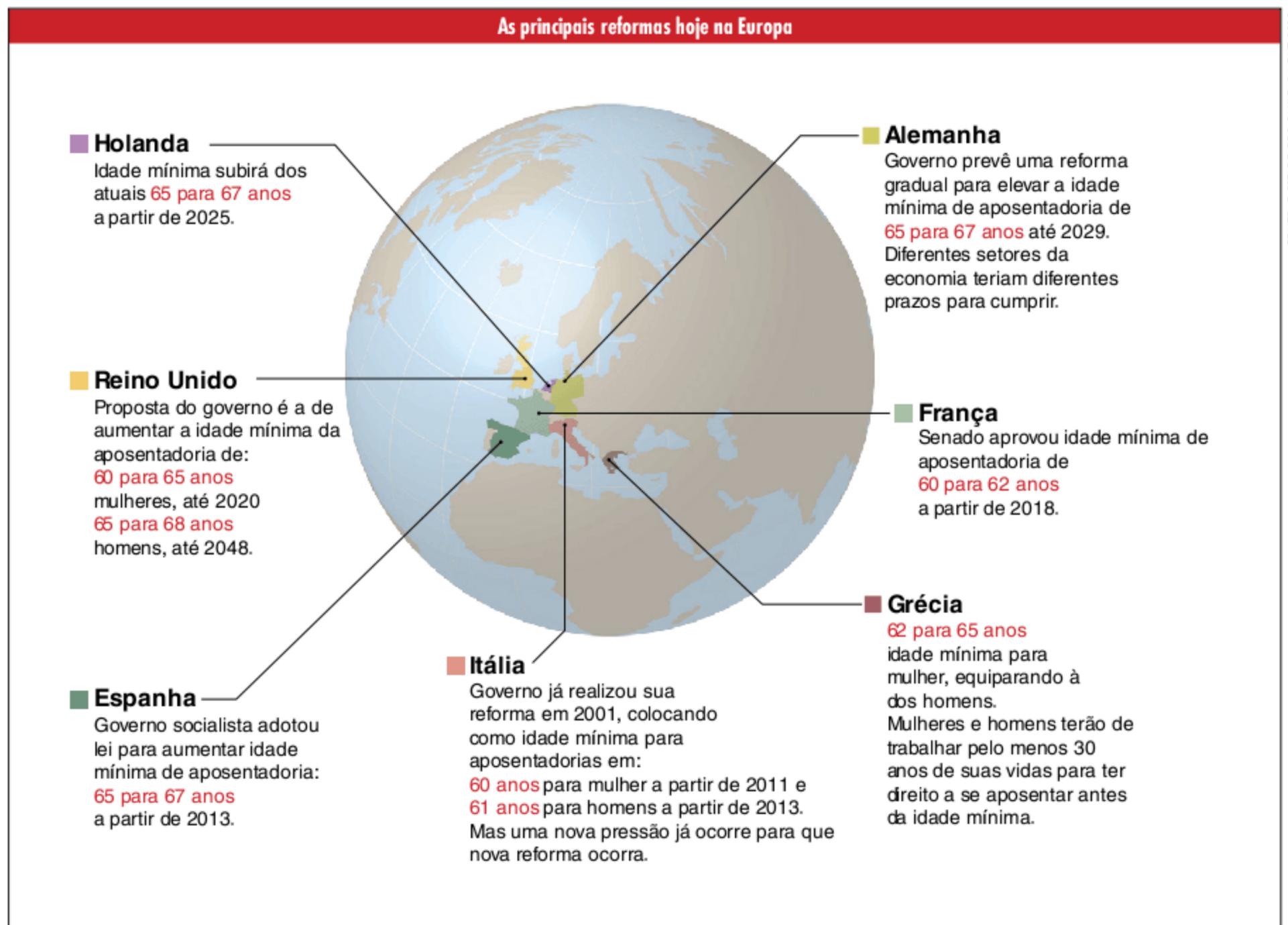
Para os demógrafos, o período em que a taxa de dependência é menor é tido como a época do **bônus demográfico**, ou seja, em que a estrutura etária é mais favorável ao crescimento e ao desenvolvimento econômico. Teoricamente, seria mais fácil, nesse período, sustentar o sistema educacional e os sistemas de aposentadorias e pensões. Seria como ter uma família em que existem vários adultos trabalhando para sustentar poucas crianças e poucos idosos. Mas é claro que outros fatores, de ordem política, cultural e mesmo econômica, têm de ser levados em conta para garantir que este bônus transforme-se,

realmente, em melhoria econômica e social.

Após o período do bônus demográfico, inicia-se uma fase mais complicada – na qual estão entrando os países mais desenvolvidos –, em que o aumento da taxa de dependência é causado pelo aumento da proporção de idosos e, dessa forma, exige-se um dispêndio maior de recursos para sustentar os sistemas de aposentarias, pensões e saúde para os mais velhos.

A questão previdenciária (aposentadoria e pensões) vem sendo a mais discutida nos últimos anos. As principais propostas giram em torno do aumento dos impostos, da diminuição do valor pago aos aposentados e do aumento da idade mínima para a aposentadoria. Todas elas suscitam muita polêmica.

O aumento de impostos é malvisto pelos liberais, que se preocupam em mantê-los baixos para atrair investimentos produtivos para seus países. Já a redução dos valores das aposentadorias e o aumento da idade mínima são medidas fortemente criticadas por aqueles que se preocupam com o bem-estar social. A primeira vem aumentando os problemas de saúde em pessoas com mais de 60 anos, e a segunda vem colaborando para o aumento da pobreza entre idosos.



As mesmas tendências apontadas até aqui em relação ao envelhecimento podem ser percebidas na outra forma gráfica de representar a estrutura etária: as chamadas **pirâmides etárias**.

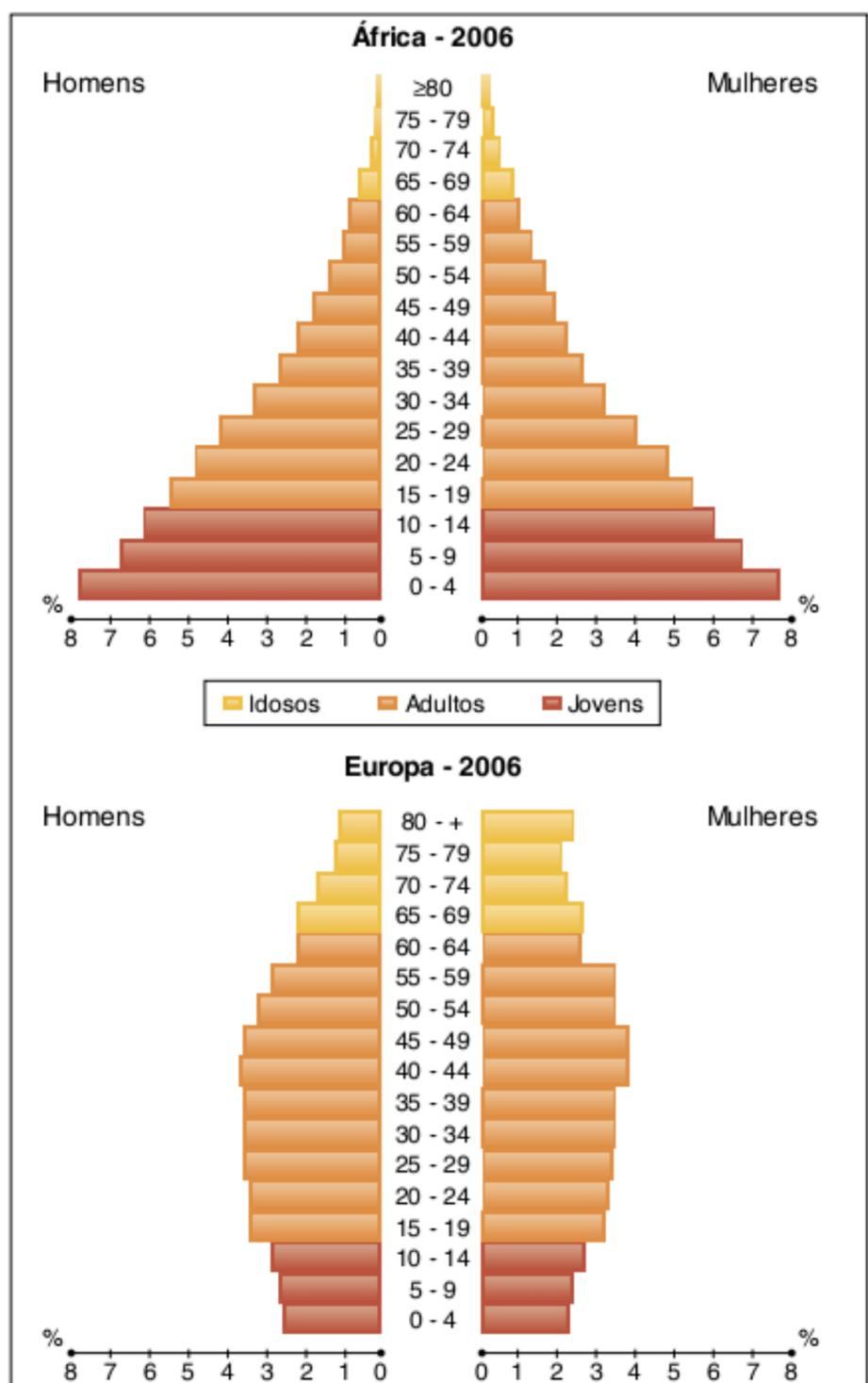


Fig. 21 Pirâmides mostram as diferenças entre faixas etárias na África e na Europa.

Nas pirâmides etárias, é importante prestar atenção na relação entre a base (que representa as crianças), as camadas intermediárias (que representam os adultos) e o topo (que representa os idosos). Nos países mais pobres, antes da transição demográfica, a base é muito larga, pois a fecundidade é alta, mas, ao mesmo tempo, a pirâmide já começa a afinar logo nas primeiras camadas referentes à vida adulta, uma vez que a expectativa de vida é baixa. Conforme vai se dando a transição demográfica, ou seja, conforme a pirâmide vai se transformando, a base vai ficando mais estreita, devido à queda da fecundidade, e o meio vai ficando mais largo, já que aumenta a expectativa de vida. Desse modo, a pirâmide etária passa de situação parecida com a da África para uma condição mais próxima à da Europa.

Nesse gráfico, também é possível visualizar os problemas do envelhecimento para os países mais ricos. As gerações que nasceram em períodos com taxas de fecundidade maiores (como os **baby boomers**, por exemplo) representam camadas que extrapolam os limites da pirâmide, como aquelas que têm entre 40

e 50 anos no gráfico anterior referente à Europa. Quando essas pessoas estiverem com mais de 60, a tendência é que elas sejam mais numerosas que aquelas entre 50 e 60, ou 40 e 50.

Para finalizar essa discussão, é interessante destacar o fato de que os países europeus e o Japão vêm tomando medidas para aumentar a fecundidade. Entre elas, o pagamento de bônus aos casais que tiverem filhos – principalmente se tiverem um segundo ou terceiro – e melhores condições para as mulheres engravidarem e, mesmo assim, continuarem integradas ao mercado de trabalho. Exemplos interessantes são os empregos em período parcial e as licenças maternidade e paternidade, alternadas e mais prolongadas. Para alguns estudiosos, conseguir fazer com que os cidadãos desses países voltassem a ver com bons olhos o projeto de constituir família e ter filhos seria uma das melhores saídas para o problema do envelhecimento.

A transição demográfica brasileira

Depois de estudar os conceitos de transição demográfica e envelhecimento da população, assim como os outros a eles ligados, vamos aplicá-los à descrição da atual situação da população brasileira.

Até o início da década de 1940, o Brasil era um país agroexportador, com a maioria da população vivendo na zona rural e fortemente envolvida com formas tradicionais de cultura e de organização do trabalho, da família e da vida em geral. Como vimos, em tais condições as taxas de natalidade e fecundidade eram altas, correspondendo a um regime demográfico tradicional.

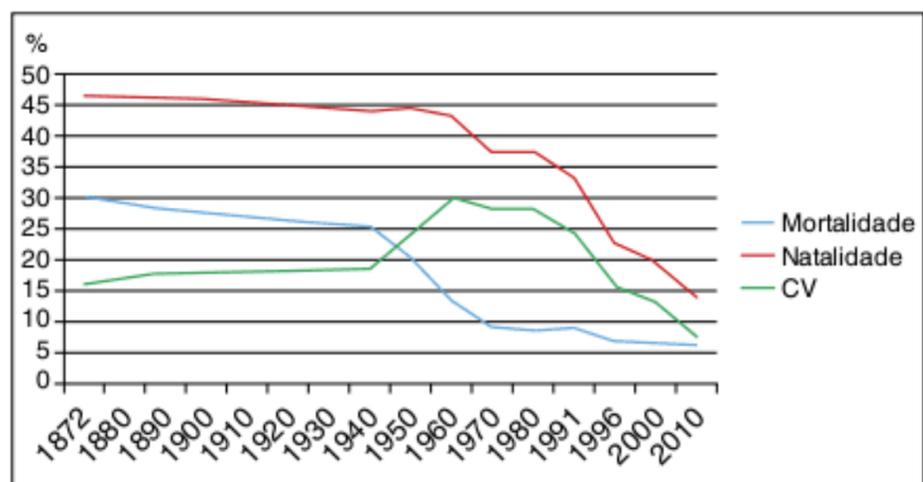


Fig. 22 Transição demográfica no Brasil.

A partir de meados da década de 1940, a economia do país começa a sofrer um processo de industrialização e a urbanização também se inicia. Com isso, cai primeiramente a mortalidade, e depois a natalidade. O período de **explosão demográfica** brasileiro concentra-se entre as décadas de 1960 e 1980.

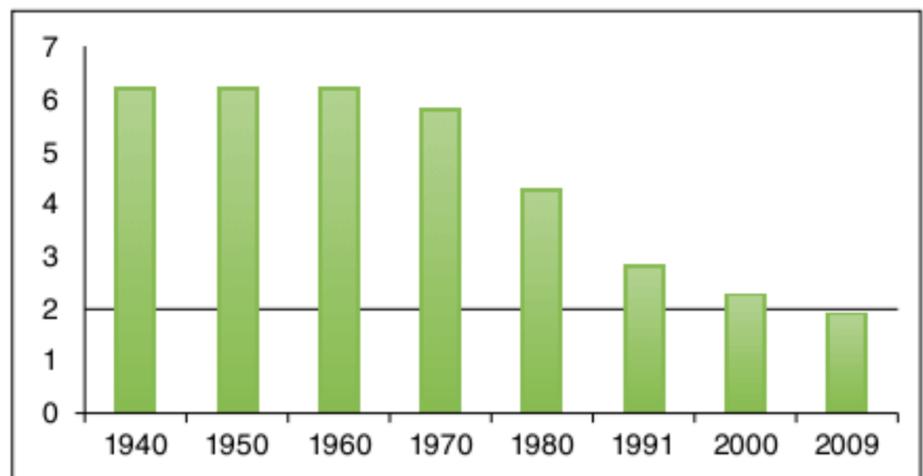


Fig. 23 Taxa de fecundidade da população brasileira entre 1940 e 2009.

Na década de 1990, a transição demográfica brasileira se acelera, o que pode ser verificado principalmente na queda acentuada da taxa de fecundidade, que por volta do ano 2000 já atingia o nível de alguns países desenvolvidos. Em 2009, o IBGE registrou uma média de 1,94 filho por mulher, ou seja, abaixo do nível de reposição populacional.

A queda da fecundidade no Brasil pode ser explicada pelos mesmos motivos que levaram europeus e japoneses a terem menos filhos, ou seja: maior participação da mulher no mercado de trabalho, aumento do custo de vida, da racionalização da organização da família e um ambiente econômico altamente competitivo.

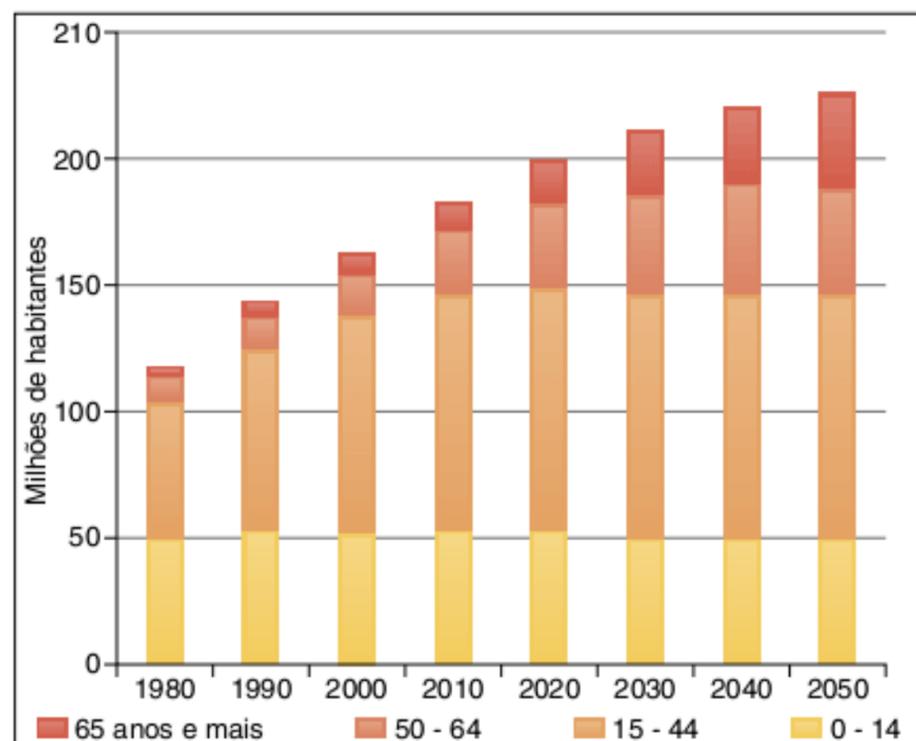


Fig. 24 Tamanho e composição etária da população brasileira.

Com a aceleração da transição demográfica, cujo término no Brasil já pode ser considerado uma realidade, a população conhece a tendência ao envelhecimento. Como vimos, o envelhecimento é inicialmente o aumento da população adulta em relação ao todo e, a longo prazo, acaba resultando no aumento da proporção de idosos. O Brasil vem conhecendo a primeira fase do envelhecimento desde a década de 1990, quando o número de crianças parou de crescer, enquanto o de adultos aumentou. Essa primeira fase deve durar até, aproximadamente, 2025, quando o número de adultos começará a diminuir e o de idosos a aumentar.

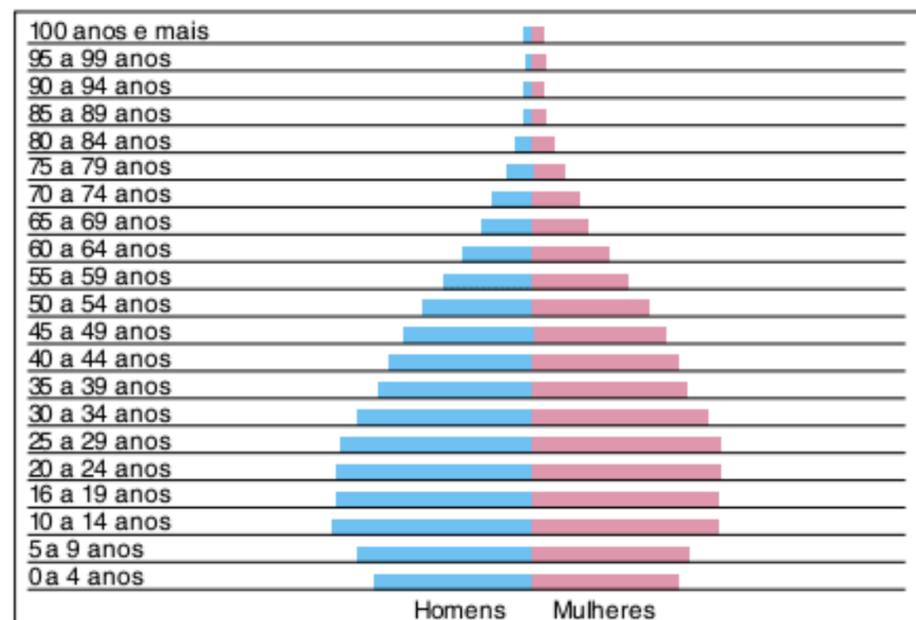


Fig. 25 Pirâmide etária – Brasil 2010.

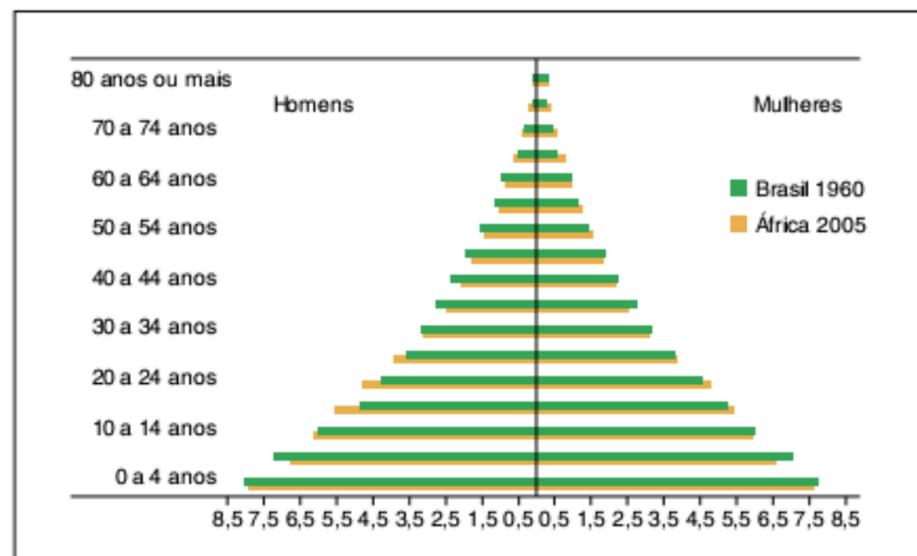


Fig. 26 Pirâmide etária relativa – África 2005 e Brasil 1960 (%).

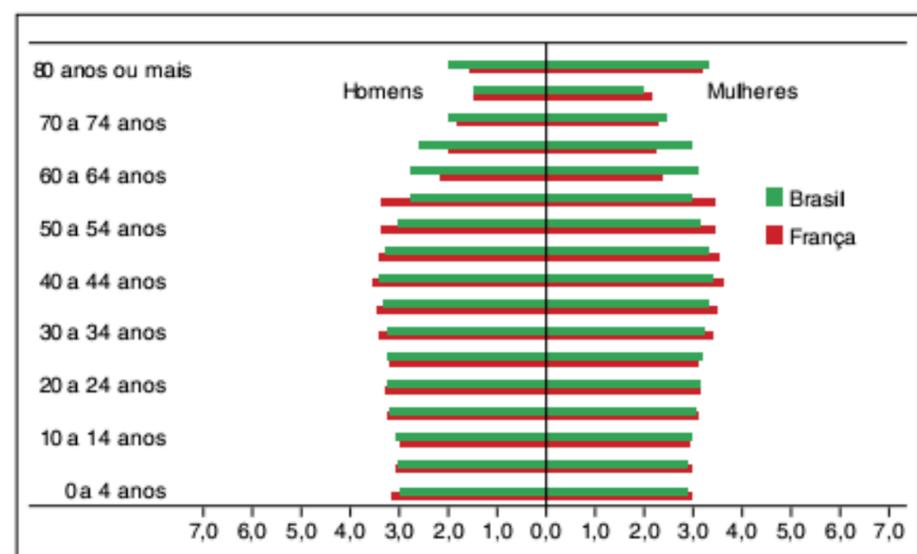


Fig. 27 Pirâmide etária relativa – França 2005 e Brasil 2050 (%).

A tendência que podemos verificar nos gráficos anteriores nos mostra que a população Brasileira não está mais na condição populacional dos países pobres, mas também ainda não atingiu a dos países ricos. Por um lado, isso é bom, no sentido de que as condições de vida estão melhorando e o país está vivendo seu período de **bônus demográfico**. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que na década de 2020 o Brasil já deverá deixar esse período e começar a sentir os problemas do envelhecimento populacional.

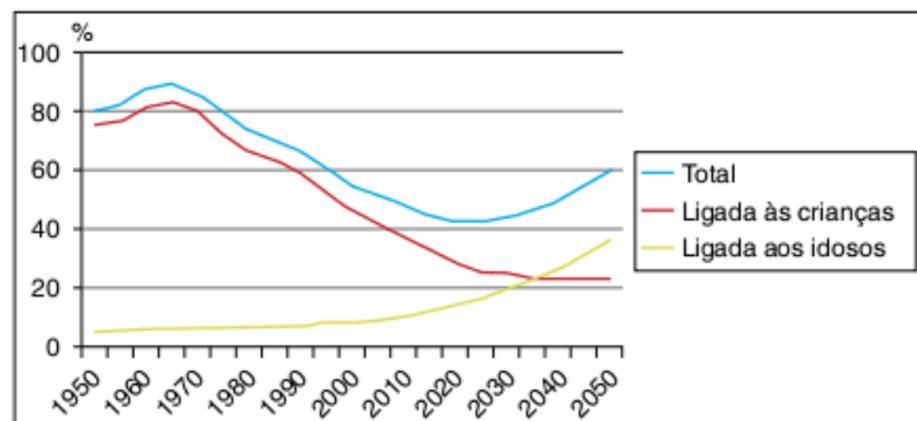


Fig. 28 Taxa de dependência no Brasil, 1950-2050.

Enquanto os adultos forem a porção da população que mais cresce, a taxa de dependência tende a cair, indicando a substituição de uma população jovem por uma adulta e, portanto, mais produção de riqueza para menos população inativa. É preciso aproveitar esse período de **bônus demográfico** para planejar o futuro, principalmente no que se refere à criação de condições favoráveis para os investimentos em educação e a reformulação do modelo previdenciário.

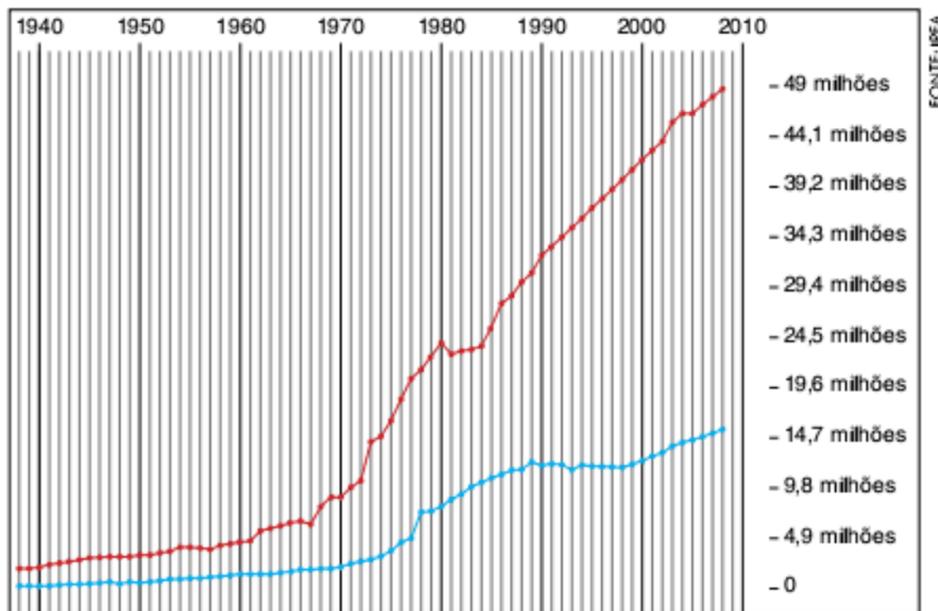


Fig. 29 Previdência social no Brasil: aumentos nas contribuições e nas demandas de benefícios.

Teorias da população

O crescimento do número de habitantes no mundo, após a Revolução Industrial, e o aumento da urbanização levaram muitos estudiosos, inicialmente economistas, a se preocuparem com a relação entre produção material e crescimento populacional, diretamente ligada ao conceito de superpopulação, que deve ser bem compreendido.

Uma população maior do que as condições socioespaciais necessárias para uma vida decente caracteriza a ocorrência de uma superpopulação. Dessa forma, ela é relativa, e não absoluta, ou seja, mais que o número de indivíduos, deve-se observar a relação entre a população e suas condições de produzir riqueza.

Procurando compreender como se dá esse relacionamento, os teóricos da população criaram diferentes visões sobre a dinâmica demográfica. As três principais são: o malthusianismo; o neomalthusianismo; e a teoria reformista ou marxista. Cada uma delas está ligada a uma determinada corrente de pensamento econômico e social.

Thomas Malthus

Como vimos, durante o século XIX, a Europa passou por um grande crescimento populacional. Para se ter ideia, no país mais industrializado da época, a Inglaterra, a população passou de 9 para 40 milhões ao longo de cem anos.

Nessa situação, um reverendo inglês chamado Thomas Malthus, estudioso de economia da população, criou uma teoria sobre a relação entre o crescimento populacional e a produção de alimentos.



Fig. 30 Thomas Malthus.

Para Malthus, o crescimento da população ocorria mais rapidamente que sua capacidade de produzir seu próprio alimento, tendo em vista o limite do ambiente natural para aumentar tal produção. Enquanto o número de habitantes tendia a crescer numa progressão geométrica, a quantidade de alimentos produzidos só podia chegar, em boas condições, a um crescimento representado por uma progressão aritmética.

Observação: Progressão aritmética é uma sequência numérica cuja variação dá-se por meio da soma de uma constante ao termo anterior. Já a progressão geométrica é uma sequência numérica cuja variação dá-se por meio do produto de uma constante ao termo anterior.

Considerando progressões temporais (ou seja, infundáveis), crescentes e positivas, a progressão geométrica invariavelmente irá ultrapassar a aritmética.

Com o crescimento da população superando o crescimento da produção de alimentos, existiria, segundo Malthus, um aumento da probabilidade de ocorrência de grandes crises de fome e miséria, assim como de guerras por territórios agricultáveis. Essas tragédias acabariam produzindo um grande número de mortes e reequilibrando a proporção entre o tamanho da população e sua capacidade de produzir alimentos.

Ao contrário do que muitos imaginam, Malthus não era a favor de guerras e epidemias de fome como forma de controlar a população. Mas, enquanto economista liberal, ele vislumbrava uma tendência natural ao controle do crescimento demográfico.

Para evitar que esse controle fosse feito de forma tão drástica pela natureza, o economista britânico propunha que as pessoas se casassem mais tarde, como forma de ter menos filhos. É óbvio que ele, como religioso da época, considerava como princípio que as pessoas só tivessem relações sexuais após o casamento.

A teoria malthusiana tinha vários problemas. O primeiro é que Malthus desconsiderou a ampliação da produção agrícola pelo cultivo de novas terras nas Américas, na África e na Ásia. Mas, mesmo assim, ele poderia argumentar que sua ideia continuaria válida a longo prazo, quando também essas terras se tornassem insuficientes para produção de alimentos.

Porém, o segundo e principal erro dessa teoria é a desconsideração do desenvolvimento tecnológico. O desenvolvimento das indústrias teve também uma grande influência na produção agrícola ao criar máquinas, agrotóxicos, fertilizantes, sementes selecionadas, entre outros (sem considerar as atuais espécies transgênicas). Dessa forma, não só a produção de alimentos passou a ser suficiente para a população mundial, como também o número de pessoas envolvidas na atividade agrícola caiu drasticamente.

Neomalthusianos

Como vimos, quando os países periféricos e semiperiféricos entraram na transição demográfica, através da urbanização de sua população, houve uma grande **explosão demográfica**. Esta se deu principalmente a partir da década de 1940, o que suscitou o aparecimento de novas teorias sobre a dinâmica da população.

Primeiramente, as ideias de Malthus foram retomadas, porém em outros termos.

Os neomalthusianos, como são chamados, passaram a ligar o subdesenvolvimento econômico às altas taxas de crescimento populacional. Para eles, uma população muito numerosa acabava dificultando o desenvolvimento de um país, já que aumentava os gastos públicos em setores como saneamento básico, educação e saúde pública. A partir daí, **a solução para o subdesenvolvimento seria um rígido controle de natalidade.**

As ações governamentais para conter o crescimento da população poderiam ser programas de **esterilização** em massa, distribuição de **anticoncepcionais**, educação voltada ao **planejamento familiar** – incluindo a expansão do ideal de família pequena entre a população pobre – e até mesmo a aprovação do **aborto** como método para evitar filhos.

Essas ideias ganharam muita força em vários países do mundo, até porque a urbanização e a melhoria na educação são fatores que despertam nas pessoas a vontade de controlar a quantidade de filhos, o que resultou em uma aceitação favorável à maioria dessas propostas. No entanto, as críticas aos neomalthusianos também não são poucas.

Para começar, há um problema de desrespeito aos direitos humanos das populações mais pobres quando o controle de natalidade é imposto, seja de forma direta (por meio de programas de esterilização em massa) ou indireta (pela doutrinação do planejamento familiar feito sem conscientização).

Mas, além desses e de outros abusos dos programas de controle de natalidade, há um problema mais teórico, mas não menos importante, que é a explicação sobre as origens do subdesenvolvimento que essa teoria adota. Afinal, sabemos que as principais origens das fragilidades econômicas dos países subdesenvolvidos são fatores como a divisão internacional do trabalho, a falta ou ineficiência de programas de geração de emprego, de educação da mão de obra e de desenvolvimento de tecnologia, além de estruturas fundiárias e de renda altamente concentradas. Como contraponto, basta lembrar que, segundo as evidências das transições demográficas, foi o desenvolvimento econômico que levou, primeiramente, ao aumento e depois à estabilização da população, e não o contrário.

Desde a década de 1970, um grupo mais específico de neomalthusianos está mais preocupado com as questões ambientais do que com o desenvolvimento econômico. É o que muitos passaram a denominar de **ecomalthusianismo**. Para eles, o crescimento exagerado da população mundial tenderia a levar a uma degradação ambiental cada vez maior, uma vez que aumentaria o uso dos recursos naturais e a produção de poluentes.

Embora tenha certo sentido, o argumento dos ecomalthusianos esconde um grande desequilíbrio no uso dos recursos mundiais e na produção da poluição. Sabe-se que os países centrais, mesmo tendo apenas 20% da população mundial, são responsáveis por mais de 70% da poluição e por quase 80% do consumo de energia. Sendo assim, o ritmo de crescimento das populações dos países pobres pode até ser uma ameaça ao funcionamento dos sistemas naturais. No entanto, o consumismo dos países centrais é um problema muito maior e bem menos discutido.

Reformistas

Outro grupo de estudiosos da questão demográfica, ligado a correntes políticas social-democratas e socialistas, denominam-se de reformistas. Os reformistas discordam da posição dos

neomalthusianos. Para eles, o crescimento populacional não é a causa do subdesenvolvimento econômico, mas sim uma de suas consequências.

Como vimos, a queda das taxas de natalidade ocorre, principalmente, devido a fatores como o aumento da alfabetização e a entrada da mulher no mercado de trabalho. É facilmente verificável que em todos os países centrais encontram-se baixas taxas de natalidade, mesmo naqueles em que não foram colocados em prática programas oficiais de planejamento familiar.

A proposta dos reformistas é apostar na melhoria das condições de vida da população, como forma de diminuir o crescimento populacional. Sendo assim, eles fazem uma crítica à concentração de renda e ao baixo nível de investimentos estatais em setores como saúde e educação, nos países mais pobres.

A questão do aborto

Na conferência sobre população realizada pela ONU na cidade do Cairo, em 1994, destacou-se o confronto de ideias entre três principais grupos de discussão: os neomalthusianos, os reformistas e os representantes das principais organizações religiosas mundiais, notadamente os católicos e os muçulmanos.

A briga concentrou-se em torno da questão do aborto. O aborto é liberado em vários países, a maioria deles economicamente desenvolvidos, como método anticoncepcional, ou seja, não é necessário um motivo grave, como risco à saúde da mãe ou da criança, para fazê-lo, basta que a mulher não queira ter o filho e que a decisão seja tomada nas primeiras semanas de gestação.

No entanto, a discussão sobre a liberalização do aborto é bastante complicada, envolvendo a ética, os direitos humanos e a religião. Uma das principais polêmicas é em relação à questão de o feto ser ou não uma vida. Em alguns países, considera-se que a concepção ocorre no ato da fecundação; portanto, o feto já seria uma vida desde as primeiras horas de existência. Por outro lado, estudos científicos procuram mostrar que só se configura um organismo propriamente humano após meses de gestação, embora dentro da ciência também haja profundas discordâncias. Afinal, a determinação do que seja a vida não é tão objetiva quanto possa parecer em um primeiro momento.

As crenças religiosas e a limitação da ciência, em relação à determinação do que seja propriamente uma vida no útero da mulher acabam levando o debate a uma discussão infundável.

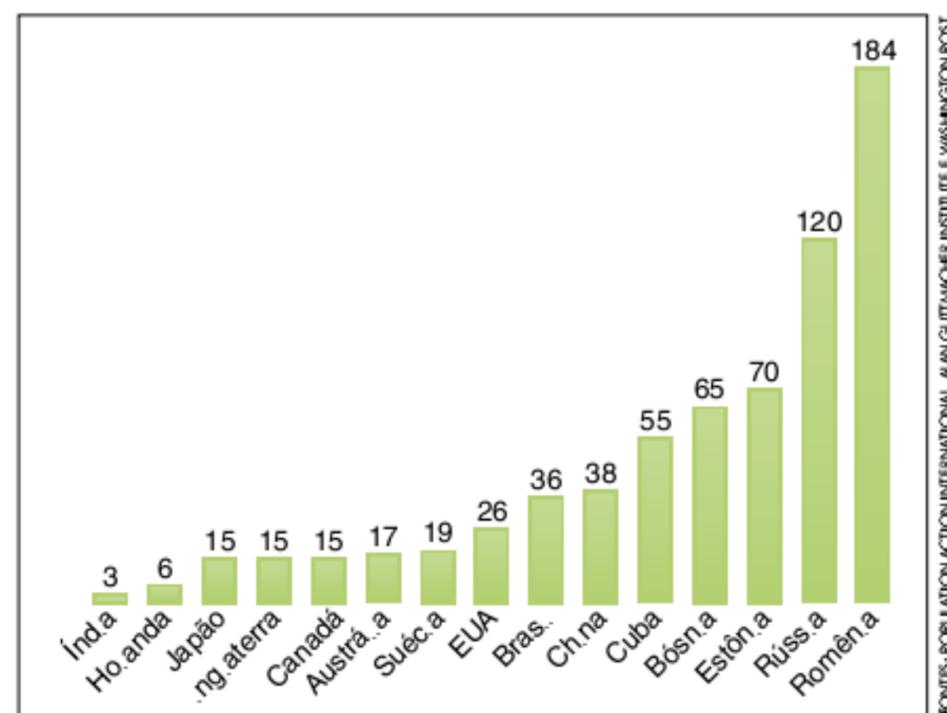
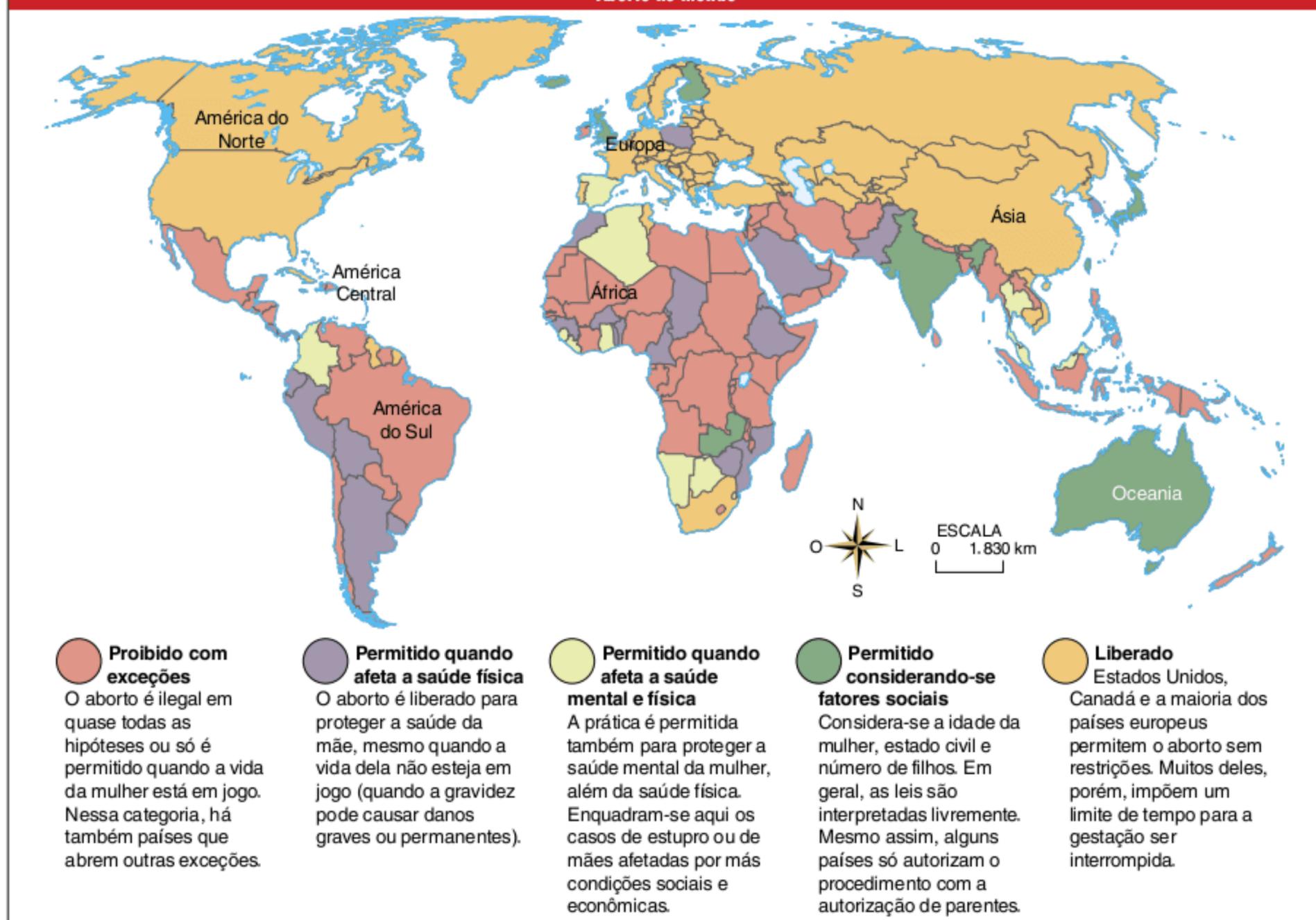


Fig. 31 Número de abortos por 1000 mulheres.



FONTE: FOLHA DE S. PAULO, 10 OUT. 2010.

No mapa

As diferenças entre as legislações de diversos países na questão do aborto.

De qualquer modo, o debate sobre o aborto tem de considerar outros dados. Primeiramente, em muitos países onde o aborto é permitido, o número de mulheres que o realizam é relativamente baixo. Mas isso não se deve, como querem fazer crer muitos, ao fato de que a simples liberalização diminui a quantidade de abortos. A verdade é que na maioria dos países onde essa prática é liberada existe um alto padrão de vida, incluindo ampla alfabetização de qualidade e acesso a um sistema de saúde decente. Assim, as pessoas conseguem se prevenir melhor das gestações indesejadas.

Ao mesmo tempo, a proibição do aborto em muitos países do mundo não garante que ele não ocorra. Ao contrário, em muitos desses países é que podemos encontrar as maiores taxas. Mas isso não se deve simplesmente à pura proibição. Entre a população que mais pratica o aborto, não existem boas condições para prevenir a gravidez indesejada, o que é devido ao alto grau de analfabetismo e à falta de bons programas preventivos de saúde.

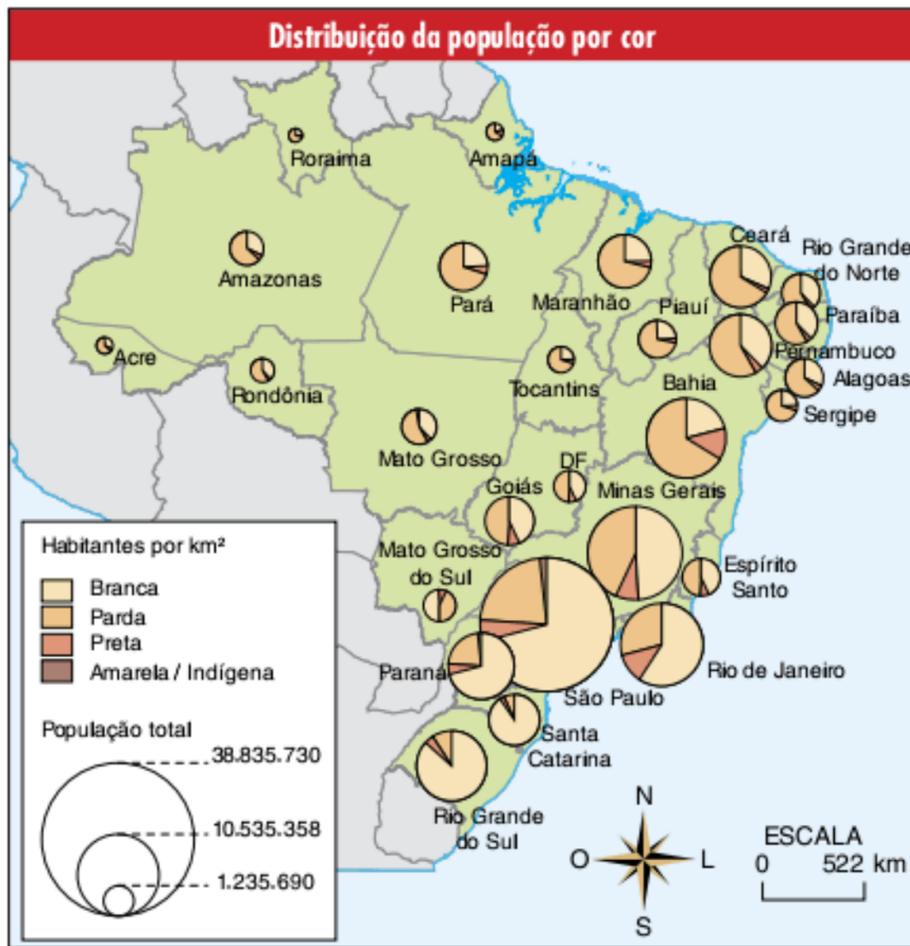
Para piorar a situação, o aborto clandestino é sempre um problema, uma vez que as clínicas seguras são caríssimas, tendo seu acesso limitado à população mais abastada. Já a população pobre, que justamente tem maiores problemas com gravidez indesejada, tem de recorrer a clínicas com problemas de higiene, profissionais inexperientes e equipamentos ineficazes. Nessas situações, os riscos de complicações, e até de morte, para a mulher são muito grandes.

Enfim, a discussão do aborto não pode ser feita separadamente das outras questões de saúde pública e de educação. A questão não é bem liberalizar ou não a prática do aborto, e sim analisar as causas que levam as mulheres a recorrerem a ela.

Estrutura étnica brasileira

Em *O povo brasileiro*, o antropólogo Darci Ribeiro fala da formação de nosso povo a partir de três **matrizes étnicas**: os índios, os brancos e os negros. Os primeiros eram os habitantes originais e legítimos desta terra; os brancos, aqueles que aqui vieram e conquistaram a terra e as pessoas que nela se encontravam, transformando a cultura, a economia, a política e o espaço. Finalmente, mas não menos importante, os negros, que para cá foram trazidos como escravos dos europeus para ajudá-los em suas conquistas e em seu enriquecimento.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, calcula-se que havia cerca de 5 milhões de índios. Desde então, entraram no país por volta de 6 milhões de negros e no máximo 4 milhões de brancos, considerando-se o saldo entre os brancos que vieram para cá e aqueles que voltaram para a Europa. Ao considerar estes números, a realidade expressa no gráfico a seguir parece, no mínimo, estranha, já que os índios e os negros, mesmo considerando-se o etnocídio e os maus-tratos, têm grande peso na formação do povo brasileiro.



No mapa
O mapa demonstra como estão distribuídas as parcelas da população segundo a cor da pele.

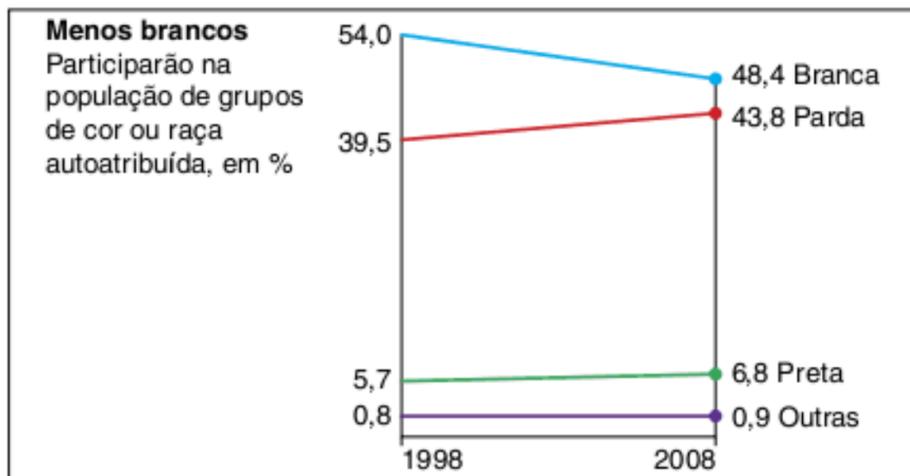


Fig. 32 Participação na população de grupos de cor ou raça autoatribuída em %.

Na verdade, os dados sobre as etnias da população brasileira são muito duvidosos. Primeiramente, como podemos ver no próprio título dos gráficos, a pesquisa é feita pela cor da pele e não pela etnia. Somando-se a isso o preconceito com pessoas que não são brancas, ocorre uma preferência em declarar-se branco em vez de pardo ou negro.

Uma pessoa que é morena clara pode muito bem dizer-se branca em vez de parda ou descendente de negros ou índios, se bem que as discussões sobre os direitos dos afrodescendentes no Brasil parecem estar mudando essa situação, como se pode verificar na figura 32.

Porém, as diferenças regionais realmente existem em nosso país. No Nordeste, primeira região a ser colonizada e local da cultura da cana-de-açúcar com mão de obra escrava, há um predomínio dos pardos, que são geralmente descendentes de negros e de brancos, ou seja, mulatos.

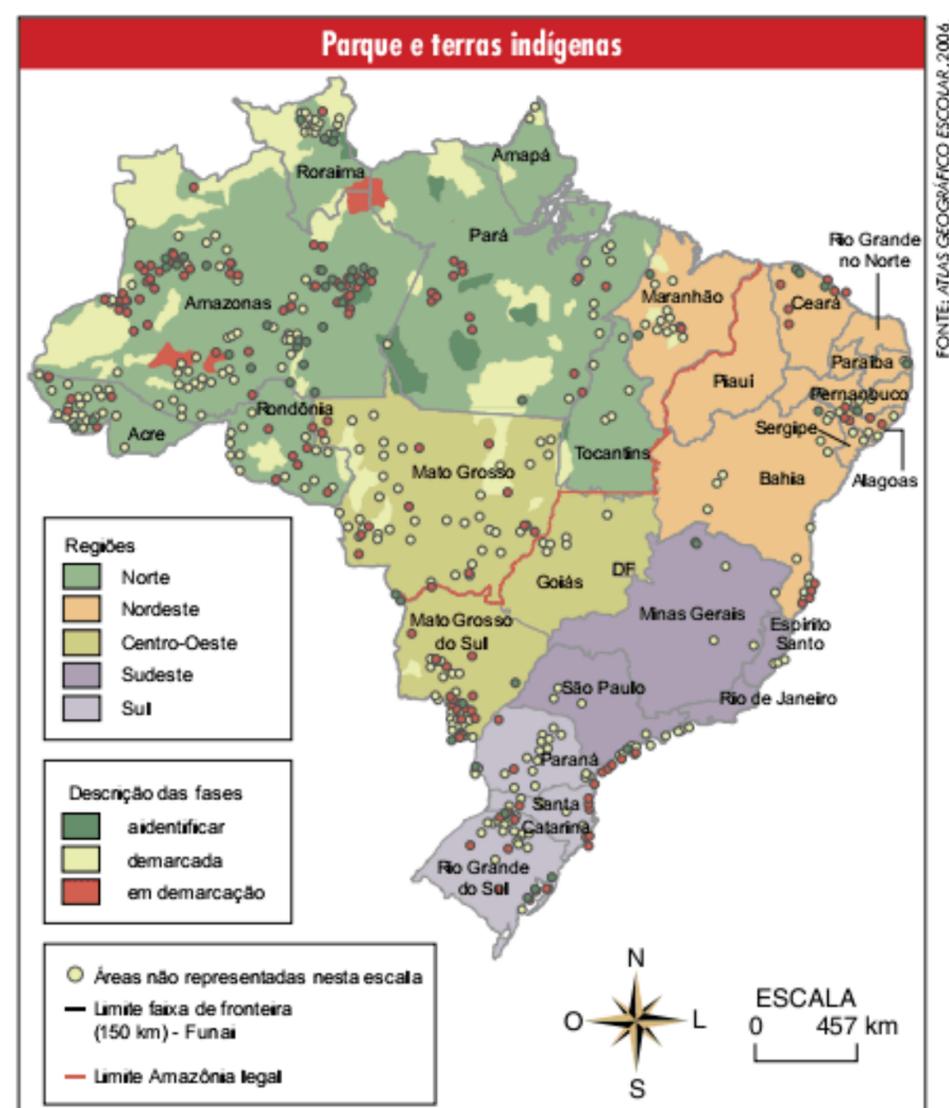
Já no Norte, onde a ocupação territorial tardou a chegar, vemos o mesmo fenômeno de preponderância parda. No entanto, o caso aí é outro: esta miscigenação carrega uma forte influência indígena, em mamelucos ou caboclos (brancos e índios) e cafuzos (negros e índios).

No caso do Sudeste, apesar de termos uma grande concentração de negros, criada também pela mão de obra escrava, há uma predominância de brancos, já que grande parte deste território foi ocupado por grupos de imigrantes europeus, que vieram trabalhar na cultura do café, após o término da escravidão.

O Sul do Brasil é constituído de grande parte de população branca, pois praticamente não conheceu o fenômeno da escravidão nem atraiu correntes migratórias internas após a sua ocupação por parte de migrantes europeus, que receberam pequenas propriedades para ocupar aquela parcela do território nacional.

A questão indígena

Dos 5 milhões de índios que habitavam as terras onde hoje está o território brasileiro, na época da chegada dos portugueses, restam cerca de 300 mil.



Essa drástica diminuição da população indígena está ligada às mortes provocadas pelos conflitos com os colonizadores, como ocorreu no Nordeste, no Sudeste e, hoje em dia, na Amazônia e no Centro-Oeste, além das epidemias provocadas pela introdução por parte dos brancos de doenças desconhecidas dos índios, como o sarampo e a sífilis.

Entre os grupos restantes, cerca de 60% encontram-se na Amazônia. Porém, existem grandes concentrações nas regiões Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste.

Entre os diferentes grupos, há diversas formas de relação com a sociedade dita civilizada, desde grupos isolados que não têm contato algum com os brancos, mantendo seus costumes, até outros completamente integrados, que acabam vivendo de artesanato ou trabalhando em atividades urbanas comuns.

Como podemos observar no mapa anterior, há grandes porções do território nacional destinadas, pelo menos teoricamente, para reservas indígenas. Formar reservas indígenas não significa produzir territórios em separado ao Brasil, mas apenas respeitar um tipo de vida diferente do restante da sociedade nacional. A relação de alguns grupos indígenas com a terra é completamente diferente daquela que encontramos normalmente em nossa sociedade. A relação estabelecida não é de propriedade, mas de uso e conservação dos recursos naturais.

Os índios necessitam de suas terras para ser o povo que são. As diferenças legais no reconhecimento das terras indígenas, expressas no mapa, são o principal problema dessas populações atualmente. No caso das terras homologadas, que estão em minoria, já existe a legalização total do território dos índios, porém aquelas somente demarcadas esperam por sua legalização como território, enquanto as identificadas não têm quase nenhum apoio legal.

O objetivo de se legalizar as terras indígenas é evitar os inúmeros conflitos que essas populações são obrigadas a enfrentar para manter a posse de suas terras. São fazendeiros buscando pastagens e espaço para plantações, madeireiras querendo explorar a madeira nobre em posse dos índios e os garimpeiros à procura de metais e pedras preciosas. Desses conflitos, surge a continuidade do massacre dos índios realizado nestes mais de 500 anos de ocupação e formação do Brasil.

O preconceito racial

Povos não brancos (indígenas, negros e mestiços) sofrem com a discriminação racial no Brasil. Apesar de muita gente acreditar que o Brasil é uma grande democracia racial, pelo fato de serem raros os confrontos diretos entre os diferentes grupos, há evidências de que, no dia a dia, as condições de vida e as oportunidades não são igualitárias.

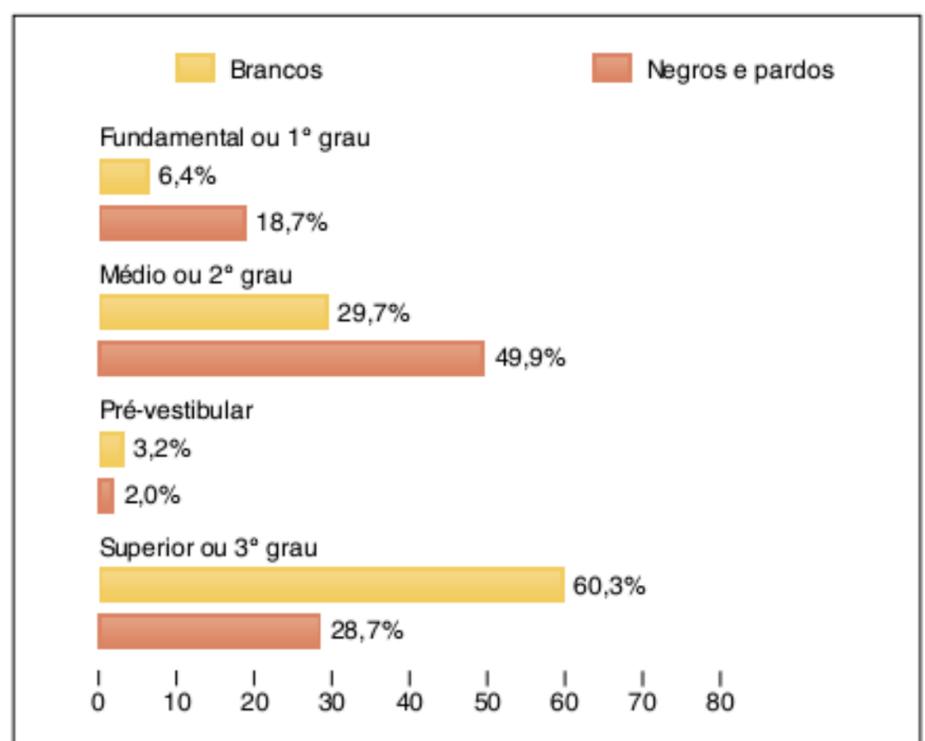


Fig. 33 Distribuição dos estudantes de 18 a 24 anos de idade, segundo o nível de ensino em que se encontram (2008).

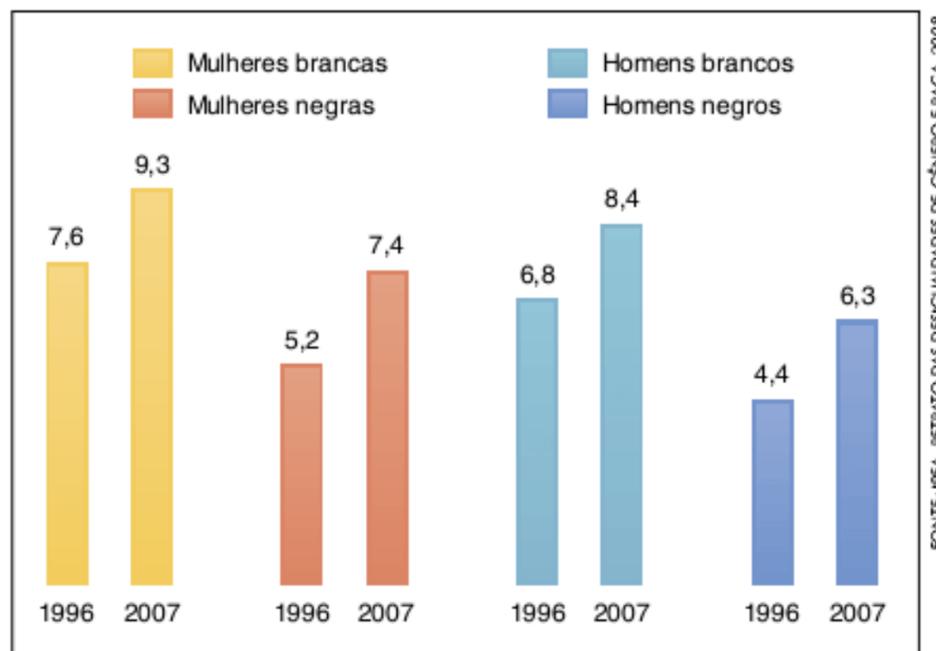


Fig. 34 Média de estudo de trabalhadores empregados com 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor ou raça.

Se formos buscar as estatísticas sobre a distribuição da população, em termos de cor da pele nas universidades ou nas classes de renda, podemos verificar facilmente como os negros foram sendo excluídos dos benefícios da modernização de nosso país. Mas qual será a origem desse problema?

Evidentemente, o preconceito contra as populações negras é bastante antigo, e pode ser observado no fato de eles terem vindo ao Brasil como escravos. Quer dizer, na época da escravidão havia um consenso de que esses povos podiam ser escravizados, o que demonstra a concepção de que seriam inferiores.

Após a libertação dos escravos no Brasil, a situação dos negros não melhorou muito, já que eles passaram a ser vistos como cidadãos de segunda classe.

Análises apressadas e superficiais sobre a economia de nosso país levaram a conclusões errôneas de que os negros seriam povos com pouca capacidade para o trabalho e para o desenvolvimento econômico.

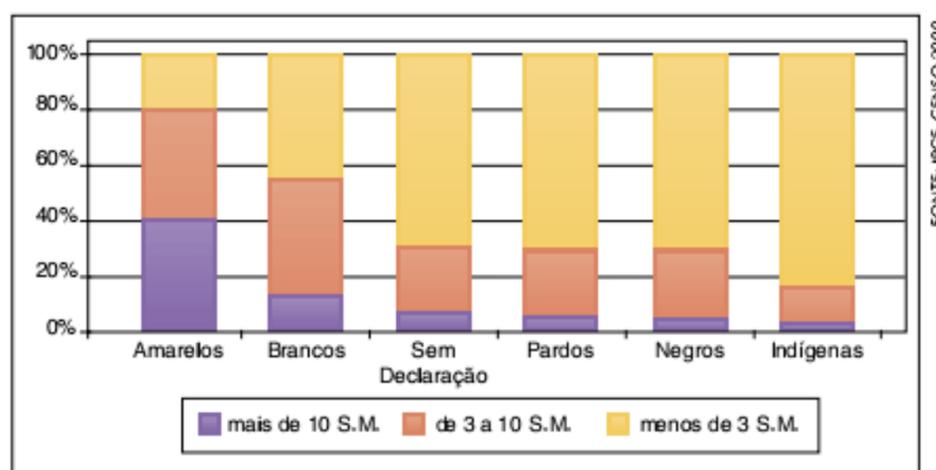


Fig. 35 Rendimentos por grupos de cor de pele.

O ideário de cunho determinista produziu a crença de que a região Nordeste seria menos desenvolvida economicamente em relação ao Sul, justamente por ter uma população de grande índice de negros e de mestiços.

Nada mais absurdo. A verdade é que a diferença de desenvolvimento está ligada ao tipo de economia que se desenvolveu em cada uma das regiões, do qual os negros foram grandes vítimas.

Na região Sudeste, afirmou-se a ideia de que o trabalho dos imigrantes italianos nas fazendas de café era melhor do que o dos negros. Esqueceu-se de se considerar que estes últimos foram trazidos para essas fazendas à força e trabalhavam como escravos, o que não lhes dava qualquer incentivo para aumentar a produtividade, enquanto os italianos vieram por opção própria, junto às suas famílias, para trabalhar como colonos, dividindo a produção com os donos das fazendas, condição bastante diversa e bem mais favorável.

Por essas e outras, os descendentes de escravos foram tomando-se mão de obra desvalorizada, e até os dias de hoje encontram grandes dificuldades para perfurar a barreira do preconceito na hora de conseguir um bom emprego e tentar garantir aos seus descendentes uma boa formação cultural e técnica para competir em pé de igualdade com os outros brasileiros no mercado de trabalho.

Dessa forma, mesmo que não tenhamos choques violentos entre as populações negras e brancas no Brasil, o preconceito e a discriminação seguem existindo por caminhos obscuros e invisíveis, mas não menos perversos e segregantes.

Imigração no Brasil

O povo brasileiro foi formado por vários movimentos migratórios internacionais que para cá se destinaram. Portanto, a influência dos imigrantes na população de nosso país é muito grande. São portugueses, espanhóis, italianos, alemães, japoneses, africanos etc. Esses imigrantes não chegaram aqui aleatoriamente: há motivos internos e externos que levaram à ocorrência de diferentes ciclos migratórios.

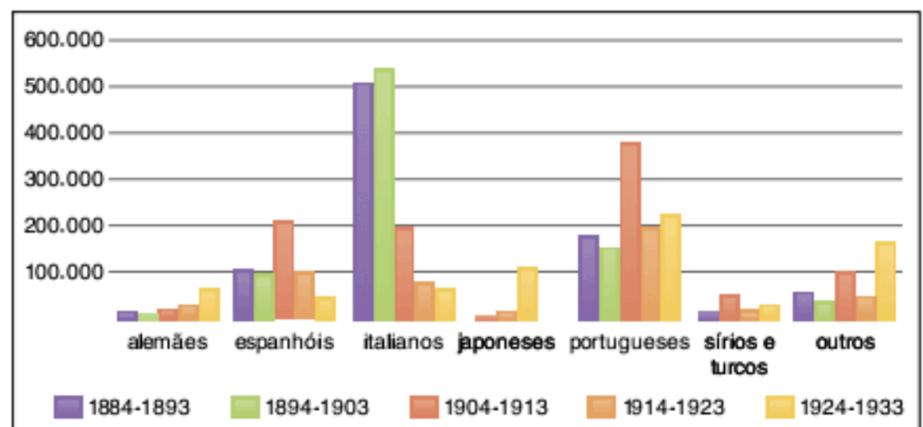
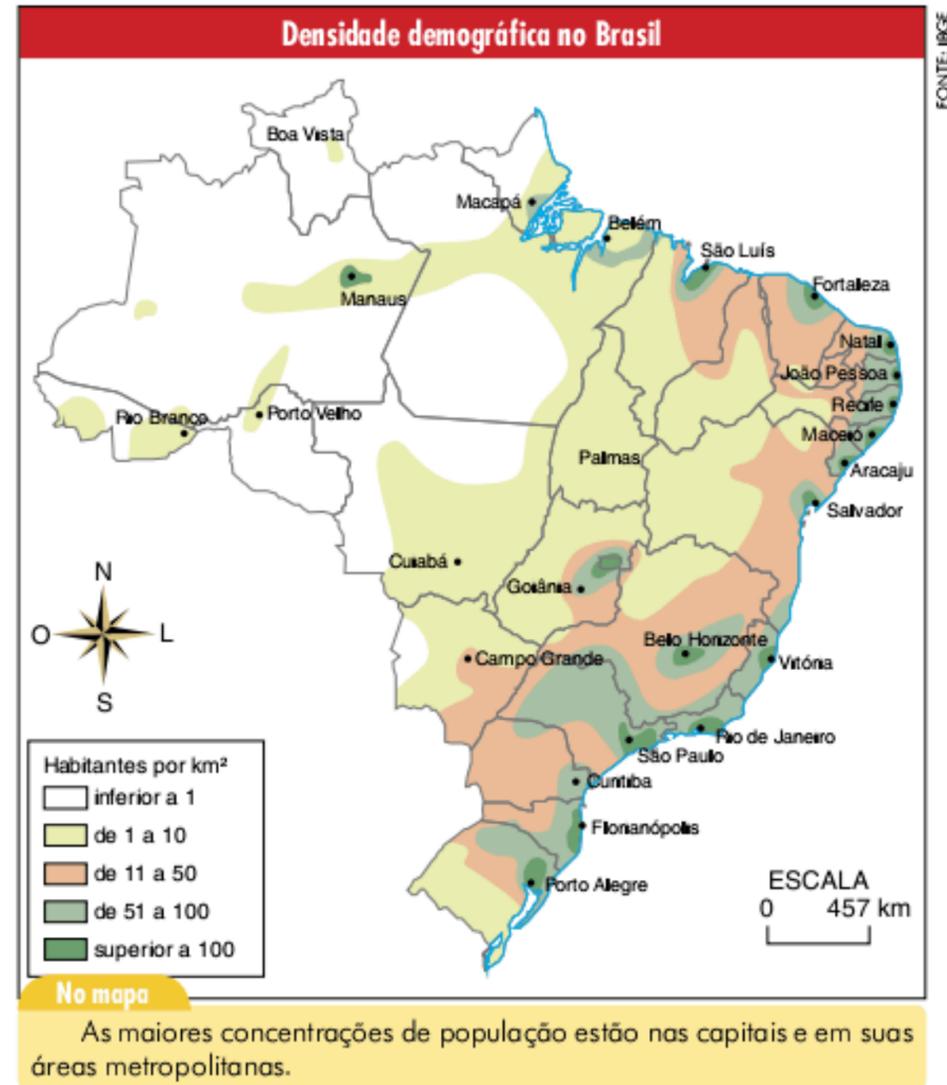


Fig. 36 Imigração no Brasil, por nacionalidade (períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933).

Até 1808, ano que marca a abertura dos portos no Brasil, após a chegada da família real, só os portugueses tinham permissão para entrar no território brasileiro. Portanto, foram estes que ocuparam o território, dizimaram e dominaram as nações indígenas. A vinda dos portugueses deu-se, primeiramente, em direção à zona da mata nordestina, para a cultura da cana-de-açúcar, em alta até o século XVII. A produção açucareira atraiu também holandeses, que tentaram dominar a produção no Nordeste e alguns milhares de espanhóis, que para cá vieram durante os anos da União Ibérica (1580-1640). Durante o ciclo do ouro, outro período de grande entrada de portugueses no Brasil, milhares de pessoas desembarcaram nos portos do Rio de Janeiro e seguiram para Minas Gerais.



Entretanto, na segunda metade do século XIX, as leis anti-escravistas que renunciavam o fim da escravidão no país, como a proibição do tráfico, levaram muitos fazendeiros e empresários envolvidos com a próspera economia cafeeira a fazer programas de imigração.

Envolvida em uma mentalidade racista, que colocava o negro como “pouco apto ao trabalho livre”, a elite paulista achava que deveria substituir a mão de obra escrava pela dos imigrantes brancos. Os principais grupos que entraram no Brasil durante esse período eram de maioria italiana, sendo recrutados na Europa para trabalharem nas plantações de café.

A esperança dessas pessoas era acumular um pouco de dinheiro e comprar suas próprias terras, o que raramente acontecia. Com a exploração que ocorria nas fazendas de café e as crises que foram se seguindo, esses imigrantes passaram a deixar o campo em direção à cidade, principalmente à capital paulista. Chegando à cidade, tornaram-se operários de fábrica e formaram os bairros italianos de São Paulo. Tiveram também grande participação nos movimentos sindicais da época.

No caso da região Sul, o processo de ocupação foi iniciado no século XIX. Ao contrário do que algumas pessoas pensam, a predominância branca, principalmente alemã e italiana, nessa região não se deve ao clima temperado. Na realidade, quem determinou essa concentração europeia não foi a natureza, mas sim o governo do Brasil Imperial. Como a área era sujeita a invasões dos vizinhos Paraguai, Uruguai e Argentina, justamente por ser pouco povoada, o governo decidiu doar lotes rurais para imigrantes europeus. As principais áreas ocupadas por essa política foram:

- alemães – vale do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, onde hoje existem as cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Vale do Itajaí, em Santa Catarina, onde surgiram cidades como Blumenau e Joinville.
- italianos – depois dos portugueses, os italianos são os imigrantes mais frequentes no Brasil. Grande parte deles dirigiu-se ao estado de São Paulo, mas há várias concentrações na região Sul. Nessa região, eles se instalaram nos planaltos do Nordeste gaúcho, fundando as cidades de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi, onde formaram uma região produtora de vinho. Também no Sudeste de Santa Catarina, onde fundaram as cidades de Criciúma e Uruçanga.
- eslavos – poloneses, ucranianos e russos foram, principalmente, para o Paraná, em Curitiba e Avaí. Porém, há alguns núcleos no Rio Grande do Sul que apresentaram grande dificuldade de adaptação cultural.



Fig. 37 Uma das características das regiões colonizadas por europeus é a arquitetura típica.

A vinda dos japoneses, entre 1925 e 1935, representou o último grande fluxo migratório para o Brasil. A maioria instalou-se no estado de São Paulo, onde passaram a trabalhar no setor de hortaliças, além do arroz e do algodão. Um grupo numeroso foi para o estado do Pará, nas proximidades de Belém, onde iniciaram o cultivo da pimenta do reino. Após esse período, o governo passou a controlar a entrada de imigrantes no país.

Da imigração à emigração

Se durante a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX o Brasil foi destino de várias correntes migratórias da Europa e da Ásia, atualmente, ao contrário, o país passa por um significativo aumento da emigração.

A crise que atinge nossa economia desde a década de 1980 acabou fazendo com que muitos brasileiros fossem buscar melhores condições de vida na Europa, nos Estados Unidos, no Japão e mesmo em países vizinhos, como o Paraguai e a Argentina.

Os grupos de brasileiros que vêm deixando o país não são migrantes miseráveis em busca de sobrevivência. A maioria é de jovens e adultos entre 19 e 45 anos, com formação escolar secundária e até mesmo superior. É importante destacar também que, por causa dos custos da viagem, esses emigrantes costumam possuir certa reserva de dinheiro antes de sair do país.

Essas características demonstram a vontade de encontrar, em outros países, melhores oportunidades de crescimento profissional ou financeiro, e não simplesmente a garantia da sobrevivência. Inclusive, uma boa parte desses emigrantes remetem, regularmente, grandes somas de dinheiro para contas no Brasil, demonstrando, assim, a intenção de voltar ao país. Tal situação é mais comum entre os decasségus, descendentes de japoneses que vão trabalhar no Japão, ou entre os brasileiros que vão para os Estados Unidos. Na tabela a seguir, podemos perceber que o ano 1998 registra, pela primeira vez, uma taxa negativa de crescimento no número de brasileiros no Japão (-4,73%) e, no ano seguinte, crescimento inferior a 1%.

Ano	Número de brasileiros registrados no Japão	Crescimento (%)
1985	1.995	
1986	2.135	9,21
1987	2.250	5,39
1988	14.528	249,31
1989	14.528	249,31
1990	56.429	288,42
1991	119.333	111,47
1992	147.803	23,86
1993	154.650	4,63
1994	154.619	3,21
1995	176.440	10,53
1996	201.795	14,37
1997	233.254	15,59
1998	222.217	-4,73
1999	224.299	0,93
2000	254.394	13,42
2001	265.962	4,55
2002	268.332	0,89
2003	274.700	2,37
2004	286.557	4,31
2005	302.080	5,42
2006	312.979	3,6

Tab. 1 Evolução do número de trabalhadores decasségus brasileiros no Japão, entre os anos 1985 e 2006.

Existe também, embora em quantidade bem limitada, outro tipo de emigrantes com alta qualificação profissional. É a chamada migração de cérebros. Nesse caso, encontramos pessoas, geralmente pesquisadores de diversas áreas, que não conseguem desenvolver suas ambições profissionais no país. Dessa forma, acabam buscando em países economicamente mais desenvolvidos o acesso à infraestrutura material e financeira para realizarem seu trabalho.

Um terceiro tipo de emigrantes, com uma condição econômica menos privilegiada, destina-se a encontrar empregos na área rural ou urbana em países vizinhos. Entre eles, destacam-se os **brasiguaios**, brasileiros que emigraram para o Paraguai em busca de emprego no campo.

Revisando

1 Diferencie crescimento demográfico de crescimento vegetativo.

2 Defina taxa de natalidade, taxa de mortalidade e taxa de fecundidade.

3 O que é o nível de reposição populacional ligado à taxa de fecundidade?

4 O que é a transição demográfica?

5 Identifique três fatores que levam à queda da taxa de mortalidade ligada à transição demográfica.

6 Identifique três fatores que levam à queda da taxa de natalidade ligada à transição demográfica.

7 Relacione o atual estágio da transição demográfica dos países europeus à atração de imigrantes.

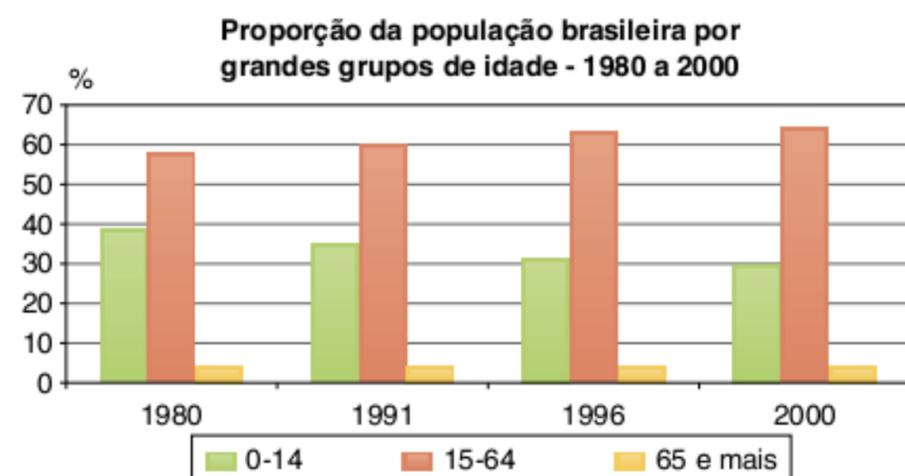
8 Quais os dois principais fatores que levam ao envelhecimento da população?

9 Aponte duas consequências preocupantes do envelhecimento da população.

10 Quais as três teorias da população?

Exercícios propostos

Texto para as questões 1 e 2



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980, 1991 e 2000 e Contagem da População 1996.

1 CEFET-SC 2010 Com base nos seus conhecimentos e com as informações obtidas a partir da análise do gráfico, é correto afirmar que:

- (a) a população no Brasil está envelhecendo, mas não se trata de um processo contínuo, na medida em que observamos um crescimento proporcional no número de jovens durante a década de 1990.
- (b) a população no Brasil está se tornando mais jovem, pois em números absolutos existe um crescimento na quantidade de pessoas entre 0 e 14 anos.
- (c) a população no Brasil está estagnada no que diz respeito à estrutura etária, pois o número de idosos com idade de 65 anos ou mais manteve-se praticamente o mesmo.
- (d) a população no Brasil está envelhecendo, na medida em que o número de jovens entre 0 e 14 anos diminuiu proporcionalmente na comparação com as demais faixas etárias.
- (e) a população no Brasil está se tornando mais jovem, pois no ano de 2000 o número de jovens entre 0 e 14 anos era proporcionalmente muito superior ao número de idosos com idade de 65 anos ou mais.

2 CEFET-SC 2010 Com base nos seus conhecimentos e nas informações do gráfico, assinale a alternativa correta.

- (a) Entre 1980 e 2000, a população com 65 anos ou mais passou de 59% para 63% da população absoluta do Brasil. Isso ocasionou maiores custos previdenciários e de assistência em saúde pública pelo Estado.
- (b) Em termos relativos, de 1980 a 2000, a população com idades entre 0 e 14 anos diminuiu em relação aos demais grupos etários.
- (c) Em 1991, a população entre 15 e 64 anos representava 60% da população total por grandes grupos de idade e, em 1996, apenas 30%.
- (d) Entre 1980 e 2000, houve redução drástica da população entre 15 e 64 anos.
- (e) De acordo com o gráfico, a cada Censo e/ou Contagem da População cada vez mais diminui a expectativa de vida dos brasileiros.

3 Ibmec-RJ 2009 Verifica-se uma importante transição demográfica no Brasil, especialmente nas últimas duas décadas, o que podemos comprovar pela análise dos resultados do Censo 2000, promovido pelo IBGE. Sobre a análise desses resultados, é incorreto afirmar que:

- (a) o crescimento substancial das populações rurais, aliado a uma progressiva deterioração da qualidade de vida nos centros urbanos, aumentou a pressão e a necessidade de aceleração da reforma agrária.
- (b) houve uma significativa redução da população jovem, estreitando a base da pirâmide etária.
- (c) a constatação da redução acentuada das taxas de natalidade provocou a redução das taxas de fecundidade.
- (d) o aumento da chamada expectativa de vida aumentou a participação dos idosos na composição de nossa população.
- (e) a disputa cada vez mais acirrada por vagas no mercado de trabalho é o resultado direto do aumento do número de adultos na composição de nossa estrutura social.

4 Ibmec-RJ 2009 Sobre o crescimento populacional e as suas relações com a vida social e econômica, assinale a alternativa correta.

- (a) Há uma estreita relação entre a diminuição das taxas de natalidade e o nível de desenvolvimento das condições de vida das populações.
- (b) Observa-se que o aumento populacional vem sendo acompanhado de um aumento proporcional na produção de alimentos, razão pela qual se prevê o fim da fome ao longo do século XXI.
- (c) Quanto maior é o índice de crescimento dos países desenvolvidos, maiores são os seus níveis de crescimento populacional, forma encontrada de permitir uma distribuição mais justa da riqueza nacional.
- (d) O fracasso de projetos como cada família, um filho, faz que países como Índia, China e Austrália experimentem índices cada vez maiores de crescimento populacional.
- (e) Um dos fatores responsáveis pelos baixos níveis de produtividade econômica dos países subdesenvolvidos é, sem dúvida, o reduzido volume de população infantil nessas regiões.

5 Mackenzie 2009

Década	Média da taxa de natalidade (por mil)	Média da taxa de mortalidade (por mil)	Crescimento natural (%)
1940	44,0	25,3	1,87
1960	44,0	15,0	2,90
1980	31,2	9,0	2,22
2000	18,2	6,6	1,16
2020 (estimativa)	15,0	6,0	0,90

Fonte: IBGE.

Com base na tabela, e considerando o crescimento natural da população brasileira, observe as afirmações a seguir e assinale a alternativa correta.

- I. Nas décadas de 1940 e 1960, as taxas de mortalidade eram elevadas em virtude das precárias condições médico-sanitárias, da escassez de remédios e vacinas e da falta de infraestrutura nos serviços de saneamento básico.
 - II. A diminuição da taxa de mortalidade, entre as décadas de 1980 e 2000, ocorreu de forma gradativa em virtude da lenta urbanização, diante das dificuldades do Brasil em industrializar-se nesse período.
 - III. A partir da década de 1940, o declínio da taxa de natalidade teve relação direta, e também indireta, com a urbanização e com a industrialização.
 - IV. Os fatores inibidores de natalidade, típicos do meio urbano, como acesso a métodos anticoncepcionais, entre outros, somente serão efetivados a partir da década de 2020, quando se projeta realmente um crescimento natural baixo.
- (a) Somente I e II estão corretas.
 - (b) Somente II e III estão corretas.
 - (c) Somente I e III estão corretas.
 - (d) Somente I e IV estão corretas.
 - (e) I, II, III e IV estão corretas.

6 PUC-MG 2009 Observe as figuras a seguir.



Fonte: IBGE.

Ao analisar as pirâmides etárias (1980 e 2000) e outras informações, particularmente sobre a transição demográfica da população brasileira, é possível estabelecer importantes considerações. Entre as tendências observadas, é incorreto afirmar a percepção de:

- (a) uma tendência de redução nos índices de natalidade e mortalidade, aumentando a proporção de adultos e idosos em relação aos jovens.
- (b) uma lenta queda no crescimento demográfico e na elevação no número de idosos, se comparado ao processo ocorrido na Europa.
- (c) uma redução nas taxas de mortalidade, devido à melhoria nas condições médico-sanitárias.
- (d) um declínio nas taxas de natalidade, associado ao processo de urbanização e à queda da taxa de mortalidade.

7 PUC-PR 2009 A partir do texto a seguir, considere as afirmativas e marque a alternativa correta.

Os censos populacionais produzem informações imprescindíveis para a definição de políticas públicas e tomada de decisões para investimentos, sejam eles provenientes da iniciativa privada ou de qualquer nível de governo, e constituem a única fonte de referência sobre a situação de vida da população nos municípios e em seus recortes internos, como distritos, bairros e localidades, rurais ou urbanas, cujas realidades dependem de seus resultados para serem conhecidas e terem seus dados atualizados.

IBGE, 2008.

- I. Na década de 1950, países subdesenvolvidos apresentaram alto grau de crescimento demográfico. Esse fato está diretamente relacionado aos avanços da medicina, devido à descoberta de novas vacinas que promoveram melhores condições de vida nesses países.
- II. A partir da década de 1980, vários países do continente europeu registraram, em determinados períodos, um crescimento natural negativo. Isso se deu porque as taxas de mortalidade superaram as de natalidade.
- III. A Revolução Industrial provocou uma diminuição no crescimento populacional, pois foi um momento de grande recessão e atritos entre os países europeus.
- IV. Atualmente, a migração em massa da população europeia para as Américas tem provocado um crescimento demográfico maciço no Brasil e, conseqüentemente, um esvaziamento em países como Portugal e Itália.
- V. O século XX foi marcado por um declínio nas taxas de natalidade e mortalidade em vários países. Esse fenômeno deu-se por causa da urbanização, do acesso à informação e também devido às mudanças do papel da mulher no mercado de trabalho.

- (a) I, II e III. (c) I, IV e V. (e) I, II e V.
- (b) II, III e IV. (d) III, IV e V.

8 Uerj 2009 Leia o texto a seguir.

Crece a proporção de latinos nos EUA

Já se sabe que a população latina está mudando a face dos Estados Unidos, e os números confirmam: a cada 30 segundos nasce no país uma pessoa dessa origem. Os latinos são 14,2% da população, 40,5 milhões de pessoas. De acordo com os dados do censo americano, os latinos representam o segmento mais jovem.

Pilar Marrero. Disponível em: <<http://politicainternacional-jorge.blogspot.com>>. (Adapt.).

O texto faz referência ao aumento da proporção de hispânicos na população estadunidense. Além da imigração elevada, o aumento é consequência direta do seguinte aspecto demográfico característico desse grupo:

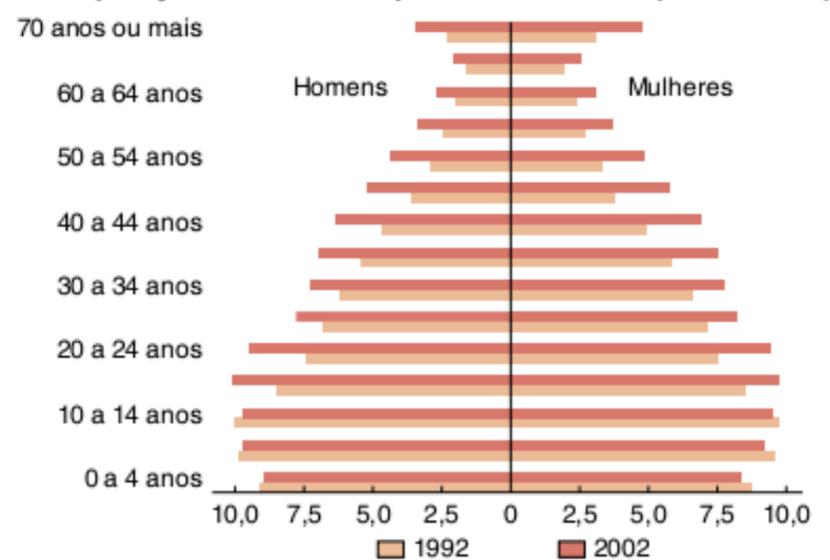
- (a) estrutura etária associada a altas taxas de natalidade.
- (b) taxa de emigração marcada por percentual elevado de idosos.
- (c) população economicamente ativa, concentrada nas áreas rurais.
- (d) altas taxas de mortalidade masculina, gerada por condições precárias de trabalho.

9 UFC 2009 As análises das populações humanas utilizam-se de indicadores numéricos interpretados à luz de teorias demográficas, às vezes divergentes. Interesses político-econômicos também orientam estas análises e direcionam as ações governamentais relativas ao crescimento da população. As questões a seguir dizem respeito aos conceitos e teorias demográficas, às políticas públicas e ao processo de envelhecimento da população brasileira.

- a) Defina:
 - I. Taxa de natalidade.
 - II. Taxa de mortalidade.
 - III. Crescimento vegetativo.
 - IV. Crescimento demográfico.
- b) Cite duas das principais teorias demográficas que procuram explicar as razões e os efeitos do crescimento populacional.
- c) Nomeie uma ação governamental relacionada a políticas de natalidade, colocadas em prática a partir de meados do século XX nos países:
 - I. Desenvolvidos.
 - II. Subdesenvolvidos.
- d) Apresente duas das principais consequências do envelhecimento da população brasileira, evidenciado, na atualidade, pela pirâmide etária.

10 Unifesp 2009 Observe o gráfico.

População brasileira no período 1992-2002 (em milhões)



Fonte: IBGE, 2004. (Adapt.)

- a) Compare a base e o topo nos anos de 1992 e 2002.
- b) Comente a situação das mulheres e dos homens nas faixas etárias de 20 a 24 anos e de 30 a 34 anos.

11 UFG 2009 Leia o trecho a seguir.

Cortes temporais no calendário da história surpreendem estruturas populacionais específicas, conformadas por processos demográficos que são, a um só tempo, resultado de mudanças nas formas e concepções de viver e sobreviver de uma sociedade e condicionantes de novas possibilidades e estilos de vida das diferentes camadas sociais.

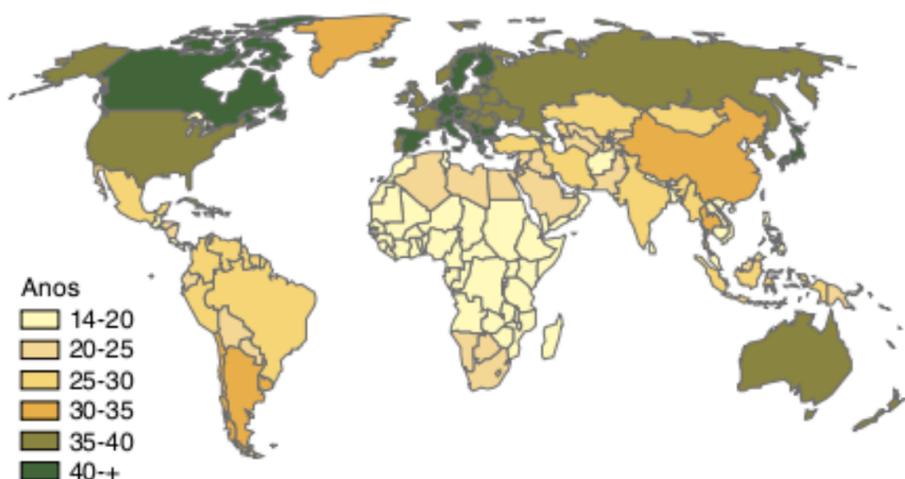
Elza Berquó. "Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica". In: Lilian Moritz Swarcz. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 1998.

Essas novas formas e concepções de viver refletem mudanças na composição da família brasileira. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE, o número médio de filhos por mulher no Brasil caiu de 2,3 (2000) para 1,8 (2008). De acordo com o trecho acima e com os dados apresentados, são fatores da queda da fecundidade:

- (a) o declínio do número de casamentos civis e religiosos e o aumento do número de mulheres como chefes de família.
- (b) a crise da família tradicional baseada na dominação masculina e o crescimento da violência urbana.
- (c) a ampliação do número de uniões conjugais sem vínculos legais e o crescimento das famílias monoparentais.
- (d) o aumento da migração internacional e o crescimento do contingente de idosos.
- (e) a incorporação de métodos anticonceptivos e a inserção das mulheres no mercado de trabalho formal.

12 Unicamp 2010 Calcula-se a idade média da população somando-se a idade de todos os indivíduos e dividindo o resultado pelo número de indivíduos. O mapa a seguir representa a projeção da idade média para os países em 2009.

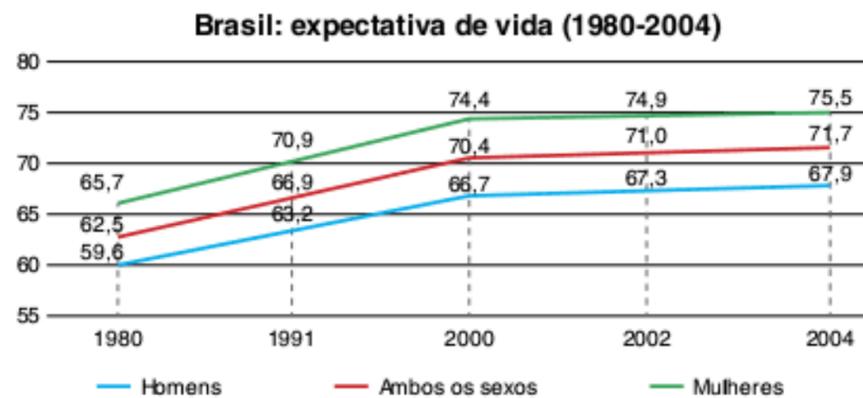
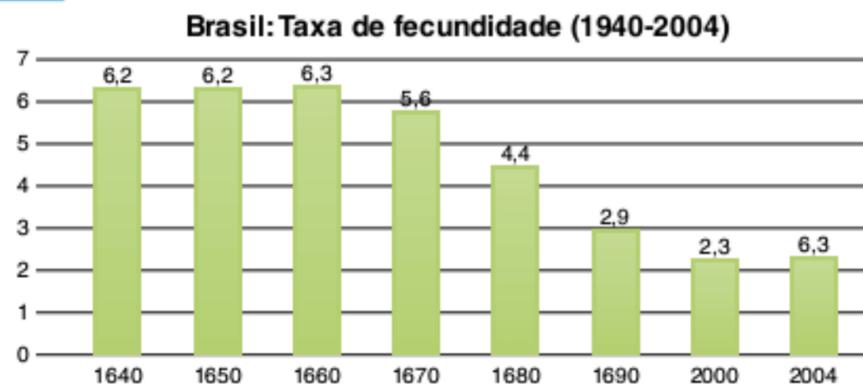
Projeto da idade média nos países do mundo para 2009



Fonte: The CIA World Factbook, 2009 (Adapt.).

- a) Com base neste mapa, indique a faixa de idade média da Itália e do Paraguai. Indique dois desafios socioeconômicos que a Itália enfrenta em relação à idade média da sua população.
- b) Dê duas razões associadas ao fato de a África Subsaariana apresentar uma elevada população jovem em relação à adulta, portanto uma média de idade muito baixa.

13 UEG 2010



Eustáquio de Sene; João Carlos Moreira. *Geografia para o ensino médio: Geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2007, p. 117.

De acordo com a análise dos gráficos acima, é correto afirmar que:

- (a) nas últimas décadas, o crescimento vegetativo e a expectativa de vida no Brasil têm aumentado progressivamente graças ao avanço da medicina.
- (b) as taxas de natalidade no mundo subdesenvolvido, como no caso do Brasil, têm apresentado elevada porcentagem em virtude da falta de políticas públicas de controle da natalidade.
- (c) as duas últimas décadas apresentam, respectivamente, uma redução do número de filhos por mulher e o aumento do percentual de idosos, em função do crescimento da expectativa de vida.
- (d) a acelerada urbanização, associada ao processo de industrialização e ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, justificam o aumento da fecundidade no Brasil nas últimas décadas.

14 PUC-RS 2010 Sobre as teorias Malthusiana e a Neomalthusiana, é correto afirmar que:

- (a) a teoria Malthusiana afirmava que a população crescia em progressão geométrica e a Neomalthusiana postulava que o crescimento populacional estacionaria no final de século XIX.
- (b) a teoria Malthusiana defendia o emprego da tecnologia como solução para amenizar a fome no mundo, enquanto a Neomalthusiana não considerava o papel da tecnologia na produção de alimentos.
- (c) ambas propunham o controle da natalidade através do emprego de preservativos e de pílulas anticoncepcionais.
- (d) embora as duas teorias fossem antinatalistas, os neomalthusianos defendiam o controle da natalidade preponderantemente nos países subdesenvolvidos, e os malthusianos propunham um mecanismo chamado sujeição moral.
- (e) também chamados alarmistas, os malthusianos afirmavam que a solução para conter a miséria do mundo seria a abstinência sexual e o desenvolvimento de tecnologias para o melhoramento genético.

15 Unemat 2010 Considere as seguintes afirmações sobre a população brasileira.

- I. A taxa de fecundidade e, conseqüentemente, de natalidade, vem declinando acentuadamente nas últimas décadas.
- II. Tem, gradativamente, aumentado a esperança de vida.
- III. O percentual de idosos em nosso país é mais elevado que em nações desenvolvidas.
- IV. Apresenta, nestas últimas décadas, redução da taxa de fertilidade.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Apenas II, III e IV estão corretas.
- (b) Apenas I e III estão corretas.
- (c) Apenas I, III e IV estão corretas.
- (d) Apenas I, II e IV estão corretas.
- (e) Apenas III e IV estão corretas.

16 UFU 2010 O crescimento demográfico está ligado a dois fatores: crescimento natural ou vegetativo, que corresponde à diferença entre nascimento e óbitos verificada numa população, e a taxa de migração, que é a diferença entre a entrada e a saída de pessoas de um território.

Em relação ao crescimento demográfico, analise as afirmativas a seguir.

- I. Pelo princípio malthusiano, a população tenderia sempre a crescer mais do que os meios de subsistência, tornando a fome e a miséria uma realidade inexorável (PG x PA). Uma alternativa lógica para se evitar o desastre populacional seria o controle da natalidade por meio do uso de métodos contraceptivos, aborto, abstinência sexual no casamento etc.
- II. Os avanços da medicina, as medidas de avanço da higiene pública e a melhoria do padrão de vida da população possibilitaram uma forte redução da taxa bruta de mortalidade em todo o mundo. Para os neomalthusianos, a queda da mortalidade não tem efeito se não for seguida da redução da taxa de fecundidade, pois impediria o crescimento econômico do país. Por isso, a solução seria o controle da fecundidade, por meio de métodos contraceptivos e esterilização em massa.
- III. Uma das conseqüências da queda da fecundidade brasileira são taxas de crescimento diferenciadas dos vários grupos etários, com taxas menores para os grupos mais jovens. Isto tem resultado numa diminuição do peso da população jovem no país e num aumento da importância do segmento idoso. Esta tendência é chamada de envelhecimento populacional, pois se dá em detrimento da diminuição do peso da população jovem no total, o que acarreta também um aumento da idade média e mediana da população.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Apenas I é verdadeira.
- (b) I e III são verdadeiras.
- (c) I e II são verdadeiras.
- (d) II e III são verdadeiras.

Textos para as questões 17 e 18.

Texto I

Thomas Malthus (1766-1834) assegurava que, se a população não fosse de algum modo contida, dobraria de 25 em 25 anos,

crescendo em progressão geométrica, ao passo que, dadas as condições médias da terra disponíveis em seu tempo, os meios de subsistência só poderiam aumentar, no máximo, em progressão aritmética.

Texto II

A ideia de um mundo famélico assombra a humanidade desde que Thomas Malthus previu que no futuro não haveria comida em quantidade suficiente para todos.

Organismos internacionais – Organização das Nações Unidas, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional – chamaram a atenção para a gravidade dos problemas decorrentes da alta dos alimentos. O Banco Mundial prevê que 100 milhões de pessoas poderão submergir na linha que separa a pobreza da miséria absoluta devido ao encarecimento da comida.

R. França. "O fantasma de Malthus". *Veja*, 23 abr. 2008. (Adapt.).

17 UEL 2009 Assinale a alternativa que identifica os fatores causadores da escassez de alimentos apontados pelos textos I e II, respectivamente.

- (a) Limites naturais e crescimento demográfico acelerado.
- (b) Elevação dos custos de produção dos alimentos e empobrecimento da população.
- (c) Pauperização dos solos e subdesenvolvimento.
- (d) Controle de natalidade e explosão demográfica.
- (e) Produção insuficiente de alimentos e elevação dos preços dos alimentos.

18 UEL 2009 Com base nos textos I e II e nos conhecimentos sobre o tema da fome no mundo, considere as afirmativas.

- I. Nas previsões sobre o problema da fome, contidas nos textos I e II, estão excluídas considerações sobre a heterogeneidade socioespacial desse problema na escala mundial.
- II. No texto I, a explicação sobre as causas da escassez de alimentos baseia-se em uma combinação de fatores, dentre os quais está ausente a evolução da produtividade no setor primário da economia.
- III. No texto II, o crescimento populacional, que culminará no aumento de 100 milhões de pessoas pobres no mundo, é apontado como o responsável pela expansão da fome.
- IV. No texto II, para os organismos internacionais, as previsões de Malthus se confirmaram, pois a atual expansão do número de famélicos deve-se à insuficiência estrutural da produção mundial de alimentos.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

19 Fuvest 2011 Considere os textos a seguir.

A burca não é um símbolo religioso, é um símbolo da subjugação, da subjugação das mulheres. Quero dizer solenemente que não será bem recebida em nosso território.

Nicolas Sarkozy, presidente da França. *Estadão*, 22 jun. 2009. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/internacional,burcas-nao-tem-lugar-na-franca-diz-sarkozy,391152,0.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

Deputados que integram a Comissão Parlamentar encarregada de analisar o uso da burca na França propuseram a proibição de todos os tipos de véus islâmicos integrais nos serviços públicos. [...] A resolução prevê a proibição do uso de tais vestimentas nos serviços públicos – hospitais, transportes, escolas públicas e outras instalações do governo.

Folha Online, 26 jan. 2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u684757.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2010.

Com base nos textos apresentados e em seus conhecimentos, assinale a afirmação correta.

- (a) O governo francês proibiu as práticas rituais islâmicas em todo o território nacional.
- (b) Apesar da obrigatoriedade de o uso da burca se originar de preocupações morais, o presidente francês a considera um traje religioso.
- (c) A maioria dos Estados nacionais do Ocidente, inclusive a França, optou pela adoção de políticas de repressão à diversidade religiosa.
- (d) As tensões políticas e culturais na França cresceram nas últimas décadas com o aumento do fluxo imigratório de populações islâmicas.
- (e) A intolerância religiosa dos franceses, fruto da Revolução de 1789, impede a aceitação do Islamismo e do Judaísmo na França.

20 Udesc 2009 Sobre a população negra brasileira, assinale a alternativa incorreta.

- (a) As melhorias no acesso à educação formal também não foram capazes de acabar com a desvantagem na escolaridade dos negros em relação aos brancos. Enquanto em 2006, a maioria dos brancos estava matriculada no Ensino Médio com idade adequada para o curso, apenas 37,4% dos negros estavam no mesmo patamar.
- (b) Os índices de escolaridade, renda e pobreza da população negra registraram melhoras entre 1996 e 2006, mas as condições de vida continuam ainda inferiores às dos brancos no Brasil.
- (c) A renda média do trabalhador negro cresceu, embora o aumento não seja muito expressivo. Mesmo com esse crescimento, a discrepância é grande. Os brancos ainda vivem com quase o dobro da renda mensal *per capita* dos negros.
- (d) Os negros, homens e mulheres, entram mais cedo no mercado de trabalho e deixam-no mais tarde, em relação aos brancos.
- (e) A desigualdade entre brancos e negros tem se agravado nos últimos anos no Brasil, pois faltam políticas públicas capazes de reverter essa situação.

21 Udesc 2009 Em Santa Catarina, há agricultores que ocupam terras indígenas. Originalmente, foram terras indígenas cedidas pelo Estado a companhias colonizadoras e, posteriormente, adquiridas, de forma legal e legítima, pelos colonos. Sobre o tema, estão corretas as afirmativas, exceto:

- (a) O maior problema para as famílias que ocupam terras indígenas e produzem nessas terras é que a Funai, ao desapropriá-las, indeniza somente a produção, não pagando pela terra e pelas benfeitorias.

- (b) Em Santa Catarina, existem várias áreas em disputa. Muitas famílias de agricultores ocupam essas terras há mais de 50 anos.
- (c) As áreas podem ser desapropriadas por força de demarcação de terras indígenas promovida pelo Governo Federal, pela Fundação Nacional do Índio (Funai), conforme preconiza a Constituição Federal de 1988.
- (d) O maior número de agricultores que ocupam terras indígenas em Santa Catarina concentra-se nos municípios de Vitor Meireles, Itaiópolis e Doutor Pedrinho.
- (e) No município de Palhoça, há famílias que ocupam terras indígenas.

22 Unifesp 2007 Os termos “conhecimento local”, “conhecimento indígena”, “conhecimento tradicional” ou mesmo “etnociência” têm surgido com frequência na última década, com o objetivo de chamar a atenção para a pluralidade de sistemas de produção de saber no mundo e para sua importância nos processos de desenvolvimento.

Boaventura de Souza Santos, 2005.

De acordo com o texto:

- (a) os povos indígenas atravancam o desenvolvimento e a exploração econômica de áreas naturais protegidas.
- (b) a população de uma área protegida deve ser retirada para que ocorra o seu desenvolvimento.
- (c) os cientistas que estudam áreas naturais devem programar as ações para o seu desenvolvimento.
- (d) a população que vive em áreas naturais é relevante para o desenvolvimento de novas tecnologias.
- (e) a população tradicional sofre as consequências do desenvolvimento econômico nas áreas protegidas.

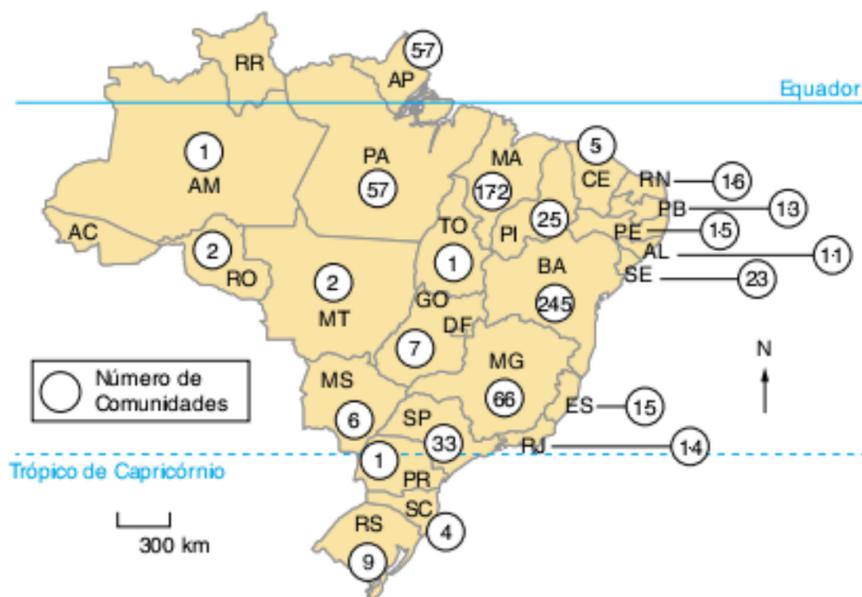
23 Uerj 2006 Nos últimos meses, crianças indígenas Guarani-Kaiowá que vivem na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, estão morrendo pela combinação de duas causas terríveis: desnutrição e falta de água potável. A cada 1.000 crianças nascidas no Brasil, 25 morrem antes de completar um ano de idade. Das crianças de etnia Guarani-Kaiowá na aldeia de Tacuru, 99 morrem antes de completar um ano de vida. Ou seja, uma taxa de mortalidade infantil 4 vezes maior do que a média nacional.

Marie-Pierre Poirier. Carta da representante do Unicef no Brasil. Maio 2005 (Adapt.).

A situação de indigência descrita no texto expressa o processo precário de incorporação das diferentes etnias indígenas à sociedade brasileira contemporânea, especialmente nas regiões exploradas pelo agronegócio. Esse processo provoca a perda de condições de sustentabilidade dessas populações e sua consequente inserção periférica na economia do país. O fator que inviabiliza a sustentabilidade e uma das consequentes formas de inserção periférica da população indígena citada, respectivamente, são:

- (a) a deterioração das condições de produção e a sujeição ao capital.
- (b) o corte do financiamento público e a dependência do consumo urbano.
- (c) a inacessibilidade aos insumos básicos e a subordinação ao mercado fundiário.
- (d) o êxodo da mão de obra jovem e a desvinculação das relações capitalistas de produção.

24 UFRGS Observe o mapa a seguir, que representa a distribuição nacional das comunidades remanescentes de quilombos identificadas no Brasil até o ano de 2001.



Fonte: J. O. Tandjian e I. L. Mendes. *Geografia Geral e do Brasil*. São Paulo: FTD, 2004, p. 102. (Adapt.).

Considere as afirmações a seguir, sobre o processo migratório forçado do negro para o Brasil.

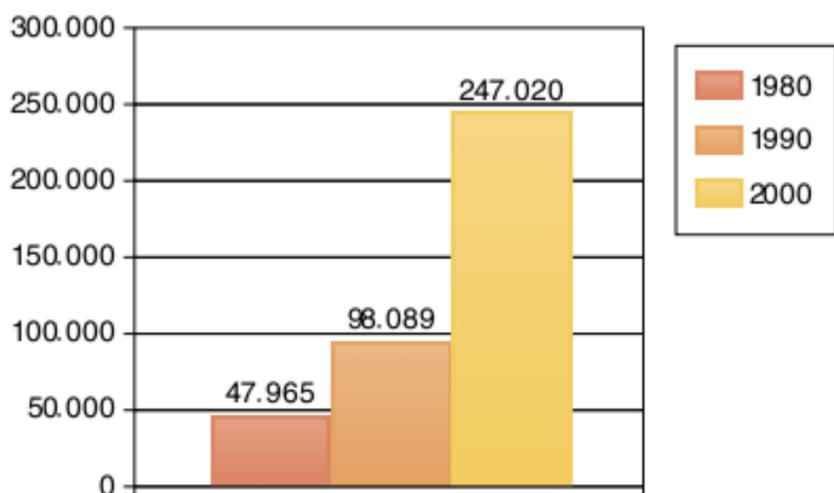
- I. Na maioria dos estados do Nordeste, houve concentração de mão de obra escrava utilizada no cultivo de cana-de-açúcar.
- II. No Maranhão, houve utilização massiva de mão de obra escrava para o cultivo do algodão.
- III. A cultura cafeeira no Paraná favoreceu a concentração, nesse estado, da imigração forçada do negro para o Brasil.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I.
- (b) Apenas II.
- (c) Apenas III.
- (d) Apenas I e II.
- (e) Apenas II e III.

25 UFU Embora não seja possível precisar um número exato, acredita-se que hoje exista um milhão de emigrantes e descendentes de brasileiros nos Estados Unidos. Observe as informações a seguir.

Número de brasileiros residentes nos EUA, 1980-2000



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 16 jan. 2005. (Adapt.).

Sobre o processo de migração de brasileiros para os EUA, é incorreto afirmar que:

- (a) nos Estados Unidos, o trabalho ilegal dos brasileiros é um problema complexo, sobretudo porque se mescla com o imenso turismo por via aérea. Este encoberta, muitas vezes, o transporte e o comércio de bens para venda no Brasil.

- (b) nos EUA, parte considerável dos brasileiros é constituída por imigrantes ilegais, que tentam arrecadar naquele país uma quantia de dinheiro que, no Brasil, levariam um tempo muito maior para adquirir.
- (c) nos EUA, devido às baixas taxas de fecundidade, a imigração de brasileiros exerce um papel fundamental na dinâmica demográfica, embora as remessas ilegais de dinheiro para o Brasil representem prejuízo de bilhões de dólares para a economia americana.
- (d) dentre os fatores que explicam a grande expansão da imigração brasileira para os EUA, nos anos 1980, destacam-se os de ordem econômica, como a inflação crescente e a falta de perspectivas de trabalho.

26 Enem 2006 Considere o texto e o mapa a seguir.

Tendências nas migrações internacionais

O relatório anual (2002) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revela transformações na origem dos fluxos migratórios. Observa-se aumento das migrações de chineses, filipinos, russos e ucranianos com destino aos países membros da OCDE. Também foi registrado aumento de fluxos migratórios provenientes da América Latina.

Trends in International Migration, 2002. Disponível em: <www.ocde.org>. (Adapt.).

No mapa a seguir, estão destacados, com a cor laranja, os países que mais receberam esses fluxos migratórios em 2002.



As migrações citadas estão relacionadas, principalmente, à:

- (a) ameaça de terrorismo em países pertencentes à OCDE.
- (b) política dos países mais ricos de incentivo à imigração.
- (c) perseguição religiosa em países muçulmanos.
- (d) repressão política em países do Leste Europeu.
- (e) busca de oportunidades de emprego.

27 UFG As migrações atuais de trabalhadores oriundos dos países pobres em direção aos países ricos têm como causas:

- (a) a desigual densidade demográfica nos países pobres e a boa qualidade de vida nos países ricos.
- (b) o desemprego estrutural nos países pobres e a alta produtividade tecnológica dos países ricos.
- (c) a competição pelo mercado de trabalho nos países pobres e o aumento do trabalho informal nos países ricos.
- (d) o crescimento de conflitos sociais, no campo, nos países pobres e a estabilidade econômica nos países ricos.
- (e) a crise fiscal nos países pobres e o interesse dos países ricos pelos salários baixos do migrante.

O declínio populacional da Europa é inevitável?

A imigração compensa a baixa natalidade? Dizem que o Velho Continente está em declínio populacional. A constatação é um pouco simplista. Em 1º de janeiro de 2010, a população da União Europeia (UE) ultrapassou a barreira simbólica dos 500 milhões de habitantes; 501,1 milhões, mais precisamente. Comparado aos 499,7 milhões registrados em 2009, esse número marca um aumento de 2,7 habitantes por mil, segundo os dados comunicados, na terça-feira (27 de julho), pelo Eurostat, o serviço de informação estatística da UE.

A imigração, principal contribuidora

Esse ganho populacional, certamente pequeno, mascara uma realidade extremamente desigual nos 27 países da UE, com perdedores e ganhadores. A população aumentou em 19 estados-membros (entre os quais Reino Unido, Espanha, Itália, França, Suécia, Dinamarca, Eslovênia, Bélgica) e caiu em oito países, como Lituânia, Letônia, Bulgária e Alemanha.

A imigração é a principal contribuidora desse ganho de 1,4 milhão de habitantes, com um saldo positivo de 0,9 milhão de imigrantes, ou seja, 60% do aumento da população europeia. O “crescimento natural”, que corresponde à diferença entre o número de nascimentos e o número de mortes, só representa 0,5 milhão de recém-nascidos, ou seja, 40% do total.

Em 50 anos, a relação entre a contribuição dos nascimentos e a imigração se inverteu. “Em 1960, o conjunto dos 27 países que hoje constituem a UE mostrava quase 8 milhões de nascimentos e pouco mais de 4 milhões de mortes”, lembra Gilles Pison, diretor de pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Demográficos (INED). “As migrações se efetuavam entre países europeus e, de forma geral, o saldo migratório era quase nulo.” Agora se tem somente 5,4 milhões de crianças nascidas na mesma zona, para 4,8 milhões de mortes registradas.

Os países que mostram as mais altas taxas de fecundidade são a Irlanda (10 para 1000), Chipre (5,5), França (4,3), Reino Unido (3,7) ou ainda, em uma menor escala, a Suécia e a Finlândia. No outro extremo, há um saldo natural negativo em dez países, e as maiores quedas são observadas na Bulgária e na Letônia (-3,6), na Hungria (-3,4) e na Alemanha (-2,3). “Existe um verdadeiro contraste entre os países do Sul e do Leste, pouco fecundos, e os do Norte e do Oeste”, comenta Gilles Pison. Nos países mediterrâneos, a fecundidade caiu muito rápido (Espanha, Itália, Grécia). As jovens que estudam por muito tempo e pretendem trabalhar adiam a idade em que elas têm o primeiro filho, por não terem com quem deixá-los.

Na Alemanha, onde uma política de auxílio às famílias foi implantada recentemente, ainda é culturalmente mal visto deixar seu filho sob os cuidados de outra pessoa. Por fim, na maior parte dos países do Leste, a fecundidade caiu em razão das incertezas econômicas e políticas relacionadas à queda do muro de Berlim.

Mais mortes do que nascimentos a partir de 2015

De forma geral, com uma taxa de fecundidade de 1,6 criança por mulher em média, em 2008, a população da UE só pôde se manter graças à imigração, somada ao aumento da expectativa de vida. Na escala da União, o número anual de mortes ultrapassará o dos nascimentos a partir de 2015, segundo as projeções elaboradas pelo Eurostat, em 2008. Esse saldo negativo deverá se manter bastante limitado até 2020, para se acelerar nessa data, com a morte das crianças do *baby boom*.

Isso pode levar a um desequilíbrio entre ativos e inativos. “Por causa da aposentadoria da geração do *baby boom*, a população que não está em idade de trabalhar aumentará de maneira significativa na próxima década”, prevê a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (“Tendências recentes de migrações internacionais”, OCDE, 2010). “Segundo as projeções sobre os níveis migratórios atuais, em vários países o índice de crescimento dessa população provavelmente será superior ao da população em idade ativa”.

A crise desacelera a chegada de imigrantes

Para responder a esse desafio demográfico e econômico, os especialistas da OCDE defendem aumentar a taxa de emprego das pessoas em idade de trabalhar e, em uma menor medida, aumentar os efetivos dos imigrantes internacionais “contanto que eles sejam trabalhadores, e não inativos”. Mas nos dois últimos anos, a crise desacelerou seriamente a chegada de imigrantes à Europa. “Temos nos focado na imigração, mas em 2010 ela caiu pela metade em relação a 2007”, observa Cristina Arhigo, porta-voz para o Emprego e Questões Sociais na Comissão Europeia. “Se não há trabalho, as pessoas vêm menos”.

Entretanto, há situações contrastantes. Em 2009, os saldos migratórios mais elevados foram registrados em Luxemburgo, na Suécia, na Eslovênia, na Itália e na Bélgica, enquanto a Irlanda registrava o saldo mais negativo (-9). Na Itália, as cotas de trabalhadores não sazonais foram reduzidas a zero, em 2009. Segundo a OCDE, a Espanha, a Irlanda, a Itália e a República Tcheca são os países onde o recuo do fluxo de imigração com vocação permanente (em oposição à temporária) foi mais acentuado (-25%, ou até mais), entre 2007 e 2008, enquanto na Dinamarca ultrapassava os 40%.

Os primeiros países atingidos pela crise registraram fortes diminuições da migração induzida pela demanda. Na Espanha, as demandas dos empregadores passaram de 200 mil, em 2007, para menos de 16 mil, em 2009. Na Irlanda, após vários anos em que o número de retornos de irlandeses expatriados ultrapassava o número de partidas de cidadãos desse país, a emigração aumentou 37%, entre abril de 2008 e abril de 2009.

Na Europa, a queda observada do fluxo de entradas diz respeito principalmente aos migrantes de trabalho vindos dentro de

um regime de livre circulação ou da migração de trabalho discriminária. A migração de caráter familiar não diminuiu em 2008, com exceção da França, pelo endurecimento dos critérios.

O viveiro turco

Como fazer para conter o declínio populacional e suas consequências em termos de política social, cujas principais são o equilíbrio dos regimes de aposentadoria e as necessidades em mão de obra? “À medida que a retomada econômica avançar, recorrer aos migrantes internacionais como solução possível para os problemas gerados pelo envelhecimento da população voltará a ser uma prioridade da ação pública”, diz a OCDE. “Somente com as futuras

ampliações é que a União Europeia poderá aumentar substancialmente sua população”, analisa Gilles Pison. “A Turquia, supondo que ela entre na UE, levaria a um rejuvenescimento temporário, mas ela não modificará profundamente a trajetória de declínio populacional.”

Com seus cerca de 75 milhões de habitantes, uma população jovem e a perspectiva de ter quase 90 milhões de habitantes em 2025, ela constitui um viveiro considerável, mas com uma taxa de fecundidade de 2,1 crianças por mulher, ela também está fadada a envelhecer.

Martine Laronche; Lana Lim. “O declínio populacional da Europa é inevitável?”. *Le Monde*, 5 ago. 2010. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2010/08/05/o-declinio-populacional-da-europa-e-inevitavel.jhtm>>.

Aumento da população idosa vai obrigar Brasil a rever políticas de previdência, diz Ipea

Em 2035, a maior parte da população vai ter entre 50 e 54 anos

O Brasil não vai mais ser conhecido como um país de jovens. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto de Economia Aplicada (Ipea), relativa ao ano de 2007, mostra que o crescimento da população pode fazer de nós um país de velhos a partir de 2030.

A pirâmide social brasileira está “engordando”, e começa a ficar parecida com o desenho conhecido como característico de países europeus. A base, formada por jovens, diminui, e o topo, representativo dos adultos, cresce. Esse fenômeno é explicado pela queda da natalidade em todas as camadas sociais brasileiras, aliada também à diminuição da mortalidade. Ou seja, há menos gente nascendo e menos gente morrendo.

Em 1992, a população menor de 15 anos representava 33,8% do total de brasileiros. Em 2007, esse índice caiu para 25,2%. Enquanto a proporção de jovens diminui, a de idosos aumenta. Os idosos respondiam por 7,9%, em 1992, e cresceram para 10,6%.

A Pnad mostra ainda que a fecundidade decresceu no Brasil, em todos os grupos sociais. Os brasileiros, dos pobres aos ricos, têm menos filhos. A pesquisa também confirma que quanto mais estuda uma mulher e quanto maior o seu salário, é menos provável que ela tenha filhos.

O fator que aparenta ter mais impacto sobre a quantidade de filhos é a renda. Quanto maior ela é, menor é o número de crianças por família. A gravidez na adolescência também diminuiu em todas as regiões do país. A quantidade de bebês nascidos vivos para cada 1000 adolescentes em 1992 era 91. Em 2007, a taxa caiu para 70 filhos nascidos vivos para cada 1000.

Velhos mais ricos

A pesquisa mostrou também que a maior parte dos idosos brasileiros depende do salário de aposentado. Cerca de 76% da população idosa, que representava 15 milhões de pessoas em 2007, recebiam os benefícios da seguridade social. A ampliação da cobertura fez com que diminuísse o número de pobres entre os idosos. Na pesquisa, pessoas que residem em domicílios com renda domiciliar *per capita* menor ou igual a meio salário mínimo são consideradas pobres. O número caiu principalmente entre as mulheres: as idosas pobres eram 20,8% em 1992, e, em 2007, eram 12,7%. A proporção de homens idosos pobres caiu de 24,7% em 1992 para 13,8% em 2007.

Outro exemplo do envelhecimento do brasileiro é a demonstração do crescimento do número de idosos com 80 anos ou mais, de 1% para 1,4% da população, o que representa 1,6 milhão de pessoas.

Esse pequeno aumento representa o crescimento de uma demanda também por cuidados de longa duração e requer pagamento de benefícios da previdência e assistência por um período mais longo.

O impacto do envelhecimento da população deve atingir o estado, o mercado e as famílias. Por isso, políticas públicas voltadas para idosos exercem um papel fundamental para o Brasil, de acordo com os resultados apresentados pela Pnad. As apontadas como mais importantes são o investimento em previdência e assistência social, saúde e condições de habitação, infraestrutura e acessibilidade.

Abril.com/Editora Abril

RESUMINDO

- O crescimento vegetativo é resultante da diferença entre a taxa de natalidade e a de mortalidade e que, somado ao saldo migratório, resulta no crescimento demográfico. A diferença entre os dois conceitos é importante para distinguir países com alto e baixo crescimento natural.
- As taxas de natalidade, de mortalidade e de fecundidade variam ao longo do tempo. Sua queda acentuada marca a passagem, segundo a teoria da modernização, de um antigo para um novo regime demográfico. Essa passagem é chamada também de transição demográfica, ao longo da qual a população cresce devido à queda mais rápida da mortalidade.
- A transição demográfica ocorreu antes e de forma mais completa nos países centrais que nos periféricos. Isso faz com que os países centrais tenham uma população estável ou, em alguns casos, declinante, mas sempre em processo de envelhecimento. Tanto o envelhecimento como a queda

populacional colaboram para atrair imigrantes, mas o medo da descaracterização cultural vem aumentando a aversão aos estrangeiros.

- Ao longo dos últimos séculos, foram criadas três teorias sobre as relações entre a dinâmica demográfica e o desenvolvimento socioeconômico: a malthusiana, a neomalthusiana e a reformista. Enquanto as duas primeiras priorizam o controle de natalidade, a última põe o foco nas injustiças sociais e suas consequências demográficas.
- O Brasil foi formado por três matrizes étnicas: os europeus, os indígenas e os negros africanos. Atualmente, a estrutura étnica do país é fortemente marcada pela presença dos povos não brancos. No entanto, a discriminação continua, assim como as desigualdades no que tange ao acesso, tanto de negros como de indígenas, aos bens socioeconômicos do Brasil atual.

■ QUER SABER MAIS?



SITES

- Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, onde podem ser encontrados diversos dados estatísticos sobre o Brasil.
<www.ipeadata.gov.br>.
- Associação Brasileira de Estudos Populacionais, onde pode-se encontrar publicações variadas sobre o tema.
<www.abep.org.br>.
- Divisão de população do Departamento de assuntos econômicos e sociais da ONU, onde pode-se encontrar dados e relatórios sobre diversos temas da população mundial.
<www.un.org/esa/population/unpop.htm>.
- Fundo de população das Nações Unidas, órgão da ONU responsável por questões populacionais.
<www.unfpa.org.br>.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, órgão dedicado ao estudo e combate da pobreza. É quem calcula e publica anualmente o IDH.
<www.pnud.org.br>.



FILME

- *O povo brasileiro*. Direção: Isa Ferraz e Darcy Ribeiro. Brasil, 2000. Série feita para a TV, disponível em DVD, inspirada no livro homônimo de Darcy Ribeiro.



LIVROS

- Amélia Damiani. *População e geografia*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- Darcy Ribeiro. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Exercícios complementares

1 UEL 2009 O processo de transição da juventude para a vida adulta, na família contemporânea, vem acontecendo de forma cada vez mais tardia em diversos países do mundo. Na sociedade brasileira atual observa-se cenário semelhante. Se, precisamente entre as décadas de 1960 e 1970, a juventude aguardava ansiosamente o momento de sair da casa dos pais e completar sua independência, hoje o jovem busca prolongar ao máximo seu caminho de transição para a vida adulta. No caso brasileiro, a “geração canguru” é constituída principalmente na família de classe média urbana.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_021.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2008. (Adapt.).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, são fatos que explicam o fenômeno discutido:

- I. o fato de os jovens não conseguirem ingresso imediato no mercado de trabalho.
- II. o maior tempo despendido na escola para a ampliação dos estudos.
- III. a frustração dos pais, pertencentes à geração dos anos 1960 e 1970 quanto à independência alcançada na sua juventude.
- IV. a maior instabilidade nas uniões conjugais entre homens e mulheres jovens.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

2 Enem 2009 (Não aplicado) Uma parcela importante da água utilizada no Brasil destina-se ao consumo humano. Hábitos comuns referentes ao uso da água para o consumo humano incluem: tomar banhos demorados; deixar as torneiras abertas ao escovar os dentes ou ao lavar a louça; usar a mangueira para regar o jardim; lavar a casa e o carro.

Agência Nacional de Águas; Fundação Roberto Marinho. Caminho das águas, conhecimento, uso e gestão: caderno do professor 1. Rio de Janeiro, 2006. (Adapt.).

A repetição desses hábitos diários pode contribuir para:

- (a) o aumento da disponibilidade de água para a região onde você mora e do custo da água.
- (b) a manutenção da disponibilidade de água para a região onde você mora e do custo da água.
- (c) a diminuição da disponibilidade de água para a região onde você mora e do custo da água.
- (d) o aumento da disponibilidade de água para a região onde você mora e a diminuição do custo da água.
- (e) a diminuição da disponibilidade de água para a região onde você mora e o aumento do custo da água.

3 FGV O Brasil realizou, na segunda metade do século XX, a transição demográfica e mudou a distribuição espacial da sua população. A partir dessa afirmativa:

- a) indique duas consequências para a economia (uma positiva e outra negativa) da transição demográfica.

- b) relacione o processo de urbanização com a organização socioespacial das metrópoles.

4 UFRJ



Newsweek, 27 set. 2004.

Tradução:

“O SUMIÇO DOS BEBÊS”

“Para um número cada vez maior de países, o problema não é ter gente demais, mas ter de menos.”

Apresente os principais problemas resultantes da diminuição da taxa de natalidade em alguns países desenvolvidos.

5 UFPR 2007 No Brasil dos anos 60, havia os profetas da catástrofe demográfica, que acreditavam que o país chegaria ao final do século XX com cerca de 205 milhões de habitantes. Mas o Censo de 2000 revelou que a população brasileira não chegou aos 170 milhões. Não se trata de uma população pequena (o Brasil é o quinto país mais populoso do mundo), e as projeções da ONU indicam para 2050 uma população nacional de 247 milhões, mas com um ritmo de crescimento francamente declinante.

F. Brito, J. A. M. Carvalho. “Somos um país de jovens?” In: E. S. Albuquerque (Org.). *Que país é esse? Pensando o Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Globo, 2005, p. 183. (Adapt.).

Com base no enunciado e nos conhecimentos de geografia, assinale a alternativa incorreta.

- (a) As mudanças demográficas são afetadas não apenas por fatores socioeconômicos, mas também culturais, como demonstra a inserção das mulheres no mercado de trabalho, que contribuiu para a queda da taxa de fecundidade.
- (b) As previsões sobre o crescimento demográfico brasileiro não se confirmaram devido à ampla aceitação encontrada pelos métodos contraceptivos artificiais no país, o mesmo não acontecendo na maioria dos países do mundo, onde as tradições religiosas fizeram com que as projeções dos anos 60 fossem confirmadas.
- (c) A entrada de imigrantes nunca foi tão importante quanto se costuma pensar para a determinação das taxas de crescimento demográfico do Brasil, pois o crescimento vegetativo sempre foi preponderante nesse sentido.

- (d) Até 1960, a migração campo-cidade contribuiu para o crescimento vegetativo da população, porque a natalidade era alta nas cidades e porque melhorou o acesso dos pobres aos serviços de saúde e de saneamento básico. A partir dessa época, a urbanização favoreceu a queda da natalidade, devido ao aumento da escolaridade e aos altos custos de moradia.
- (e) O fenômeno descrito no texto está ligado ao envelhecimento da população brasileira, já que a queda da mortalidade e da taxa de fecundidade são processos que constituem a chamada “transição demográfica”.

6 UFRGS Sobre a demografia brasileira, são feitas as seguintes afirmações.

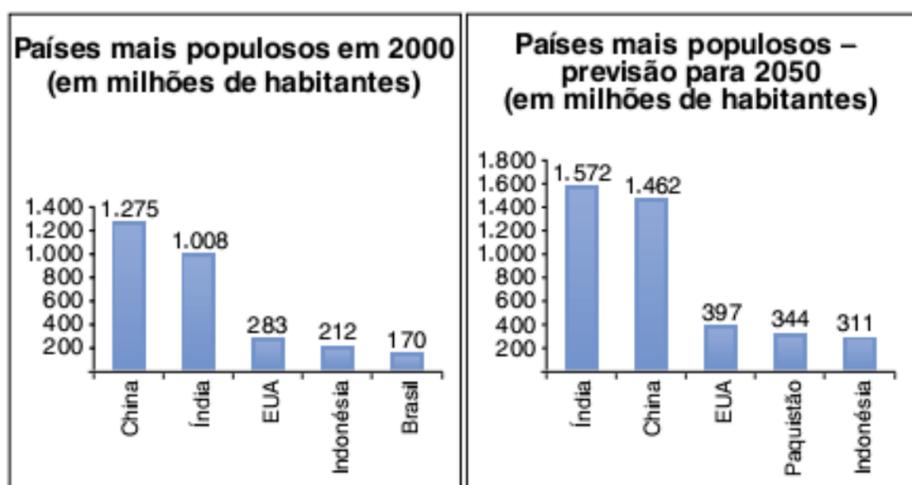
- I. A combinação do aumento das taxas de fecundidade com a diminuição das taxas de mortalidade aponta para uma tendência de envelhecimento da população.
- II. Assim como a fecundidade do passado determina o crescimento atual da população, a fecundidade atual determinará o crescimento futuro.
- III. Fatores externos são a causa mais frequente da mortalidade entre os jovens (dos 15 aos 19 anos).

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I. (d) Apenas I e II.
 (b) Apenas II. (e) Apenas II e III.
 (c) Apenas III.

Leia o texto a seguir para responder às questões 7 e 8.

Nos últimos anos, ocorreu redução gradativa da taxa de crescimento populacional em quase todos os continentes. A seguir, são apresentados dados relativos aos países mais populosos em 2000 e também as projeções para 2050.



Fonte: IBGE.

7 Enem (Adapt.) Com base nas informações anteriores, é correto afirmar que, no período de 2000 a 2050:

- (a) a taxa de crescimento populacional da China será negativa.
 (b) a população do Brasil duplicará.
 (c) a taxa de crescimento da população da Indonésia será menor que a dos EUA.
 (d) a população do Paquistão crescerá mais de 100%.
 (e) a China será o país com a maior taxa de crescimento populacional do mundo.

8 Enem (Adapt.) Com base nas informações dos gráficos mostrados, suponha que, no período 2050-2100, a taxa de crescimento populacional da Índia seja a mesma projetada para o período 2000-2050. Sendo assim, no início do século XXII, a população da Índia, em bilhões de habitantes, será:

- (a) inferior a 2,0.
 (b) superior a 2,0 e inferior a 2,1.
 (c) superior a 2,1 e inferior a 2,2.
 (d) superior a 2,2 e inferior a 2,3.
 (e) superior a 2,3.

9 PUC-PR 2006 O governo francês irá pagar uma licença de 750 euros (cerca de R\$ 2.050,00) por mês, durante um ano, às famílias que decidirem ter um terceiro filho, anunciou ontem o primeiro-ministro do país, Dominique de Villepin.

Folha de S.Paulo, 23 set. 2005.

A reportagem ilustra uma política cada vez mais comum entre os países europeus. As alternativas abaixo contêm possíveis causas que motivam a adoção de tais medidas, exceto:

- (a) as baixas taxas de natalidade de muitos países europeus.
 (b) as altas taxas de mortalidade europeias que resultam na diminuição da PEA – população economicamente ativa.
 (c) a tentativa de evitar que num futuro, a médio prazo, a população nativa possa tornar-se minoritária diante da população imigrante – cujas taxas de crescimento vegetativo são bem mais altas.
 (d) o impacto que a diminuição da mão de obra ativa está causando ao sistema previdenciário europeu.
 (e) a difícil tarefa dos dirigentes da União Europeia em administrar a necessidade de manutenção de um fluxo controlado de movimentos populacionais horizontais, ao mesmo tempo em que tenta reprimir o aumento da xenofobia.

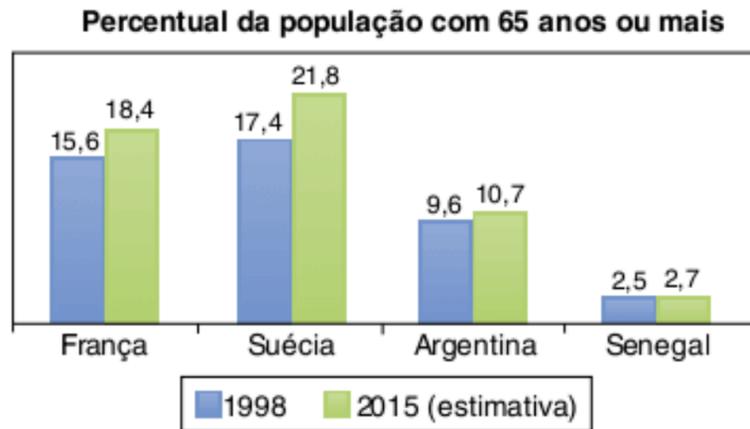
10 Ufes É correto afirmar que transição demográfica refere-se ao período de:

- (a) alto crescimento natural, devido à elevação das taxas de natalidade e de mortalidade.
 (b) baixo crescimento natural, situado entre dois períodos de grande crescimento demográfico.
 (c) baixo crescimento populacional, devido às baixas taxas de natalidade e de mortalidade.
 (d) elevado crescimento demográfico, devido à alta das taxas de natalidade e de mortalidade.
 (e) elevado crescimento natural, situado entre dois estágios de pequeno crescimento demográfico.

11 UFPE A transição de altas para baixas taxas de fertilidade e de mortalidade da população tem sido muito mais rápida:

- (a) nas nações da Europa Ocidental.
 (b) nas regiões periglaciais.
 (c) nas nações em desenvolvimento.
 (d) nas nações da chamada “África Negra”, como a Etiópia e a Somália.
 (e) em nações da Europa Setentrional, como a Noruega e a Suécia.

12 UFRN O gráfico a seguir expressa o percentual e a estimativa da população com 65 anos ou mais em alguns países.

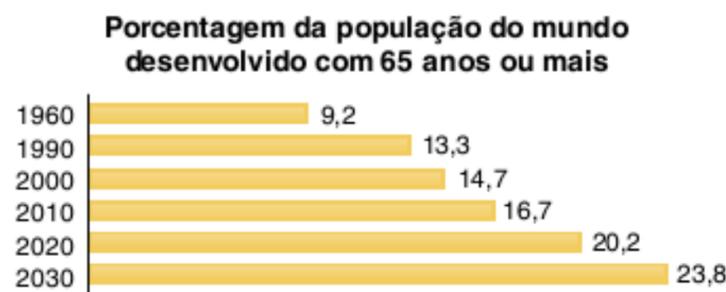
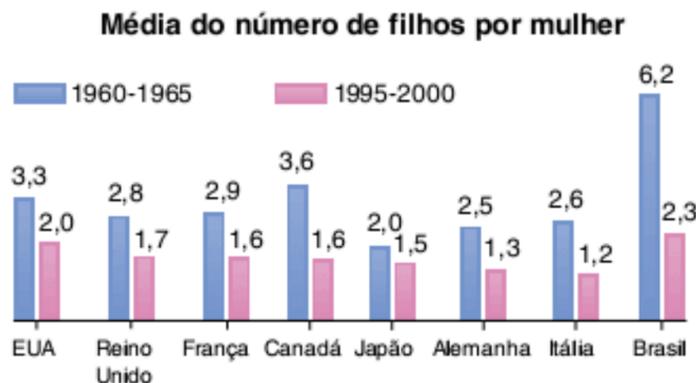


Fonte: PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano, 2000. (Adapt.).

A partir da análise dos dados apresentados no gráfico, podemos afirmar que:

- (a) na França e na Argentina, os índices de população idosa apontam para a implementação de políticas de geração de emprego, lazer e cultura, específicas para essa população.
- (b) no Senegal e na Argentina, os índices de população idosa sugerem a necessidade de implementação de políticas migratórias, devido à redução do mercado de trabalho.
- (c) na França e na Suécia, os índices de população idosa sinalizam para a necessidade de políticas públicas que priorizem um sistema previdenciário conveniente a essa população.
- (d) no Senegal e na Suécia, os índices de população idosa acarretam a diminuição do nível de renda da população, provocando baixos índices de desenvolvimento econômico.

13 Unesp Os gráficos representam duas tendências mundiais.



Fonte: Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos, 2001.

Analise-os e assinale a alternativa que está relacionada com o constante aumento do número de pessoas com 65 anos ou mais.

- (a) Diminuição da expectativa de vida e do número médio de filhos por mulher em todos os países.
- (b) Aumento da expectativa de vida e alta taxa de fertilidade por mulher, no período 1995-2000, no Japão, na Alemanha e na Itália.
- (c) Aumento da expectativa de vida e diminuição da taxa de fertilidade por mulher em todos os países.
- (d) Diminuição da expectativa de vida e da taxa de fertilidade por mulher nos países desenvolvidos.

- (e) Aumento da expectativa de vida e queda na taxa de fertilidade por mulher, exclusivamente no Canadá, na Alemanha e no Brasil, no período de 1960-2000.

14 PUC-Rio 2007 A taxa de natalidade vem sofrendo queda generalizada nas cinco macrorregiões brasileiras, desde a década de 1970. Entretanto, entre as adolescentes, esse quadro se inverteu: entre 1991 e 2000, o número de partos realizados nos hospitais públicos, em meninas, na faixa dos 10 aos 14 anos, aumentou aproximadamente 30%. Na faixa etária de 15 a 19 anos, o acréscimo foi de mais de 25%.

D. Magnoli; R. Araújo. Geografia: A construção do mundo. São Paulo: Moderna, 2005. (Adapt.).

A gravidez precoce desponta como um dos temas de destaque nos estudos demográficos do Brasil atual, porque:

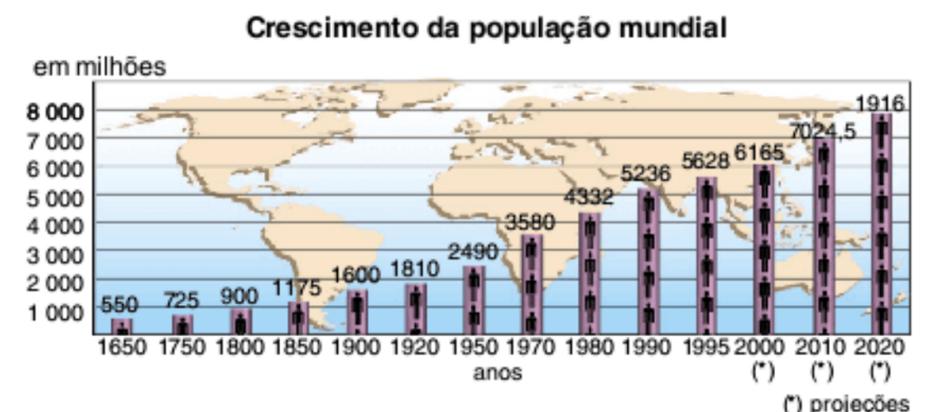
- (a) a proporção elevada de mortes das adolescentes no momento do parto redistribui a base da pirâmide etária, aproximando os índices brasileiros aos de diversos países com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).
- (b) esse tipo de gravidez apresenta taxas elevadas nas áreas mais carentes, reduzindo a possibilidade de políticas distributivas nesses espaços.
- (c) grande parte das mães adolescentes abandona os estudos regulares, encontrando dificuldades de inserção igualitária no mercado de trabalho formal.
- (d) aumenta expressivamente as taxas de mortalidade no país, reduzindo a expectativa de vida da população adulta.
- (e) diminui o índice de crescimento vegetativo no país, afetando a formação da População Economicamente Ativa (PEA), que é produtora de riquezas.

15 UFRGS Assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas do parágrafo a seguir, na ordem em que aparecem.

Caso os componentes demográficos (fecundidade, mortalidade e migrações) do Brasil continuarem apresentando, nas próximas cinco décadas, comportamento similar ao atual, a pirâmide etária brasileira, em 2050, apresentará base _____, altura _____ e topo _____.

- (a) larga – pequena – estreito
- (b) larga – grande – largo
- (c) estreita – pequena – largo
- (d) estreita – grande – estreito
- (e) estreita – pequena – estreito

16 UEG



Fonte: The world: Afghanistan to Zimbabwe, 1996.

Com base nos dados apresentados no gráfico e em seus conhecimentos sobre população mundial, é correto afirmar que:

- os números mostram que a população da Terra sempre cresceu, ou seja, sempre apresentou crescimento vegetativo ou natural positivo. Esse crescimento é igual em todos os lugares do mundo. Atualmente, tanto países desenvolvidos quanto subdesenvolvidos apresentam crescimento vegetativo negativo.
- o período atual, caracterizado pela estabilização do crescimento demográfico, é denominado “transição demográfica”. Caracteriza-se pela queda no número de mortes e pelo aumento nas taxas de natalidade na maior parte dos países do mundo.
- a desaceleração no crescimento da população mundial, inclusive o crescimento negativo, é vista como a situação ideal, pois acarretará tanto a diminuição da exploração dos recursos naturais quanto o desenvolvimento socioeconômico dos países subdesenvolvidos.
- entre as décadas de 1950 e 1980, houve uma aceleração no crescimento da população mundial. Tal crescimento, que chegou a ser denominado de “explosão demográfica”, decorreu principalmente da queda acentuada nas taxas de mortalidade nos países subdesenvolvidos e da manutenção das taxas de natalidade.

17 UFC O processo de urbanização vem ocorrendo em todo o território brasileiro, sendo que, desde a década de 1970, a maior parte da população vive nas áreas urbanas. A esse respeito, observe a tabela a seguir, que apresenta os dados demográficos para o estado do Ceará, no período de 1950 a 2000.

Distribuição da população no estado do Ceará (1950-2000)

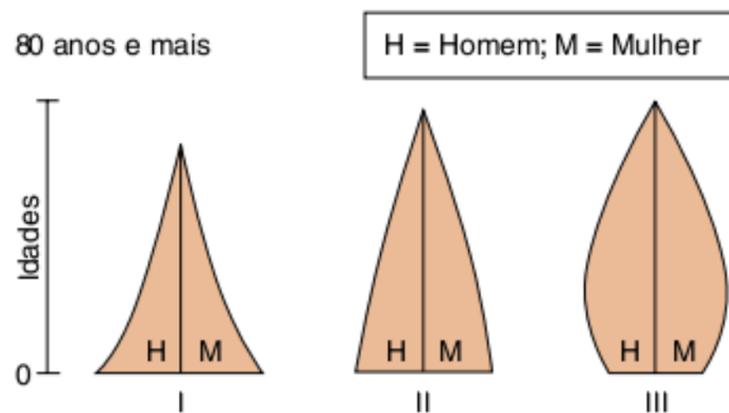
Ano	Total	Urbana	%	Rural	%
1950	2.695.450	679.604	25,21	2.015,85	74,79
1960	3.296.366	1.098.901	33,33	2.197.465	66,67
1970	4.361.603	1.780.093	40,81	2.581.510	59,19
1980	5.288.253	2.810.351	53,14	2.477.902	46,86
1991	6.366.647	4.162.007	65,37	2.204.640	34,63
2000	7.430.661	5.315.318	71,53	2.115.343	28,47

Fonte: IBGE.

Analise a tabela e responda ao que se pede.

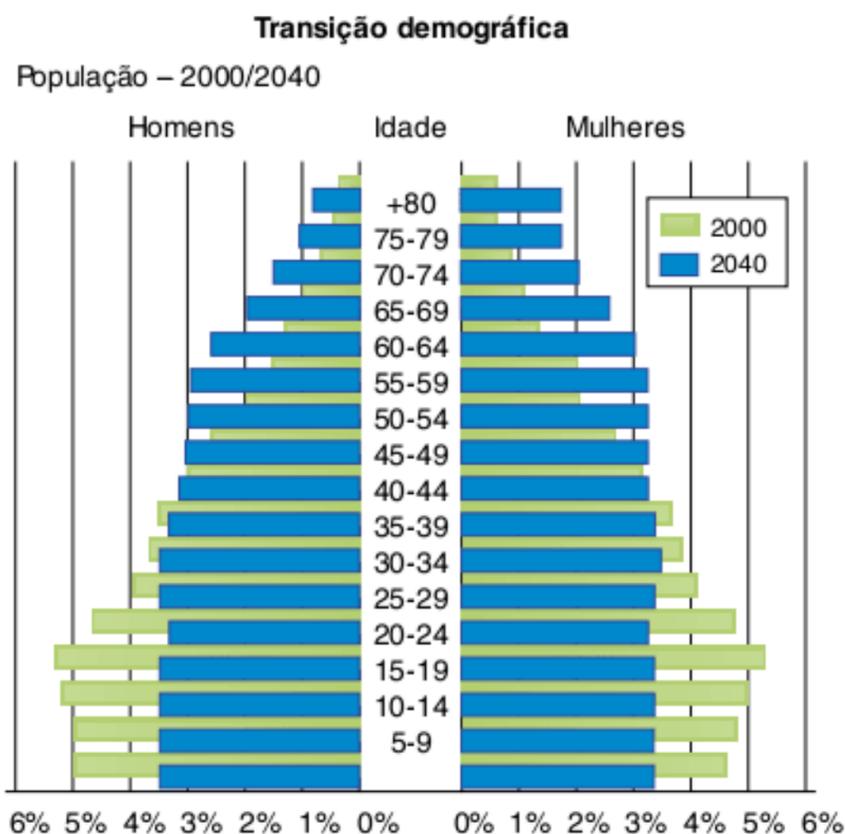
- Em que período os índices de crescimento da população urbana ultrapassam os índices de crescimento da população rural?
- Cite três fatores que explicam o rápido e intenso crescimento da população urbana e a diminuição da população rural, conforme se mostra na tabela.
- Nomeie três consequências desse rápido crescimento da população urbana no Ceará.

18 UFC Os três esboços de pirâmides a seguir representam diferentes composições de populações por sexo e por idade.



- Nomeie duas características das populações simbolizadas por cada modelo de pirâmide.
- Dê um exemplo de país em que se encontram os tipos de populações representadas pelas pirâmides.
- Nomeie duas ações definidas pelas políticas demográficas adotadas, normalmente, pelos países que se encontram na condição representada pela pirâmide III.

19 UFPel O envelhecimento populacional está mudando o perfil da pirâmide etária brasileira. Até 1980, a pirâmide era larga na base e afunilada no pico; atualmente, tem base mais estreita e formato menos afunilado. A projeção da transição demográfica apresentada na figura a seguir comprova essa tendência.



Fonte: IBGE, 2001.

Com base nos dados apresentados, analise as seguintes afirmativas.

- Até 1980, predominavam, no Brasil, as crianças e os jovens; na atualidade, existe a tendência de crescimento da população de adultos e idosos, fato que obriga o Poder Público a reverter as prioridades dos investimentos sociais no país.
- A desaceleração no crescimento da população, a queda da fertilidade, o aumento na proporção de idosos e na população urbana – uma tendência global – colocam o Brasil entre as nações desenvolvidas.

- III. O aumento do número de idosos, associado ao menor número de nascimentos, corrobora a necessidade de investimentos em creches e escolas de educação básica, já que o percentual da população jovem tende a zero.
- IV. A tendência atual do envelhecimento da população brasileira gerou a necessidade de rever o sistema previdenciário, que ainda tinha como referência uma realidade antiga, em que o percentual de idosos era menor.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (a) II e III.
- (b) I e II.
- (c) I e IV.
- (d) II e IV.
- (e) I e III.

20 Enem 2009 Populações inteiras, nas cidades e na zona rural, dispõem da parafernália digital global como fonte de educação e de formação cultural. Essa simultaneidade de cultura e informação eletrônica com as formas tradicionais e orais é um desafio que necessita ser discutido. A exposição, via mídia eletrônica, com estilos e valores culturais de outras sociedades, pode inspirar apreço, mas também distorções e ressentimentos. Tanto quanto há necessidade de uma cultura tradicional de posse da educação letrada, também é necessário criar estratégias de alfabetização eletrônica, que passam a ser o grande canal de informação das culturas segmentadas no interior dos grandes centros urbanos e das zonas rurais. Um novo modelo de educação.

C. E. Brigagão; G. Rodrigues. *A globalização a olho nu: o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998. (Adapt.)

Com base no texto e considerando os impactos culturais da difusão das tecnologias de informação no marco da globalização, depreende-se que:

- (a) a ampla difusão das tecnologias de informação nos centros urbanos e no meio rural suscita o contato entre diferentes culturas e, ao mesmo tempo, traz a necessidade de reformular as concepções tradicionais de educação.
- (b) a apropriação, por parte de um grupo social, de valores e ideias de outras culturas para benefício próprio é fonte de conflitos e ressentimentos.
- (c) as mudanças sociais e culturais que acompanham o processo de globalização, ao mesmo tempo em que refletem a preponderância da cultura urbana, tomam obsoletas as formas de educação tradicionais próprias do meio rural.
- (d) as populações nos grandes centros urbanos e no meio rural recorrem aos instrumentos e tecnologias de informação basicamente como meio de comunicação mútua, e não os veem como fontes de educação e cultura.
- (e) a intensificação do fluxo de comunicação por meios eletrônicos, característica do processo de globalização, está dissociada do desenvolvimento social e cultural que ocorre no meio rural.

21 Enem 2009 Leia o texto a seguir.

Os Yanomami constituem uma sociedade indígena do norte da Amazônia e formam um amplo conjunto linguístico e cultural. Para os Yanomami, *urihi*, a "terra floresta", não é um mero cenário inerte, objeto de exploração econômica, e sim uma entidade viva,

animada por uma dinâmica de trocas entre os diversos seres que a povoam. A floresta possui um sopro vital, *wixia*, que é muito longo. Se não a desmatarmos, ela não morrerá. Ela não se decompõe, isto é, não se desfaz. É graças ao seu sopro úmido que as plantas crescem. A floresta não está morta pois, se fosse assim, as florestas não teriam folhas. Tampouco se veria água. Segundo os Yanomami, se os brancos os fizerem desaparecer para desmatá-la e morar no seu lugar, ficarão pobres e acabarão tendo fome e sede.

B. Albert. "Yanomami, o espírito da floresta". *Almanaque Brasil Socioambiental*. São Paulo: ISA, 2007. (Adapt.)

De acordo com o texto, os Yanomami acreditam que:

- (a) a floresta não possui organismos decompositores.
- (b) o potencial econômico da floresta deve ser explorado.
- (c) o homem branco convive harmonicamente com *urihi*.
- (d) as folhas e a água são menos importantes para a floresta que seu sopro vital.
- (e) *Wixia* é a capacidade que tem a floresta de se sustentar por meio de processos vitais.

22 Enem 2009 (Não aplicado) O Cafundó é um bairro rural situado no município de Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo. Sua população, predominantemente negra, divide-se em duas parentelas: a dos Almeida Caetano e a dos Pires Pedroso. Cerca de oitenta pessoas vivem no bairro. Destas, apenas nove detêm o título de proprietários legais dos 7,75 alqueires de terra que constituem a extensão do Cafundó, que foram doados a dois escravos, ancestrais de seus habitantes atuais, pelo antigo senhor e fazendeiro, pouco antes da abolição, em 1888. Nessas terras, seus moradores plantam milho, feijão e mandioca e criam galinhas e porcos. Tudo em pequena escala. Sua língua materna é o português, uma variação regional que, sob muitos aspectos, poderia ser identificada como dialeto caipira. Usam um léxico de origem banto, quimbundo principalmente, cujo papel social é, sobretudo, de representá-los como africanos no Brasil.

Disponível em: <www.revista.iphan.gov.br>. Acesso em: 6 abr. 2009. (Adapt.)

O bairro do Cafundó integra o patrimônio cultural do Brasil porque:

- (a) possui terras herdadas de famílias antigas da região.
- (b) preservou o modo de falar de origem banto e quimbundo.
- (c) tem origem no período anterior à abolição da escravatura.
- (d) pertence a uma comunidade rural no interior do estado de São Paulo.
- (e) possui moradores que são africanos do Brasil e perderam o laço com sua origem.

23 Enem 2009 O índio do Xingu, que ainda acredita em Tupã, assiste pela televisão a uma partida de futebol que acontece em Barcelona ou a um show dos Rolling Stones na praia de Copacabana. Não obstante, não há que se iludir: o índio não vive na mesma realidade em que um morador do Harlem ou de Hong Kong, uma vez que são distintas as relações dessas diferentes pessoas com a realidade do mundo moderno; isso porque o homem é um ser cultural, que se apoia nos valores da sua comunidade, que, de fato, são os seus.

F. Gullar. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 19 out. 2008 (Adapt.)

Ao comparar essas diferentes sociedades em seu contexto histórico, verifica-se que:

- (a) pessoas de diferentes lugares, por fazerem uso de tecnologias de vanguarda, desfrutaram da mesma realidade cultural.
- (b) o índio assiste ao futebol e ao show, mas não é capaz de entendê-los, porque não pertencem à sua cultura.
- (c) pessoas com culturas, valores e relações diversas têm, hoje em dia, acesso às mesmas informações.
- (d) os moradores do Harlem e de Hong Kong, devido à riqueza de sua história, têm uma visão mais aprimorada da realidade.
- (e) a crença em Tupã revela um povo atrasado, enquanto os moradores do Harlem e de Hong Kong, mais ricos, vivem de acordo com o presente.

24 Enem 2008 Um jornal de circulação nacional publicou a seguinte notícia:

Choveu torrencialmente na madrugada de ontem em Roraima, depois de os pajés caiapós mantii e Kucrit, levados de Mato Grosso pela Funai, terem participado do ritual da dança da chuva, em Boa Vista. A chuva durou três horas em todo o Estado e as previsões indicam que continuará pelo menos até amanhã. Com isso, será possível acabar de vez com o incêndio que ontem completou 63 dias e devastou parte das florestas do Estado.

Jornal do Brasil, abr. 1998. (Adapt.).

Considerando a situação descrita, avalie as afirmativas seguintes.

- I. No ritual indígena, a dança da chuva, mais que constituir uma manifestação artística, tem a função de intervir no ciclo da água.
- II. A existência da dança da chuva em algumas culturas está relacionada à importância do ciclo da água para a vida.
- III. Uma das informações do texto pode ser expressa em linguagem científica da seguinte forma: a dança da chuva seria efetiva se provocasse a precipitação das gotículas de água das nuvens.

É correto o que se afirma em:

- (a) I, apenas.
- (b) III, apenas.
- (c) I e II, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

25 Enem 2007 Observe a figura a seguir.



Pintura rupestre da Toca do Pajau.

Disponível em: <www.betocelli.com>.

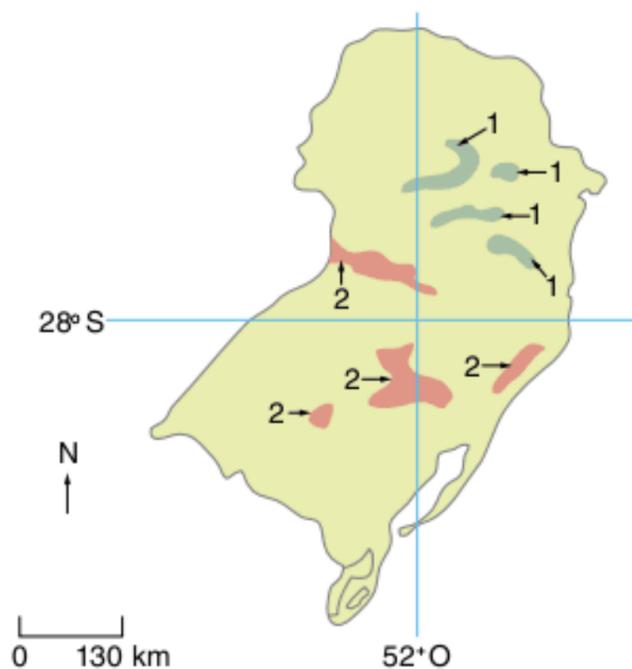
A pintura rupestre, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa:

- (a) o conflito entre os povos indígenas e os europeus durante o processo de colonização do Brasil.
- (b) a organização social e política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- (c) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram durante a chamada Pré-história do Brasil.
- (d) os rituais que envolvem sacrifícios de grandes dinossauros atualmente extintos.
- (e) a constante guerra entre diferentes grupos paleoíndios da América durante o período Colonial.

26 Unifesp 2009 No Brasil, a presença feminina em postos de trabalho cresceu, mas ainda não é elevada em cargos de chefia, quando comparada a dos homens. Isso se deve à:

- (a) baixa taxa de desemprego.
- (b) dupla jornada de trabalho e barreiras culturais.
- (c) elevada taxa de fertilidade do país.
- (d) escolaridade superior entre as mulheres, maior que entre os homens.
- (e) contratação da mulher em atividades domésticas.

27 UFRGS 2007 Observe o mapa a seguir.



José Arbex Jr. e Neelson Bacic Olic. *A hora do sul: o Brasil em regiões*. São Paulo: Moderna, 1996, p. 21.

As áreas assinaladas no mapa com os números 1 e 2 correspondem, respectivamente, a:

- (a) áreas de colonização eslava e áreas de colonização italiana.
- (b) áreas de lavouras de arroz e áreas de lavouras de fumo.
- (c) áreas de jazidas de xisto e áreas de jazidas de carboníferas.
- (d) áreas desertificadas e áreas com predomínio de monoculturas de eucalipto.
- (e) áreas com predomínio de rochas sedimentares e áreas com predomínio de rochas graníticas.



Frente 2



9

FRENTE 2

América do Norte

Há duas formas de se dividir o continente americano. Em termos culturais, dizemos que há duas Américas: a Anglo-Saxônica – incluindo Canadá e Estados Unidos – e a Latina – englobando o restante dos países, com exceção, geralmente não considerada, de algumas ilhas da América Central, da Guiana e do Suriname, que não tiveram colonização de origem latina. Já em termos físico-geográficos, dizemos que há três: a América do Sul, a Central e a do Norte, sendo que as duas primeiras fazem parte do grupo identificado como América Latina e a última só difere da América Anglo-Saxônica em razão da presença do México. Apesar de muitas vezes fazer sentido falar em América Latina quando tratamos de questões econômicas e sociais, dada a relativa identidade dos países deste grupo, nossa opção será dividir as Américas em três, o que se justifica pela proximidade econômica e social entre o México e os Estados Unidos. Assim sendo, neste capítulo estudaremos os países integrantes da América do Norte; mais adiante, trataremos das questões relativas às Américas Central e do Sul.



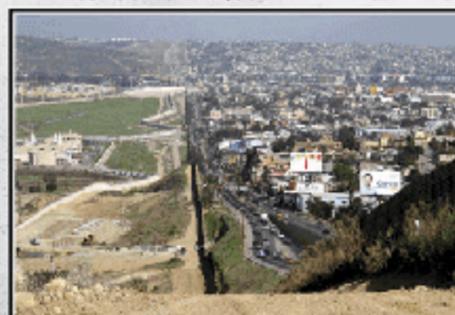
Cidade de Montreal.



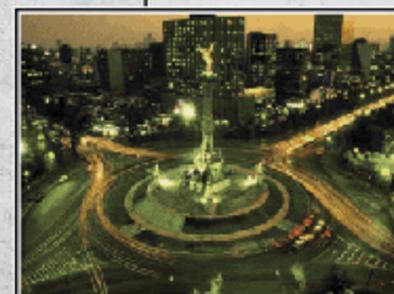
Parlamento Provincial de Quebec.



Cidade de Nova York.



Fronteira entre EUA e México.



Paseo de la reforma.



América do Norte: caracterização geral

A América do Norte é uma grande porção de terra que vai do México, no Sul, até o norte do Canadá e a Groenlândia (maior ilha do mundo, pertencente à Dinamarca). Toda essa extensão continental está assentada sobre a placa tectônica norte-americana, a qual também engloba regiões do Extremo Oriente da Ásia, da região ártica e do assoalho do Oceano Atlântico.

A distribuição do relevo e da estrutura geológica no continente é determinada pela sua posição em relação à placa tectônica. Na região leste, assentada sobre a porção central da placa, encontram-se escudos antigos, sobre os quais estão os Montes Apalaches, nos Estados Unidos, e o planalto Laurenciano, na península do Labrador, no Canadá. Na faixa central, encontram-se as Planícies Centrais, muito utilizadas para atividades agrícolas. Já na costa oeste, próxima à borda da placa, existem áreas de dobramentos modernos, que sustentam as grandes altitudes das montanhas rochosas, assim como do Planalto do Colorado e do Planalto Mexicano.

Em termos climáticos, podemos verificar grandes variações nesse continente. Destacam-se os climas árido e semiárido na região entre o Centro-Sul dos Estados Unidos e o Norte do México. A escassez de chuvas, nesse caso, é consequência principalmente da barreira representada pelas Montanhas Rochosas. Além destes, podemos encontrar os climas subtropical e temperado no restante do território norte-americano e os climas frio e polar no Canadá.

A vegetação distribui-se principalmente de acordo com o clima. Neste sentido, as áreas mais áridas apresentam vegetações xerófilas (adaptadas a clima seco), principalmente no formato de arbustos e estepes. Nas planícies centrais, nas quais encontramos clima temperado, dominam também as estepes, porém mais úmidas, chamadas também de pradarias e caracterizadas como uma vegetação rasteira formada por gramíneas. Como formações florestais, destacam-se as florestas temperadas, predominantes no Centro-Leste dos Estados Unidos, e a taiga, floresta de coníferas, presente no Norte estadunidense e principalmente no Canadá.

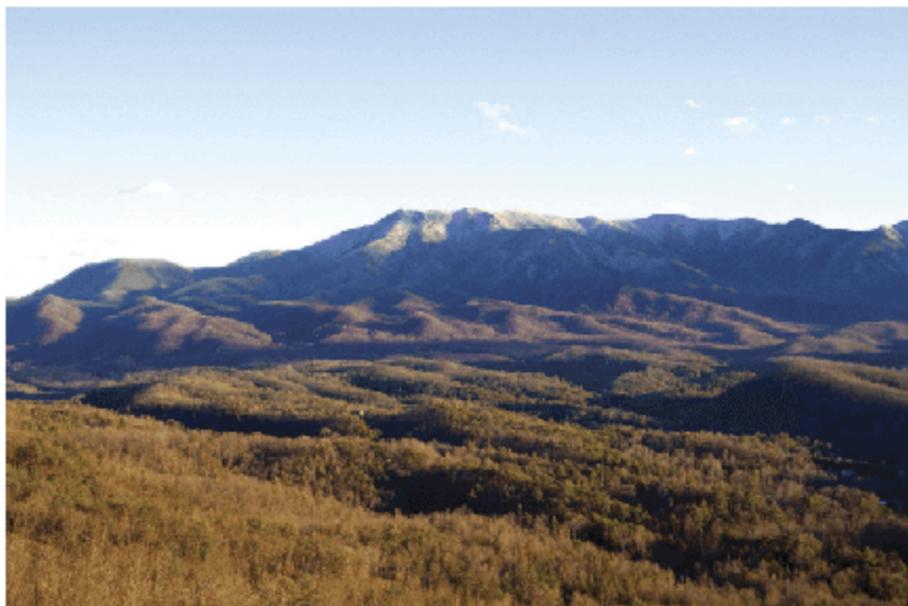


Fig. 1 Montes Apalaches.

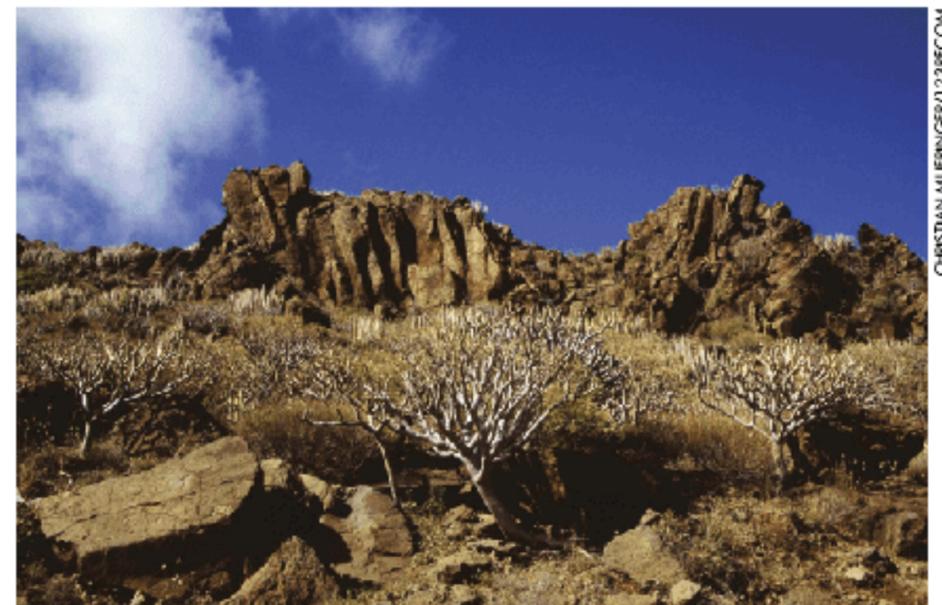


Fig. 3 A vegetação xerófila aparece nas áreas que apresentam clima árido.

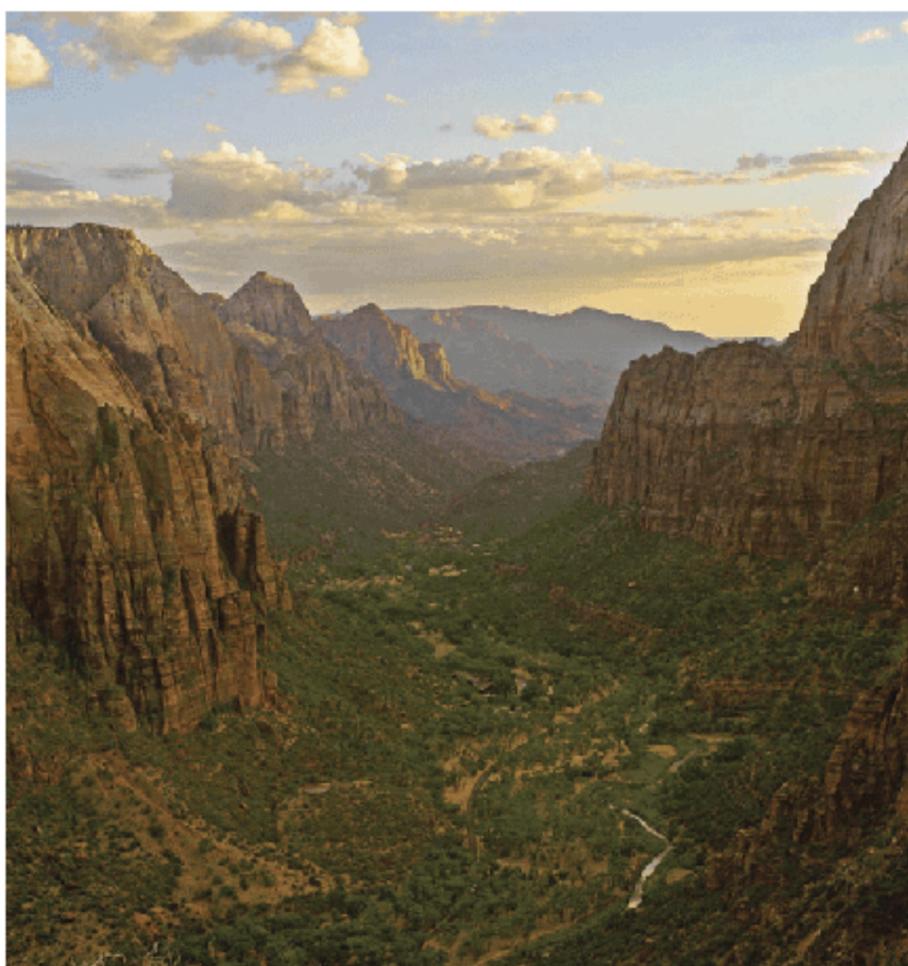


Fig. 2 Parque Nacional de Zion, no Planalto do Colorado.



Fig. 4 Nas áreas de clima temperado, predomina a taiga.

Relevo da América do Norte



A hidrografia é bastante rica, destacando-se os Grandes Lagos, entre Estados Unidos e Canadá, e as bacias do Mississippi-Missouri e Colorado, nos Estados Unidos. Atualmente, os rios norte-americanos são intensamente utilizados para produção de energia elétrica, navegação e irrigação. Essa intensidade de uso, aliada a problemas de poluição, faz dos Estados Unidos um país que pode ter escassez relativa de água em um futuro próximo. O Canadá é um dos países de maior disponibilidade hídrica por habitante no mundo e o México, por sua vez, dominado por relevo montanhoso e terras áridas, já conhece a escassez há bastante tempo.



Fig. 5 Vista da cidade de Chicago e do grande lago Michigan.

Os Estados Unidos

Os Estados Unidos da América constituem o país mais desenvolvido do mundo, economicamente. A constatação dessa situação privilegiada da economia norte-americana pode ser feita levando-se em conta seu PIB (Produto Interno Bruto), que é de cerca de 14 trilhões de dólares anuais, ou seu PIB *per capita*, que alcança os 40 mil dólares anuais. Além disso, o papel do dólar como moeda mundial e o grande número de empresas multinacionais estadunidenses nas áreas de alta tecnologia são evidências do peso de sua economia no cenário internacional. A origem de tal sucesso tem duas vertentes diferentes e complementares: os fatores internos, que contribuíram para a formação da base econômica dos Estados Unidos, e a conjuntura externa, que os levou a uma posição de líderes da economia capitalista internacional.

A formação cultural e econômica dos Estados Unidos

Os Estados Unidos surgiram a partir da independência e união das treze colônias inglesas na América do Norte. Essas colônias, formadas a partir do final do século XVI, receberam imigrantes vindos do Reino Unido e de outras áreas da Europa e ocupavam apenas a costa leste do atual território norte-americano.

Uma grande parte dos imigrantes britânicos que foram para a América estava fugindo de um regime absolutista, no qual eram oprimidos por diferenças religiosas em relação ao rei. O mesmo ocorreu com outros grupos que também enfrentavam perseguições político-religiosas na Europa no contexto da Reforma Protestante. Entre os séculos XVI e XVII, na Inglaterra, houve uma série de disputas religiosas entre protestantes e católicos, que acabou confirmando a força da Igreja Anglicana, criada pelo rei Henrique VIII em 1534.

Enquanto permanecia a indefinição na posição religiosa do Reino Unido, os puritanos começaram a fugir para a América, trazendo consigo valores que foram fundamentais para o desenvolvimento do Capitalismo na Europa – a valorização do trabalho, o pensamento racionalista e o individualismo – e que influenciaram bastante o surgimento do modelo econômico dos Estados Unidos.

ATENÇÃO!

A Graça é o dom de salvação ou de alguma condição essencial de salvação que Deus oferece ao homem, independentemente dos méritos. De acordo com Calvino, a vontade de Deus é “oculta e incompreensível, mas justa e equânime”. Isso significa que o homem não sabe se será ou não salvo por Deus. Isso o conduz a uma condição de ansiedade e desamparo. No entanto, de acordo com a teologia calvinista, o acúmulo de bens materiais consequente do trabalho seria um sinal divino da Graça da salvação concedida. Desse modo, os puritanos, calvinistas radicais, transformam essa ética do trabalho e da valorização de bens materiais em um dos pontos essenciais de seu pensamento.

Com isso, formou-se uma população intencionada em estabelecer uma nova sociedade na América do Norte. Na região Norte, em especial, o clima era bastante semelhante ao da Inglaterra, o que levou ao surgimento de uma economia que dispunha, basicamente, dos mesmos produtos da metrópole. Essa economia baseou-se na policultura voltada para o abastecimento do mercado interno, adotando o trabalho livre, muitas vezes de base familiar. Devemos considerar que, ainda que a região pudesse ser explorada economicamente, havia poucos produtos de interesse para a metrópole. Já na região Sul, de clima mais quente, ocorreu a possibilidade de maior exploração da produção de grãos ou de algodão, essencial para abastecer o setor têxtil inglês. No Sul, portanto, desenvolveu-se gradualmente uma economia baseada em latifúndios exportadores com mão de obra escrava.

Dessa forma, o primeiro fator que contribuiu para a formação da economia norte-americana foi o caráter cultural daquele povo. É evidente que isso não determinou sua atual posição de país mais desenvolvido do mundo, mas ajudou na constituição de uma ideologia que valorizava o crescimento do mercado interno em vez da simples submissão às vontades da metrópole europeia. Paralelamente, a Inglaterra passou por diversos conflitos internos e externos no início do período de colonização da América, o que impediu o governo metropolitano de pressionar sistematicamente suas colônias. Esse fenômeno é conhecido como **negligência salutar**, pois permitiu aos colonos uma grande liberdade em relação à Coroa. O importante é salientar que as intenções de sucesso material e de formação de uma sociedade democrática, unidas à negligência inglesa, levaram as treze colônias da América do Norte a um esforço na busca da autonomia econômica em relação ao Reino Unido. A efetivação dessa relativa autonomia podia ser percebida em meados do século XVIII, levando a um inevitável choque de interesses e à consequente guerra de independência. A independência foi declarada em 4 de julho de 1776, a guerra contra os ingleses

prolongou-se até 1781 e as negociações de paz foram concluídas em 1783. Vencida a guerra, os representantes das treze colônias iniciaram uma série de reuniões com o objetivo de decidir se cada colônia seria um país ou se haveria uma união. No ano de 1787, as discussões chegaram ao fim, foi elaborada a Constituição e surgiu o país Estados Unidos da América.

A expansão territorial

A primeira fase da formação da economia americana findou-se com o processo de independência, que garantiu liberdade aos ex-colonos britânicos para elaborarem seu próprio projeto de sociedade. Entre o fim do século XVIII e o início do XIX, iniciou-se uma nova fase do crescimento econômico norte-americano, a qual incluiu a expansão territorial e a confirmação do projeto de uma economia baseada na indústria. A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra durante o século XVIII, conduziu os países a uma nova opção econômica, a industrialização. Esta, por sua vez, gerou a necessidade de conquista de novas colônias para a obtenção de matérias-primas, mão de obra barata e mercado consumidor para alimentar seu crescimento industrial. Com isso, o século XIX caracterizou-se pelo Imperialismo, por meio do qual as potências europeias buscaram colonizar a África e a Ásia. Por sua vez, os Estados Unidos concentraram-se em expandir seu próprio território, o que seus governantes chamaram **destino manifesto**. Comprando algumas áreas e incorporando outras por meio de guerras, os americanos conseguiram formar o quarto maior país do mundo, estendendo-se da costa do Atlântico à do Pacífico.

Uma ideia que permeava a ação de muitos governos durante o século XIX era a da conquista de um montante cada vez maior de terras, garantindo os recursos naturais necessários para o seu desenvolvimento econômico. Dentre os recursos que se buscavam e se buscam até hoje estão os minérios, os combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural), as terras férteis, as grandes florestas e os rios e lagos usados para o transporte, abastecimento ou produção de energia elétrica. Os Estados Unidos conseguiram acumular um estoque territorial rico nesses itens.

Para expandir o território de um país de forma efetiva, não basta declarar a existência das fronteiras que o delimitam; são necessárias, igualmente, a ocupação e a transformação do meio

natural ali existente. Durante essa ocupação, os colonos foram para o Oeste em busca de terras doadas pelo governo ou do ouro que era farto naquela região. Contudo, a região Oeste era ocupada por povos nativos, os quais tentaram defender seu território atacando os imigrantes, gerando a intervenção do exército dos Estados Unidos, que teve como missão proteger os colonos. Dessa forma, a expansão territorial levou a um grande massacre das populações nativas.

ATENÇÃO!

Destacam-se os seguintes recursos dos Estados Unidos:

Minérios e combustíveis fósseis: o carvão nos Montes Apalaches, o minério de ferro ao sul do Lago Superior e o petróleo na Califórnia, nos estados do Centro-Sul e no Alasca.

Terras férteis: as planícies centrais são responsáveis por uma das maiores produções de grãos do mundo.

Recursos vegetais: floresta de coníferas no noroeste, importante para a produção de papel e celulose.

Recursos hídricos: os Grandes Lagos e as bacias dos rios Mississippi e Missouri garantem boas condições de transporte, de irrigação e de produção de energia elétrica.

Dois oceanos: o fato de ter saída para os dois oceanos mais navegados do mundo, o Atlântico e o Pacífico, favorece a diversidade comercial dos Estados Unidos.

A expansão do território propiciou o desenvolvimento industrial, principalmente no Nordeste do país, onde se concentraram as maiores regiões industriais do mundo. Entretanto, no Sudeste, continuava o desenvolvimento de uma economia baseada na agricultura para exportação e na mão de obra escrava, características muito próximas das economias da América Latina. Na prática, o país estava dividido entre dois modelos antagônicos, o que ocasionou problemas de ordem política e econômica entre Norte e Sul. Politicamente, a população do Norte tinha um peso eleitoral muito maior do que a população do Sul, já que o escravo não tinha direito a voto e a população nortista crescia mais rápido que a sulista. A longo prazo, as principais decisões no nível federal favoreceriam o Norte. Economicamente, o Norte industrial tinha interesse em manter uma economia fechada e protecionista, voltada para o mercado interno, enquanto ao Sul, agroexportador e sem indústrias,



interessava manter a continuidade de seus vínculos com o exterior e a política livre-cambista. A questão da escravidão também opunha as duas regiões, já que para o Norte interessava a abolição, para que o mercado interno aumentasse, mas para o sul tal medida era vista como desastrosa. Tais diferenças levaram à Guerra de Secessão (1861-1865). Com a derrota do Sul, a economia americana passou a se definir cada vez mais como industrial e voltada para o mercado interno, o que lhe propiciou um grande crescimento. No final do século XIX, já se constituíam as grandes empresas químicas, de petróleo, de transporte e de siderurgia. Os habitantes dos Estados Unidos tinham conseguido equiparar sua economia à dos principais países industrializados da Europa.



De potência regional a líder mundial

Segundo o historiador Eric Hobsbawm, podemos considerar que já em 1913 os Estados Unidos eram a maior economia do mundo. No entanto, essa posição não garantia ainda o papel de superpotência mundial nem de líder hegemônico dos países capitalistas desenvolvidos. Até a Primeira Guerra Mundial, os grandes líderes mundiais ainda eram os europeus, pois, mesmo não tendo uma economia tão dinâmica quanto a americana, eram eles que possuíam os maiores impérios coloniais e, portanto, maior poder no mundo. A situação alterou-se drasticamente com as duas guerras mundiais.

Os Estados Unidos participaram das duas grandes guerras juntamente com a maior parte dos países europeus; no entanto, as batalhas estavam bem longe de seu território. O palco das guerras foi a Europa e, no caso da Segunda Guerra, o Extremo Oriente. Assim sendo, enquanto os países europeus perdiam suas fábricas, tinham sua economia paralisada pelos esforços de guerra ou por problemas no fornecimento de matérias-primas, os Estados Unidos aceleravam o crescimento de sua produção industrial. Esse processo transformou os americanos nos maiores credores mundiais em 1945. As duas guerras mundiais acabaram com a hegemonia europeia e lançaram os Estados Unidos na posição de único país capitalista capaz de liderar uma retomada do

crescimento econômico mundial. Nesse contexto, foi realizada a conferência de Bretton Woods, em 1944, na qual foram criados o FMI e o Banco Mundial, organismos que serviram para efetivar a política do padrão dólar-ouro. A partir daí, o dólar passou a ser a moeda internacional, dada sua vinculação ao ouro em uma paridade fixa de US\$ 35,00 para cada onça de ouro (uma onça corresponde a aproximadamente 28 gramas).

O padrão dólar-ouro e o Plano Marshall confirmaram os Estados Unidos como os líderes do bloco capitalista no pós-guerra. Unindo-se a essa perspectiva econômica, concretizava-se também para os norte-americanos a posição de líderes militares no combate à expansão socialista. Resumindo, podemos afirmar que a posição de maior potência mundial para os Estados Unidos construiu-se a partir da união entre a disputa militar com a União Soviética, a confirmação do dólar como moeda mundial e o declínio definitivo dos antigos impérios europeus. Essa situação favoreceu imensamente as grandes empresas americanas, que passaram a se distribuir por todo o mundo, liderando o processo de criação das multinacionais.

A distribuição das atividades econômicas nos Estados Unidos

A economia americana é bastante diversificada. Mesmo considerando que esse país ocupa uma posição central na divisão internacional do trabalho, tendendo a se especializar em indústrias de alta tecnologia e serviços em geral, as indústrias tradicionais e uma intensa produção agrícola continuam presentes em seu território. A distribuição dessas atividades econômicas no espaço norte-americano está ligada às condições naturais e aos processos históricos de sua formação territorial.

Agricultura

A produção agrícola dos Estados Unidos é uma das maiores do mundo em números absolutos, sendo bastante variada. Produz-se desde os cereais de clima temperado, como o trigo, até as frutas tropicais, como a laranja. A distribuição dessas produções dá-se conforme as condições climáticas e de solo, constituindo os *belts*, ou cinturões, regiões nas quais se produz predominantemente algum tipo de produto agropecuário. Um aspecto comum a quase toda a atividade agrícola dos Estados Unidos é seu caráter moderno, uma vez que utiliza alta tecnologia, no que diz respeito à mecanização e biotecnologia.



Fig. 6 Agricultura mecanizada – emprego de alta tecnologia.

As indústrias

A industrialização original dos Estados Unidos deu-se na região Nordeste, entre o litoral do Atlântico e a região dos Grandes Lagos. Desde o século XIX, essa área concentrou indústrias químicas, petroquímicas, siderúrgicas, automobilísticas e têxteis, recebendo o nome de *manufacturing belt*. Dentre os fatores que favoreceram a formação do *manufacturing belt* destaca-se o fato de haver ocorrido no Nordeste americano a formação de uma elite industrial já no início de sua história como país independente, ao contrário do Sul, onde se constituía uma elite eminentemente agrária. Outro fator fundamental que colaborou com o desenvolvimento das indústrias foi a presença de recursos minerais e energéticos: carvão nos Apalaches, potencial hidrelétrico nos Grandes Lagos e ferro em suas proximidades.



Fig. 7 Mina de carvão em funcionamento em Wyoming, EUA.



Esses fatores fizeram do Nordeste a região mais importante da economia americana por muito tempo, mas hoje a situação está mudando. A alta concentração de indústrias levou ao aumento nos custos de produção, principalmente em relação à mão de obra, ao preço da terra, aos transportes e impostos. Por essa razão, o próprio governo americano começou a criar políticas de descentralização industrial, propiciando incentivos fiscais para a instalação de unidades fabris nas áreas pouco concentradas, principalmente do Sul. Esses fatores acabaram produzindo uma diminuição do crescimento industrial do *manufacturing belt*, que na década de 1950 respondia por cerca de 70% da produção industrial do país, contra os 40% atuais. O crescimento das novas áreas industriais, que se deu principalmente a partir da década de 1970, coincidiu com o surgimento de novos tipos de indústrias, com novos processos de produção, mão de obra mais qualificada e em menor quantidade, alta tecnologia e produção voltada, principalmente, para os setores de telecomunicações, microeletrônica e biotecnologia. Surgiu então o *sun belt*, região de crescente industrialização no Sul. Fazem parte do *sun belt* o Silicon Valley (Vale do Silício), na Califórnia, e a região Sudeste, na qual também há considerável incremento industrial.

As cidades globais

Mesmo com a diminuição relativa das atividades industriais nas regiões de industrialização tradicional, muitas antigas metrópoles industriais não perderam importância; pelo contrário, consolidaram-se como centros de decisão e de produção de serviços. Os escritórios centrais das grandes empresas continuam instalados em Nova York, Chicago, Detroit, Boston, Washington e assim por diante, onde há mão de obra especializada no setor de administração e *marketing*, enquanto as fábricas são construídas nas áreas onde o custo da produção é mais baixo. Além do escritório das grandes empresas, as grandes cidades americanas concentram também instituições de importância internacional, como a Bolsa de Valores de Nova York, que é o carro-chefe do mercado financeiro

mundializado. Outro exemplo é a bolsa de cereais de Chicago, na qual são comercializadas as *commodities* de todo o mundo. Desta forma, vem ocorrendo nessas antigas metrópoles industriais americanas um processo de terceirização da economia, ou seja, o setor terciário (comércio, serviços e finanças) vem ganhando terreno e expulsando para o interior as atividades secundárias (indústria).



Fig. 8 Bolsa de Valores de Nova York.

A crise da hegemonia

As décadas de ouro da economia americana duraram até fins dos anos 1960. Nesse momento, o esquema armado pelos Estados Unidos para consolidar sua força política e econômica começava a dar sinais de enfraquecimento. A guerra do Vietnã e os gastos excessivos com o financiamento da reconstrução europeia passaram a criar um grande déficit público na balança de pagamentos, levando à queda do valor do dólar. Em 1970, o governo americano dava o primeiro passo para acabar com o padrão dólar-ouro, desvalorizando sua moeda de US\$ 35,00 para US\$ 38,00 por onça de ouro. No ano seguinte, por uma decisão unilateral, esse governo acabou de vez com o vínculo entre o dólar e o ouro, o que lhe possibilitou imprimir mais dólares para pagamento das dívidas. A crise foi aprofundada com o aumento do preço do petróleo pelos países da Opep em 1973. A partir daí, parecia que estavam acabando os anos de liderança dos Estados Unidos na economia mundial, o que é uma verdade relativa. No final da década de 1970, o governo americano tomou medidas para a recuperação de sua hegemonia mundial,

principalmente por meio da política do dólar forte em 1979 e da retomada da corrida armamentista a partir de 1980, com o governo Reagan.

No campo econômico, o FED (*Federal Reserve* – Banco Central Americano) definiu uma política de revalorização do dólar por meio do aumento das taxas de juros internas. Dessa forma, o país mergulhou em uma forte recessão, porém conseguiu revalorizar sua moeda e mais que dobrar, em poucos anos, as dívidas externas dos países subdesenvolvidos. O grande peso que a moeda americana tinha ganhado nos anos do padrão dólar-ouro permitiu que todas as atenções do mercado financeiro internacional se voltassem para ela. Esse processo culminou na financeirização da economia mundial, uma das bases da globalização.

ATENÇÃO!

Financeirização é o processo em que a riqueza gera mais riqueza, sem necessariamente passar pelo setor produtivo. É o caso das bolsas de valores, por exemplo, em que é possível multiplicar o capital através da compra ou venda de ações, sem que haja aumento produtivo ou aumento de vendas. Surge, assim, o chamado capital especulativo, um capital fictício, que não existe na prática.

Um exemplo simples: quando uma empresa, como a Petrobras, anuncia a descoberta de novas reservas petrolíferas, suas ações na Bolsa de Valores sofrem uma valorização imediata.

Essa valorização não se traduz em realidade, ou seja, a empresa não aumenta sua produção de um dia para o outro, não compra novas máquinas nem contrata funcionários no dia seguinte à valorização. Da mesma forma, o valor das ações pode cair no próximo dia.

No setor militar, a entrada de Ronald Reagan na presidência americana, em 1980, levou a uma retomada da corrida armamentista da Guerra Fria. Beneficiando as grandes empresas produtoras de armas dos Estados Unidos, Reagan gastou muito mais do que podia no desenvolvimento e na produção de novas armas e no programa espacial de seu país. Um dos principais projetos de seu governo foi o Guerra nas Estrelas, uma união entre o setor de armamentos e o da conquista do espaço. A nova corrida armamentista colaborou para pressionar ainda mais a já enfraquecida União Soviética, que acabou entrando em decadência ao longo da década de 1980 e fragmentou-se em 1991, deixando o poderio militar sobre o mundo exclusivamente em mãos norte-americanas.

Com o fim da União Soviética, o bloco socialista por ela liderado durante a Guerra Fria também desapareceu. Nesse novo contexto, os Estados Unidos passaram a ser vistos como os grandes vencedores de uma longa batalha política e ideológica iniciada após a Segunda Guerra Mundial. Ao longo da década de 1990, o otimismo norte-americano foi tão grande que se chegou a falar em fim da história, ou seja, a vitória final de um modelo econômico e social, o estadunidense.

SAIBA MAIS

Francis Fukuyama (1952-) é filósofo e economista nipo-estadunidense. Tornou-se importante no início da década de 1990 por uma ideia desenvolvida em um artigo intitulado "O fim da história". Nesse artigo, Fukuyama defende a teoria de que o Capitalismo e a Democracia burguesa constituem o coroamento da história da humanidade. A partir da destruição da URSS, a ideologia socialista entra em colapso, de modo que a Democracia ocidental será consolidada mesmo diante de seus últimos contrapontos: o extremismo religioso islâmico e o nacionalismo, que segundo o filósofo, este último falhará, pois não oferece uma perspectiva para toda a humanidade.

Depois dos atentados de 11 de setembro, o filósofo teve de responder a várias críticas à sua noção de fim da história. Leia um trecho de uma entrevista do filósofo sobre esse assunto:

Folha – Sempre que ocorrem eventos como os que aconteceram nos EUA, alguém se levanta para dizer que a história não acabou. Como o sr. reage a isso?

Fukuyama – O que é bastante interessante nessa reação é que todo o mundo civilizado está aterrorizado, mas sem saber com o quê. É diferente do desafio que o comunismo representava. Um dia, os maiores intelectuais do mundo ocidental imaginavam que todas as sociedades se converteriam em comunistas ou em socialistas. Hoje, ninguém pensa que isso possa acontecer. Existe um grande desafio político pela frente, mas não mais ideológico.

Giuliano Guandalini. "Francis Fukuyama insiste em teoria do fim da história". Folha de S.Paulo, 24 set. 2001. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29838.shtml>.

A partir de 2001, no entanto, ocorreram muitas mudanças. No dia 11 de setembro daquele ano, dezenove terroristas árabes sequestraram quatro grandes aviões e conseguiram lançar dois deles contra as Torres Gêmeas do World Trade Center e um contra o Pentágono. O quarto, segundo a versão oficial, caiu em razão da luta entre a tripulação e os passageiros, mas há suspeitas de que ele fora derrubado pela força aérea norte-americana. Mais de 3.200 pessoas morreram em consequência desses ataques terroristas, que foram os maiores da história em território americano.

Como reação, o governo de George W. Bush iniciou o que ele próprio intitulou de Guerra ao Terror. O primeiro ato foi a invasão do Afeganistão em busca de Osama Bin Laden, líder da organização Al Qaeda, a acusada pelos ataques. A partir de 2006, Bush conseguiu o apoio da Otan para a guerra no Afeganistão. Não tendo obtido sucesso nessa empreitada, Bush se voltou contra o Iraque de Saddam Hussein. A partir de meados de 2002, o presidente e seus assessores iniciaram uma campanha na mídia contra o governo iraquiano, insistindo, principalmente, em duas ideias hoje confirmadamente falsas. Para a cúpula do governo norte-americano, Saddam tinha armas químicas e de destruição em massa e era ligado à Al Qaeda. Com essa campanha midiática, Bush conseguiu a aprovação política e popular para a invasão do Iraque, iniciada em 20 de março de 2003. Pouco mais de duas semanas depois, em 9 de abril, o governo de Bagdá foi derrotado e, em seguida, Bush declarou o fim das operações militares, apesar de as tropas americanas

continuarem em território iraquiano. Segundo os últimos cálculos, as guerras do Iraque e do Afeganistão custaram cerca de 3 trilhões de dólares até 2010 ao governo dos Estados Unidos e, ao contrário do que muitos poderiam inicialmente imaginar, não trouxeram crescimento econômico ao país nem conseguiram segurar o preço do barril de petróleo, que frequentemente ultrapassa os 100 dólares.

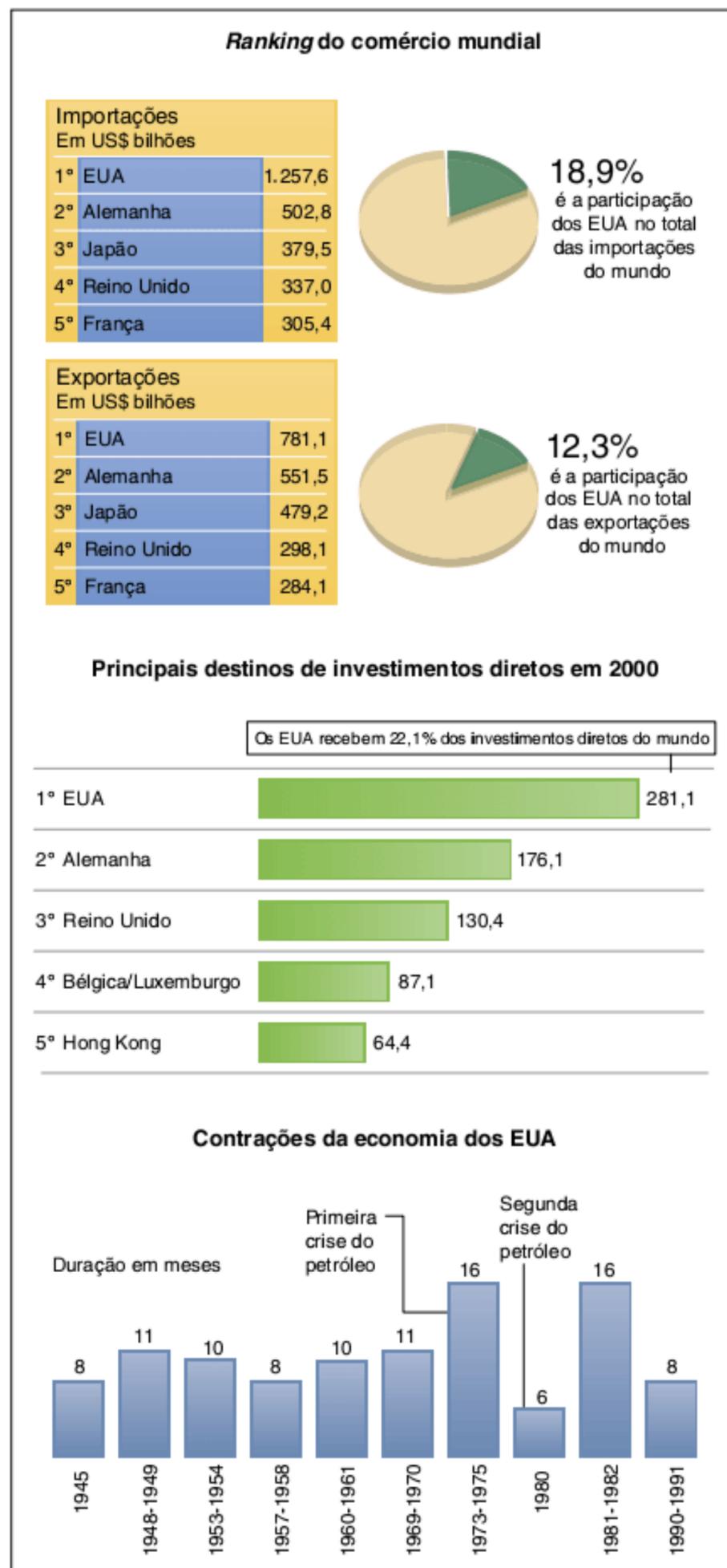


Fig. 9 Participação dos EUA na economia mundial.

A partir de 2007, os EUA adotaram uma nova estratégia no Iraque, com o objetivo de, gradualmente, retirar suas tropas de combate, reduzindo os custos e o impacto político das mortes de soldados em uma guerra que parecia sem solução. Em 2008,

o presidente Obama assumiu o governo dos Estados Unidos e iniciou uma nova estratégia, com o objetivo de iniciar a retirada das tropas ocidentais a partir de 2012.

Os EUA treinaram novas forças de segurança compostas de iraquianos e, em 2010, transferiram as funções militares para esse novo exército. Assim, o presidente Obama pôde anunciar o suposto fim da Guerra do Iraque, mesmo mantendo soldados estadunidenses em bases militares para o caso de alguma emergência. A mesma estratégia será tentada no Afeganistão, embora seja cedo para qualquer conclusão já que o caso afegão é bem mais complexo do que o iraquiano.

Em termos econômicos, o país não estava bem há muito tempo. Com a migração de milhares de fábricas para a China e para outros países da Ásia em busca de mão de obra barata, os Estados Unidos passaram a ter, desde a década de 1980, um grande déficit da balança comercial (importações maiores que exportações). O déficit público (gastos do governo superiores à arrecadação) também não é novo, mas ficou muito maior durante os anos do governo Bush. Nessas condições, os Estados Unidos estão mais endividados do que nunca, o que vem acelerando a desvalorização do dólar e a insegurança de seus credores. Para completar o quadro, o sistema de crédito do país passa por uma crise que, em certos momentos, beira o colapso. Com um nível de endividamento muito maior do que sua capacidade, as famílias estadunidenses vêm, crescentemente, caindo na inadimplência, colocando a solidez dos bancos em risco. Tal processo atingiu seu auge em 2008 e 2009, quando uma crise originada no setor imobiliário acabou contaminando os bancos, as seguradoras e a Bolsa de Valores, o que levou à mundialização da crise. Internamente, muitos cidadãos perderam suas casas e seus empregos, aprofundando ainda mais a sensação de crise.

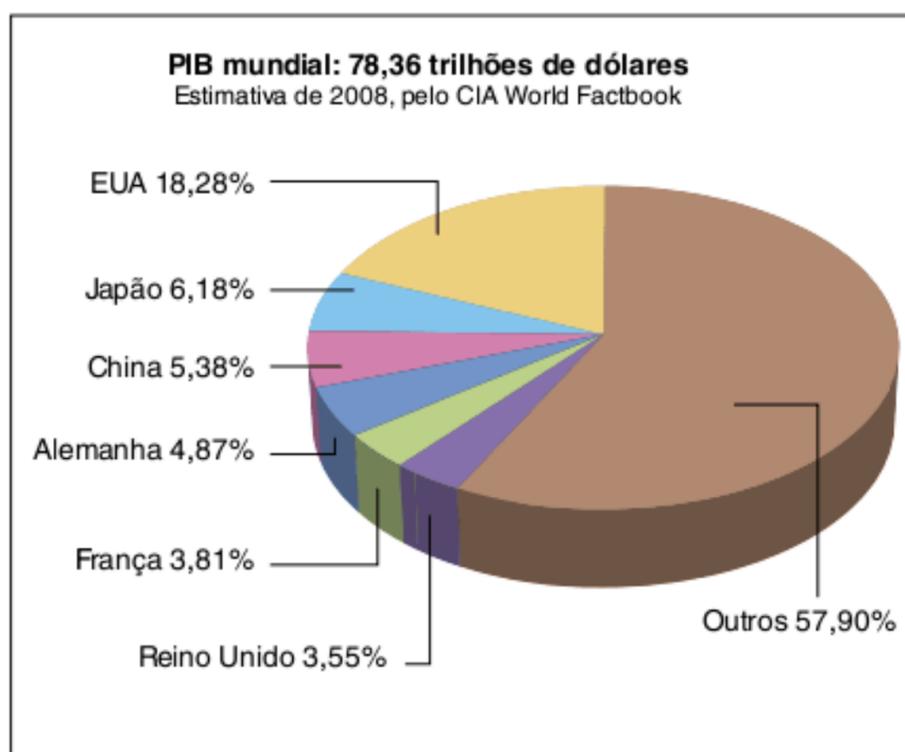


Fig. 10 PIB mundial.

A economia dos Estados Unidos de fato parece enfrentar desafios muito grandes para se manter estável, segundo afirmam muitos analistas. As medidas adotadas pelo governo Obama ainda não foram suficientes para reverter o quadro recessivo e despertaram a oposição de setores mais conservadores devido ao seu caráter intervencionista. Os republicanos,

opositores do presidente, reclamam do subsídio estatal ao sistema público de saúde, da ajuda à montadora GM e da ajuda dada aos bancos durante a crise. Embalados por uma certa decepção da população frente ao presidente, os republicanos venceram as eleições legislativas de 2010, o que deve dificultar ainda mais as ações do governo. De qualquer forma, a economia estadunidense ainda é a maior do mundo, o que, unido ao poder militar e cultural do país, tende a manter os norte-americanos no topo da pirâmide do poder mundial por, pelo menos, algumas décadas.

O Nafta

O Nafta (*North American Free Trade Agreement*), ou Acordo de Livre Comércio da América do Norte, surgiu da necessidade de os Estados Unidos fortalecerem o comércio regional com seus países vizinhos, Canadá e México, como forma de enfrentar o fechamento do comércio europeu. O objetivo americano é alcançar mais facilmente os mercados dos outros integrantes. É preciso destacar que esse bloco econômico não passa do nível mais simples de integração econômica entre países, limitando-se a uma zona de livre-comércio, sem permitir a livre circulação de pessoas, nem mesmo estabelecendo uma união aduaneira. O acordo começou a vigorar em 1º de janeiro de 1994. Desde então, algumas barreiras alfandegárias foram prontamente eliminadas, enquanto outras vêm sendo gradualmente, em um prazo de 10 a 15 anos, com o objetivo de proteger áreas ainda frágeis da economia de cada um dos três países.

O Canadá

O Canadá é um país desenvolvido e intensamente industrializado, sendo até incluído no G7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo – EUA, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Japão). No entanto, o país só se tornou independente do domínio inglês em 1867. Mesmo assim, faz parte da *Commonwealth* (Comunidade Britânica das Nações), sendo uma Monarquia parlamentarista que tem como chefe de Estado a rainha da Inglaterra e como chefe de governo o primeiro-ministro indicado no parlamento canadense. Essa condição política não impede a autonomia canadense em relação à Inglaterra. Contudo, em termos econômicos, o país é uma extensão da economia americana. Grande parte de suas atividades, principalmente as de alta tecnologia, tem larga participação de empresas estadunidenses. Essa dependência econômica ocorre justamente pelo fato de o país ter se industrializado tardiamente. Apesar de ser independente desde 1867, a economia canadense continuou fortemente vinculada à da Inglaterra. Só com as guerras mundiais pôde haver um distanciamento e o início do processo de industrialização. Como esse período coincidiu com aquele em que as grandes empresas americanas estavam se formando enquanto monopólios, o Canadá acabou sendo uma primeira extensão da economia dos Estados Unidos, já que muitas dessas grandes empresas dirigiram-se para aquele país. A proximidade entre as duas nações facilitou a industrialização canadense, principalmente na região dos Grandes Lagos, o que mostra realmente uma ligação espacial muito forte entre os setores industriais dos dois lados da fronteira.



Apesar de estar presente em quase todos os setores industriais, o Canadá ganha destaque com os setores de papel e celulose e de alumínio. O papel e a celulose têm grande importância pela fartura de matéria-prima: a madeira da taiga canadense. Já no caso do alumínio, o principal não é a matéria-prima, mas a grande quantidade de energia elétrica produzida no país, que favorece a instalação dessas empresas, que tanto utilizam a eletricidade.

A agricultura também ganha grande destaque por ser predominantemente moderna e voltada para as necessidades do mercado interno, embora o Canadá exporte muitos grãos anualmente. Ela é feita com alta mecanização e em pequenas e médias propriedades na região do Praire Canadense, que são as planícies centrais.



Questões nacionalistas no Canadá

No Canadá, as questões nacionalistas não levaram aos conflitos armados, mesmo assim é importante que saibamos que nesse país há um problema dessa natureza. Habitado inicialmente por povos indígenas de várias etnias e culturas diferentes, o Canadá foi colonizado pela França, que garantiu

seu domínio sobre a região de Quebec, e pela Inglaterra, que inicialmente dominou Ontário, passando posteriormente a controlar todo o território. Podemos, portanto, falar da convivência de três grandes grupos étnicos dentro do país: os ingleses, os franceses e os diversos povos indígenas. A existência desses três grupos populacionais no Canadá impediu a formação de uma identidade nacional homogênea. Durante a história do país, os ingleses apoiaram a união com o Reino Unido, negando-se a se unir às treze colônias inglesas que deram origem aos EUA em 1776. Os franceses tomaram para si a missão de garantir a permanência da cultura francesa e da religião católica na América do Norte. Já os povos indígenas uniram-se para garantir seus direitos à posse sobre os recursos naturais do território. Em 1931, o parlamento britânico deu autonomia legislativa ao Canadá, livrando-o assim das obrigações coloniais. Em 1982, após um acordo com o governo inglês, foi promulgada uma nova constituição, a qual dava ao Canadá a condição de Estado associado ao Reino Unido. Além disso, as novas leis reconheciam a existência de duas línguas oficiais no país, o inglês e o francês, e os direitos dos povos indígenas. Em 1980, o Partido Quebequense, favorável à independência de Quebec em relação ao Canadá, promoveu um plebiscito na província de maioria francesa. Em razão da relativa diferença de desenvolvimento entre Quebec e Ontário, a população da província francesa optou por continuar unida ao país. Em 1995, em um novo plebiscito, os quebequenses ficaram muito divididos, como mostrou o resultado de 50,4% contra a separação e 49,6 a favor. Percebe-se, pelos números, que o assunto ainda é fonte de desentendimento.

O México

O papel do México no Nafta é basicamente colaborar com a mão de obra barata e com seus recursos naturais e produtos agrícolas. O país é um grande exportador de petróleo, cuja produção se concentra no Golfo do México. Entretanto, a maior parte das exportações desse produto segue em direção aos companheiros do bloco econômico. Como agravante, a produção mexicana recentemente começou a declinar, o que no futuro levará a problemas tanto para o governo mexicano quanto para os governos estadunidense e canadense. O governo dos Estados Unidos já avalia essa situação como uma futura ameaça à sua segurança nacional e energética.

A agricultura mexicana é dividida em dois setores principais. Há grandes propriedades que restaram das *haciendas*, nas quais se produzem mercadorias para exportação, com mão de obra barata. Por outro lado, a reforma agrária criou os *ejidos*, pequenas propriedades entregues aos camponeses, que produzem com vistas ao mercado interno de alimentos, contando com baixa tecnologia e pouco apoio governamental. Tal medida foi idealizada por Emiliano Zapata, líder revolucionário do início do século XX, e oficializada na Constituição de 1917.

Em termos industriais, o país é subdesenvolvido e industrializado. Tal condição é caracterizada por uma união de industrialização e desigualdade social, uma vez que parte considerável das indústrias mexicanas é multinacional e só se

estabeleceu em território mexicano em busca de mão de obra barata. Destacam-se empresas estadunidenses instaladas no país a partir do século XIX, em especial durante o governo de Porfirio Diaz (1876-1910), que buscou a modernização por meio da abertura ao capital estrangeiro. Foi também no período de Diaz que a população indígena perdeu o que ainda restava de suas terras para as multinacionais do setor agrário, gerando crises fundiárias que têm reflexos até hoje. Após a implantação do Nafta, a caça à mão de obra barata mexicana só se intensificou. Com a livre circulação de mercadorias, as empresas americanas e canadenses instalaram-se no Norte do México para produzirem seus produtos visando vendê-los em seus próprios mercados, bem mais amplos. Essas são as chamadas indústrias maquiladoras. As principais regiões industriais do país são: Cidade do México (que é também a capital), onde se estabeleceu uma forte indústria petroquímica e metalúrgica; Guadalajara, de industrialização mais diversificada, e Monterrey, no Norte do país, principal alvo das indústrias maquiladoras. Essa ligação econômica faz com que os mexicanos sejam intensamente afetados por qualquer crise que atinja os Estados Unidos, como ficou claro a partir de 2008. O México não conseguiu, até hoje, diversificar seus parceiros comerciais.



Apesar de contribuir com o comércio e a produção industrial do bloco econômico, os mexicanos continuam sendo discriminados quando a questão é circular pelos países do Norte. Como o Nafta limita-se a uma zona de livre-comércio, não é permitida a livre circulação de pessoas, o que leva milhares de mexicanos a se arriscarem para atravessar a fronteira com os Estados Unidos. A escolha pela imigração ilegal para os Estados Unidos se explica por diversas razões: oportunidades econômicas, proximidade com o México e presença, nos Estados Unidos, de uma grande população de origem mexicana ou latino-americana, permitindo que o imigrante ilegal se integre a um grupo, dificultando para as forças policiais e de repressão à imigração ilegal a identificação do indivíduo que entra sem visto no país.

Anualmente, a cifra chega a quase meio milhão de imigrantes ilegais. Com a explosão da crise de 2008, a cifra chegou a quase um milhão entre 2009 e 2010. Para esses imigrantes, a crise no México era vista como mais grave do que a crise nos Estados Unidos. O México é também, hoje, a porta de entrada para imigrantes ilegais de toda a América Latina, o que fez com que aumentasse a pressão de Washington na fiscalização de aeroportos e fronteiras do México. Para conseguir um visto de entrada para o México, é necessário apresentar quase o mesmo conjunto de documentos requisitados pelo governo americano, como forma de comprovar que não há a intenção de imigrar.

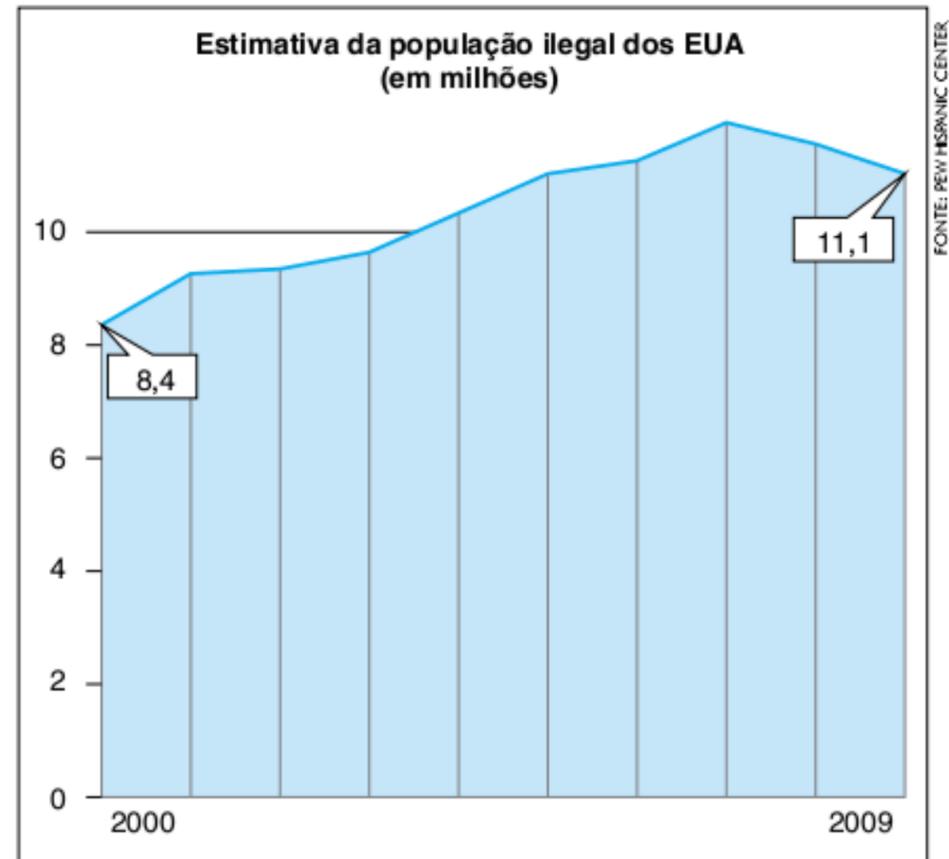
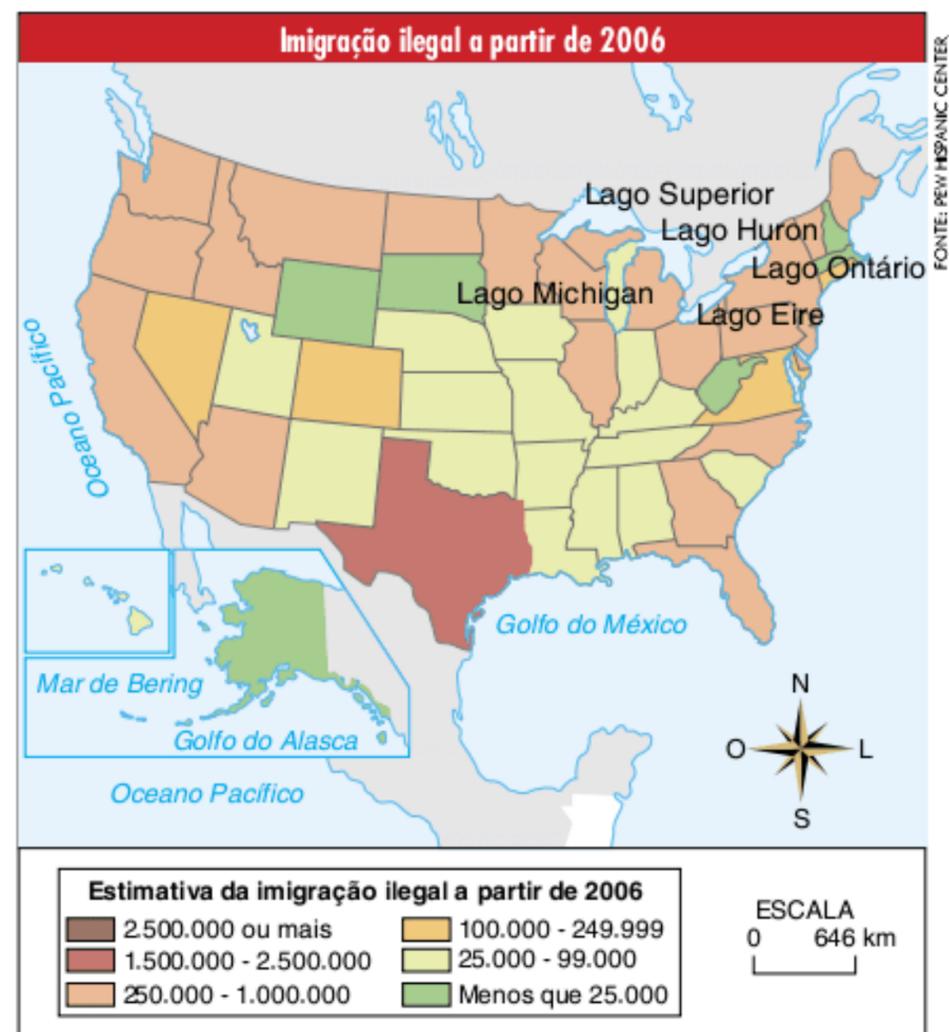


Fig. 11 Imigrantes ilegais nos EUA.



Revisando

1 Como se pode dividir o continente americano?

2 Que fatores distinguem a formação econômica dos Estados Unidos da formação de outros países que também foram colônias?

3 Como se deu a expansão dos Estados Unidos?

4 Caracterize a distribuição das indústrias nos Estados Unidos.

5 Que fatores explicam o declínio da hegemonia dos Estados Unidos?

6 Relacione o Nafta com o declínio da hegemonia dos Estados Unidos.

7 Caracterize a questão nacionalista no Canadá.

8 Qual é a função do México no Nafta?

Exercícios propostos

1 Uerj 2010 A vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais de 2008 foi revestida de grande significado. O mapa dos resultados finais do último pleito nacional norte-americano revela que a história do país continua afetando a sua geografia eleitoral.



É possível associar cerca de metade dos estados onde Barack Obama foi derrotado em 2008 ao seguinte aspecto da história dos Estados Unidos:

- (a) utilização da mão de obra escrava.
- (b) proibição da entrada de imigrantes.
- (c) implantação das primeiras unidades industriais.
- (d) consolidação das principais organizações sindicais.

2 Enem 2009 Na democracia estadunidense, os cidadãos são incluídos na sociedade pelo exercício pleno dos direitos políticos e também pela ideia geral de direito de propriedade. Compete ao governo garantir que esse direito não seja violado. Como consequência, mesmo aqueles que possuem uma pequena propriedade sentem-se cidadãos de pleno direito. Na tradição política dos EUA, uma forma de incluir socialmente os cidadãos é:

- (a) submeter o indivíduo à proteção do governo.
- (b) hierarquizar os indivíduos segundo suas posses.
- (c) estimular a formação de propriedades comunais.
- (d) vincular democracia e possibilidades econômicas individuais.
- (e) defender a obrigação de que todos os indivíduos tenham propriedades.

3 UFSCar A industrialização norte-americana começou no nordeste do país e se espalhou pela região dos Grandes Lagos, com setores como o siderúrgico, o naval e o automobilístico. Esse foi, durante muito tempo, o padrão espacial predominante nos Estados Unidos. Contudo, com a revolução técnico-científica e informacional, novos padrões de distribuição industrial foram produzidos, gerando um processo de descentralização e de reorganização territorial da atividade produtiva. Considerando o processo descrito, responda:

- a) Quais tipos de indústrias caracterizam o novo padrão industrial americano?
- b) Onde se localizam essas indústrias e quais fatores justificam tal localização?

Texto para a questão 4.

Cultura dos almanaques

[...]

Almanaque não se emprestava a ninguém: ao contrário de um bumerangue, nunca voltaria para o dono. Lembro-me de um exemplar que falava com tanta expressão da guerra fria e de espionagem, que me proporcionou um prazer equivalente ao das boas páginas de ficção. Um outro ensinava a fazer balão e pipa, a manejar um pião, e se nunca os fiz subir ou rodar era porque meu controle motor já não dava inveja a ninguém. Em compensação, conhecia todas as propriedades de uma carnaubeira, o curso e o regime do rio São Francisco, fazia prodígios com ímãs e saberia perfeitamente reconhecer uma voçoroca, se viesse a cair dentro de uma.

Pouco depois dos almanaques vim a conhecer as Seleções – Reader’s digest – uma espécie de almanaque de luxo, de circulação regular e internacional. Tirando Hollywood, as Seleções talvez tenham sido o principal meio de difusão do American way of life, a concretização editorial do slogan famoso: TIME IS MONEY. Não tinha o charme dos almanaques: levava-se muito a sério, o humor era bem-comportado, as matérias tinham um tom meio autoritário e moralista, pelo qual já se entrevia uma América (como os EUA gostam de se chamar) com ares de dona do mundo. Não tinha a galhofa, o descompromisso macunaímico dos nossos almanaques em papel ordinário. Eu não trocaria três exemplares do almanaque de um certo biotônico pela coleção completa das Seleções.

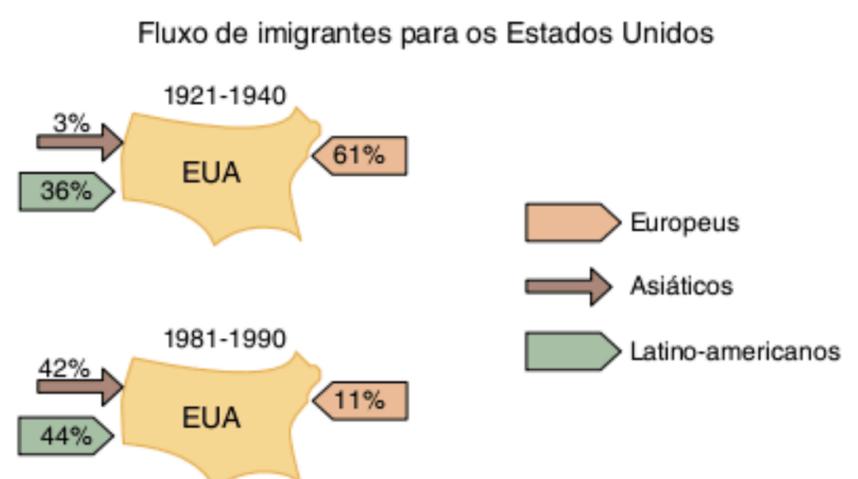
[...]

Argemiro Fonseca.

4 Puccamp 2004 (Adapt.) A ideia de dona do mundo sempre esteve latente na política externa dos Estados Unidos da América, desde o processo de consolidação de sua independência. Ao longo dos séculos XIX e XX, os governos dos Estados Unidos exerceram intervenções econômicas e político-militares em vários países da América Latina. Os fundamentos teóricos utilizados como justificativas para essas intervenções estavam delineados, entre outros:

- (a) na Emenda Platt, no Corolário Polk e no Plano Ayala.
- (b) na Doutrina Truman, na Emenda Platt e na Doutrina Sandinista.
- (c) no Destino Manifesto, no Corolário Roosevelt e no Bolívarismo.
- (d) na Doutrina Monroe, no Corolário Polk e no Corolário Roosevelt.
- (e) no Plano Ayala, na Doutrina Monroe e no Bolívarismo.

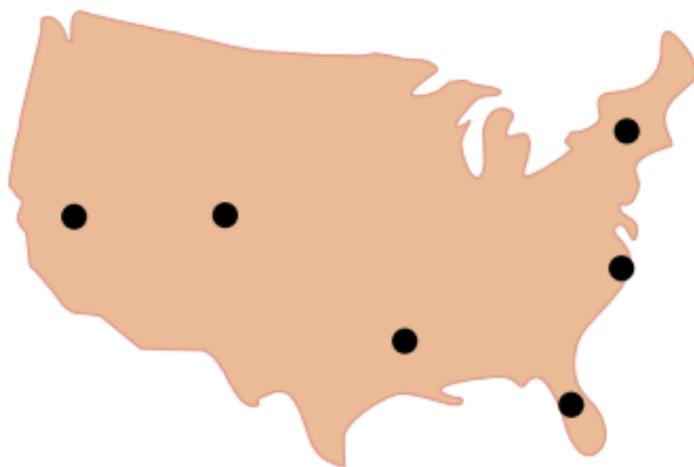
5 Observe os esboços para responder à questão.



A observação dos esboços e os demais conhecimentos sobre o tema permitem concluir que:

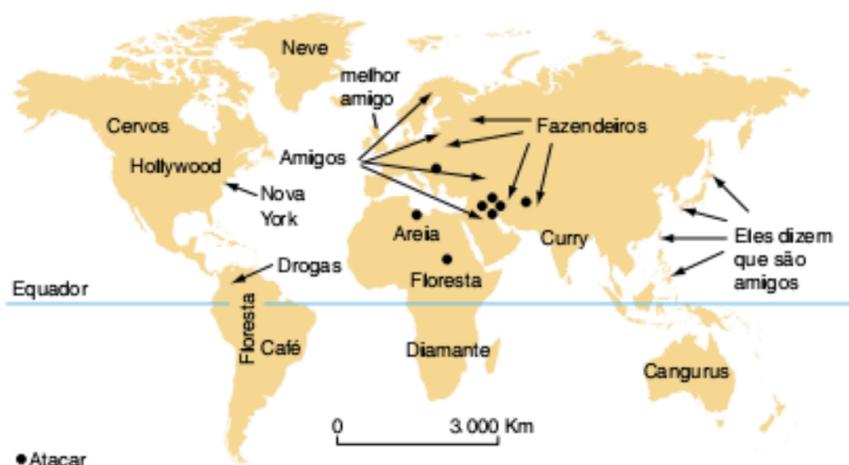
- (a) com as mudanças ocorridas nos tipos de imigrantes que se dirigem aos Estados Unidos, tem decrescido percentualmente o grupo étnico branco.
- (b) nestas últimas décadas, os imigrantes que chegam aos EUA apresentam elevada qualificação técnica.
- (c) com o elevado número de imigrantes no país, a participação percentual dos negros no conjunto da população americana tende a diminuir.
- (d) a flexibilidade e as facilidades legais têm cada vez mais atraído imigrantes latinos e asiáticos para os Estados Unidos.
- (e) a rápida integração sociocultural e econômica do imigrante tem representado um fator a mais para que grandes levas de imigrantes para lá se dirijam.

6 Puccamp No mapa a seguir estão localizadas áreas dos Estados Unidos que provêm das treze colônias britânicas do século XVIII, assim como de áreas, posteriormente, ocupadas. Assinale a alternativa que, no século atual, apresenta uma característica comum a todas as áreas indicadas no mapa.



- (a) Grande produção de frutas.
- (b) Concentração de siderúrgicas e de indústrias de montagem de veículos.
- (c) Grande número de indústrias tradicionais.
- (d) Concentração de petroquímicas.
- (e) Centros de tecnologia de ponta chamados tecnopolos.

7 Fuvest A representação a seguir circulou na rede mundial de computadores em 2003. Ela caracteriza o mundo segundo a visão:



- (a) da Índia.
- (b) da Rússia.
- (c) do Japão.
- (d) da União Europeia.
- (e) dos Estados Unidos.

8 PUC-SP 2003 A revolução militar é movida pelos EUA fundindo: planejadores do Pentágono, o complexo industrial-militar americano e a tecnologia do Vale do Silício. Os EUA são responsáveis por 40 a 45% dos gastos militares de 189 países do mundo.

Paul Kennedy. "Poderio bélico dos EUA não garante segurança".
Folha de S.Paulo, 12 set. 2002.

Considerando-se essa informação, é incorreto afirmar que:

- (a) as guerras são inerentes à política internacional dos estados modernos; a força militar é argumento decisivo em última instância.
- (b) o uso da força militar organizada como meio de defesa do território e da sociedade é um dado da soberania nacional no mundo moderno.
- (c) os EUA usam seu poderio militar como meio de persuasão na política internacional, alegando a defesa de sua nação e dos valores da liberdade.
- (d) a força militar, embora represente um meio não político de se fazer política internacional, sempre foi utilizada pelas potências, após decisão política na ONU.
- (e) as atuais ações dos EUA em relação ao Iraque são uma demonstração nítida do uso da força militar como meio presente e aceito de se fazer política internacional.

9 UFSCar 2003 Avaliando o ataque aéreo aos EUA, em 2001, o sociólogo Octávio Ianni afirmou:

Quando analisamos os acontecimentos de 11 de setembro, precisamos resgatar o sentido de história. Quando vistos isoladamente, os atentados perdem vários significados e parecem coisa de um "bando de fanáticos"... Mas, na realidade, os atentados foram apenas um fato em uma cadeia muito complexa de acontecimentos.

Ciência Hoje, set. 2002.

Assinale a alternativa que contém um fato que faz parte desta complexa cadeia.

- (a) Crescente interferência dos EUA na política interna de outros países.
- (b) Aumento dos conflitos geopolíticos entre os EUA e os novos países industriais.
- (c) Interesse dos EUA em explorar economicamente as extensas terras do Afeganistão.
- (d) Competição entre os EUA e o Japão pelo domínio geopolítico sobre a Ásia.
- (e) Interesse dos ex-países socialistas em dominar geopoliticamente o mundo.

10 UFSM Assinale a alternativa que contempla as principais características do Vale do Silício (Silicon Valley), nos EUA.

- (a) Formado pela erosão glacial, constitui-se em uma área de preservação permanente, onde se destacam as faias, sequoias e bétulas, espécies típicas da floresta boreal.
- (b) É uma das principais áreas de extração mineral, sobretudo de silício, cobre e ferro, altamente prejudicada pela degradação do meio ambiente.
- (c) Também conhecido por cinturão agrícola (*belts*), constitui-se na principal área produtora de cereais dos EUA, sobretudo de milho e trigo, além da pecuária intensiva.
- (d) Localizado no nordeste dos EUA, constitui-se em uma área de antiga concentração industrial, destacando-se as indústrias de bens de produção pela abundância de matérias-primas, energia e mão de obra e pela facilidade de transporte.
- (e) Localizado no oeste dos EUA, próximo a importantes centros de pesquisa, forma um complexo industrial com destaque para os ramos típicos da 3ª Revolução Industrial.

11 Unesp É um estado norte-americano cujo relevo apresenta grandes altitudes e possui quase metade de sua área coberta por gelos eternos. No curto verão, musgos e líquens reaparecem após o degelo, cobrindo extensas áreas de pastagens. Exportação de madeira; extração mineral de ouro, prata e chumbo; pesca de salmão e trutas e exploração petrolífera são as principais atividades econômicas desse espaço, cuja descrição corresponde a (ao):

- (a) Oregon.
- (b) Ohio.
- (c) Wyoming.
- (d) Alasca.
- (e) Colorado.

12 Unesp Observe o mapa dos Estados Unidos.



Assinale a alternativa que indica, respectivamente, o nome do rio assinalado com o número 1 e as atividades econômicas predominantes nos espaços assinalados com os números 2 e 3.

- (a) Grande; pecuária intensiva de gado leiteiro e *cotton belts*.
- (b) Mississippi; culturas tropicais de cana, cítricos e arroz e pecuária extensiva.
- (c) Colúmbia; *corn belts* e policultura.
- (d) Tennessee; pecuária extensiva em estâncias e grandes propriedades e agricultura irrigada de frutas e legumes.
- (e) Colorado; agricultura irrigada de frutas e legumes e culturas tropicais de cana, cítricos e arroz.

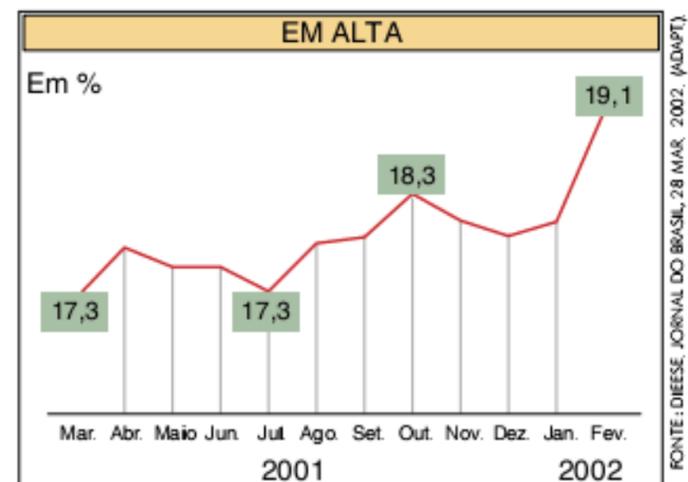
13 UFRN Os diversos setores da economia vêm apresentando mudanças significativas a partir das últimas décadas do século XX. Nos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, essas mudanças podem ser observadas nos dados do quadro a seguir.

População ocupada por setores de atividades - 1970 a 1997 (%)

Países	Anos	Canadá			Estados Unidos		
		1970	1980	1997	1970	1980	1997
Setores							
Primário		7,6	5,4	3,9	4,5	3,6	2,7
Secundário		30,9	28,5	23,2	34,4	30,5	23,9
Terciário		61,4	66	73	61,1	65,9	73,4

A partir da análise dos dados fornecidos, cite dois fatores que influenciaram a mobilidade da população ocupada e explique por que tais fatores contribuíram para a ocorrência das mudanças.

14 Uerj Nos últimos doze meses, a taxa de desemprego de fevereiro também foi a mais alta. O pico anterior ocorreu em outubro do ano passado (2002), mês seguinte aos atentados terroristas aos EUA.



O gráfico indica a variação do desemprego, durante o período assinalado, e estabelece uma relação entre a dinâmica do desemprego na Região Metropolitana de São Paulo e os atentados terroristas de setembro nos EUA. Isso sugere uma possível relação entre os dois processos, em um contexto de economia globalizada.

Os EUA têm enorme influência econômica no restante do mundo, fundamentalmente, porque:

- (a) exportam armas e veículos de guerra para os países periféricos.
- (b) importam bens manufaturados das áreas metropolitanas do hemisfério Sul.
- (c) centralizam parte significativa do comércio e dos fluxos de capital no mundo.
- (d) distribuem ajuda humanitária para as economias emergentes do terceiro mundo.

15 FGV Em 1940, os estados do litoral do Pacífico: Califórnia, Oregon e Washington tinham juntos somente 9 milhões de habitantes, no entanto, em 1992, somavam 32 milhões. A explicação deste grande salto populacional, em pouco mais de 50 anos, deve-se:

- (a) ao desenvolvimento de regiões industriais em torno das cidades de Phoenix e de Seattle para atender aos crescentes mercados consumidores asiáticos, no pós-guerra.
- (b) à urbanização provocada pela produção de frutas semelhantes às tropicais de alta qualidade para atender ao sofisticado mercado interno norte-americano.
- (c) à expansão contínua do povoamento de leste para o oeste, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, somente interrompida pelos altos cumes das Cadeias Costeiras e das Montanhas Rochosas.
- (d) ao grande desenvolvimento da indústria pesqueira, exportando para os mercados dos países mais populosos da Ásia que tradicionalmente se alimentam de frutos do mar e de peixes.
- (e) à oferta de grande número de empregos com a criação de um polo geopolítico e industrial, iniciado com a instalação da indústria de aviões e mísseis no início da década de 1940.

16 Mackenzie A tradicional região industrial dos Grandes Lagos, nos Estados Unidos, teve como principal(ais) fator(es) para o seu desenvolvimento, entre outros:

- (a) a existência de importantes centros de pesquisas e a localização de terminais ferroviários procedentes do Pacífico.
- (b) a presença de entroncamentos de transportes aéreos, facilitando o escoamento da produção por todo o país.
- (c) a proximidade de matérias-primas como o ferro e o carvão e a existência de importante rede de transportes.
- (d) a modernização das atividades rurais, que obrigou o deslocamento da população para os centros industriais.
- (e) a aglomeração de instituições financeiras, alimentando recursos para a expansão das atividades.

17 Mackenzie Assinale a alternativa incorreta sobre as características da industrialização dos Estados Unidos.

- (a) A integração das empresas domina a estrutura das indústrias em todos os aspectos.
- (b) A automação, largamente disseminada, permite a economia de mão de obra.
- (c) A crescente especialização da mão de obra condiciona uma economia de tempo e uma racionalização.
- (d) A formação das linhas de montagem é responsável pela produção em massa e permite baratear os custos.
- (e) A concentração da produção em uma única região facilita o escoamento para o consumo interno e para a exportação.

18 UFPE 2008 O Canadá teve forjadas a Geografia e a História, basicamente, ao longo dos 570 km do vale do rio São Lourenço, onde se situam algumas das mais importantes cidades daquele país, como Quebec, Ottawa, Toronto e Montreal. Com relação a este país da América do Norte, é correto afirmar que seu principal problema geopolítico:

- (a) são os conflitos étnicos verificados na parte meridional do país.
- (b) são os conflitos de migrantes canadenses com autoridades de fronteira dos Estados Unidos, ao sul.
- (c) são as tentativas de separatismo, por parte de uma das mais importantes regiões, a província de Quebec.
- (d) é a diferença de idiomas e de etnias existentes no país.
- (e) é a ocorrência de grandes depósitos de ferro e carvão mineral, que despertaram a cobiça de grandes multinacionais dos Estados Unidos e da Europa.

19 UFMS 2010 Entre as muitas façanhas da humanidade, está a construção de infraestruturas técnicas para moldar a natureza ao seu interesse, seja por motivo econômico ou político. Uma dessas façanhas é o canal de São Lourenço, assim como muitos outros construídos em diferentes partes do planeta como o de Panamá e o de Suez. Sobre o canal de São Lourenço, é correto afirmar:

- 01 Localiza-se no norte dos Estados Unidos e atravessa o interior continental do Canadá, desaguando na baía de Hudson, no oceano Glacial Ártico; no período do inverno, as águas do canal se congelam, tornando o empreendimento de baixo valor comercial para os dois países; o motivo de sua construção deve-se a interesses militares da Otan na ocupação das terras geladas do hemisfério Norte, na época sob forte domínio da extinta URSS.
- 02 Une os Grandes Lagos ao oceano Atlântico, atravessando importante região industrial e agrícola e de forte urbanização dos EUA e do Canadá, permitindo que as mercadorias, como minério de ferro, carvão mineral e grãos, sejam transportadas a uma distância de mais de 3700 km do interior do continente norte-americano em direção ao litoral.
- 04 Atravessa uma região pouco povoada e desértica, no interior dos EUA e do Canadá, ligando os Grandes Lagos, através do rio Mississippi, ao Golfo do México; recentemente, ambientalistas manifestaram-se a favor de seu fechamento por comprometer a qualidade de vida de povos indígenas que ocupam as terras adjacentes ao canal.
- 08 É considerado uma hidrovia que compreende trechos navegáveis do rio São Lourenço e construções técnicas, como eclusas e canais, para superar as barreiras naturais como as cataratas de Niágara. Possui um intenso fluxo de embarcações, o que contribuiu para tornar o sistema hidroviário um importante elemento da matriz de transporte dos EUA e do Canadá.
- 16 É administrado por um consórcio de empresas governamentais do Canadá e dos Estados Unidos, no trecho legalmente sob concessão daquelas empresas, que se estende de Montreal, no Canadá, ao Lago Eire, nos Estados Unidos. O canal foi aberto comercialmente ao tráfego em 1959, sendo comemorado neste ano o seu cinquentenário.

Soma =

20 Ufes Sobre a economia do Canadá, podemos afirmar que:

- I. É fortemente dependente dos Estados Unidos em relação aos fluxos de capitais, tecnologia e mercadorias.
- II. Muito prejudicada pela Segunda Guerra Mundial e fracamente industrializada, equilibra a sua balança comercial com exportações de gêneros alimentícios.
- III. Dinâmica e forte, tem na produção de papel e celulose uma posição de destaque, que coloca o Canadá como o maior produtor mundial do gênero.
- IV. Tem no alumínio seu grande destaque na área metalúrgica, embora a matéria-prima (a bauxita) necessite ser quase que totalmente importada da Jamaica e do Suriname.
- V. Não utiliza técnicas modernas na agropecuária, o que faz com que essa atividade se torne altamente improdutiva.

São corretas as afirmativas:

- (a) I, II e IV. (c) I, IV e V. (e) III, IV e V.
 (b) I, III e IV. (d) II, IV e V.

21 Mackenzie Nesta região, favorecida pela presença da floresta, das reservas minerais e do grande potencial hidrelétrico, concentra-se a maior parte da população e da atividade industrial do Canadá. Trata-se:

- (a) da Colúmbia Britânica.
 (b) das Províncias Atlânticas.
 (c) do Sudeste.
 (d) das Pradarias.
 (e) do Grande Norte.

22 UFPR 2010 A fronteira do México com os Estados Unidos tem protagonizado distintos processos de natureza social, econômica e espacial. Sobre essa realidade, considere as seguintes afirmativas.

- 01 Observa-se um intenso processo migratório ilegal do México com destino aos Estados Unidos, desencadeando ações radicais por parte do governo americano, como a construção de um muro para marcar a fronteira e dificultar o ingresso de migrantes clandestinos nos EUA.
- 02 Há uma importante relação industrial entre os dois países, sobretudo por meio da ação das maquiladoras, indústrias americanas instaladas do lado mexicano, que se aproveitam de isenções tarifárias, importam componentes dos Estados Unidos, executam a montagem dos produtos utilizando-se do baixo custo da mão de obra mexicana e exportam os produtos acabados para os EUA, com preços normalmente abaixo daqueles praticados pelas indústrias que produzem em território americano.
- 03 Os problemas existentes entre ambos os países podem ser atribuídos à separação física estabelecida por essa fronteira: o México compõe a América Central e os Estados Unidos a América do Norte.
- 04 A importância da fronteira entre EUA e México em relação à migração e ao processo de localização das *maquiladoras* se justifica pelo fato de as maiores cidades mexicanas estarem localizadas na região de fronteira, inclusive a capital, Cidade do México.

05 As remessas de dólares que os imigrantes fazem para suas famílias no país de origem contribuem com expressiva parcela da economia mexicana.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
 (b) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
 (c) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
 (d) Somente as afirmativas 2, 3 e 5 são verdadeiras.
 (e) Somente as afirmativas 1, 2 e 5 são verdadeiras.

23 UFMS 2010 Como em toda sociedade de classes, a violência social no México explode entre os mais pobres. Nos últimos anos, o número de mortes ligadas ao narcotráfico tem crescido, sendo mais de mil nas primeiras quatro semanas de 2009. O diretor de Inteligência Nacional dos EUA, Denis Blair, chegou a afirmar que o governo mexicano não tem controle sobre regiões da fronteira, o que poderia ser entendido como uma senha para novas intervenções de seu governo. Filipe Calderón, presidente mexicano, respondeu afirmando que o problema de seu país é consequência de ser vizinho do maior consumidor de drogas do planeta e do maior fornecedor mundial de armas. Como Porfirio Diaz afirmou em outras palavras: "Pobre México! Tão longe de Deus, tão perto dos EUA".

Ramon Casas Vilarino. "Uma fronteira explosiva".
 Carta na Escola, n. 36, maio 2009.

Com base no texto e nos seus conhecimentos, assinale a(s) afirmativa(s) correta(s).

- 01 A proximidade entre México e Estados Unidos tem gerado conflitos praticamente desde a independência mexicana, proclamada em 1810 e reconhecida pela Espanha em 1821. A fronteira entre os dois países foi redesenhada a partir da guerra travada entre 1846 e 1848; quando somada à perda do território do Texas, ocorrida em 1836, o México perdeu 55% de seu território original para o vizinho do norte.
- 02 As pretensões expansionistas norte-americanas sobre a América Latina, em geral, e o México, em particular, materializaram-se no governo do presidente James Monroe (1817-1825), com a doutrina que levou seu nome, indicando publicamente as intenções dos Estados Unidos de não permitir a ingerência de nenhum país europeu nos negócios internos e externos dos novos Estados latino-americanos.
- 04 A violência e o narcotráfico avançam na região fronteira entre México e EUA, acompanhando o crescente desenvolvimento da economia mexicana, em especial a atividade agrícola que, a partir da assinatura do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), em 1994, tornou-se totalmente independente dos produtos agrícolas subsidiados pelo governo norte-americano.
- 08 O avanço da violência e do narcotráfico na região fronteira entre México e EUA está intimamente relacionado ao fortalecimento do movimento revolucionário neozapatista na região de Chiapas, que além de propor uma reforma agrária que retira direitos sociais e terras das mãos das populações descendentes de indígenas, reivindica a maior aproximação do México em relação ao Nafta, visto que o México é considerado pelas lideranças neozapatistas como importante corredor para o tráfico de drogas e armas.

16 A violência e o narcotráfico avançam na região fronteira entre México e EUA acompanhando a crescente desigualdade e miséria locais, que empurram muita gente para atividades ilegais. Tal quadro se acentuou com a assinatura, em 1994, do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), a partir do qual empresas norte-americanas se transferiram para a região de fronteira, a fim de explorar mão de obra barata e desorganizada.

Soma =

24 PUC-Rio 2010 (Adapt.) Enquanto um povo se uniu em 1989 sobre as ruínas de um muro que ia de Dresden a Berlim, outros muros são levantados na atualidade para separar os homens, tornando-os estrangeiros, inimigos.

Observe as imagens e faça o que se pede a seguir.



Construção do muro de Berlim em 1961.



Muro de separação entre Tijuana (México) e San Diego (EUA).

- Caracterize o contexto histórico em que foi construído o muro de Berlim.
- Identifique dois aspectos relativos às tensões vividas na fronteira entre Estados Unidos e México, na atualidade.

25 Uerj 2010 O problema agrário está na base dos conflitos sociais e políticos da História do México, desde a independência até a revolução. Todas as tentativas de mudança estrutural – Independência, Reforma, Porfiriato, Revolução – decorrem da necessidade essencial de resolver essa questão-chave.

Américo Nunes. *As revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Adapt.).

Identifique o problema agrário ao qual se refere o autor do texto e estabeleça sua relação com a Revolução Mexicana de 1910.

26 UFF 2003 No dia 1º de janeiro de 1994, data que marcou o início da vigência do Acordo Norte-Americano de Livre-Comércio (Nafta), cerca de 3 mil integrantes do Exército Zapatista de Libertação Nacional assumiram o controle das principais cidades adjacentes à Floresta de Lacandon – San Cristobol de Las Casas, Altamirano, Ocosingo e Las Margaritas – situadas no estado mexicano de Chiapas, na região sul do país.

M. Castells. *O poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e terra, v. 2, 1999, p. 7 (Adapt.).

O texto acima refere-se a um importante movimento social de oposição à globalização em curso no mundo contemporâneo – o movimento zapatista. A emergência desse movimento étnico-nacional deve-se, dentre outros fatores:

- à ampliação dos acordos políticos e econômicos do Nafta, que obrigou o governo mexicano a ceder territórios meridionais às empresas norte-americanas e canadenses, fato que desagradou as etnias da região.
- à expansão das empresas petrolíferas norte-americanas na península de Iucatã, responsável pela falência das médias empresas locais e pela demissão em massa de trabalhadores de etnia chiapa e zapata.
- ao intenso conflito na região meridional do México, pelo controle do território, envolvendo facções do narcotráfico e o Exército Zapatista, cujo objetivo maior era o domínio da produção e distribuição de coca.
- às desigualdades socioeconômicas presentes na estrutura fundiária, associadas à fragilização da agricultura camponesa decorrente das medidas de liberação das importações implementadas pelo governo mexicano.
- às mudanças neoliberais na legislação trabalhista, que originaram profunda indignação nas populações locais, gerando crescente desemprego e desencadeando a revolta armada das etnias presentes no território.

27 Mackenzie Assinale a alternativa incorreta sobre a economia do México.

- Os *ejidos* são aldeias comunitárias criadas com a Reforma Agrária realizada no começo deste século.
- Nas *sierras*, concentram-se as principais riquezas minerais, exceto o petróleo.
- O café e o açúcar são os principais produtos agrícolas de exportação.
- O setor petroquímico concentra-se na região do golfo.
- No Norte, localizam-se as principais áreas de *plantations*.

28 UFMS O México, apesar de ser um país agrícola, destaca-se no crescimento industrial. Em especial no setor petroquímico, ligado à exploração de petróleo extraído do Golfo do México. Assinale a alternativa que aponta corretamente suas características físicas ou socioeconômicas.

- (a) Tem predomínio de relevo de planície, apresentando clima árido em sua porção setentrional.
- (b) Sua população apresenta predomínio de índios e negros, concentrando-se no centro-sul do país.
- (c) Seu território é rico em recursos minerais, despontando-se o petróleo, o chumbo e o cobre.
- (d) Sua região Norte é fracamente povoada, tendo como base o cultivo da cana-de-açúcar, no rio Salado.
- (e) Monterrey, Corrientes e Transbaal são os principais centros industriais do país.

29 UFU Em relação ao território mexicano, é correto afirmar que:

- (a) os climas desérticos localizam-se no setor norte e os climas quentes e úmidos localizam-se nos setores sul e sudeste do país.
- (b) está livre de terremotos, pois situa-se em zona de grande estabilidade tectônica.
- (c) a área aproveitável para a agricultura representa mais de 70% de seu território.
- (d) a proximidade com os Estados Unidos da América favoreceu sua expansão territorial.
- (e) a atividade industrial apresenta-se bem distribuída e desconcentrada, coerente com uma rede urbana equilibrada.

30 UFV O mapa a seguir apresenta parte da América do Norte.



A fronteira entre os Estados Unidos e o México é imensa – 3.140 km – e vai do litoral do oceano Pacífico, na Califórnia, até o Golfo do México, no oceano Atlântico. Ao longo da linha fronteira, localizam-se várias cidades, dos dois lados, como irmãs siamesas.

Assinale a alternativa que melhor expressa, do ponto de vista econômico, o fenômeno que vem ocorrendo naquela região, a partir do início dos anos 1980.

- (a) É uma fronteira de livre circulação, tanto de mercadorias quanto de força de trabalho.
- (b) É resultado da política do governo mexicano de desenvolvimento autônomo e de substituição de importações.
- (c) Há pouca relação comercial entre os dois países, pois os mexicanos, embora podendo comprar nas cidades do lado americano, não o fazem devido aos altos preços.
- (d) As indústrias americanas, ao se instalarem em território mexicano, a poucos metros da fronteira, estabelecem uma relação de complementaridade com a indústria mexicana.
- (e) É um tipo de industrialização de enclave, pois as empresas montadoras americanas se transferem para o território mexicano apenas para usufruir da mão de obra barata.

TEXTO COMPLEMENTAR

Entenda a crise com o mercado imobiliário nos EUA

Os mercados ao redor do mundo estão preocupados com o setor imobiliário nos Estados Unidos, que atravessou um boom nos últimos anos. O medo principal é sobre a oferta de crédito disponível, já que, há algumas semanas, foi detectada uma alta inadimplência do segmento que engloba pessoas com histórico de inadimplência e que, por consequência, podem oferecer menos garantia de pagamento – é o chamado crédito *subprime* (de segunda linha).

Justamente por causa do alto volume de dinheiro disponível ultimamente, o *subprime* foi um setor que ganhou força e cresceu muito. A atual crise, assim, é proporcional à sua expansão.

Como os empréstimos *subprime* embutem maior risco, eles têm juros maiores, o que os torna mais atraentes para gestores de fundos

e bancos em busca de retornos melhores. Esses gestores, assim, ao comprar tais títulos das instituições que fizeram o primeiro empréstimo, permitem que um novo montante de dinheiro seja novamente emprestado, antes mesmo do primeiro empréstimo ser pago.

Também interessado em lucrar, um segundo gestor pode comprar o título adquirido pelo primeiro, e assim por diante, gerando uma cadeia de venda de títulos.

Porém, se a ponta (o tomador) não consegue pagar sua dívida inicial, ele dá início a um ciclo de não recebimento por parte dos compradores dos títulos. O resultado: todo o mercado passa a ter medo de emprestar e comprar os *subprime*, o que termina por gerar uma crise de liquidez (retração de crédito).

A crise imobiliária nos EUA



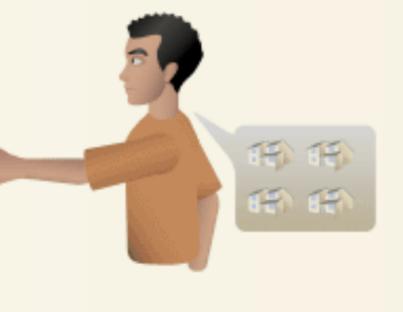
Liquidez global

Nos últimos anos, o mercado financeiro internacional tem passado por forte liquidez, com muitos recursos disponíveis



Onda de créditos

Com tanto dinheiro "fluindo", houve aumento na concessão de crédito e com menor rigor



Nos EUA

A expansão culminou em crise no mercado imobiliário americano, onde empresas de hipoteca têm tido problemas



Retração

Os problemas no crédito imobiliário dos EUA tiveram reflexo mundial, e os bancos passaram até a negar recursos

No mundo da globalização financeira, créditos gerados nos EUA podem ser convertidos em ativos que vão render juros para investidores na Europa e em outras partes do mundo, por isso o pessimismo influencia os mercados globais.

O estopim para a tensão mundial foi justamente uma notícia vinda da Europa, de que o banco francês BNP Paribas, um dos principais da região, havia congelado o saque de três de seus fundos de investimentos que tinham recursos aplicados em créditos gerados a partir de operações hipotecárias nos EUA. A instituição alegou dificuldades em contabilizar as reais perdas desses fundos.

O mercado já monitorava há meses os problemas com esses créditos imobiliários. Quando a inadimplência dessas operações superou as expectativas, empresa após empresa nos EUA relatou problemas de caixa.

Os investidores, então, começaram a ficar preocupados com o tamanho do prejuízo. Principalmente porque ninguém sabe, até hoje, quanto os bancos e fundos de investimento têm aplicados nesses créditos de alto risco. E o caso do Paribas sinalizou que esses problemas e medos haviam atravessado as fronteiras.

Esse desconhecimento geral começou a provocar o que se chama de crise de liquidez (retração do crédito) no sistema financeiro. Num mundo de incertezas, o dinheiro para de circular – quem possui recursos sobrando não empresta, quem precisa de dinheiro para cobrir falta de caixa não encontra quem forneça.

Para socorrer os mercados financeiros e garantir que eles tivessem dinheiro para emprestar, os principais bancos centrais do planeta – o BCE (Banco Central Europeu), o Federal Reserve (Fed, o BC americano) e o Banco do Japão, além de entidades da Austrália, Canadá e Rússia – intervieram e liberaram bilhões de dólares em recursos aos bancos. O medo é que com menos crédito disponível, caia o consumo e diminua o crescimento da economia.

Como a crise americana provoca aversão ao risco, os investidores em ações preferem sair das Bolsas, sujeitas a oscilações sempre, e aplicar em investimentos mais seguros. Além disso, os estrangeiros que aplicam em mercados emergentes, como o Brasil, vendem seus papéis para cobrir perdas lá fora. Com muita gente querendo vender – ou seja, oferta elevada –, os preços dos papéis caem.

Folha Online, 16 ago. 2007. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fofha/dinheiro/ult91u320606.shtml>.

Falta de petróleo espreita México e ameaça seu bem-estar

VENUSTIANO CARRANZA, México – Para a população mexicana, uma das grandes conquistas de sua história foi o dia em que o presidente expulsou as companhias de petróleo estrangeiras, em 1938. Por isso, o país comemora o dia 18 de março como feriado nacional.

Mas aquele ato há 72 anos colocou o México hoje em uma camisa de força, que ameaça tanto o bem-estar do país como o suprimento de petróleo dos EUA.

A companhia nacional de petróleo criada depois da nacionalização de 1938, Pemex, está entrando em um período de turbilhão. A produção em seus antigos campos diminuiu tão rapidamente que o México, por muito tempo um dos principais países exportadores de petróleo do mundo, poderá começar a importar o produto nesta década.

O México está entre os três principais fornecedores estrangeiros de petróleo para os EUA, ao lado de Canadá e Arábia Saudita. Os barris mexicanos podem ser substituídos, mas a alto custo. Significa uma maior dependência americana de países inamistosos como Venezuela, ou instáveis, como Nigéria e Iraque, e das areias betuminosas do Canadá, uma forma de produção de petróleo que destrói o meio ambiente.

“Quando se perde o petróleo mexicano, perde-se um suprimento crítico”, disse Jeremy M. Martin, diretor do programa de energia do Instituto das Américas na Universidade da Califórnia, em San Diego. “Não se trata só de segurança energética, mas de segurança nacional – o bem-estar econômico e político do México está ligado à sua capacidade de produzir e exportar petróleo.”

O país provavelmente ainda tem muito petróleo, especialmente sob as águas profundas do golfo do México, mas a Pemex não tem a tecnologia e o *know-how* para extraí-lo. Convidar empresas estrangeiras é uma proposta difícil na política mexicana.

Enquanto o governo luta para encontrar um caminho adiante, a produção continua caindo.

O problema básico é simplesmente que o petróleo mexicano de fácil acesso está esgotado – mais ou menos o que aconteceu com os EUA quando a produção começou a cair, na década de 1970. A produção do gigantesco campo de Cantarell, em águas rasas perto da costa leste do México, despencou 50% nos últimos

anos. A produção do outro grande campo do país deverá começar a cair dentro de um ou dois anos.

Historicamente, o petróleo forneceu de 30% a 40% da receita do Estado mexicano. Confrontado com uma potencial calamidade, o presidente Felipe Calderón apresentou as reformas mais profundas que ele pôde defender politicamente, na esperança de atrair investimento estrangeiro. Mas ele não ousa fazer algo que pareceria reverter a nacionalização de 1938. Até as reformas mais modestas que ele conseguiu aprovar estão sendo contestadas na Justiça.

No ano passado, no dia em que se comemorou a desapropriação de 1938, o helicóptero do presidente pousou em um campo de petróleo perto da cidade agrícola de Venustiano Carranza. Ele anunciou que uma nova era do petróleo mexicano começaria em breve.

“Sob esta terra”, disse Calderón para milhares de trabalhadores, estão “as riquezas que poderão promover o desenvolvimento de nosso país e ajudar a acelerar nosso trajeto para o progresso e o bem-estar”. Ele prometeu que “muito cedo” 20 poços estariam jorrando cru do chão em que pisava.

Quase um ano depois, só três poços estão bombeando. Onze foram fechados depois de produzir pouco ou nada. Na verdade, a iniciativa para desenvolver o campo de Chicontepec, um desafio geológico perto da costa do Golfo, está se transformando em um desastre embaraçoso para a Pemex.

Ao todo, a produção mexicana de petróleo caiu de quase 3,5 milhões de barris por dia em 2004 para uma média projetada de 2,5 milhões este ano. As exportações para os EUA, hoje em 1,1 milhão de barris/dia, caíram quase um terço nos últimos seis anos.

A Pemex – oficialmente Petróleos Mexicanos – é a mais importante companhia do país e emprega 140 mil pessoas. O dinheiro

do petróleo é usado para tudo, desde a construção de escolas ao combate contra os cartéis das drogas.

“O fato de a produção mexicana estar decaindo rapidamente poderia causar uma crise não apenas para a Pemex, mas para o governo”, disse Enrique Sira, diretor da consultoria energética IHS Cera.

Executivos internacionais do petróleo compartilham o entusiasmo pelo potencial dos campos em águas profundas do México, situados perto de novos e ricos campos americanos. O México tem “potencialmente, senão os maiores, um dos maiores recursos de petróleo em águas profundas não descobertos do mundo”, disse Jon Blickwede, geólogo da companhia de petróleo norueguesa Statoil.

A Pemex reforçou a exploração em águas profundas, mas será necessária perícia especializada e um enorme financiamento para obter petróleo lá. A operação de apenas uma plataforma em águas profundas pode custar US\$ 365 milhões por ano. Até companhias do tamanho da Chevron e da Shell procuram parceiros para dividir o risco financeiro.

Com a produção em águas profundas do Golfo ainda um sonho distante, a esperança de estabilizar a produção do México se concentrou no campo de Chicontepec, em terra. Mas a previsão de produção da Pemex, de até 700 mil barris por dia em 2017, evaporou conforme os poços secavam sucessivamente.

Chicontepec produz hoje apenas 35 mil barris por dia. O petróleo está contido em pequenos bolsos, e o terreno montanhoso dificulta o transporte. Os agricultores de milho locais estão impedindo a perfuração com bloqueios de estradas, exigindo melhorias, como parques e pavimentação.

“O petróleo está lá embaixo”, disse Sergio Gómez, coordenador de produção da Pemex. “O problema é tirá-lo do chão.”

Clifford Krauss; Elisabeth Malkin. *Folha de S.Paulo*, 15 mar. 2010.
Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/ny1503201002.htm>.

RESUMINDO

A formação cultural e econômica dos Estados Unidos foi fundamental para seu crescimento como potência. Seu território amplo e rico em recursos permitiu um crescimento econômico expressivo sem um envolvimento muito profundo na corrida imperialista do século XIX, e permitiu também a setorização através dos cinturões ou *belts*. No século XX, as guerras mundiais beneficiaram ainda mais o Capitalismo estadunidense, apesar do impacto causado pela crise de 1929. No período bipolar, a condição de superpotência garantiu a expansão das indústrias dos Estados Unidos para todo o mundo capitalista.

A partir do fim da Guerra Fria, o cenário se modificou e a economia norte-americana gradativamente encolheu em relação aos patamares anteriores, problema que foi agravado pela crise financeira de 2008.

Os Estados Unidos buscaram ampliar sua influência regional através do Nafta.

Quanto ao Canadá, o país tem uma estreita relação com as indústrias dos Estados Unidos, apesar de haver algum destaque para setores especificamente canadenses, como papel, celulose e alumínio.

Politicamente, o Canadá apresenta uma divisão entre sua parte francesa e sua parte inglesa, o que leva a um movimento nacionalista que defende a separação em dois países diferentes. A separação de fato ainda não ocorreu, mas é um tema sempre presente.

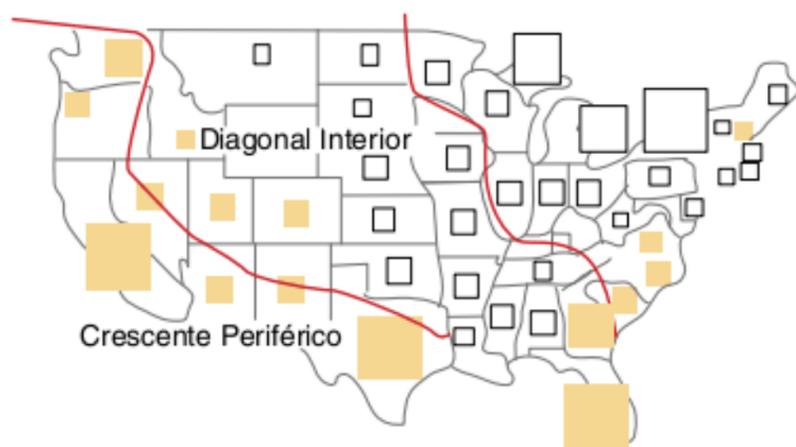
Em relação ao México, há uma profunda dependência em relação à economia estadunidense, como no caso das maquiladoras. O Nafta agravou ainda mais tal situação, permitindo a circulação de mercadorias, mas não a de pessoas. No entanto, a circulação de pessoas ocorre na forma da imigração ilegal para o território dos Estados Unidos.

Exercícios complementares

1 PUC-Rio Leia com atenção o texto.

Tradicionalmente, tem-se analisado a diversidade regional dos Estados Unidos a partir de quatro grandes conjuntos (Norte, Sul, Meio-Oeste e Oeste) definidos em uma perspectiva histórica, em que se valoriza o povoamento original e as paisagens herdadas. A esta abordagem tradicional acrescentamos outra regionalização que privilegia a abertura da potência americana para o exterior. Trabalhando com a ideia de interfaces, definimos as três que marcam a nova regionalização dos Estados Unidos: a do Atlântico, a do Caribe e a do Pacífico, às quais se contrapõe uma diagonal interior.

João Rua. In: *Estados Unidos, crise e recuperação da potência mundial*. Niterói, RJ: EDUFF, 1998. (Adapt.).



Com relação às regiões propostas pelo texto, podemos afirmar que:

Interface 1 – Esteve orientada para os mercados europeus até finais do século XVIII, quando, através dos Grandes Lagos, voltou-se para o interior; ainda hoje, o papel dirigente das grandes metrópoles dessa região permanece dominante; apresenta constante declínio relativo, e mesmo absoluto, em termos de setores como os do aço e das indústrias têxteis, além de declínio populacional.

Interface 2 – Na costa oeste, encontram-se as metrópoles californianas com desempenho excepcional como ponto de convergência dos fluxos de homens e de capitais entre Ásia, América Latina e América do Norte.

Interface 3 – Definida pelos espaços imensos e pouco povoados, é fortemente marcada pelo peso das atividades agrícolas e resente-se, não da ausência de cidades, mas da inexistência de uma rede urbana nitidamente hierarquizada; funciona como uma imensa área de ligação entre o Nordeste e o Crescente Periférico. Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s) relacionada(s) com a(s) interface(s):

- (a) 1.
- (b) 1 e 2.
- (c) 1 e 3.
- (d) 2 e 3.
- (e) 1, 2 e 3.

2 Ufes O texto a seguir refere-se ao trecho do discurso pronunciado pelo então Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, quando da abertura dos trabalhos da 50ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 set. 2002.

[...] a maioria das estruturas das Nações Unidas ainda são aquelas desenhadas há cinquenta anos. Naquele momento, o mundo entrava em uma nova fase de política de poder que já não mais se aplica. [...]. Novas realidades exigem soluções inovadoras. Expectativas crescidas requerem compromissos mais fortes. Nada é mais emblemático da necessidade de adaptar as Nações Unidas às realidades do mundo pós-Guerra Fria do que a reforma do Conselho de Segurança. [...].

J. C. Moreira; E. de Sene. *Geografia para o ensino médio: Geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002, p. 230.

Sobre a posição dos Estados Unidos no Conselho de Segurança da ONU, pode-se afirmar que esse país:

- I. defende a ampliação da sociedade civil e dos parlamentos nas decisões referentes ao cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- II. defende, caso seja aprovada a expansão do Conselho de Segurança, que a indicação dos novos membros seja feita pelos países do continente ou da região que representam.
- III. é favorável à entrada, como membros permanentes, do Brasil, de outros representantes dos países subdesenvolvidos e, ainda, do Japão.
- IV. tem adotado posições unilaterais, colocando em risco o prestígio e a própria existência das Nações Unidas.

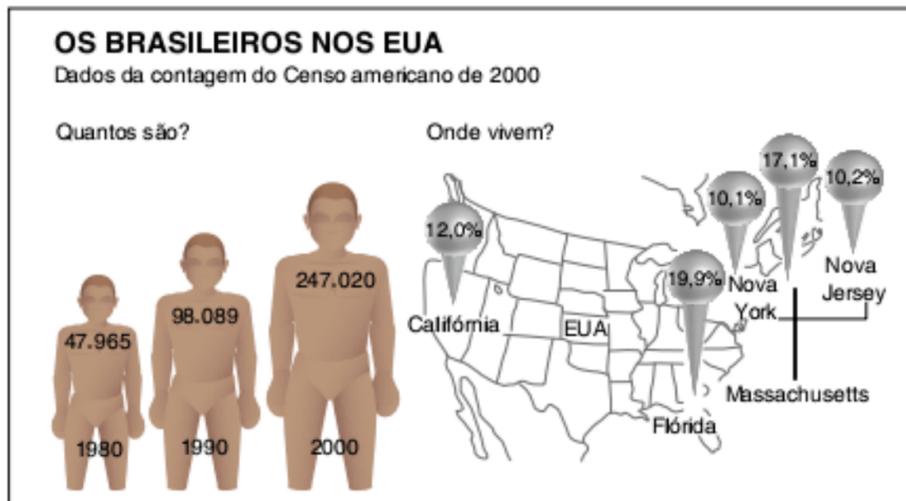
Dentre as afirmativas acima, estão corretas apenas:

- (a) I e II.
- (b) II e IV.
- (c) I e III.
- (d) I e IV.
- (e) II, III e IV.

3 UFF A respeito dos Estados Unidos e de seu papel na Nova Ordem Mundial, é correto afirmar que o país:

- (a) instituiu uma nova relação de dependência com os países periféricos através do fornecimento de matérias-primas.
- (b) consolidou sua liderança econômica através da criação de um bloco comercial com a Europa.
- (c) construiu um bloco com os países da Ásia Oriental para manter seu controle econômico sobre o Japão.
- (d) fortaleceu sua hegemonia político-militar em relação à Europa e ao Japão.
- (e) estabeleceu uma aliança militar com a Rússia para exercer sua hegemonia política nos Bálcãs.

4 UFSM O mapa a seguir mostra quantos são e onde vivem os brasileiros nos Estados Unidos.



Folha de S. Paulo, 23 set. 2004. Especial. p. A12.

Sobre esses brasileiros e sobre as regiões para onde se dirigem, assinale verdadeiro (V) ou falso (F) nas afirmativas a seguir.

- Os estados de Nova York, Massachusetts e Nova Jersey integram o nordeste dos Estados Unidos, que abrange os mais antigos polos industriais do país, vivendo aí a maior parte dos brasileiros.
- Os estados de Massachusetts e Nova York, além das indústrias tradicionais, também abrigam indústrias eletrônicas de alta tecnologia.
- Os brasileiros que vivem na Flórida constituem-se em um importante reforço quanto à mão de obra empregada no Nordeste e na região dos Grandes Lagos.
- No Oeste, encontram-se importantes concentrações de indústrias de alta tecnologia que formam, nas proximidades de São Francisco, na Califórnia, o Vale do Silício.

A sequência correta é:

- (a) V – F – F – V.
- (b) F – F – F – V.
- (c) V – V – F – V.
- (d) V – V – V – F.
- (e) F – F – V – V.

5 UEL 2000 Considere o texto apresentado a seguir.

O projeto de abrir os mercados europeus remonta ao pós-guerra, quando os EUA, por meio do Plano Marshall, iniciaram a reconstrução do Velho Continente. [...] Simultaneamente, eram erguidos os alicerces de um mercado global de capitais. Num futuro próximo, o sistema, acreditavam com razão os americanos, permitiria uma expansão internacional das empresas.

CartaCapital, 4 ago. 99, p. 24.

Além do aspecto econômico, a ajuda norte-americana aos países europeus também comportava uma preocupação geopolítica:

- (a) barrar o fluxo de imigrantes europeus, em especial dos países da Europa Oriental, para os EUA.
- (b) diminuir o envio de auxílio humanitário dirigido aos países da América Latina e Caribe para os países europeus.
- (c) impedir o avanço das áreas de influência da ex-União Soviética para além dos países do Leste Europeu.

- (d) possibilitar o acesso das empresas norte-americanas às matérias-primas minerais e aos mercados da Europa Ocidental.
- (e) garantir a soberania norte-americana sobre os novos territórios conquistados na região do Mediterrâneo, trocando-a por ajuda econômica.

6 UFRGS Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do texto a seguir.

Atualmente, cresce cada vez mais o número de grupos separatistas que lutam pela independência de certas regiões dentro de um país. Em virtude de diferentes processos de colonização protagonizados por _____, as tendências separatistas são atuantes no(a) _____, onde _____, de maioria francesa, reivindica uma posição especial.

- (a) ingleses e franceses – Canadá – Quebec
- (b) ingleses e franceses – Canadá – Ontário
- (c) espanhóis e bascos – Espanha – o País Basco
- (d) ingleses e espanhóis – Espanha – Gibraltar
- (e) norte-americanos e franceses – Canadá – Quebec

7 UEL Sobre a admissão do México no Nafta (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), é correto afirmar que esse país:

- (a) transformou a organização no maior bloco econômico do mundo, superando a União Europeia tanto em população como em PIB.
- (b) assumiu a liderança política e econômica do bloco latino-americano, suplantando as tradicionais lideranças do Brasil e da Argentina.
- (c) pelo fato de pertencer à organização, aumentou suas relações econômicas com os outros países latino-americanos.
- (d) promoveu amplas reformas socioeconômicas internas, reduzindo consideravelmente os níveis de pobreza entre a população.
- (e) atendeu aos interesses dos outros membros com seu petróleo e mão de obra abundante e barata.

8 Unirio A respeito do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio, é incorreto afirmar que:

- (a) estabelece tarifas de importação para produtos de outros países para proteger as empresas da região.
- (b) sua estruturação consolida um comércio que já era intenso, pois o Canadá e o México realizam mais de 60% de seu comércio exterior com os EUA.
- (c) sua criação foi o primeiro passo para a estratégia americana da iniciativa para as Américas, que prevê a formação de uma zona de livre comércio em todo o continente americano.
- (d) sua assinatura não preocupa as empresas de outras partes do mundo, pois o mercado consumidor que se forma com o Nafta e a produção de riquezas não merecem destaque.
- (e) o Canadá busca aumentar sua penetração no mercado consumidor dos EUA, pois, apesar de seu desenvolvimento, é muito grande sua dependência dos capitais e investimentos desse país.

10

FRENTE 2

América Latina



No capítulo anterior, quando estudamos a América do Norte, vimos que existem duas formas de dividir as Américas. Uma delas é baseada na conformação física do continente, originando três partes: a América do Norte, a Central e a do Sul. A outra divisão é baseada nas características históricas e culturais, resultando em duas Américas: a Latina e a Anglo-Saxônica.

No entanto, como já apontamos, por causa das relações estreitas do México com os Estados Unidos, atualmente faz muito sentido dividir as Américas em do Norte (Estados Unidos, Canadá e México), Central e do Sul, mesmo quando o objetivo seja tratar não apenas dos aspectos físicos, mas também dos sociais, políticos e econômicos.

O México, obviamente, continua fazendo parte da América Latina e será objeto de nosso estudo em alguns momentos do presente capítulo. Entretanto, como falamos desse país anteriormente, nossa atenção se voltará mais para as Américas Central e do Sul.

Américas Central e do Sul: características gerais



Fig. 1 Países que formam a América Central.

A América Central costuma ser dividida em duas partes: a América Central Ístmica e a Insular. A primeira é a parte continental, que forma um istmo, ou seja, uma faixa relativamente estreita de terra que une duas porções continentais maiores. Compõem esta faixa continental o Panamá, a Costa Rica, a Nicarágua, Honduras, El Salvador, a Guatemala e Belize. A parte insular, por sua vez, é formada

por um conjunto de ilhas localizadas no Mar do Caribe, ou Mar das Antilhas. Os principais países que aí se localizam são Cuba, Haiti, Jamaica, República Dominicana e Bahamas. Existem ali, também, pequenos países insulares, como Granada, Santa Lúcia e Barbados, assim como várias colônias europeias. Entre elas, podemos citar, por exemplo, a Martinica (França) e as Ilhas Cayman (Reino Unido).



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR, RIO DE JANEIRO: IBGE, 2002.

América Central – físico



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR, RIO DE JANEIRO: IBGE, 2002.

Entre países independentes e colônias existe um caso especial: o de Porto Rico. Apesar de se definir como país independente, Porto Rico tem um *status* de Estado associado aos Estados Unidos, o que dá a seus cidadãos um livre trânsito para a América do Norte, mas, ao mesmo tempo, uma condição incompleta de cidadania estadunidense. Em 1998, um plebiscito recusou tanto a independência como a transformação do país no 51º estado dos Estados Unidos.

Tanto a parte insular como a ístmica da América Central são formações resultantes do encontro das placas tectônicas do Caribe e sul-americana. Por isso, as ilhas da parte insular são vulcânicas e o relevo da parte ístmica é acidentado. Além disso, são comuns os abalos sísmicos e o vulcanismo.

Por causa de sua latitude relativamente baixa e a localização em mares quentes, a América Central é dominada por climas tropicais úmidos, os quais favoreceram o desenvolvimento de densas florestas pluviais. Essas matas foram bastante devastadas, principalmente para dar lugar a plantações de produtos tropicais de exportação. Ao longo do século XX, muitas empresas norte-americanas instalaram-se nessa região. A economia desses países ficou de tal modo atrelada à exportação de produtos tropicais que o termo *república das bananas* passou a ser usado, de forma pejorativa, para identificar países pequenos e dependentes econômica e politicamente dos Estados Unidos. A influência norte-americana é visível também na questão do Panamá. O país, antigamente parte da Colômbia, tornou-se independente sob pressão dos EUA, interessados na construção de um canal através do país que permitisse ligar o Mar do Caribe ao Oceano Pacífico. Inaugurado em 1913, o Canal do Panamá é uma passagem estratégica para o comércio mundial e para a mobilidade da Marinha de guerra dos Estados Unidos.

SAIBA MAIS

O Canal do Panamá tem, aproximadamente, 80 quilômetros de extensão e corta o país, possibilitando ligar o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico. O canal é composto de três sistemas de comportas e um sistema de eclusas, construídos de forma que permitam o trânsito de navios nas duas direções. Para transpor o desnível entre os oceanos, foram construídos três sistemas de comportas, já que o lado do Pacífico é 24 centímetros mais alto que o lado do Atlântico e apresenta maior variação nas marés. Na prática, o canal foi criado aproveitando a existência de um grande lago artificial navegável no país chamado Lago Gatún, que fica 26 metros acima do nível do mar. Após passar pelo lago, o canal segue pela falha de Gaillard e se liga ao Pacífico. O lucro obtido na cobrança sobre o fluxo de cargas pelo canal responde por 25% das riquezas do Panamá.

A América do Sul costuma ser dividida em três partes (sem considerar o Brasil): América Andina, América Platina e Guianas. No último grupo, além da Guiana (ex-colônia britânica) e da Guiana Francesa (ainda ligada à França como um estado ultramarino), está também o Suriname (ex-colônia holandesa). Incluem-se, na parte andina da América, a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Peru, a Bolívia e o Chile. Esses países são marcados pela presença da Cordilheira dos Andes. Na parte platina, estão o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, países nos quais se fazem presentes os rios da Bacia Platina, ou do Prata.

A América do Sul está inteiramente localizada sobre a placa tectônica que faz referência a esse continente, ou seja,

a placa sul-americana. Na porção leste, o continente se localiza na região central da placa (a qual se estende até o meio do Oceano Atlântico), o que lhe dá grande estabilidade sísmica, ou seja, nessa região, não ocorrem terremotos ou erupções vulcânicas intensas. Ao contrário, a porção oeste se localiza na borda da placa, onde se encontra com outra placa, a de Nazca. Nesse caso, a atividade sísmica é intensa, com tremores de terra e vulcões ativos, além da formação da Cordilheira dos Andes, com relevo acidentado e bastante elevado.

Por apresentar grande extensão norte-sul e variadas altitudes, a América do Sul é palco de diferentes tipos climáticos e diversas formações vegetais. A Cordilheira dos Andes marca profundamente a caracterização ambiental do continente. Em toda a sua extensão, encontra-se clima de montanha, com baixas temperaturas, que se tornam ainda menores quando nos dirigimos ao sul. A vegetação dessas áreas é composta de campos de altitude. Na costa oeste, a presença da corrente marítima fria de Humboldt torna o clima extremamente seco, dando origem a áreas desérticas, como o Deserto de Atacama, no Norte do Chile. Essa mesma corrente faz com que a região seja bastante fértil para a atividade pesqueira, com destaque para o salmão chileno.

No centro do continente, entre o Norte da Argentina e o Leste da Bolívia, passando por grande parte do território paraguaio, estende-se uma grande área semiárida, denominada por grande **Chaco**. Ao sul desta, encontra-se a Patagônia, com zonas frias áridas e semiáridas, cobertas por vegetação rasteira.

Destaca-se, ainda, a presença de uma pequena área de clima mediterrâneo no Chile, caracterizada pela alternância entre invernos úmidos e verões secos. Tais condições são excelentes para a produção de vinho, atividade na qual os chilenos vêm tendo grande destaque.

Para finalizar esta caracterização física da América do Sul, vale destacar as suas quatro principais bacias hidrográficas. São elas, em ordem decrescente de tamanho: a Bacia do Amazonas, a do Prata, a do Orinoco e a do São Francisco. Esta última se localiza totalmente em território brasileiro. A Bacia do Amazonas tem nascentes nos países andinos e nas Guianas, mas a maior parte de sua extensão encontra-se em território nacional. O Orinoco é um rio que nasce na Venezuela e deságua no território desse mesmo país, mas muitos de seus afluentes vêm da Colômbia. Quanto à Bacia do Prata, ela é resultado da união de três bacias menores: a do Paraguai, a do Uruguai e a do Paraná, três rios que nascem em território brasileiro, mas que seguem para os países vizinhos. Lá, unem-se para formar o Rio da Prata, que tem seu grande estuário entre os territórios uruguaio e argentino.

América Latina: região subdesenvolvida

Antigas teorias afirmavam que o subdesenvolvimento latino-americano era causado pelas características naturais (clima quente) ou culturais e religiosas da região. Os principais aspectos dessas teorias diziam que o Catolicismo não estimulava o enriquecimento e que a grande quantidade de descendentes dos cruzamentos entre brancos, negros e índios geravam “os povos mestiços menos produtivos”. Em ambos os casos, a justificativa é preconceituosa e sem nenhum embasamento. Entretanto, os primeiros estudos que procuraram demonstrar de forma mais científica as origens dos problemas sociais da América Latina vieram da Cepal – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe –, que, criada em 1948 pela ONU, tem como objetivo promover a cooperação entre seus estados-membros (em sua maioria países latino-americanos) para a busca do desenvolvimento econômico e social.



FONTE: MARCELO MARTINELLI, ATLAS GEOGRÁFICO, SÃO PAULO: EDITORA DO BRASIL, 2003.



FONTE: MARCELO MARTINELLI, ATLAS GEOGRÁFICO, SÃO PAULO: EDITORA DO BRASIL, 2003.

Entre as décadas de 1950 e 1970, estudiosos latino-americanos, com destaque para Raul Prebisch (Argentina) e Celso Furtado (Brasil) atuantes na Cepal, produziram teorias que colocavam como problema central das economias da região a sua relação desigual com os países centrais, ou seja, o maior problema da América Latina seria a sua posição dentro da Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que dava a eles uma condição desfavorável em termos de trocas comerciais. Tal problema tem suas origens na história da colonização europeia sobre a região, o que levou a uma estrutura econômica que se modernizou tardiamente, ou que, em alguns casos, simplesmente ainda não se modernizou.

Na relação entre os países centrais e os periféricos, os primeiros vendem aos segundos produtos tecnologicamente mais avançados, produzidos com mão de obra mais bem remunerada. Nessa troca, há uma tendência de acúmulo de capitais nos países centrais e de um empobrecimento nos periféricos.

A solução para o problema latino-americano seria, na época, conseguir se industrializar para romper com esse esquema de trocas desiguais. No entanto, como vemos atualmente, mesmo com a industrialização, muitos países da região permanecem em uma condição de subdesenvolvimento. O problema é que a mudança teria de ser mais profunda do que a simples industrialização. Desenvolver-se e sair da posição desfavorável nas trocas comerciais equivaleria, para os países latino-americanos, romper com todo o esquema econômico internacional no qual se formaram historicamente. Vejamos alguns momentos importantes dessa história.

A América Latina foi criada pelos europeus com o objetivo de ser fornecedora de riqueza para o mundo desenvolvido, ou seja, tivemos o que se convencionou chamar de colonização de exploração. Durante o período colonial, a transferência de riqueza se dava por meio da exploração dos metais preciosos, da agricultura ou do tráfico negreiro. O ouro, a prata e os diamantes constituíram atividades econômicas importantes nos Andes e no Brasil. A riqueza era transferida diretamente para a metrópole por meio de impostos, cujo pagamento era garantido pelo exército espanhol ou português. O tráfico de escravos também funcionava como uma forma de direcionar o dinheiro para a Europa, uma vez que sua realização era um monopólio dos comerciantes europeus que capturavam os nativos da África e traziam para a América, onde eram vendidos com altos lucros aos produtores de cana-de-açúcar, fumo etc.

Após a independência, os países latino-americanos garantiram a liberdade para comercializar com o restante do mundo, estando livres do pacto colonial que os submetia às metrópoles. No entanto, já se formara em cada um deles uma elite agrária para a qual a exportação de produtos primários era uma necessidade para garantir sua riqueza e seus esquemas de domínio sobre a terra e a mão de obra. Esse domínio se dava ou por meio da escravidão, que perdurou no Brasil até 1888, ou pelo domínio econômico, político e militar da sociedade mesmo após a abolição, como ocorreu com o caudilhismo da América espanhola, semelhante ao coronelismo brasileiro. Dessa forma, as independências latino-americanas foram pautadas pelas necessidades das elites agroexportadoras, não alterando de forma significativa a relação de troca desigual com os países centrais,

mesmo nos países onde houve alguma alteração social com a libertação dos escravos. Em um terceiro momento, a economia agroexportadora entrou em crise em virtude das guerras mundiais e da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929. Alguns países latino-americanos, principalmente o Brasil, o México e a Argentina, tinham condições para se industrializar, mas o fizeram seguindo esquemas populistas, que mais valorizaram a aparência do desenvolvimento econômico rápido do que aquele com bases sólidas.

Adotando o que costumamos chamar de política desenvolvimentista, os governos desses países contraíram grandes dívidas para criar as infraestruturas necessárias à industrialização e, dessa forma, atrair as empresas multinacionais interessadas em investir em países com baixos custos de produção. O resultado desse processo foi uma industrialização com dependência tecnológica e grande endividamento externo, o qual gerou a chamada crise da dívida, simbolizada pela declaração da moratória mexicana, em 1982. Entre o fim da década de 1980 e início da de 1990, a crise tomou conta da América Latina. Os governos estavam endividados e suas empresas sucateadas. A democracia não havia se consolidado, como sonhavam os progressistas no fim da Segunda Guerra Mundial. A corrupção se tornara corriqueira. A violência e a pobreza se aprofundavam cada vez mais.

A opção para sair da crise foi a adoção do receituário neoliberal do FMI. Com poucas diferenças, cada um dos países foi realizando a abertura de mercado, o programa de privatizações, a luta contra a inflação e os ajustes fiscais. No geral, as reformas, como ficaram conhecidas, vêm tomando os seguintes sentidos: criar a possibilidade de cada país pagar sua dívida externa e torná-los bons campos de investimento para o capital internacional. No caso do Chile, a ditadura Pinochet (1973-1990) conseguiu modernizar e desenvolver economicamente o país, apesar das práticas violentas características de ditaduras militares. Os governos que se seguiram adotaram uma linha de inspiração socialista, mas sem rompimento econômico ou estatização e mantendo os contratos vigentes com o sistema financeiro global. Essa linha também foi seguida recentemente pelo Brasil e Uruguai, por exemplo. México e Colômbia permanecem bastante ligados politicamente aos Estados Unidos. Argentina, Bolívia e Venezuela são exemplos de países que adotaram uma política nacionalista mais intensa, desestatizando indústrias estrangeiras ou boicotando pagamentos da dívida externa ante organismos como o FMI. As crises do Haiti, em 2004, e de Honduras, em 2009, demonstraram também que a instabilidade política é um fato em pleno século XXI.

A partir da década de 1990, os governos da região também implementaram projetos no sentido da construção de blocos econômicos e políticos. O exemplo que mais interessa ao Brasil é o Mercosul, formado inicialmente por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai e consolidado em uma série de acordos a partir de 1991. Suas características e limitações exemplificam a dificuldade de tentar integrar economicamente países tão diferentes e desnivelados. São frequentes as discussões internas no bloco e as tentativas de restrição ou de protecionismo por parte dos países mais fracos ou mais afetados em épocas de crise. A indústria brasileira é a mais forte do bloco e, frequentemente, prejudica suas parceiras nas trocas comerciais.

Por outro lado, o mercado brasileiro em expansão é muito atraente para as exportações dos outros membros. Há ainda a questão do turismo. Ao longo da década de 2000, a gradual valorização do real perante as moedas dos vizinhos fez com que muitos brasileiros visitassem cidades como Montevideú, Punta Del Este ou Buenos Aires, incentivando o ganho dos setores hoteleiro e turístico.

É preciso considerar, ainda, que há grandes diferenças econômicas entre os países deste continente, para as quais temos de atentar. O esquema de industrialização periférica descrito se deu no Brasil, na Argentina, no México e, em parte, no Chile e na Venezuela, mas a maioria dos países latino-americanos simplesmente não se industrializou, como veremos a seguir.

A América não industrializada

Os países da América Latina que não tiveram a possibilidade de se industrializar durante o século XX – dada a falta de condições econômicas, sociais e políticas internas – permaneceram como economias agroexportadoras, mas seria melhor chamá-las de primário-exportadoras. Produzindo mercadorias agrícolas e/ou minerais, tais países importam grande parte dos produtos industrializados de que necessitam, o que os coloca em situação desfavorável para garantir uma balança comercial positiva e uma boa condição de vida à população. Vejamos algumas características econômicas de tais países.

A agricultura de *plantation*



Fig. 2 Modelo de agricultura de *plantation* utilizado até hoje.

Grande parte das terras latino-americanas é ocupada pela *plantation*. Esse tipo de agricultura surgiu no processo de colonização da América pelos portugueses e espanhóis. A *plantation* se caracteriza pela utilização de mão de obra barata em grandes propriedades, sendo cultivado um único produto para exportação. Os principais produtos de exportação são as frutas tropicais – como a banana, a laranja, o abacaxi, o melão e o mamão –, o café, a cana-de-açúcar, o fumo, a soja e o milho. Esse tipo de economia existe não apenas nos países periféricos, como os da América Central, a Bolívia, a Colômbia e o Paraguai, mas também nos semiperiféricos, ou seja, nos subdesenvolvidos e industrializados, como o Brasil, a Argentina e o Chile. No entanto, no caso destes últimos, a exportação de bens primários, mesmo sendo grande, não é dominante no quadro econômico geral.

O turismo

Em virtude de seus atributos naturais e, em alguns casos, históricos, a América Latina tem vários núcleos turísticos. Na América Central, Costa Rica e nas ilhas do Atlântico e do Pacífico se destacam como centros de turismo. Lugares próprios para receber o turista, geralmente estrangeiro, como grandes hotéis, cassinos e balneários, estão em constante implantação. Nesses países, a atividade turística intensa, comparada a populações relativamente pequenas, vem elevando o nível de desenvolvimento econômico e social. O turismo é uma atividade que distribui renda de forma direta: a camiseta comprada na rua, o *souvenir*, a conta do restaurante, o táxi, o café no aeroporto e o guia turístico pago em dinheiro são apenas alguns exemplos.

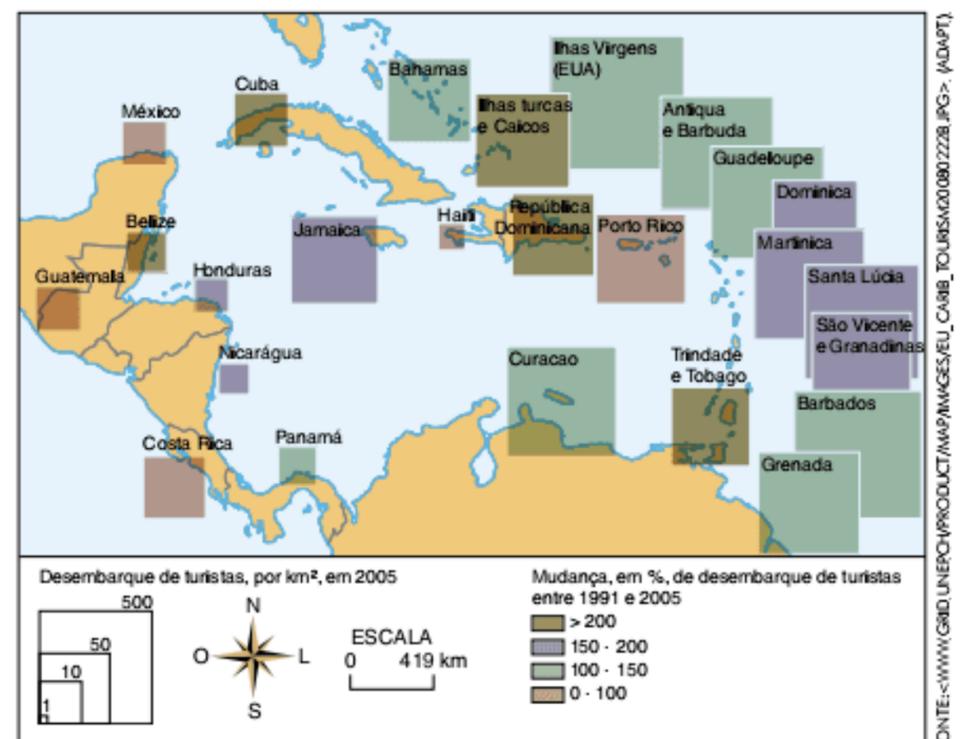


Fig. 3 Turismo na região do Caribe.

Cuba é um destaque mais recente na área turística. Após o colapso da União Soviética, o país perdeu os subsídios que tinha nos anos da Guerra Fria e vem apostando no turismo para melhorar as condições de vida de sua população. Apesar de economicamente decadente, Cuba não pode ser considerado um país periférico, por causa da boa qualidade de vida alcançada no auge do regime socialista. A saúde e a educação cubanas, apesar de tudo, continuam em melhores condições do que a maioria dos países da América Latina.



Fig. 4 Vista panorâmica de Havana, em Cuba.



Fig. 5 Centro de Havana, capital de Cuba.

Os países andinos (que se estendem ao longo da Cordilheira dos Andes) têm também grandes atrativos para o turismo. Destaca-se nessa região a cidade histórica de Machu Picchu, no Peru. Escondida no meio da cordilheira, essa antiga cidade serviu de refúgio para parte do povo inca na época da invasão espanhola. O Chile também se destaca como um país com grande atividade turística, tendo como principal atração a própria cordilheira e os lagos que se formam entre as altas montanhas.

Os paraísos fiscais

Outra atividade econômica que merece destaque na América Latina, e principalmente na América Central, é a das finanças. A legislação pouco exigente de alguns países independentes, como o Panamá e as Bahamas, ou colônias europeias, como as Ilhas Cayman, permite a muitos bancos desempenharem a atividade ilegal de “lavagem de dinheiro” proveniente do tráfico de drogas, da sonegação de impostos e da corrupção em muitos outros países do mundo. Essa atividade corrupta acaba proporcionando para parte da população desses pequenos países melhores condições materiais do que as de seus vizinhos.



A questão indígena-popular

A partir dos anos 1990 e em especial dos anos 2000, ocorreram algumas mudanças no cenário político no que se refere à questão do chamado *nacionalismo indígena*. Tal fenômeno é facilmente identificado em países em que uma grande parcela da população é indígena.

Com o colapso do Socialismo e também a partir de críticas à agenda neoliberal, a região viu surgir líderes de origem popular ou com amplo apoio de grupos indígenas, como Evo Morales, da Bolívia, ou Hugo Chávez, da Venezuela. Chávez se inspira na figura de Simón Bolívar, herói da independência contra a Espanha, para criar o *Bolivarianismo*, ou seja, a união dos países da região contra a influência externa. Tais líderes buscaram uma agenda política nacionalista.



Fig. 6 Hugo Chávez (Venezuela) e Evo Morales (Bolívia) governam com grande apoio da população indígena de seus países.

Suas principais características são a revisão dos contratos das empresas multinacionais que exploram as riquezas naturais nesses países, levando eventualmente à nacionalização dessas mesmas empresas. Esses movimentos políticos se apoiam no discurso político que declara que o uso da terra (e de suas riquezas) deve ser feito em prol da população nativa, o índio, encerrando aquilo que os zapatistas mexicanos chamaram de “a larga noite dos quinhentos anos” (de exploração). Outra prática comum é a alteração da Constituição, vista por esses setores como uma lei arcaica criada para beneficiar a elite de origem europeia. É muito simbólico que, atualmente, diversos grupos indígenas tenham voltado a usar a antiga bandeira inca multicolorida para representar seu país.

Ao contrário do que parece, esses novos líderes também enfrentam dificuldades apesar de sua popularidade inicial. As reformas propostas nem sempre agradam a todos, em especial a outros líderes populares mais radicais. Em 2010, o presidente equatoriano Rafael Correa perdeu o apoio das organizações indígenas que ajudaram a elegê-lo, porque suas reformas foram vistas como lentas demais ou mesmo ineficientes. O presidente Evo Morales, de origem aimará, começou a enfrentar a partir de 2009 resistência por parte de outros grupos indígenas receosos do crescimento de seu poder. Esse não é um cenário permanente, já que novas eleições podem promover uma alternância no poder a qualquer momento.



Em termos geopolíticos, esses movimentos indígenas representam uma ameaça real aos grupos multinacionais. Nos países em que a parcela indígena da população é significativa, os governos têm apoio (e votos) para promover políticas de revisão do uso da terra, nacionalização ou **expropriação**, o que afetaria diretamente a exploração estrangeira sobre os territórios latino-americanos.

Mesmo nos países em que os descendentes de indígenas não chegaram ao poder, a questão existe e se expressa de maneira intensa. Vejamos o caso do México.

O zapatismo mexicano

A história da colonização do México pelos espanhóis é a história da formação dos grandes latifúndios a partir da expropriação das terras dos indígenas, que ali habitavam antes da chegada dos colonizadores. O primeiro passo nesse processo foi a criação das **haciendas**, grandes propriedades pertencentes aos europeus, voltadas para a produção de bens agrícolas para a metrópole.

Após a Revolução Mexicana de 1910 e a posterior luta armada de Emiliano Zapata e Pancho Villa, um processo de reforma agrária criou os **ejidos**, terras públicas (pertencentes ao Estado) para uso dos camponeses de forma comunal, como reza a tradição indígena. Os **ejidos** foram oficializados na Constituição de 1917, porém, inicialmente, sua implantação foi bastante demorada. Na década de 1930, o governo de Lázaro Cárdenas intensificou o processo. No entanto, os **ejidos** ocupavam as áreas menos férteis do território mexicano. Além disso, os camponeses, que neles produziam, acabaram sendo incorporados ao processo de modernização mexicano como produtores de alimentação básica barata para a população que estava se dirigindo para a cidade, onde trabalharia nas indústrias como mão de obra barata.

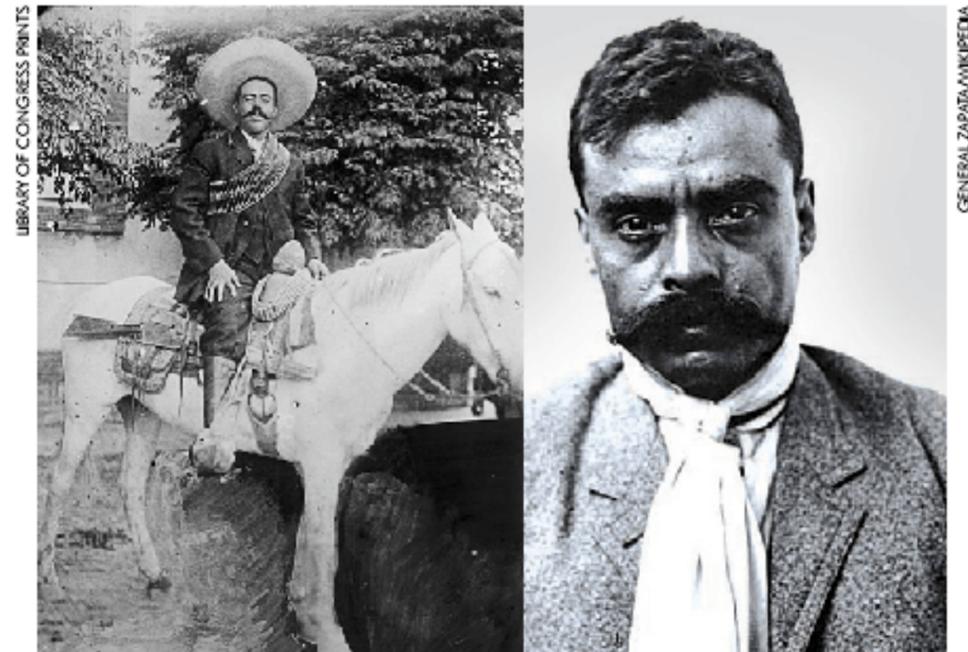


Fig. 7 Pancho Villa e Emiliano Zapata, líderes da Revolução Mexicana de 1910.

Os estados do Sul do México, como os Chiapas e Oaxaca, concentram a maioria da população indígena do país, apesar de haver grupos espalhados por todo o território. Grande parte da população de Chiapas descende de sete etnias que compunham a família dos maias. Além de ser predominantemente rural, a população dessa região é também a mais pobre do país. Apesar disso, ou justamente por causa dessa situação, a prática dos grupos armados pagos por grandes fazendeiros para expulsar a população indígena de suas terras é comum em Chiapas.



A entrada do México no Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (em inglês, Nafta) foi extremamente prejudicial à população local. A concorrência com o milho dos Estados Unidos, de melhor qualidade e produzido de forma industrial, restringiu muito o mercado do milho de Chiapas. Ademais, o acordo do Nafta previa a possibilidade da venda dos **ejidos** por parte do Estado Mexicano, o que privaria o camponês indígena até da subsistência. Revoltada com a situação, a população da região criou o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que

Expropriação

Ato de retirar de alguém a propriedade ou posse por conveniência ou necessidade pública.

contava também com a presença de pessoas oriundas do meio universitário e que faziam críticas ao governo. Em janeiro de 1994, o grupo declarou três povoados da região como “Zona Liberada”, exigindo maior autonomia para a administração das terras e da economia agrária local. Rapidamente, o poder do EZLN se expandiu por quase toda a região de Chiapas, ameaçando o controle das grandes jazidas de petróleo e gás natural presentes em seu entorno. Iniciou-se, no mesmo ano, um conflito armado entre o EZLN e o exército nacional; após a morte de centenas de combatentes de ambos os lados, tentou-se estabelecer um diálogo, mas as exigências indígenas não foram aceitas pelo governo central. Os conflitos continuaram ao longo da década de 1990 e o EZLN tornou-se um dos maiores símbolos mundiais da luta dos excluídos, ganhando apoio de um número significativo de intelectuais e de movimentos de esquerda de todo o mundo.

Conflitos na América Latina

O nacionalismo na América é um fato bastante recente. A colonização efetivada pelos europeus devastou as sociedades que existiam aqui anteriormente. Porém, ao contrário do que ocorreu no Brasil, a Espanha usou a mão de obra indígena em larga escala em vez de buscar escravos entre a população africana. Como resultado, os países da América espanhola até hoje têm uma presença indígena significativa em suas populações urbanas e rurais, sem distinção. Devemos também aprofundar um pouco a análise das etnias envolvidas. É comum estudarmos apenas as civilizações inca, maia e asteca, e isso é um erro. A América foi berço de inúmeras civilizações diferentes em momentos diferentes. Algumas foram dominadas por outros povos, outras entraram em declínio e deixaram apenas alguns traços de suas culturas nas culturas que vieram depois, mas o fato é que há uma enorme diversidade étnica na região.

A partir do século XIX, as lutas nacionalistas que deram impulso às independências dos povos americanos tinham como fundamento a vontade das elites locais em se separar de suas metrópoles europeias. O nacionalismo estava em voga na Europa (Revoluções de 1830 e 1848, por exemplo), influenciando fortemente esses movimentos. Os países que se formaram a partir desses processos de independência tornaram-se nações forjadas para que se garantisse a continuidade do esquema político e econômico que dava tanto poder aos grandes proprietários de terra e, posteriormente, aos grandes industriais nacionais e estrangeiros. Assim sendo, o que houve foi a criação de nacionalidades que na prática não existiam. O que existia era, no máximo, uma lógica econômica que unia certas regiões ou separava outras. O nacionalismo do século XIX, portanto, foi um projeto de elite sem raízes culturais ou étnicas.

Cuba

A ilha de Cuba se tornou independente da Espanha por meio de uma intervenção estadunidense em 1898 (Guerra Hispano-Americana), mas o que houve de fato foi a troca de uma velha metrópole colonial por uma nova metrópole imperialista. Rapidamente, a economia estadunidense invadiu Cuba por meio de indústrias ligadas à produção agrícola. A hegemonia dos Estados Unidos terminou somente com a revolução de 1959, liderada por Fidel Castro. A proposta inicial era a adoção

de uma linha nacionalista que tomasse Cuba menos dependente dos Estados Unidos. A nacionalização de empresas estadunidenses provocou a reação de Washington por meio de um embargo e uma tentativa de invasão (Baía dos Porcos, 1961). Pressionado, o regime cubano buscou a ajuda da URSS. Até 1991, a União Soviética deu sustento ao regime castrista. A década de 1990 trouxe uma grande crise para Cuba, que passou a depender de ajuda venezuelana a partir de 1998 (eleição de Hugo Chávez). Essa dependência marcou a primeira década dos anos 2000. Com sua saúde fragilizada, Fidel Castro passou o poder a seu irmão, Raul, entre 2006 e 2008.

A eleição do presidente Obama também modificou um pouco a questão de Cuba, que foi convidada a retomar à OEA (Organização dos Estados Americanos, que expulsara Cuba em 1962). Além disso, o novo presidente norte-americano flexibilizou algumas regras na relação com Cuba, permitindo remessas financeiras e visitas de cidadãos estadunidenses à ilha. Apesar da abertura para o turismo, as recentes



Fig. 8 Raul Castro, irmão de Fidel e atual governante de Cuba.

crises econômicas afetaram a economia cubana. Em 2010, o governo iniciou um processo de reformas com o intuito de desenvolver parcerias com o incipiente setor privado cubano, cujo surgimento o governo também busca estimular. Embora seja cedo para avaliar os impactos das novas medidas econômicas, o que o governo cubano parece buscar é um modelo semelhante ao chinês, em que o Estado mantém o gerenciamento da economia, mas permite a presença de capital privado para dinamizar o mercado e buscar ritmos de crescimento maiores.

SAIBA MAIS

A invasão da Baía dos Porcos foi uma forma que o governo dos Estados Unidos encontrou para tentar derrubar o regime castrista sem um ataque direto. Apoiados e treinados pela CIA em Honduras, exilados cubanos desembarcaram em Cuba em abril de 1961, poucos meses após a eleição de John Kennedy. A operação foi um fracasso, pois o governo cubano sabia da operação, o que possibilitou reprimir o ataque ainda na praia, no momento do desembarque. O resultado foi a derrota dos invasores e a radicalização da relação Cuba-Estados Unidos.

Os conflitos ligados ao narcotráfico

Na América Latina são grandes a produção e o tráfico de drogas, com destaque para a maconha e, em especial, a cocaína. A maior parte da produção se destina à exportação para a Europa e os Estados Unidos, o maior mercado do mundo. Colômbia, México, Peru e Bolívia destacam-se como países produtores, enquanto Brasil, México (novamente) e diversos países do Caribe são rotas de contrabando.

Colômbia

A Colômbia é considerada o país mais violento da América Latina. São cerca de 25 mil mortos por ano, para uma população que não chega aos 40 milhões. Tantas mortes têm três principais causas: o narcotráfico, a guerrilha e um exército federal violento. Este em parte luta e em parte se alia aos dois primeiros. Dentre estas causas da violência colombiana, a que mais nos interessa estudar neste momento é a guerrilha.

Entre vários outros movimentos guerrilheiros que surgiram na Colômbia durante o século XX, o que mais se destaca é o das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). As Farc compõem um grupo revolucionário fundado em 1964, declaradamente de orientação marxista-leninista, que tem como objetivo tomar o poder no país e realizar reformas de cunho socialista. Em 1984, após um acordo de cessar-fogo entre os grupos guerrilheiros da época – principalmente as Farc e o M-19 (Movimento 19 de abril) – e o Governo Federal e as Forças Armadas, estes últimos empreenderam um forte ataque aos integrantes dos grupos guerrilheiros, o que provocou a morte de mais de 4 mil deles. Esta ação do governo trouxe de volta os combates.

Durante a década de 1990, as Farc conseguiram avançar bastante, chegando a dominar uma área de 42 mil km² no sul do país, em especial durante o governo de Andrés Pastrana. Nesta área, que após a desmilitarização passou a ser totalmente controlada pelas Farc, eram os guerrilheiros que administravam os impostos (cobrados inclusive dos narcotraficantes), por meio dos quais conseguiram dar mais infraestrutura à população local. Mas grande parte do dinheiro serve mesmo para alimentar e armar os integrantes da guerrilha, o que leva o governo a argumentar que a guerrilha perdeu seus ideais e tornou-se apenas um bando de criminosos. Impondo leis rígidas de disciplina em seus domínios, os novos administradores daquela área conseguiram baixar a violência, dando mais tranquilidade à população e, dessa forma, obtiveram apoio de uma parte significativa dela.



FONTE: LE MONDE.

No ano 2000, o governo dos Estados Unidos iniciou o chamado Plano Colômbia. Oficialmente, a estratégia era atacar a produção de drogas na sua origem, evitando o tráfico e a chegada ao território norte-americano. Os críticos desta operação acusam-na de ser uma forma disfarçada de ação imperialista, uma justificativa para manter uma presença militar na região. Em 2002, os colombianos elegeram Álvaro Uribe como presidente. Reeleito, ele governou até 2010 e passou seu posto ao sucessor Juan Manuel Santos. Ambos se elegeram com base na promessa de lutar contra a guerrilha até que esta fosse destruída.

Inicialmente, a guerrilha foi expulsa das cidades. Em uma segunda fase, suas bases no interior e em outros países (caso da fronteira com o Equador) foram também atacadas. A partir de 2008, muitos líderes importantes foram mortos por ações do governo ou por razões de saúde, como no caso de Manuel Marulanda, o fundador do grupo, morto de um ataque cardíaco em 2009. Além das derrotas militares, as deserções também têm enfraquecido a guerrilha, o que parece apontar na direção de um declínio de seu poder nos próximos anos.

SAIBA MAIS

Isoladas, Farc viram “párias da região”

Sempre que as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) sofrem um duro golpe, os colombianos se perguntam o mesmo: é o começo do fim da guerrilha? A questão voltou a ecoar nesta semana, após o presidente venezuelano Hugo Chávez – que já defendeu o reconhecimento das Farc como um “grupo beligerante” – admitir que sua luta “não tem mais razão de ser” na Colômbia de hoje. Chávez concordou com a criação de uma comissão bilateral para monitorar o grupo na fronteira, embora não esteja claro quanto efetiva será a medida. A mudança foi vista como mais uma evidência de que a guerrilha – com sua proposta de criar um Estado comunista pela via armada – perdeu o bonde da história. Pode ainda não ter sido derrotada do ponto de vista militar, mas já perdeu a guerra por apoio no plano interno e externo.

Até o líder cubano Fidel Castro tem feito apelos para que as Farc soltem seus sequestrados. Em 2008, ele denunciou “as condições cruéis” nas quais o grupo mantém seus reféns – embora Cuba não seja exemplo no tratamento de seus presos. A lista dos que tem criticado as Farc ainda inclui o equatoriano Rafael Correa e o boliviano Evo Morales.

[...]

“A única solução definitiva para o conflito colombiano é a negociação”, diz Vicenç Fisas, da Escola de Cultura e Paz da Universidade Autônoma de Barcelona, que estuda o caso colombiano.

No passado, dois processos de paz foram manipulados pela guerrilha para se fortalecer militarmente. Nos anos 80, o presidente Belisário Betancur permitiu que as Farc formassem um partido político (a União Patriótica, dizimada por paramilitares). Nos anos 90, Andrés Pastrana concordou com a criação de uma área desmilitarizada para as negociações de paz, mas as Farc não pararam de sequestrar.

[...]

Hoje, as Farc têm o apoio de apenas 2% da população colombiana. Em 2002, quando Uribe assumiu, controlavam um quarto do território do país. “O grupo pode não estar acabado, mas está muito debilitado. Se insistir na luta armada, todos perdem”, afirmou Fisas.

Ruth Costas. *O Estado de S. Paulo*, 15 ago.10.

Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/impresso,isoladas-farc-viram-parias-da-regiao,595298,0.htm>.

Os cartéis mexicanos

O México é outro país em destaque quando o assunto é narcotráfico. O território mexicano serve de porta de entrada para o mercado dos Estados Unidos, o que faz com que os narcocartéis mexicanos tenham enormes lucros. A partir de ações conjuntas, México e Estados Unidos iniciaram uma campanha de repressão ao tráfico que gerou uma resposta dos criminosos. A partir de 2008, com o mercado pressionado, os narcocartéis iniciaram uma guerra entre si e contra o governo mexicano. Tijuana e Ciudad Juarez, entre outras cidades, tornaram-se palco de intensos combates entre as forças legais e os grupos ilegais. Entre 2008 e 2010, mais de 22 mil mortes ligadas ao tráfico foram contabilizadas no México. No ano 2010, pela primeira vez, a questão da imigração ilegal também se misturou com a questão das drogas. O imigrante ilegal frequentemente viaja com dinheiro, necessário para se sustentar durante a viagem e para pagar os *coiotes*, como são chamados os homens especializados em cruzar a fronteira liderando grupos de imigrantes. Os narcocartéis, em busca de mais dinheiro, perceberam que esses imigrantes são um alvo fácil e uma boa fonte de renda.

LEITURA

Indígenas do Equador veem "Neoliberalismo" em Correa

Nacionalista que tirou os EUA da base militar de Manta e auditou a dívida externa do Equador, o presidente Rafael Correa tem sido chamado de "neoliberal" e "neocolonialista" pela Conaie (Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador), que desde 1997 teve papel crucial na queda de três governos no país. Correa, que chegou ao

poder em 2006 prometendo pôr fim à "longa noite neoliberal", acusa indígenas e ambientalistas "radicalizados" de fazerem o "jogo da direita" e de pretenderem desestabilizá-lo. O presidente foi reeleito em abril sob as regras da Constituição de 2008, impulsionada por seu governo e que consagra o princípio quíchua da "sumak kawsay" (vida plena ou bom viver) – cuja implementação está no cerne das divergências com a Conaie.

Os protestos indígenas contra as leis de Mineração e Águas e dois decretos presidenciais vêm crescendo desde o início do ano e resultaram em confronto no dia 30 de setembro. Um professor da etnia shuar morreu baleado quando a polícia desbloqueava uma ponte na Província de Morona Santiago, na Amazônia equatoriana.

A morte, ainda sob investigação, provocou recuos dos dois lados. Uma reunião entre Correa e 150 lideranças da Conaie, no último dia 5, levou à formação de "mesas de diálogo", que ainda serão instaladas. Mas a desconfiança mútua permanece grande.

Três temas comuns à maioria dos países da América do Sul formam o pano de fundo dos conflitos: a relação entre movimentos sociais e governos de esquerda; os limites da autonomia indígena e o choque entre ambientalismo e o modelo econômico baseado na exportação de matérias-primas.

A convivência entre Correa e a Conaie, que tem no movimento Pachakuti seu braço político, nunca foi fácil. A confederação, que fala em nome de boa parte dos estimados 4 milhões de indígenas equatorianos, ou 30% da população, manteve "distância crítica" do presidente, embora tenha apoiado pontos do programa da coalizão Acordo País, de Correa, e a convocação da Constituinte que redigiu a nova Carta.

Total de mortes pelo narcotráfico no México em 2010 (de 1 de janeiro a 3 de novembro)



FONTE: JORNAL REFORMA / MAPA PRODUZIDO POR THERESA FRESTINE. COPYRIGHT 2010 TRANS BORDER INSTITUTE

Correa, por sua vez, várias vezes questionou a representatividade da Conaie e do Pachakuti. O movimento elegeu, em abril, 5 dos 22 governadores provinciais, mas sua bancada no Legislativo nacional vem diminuindo desde 2002, quando apoiou a eleição à presidência do coronel Lucio Gutiérrez, com quem rompeu seis meses depois.

O jornalista e analista equatoriano Kintto Lucas e o ex-presidente da Constituinte Alberto Acosta identificam na atitude de Correa a origem dos problemas com a Conaie. "O movimento indígena sempre busca conversar horizontalmente, de igual para igual. Quando sente que um presidente lhe fala de cima, se põe em guarda", diz Lucas.

Acosta – que tem posição à esquerda de Correa na economia e rompeu com ele porque queria prolongar a Constituinte para tornar os trabalhos mais democráticos – se preocupa com o choque "entre esquerda e esquerda": "O ponto de encontro entre os dois grupos é maior do que as divergências. Faltaram canais de diálogo", lamenta.

Renda social

A questão econômica é crucial. O governo argumenta que precisa manter a renda do petróleo e da mineração para ampliar benefícios sociais e caminhar em direção a um modelo mais sustentável, de contornos ainda pouco claros. A Conaie defende uma transição rápida, com o apoio de católicos ligados à Teologia da Libertação e de ambientalistas.

A ONG *Amazon Watch*, ativa durante os confrontos de junho no Peru, quando indígenas protestavam contra decretos do presidente conservador Alan García que facilitavam a exploração de petróleo e minérios na selva, tem divulgado as ações da Conaie.

O missionário salesiano Juan de la Cruz Rivadaneira, que trabalha há dez anos em Morona Santiago, foi testemunha dos conflitos de setembro – "nunca vi nem senti tanta violência contra o povo shuar". Prestes a se embrenhar de novo na selva, ele recomendou à *Folha* que procurasse o médico Kléver Calle, da Universidade de Cuenca.

Membro da Pastoral Indígena, Calle aponta contradições entre "declarações e ações" de Correa e a nova Carta. "O *sumak kawsay* é um conceito que rompe o paradigma de uma cultura antropocêntrica, o modelo primário-exportador e o Estado verticalmente construído", diz, acrescentando que a Lei de Mineração "legaliza concessões de milhares de hectares, feitas em governos neoliberais anteriores, em terras como a do povo shuar".

Calle defende que a posição dos indígenas sobre temas que "afetem seus direitos ancestrais e coletivos" seja vinculante. A questão é polêmica porque a posição foi derrotada na Constituinte. Embora declare o Equador um "Estado plurinacional", a Carta não reconhece a autonomia de instituições indígenas de governo separadas das nacionais.

Claudia Antunes. *Folha de S.Paulo*, 18 out. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1810200908.htm>.

Revisando

1 Como se divide a América Central?

2 Como se divide a América do Sul?

3 Quais as principais explicações que já foram adotadas para o subdesenvolvimento da região?

4 Destaque as principais características das economias não industrializadas da região.

5 Identifique dois exemplos de movimentos populares na região que ameaçam os interesses econômicos estrangeiros.

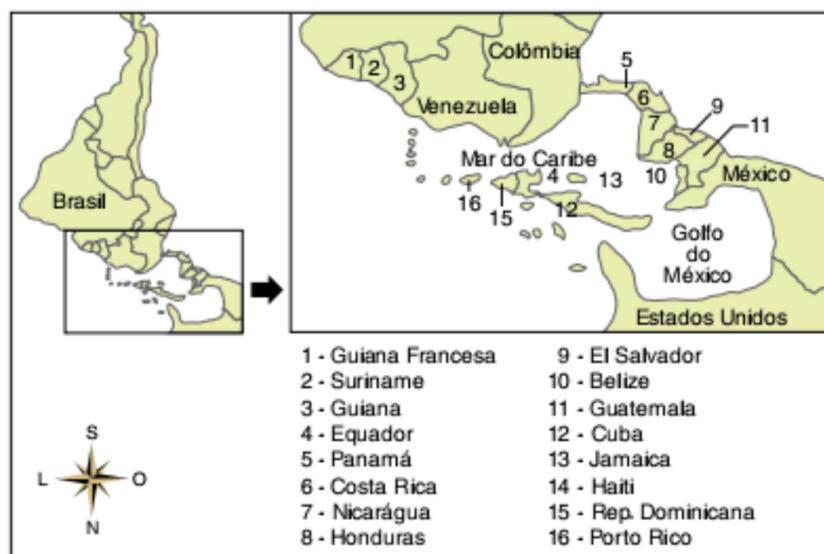
6 Identifique as recentes mudanças em Cuba no plano econômico.

7 Qual o principal problema interno da Colômbia?

8 O que causou a guerra entre os narcocartéis mexicanos?

Exercícios propostos

1 **UFRJ** A visão estratégica dos Estados Unidos da América sobre o Caribe.



O mapa mostra a América do Sul e o Caribe na perspectiva do Comando Militar Unificado dos Estados Unidos da América. Indique dois interesses econômico-estratégicos norte-americanos na região do Caribe.

Texto para a questão 2.

O canal do Panamá, inaugurado em 1914, foi construído pelos Estados Unidos e esteve sob sua administração até dezembro de 1999, quando foi devolvido ao Estado panamenho.

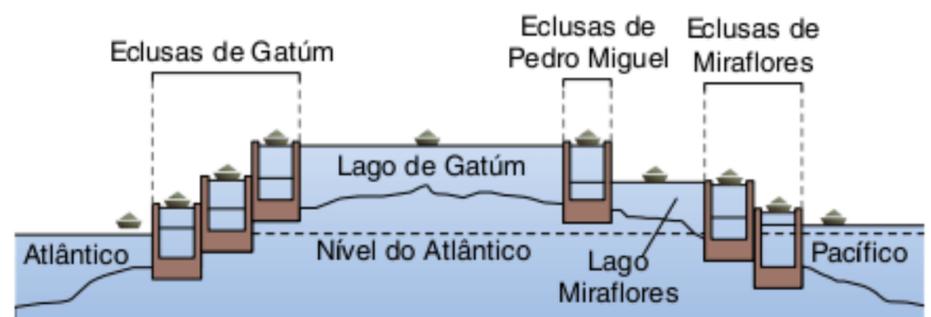
2 **Puccamp** Considere as afirmações sobre o canal do Panamá.

- I. Para a construção do canal, os Estados Unidos estimularam e garantiram a independência do Panamá que se separou da Venezuela.
- II. A zona do canal polariza a economia do país, pois o comércio, os transportes e os serviços representam grande parte da renda panamenha.
- III. A utilização do canal representa uma economia de milhares de quilômetros de viagem para os navios.
- IV. A perda do canal do Panamá, pelos Estados Unidos, pode significar o fim de sua hegemonia sobre os países da América Central.

Estão corretas somente:

- (a) I e II. (c) I e IV. (e) III e IV.
(b) I e III. (d) II e III.

3 **Unirio**



O canal representado anteriormente foi construído nas primeiras décadas do século XX pelos EUA. Estando ainda hoje sob domínio deste país, sua posse será transferida, no final deste milênio, para o país em que se localiza. Trata-se do canal:

- (a) de Suez, que permite aos EUA melhor acesso aos recursos petrolíferos do Oriente Médio.
(b) de Gibraltar, que torna a África mais acessível aos interesses estratégicos dos EUA neste continente.
(c) de Behring, entre a Ásia e a América, cuja construção permitiu aos EUA maior controle sobre a URSS durante a Guerra Fria.
(d) do Panamá, que visava reduzir as distâncias entre o Atlântico e o Pacífico, barateando os custos de transporte para os EUA.
(e) do Golfo, cuja construção visava bloquear a expansão árabe no Oriente Médio.

4 **UFRGS** Em relação às negociações de implementação da Área de Livre-Comércio das Américas (Alca), são feitas as seguintes afirmações.

- I. O Brasil é contrário à criação da Alca, entre outras razões, porque ela prevê a proibição do estabelecimento de acordos bilaterais e sub-regionais entre as nações signatárias, o que acarretaria a abolição e a revogação do Mercosul e de outros acordos.
- II. O Chile é o país sul-americano mais reticente em relação aos possíveis benefícios da Alca, já que enfrentaria sérias dificuldades em competir com os produtos agrícolas norte-americanos, altamente subsidiados.

III. O governo brasileiro alega que a entrada de seus produtos no mercado norte-americano é prejudicada pelas barreiras não tarifárias, como o *antidumping* e os direitos compensatórios, que favorecem os interesses comerciais dos Estados Unidos. Quais estão corretas?

- (a) Apenas I.
- (b) Apenas II.
- (c) Apenas III.
- (d) Apenas I e II.
- (e) Apenas II e III.

5 Puccamp Leia o texto a seguir.

O canal do Panamá, inaugurado em 1914, foi construído pelos Estados Unidos e esteve sob sua administração até dezembro de 1999, quando foi devolvido ao Estado panamenho.

Os Estados Unidos da América construíram o canal do Panamá visando:

- (a) garantir a independência e a autonomia econômica do Panamá, que passou a usufruir dos impostos sobre a circulação de mercadorias.
- (b) exercer o controle econômico e estratégico da América Central, no contexto da expansão imperialista.
- (c) perseguir os líderes dos movimentos comunistas e anarquistas nos países da América Central.
- (d) montar uma base militar no centro da América para proteger os interesses políticos das nações latino-americanas.
- (e) intensificar os transportes na região, facilitando assim a criação de polos turísticos.

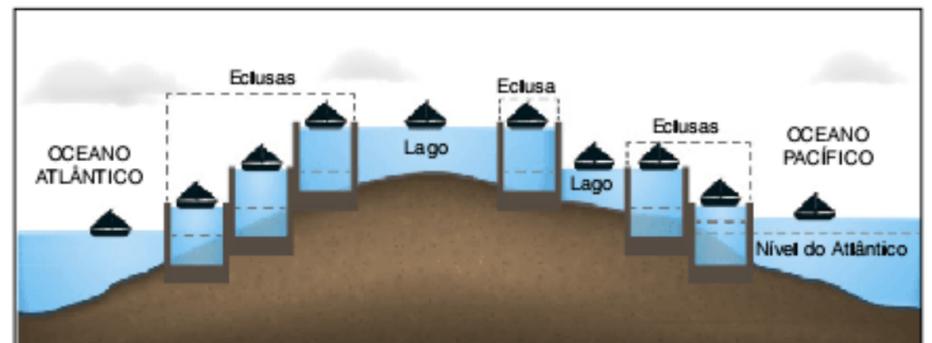
6 PUC-Rio As condições naturais do Caribe, assim como sua posição em relação à organização econômica e geopolítica, contribuíram para o desenvolvimento de uma série de atividades econômicas voltadas para os mercados consumidores externos.



Com relação ao texto anterior, podemos afirmar que a região caribenha não se destaca:

- (a) pela indústria do turismo.
- (b) como refúgio de capitais.
- (c) por sua posição estratégica.
- (d) pela produção de material bélico.
- (e) pela produção primário-exportadora.

7 UFSM Observe a figura a seguir, que representa o esquema de travessia de um canal artificial de grande importância econômica e estratégica.



M. A. Coelho e L. Terra. Geografia geral: o espaço natural e socioeconômico. São Paulo: Moderna, 2001, p. 163.

A análise da figura permite concluir que se trata do canal:

- (a) de Suez.
- (b) de Beagle.
- (c) do Panamá.
- (d) de S. George.
- (e) da Mancha.

8 UFPE Em relação aos aspectos geográficos da América Latina, analise as proposições a seguir.

1. A formação dos países latino-americanos foi o resultado direto da expansão da civilização europeia.
2. Os Apalaches, o Maciço das Guianas e a cordilheira dos Andes são as unidades de relevo que exerceram uma notável influência no povoamento da América do Sul.
3. Existe um considerável contraste entre a América Latina e a América Anglo-Saxônica no tocante à evolução histórica e ao nível de desenvolvimento.
4. Na América Central, a maior parte da população economicamente ativa dedica-se às atividades do setor secundário.
5. Graças à grande fertilidade do solo e à mecanização, a região do Pampa argentino tornou-se uma das áreas agrícolas mais importantes da América Latina.

Estão incorretas:

- (a) 1 e 3.
- (b) 2 e 5.
- (c) 1 e 4.
- (d) 2 e 4.
- (e) 1 e 2.

9 UFRRJ 2005 O mapa a seguir representa o gasoduto Brasil-Bolívia.



O projeto de cooperação sul-americano, destacado no mapa, tem por objetivo:

- (a) dinamizar núcleos de povoamento na Amazônia, com a finalidade estratégica de ocupação e defesa do território.
- (b) estabelecer uma saída para o oceano Pacífico, abrindo novos mercados para a soja e a carne do Centro-Oeste brasileiro.
- (c) estreitar os laços de cooperação estratégica na vigilância da Amazônia, através do Projeto Sivam.
- (d) beneficiar a expansão do setor termoeletrico do país, aumentando a oferta de energia na região Sudeste.
- (e) melhorar o sistema viário do Mercosul, para intensificar as trocas comerciais com países da região andina.

10 PUC-Rio 2006



Observe a charge apresentada. Ela se refere a uma liderança política da América do Sul bastante controversa: o presidente Hugo Chávez. Em relação a ele e ao país por ele representado, é correto afirmar que:

- (a) com a subida desse “cocalero” ao poder, a presença das transnacionais no país, principalmente as norte-americanas, deverá se tornar bem mais complexa, já que a plataforma política implementada nesse país sul-americano tem um forte teor nacionalista (principalmente em relação ao petróleo) que fere os interesses internacionalistas da atual política de George Bush.
- (b) a população de origem indígena do país (mais de 80%) conseguiu, depois de décadas de “governos brancos”, eleger um dos seus representantes étnicos mais simbólicos, já que além da afinidade cultural, esse representante ameríndio do país andino localizado no centro da América do Sul, tem a sua origem nas tradicionais plantações de coca dos Altiplanos.
- (c) o populismo de Chávez e o crescimento de sua influência política continental têm sido minados pelo discurso de algumas lideranças sul e norte-americanas que afirmam ser o atual presidente do país um incentivador do narcotráfico por beneficiar os produtores de coca como ele mesmo o é.
- (d) com a chegada ao poder desse político de história controversa (pois ele tentou dar um golpe militar no país, no início da década de 1990), a nação sul-americana se dividiu entre os que o amam e os que o odeiam, e o seu discurso populista acendeu a “luz amarela” do governo norte-americano em relação à sua influência política continental de forte alinhamento cubano e do aumento do controle estatal sobre as reservas de petróleo.

- (e) Hugo Chávez teve um papel geopolítico fundamental na América do Sul, ao longo da década de 1990, já que o país que governa é um dos grandes produtores mundiais de petróleo; porém, com a chegada de Evo Morales ao governo boliviano, em 2006, houve uma redução da influência chavista no continente, aumentando a integração geoeconômica entre a Bolívia e o Brasil.

11 Ibmecc-SP 2009 (Adapt.) Nos últimos anos, o Brasil tem enfrentado alguns conflitos diplomáticos e comerciais com vizinhos da América do Sul tendo em vista questões ligadas a energia e combustível. Sobre esses conflitos, leia e julgue as afirmativas a seguir.

- I. O presidente do Paraguai Fernando Lugo assumiu o cargo em 2008 com a promessa de rever o Tratado de Itaipu, que reajustaria os valores da energia elétrica vendida ao Brasil.
- II. Com a nacionalização dos hidrocarbonetos, a Bolívia reajustou as tarifas do gás natural vendido ao Brasil, além de desapropriar refinarias da Petrobras no país.
- III. O Equador seguiu o mesmo caminho da Bolívia, nacionalizando várias empresas petrolíferas internacionais e desapropriando bens da Petrobras que investia nessa área.
- IV. Na Bolívia, conflitos entre o governo de Evo Morales e algumas províncias que reivindicam autonomia, resultaram em interrupção parcial do fornecimento de gás para o Brasil.

- (a) As afirmativas I, II e III estão corretas.
- (b) As afirmativas I, II e IV estão corretas.
- (c) As afirmativas II, III e IV estão corretas.
- (d) Todas as afirmativas estão corretas.
- (e) Nenhuma das afirmativas está correta.

12 Uerj 2005 [...] Mas nossa maior força é o povo venezuelano. É a consciência política. [...] Eu não sou nada. Sou, quando muito, um instrumento dessa grande revolução bolivariana. É fundamental a organização popular. Simón Rodríguez [...] dizia: “A força material está na massa e a força moral no movimento da massa”.

Entrevista de Hugo Chávez ao jornal argentino O Clarín.
Disponível em: <www.unidadepopular.org>.

A história política da Venezuela nos últimos anos tem sido bastante tumultuada. Seu atual presidente, Hugo Chávez, vem enfrentando uma forte oposição tanto interna quanto externa, em especial do governo dos EUA. O ideal do “bolivarismo” e a proximidade entre Chávez e as camadas mais pobres são vistos, pela população do país e por analistas estrangeiros, ora como expressão de seu caráter democrático, ora como evidência de seu caráter demagógico e autoritário.

- a) Um ponto comum aos discursos de Bolívar e de Chávez é a ênfase dada ao pan-americanismo. Explique o significado deste ideal.
- b) Cite dois motivos pelos quais o governo de Chávez é visto como ameaça aos interesses norte-americanos.

13 Unifesp 2007 A presença, no cenário político hispano-americano atual, de personalidades como Hugo Chávez na Venezuela, Néstor Kirchner na Argentina e Evo Morales na Bolívia, tem sido interpretada por analistas liberal-conservadores de todo o mundo como uma:

- (a) incógnita, tendo em vista seu caráter inédito.
- (b) novidade promissora para o futuro da região.
- (c) imitação do regime comunista cubano.
- (d) espécie de retorno da figura do caudilho.
- (e) volta ao populismo típico do século XIX.

14 UFRRJ Leia o texto e responda.

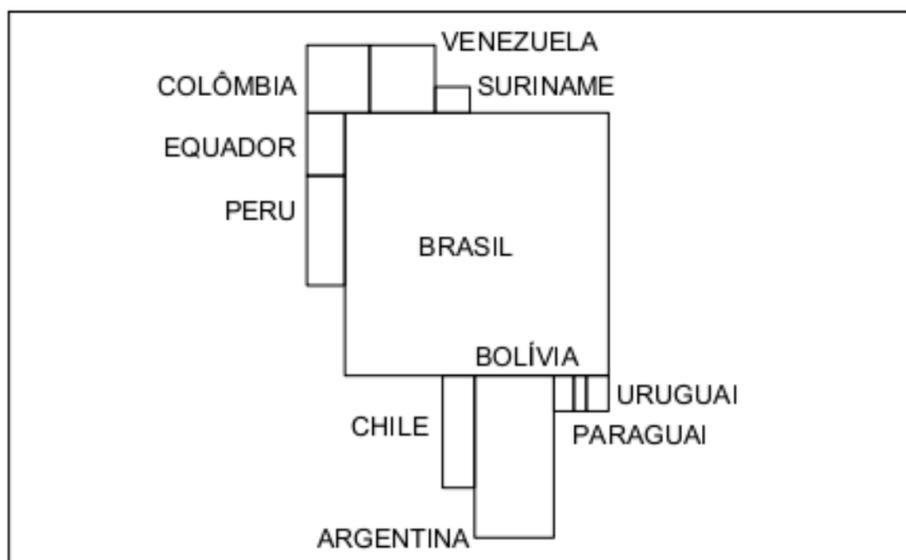
A divisão do mundo em Estados Nacionais, com fronteiras, moedas e alfândegas, cria barreiras para a livre circulação de mercadorias, serviços, capitais e pessoas. Embora não seja recente, a tendência de regionalização do mundo em blocos econômicos acentuou-se no início da década de 1990, coincidindo com o fim da Guerra fria e a emergência da globalização.

J. C. Moreira; E. Sene. *Geografia para o ensino médio: Geografia geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002, p. 360. (Adapt.).

Tendo em vista que o Mercado Comum do Sul (Mercosul) é um dos blocos econômicos regionais, cite:

- a) três países que fazem parte desse bloco.
- b) duas características que o diferenciam dos demais blocos econômicos.

15 Unifesp Observe a figura.



Mackey, 1999. (Adapt.).

A anamorfose indica que, em relação às mortes de crianças com menos de 5 anos de idade na América do Sul:

- (a) os índices mais elevados estão no Cone Sul.
- (b) os indicadores mais baixos estão nos países andinos.
- (c) a Bolívia e o Paraguai têm a mesma quantidade de casos.
- (d) os membros do Mercosul têm graves disparidades entre si.
- (e) as partes do Tratado de Cooperação Amazônica são homogêneas.

16 Unifesp Apesar das restrições à imigração, “balseros” e “braceros” penetram no território dos Estados Unidos, muitas vezes ilegalmente. Eles são identificados, respectivamente, como:

- (a) cubanos que abandonaram seu país e trabalhadores mexicanos.
- (b) chineses perseguidos pelo governo chinês e talibãs que resistem à ocupação do Afeganistão.
- (c) pescadores e contrabandistas mexicanos.
- (d) líderes religiosos islâmicos e terroristas fundamentalistas.
- (e) trabalhadores latino-americanos e dos países europeus que abandonaram o socialismo real.

17 UFRGS Observe a tabela a seguir, que apresenta dados geográficos de países-membros plenos e associados do Mercosul.

Países	Área (km ²)	População em 2000 (milhões de hab.)	Produto Nacional Bruto (PNB) em 2000 (bilhões de dólares)
1	176.215	3	21
2	406.752	5	9
3	756.626	15	73
4	1.098.581	8	8,5

J.W. Vesentini. *Brasil: sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 2002, p. 33.

Assinale a alternativa que apresenta os nomes dos países correspondentes aos números 1, 2, 3 e 4 da tabela, respectivamente.

- (a) Paraguai – Uruguai – Chile – Bolívia
- (b) Uruguai – Paraguai – Bolívia – Chile
- (c) Uruguai – Chile – Paraguai – Bolívia
- (d) Paraguai – Uruguai – Bolívia – Chile
- (e) Uruguai – Paraguai – Chile – Bolívia

18 UFSM 2006 Nas últimas décadas, o processo de urbanização tornou mais evidente o abismo entre as elites brancas e ricas, e os pobres, índios e mestiços. As divisões regionais são mais recentes. O Altiplano dos Andes, onde fica a capital, é habitado sobretudo por índios que vivem da agricultura de subsistência. Algumas províncias souberam se aproveitar do processo de abertura da economia [...], para atrair capital externo e desenvolver a economia local.

Veja, edição 1909, ano 38, n. 24, 15 jun. 2005, p. 79. (Adapt.).

O texto se refere a um dos países mais pobres da América do Sul, marcado pela desigualdade social e pela problemática da racionalização do setor petrolífero e do gás natural, que estão na origem da crise política e institucional vigente. Selecione a alternativa que apresenta esse país.

- (a) Peru
- (b) Equador
- (c) Bolívia
- (d) Venezuela
- (e) Colômbia

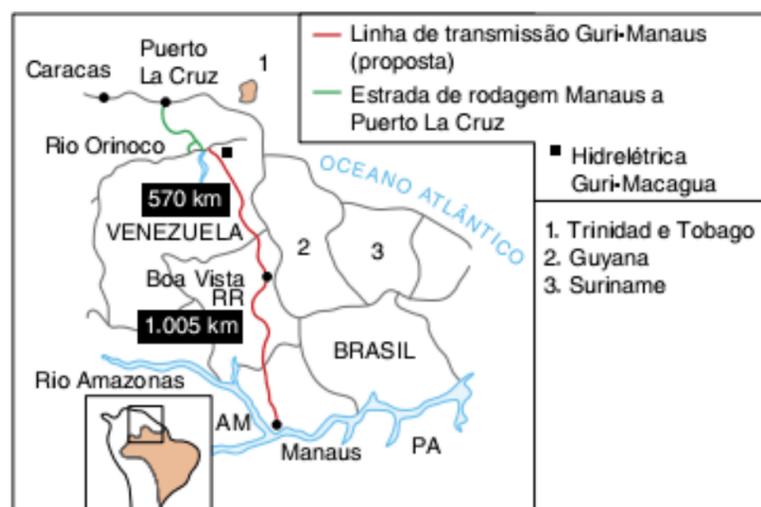
19 UFRGS A partir de 2004, o Brasil passou a integrar a missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti, uma das nações mais pobres do planeta. Em relação a este país, são feitas as seguintes afirmações:

- I. O Haiti ocupa parte da ilha de Hispaniola, no mar do Caribe, e faz fronteira com a República Dominicana.
- II. Os violentos confrontos que ocorreram no país em 2004 estão associados à declaração de sua independência em relação à França, obtida recentemente.
- III. Apesar de seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ser baixo, ele é superior à média dos países da América Central.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I. (c) Apenas III. (e) Apenas I e III.
(b) Apenas II. (d) Apenas I e II.

20 FGV Observe o mapa a seguir. Note a linha cheia e a linha pontilhada, quase sempre paralelas.



Fonte: O Estado de S. Paulo, 10 set. 2000, p. A-8.

Em relação às obras de infraestrutura destacadas, assinale a alternativa incorreta.

- (a) Podem permitir a abertura de canal de escoamento de produtos da Zona Franca de Manaus para outros mercados e a consolidação da ligação Brasil-Venezuela, via Manaus e Boa Vista.
- (b) Podem contribuir para agilizar e intensificar fluxos econômicos, baratear a exportação de produtos brasileiros e articular zonas da Amazônia setentrional, em uma região fronteiriça.
- (c) Inscrevem-se no contexto de melhoria da infraestrutura de integração física e circulação terrestre do subcontinente, conforme proposta firmada recentemente pelos chefes de Estado da América do Sul.
- (d) Podem contribuir para consolidar a posição estratégica de Manaus, como sede da Zona Franca e nó de confluência de fluxos e meios de transporte e energia.
- (e) Podem reforçar os conflitos existentes com os países da Comunidade Andina (CAN), em face da perspectiva de expansão dos interesses brasileiros na região.

21 Puccamp Nos últimos 30 anos, a América Central está sempre lutando para se reconstruir depois de alguma catástrofe natural: terremotos, maremotos, furacões – tudo se abate sobre esta estreita faixa de terras que liga a América do Norte à do Sul. Do ponto de vista político econômico, caracteriza-se:

- (a) por representar uma região pouco violenta e politicamente estável desde o início do século, quando os países se tornaram independentes.
- (b) pelo rápido crescimento econômico, em grande parte associado aos recentes acordos bilaterais entre a região e a União Europeia.
- (c) pelo acelerado processo de industrialização, iniciado nesta década e que pode ser equiparado ao processo que ocorreu nos Tigres Asiáticos.
- (d) por ter eliminado de forma radical os focos de conflito pela terra, em virtude das recentes políticas de reforma agrária empreendidas pelos Estados que a compõe.

- (e) por ser habitada por pouco mais de 30 milhões de pessoas, sendo que pelo menos a metade é muito pobre e, em geral, ligada às atividades primárias.

22 Enem A América Latina dos últimos anos insere-se em um processo de democratização, oferecendo algumas oportunidades de crescimento econômico-social em um contexto de liberdade e dependência econômica internacional. Cuba continua caracterizada por uma organização própria com restrições à liberdade econômica e política, crescimento em alguns aspectos sociais e um embargo econômico americano datado de 1962. Em 1998, o papa João Paulo II visitou Cuba e depois disse ao cardeal Jaime Ortega, arcebispo de Havana, e a 13 bispos em visita ao Vaticano que apreciou as mudanças realizadas em Cuba após sua visita à ilha e espera que sejam criados novos espaços legais e sociais, para que a sociedade civil de Cuba possa crescer em autonomia e participação. A resposta internacional ao intercâmbio com Cuba foi boa, mas as autoridades locais mostraram pouco entusiasmo, não estando dispostas a abandonar o sistema socialista monopartidário. A maioria dos países latino-americanos tem se envolvido, nos últimos anos, em processos de formação socioeconômicos caracterizados por:

- (a) um processo de democratização à semelhança de Cuba.
- (b) restrições legais generalizadas à ação da Igreja no continente.
- (c) um processo de desenvolvimento econômico com restrições generalizadas à liberdade política.
- (d) excelentes níveis de crescimento econômico.
- (e) democratização e oferecimento de algumas oportunidades de crescimento econômico.

23 FGV O presidente Néstor Kirchner assinou o decreto que estabelece uma tarifa alfandegária de 0% para a importação de maquinaria rodoviária proveniente de países de fora do Mercosul. O decreto também inclui a importação de autopeças utilizadas neste tipo de maquinaria. [...]

Disponível em: <www.estadao.com.br/rss/economia/2004/set/09/187.htm>. Acesso em: 20 set. 2004.

O decreto do presidente argentino fere um dos objetivos principais do Mercosul:

- (a) formar uma união econômica e monetária nos moldes da União Europeia, com moeda própria, banco central independente e livre circulação de pessoas e mercadorias.
- (b) tornar-se uma grande zona de processamento de exportação (ZPE), atraindo mais empresas transnacionais para os países participantes, com a formação de uma área de livre comércio.
- (c) formar uma união aduaneira, com a abolição gradativa das tarifas alfandegárias nas relações comerciais dentro do bloco e aplicação de uma tarifa externa comum (TEC) ao comércio externo ao bloco.
- (d) constituir o núcleo da Aliança Latino-americana de Integração, uma área de livre comércio alternativa à Alca, que reuniria o Brasil, a Argentina e o México.

- (e) construir portos secos, gradativamente, como zona de proteção de fronteiras, a exemplo de Paso de los Libres / Uruguaiana, que protegem tanto o lado argentino como o brasileiro.

24 Mackenzie O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, voltou ontem a concentrar a atenção internacional ao tornar-se o primeiro chefe de Estado a fazer uma visita oficial ao Iraque desde o fim da Guerra do Golfo, em 1991. A viagem faz parte de seu tour pelos países-membros da Opep [...]

○ Estado de S. Paulo, 11 ago. 2000.

A visita do presidente venezuelano justifica-se:

- (a) pela necessidade de obter apoio interno, uma vez que sua eleição é contestada por vários grupos de oposição venezuelanos.
 (b) pelo fato de a Venezuela ser membro da Opep e o 3º maior exportador mundial de petróleo e temer um aumento da produção e conseqüente queda de preços do produto.
 (c) pela necessidade de conseguir importar petróleo a preços subsidiados, aliviando a pressão inflacionária na Venezuela.
 (d) para tentar reduzir os preços internacionais do petróleo, favorecendo as exportações venezuelanas do produto, principalmente para os EUA.
 (e) para se antepor ao isolamento da Venezuela junto à comunidade internacional, que questiona a lisura da eleição de Chávez.

25 Uerj A Copa do Mundo de futebol é um campeonato entre seleções de vários países, durante o qual se observa a exaltação de sentimentos nacionais. Essa relação entre futebol e patriotismo assumiu relevância política em determinados contextos do século XX.

O país vencedor de uma copa, sua condição política interna à época e o ano da conquista, estão corretamente relacionados na seguinte alternativa:

- (a) Itália/Socialismo/1986
 (b) Brasil/Populismo/1970
 (c) Alemanha/Nazifascismo/1930
 (d) Argentina/Ditadura Militar/1978

26 Unesp Observe o mapa, que destaca seis países localizados na porção ocidental do continente sul-americano.



Esses países possuem, como características comuns, a presença de:

- (a) cordilheira dos Andes; população com baixo a médio padrão de vida e crescimento vegetativo em declínio; predomínio de mestiços e indígenas.
 (b) grandes planícies litorâneas; população com alto padrão de vida e baixo crescimento vegetativo; predomínio de negros e mulatos.
 (c) elevados planaltos centrais; população com baixo padrão de vida e baixo crescimento vegetativo; predomínio de brancos de origem europeia.
 (d) cordilheira dos Andes; população com alto padrão de vida e alto crescimento vegetativo; predomínio de índios e brancos.
 (e) cordilheira dos Andes; população com alto padrão de vida e elevado crescimento vegetativo; predomínio de brancos e negros.

27 UFRGS 2010 A economia do México apresentou no primeiro trimestre de 2009 a maior retração das últimas três décadas, registrando uma queda de 10,3%.

A causa desse baixo desempenho foi:

- (a) o crescente êxodo rural das áreas de produção agropecuária.
 (b) a crescente diminuição da produção de petróleo no país.
 (c) o aumento da produção de petróleo na Venezuela.
 (d) a crescente mobilidade da atividade industrial do país.
 (e) a redução das exportações para os Estados Unidos.

28 PUC-SP 2008 [...] Há países com mais de 60% da população constituída por índios, como Bolívia e Guatemala. E há um país como o México, que está ao redor de 12%. Dependendo das condições, não há sentido pleitear essa autonomia [de estados indígenas na América], especialmente se ela ficar submetida a governos que não estão interessados em repassar recursos para o desenvolvimento dessas populações. Há setores do zapatismo e do movimento indígena boliviano que de fato pleiteiam a autonomia, mas ao mesmo tempo estão buscando integrar-se. É importante diferenciar movimentos que buscam maior inserção dos indígenas no mundo globalizado, de movimentos extremados, fundamentalistas, que querem a autonomia a qualquer preço, mesmo que ela venha isolar ainda mais os indígenas. [...]

Nestor García Canclini. O Estado de S. Paulo, 2 jul. 2007.

Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/suplementos/ali/2006/07/02/ali-1.93.19.20060702.4.1.xml>>.

O texto menciona o zapatismo e o movimento indígena boliviano, ambos atuantes nos dias de hoje. Sobre eles, podemos dizer que o:

- (a) zapatismo se manifesta principalmente na região de Chiapas, ao sul do México, defende direitos de diversas etnias de origem pré-colombiana e se diz herdeiro das reivindicações indígenas da Revolução Mexicana de 1910.
 (b) movimento indígena boliviano chegou ao poder com a vitória eleitoral de Evo Morales, defende a produção de cocaína e se diz herdeiro das lutas emancipacionistas de Tupac Amaru, no século XVIII.
 (c) zapatismo e o movimento indígena boliviano representam novas tendências políticas na América Latina e são apoiados e financiados pelos governos estrangeiros da Venezuela, do Brasil e dos Estados Unidos.

- (d) movimento indígena boliviano tem evidente conotação esquerdista e luta pela formação de um Estado unitário na América Latina, nos moldes do projeto bolivariano do início do século XIX.
- (e) zapatismo nasceu no início do século XX e ressurgiu no princípio do século XXI, com o objetivo de apoiar o ingresso do México no NAFTA, mercado comum que envolve ainda o Canadá e os Estados Unidos.

29 Unesp A tabela contém indicadores socioeconômicos do Chile e da média de todos os países da América Latina.

Chile e América Latina: Indicadores socioeconômicos em 2004

Indicadores	Chile	América Latina
PIB <i>per capita</i> em dólares	5 800	2 800
Aumento das exportações nos últimos 10 anos	100%	85%
Média anual de crescimento do PIB nos últimos 20 anos	5,5%	2,6%
Inflação	2,5%	7,7%
Desemprego	8,8%	10%
Taxa de analfabetismo	4%	11%
Média de anos de estudo	9	8
População que vive com menos de 2 US\$/dia	9%	43%
Mortalidade por assassinato /100.00 hab./ ano	3	23
Mortalidade infantil por 1.000 nascidos vivos	8	27
Expectativa de vida em anos	76	72

Fonte: OMS, Unesco e Unicef, 2005.

Analisando-se a tabela, pode-se afirmar que:

- (a) a diferença entre os dados socioeconômicos do Chile e a média da América Latina é muito pequena na maior parte dos indicadores.
- (b) em todos os indicadores socioeconômicos, o Chile apresenta resultados melhores do que a média da América Latina.
- (c) a diferença entre os dados socioeconômicos do Chile e a média da América Latina é muito pequena apenas nos indicadores desemprego, média de anos de estudo e taxa de analfabetismo.
- (d) em todos os indicadores socioeconômicos, o Chile apresenta valores inferiores à média da América Latina.
- (e) a diferença entre os dados socioeconômicos do Chile e a média da América Latina é muito grande apenas nos indicadores PIB *per capita*, inflação e expectativa de vida.

30 Uerj A atual crise boliviana põe em discussão as contradições existentes entre o exercício da soberania de um país e a sua inserção nos fluxos globais. Uma dessas contradições, vivida hoje pela Bolívia, pode ser melhor explicitada pelo conflito verificado entre:

- (a) autonomia política e privatização da produção.
- (b) ideário liberal e desregulamentação da economia.

- (c) participação popular e flexibilização da legislação trabalhista.
- (d) fortalecimento do Estado e nacionalização do sistema financeiro.

31 Fatec Considere as seguintes afirmações sobre Cuba, para assinalar a alternativa correta.

- I. A visita do papa João Paulo II a Cuba repercutiu favoravelmente sobre os Estados Unidos, que suspenderam o embargo comercial à ilha de Fidel Castro e marcaram data para desativar a base naval de Guantánamo.
- II. Com o fim da União Soviética, Cuba perdeu seu parceiro comercial mais importante, perdendo posição, frente aos países que constituem centros turísticos e “paraísos fiscais”, para as multinacionais localizadas nas Grandes Antilhas. Por essas razões, os índices que medem a qualidade de vida da população (IDH) são bem menores em Cuba que na maior parte de seus países vizinhos.
- III. Localizada na América Central Insular, Cuba é o único país latino-americano que durante várias décadas rompeu com o domínio dos Estados Unidos e adotou um sistema socioeconômico diferente, baseado na propriedade estatal e no planejamento centralizado.

Dentre as afirmações citadas, apenas:

- (a) I está correta.
- (b) II está correta.
- (c) III está correta.
- (d) I e II estão corretas.
- (e) II e III estão corretas.

32 Fuvest



O país assinalado no mapa foi colônia espanhola, passou por uma revolução socialista no século passado, possui reservas de zinco e ouro e, em 2000, ocupava a 116ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano. Trata-se:

- (a) do Haiti.
- (b) da Jamaica.
- (c) de Cuba.
- (d) da Nicarágua.
- (e) do Panamá.

33 Uerj

Cuba já recebe os euros dos turistas

O euro começou a circular em Varadero, o balneário turístico mais importante de Cuba, onde a empresa Transtur anunciou que os serviços de táxi e aluguel de automóveis já podem ser pagos com a moeda.

Gazeta Mercantil, 12 maio 2002.

Tensão entre Fidel e Washington

A viagem de Jimmy Carter acontece num dos momentos mais tensos das relações entre EUA e Cuba nos últimos anos. No dia 6 de maio, durante um pronunciamento em Washington, o subsecretário de Estado para o Controle de Armas e Segurança Nacional americano, John Bolton, incluiu Cuba na lista de países que apoiam o terrorismo.

Jornal do Brasil, 12 maio 2002.

As duas notícias revelam atitudes distintas com relação a Cuba. Do lado da União Europeia, há a valorização do turismo e do comércio; do lado dos EUA, desconfiança e tentativa de controle. A dificuldade dos governos norte-americanos em lidar com o regime cubano decorre do fato de que este tem sido visto como:

- (a) um polo de fundamentalismo religioso na América Central.
- (b) uma exceção política no espaço de dominação norte-americana.
- (c) um posto avançado das tecnologias alternativas na região do Caribe.
- (d) um aliado ideológico da União Europeia no contexto latino-americano.

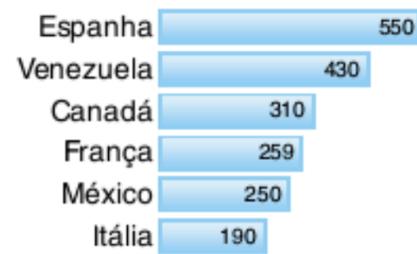
34 PUC-SP A Bolívia já nacionalizou seus recursos fósseis (hidrocarbonetos) por três vezes: em 1937, quando a "Standard Oil" americana detinha a totalidade dos poços no país; em 1969, foi a vez da "Gulf Oil" e a atual nacionalização envolve várias empresas como a "Petrobras" do Brasil e a "Repsol" da Espanha, por exemplo.

Sobre essa nacionalização atual na Bolívia, é correto afirmar que:

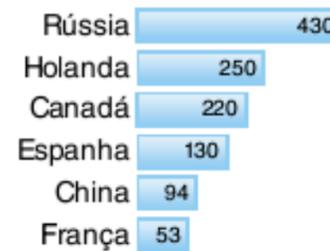
- (a) é um ato que nacionaliza apenas a exploração de gás natural e quer chegar até a incorporação do gasoduto Brasil-Bolívia, como patrimônio exclusivo da Bolívia.
- (b) é uma nacionalização das jazidas de hidrocarbonetos, mas que permite e quer negociar novos contratos de exploração dos recursos pelas empresas estrangeiras.
- (c) a nacionalização desaloja empresas estrangeiras e garante o monopólio da exploração, refinamento e comercialização apenas para empresas bolivianas.
- (d) é um ato que gerou revoltas na Bolívia, desestabilizando gravemente o governo atual, visto que as empresas estrangeiras são a única fonte de emprego no país.
- (e) as ameaças militares do Brasil à Bolívia em razão da expropriação da Petrobras levaram o país vizinho a realizar um recuo estratégico nessa ação.

35 Unesp No mundo contemporâneo, Cuba é um dos últimos países a manter o regime socialista. Observe os gráficos, expressos em milhões de dólares/ano, e responda.

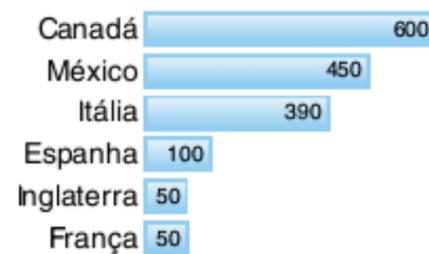
I. Quem exporta para Cuba



II. Quem importa de Cuba



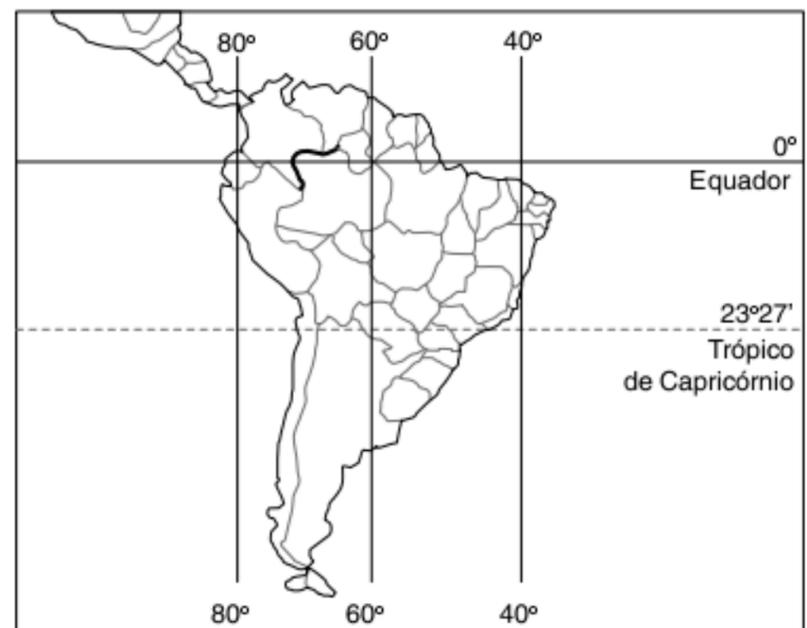
III. Quem investe em Cuba



Fonte: CIA e Conselho Econômico EUA-Cuba, 2000.

- a) Descreva os gráficos I e II. Identifique a grande potência mundial ausente, justificando sua resposta.
- b) Compare os dados relativos ao Canadá nos gráficos I, II e III. Utilizando seus conhecimentos, indique o setor que recebe o maior volume de recursos estrangeiros em Cuba, na atualidade.

36 PUC-RS



- I. A área em destaque representa a fronteira do Brasil com a República do Suriname, a norte, e com a República da Colômbia, a noroeste; fronteira viva pela presença da floresta Amazônica.
- II. A fronteira demarcada representa um grande problema geopolítico para o Brasil, pois o narcotráfico na região é muito intenso.

- III. O Exército brasileiro tem intensificado o controle dessa área, devido à ameaça constante, por parte de grupos organizados dos países sul-americanos, que praticam a extração ilegal nos seringais e a biopirataria.
- IV. Hoje é a fronteira que mais preocupa as Forças Armadas brasileiras, pois é uma área estratégica de radiação da distribuição de drogas, principalmente onde se encontra a fronteira com a República da Colômbia.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que estão corretas as da alternativa:

- (a) I e II. (c) I, III e IV. (e) III e IV.
(b) I, II e III. (d) II e IV.

37 UFMS As Farc – autodenominada Forças Armadas Revolucionárias – é, para alguns, um grupo revolucionário que luta pela mudança do poder e, para outros, um grupo de terroristas e sequestradores. Este movimento ocorre em que país vizinho do Brasil e com qual estado-membro brasileiro ele faz fronteira?

- (a) Venezuela, fronteira com o Amazonas.
(b) Guiana, fronteira com Roraima.
(c) Colômbia, fronteira com o Pará.
(d) Colômbia, fronteira com Roraima.
(e) Colômbia, fronteira com o Amazonas.

TEXTO COMPLEMENTAR

Mortes ligadas ao tráfico ultrapassam 22 mil no México

Um relatório do governo do México informa que pelo menos 22.700 pessoas foram mortas pela violência relacionada às gangues e ao narcotráfico, desde que a repressão contra os cartéis da droga começou em dezembro de 2006. O relatório afirma que 2009 foi o ano com maior número de vítimas da guerra das drogas, com 9.365 pessoas mortas pela violência ligada ao crime organizado.

Em 2007, no primeiro ano da ofensiva liderada pelo presidente Felipe Calderón, foram mortas 2.837 pessoas. O relatório confidencial foi entregue pelo governo aos parlamentares na noite de ontem, e agência de notícias *Associated Press* obteve uma cópia do documento hoje. O relatório informa que mais de 120.000 suspeitos foram detidos no período.

Agência Estado, 13 abr. 2010. Disponível em:
<www.estadao.com.br/noticias/internacional,mortes-ligados-ao-trafico-ultrapassam-22-mil-no-mexico,537866,0.htm>.

Ameaça de cartel não inibe imigrantes

Eles são de todos os estados mexicanos, e também estrangeiros. De todas as idades. Homens ou garotas levando filhos no colo.

Um dia, deixam as famílias e gastam centenas de dólares com um coioote (atravessador) que promete ajudar no desafio de encarar frio, calor, rio e montanha para cruzar a pé a divisa com os EUA.

Nos últimos anos, os imigrantes viraram mina de ouro para os narcocartéis mexicanos, que se aproveitam da fragilidade gerada pela ilegalidade para sequestrá-los, extorqui-los e violentá-los, quase sempre impunemente.

O massacre de 72 na segunda em San Fernando, no estado fronteiriço de Tamaulipas, foi só mais um dos muitos casos de perseguição.

“Hoje saímos [dos EUA] e amanhã já estamos de volta”, diz o mexicano Adolfo Martínez López, 28, que já cruzou a fronteira três vezes, duas com sucesso. A *Folha* o encontrou em um abrigo para imigrantes na cidade fronteiriça de Matamoros.

López emigrou pela primeira vez em 96, com a família. Dois anos depois, foi flagrado e repatriado. Em 2009, tentou duas vezes se reunir com a mulher e as filhas, que vivem na Carolina do Norte.

Agora, cogita desistir: “[O deserto] é muito duro, uma experiência única. Já vi muito lá. Cadáveres, animais como as serpentes. Elas são as piores porque atacam, e nem sempre você conhece o terreno em que está pisando”.

Nenhum obstáculo abala o também mexicano Candido de Jesús, 33, que, desde 2002, é deportado “a cada oito meses ou um ano”. “A última foi ontem à noite. Toda vez a polícia [estadual] me pega e me entrega à federal, que me deporta. Cruzar toma quatro ou cinco noites, mas não tenho medo. Gosto de saber que estou burlando [os EUA].”

Quando está nos EUA, Jesús trabalha com construção e pintura. Ele admite que a prosperidade diminuiu por causa da crise econômica, mas diz que a situação ainda é melhor que a do México. “Trabalhar de dois a três dias por semana está bom. Rende US\$ 200, US\$ 300. E, em Washington, há lugares que distribuem comida.”

Os imigrantes apontam a brevidade da prisão, prévia à deportação, como fator que motiva novas entradas. O alto custo dos coiootes é o problema. “Mas gosto dos EUA; vou voltar até que digam que não posso mais entrar ou que me coloquem um bom tempo na prisão”, diz Jesús.

Rosa Dominguez Ramos, 48, da Casa do Migrante de Matamoros, onde vivem López e Jesús, conta receber centro e sul-americanos que mentem sobre a nacionalidade. Preferem ser repatriados ao México, para ficarem perto da fronteira. Por isso, López chama a proximidade de “luxo”. “Os brasileiros, quando deportados, demoram muito para voltar.”

Gabriela Manzini. *Folha de S.Paulo*, 29 ago. 2010. Disponível em:
<www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2908201002.htm>.

RESUMINDO

Neste capítulo, vimos como a dominação externa sobre a América Central e a América do Sul levou a um subdesenvolvimento que até hoje tem forte impacto sobre a região. A maioria dos países não se industrializou, e, mesmo aqueles que o fizeram, desenvolveram uma indústria voltada inicialmente para atender interesses estrangeiros. O agronegócio, a exploração mineral, o turismo e os paraísos fiscais continuam sendo atividades intensas nos países latino-americanos.

Politicamente, a região se caracteriza por um histórico de instabilidade ou de exclusão. O processo é complexo e se relaciona a diversos fatores. Até o início do século XIX, toda a América Central e a do Sul eram colônias. Mesmo com a independência, os sistemas políticos adotados não geraram uma real democracia. Golpes militares também foram frequentes entre os séculos XIX e XX, apoiados ou não por forças externas, como no período da Guerra Fria. A consolidação democrática ocorreu apenas ao longo dos anos 1990. Hoje, enquanto alguns governos seguem a agenda neoliberal, outros buscam um investimento social maior sem romper com o capital estrangeiro e, por fim, alguns adotaram uma linha nacionalizante, como a Bolívia e a Venezuela.

Uma novidade recente é o fortalecimento dos movimentos políticos de base indígena, já que em diversos países as populações nativas ainda são expressivas. Com o retorno da democracia, os membros dessas camadas puderam se lançar nas carreiras políticas. O presidente Evo Morales, da Bolívia, é um bom exemplo; misturando o discurso popular-indígena com o nacionalismo econômico.

Em termos de conflitos ou crises, três países merecem destaque: Cuba, Colômbia e México. No caso cubano, que remonta à Guerra Fria, o governo vem buscando maior abertura econômica para dinamizar seu mercado com a participação de capital privado sob orientação do Estado. Colômbia e México, apesar de terem histórias diferentes, enfrentam o problema do narcotráfico e da presença de grupos fortemente armados capazes de desafiar o poder do governo.

■ QUER SABER MAIS?



FILME

■ *Pachamama*. Direção de Eryk Rocha. 105 min. Brasil, 2008.

O documentário filmado no Peru e na Bolívia mostra o aumento da influência indígena nas questões políticas e as divergências internas nos dois países.

Exercícios complementares

- 1 UFV** O Tratado do Canal do Panamá, assinado entre os Estados Unidos e o Panamá em 1977, estabelece que, no dia 31 de dezembro de 1999, aquele canal passará, definitivamente, para o controle panamenho. Considerando o aspecto geoeconômico, o canal do Panamá é:
- um istmo natural, ligando o oceano Pacífico, o Mar do Caribe e o lago Titicaca.
 - uma obra de engenharia que, diferentemente do canal de Suez, foi concluída sem muita dificuldade e em tempo recorde, devido à topografia favorável da região.
 - um conjunto de três eclusas naturais que, conforme o movimento das marés, eleva as embarcações de um nível a outro.
 - uma travessia secundária ligando o oceano Atlântico ao Pacífico, porque a maior parte dos navios continua utilizando a rota do Cabo Horn para passarem de um oceano a outro.
- (e) uma ligação estratégica entre os oceanos Atlântico e o Pacífico, de vital importância econômica para os EUA, à medida que, por ela, passam 70% de suas exportações e importações.
- 2 UFG** Há pouco mais de dez anos avaliava-se que o regime cubano não sobreviveria devido ao fim da União Soviética, principal parceiro comercial de Cuba, e à manutenção do embargo econômico-político promovido pelos Estados Unidos. Considerando-se essa situação:
- indique duas medidas adotadas pelo governo que flexibilizaram o regime cubano.
 - explique um fator político-econômico que possibilitou a intensificação das relações de Cuba com o Brasil e a Venezuela.

3 PUC-Rio



Fonte: "A democracia na América Latina". In: Best of Latin America, Cagle Cartoons, El Universal, Cidade do México, 1 set. 2005.

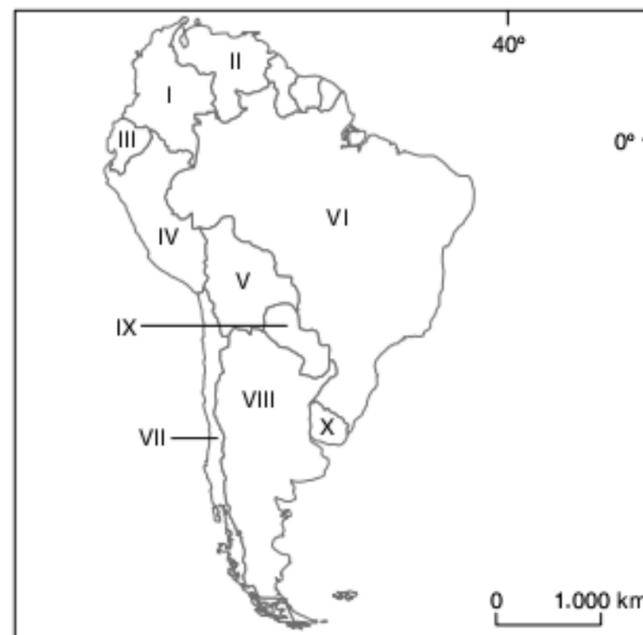
A América Latina vem passando, desde o início da última década, por processos de redemocratização que reativaram projetos socioeconômicos há muito desejados pelos povos da região. Porém, existem disparidades entre os desejos por justiça social dos povos latinos e as possibilidades político-econômicas de se chegar, mais rapidamente, à justa equidade socioespacial. Em relação a este momento singular na região, responda às questões a seguir.

- Identifique o país da América Andina onde os movimentos sociais históricos levaram ao poder executivo do Estado nacional um descendente de ameríndios, em 2006, e explique de que maneira a sua ação política vem colocando em xeque a globalização em seu país.
- Explique dois fatores ligados às ações paramilitares e/ou econômicas dos narcotraficantes que caracterizam a atual crise de governabilidade vivenciada pela Colômbia.

4 UFMG A instabilidade político-social que vem ocorrendo na América do Sul pode, segundo alguns especialistas, colocar em risco a democracia na região. Considerando-se essa instabilidade político-social, é incorreto afirmar que:

- o PIB tem registrado em alguns países uma expansão superior à média regional, mas, em parte destes, o percentual da população que vive abaixo da linha da pobreza continua a aumentar.
- a América do Sul se transformou, nos últimos anos, no principal foco de interesse externo dos Estados Unidos, o que tem estimulado manifestações populares pautadas na defesa da soberania dos países que a constituem.
- a expectativa das populações em relação à implantação da democracia no subcontinente incluía a aproximação dos padrões de qualidade de vida existentes em países no hemisfério Norte, de igual regime.
- a região convive com a prática da corrupção, a interrupção de mandatos de presidentes legitimamente eleitos e o descompasso entre as propostas de campanha eleitoral e os programas sociais e econômicos implantados posteriormente.

5 Unifesp Muitas crises políticas afetaram a América do Sul nos últimos anos por razões distintas. Observe o mapa a seguir e responda.

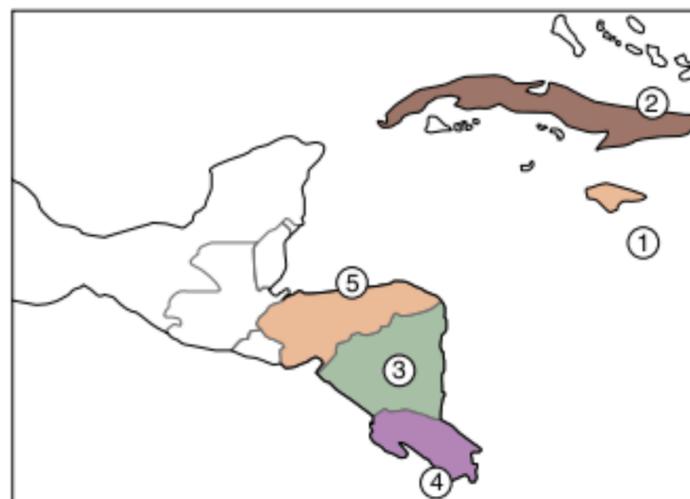


Simielli, 2001.

Pode-se afirmar que as crises nos países:

- I e II foram geradas por oposição aos Estados Unidos.
- III e VIII decorreram do ingresso em blocos regionais.
- IV e V estão associadas ao tráfico de narcóticos.
- VI e X resultaram da eleição de políticos de esquerda.
- VII e IX foram causadas pelo não pagamento da dívida externa.

6 UFPE Identifique, no mapa, o país da América Latina descrito a seguir.



Esse país vem atravessando uma grave crise econômica, desde o fim da União Soviética, da qual possuía uma grande dependência. Tem um relevo predominantemente plano, com uma zona montanhosa na porção sudeste, onde se destaca uma unidade geomorfológica historicamente conhecida: a "Sierra Maestra". O modelo de saúde e educação adotado pelo governo do país elevou, de uma certa forma, o padrão de vida dos habitantes. O país referido está indicado pelo número:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

7 PUC-MG Na América Latina ainda persistem alguns conflitos nacionais que caracterizam uma relativa instabilidade política em algumas partes do continente. Alguns desses conflitos são muito conhecidos e divulgados pela mídia, como o do "Sendero Luminoso" e o dos "Chiapas". Esses dois conflitos internos se relacionam com os seguintes países:

- Uruguai e Nicarágua.
- Colômbia e El Salvador.
- Colômbia e Bolívia.
- Bolívia e Peru.
- Peru e México.

África

11

FRENTE 1

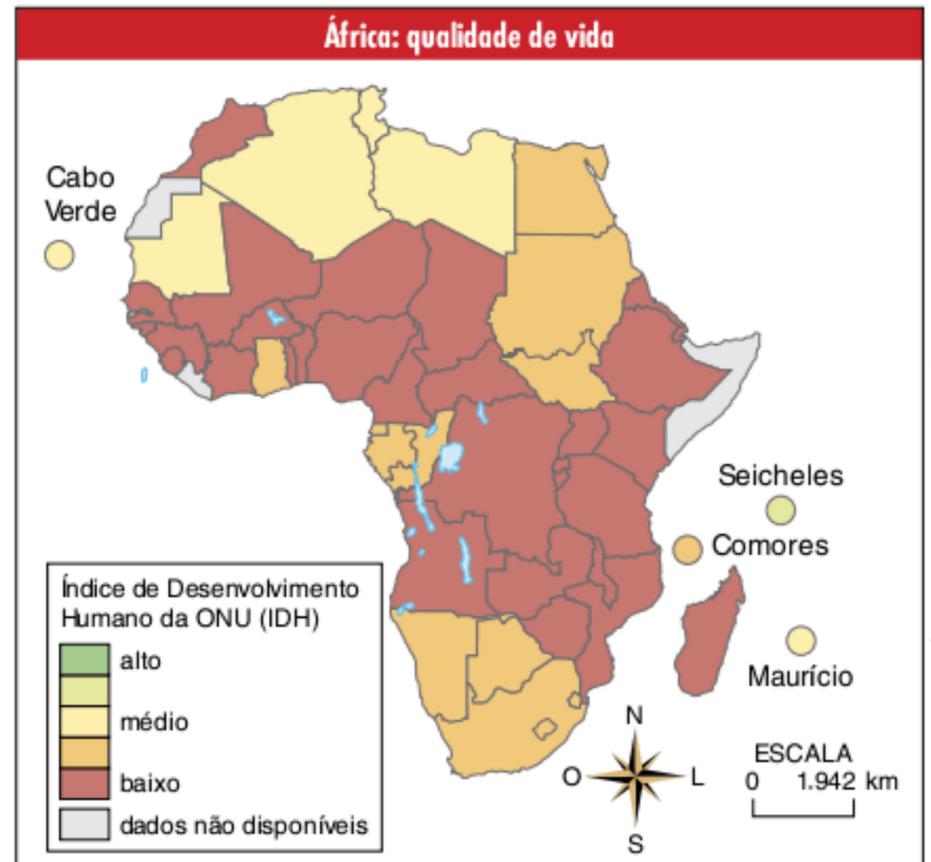


A África é um continente onde encontramos diversas formas de vida. Suas crenças, línguas, técnicas e costumes são bastante diferentes entre si. Essa diversidade dificilmente é identificada de imediato e, às vezes, é pouco conhecida fora do continente. Isso ocorre, provavelmente, devido ao destaque que é dado à gravidade de seus problemas sociais, característica comum de quase todas as terras africanas.

Os problemas sociais do continente africano têm o agravante de se acumularem e se retroalimentarem. As crises de fome e os conflitos étnico-religiosos surgiram e intensificaram-se com as mudanças na estrutura econômica de povos tradicionais, promovidas pelos colonizadores europeus. Recentemente, algumas mudanças climáticas também levaram a disputas por terra e migrações, que, por sua vez, levaram a choques entre o povo imigrante e aquele que está na terra onde esses imigrantes buscam se estabelecer.

África: caracterização geral

As crises de fome impulsionam os conflitos, que, por sua vez, resultam em mais crises. Além disso, as tentativas dos países ricos de auxiliar os pobres do continente africano muitas vezes vêm apenas reforçando o poder de elites locais corruptas, interessadas principalmente em ampliar seus domínios. A seguir, veremos os principais processos que geraram e continuam a manter essa situação. No caso dos conflitos africanos, é necessário fazer uma ressalva: o continente apresenta uma instabilidade tão grande que chega a ser difícil acompanhar todos os conflitos. Dessa forma, a qualquer momento, um novo choque étnico ou um novo golpe militar pode ocorrer. O importante, no entanto, é ter uma boa visão das origens gerais de tais conflitos e estudar alguns deles como exemplos. Por fim, faz-se necessário lembrar que o continente africano é muito ligado às economias estrangeiras e apresenta uma estrutura econômica frágil, muito dependente de investimentos externos ou mesmo de ajuda humanitária. Crises econômicas como a de 2008 e a 2010 afetaram severamente a região, pois retiraram o capital externo.



O continente africano tem um litoral pouquíssimo recortado. Seu relevo é dominado por planaltos antigos e muito desgastados, portanto, pouco acidentados e com altitudes moderadas. Como principais exemplos, temos os planaltos da África do Sul, da Etiópia e dos Grandes Lagos. Nesse último, falhas tectônicas deram origem aos importantes lagos: Vitória, Tanganica e Niasa, assim como, por causa da intensa atividade sísmica e vulcânica da região, aos montes Quênia e Kilimanjaro, os mais altos do continente africano, com 5.201 e 5.895 metros de altitude, respectivamente.

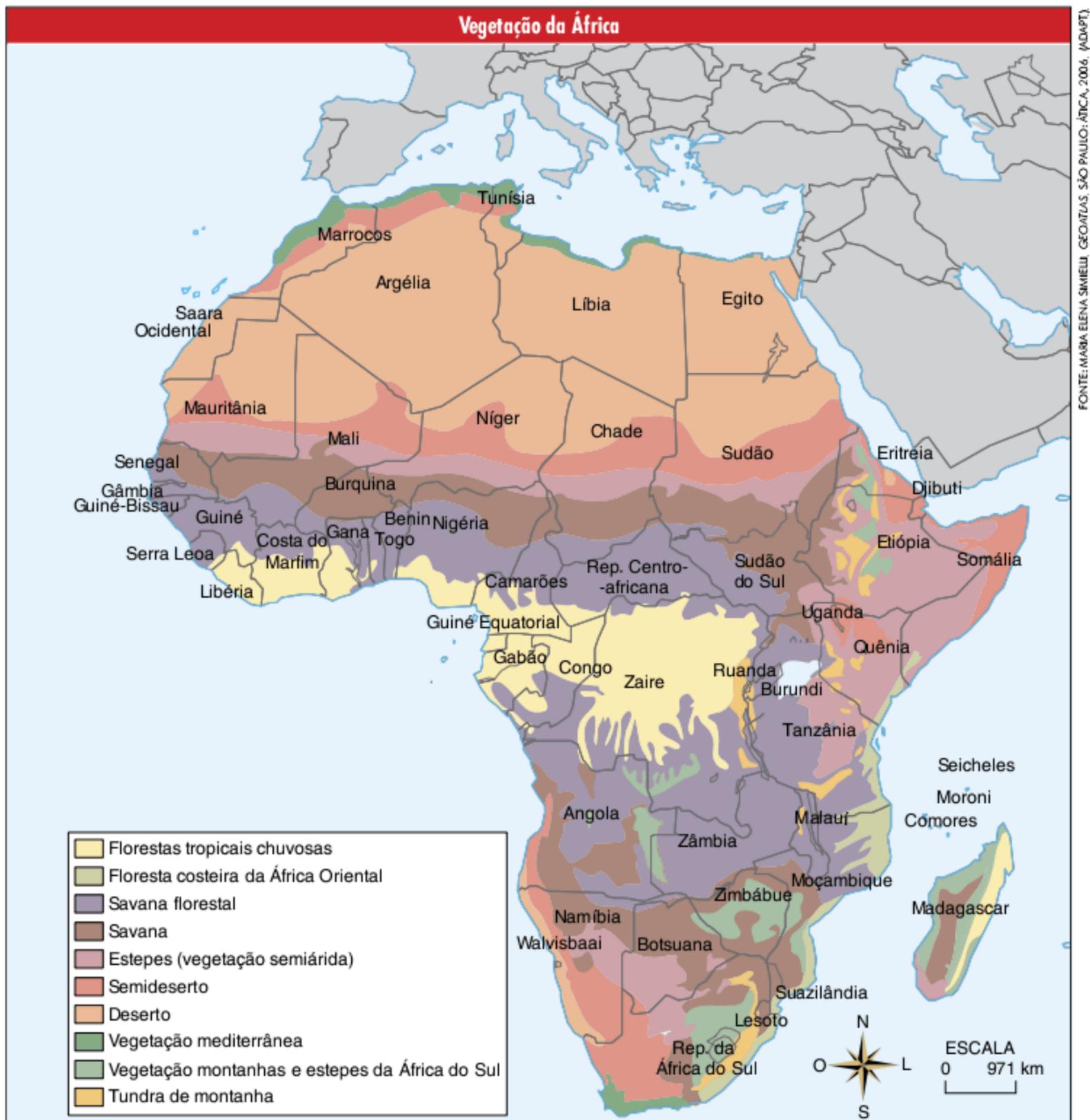
Essa tendência de predomínio de antigos planaltos muda um pouco na porção noroeste do continente. Ali encontramos extensas bacias como as do Níger, do Chade e do Congo, além da cadeia do Atlas, uma cordilheira montanhosa formada por dobramentos modernos.

Os principais rios que caracterizam a hidrografia africana são Congo (segundo maior do mundo em volume de água, depois do Amazonas), Nilo e Níger. Os dois últimos são muito utilizados para irrigação, principalmente por atravessarem áreas de climas áridos e semiáridos.

Em termos climáticos e biogeográficos, a África costuma ser conhecida como o continente espelho. Cortado, aproximadamente, em sua porção central pelo Equador, tal continente apresenta domínios climatobotânicos, que se distribuem de forma semelhante ao sul e ao norte.

Na região central, encontramos o clima equatorial e uma densa floresta pluvial. Conforme nos afastamos para o sul ou para o norte, os efeitos da latitude são notados, tomando os climas mais secos. A diminuição da umidade faz com que a vegetação se torne menos densa, primeiramente na forma de savanas florestadas, em seguida, de savanas sem árvores e, finalmente, estepes, nas quais encontramos áreas semiáridas e desérticas.

Os grandes desertos africanos são os do Saara (no norte), da Namíbia e de Kalahari (no sul). Entre o Saara e as savanas, que se localizam mais ao sul, encontra-se o chamado Sahel, uma área semiárida que se expande por causa do processo de desertificação. A discussão sobre as causas do declínio de umidade nessa região ainda geram polêmicas, mas a maioria dos estudiosos concorda que o desmatamento e as mudanças climáticas mais amplas colaboram com a expansão da área seca.



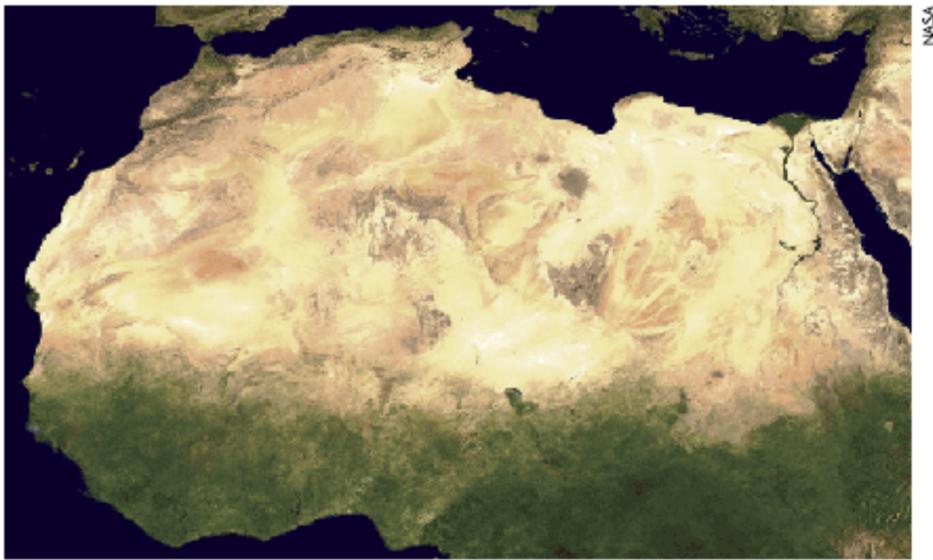


Fig. 1 Deserto do Saara em foto de satélite.



Fig. 2 Deserto do Kalahari.

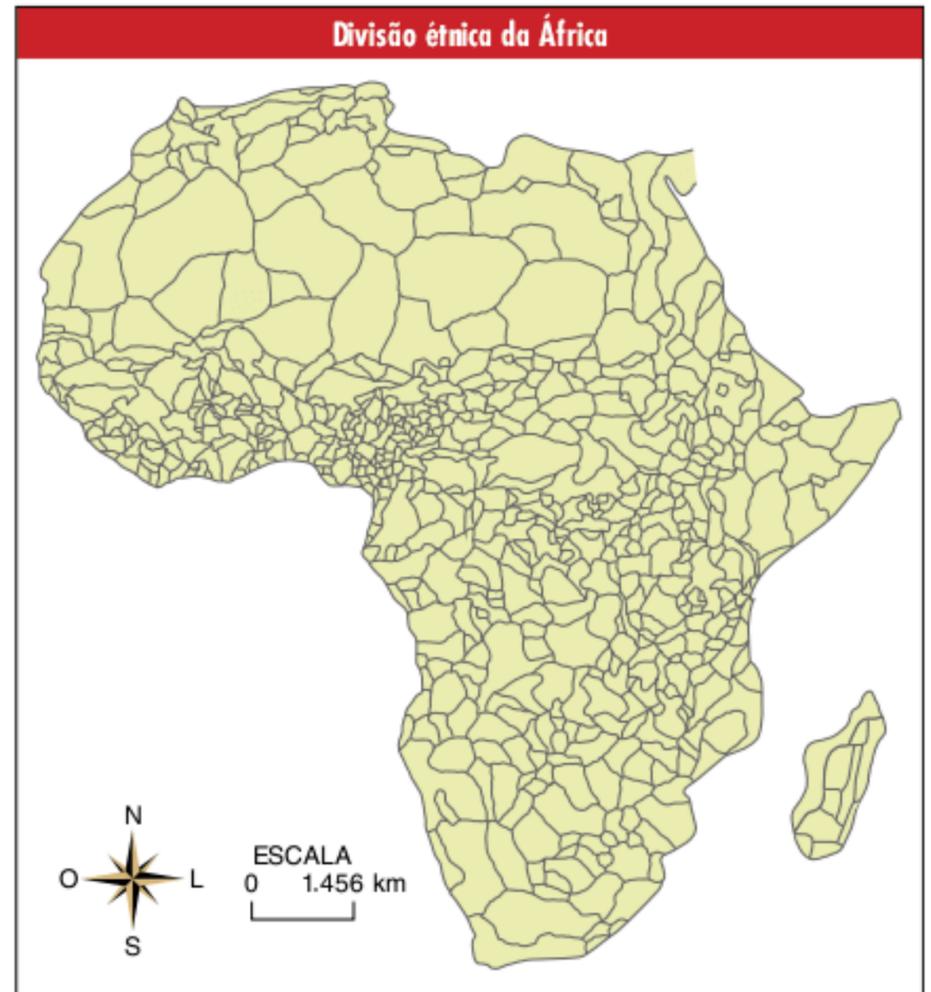


Fig. 3 Deserto Namibe, Namíbia.

Desse processo decorrem os violentos conflitos no continente. Aliás, conflitos e problemas sociais são as principais marcas da África atualmente. Muitos tendem a ver apenas aspectos naturais como originários de tal situação; no entanto, sabemos que processos históricos colaboraram diretamente com ela.

De forma geral, podemos estabelecer uma divisão cultural, religiosa e étnica, que pode contribuir para o entendimento dos conflitos, apesar de não serem os únicos fatores determinantes. A África do Norte apresenta uniformidade religiosa (islamismo) e uma quantidade relativamente pequena de etnias, o que ajuda a diminuir a incidência de conflitos e que se explica, em parte, pela presença do Saara, que gera um ambiente incapaz

de sustentar grandes populações. Já a África Subsaariana apresenta uma grande diversidade religiosa, com a presença do Islamismo, do Cristianismo e das religiões animistas, nativas da África. Existe também uma enorme diversidade étnica, que contribui para que os conflitos sejam sempre complexos, envolvendo diversos fatores, como, por exemplo, o desenvolvimento de uma grande diversidade demográfica.



Até o início do século XIX, apenas o Norte e o litoral da África sofriam com a colonização europeia. O centro do continente começou a ser colonizado em meados do século XIX. A partir daí, a colonização europeia durou até a década de 1970, e suas consequências se fazem presentes até hoje.

Com o argumento de levar a civilização aos povos africanos, muitos estudiosos e aventureiros adentraram o continente. Das simples descobertas de diversos povos e grandes belezas naturais, os europeus partiram para a exploração dos recursos e para a dominação da população. O processo de colonização da África fez com que os povos desse continente fossem desestruturados, o que atingiu as economias locais, além de criar fronteiras artificiais que deram origem a guerras civis. Sem falar no tráfico negreiro, que transportou quase 40 milhões de africanos para a América e Oriente Médio. Com isso, o desenvolvimento econômico da maioria dos países africanos tornou-se cada vez mais difícil. Além disso, a miséria generalizou-se no continente e, hoje, países inteiros são tomados por fome, baixa expectativa de vida, analfabetismo, desemprego e epidemias.

Existem diferenças entre os países africanos. Para facilitar o estudo, dividimos o continente em duas regiões distintas: o Norte da África e a África Subsaariana, a qual inclui a República Sul-Africana.

Religiões animistas

Considerado o primeiro estágio da evolução religiosa da humanidade, no qual o homem primitivo crê que todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente.

África Subsaariana

Todos os países do mundo com IDH baixo (menor que 0,5) estão localizados na África Subsaariana, região conhecida também como África Negra. A intensidade dos problemas sociais dessa área do globo é tão grande que muitos desses países são considerados excluídos da economia global pelas grandes empresas, fazendo com que o capital internacional não tenha interesse em investir nesses países. Com isso, forma-se um ciclo de problemas, pois sem investimentos os governos não têm recursos, sem recursos não há melhorias, sem melhorias as crises se agravam, contribuindo ainda mais para afastar os investimentos.

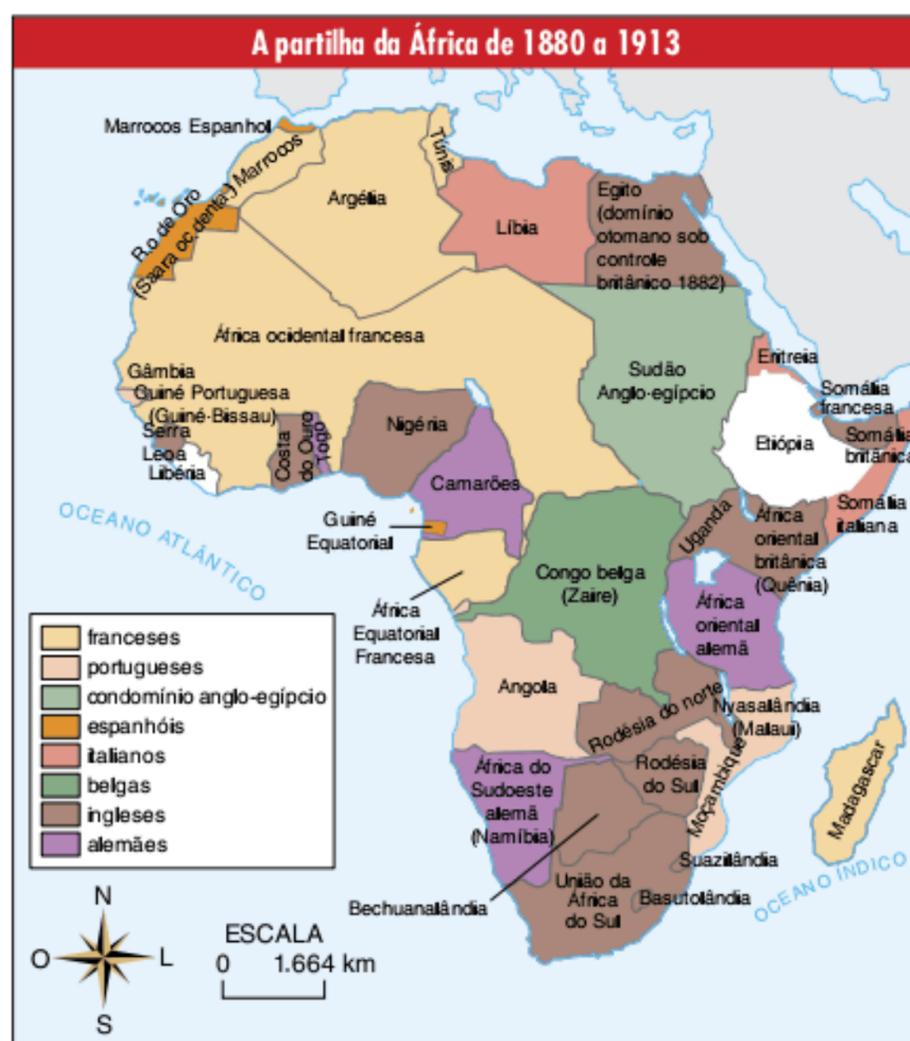


Tal situação só pode ser compreendida à luz da história da colonização do continente africano pelos europeus. Durante o século XIX, a Europa conheceu um grande surto de industrialização, o qual elevou à necessidade de matérias-primas baratas e mercado consumidor. Cada país que se industrializava procurava garantir suas posses coloniais no mundo. Em 1885, realizou-se a Conferência de Berlim, na qual as potências europeias buscaram resolver suas disputas pelos territórios africanos.

Estavam definidas as regras do jogo de ocupação do continente. Cada potência europeia tinha de comunicar às outras suas intenções de colonização dessas terras. A partir daí, iniciou-se uma corrida imperialista, na qual os países europeus foram definindo as fronteiras de suas colônias por meio de acordos entre si, desconsiderando as necessidades e a história dos povos africanos. Os resultados foram diversos: em alguns casos, um mesmo povo foi dividido entre vários países; em outros, povos inimigos foram agrupados no mesmo país. Em ambos os casos, o desencontro entre as fronteiras políticas e culturais foi, e ainda é, um fator de desestabilização. Quando os europeus se retiraram, suas colônias se tornaram países multiétnicos e instáveis.



Fig. 4 Crianças somalis esperando pela ajuda americana da Operação Good Relief, em 1992.



Realizada a divisão, desenvolveu-se a implantação de economias agroexportadoras, obrigando a população africana a abandonar sua economia tradicional de subsistência para dedicar-se às *plantations*. Trabalhando como mão de obra assalariada e barata em plantações voltadas para exportação, os indivíduos ficaram cada vez mais dependentes dos baixos salários para garantirem sua sobrevivência. Em muitos casos o interesse externo pelas riquezas africanas fez com que os governos estrangeiros apoiassem ditaduras locais capazes de manter a ordem e possibilitar a exploração econômica.

A epidemia de Aids

Atualmente, a África Subsaariana é a região mais afetada do mundo pelo vírus da Aids. Nessa região, estima-se que aproximadamente 30 milhões de pessoas estejam infectadas. A epidemia se alastra pela falta de programas de prevenção. Não há campanhas para esclarecimento da população, muito menos para distribuição de preservativos. O alastramento da doença na região reflete a precariedade de todo o sistema de saúde pública. Mesmo as doenças de combate relativamente mais simples, como a cólera, a malária, a febre amarela e a tuberculose, se espalham facilmente nos

países africanos, por causa da falta de condições para a prevenção e tratamento dos doentes. Essa falta de condições atinge todos os setores: faltam médicos, materiais, infraestrutura, campanhas na mídia, campanhas do governo e educação nas escolas (muitas vezes faltam escolas). Em alguns países, o apego a crenças populares também dificulta os tratamentos médicos de base científica. No caso da Aids, o impacto é tão grande que chega a afetar a expectativa de vida de alguns países, diminuindo-a em cerca de vinte anos.

República da África do Sul

Apesar de localizar-se na África Subsaariana, a África do Sul possui algumas especificidades que necessitam ser analisadas separadamente. Os primeiros europeus a chegarem na região foram os holandeses, que fugiam das perseguições religiosas na Europa. Esses primeiros colonos ficaram conhecidos como bôeres e se dedicavam à agricultura e à pecuária.

Durante o século XIX, os conflitos com a população negra local fizeram com que muitos dos bôeres se deslocassem para o interior, fundando as províncias de Orange e Transvaal. A partir de 1801, os ingleses começaram a se instalar no sul do país, província do Cabo, fundando a cidade com o mesmo nome. Rapidamente estabeleceu-se um conflito entre os colonos ingleses, chamado de antiescravidão, e os holandeses, os quais acreditavam que a separação entre as raças e a afirmação da superioridade branca era a vontade de Deus. Para marcar a diferença, os bôeres passaram a se denominar de africânderes, distinguindo-se dos colonos de origem inglesa. Entre 1898 e 1901, a Guerra dos Bôeres pôs fim às disputas entre brancos, dando origem à União Sul-africana, que reúne todas as províncias e que se transformou em uma colônia inglesa. A partir desse momento, iniciaram-se as primeiras medidas que levaram ao *apartheid*, política segregacionista que caracterizou a África do Sul até a década de 1990.



Fig. 5 Placa na praia em Durban. “Pelos leis do artigo 37, essa área é reservada para o uso exclusivo da raça branca.” (1989).

Em 1911, o *Colour Bar Act* proibiu os negros de ocuparem empregos qualificados. O *Native Land Act*, de 1913, dividiu as terras entre descendentes de europeus e negros. Mesmo representando 75% da população, os negros ficaram com apenas 8% das terras locais e ficaram conhecidos como bantustões.



Fig. 6 Área rural em Ciskei, um dos bantustões.

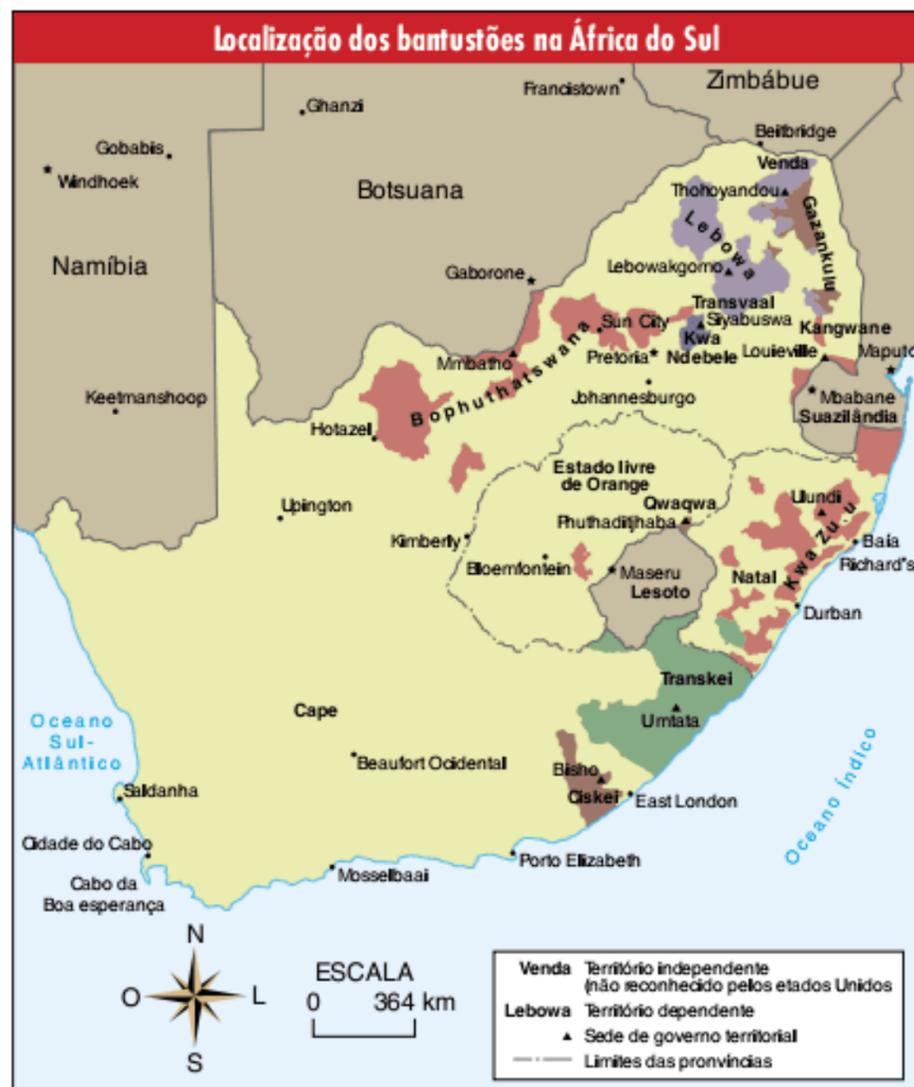
Ao mesmo tempo, o *pass system* limitou a circulação dos negros pelo país. Mas foi a partir de 1949 que a política do *apartheid* começou a criar corpo. Com a subida ao poder de Daniel François Malan, foram proibidos os casamentos entre descendentes de europeus e negros ou mestiços, intensificando-se a segregação quanto ao local de residência, à frequência de logradouros públicos no transporte coletivo e nas universidades. Durante a década de 1950, os Estados Unidos, a ONU e principalmente a Inglaterra passaram a pressionar o governo da África do Sul, ainda colônia inglesa.

Em virtude das pressões sofridas, os sul-africanos declararam independência em relação à Inglaterra e transformaram-se na República da África do Sul.

O endurecimento do regime do *apartheid* levou a várias revoltas da população negra. Na tentativa de contê-las, o governo sul-africano tomou medidas drásticas, ordenando milhares de prisões e muitas execuções. Na década de 1970, como forma de impedir a migração de negros para as cidades do país, o governo decretou a independência de alguns bantustões, transformando-os em países à parte, fazendo com que os habitantes perdessem sua nacionalidade. Pouquíssimos países reconheceram esses bantustões como países independentes.

Segregação

É um ato ou processo de isolar ou ser isolado de outros; discriminação.



iam no sentido de acabar com o *apartheid*. Os presos políticos foram libertados, suspenderam-se as execuções e os partidos políticos (inclusive aqueles que lutavam contra o regime) foram legalizados.

Francisco José Pereira. *Apartheid: o horror branco na África do Sul*. Ed. Brasiliense, 1985.



Fig. 7 Nelson Mandela foi uma das principais figuras da oposição ao *apartheid*.

SAIBA MAIS

Algumas leis que constituíam o *apartheid*

- É ilegal que uma pessoa branca e uma negra tomem juntas uma xícara de chá num café de qualquer lugar da África do Sul sem que obtenham permissão especial para fazê-lo.
- O homem casado ou solteiro cuja aparência seja evidentemente branca ou que em geral é aceito e considerado branco, que tente ter relações sexuais com uma mulher que por sua aparência não seja evidentemente branca ou que em geral não seja aceita ou considerada branca, é culpado de delito reprimido, com prisão e trabalhos forçados de até sete anos, ao menos que possa provar ao tribunal que naquele momento julgava ser a mulher branca.
- Para decidir se uma pessoa é ou não, "pela aparência, evidentemente, branca" o funcionário competente leva em consideração "seus hábitos, educação, modo de falar, aspecto e comportamento em geral".
- Se um negro senta-se num banco em parque público destinado a uso exclusivo de brancos, como forma de protesto contra as leis do *apartheid*, comete delito reprimido, com multa de 600 rands ou prisão por até três anos, ou pena de até dez chicotadas ou dois castigos de uma vez.

As pressões internacionais continuaram, estabeleceu-se uma série de embargos econômicos em relação ao país. A situação foi ficando cada vez pior para os sul-africanos. A última tentativa de manter o *apartheid* ocorreu em 1984, quando uma nova constituição reafirmou seus princípios. As coisas começaram a mudar em 1989, quando foi eleito Frederik De Klerk. O novo presidente tomou medidas que

Com o fim do *apartheid* sul-africano, que foi condenado internacionalmente, ocorreu em 1994 a primeira eleição na África do Sul, na qual todos os habitantes tiveram os mesmos direitos de votar e se candidatar. Em 1995, Nelson Mandela, grande líder na luta contra o *apartheid*, foi eleito presidente. Em 1999, Thabo Mbeki, vice-presidente de Mandela foi eleito para substituí-lo, o que reafirmou a mudança de poder político no país.

É importante destacar que, no período em que vigorava o *apartheid*, a África do Sul conheceu um expressivo desenvolvimento econômico, baseado na superexploração da mão de obra negra, e barata, pelos descendentes de europeus. Por causa do seu caráter nacionalista e do apoio inicial das potências europeias, o governo conseguiu realizar grandes investimentos na área de indústrias de base e infraestrutura, garantindo a formação de um complexo parque industrial. É evidente que, nas condições políticas em que tal crescimento econômico ocorreu, apenas os brancos foram beneficiados, criando-se uma acentuada desigualdade social no país. Mesmo assim, após todas essas mudanças, a África do Sul continua sendo um país que guarda fortes desigualdades sociais com base na cor da pele. A igualdade perante a lei nada garantiu ainda aos negros desse país, os quais têm de continuar aceitando os piores empregos, em virtude da péssima formação escolar que o regime do *apartheid* lhes deu; morar nos piores bairros; enfim, ter um baixo nível de vida, decorrente da herança dos tempos da discriminação oficializada.

Recentemente, o relativo sucesso econômico do país começou a atrair imigrantes e refugiados dos países vizinhos, como o Zimbábue. Tais imigrantes não foram aceitos pela população negra, pois foram vistos como concorrentes no mercado de trabalho, favorecendo alguns choques étnico-econômicos.



Os conflitos no continente africano

No contexto da Guerra Fria, os conflitos internos de cada país africano foram utilizados, em busca de benefícios próprios, pelos Estados Unidos, pela URSS, França, Itália, Bélgica, Grã-Bretanha, China e por Cuba. Esses países apoiavam lados diferentes em cada uma das guerras, fornecendo armamentos e dinheiro. As origens de tais conflitos estão ligadas, principalmente, às disputas entre as antigas tribos, pelas quais se dividia a população africana antes da colonização, e às disputas de fundo político-ideológico, apoiadas pelos países socialistas e capitalistas durante a Guerra Fria. Apesar de esses fatores se misturarem no processo que deu origem a cada conflito, podemos diferenciar estes últimos em três tipos: as guerras étnicas, o separatismo e as guerras civis entre grupos ideologicamente opostos.

As guerras étnicas estão ligadas às disputas entre tribos inimigas que foram reunidas à força durante o período da colonização. Tais tribos já tinham uma história de guerras na disputa por territórios dentro do continente. Essa rivalidade histórica foi ainda mais acentuada pelos colonizadores europeus, que acabaram transformando algumas tribos em elites locais, as quais os ajudaram na colonização. Importantes exemplos de guerras tribais na África são os conflitos da Libéria, de Ruanda e do Burundi.

Libéria

A Libéria foi criada pelos Estados Unidos com a intenção de repatriar os escravos americanos libertados no século XIX. A ideia era de que os descendentes de africanos se sentissem "em casa" se estivessem na África. Simplesmente desconsiderando que essas pessoas não tinham mais a cultura de seus

antepassados, o governo americano acabou criando uma colônia americana de negros na África. Porém, no território da Libéria, a maioria da população continuou formada pelos nativos locais, os quais não aceitaram a chegada de seus parentes distantes que falavam a língua inglesa e tinham religião cristã. O conflito era inevitável. Mas o governo americano interveio a favor dos ex-escravos, que se constituíram como uma elite local, possuidora da maior parte das terras e do poder político. Formou-se, então, uma cisão no país; a população dividiu-se entre os descendentes de ex-escravos americanos e os outros tantos grupos de africanos. A diferença cultural e religiosa e, principalmente, a desigualdade econômica e política entre esses grupos fizeram da Libéria um país que sofre, até os dias atuais, com a constante guerra pela posse do poder.



Ruanda e Burundi

Ruanda e Burundi fizeram parte da colônia alemã na África Subsaariana até a Primeira Guerra Mundial, quando passaram a ser controladas pela Bélgica. Os dois principais grupos étnicos, os tutsis e os hutus, que compõem a população desses dois países, têm uma disputa histórica pelo poder. Até a década de 1950, os tutsis, que constituem uma minoria da população, tinham o poder político garantido pelas estruturas tradicionais de poder. Na década de 1960, os hutus tomaram o poder e estabeleceram a separação de Ruanda e Burundi. Desde então, ocorrem sangrentos conflitos nesses dois países. Com base no ódio étnico, vários grupos armados de origem hutu mataram e expulsaram milhões de camponeses tutsis de Ruanda e de Burundi. Criaram-se grandes campos de refugiados nos países vizinhos, principalmente na República Democrática do Congo (ex-Zaire).

Os conflitos separatistas não têm, necessariamente, um fundo étnico. O problema surgiu devido às diferenças históricas entre grupos que habitam um mesmo país, mas que não se consideram parte de uma mesma nação. No caso da África, o separatismo está vinculado ao processo de descolonização que eliminou o colonialismo, mas, por outro lado, impôs aos africanos a mesma estrutura de organização política baseada no Estado-nação, criada na Europa. Essas mudanças estruturais trouxeram consigo um outro problema, que é a necessidade de adaptar os costumes locais a uma estrutura de organização política vinda de fora. Com isso, surgiram vários conflitos, sendo que os principais ocorreram na região do Chifre da África, na Etiópia e na Somália.



STERN/WANDY/WIKIPEDIA

Fig. 8 Bujumbura, a capital de Burundi.



O Chifre da África

Em 1993, a região Norte da Etiópia separou-se do país, dando origem à Eritreia. Fazia muito tempo que essa região era ocupada por um povo diferente do restante do país, estando apenas unida a ele em virtude das imposições dos colonizadores. O processo de separação entre os dois países gerou muitas mortes e é uma das causas da atual miséria de ambos os países, que, aliás, continuam em guerra para definição das fronteiras. Tanto nos conflitos da Somália como nos da Etiópia, houve uma forte influência dos Estados Unidos, da URSS e de Cuba, formando grupos pró e contra cada um dos blocos, os quais caracterizaram a Guerra Fria.



Somália

Durante a Guerra Fria, a Somália viveu o governo ditatorial de Siad Barre, que se aliou inicialmente à URSS e, posteriormente, mudou de lado, passando a apoiar os EUA. Quando a Guerra Fria terminou, o governo ficou sem apoio porque não era mais necessário combater a ameaça socialista. Em 1991, Barre foi derrubado e, depois dele, não se estabeleceu mais um poder capaz de controlar o território. Instalou-se uma guerra civil que teve a intervenção da ONU, e parte de sua população tentou se tornar independente, criando a Somalilândia, em 1994. O resultado da divisão do território não foi o esperado, porém a possibilidade de o país se dividir ainda existe.



Atualmente, a falta de um Estado funcional gera diversos problemas. O país se divide em diversos grupos armados e inimigos, incluindo grupos religiosos muçulmanos.

O colapso do Estado somali gerou também um colapso da economia como um todo. Sem perspectivas, muitos moradores do litoral optaram pela pirataria como fonte de renda. A Somália está em uma posição geográfica estratégica, pois controla um dos lados da saída do Mar Vermelho para o Oceano Índico, uma das principais passagens comerciais do mundo para o transporte marítimo, favorecendo a pirataria. Nos anos 2000, esse fenômeno obteve importância e se tornou um problema internacional. Os piratas sequestram os navios e suas tripulações e exigem resgates. As cargas dos navios nem sempre são úteis, mas o maior interesse desses piratas é o dinheiro dos resgates.

Angola e Moçambique

Apesar de a influência da Guerra Fria ser visível no caso etíope ou somali, ela fica mais clara no caso de Angola e Moçambique, países onde, podemos dizer, houve conflitos de natureza político-ideológica.

Colônias portuguesas até 1975, Angola e Moçambique, ao se tomarem independentes, adotaram o sistema socialista e se aliaram à URSS e a Cuba. Se, por um lado, esta posição lhes valeu apoio soviético e cubano, por outro, os Estados Unidos e a África do Sul apoiaram, com armamentos e soldados, os grupos contrários ao regime socialista: Unita (em Angola) e Renamo (em Moçambique). A Guerra Civil tomou conta dos dois países, causando grande decadência econômica, principalmente pela desestruturação da agricultura. Moçambique conseguiu concretizar um acordo de paz entre 1993 e 1995, aproximando-se dos países europeus e da nova África do Sul, liderada por Nelson Mandela. Angola, hoje também pacificada, se reconstrói com apoio das exportações de petróleo, principalmente para a China. Essa reconstrução gera diversas oportunidades de investimento, o que tem atraído o capital internacional para a região.



Fig. 9 O centro da capital de Angola, Luanda.

Sudão

O Sudão é outro país da África que sofre com os conflitos. Ex-colônia inglesa, obteve sua independência em 1956. Esse país apresenta diferenças climáticas, étnicas e religiosas, além de ter petróleo, o que interessa aos investidores estrangeiros. Embora seja um país com tantas diversidades, isso não é considerado positivo, pois apresenta todos os tipos de problemas que um país africano pode ter.

Com relação à religião, no Norte a população é de origem árabe e adota a religião islâmica; no Oeste, região de Darfur, a população é negra e também adota o islamismo; e no Sul, a população, negra, é cristã ou animista.

Em termos climáticos, o país é desértico ao norte, cortado ao meio pelo Sahel e ao sul apresenta regiões relativamente mais férteis, como a região de Darfur, por exemplo.

Após a independência, o país passou por uma longa guerra civil. O governo, sediado no Norte islâmico, buscou adotar leis baseadas na religião islâmica, enfatizando a cultura árabe. A população do Sul não aceitou tais mudanças e iniciou uma rebelião. A guerra civil iniciou-se em 1983 e somente terminou em 2005, deixando cerca de dois milhões de mortos. Apesar da pacificação e da independência do Sul (dando origem a um novo país, o Sudão do Sul) em relação ao governo de Cartum (capital do Sudão), a região ainda vive de forma tensa.

ATENÇÃO!

Sudão do Sul

Como parte do acordo de paz assinado em 2005 pelo Sudão e o Exército de Libertação do Povo Sudanês (SPLA, grupo armado que representa os interesses sulistas), foi realizado um plebiscito, no início de 2011, em que 98% da população do sul votou pela criação de um novo país: o Sudão do Sul. Além de possuir mais recursos hídricos e solos férteis, este país conta com 75% do petróleo que antes pertencia ao Sudão.

Isto, porém, não traz garantias de estabilidade política a longo prazo do novo Estado, cuja capital é Juba. A exportação de petróleo, responsável por aproximadamente 98% da economia do Sudão do Sul, é controlada pelo governo de Cartum, uma vez que os oleodutos e a saída para o Mar Vermelho estão em seu território. Este quadro torna o novo país dependente de seu antigo rival.

Sudão e Sudão do Sul acordaram uma divisão dos lucros provenientes do petróleo, em que o Sudão recebe 50% do que é arrecadado com a exploração do recurso de seu vizinho do sul. Entretanto, algumas das regiões de fronteira que são produtoras de petróleo ainda têm grande presença de milícias armadas, apoiadas pelos dois países.

Além do conflito Norte-Sul, há também o conflito de Darfur. Tal conflito teve origens climáticas, étnicas, políticas e econômicas. A população negra islâmica da região vive basicamente da agricultura. Até a década de 1980 era comum essa população receber, sem problemas, pastores árabes islâmicos que vinham do Norte com seus rebanhos nas épocas de seca muito intensa. A partir dos anos 1990, a desertificação da região fez com que a agricultura de Darfur fosse prejudicada. A escassez de água e terras férteis modificou a relação entre os agricultores locais e os pastores que vinham do Norte. A situação ficou mais crítica quando a população local passou a não permitir que os pastores usassem a água e a terra para alimentar seus animais, já que a própria agricultura estava muito enfraquecida. Nesse momento, entrou em cena a questão política: o governo, dominado por árabes islâmicos, apoiou os pastores árabes, os quais passaram a atacar a população negra, que, em contrapartida, se armou para se defender; assim, deu-se início a uma guerra na região.



FONTE: NATIONAL GEOGRAPHIC E MUNDO IN ALMANAQUE ABRIL 2010.

A parcialidade do governo, nesse caso, e as ações perpetradas pelos invasores árabes levaram o presidente do país a ser condenado pelo TPI (Tribunal Penal Internacional) por crimes contra a humanidade.

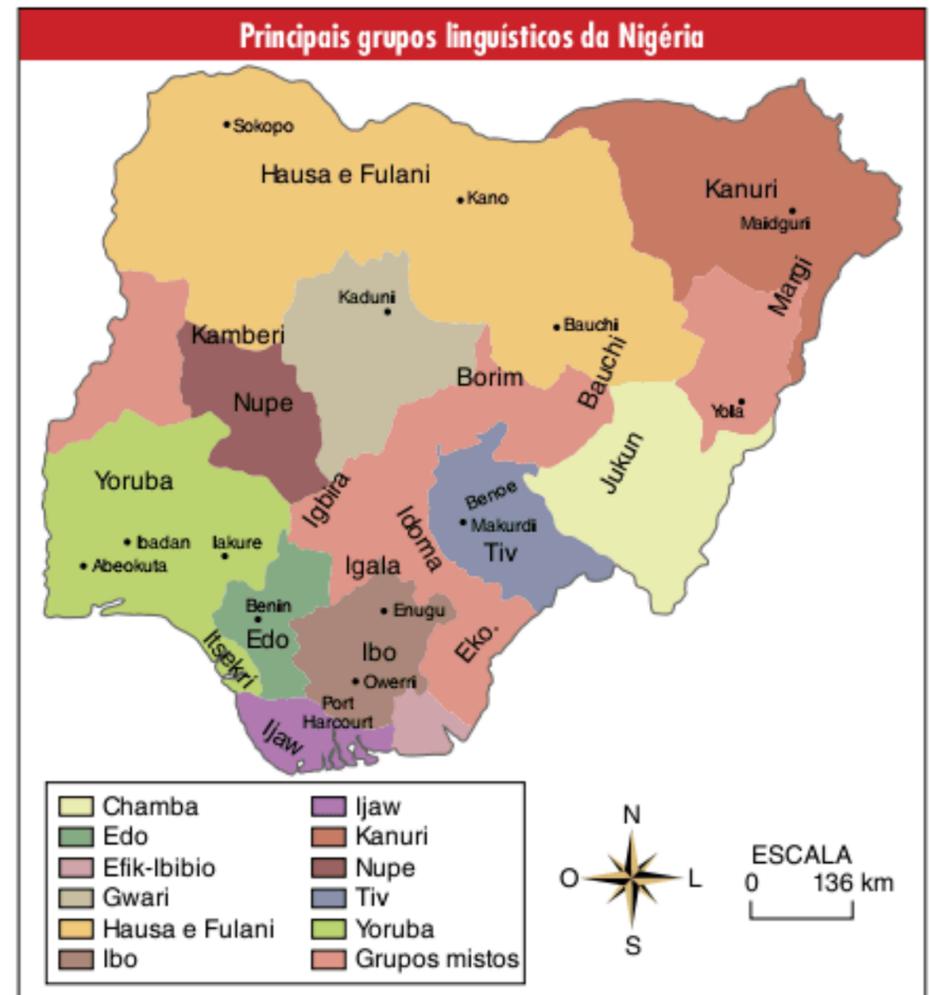
Essa região também apresenta jazidas de petróleo, o que desperta o interesse estrangeiro e da mídia.

Nigéria

A Nigéria se localiza no Golfo da Guiné e foi colônia inglesa até 1960. A região é rica em petróleo, sendo também o país mais multiétnico da África. Suas crises englobam esses dois fatores e ainda o fator religioso, pois o país está dividido, em partes quase iguais, entre muçulmanos e cristãos.

Nesse cenário, dificilmente o governo consegue satisfazer a todos os grupos. Como esses países são todos recentes, a identificação popular é muito mais forte com a etnia do que com o Estado. Em outras palavras, se uma etnia, por exemplo, tem petróleo em seu território, ela enxerga esse petróleo como seu e não como uma riqueza do país, obviamente porque o interesse é também econômico. Muitos separatismos africanos seguem esse processo. Na Nigéria, a região do Delta do Níger concentra a exploração de hidrocarbonetos, mas é também uma região que concentra muitos movimentos separatistas. Dessa forma, podemos perceber que nem sempre uma riqueza natural traz benefícios diretos; ela pode ocasionar um contexto de instabilidade e conflitos.

Além da questão econômica, a Nigéria é também uma das fronteiras do Islamismo em expansão. O Norte do país segue a religião muçulmana, sendo que no Sul é seguido o Cristianismo, trazido pelos colonizadores ingleses. Essa duplicidade religiosa alimenta choques entre as populações das duas regiões. Por um lado, os nortistas buscam impor o meio de vida islâmico em sua região, e, por outro, o governo, sediado no Sul cristão, não aceita tais medidas.



FONTE: <WWW.MARK.POLITICO.COM/AFRICA/NIGERIA_LINGUIST_1979.JPG_ES.HTML>



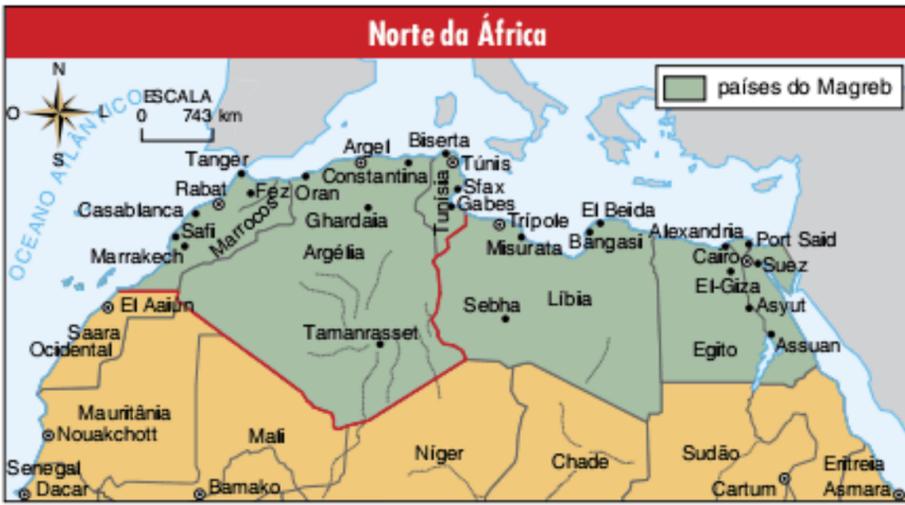
Fig. 10 Câmara dos Representantes da Nigéria.

Norte da África

Mesmo tendo sofrido com a colonização europeia, os países que se localizam ao norte do Deserto do Saara têm algumas especificidades que precisam ser analisadas isoladamente. O Norte da África, chamado também de África mediterrânea, é constituído pelos países do Magreb (Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia) e pelo Egito. Conforme estudamos anteriormente, uma característica comum a todos esses países, que de certa forma impediu que os danos da colonização europeia fossem maiores, é a forte cultura árabe baseada na religião islâmica.

Até o século XIX a região era dominada pelo Império Otomano. Com o enfraquecimento dos otomanos, partes do seu império, tanto na África como na Ásia, foram tomadas pelos europeus. No caso das populações do norte africano, a França passou a dominar a Argélia (1840-1962), a Tunísia (1882-1956) e o Marrocos (1912-1955). A Itália conquistou a Líbia nas guerras que ocorreram entre 1911 e 1931, mantendo seu domínio até o fim da Segunda Guerra Mundial. Já o Egito foi um protetorado inglês entre 1882 e 1922, continuando sob grande influência britânica até 1953.

Magreb
Significa "poente" em árabe.



ATENÇÃO!

Protetorado significa um território ou um país que, no direito internacional, possui certos atributos de Estado independente, porém, sob outros aspectos, está subordinado a uma potência que decide sua política externa, que tem a obrigação de protegê-lo e que, às vezes, controla internamente seu governo, seu judiciário e suas instituições financeiras.

Como os europeus já conheciam os povos da África mediterrânea, o processo de colonização não foi tão violento quanto o ocorrido na África Subsaariana. Mesmo com milhares de mortes nas repressões que os exércitos europeus efetivavam contra os movimentos rebeldes desses países, não houve uma desestruturação completa nessas sociedades, como ocorreu ao sul do Saara. O principal fator responsável por essa diferença nos processos de colonização foi o fato de os povos do Norte já estarem organizados de maneira que interessava aos europeus, sendo capazes de produzir alimentos, matérias-primas e petróleo para enviar à Europa.

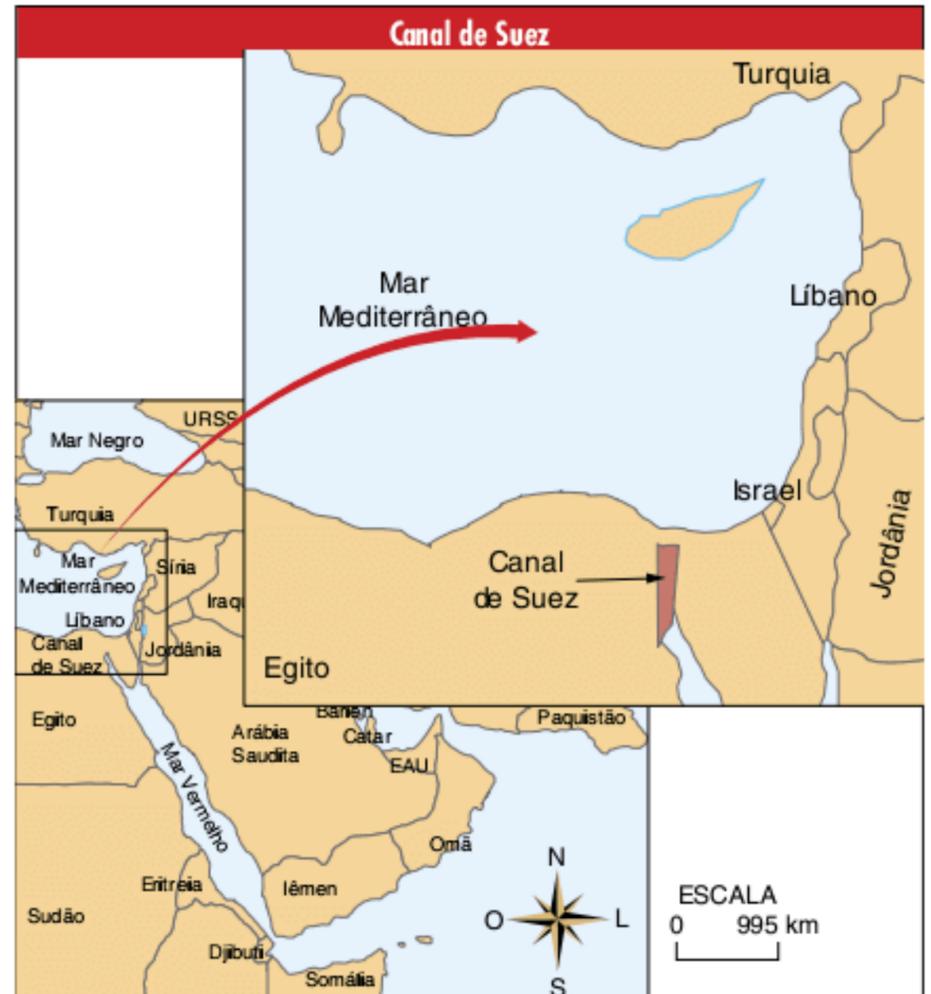
Durante a Segunda Guerra Mundial, os colonizados e os colonizadores se uniram na luta contra as forças do eixo. Muitos marroquinos, argelinos e egípcios participaram de combates na Europa em favor dos aliados. Vencida a guerra, não havia mais como manter intacta a colonização no Norte africano, uma vez que os movimentos nacionalistas de independência tinham ganhado enorme força.

Na década de 1950, ocorreram choques entre as colônias e suas metrópoles europeias. As duas principais guerras dos africanos, contra o imperialismo europeu, foram a da Argélia e a de Suez. Na primeira, os nacionalistas argelinos lutaram duramente contra o exército francês e os *pieds-noirs* (franceses residentes na Argélia), até que conseguiram conquistar sua independência em 1962.



Fig. 11 Costa de Argel, capital da Argélia.

A Guerra de Suez marcou o rompimento entre o Egito e a Inglaterra. Em 1953, Gamal Abdel Nasser, por meio de um golpe de Estado, retirou do poder do Egito o Rei Faruk, aliado da Inglaterra, e a partir de então mudou os rumos da política do país. Nasser apostou em uma política nacionalista, e uma de suas principais medidas foi a nacionalização do Canal de Suez, controlado até 1956 por França e Inglaterra. Essas potências europeias não aceitaram a decisão de Nasser, iniciando uma guerra com o Egito. Após alguns meses de batalhas, a ONU determinou a retirada de França e Inglaterra da guerra e o canal ficou nas mãos dos egípcios.



É importante destacar o caráter nacionalista e anti-imperialista desses conflitos entre os países do Norte da África e suas ex-metrópoles europeias. Tal característica foi além dos conflitos, servindo de guia à política econômica desses países após o processo de independência. Dessa forma, principalmente o Egito, a Argélia e a Líbia tiveram um desenvolvimento econômico que permite classificá-los como países semiperiféricos. O elemento marcante do desenvolvimento econômico desses países é a industrialização, a modernização das infraestruturas de transporte e de energia e o controle sobre a produção e comercialização de seu petróleo.

Revisando

1 Em linhas gerais, como podemos dividir culturalmente a África?

2 Caracterize, de forma geral, as crises da África Subsaariana.

3 Como ocorreu a divisão e a exploração da África pelas metrópoles europeias?

4 Por que a epidemia de Aids é tão intensa na África Subsaariana?

5 O que foi o *apartheid*?

6 Quais características são comuns nos conflitos de Ruanda e Libéria?

7 Por que a pirataria cresceu na Somália?

8 Por que podemos afirmar que os conflitos de Angola e Moçambique foram de origem político-ideológica?

9 Quais as características religiosas, étnicas e climáticas dos conflitos ocorridos no Sudão?

10 Que fatores explicam as crises da Nigéria?

11 Por que a África do Norte é mais estável do que a África Subsaariana?

Exercícios propostos

1 Fatec 2009

Exportações mundiais de mercadorias por regiões selecionadas (em bilhões de dólares) – 1948 - 2006

Anos	1948	1963	1983	1993	2006
Valor (bilhões de dólares)	59	157	1.838	3.675	11.783

Participação nas exportações por regiões selecionadas (%) – 1948 - 2006

Regiões/Anos	1948	1963	1983	1993	2006
América do Norte	28,1	19,9	16,8	18,0	14,2
América do Sul e Central	11,3	6,4	4,4	3,0	3,6
África	7,3	5,7	4,5	2,5	3,1
Ásia (menos Japão)	13,6	9,0	11,1	16,2	22,3
Europa	35,1	47,8	43,5	45,4	42,1
Japão	0,4	3,5	8,0	9,9	5,5

Os dados contidos nas tabelas confirmam e revelam algumas tendências do processo de globalização. No caso dos países da África e da América do Sul e Central essa participação econômica pode ser explicada basicamente:

- pela estagnação e o franco declínio das economias nacionais de tais países, tradicionalmente subdesenvolvidos industrializados.
- pelas dificuldades crescentes de concorrência à escala mundial, devidas a seus menores níveis de tecnologia industrial e de qualificação de sua mão de obra.
- pelo crescimento das importações de máquinas e outros bens industriais, a fim de construir economias nacionais mais fortes e autônomas.
- pela redução das atividades primário-exportadoras nesses continentes e a diminuição dos preços de petróleo e grãos no mercado internacional.
- pelo nacionalismo econômico e o relativo isolamento desses países em suas economias regionais e locais baseadas em economias de menor escala.

2 UFRJ 2009 As três faces marítimas da África.

O continente africano se abre a leste para o oceano Índico, a oeste para o oceano Atlântico e ao norte para o mar Mediterrâneo, o que possibilitou no passado – e continua a permitir no presente – a formação das mais diversas redes de relações culturais, econômicas e migratórias com diferentes partes do mundo. No passado, pelo oceano Índico, indianos exploravam rotas comerciais anos antes dos europeus; pelo Atlântico, o oeste africano foi fonte importante para o tráfico negreiro. Mas foi por meio do mar Mediterrâneo que as redes de relações sempre foram mais intensas e conflituosas.

Descreva dois tipos atuais de relações entre a África e a Europa, um de natureza conflituosa, outro de natureza não conflituosa.

3 Fuvest 2010 (Adapt.) Sobre os muçulmanos que vivem na África e Ásia é correto afirmar:

	África	Ásia
(a)	A grande concentração está no norte do continente, mas tem ocorrido aumento dessa população nos países subsaarianos.	No oeste da China, centenas de muçulmanos, da etnia uigur, foram mortos em conflitos ocorridos em julho de 2010.
(b)	Após a eliminação do <i>apartheid</i> , na África do Sul, os muçulmanos deixaram de ser marginalizados nesse país.	As peregrinações anuais a Meca foram suspensas, nos últimos cinco anos, devido a ataques terroristas.
(c)	A grande concentração está no norte do continente, mas tem ocorrido aumento dessa população nos países subsaarianos.	Em agosto de 2010, os muçulmanos do grupo Taleban assumiram o governo no Afeganistão, desestruturando outros grupos políticos, não muçulmanos.
(d)	Após a eliminação do <i>apartheid</i> , na África do Sul, os muçulmanos deixaram de ser marginalizados nesse país.	No oeste da China, centenas de muçulmanos, da etnia uigur, foram mortos em conflitos ocorridos em julho de 2010.
(e)	Os conflitos de Darfur, no Sudão, com milhares de refugiados, são consequência de embates tribais entre muçulmanos.	Em agosto de 2010, os muçulmanos do grupo Taleban assumiram o governo no Afeganistão, desestruturando outros grupos políticos, não muçulmanos.

4 PUC-Rio Leia o texto a seguir e responda à questão proposta.

A história das Copas do Mundo de Futebol está, em diversos aspectos, associada às transformações que marcaram as relações internacionais contemporâneas. Gestada, como projeto, pela FIFA, no decorrer das décadas de 1910 e 1920, a primeira Copa, ocorrida em 1930, no Uruguai, contou com a participação das seleções de 13 países americanos e europeus. Realizadas, desde então, de quatro em quatro anos, vieram a ser suspensas

em 1942 e 1946, e reiniciadas, com regularidade, a partir de 1950. Dessa data em diante, o número de países inscritos nas eliminatórias e de países participantes tendeu a crescer. Na Copa de 1958, na Suécia, 46 países estiveram presentes nas eliminatórias, tendo 16 disputado o campeonato. Na Copa de 1970, no México, tais números passaram, respectivamente, para 68 e 16. Em 1990, na Itália, foram 103 seleções nas eliminatórias e 24 participantes. Em 2002, na Coreia do Sul e no Japão, alcançaram-se os números de 193 países nas eliminatórias e 32 participantes. Em paralelo a esse aumento, assistiu-se, na década de 1990, à diversificação dos países inscritos. As seleções participantes foram não somente americanas e europeias, como em 1930, mas também, africanas e asiáticas. A Copa, em alguma medida, se globalizava.

A maior presença de países africanos e asiáticos esteve, entre outros aspectos, associada a acontecimentos políticos das décadas de 1950 e 1960, que alteraram, profundamente, as relações internacionais no decorrer da segunda metade do século XX. Identifique e explique esses acontecimentos.

5 UFF Os mapas a seguir apresentam diferenças nas fronteiras políticas e étnicas da África.



Martin Ira Glassner. *Political Geography*. London, 2004. (Adapt.).

Aponte e comente uma consequência dessas diferenças.

6 UEM Com o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos países africanos investiram em armamentos, vendidos principalmente pelos Estados Unidos, pela França e pela antiga União Soviética. Assinale o que for correto sobre os conflitos no continente africano, recorrendo ao quadro a seguir, quando necessário.

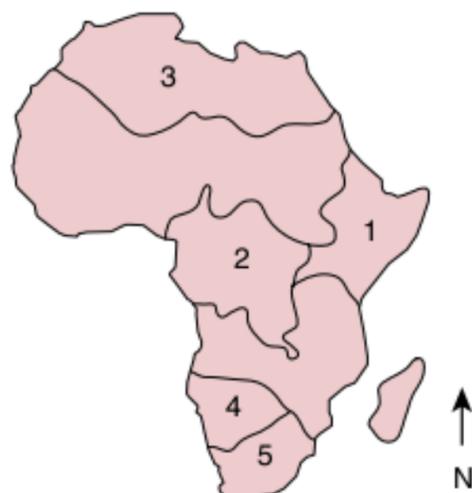
Maiores Compradores Africanos de Armas (em bilhões de dólares) – 1980-1990	
Líbia	19,2
Egito	12,0
Argélia	7,5
Angola	7,0
Etiópia	6,7
Marrocos	2,7
Nigéria	2,4
Moçambique	1,7

Fonte: J. Oliva e R. Giansanti, 1998.

- 01 Líbia, Egito, Angola e Nigéria constituem os países do “Magreb” que mais se envolveram em conflitos internos.
- 02 No século XIX, os impérios coloniais europeus repartiram arbitrariamente o território africano. Com isso, tribos rivais foram reunidas em um mesmo território, e grupos de uma mesma etnia e cultura foram divididos e separados, espacialmente. Com a descolonização, esses grupos se confrontaram, criando-se muitas disputas pela posse de territórios e pela imposição de valores culturais.
- 04 Angola e Etiópia são exemplos de países onde a luta armada envolveu grupos étnicos diferentes.
- 08 A África foi usada, em consequência de seus conflitos internos, para “desencalhar” o estoque de armas obsoletas, soviéticas e norte-americanas.
- 16 Apesar dos conflitos étnico-culturais, o cenário econômico africano evoluiu positivamente, nas décadas de 1980 e 1990 do século XX, reduzindo a miséria do povo.
- 32 Os países da África Equatorial ficaram à margem dos conflitos étnicos que ocorreram ao norte e ao sul do continente. Porém, foi na faixa equatorial que grassou a epidemia da Aids.

Soma =

7 UFV Observe o mapa do continente africano e leia as afirmativas que se seguem, numerando-as de acordo com a região a que se referem.



Escala: 1: 42.000.000

- A região possui uma economia baseada no comércio e na exploração mineral, principalmente o petróleo. É uma das regiões com maior desenvolvimento no continente.
- O país viveu, recentemente, o fim do regime de segregação racial. Apresenta o maior desenvolvimento econômico do continente, embora sofra com graves problemas de saúde pública.
- A região é conhecida como Chifre da África. Sofreu com uma agricultura comercial predatória e é uma das regiões mais pobres do mundo, alvo de campanhas mundiais contra a fome.
- A região é marcada por vários problemas sociais, agravados pelas condições climáticas, devido à predominância dos climas semiárido e desértico.
- É uma região de climas tropical úmido e equatorial, com vegetação predominante de florestas. É marcada por conflitos étnicos nos vários países, em consequência da colonização europeia.

Assinale a alternativa que apresenta a numeração correta.

- (a) 5, 3, 4, 2 e 1.
- (b) 3, 5, 2, 4 e 1.
- (c) 2, 5, 1, 4 e 3.
- (d) 5, 4, 1, 3 e 2.
- (e) 3, 5, 1, 4 e 2.

8 UFF

Texto I

Quais foram as causas primeiras? As imagens da televisão global põem em destaque as vítimas da Guerra Civil, da seca e das enchentes. A fome na Somália foi atribuída mecanicamente [...] “à ausência de nuvens de chuva e às anomalias da pressão atmosférica”.

M. Chossudovsky. *A globalização da pobreza*, 1999:90.

Texto II



El Estado del Mundo, 1994. (Adapt.).

A partir da leitura articulada do texto e da charge, identifique e discuta outras possibilidades de compreensão, distintas da “causalidade natural”, para o fenômeno da fome em países africanos.

9 UEL 2006 Leia o texto a seguir.

Aproveitando a campanha global contra a pobreza, países africanos põem mais pressão nas nações ricas para que os ajudem no combate à fome, à doença e às guerras no continente. [...] Os líderes africanos deverão pedir ao G8 o cancelamento incondicional de todas as dívidas dos países mais pobres da África e a remoção das barreiras comerciais que impedem produtos africanos de chegar aos mercados das nações ricas [...]. O chanceler de Zâmbia, Ronnie Shikapwasha, disse que seu país já tem planos de como investir o que deixará de pagar com o perdão da dívida. Pretende aumentar suas provisões de drogas contra a Aids e contratar vários milhares de novos professores.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 jul. 2005. Mundo, p. A10.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

- I. Os processos globais de ampliação da integração comercial e financeira entre os países afetam diferencialmente as várias regiões do planeta e, no caso da África, seus efeitos são marcadamente de exclusão, pois os fluxos de investimentos e de mercadorias são reduzidos, se comparados a outras regiões.

- II. Assim como outros países pobres da África, Zâmbia, nação citada no texto, sofreu uma redução do valor de seu IDH, indicando um agravamento dos problemas sociais, especialmente com relação à epidemia de Aids.
- III. As condições ambientais que, em virtude dos climas áridos da porção Norte da África, afetam a produção de energia elétrica e prejudicam o desempenho das agroindústrias, estão no cerne dos problemas de exclusão comercial do continente.
- IV. Dentre os fatores que afetam o comércio externo em grande parte dos países da África Subsaariana, inclui-se a insuficiência do sistema de transporte, agravada pela deterioração das redes ferroviárias e rodoviárias.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- (a) I e II. (c) III e IV. (e) II, III e IV.
- (b) I e III. (d) I, II e IV.

10 FGV Leia o texto a seguir.

A África é cada vez menos "visível". Diríamos que "desertou" do mundo ou o mundo a esqueceu. Gostamos dela, mas viramos o rosto. Não compreendemos mais nada do que se passa nesse continente.

Gilles Lapouge. *O Estado de S. Paulo*, 2 abr. 2000, p. A27. (Adapt.).

Assinale a alternativa que interpreta corretamente as ideias do texto anterior.

- (a) Abandonado pela União Europeia e pelos EUA, o Canadá constitui hoje a maior fonte de recursos para a África, inclusive intercedendo no BIRD para o perdão de sua dívida externa.
- (b) A África desertou do mundo desde a Conferência dos países não alinhados, em Bandung, ocasião em que os países de sua porção meridional posicionaram-se contra o capitalismo e o socialismo.
- (c) A França e os Estados Unidos passaram a controlar a África Setentrional, porque essa região é a mais pobre do continente e a que tem maior número de conflitos armados.
- (d) Após o fim da Guerra Fria, a perda de interesse político de algumas nações africanas que eram disputadas pelo bloco capitalista e socialista levou, nos anos 90, a um abandono do continente, principalmente da chamada África Negra.
- (e) A África é cada vez menos visível porque a fome, a miséria e as seitas religiosas contribuíram para reduzir sua taxa de crescimento demográfico, em torno de 3%, para menos de 1% ao ano.

11 FGV A riqueza mineral africana tem sido, ao longo de sua história recente, muito mais um fardo do que um fator de desenvolvimento para os povos e países desse continente. Como exemplo desta contradição, pode-se destacar:

- (a) a África do Sul, que, durante a vigência do *apartheid*, restringia os empregos nas empresas de mineração de ferro e diamantes apenas aos trabalhadores negros que viviam nos bantustões.
- (b) Mali e Chade, países do Sahel com grandes reservas petrolíferas, que não conseguem transformar esta riqueza potencial em recursos necessários para diminuir as causas do avanço da desertificação em seus territórios.

- (c) Ruanda e Burundi, onde conflitos têm sido alimentados pela exploração de importantes reservas de petróleo, beneficiando empresas multinacionais que, em troca, apoiam os diferentes grupos étnicos com armas.
- (d) Angola, Serra Leoa e República Democrática do Congo, onde a exploração de reservas, denominadas de "diamantes de sangue", tem sido usada para o sustento de conflitos armados no interior destes países.
- (e) Somália, cuja interminável guerra civil, movida por grupos políticos regionais, consegue recursos para sustentar pretensões político-militares, cedendo direitos de exploração mineral a empresas multinacionais.

12 Fuvest O processo de descolonização na África foi acompanhado por:

- (a) elevação nas taxas de crescimento da população do campo, que foi modernizado para produzir alimentos para o mercado interno.
- (b) abertura da economia dos países africanos, devido à dimensão do seu mercado consumidor, aumentando significativamente sua participação no comércio mundial.
- (c) democratização do continente, que se livrou das ditaduras nele instaladas nos anos noventa do século XX, com apoio das antigas metrópoles.
- (d) imposição política externa de limites fronteiriços, que gerou uma série de lutas políticas internas em vários países.
- (e) migração controlada da população africana, decorrente dos conflitos tribais, para países que anteriormente dominaram o continente.

13 Mackenzie Leia o texto a seguir.

As fronteiras atuais dos Estados africanos foram engendradas no processo colonial. As metrópoles europeias definiram limites administrativos no interior dos territórios colocados sob a sua soberania. As independências africanas, ocorridas principalmente durante a década de 60, transformaram esses espaços coloniais em Estados soberanos.

Magnoli; Araujo. *A Nova Geografia*.

A partir do texto, é incorreto afirmar que:

- (a) as fronteiras africanas contrastam com as europeias e americanas por seu artificialismo.
- (b) os estados africanos aglutinam etnias e tribos rivais dentro do mesmo território.
- (c) as fronteiras minimizam os conflitos devido à forte mobilidade espacial das populações.
- (d) as fronteiras e estados não são africanos, mas uma importação da Europa e herança da era colonial.
- (e) as fronteiras foram geradas pelo colonizador e aplicadas sobre área pouco conhecida pelos europeus.

14 PUC-Rio

**"O continente condenado"
"África em chamas"**

As manchetes que atualmente são publicadas sobre a África, como as apresentadas anteriormente, expressam o trágico

quadro socioeconômico desse continente. Assinale a opção que não inclui um aspecto desse quadro.

- (a) A baixa expectativa de vida de grande parte da população.
- (b) O número significativo de africanos contaminados com a Aids.
- (c) Os conflitos e guerras tribais envolvendo nações africanas.
- (d) As guerras civis estimuladas pelas potências imperialistas europeias.
- (e) O contingente de africanos fora de seus países de origem em busca de trabalho.

15 Puccamp Analise a charge a seguir.



C. Bouvet et alii. *Géographie 2*. Hachette, 1993, p. 253.

O tema central da charge é a:

- (a) saída dos colonizadores do continente africano.
- (b) permanência da dominação de países, através do capital estrangeiro.
- (c) dominação pacífica, em fases, por diferentes países.
- (d) emancipação econômica dos países colonizados.
- (e) colonização em países do Globo de maneira pacífica e ordeira.

16 PUC-RS Responder à questão com base no texto a seguir.

As comunidades que vivem na área que se estende no sentido leste-oeste ao sul do Trópico de Câncer, na África, são atingidas por grandes tragédias ligadas à pobreza e à subnutrição. A desertificação dessa área está avançando no sentido sul do continente, causada principalmente pela má utilização do solo. A ajuda internacional tem sido imprescindível para amenizar o sofrimento dos povos.

A paisagem a que o texto se refere é:

- (a) a cadeia de Montanhas do Atlas.
- (b) a bacia do Rio Congo.
- (c) a bacia do Rio Orange.
- (d) o deserto do Saara.
- (e) a região do Sahel.

17 UFRGS 2010 Estados Unidos e China estão competindo pelo controle das grandes reservas de petróleo da África. Em relação à produção de petróleo na África, considere as seguintes afirmações.

- I. A África do Sul tem a maior reserva do petróleo africano.
- II. Nigéria, Guiné Equatorial, Gabão e Angola são os principais produtores do continente.

III. A costa da África Ocidental tem grande potencial de produção de petróleo.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I. (c) Apenas III. (e) Apenas II e III.
- (b) Apenas II. (d) Apenas I e II.

18 Cesgranrio 2010 Vitimada pelas guerras civis, disputas políticas, conflitos étnicos, pobreza e epidemias, a África é um continente que detém os piores indicadores de vida do planeta. A respeito desse fato, analise os comentários a seguir.

- I. As sucessivas crises econômicas decorrentes de prejuízos herdados ao longo das guerras fazem da Somália um palco de conflitos e tensões socioeconômicas constantes, levando grande parte da população somali ao estado de miserabilidade absoluta, vitimada pela fome e por doenças.
- II. O aumento das fronteiras artificiais na África é um indicador do reconhecimento da diversidade étnico-cultural da região por parte das potências ocidentais, apesar das diferenças ideológicas entre estas e o continente, fortalecendo, assim, a formação dos Estados Nacionais na região.
- III. A África vem recebendo solidariedade dos países ocidentais por meio do estabelecimento de uma política assistencialista que orienta os governos locais no gerenciamento dos diversos conflitos internos, apesar dos efeitos gerados pelas políticas impostas durante a colonização.

Está(ão) correto(s) o(s) comentário(s):

- (a) I, apenas. (c) I e II, apenas. (e) I, II e III.
- (b) III, apenas. (d) II e III, apenas.

19 PUC-PR Segundo reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* (9 de outubro de 2005), a Copa do Mundo de Futebol de 2006, que será sediada na Alemanha, ainda não tem todas as suas seleções nacionais classificadas. Contudo, já é a competição com o maior número de estreantes, desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Entre esses países que debutam na Copa do Mundo de Futebol, estão alguns países africanos, como Angola, Costa do Marfim, Togo e Gana. Os três últimos estão destacados no mapa a seguir.

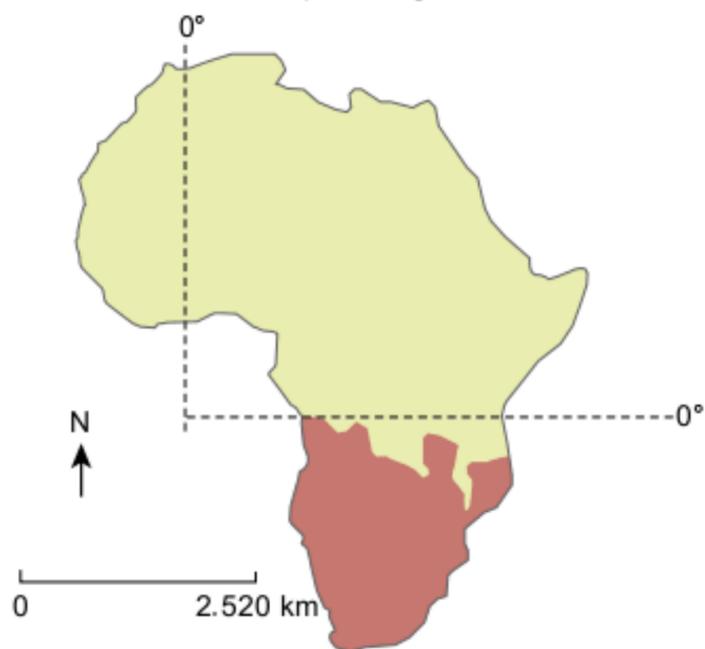


FONTE: <www.bibliosoft.pt> (ADAPT).

Os países destacados estão situados numa região do continente denominada:

- (a) Grande Vale da África Oriental.
- (b) Golfo da Guiné.
- (c) Chifre da África.
- (d) Desertos e semidesertos da África Meridional.
- (e) Países do Magreb.

20 UFRGS Observe o mapa a seguir.



As afirmações a seguir retratam algumas das características atuais da área assinalada no mapa.

- 1) A incidência de indivíduos soropositivos é alta.
- 2) A maioria da população é negra e professa a religião islâmica.
- 3) Há grandes reservas de diamantes e ouro.
- 4) Há atualmente conflitos pela independência, contrários às potências colonizadoras.

As duas afirmações que correspondem a características da maioria dos países que integram a área assinalada no mapa são as de números:

- (a) 1 e 2.
- (b) 1 e 3.
- (c) 2 e 3.
- (d) 2 e 4.
- (e) 3 e 4.

21 UFRJ

A tragédia africana



SEBASTIÃO SALGADO

As árvores têm braços. As pessoas, ramos. E continuam em pé, inexplicavelmente em pé, sob um céu desamparador [...]

Eduardo Galeano.

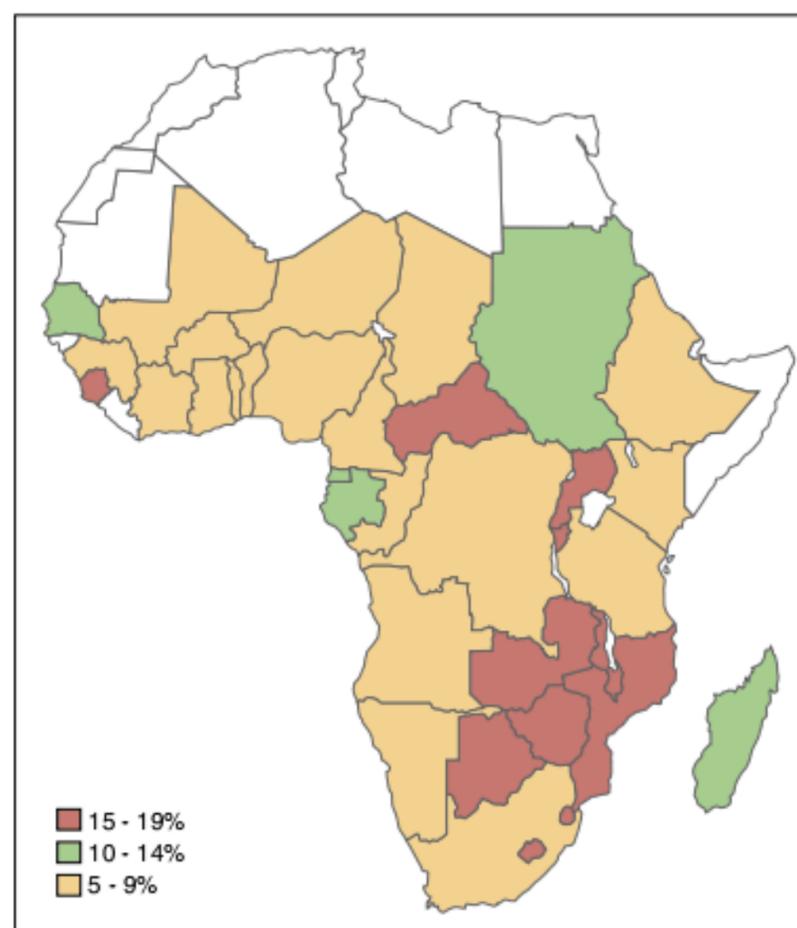
Atualmente, muitos países da Ásia e da América Latina estão presentes nas pautas de negociação do grande mercado mundial. No entanto, a África Subsaariana, mergulhada em problemas de difícil solução, e ante a indiferença dos países ricos, tem seu potencial humano ameaçado e seu potencial natural pouco aproveitado.

Explique dois dos mais graves problemas em que hoje estão mergulhados os povos africanos ao sul do Saara.

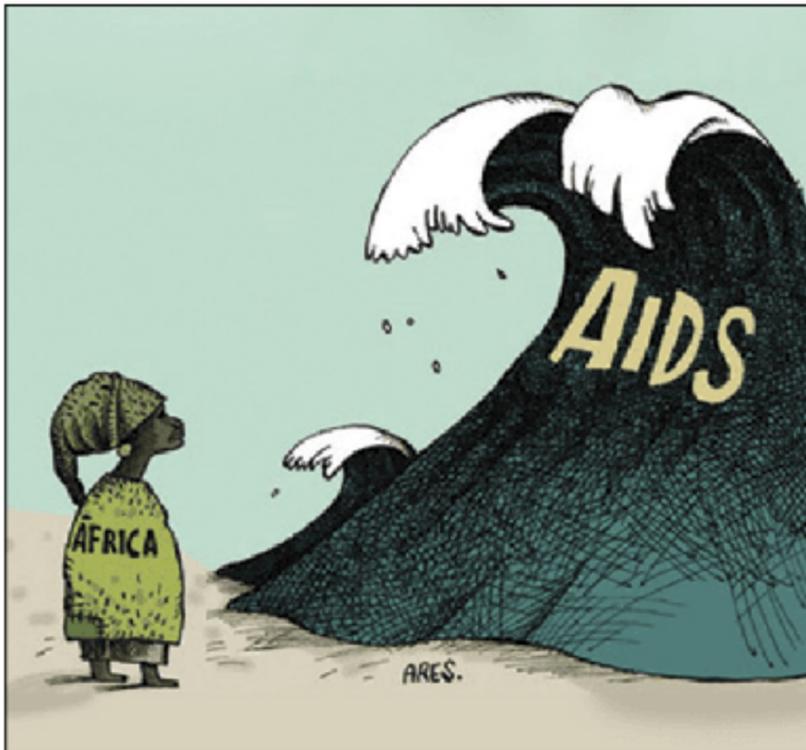
22 Puccamp Estrangeiro [...] Imigrante [...] Bárbaro [...] qualquer que seja a denominação dada há sempre, por parte de europeus e norte-americanos, um profundo sentimento de desprezo em relação ao que chega. Embora o principal motivo das migrações seja o econômico, também podem se destacar as migrações forçadas devido aos conflitos étnicos, como as que ocorrem:

- (a) no México e no Egito.
- (b) na Turquia e na Argélia.
- (c) na Somália e no Sudão.
- (d) na Ucrânia e na Colômbia.
- (e) na Índia e na Guatemala.

23 PUC-Rio O ano de 2004 encerrou-se com o impacto das catástrofes causadas pelas *tsunamis*, principalmente na Ásia, que acarretaram mais de 300 mil mortes. Porém, como o mapa e a charge a seguir indicam, existem outras "*tsunamis*" que estão arrasando o continente africano, há muito mais tempo. Mapa: 34 milhões de crianças órfãs na África Subsaariana (porcentagem estimada de crianças órfãs, no total de crianças dos países africanos, 2001).



FONTE: CHILDREN ON THE BRINK, 2002.



Disponível em: <www.politicalcartoons.com>. Best of Latin América, 2005.

Utilizando como referência as imagens apresentadas, faça o que se pede.

- Identifique e explique duas outras causas que ampliam a devastação da população no continente africano, além da epidemia de Aids.
- Comente dois possíveis impactos nas estruturas produtivas dos países africanos resultantes da desorganização demográfica causada pela epidemia de Aids.

24 PUC-Rio 2010 A partir de uma nova Constituição, promulgada em 1997, a África do Sul vem passando por profundas mudanças. O país viveu décadas sob o regime do *apartheid*, o qual pode ser revelado no mapa a seguir pela presença dos bantustões destinados, segundo essa ideologia, a conceder um país a cada etnia.



A representação cartográfica apresentada indica que os mapas são:

- cópias fiéis da realidade, informando sobre processos e fenômenos com precisão.
- transcrições de fotografias aéreas, reproduzindo o espaço revelado nas imagens.
- reproduções da realidade, apresentando isenção de influências ideológicas ou políticas.

- abstrações da realidade, podendo revelar as ideologias de um grupo ou de uma época.
- documentos oficiais, fornecendo informações detalhadas sobre o governo.

25 UFRJ Leia o texto a seguir.

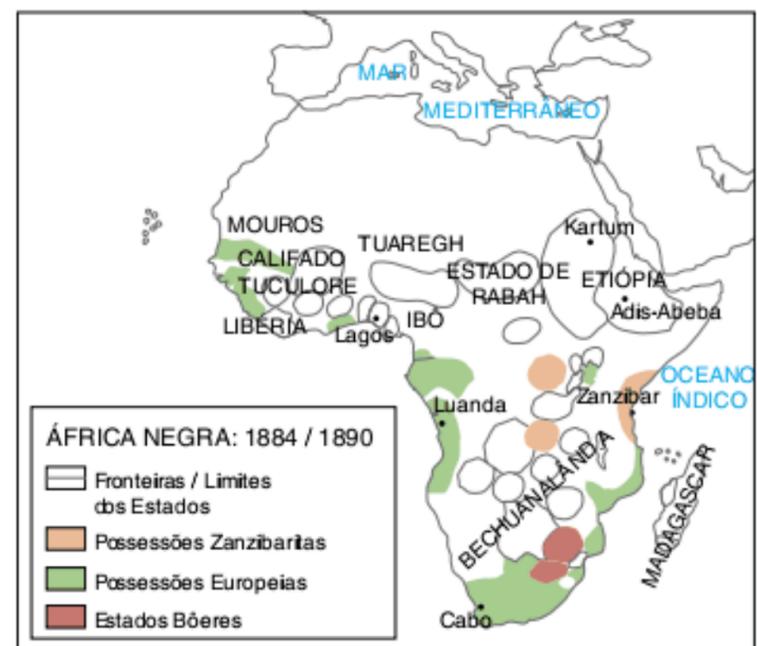
A política do *apartheid* na África do Sul terminou em 1994 com a eleição do líder negro Nelson Mandela. Líderes negros e brancos deixaram o passado para trás e procuraram trabalhar juntos numa nova África do Sul multirracial. Porém, as esperanças têm sido frustradas e as mudanças não estão conduzindo à estabilidade. Conflitos culturais têm sido frequentes.

Rowntree et al. 2000.

Sendo assim, o fim do *apartheid* e um governo negro no poder não representaram a estabilidade política do país.

Apresente duas razões para essa situação contraditória presente na África do Sul.

26 Fuvest 2009



Fonte: João Carlos Rodrigues. *Pequena História da África Negra*. 1990. (Adapt.).

Tomando por base o mapa anterior, aponte a alternativa que descreve corretamente a situação atual da área questionada.

- Na província sudanesa de Darfur, em territórios do antigo Estado de Rabah, trava-se, hoje, uma sangrenta guerra civil, envolvendo, entre outros, diferentes grupos étnicos e religiosos.
- Nas antigas possessões zanzibaritas vêm ocorrendo, há vários anos, violentas disputas entre diversos grupos tribais em torno do controle da produção de petróleo.
- Ao norte dos antigos estados Bôeres, região então conhecida como Bechuanalândia, travou-se, há poucos anos, violenta luta, envolvendo os grupos étnicos tutsis e hutus.
- No extremo ocidental do Golfo da Guiné, ao sul da região anteriormente controlada pelos mouros, os conflitos atuais estão relacionados à disputa pelo controle das ricas jazidas de prata ali existentes.
- A Etiópia, que sempre teve fronteiras relativamente bem-definidas, foi, por essa mesma razão, o único país africano capaz de manter a paz interna até nossos dias.

27 Uerj 2010 Quinze anos depois do genocídio que vitimou mais de 800 mil pessoas, visitar Ruanda ainda é uma espécie de jogo de adivinhação – a cada rosto que passa tenta-se descobrir quem foi vítima e quem foi algoz na tragédia de 1994. O governo do país recorre à união do povo. O censo e as carteiras de identidade étnicas não existem mais, todos agora são apenas considerados ruandeses. O esforço do presidente Paul Kagame em evitar um novo conflito é tão grande que chamar alguém de “tutsi” ou “hutu” de maneira ofensiva é crime, com pena que pode chegar a 14 anos.

Marta Reis. *O Globo*, 12 abr. 2009. (Adapt.).

A presença do trauma do genocídio é o principal problema social de Ruanda, maior inclusive que a pobreza. Tratar esse trauma coletivo devia ser prioridade número um, e não transformá-lo num tabu. A política do governo é a do esquecimento por lei, por obrigação. Errada é a vitimização do genocídio, pois existe uma história de conflitos anterior e posterior ao massacre.

Marcio Gagliato. *O Globo*, 12 abr. 2009. (Adapt.).

A polêmica sobre os efeitos do genocídio de Ruanda, ocorrido em 1994, aponta para contradições dos processos de constituição de Estados nacionais na África contemporânea.

Com base na análise dos textos, a resolução dessas contradições estaria relacionada à adoção das seguintes medidas:

- (a) conciliação político-religiosa – afirmação das identidades locais.
- (b) punição das diferenças culturais – unificação da memória nacional.
- (c) denúncia da dominação colonial – integração ao mundo globalizado.
- (d) reforço do pertencimento nacional – revisão das heranças da descolonização.

28 Unicamp 2006 Com base no texto a seguir, faça o que se pede.

Darfur, no oeste do Sudão, é a bola humanitária da vez. Recebeu a visita de Kofi Annan e Colin Powell, cobertura especial na BBC e CNN, e é “vendida” para o mundo como um genocídio em curso. Não há dúvidas de que se trata de uma calamidade de virar o estômago, mas há de se perguntar por que os 30 mil a 50 mil mortos de Darfur valem mais que os 2 milhões de vítimas no Congo, ou os 300 mil dizimados em Burundi, ou mesmo os 2 milhões de vítimas da Guerra Civil no sul do Sudão, que se estende desde 1983.

Eduardo Simanto. “Sob fogo cruzado”. In: *Primeira Leitura*. São Paulo: Primeira Leitura Ltda, 2004, p. 77. (Adapt.).

- a) Analise por que os conflitos de Darfur, no Sudão, despertam o interesse de países como os Estados Unidos e a Inglaterra.
- b) O conflito do Congo é considerado o maior conflito armado do continente. Quais as principais razões desse conflito?
- c) A Nigéria, o mais populoso país africano, também é palco de conflitos. Quais as suas principais causas?

29 PUC-MG Libéria, a República mais antiga da África, foi fundada por escravos americanos libertos, busca pôr fim à Guerra Civil que dura 14 anos. A situação da Libéria reflete

a instabilidade política e econômica de todo o continente, cujas características comuns estão corretamente assinaladas, exceto em:

- (a) a despeito de uma vasta gama de recursos naturais, os países africanos possuem economias debilitadas, que não conseguem garantir o sustento de suas populações.
- (b) a epidemia de AIDS afeta de forma indiscriminada nações muçulmanas e cristãs, influenciando na capacidade de geração de renda nesses países.
- (c) o processo de globalização contribuiu para enfraquecer ainda mais as estruturas políticas e econômicas, potencializando as guerras e a fome generalizada.
- (d) o colonialismo europeu segmentou povos e culturas diversas e criou fronteiras político-administrativas artificiais elevando o potencial de conflitos no continente.

30 Uerj

Surdez histórica

Com a ligeireza habitual, em notas encurtadas pelo tédio, parte da imprensa brasileira registrou, no dia 28 de maio, o referendo que aprovou a nova Constituição de Ruanda, um dos grotões da África profunda. O texto estabelece que nenhum partido poderá ter mais de 50% das vagas no parlamento. Nem poderão pertencer à mesma legenda política o presidente, o vice-presidente e o chefe do Poder Legislativo. [...]

Se o Brasil não fosse surdo às vozes da África, a imprensa teria anunciado o fato com pompas e fitas. [...]

Pouco antes do referendo, a paz entre os tutsis e os hutus parecia condenada a arder na fogueira dos ódios ancestrais. Um governo compartilhado pode existir em democracias ultradesenvolvidas do Primeiro Mundo. Como implantar a fórmula em Ruanda? [...]

Augusto Nunes. *Jornal do Brasil*, 8 jun. 2003. (Adapt.).

Ruanda, como vários dos países africanos, viveu longos períodos de guerra civil desde sua descolonização. A proposta de um governo compartilhado é mais uma tentativa de pôr fim aos conflitos internos e inúmeras mortes.

No que se refere às características históricas dos povos africanos, as razões para a indagação do jornalista, em relação à sorte da proposta em Ruanda, podem ser explicadas por:

- (a) atraso no processo de industrialização e liberalização dos costumes.
- (b) existência de disputas entre etnias e acesso reduzido a direitos políticos.
- (c) influência de religiões fundamentalistas e presença de governos autoritários.
- (d) manutenção de valores tradicionais e adoção de medidas econômicas monopolistas.

31 Ibmecc 2010 (Adapt.) Leia o texto a seguir.

A natureza do conflito mudou. O século vinte, o mais sangrento da história da humanidade, foi definido, primeiro, pelas guerras entre países e, depois, pelos receios da guerra fria de confronto violento entre duas superpotências. Agora, esses receios deram lugar aos medos das guerras locais e regionais, travadas predominantemente em países pobres, no interior de Estados fracos ou

falidos e com pequenas armas como as preferidas. A maioria das vítimas das guerras de hoje é civil. Há menos conflitos no mundo hoje do que em 1990, mas a parcela desses conflitos que ocorre em países pobres aumentou.

ONU. Relatório do Desenvolvimento Humano, 2005.

Marque a alternativa que apresenta um país e o recurso natural do qual provêm meios para sustentar conflitos.

	País	Recursos
(a)	Afganistão	Madeiras
(b)	Angola	Petróleo
(c)	Peru	Gás Natural
(d)	Colômbia	Café
(e)	Indonésia	Pedras preciosas

32 UFG Leia estas manchetes e notas de jornal sobre a África, uma amostra obtida em apenas dois dias consecutivos.

Governo de Obasanjo (Nigéria) enfrenta dilema ao permitir uso da sharia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 15 jun. 2003. Caderno Mundo. p. A24.

O governo enviou reforços à região Oeste, onde, em fevereiro, surgiu um novo grupo rebelde, o Movimento pela Libertação do Sudão.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 15 jun. 2003. Caderno Mundo. p. A22.

As tensões entre negros e árabes [Mauritânia] aumentaram após a prisão de opositores muçulmanos. O país, muçulmano, tem relações com Israel.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 15 jun. 2003. Caderno Mundo. p. A22.

Garoto de 13 anos de milícia pró-governo carrega arma para combate em Monróvia (Capital); o presidente Charles Taylor e rebeldes ainda não chegaram a acordo de cessar-fogo.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 16 jun. 2003. Caderno Mundo. p. A14.

A partir da leitura dessas manchetes e notas jornalísticas, é incorreto admitir que:

- (a) a instabilidade política e os frequentes golpes de estado continuam sendo uma constante em muitos países africanos.
- (b) o componente religioso se manifesta em alguns dos conflitos e tensões – como é o caso da Nigéria, palco de confrontos entre cristãos e muçulmanos.
- (c) as guerras civis estão afetando irreversivelmente crianças e adolescentes africanos, que participam diretamente das lutas armadas.
- (d) as lutas étnicas ou tribais deixaram de preocupar organismos internacionais por terem sido apaziguadas temporariamente.

33 Unicamp Leia o texto a seguir.

Quando se tomou independente da Inglaterra, em 1960, a Nigéria formou uma federação de três grandes estados. Mas os governos que se sucederam dividiram o país (hoje são 36 estados) ao tentar consolidar o poder central. Hoje, discute-se o retorno ao regime federativo.

Time, 24 fev. 2000.

- a) Quais são as características de um regime federativo?
- b) Analise as possibilidades de funcionamento desse regime político em um país com tanta rivalidade étnica como é o caso da Nigéria.

34 UFG A “África Branca” é marcada pelo predomínio de população de origem não negra, basicamente árabes que chegaram ao norte do continente durante o processo de expansão do islamismo.

Igor Moreira. *Construindo o espaço mundial*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 152.

Com base nos conhecimentos sobre o assunto, pode-se afirmar que a “África Branca”:

- concentra a maior parte da produção de petróleo do continente.
- distingue-se das demais partes do continente pelo elevado índice de desenvolvimento humano.
- é também denominada África Subsaariana.
- possui uma maior concentração da população nos vales interiores e no litoral mediterrâneo.

35 Fuvest O continente africano é extremamente diverso. Pesquisadores o dividem em regiões como a do Magreb, localizada:

- (a) ao sul do Saara, formada por países que foram colônias francesas.
- (b) no noroeste da África, constituída por países onde predomina a religião islâmica.
- (c) no extremo sul, onde se encontram os países mais industrializados da África.
- (d) na África Central, onde as fronteiras políticas estabeleceram-se antes que nas demais regiões.
- (e) no nordeste da África, foco de conflitos tribais pela definição de fronteiras.

Responder às questões 36 e 37, com base no mapa africano a seguir.



36 PUC-RS O país assinalado no mapa, que apresenta um dos menores valores referente ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, é:

- (a) Líbia.
- (b) Serra Leoa.
- (c) Uganda.
- (d) Argélia.
- (e) Marrocos.

37 PUC-RS A estrutura da divisão política africana caracteriza-se por:

- (a) conter países com áreas semelhantes e limites políticos com linhas retas, em função da influência da Europa sobre sua divisão política.

- (b) respeitar as características tribais, dividindo-se os países conforme a ocupação feita pelas etnias.
- (c) obedecer à lógica da divisão política da Ásia, ou seja, considerar em cada país as características religiosas já pertencentes aos grupos étnicos.
- (d) ter países com pequenas áreas, situados na costa Oriental, e países com grandes áreas, na costa Ocidental.
- (e) apresentar o resultado de guerras entre tribos nativas, que tinham como prêmio a conquista e delimitação de novos territórios.

TEXTOS COMPLEMENTARES

Os 50 anos de África "livre"

Na semana passada, numa elegante cidade da Riviera Francesa, líderes africanos reuniram-se com o presidente da França, Nicolas Sarkozy, para um tradicional encontro de cúpula, ritual cercado de promessas de amor e, o que não é de espantar, algumas insinuações caluniosas. Mas uma importante data no calendário parece ter sido esquecida: os 50 anos de independência de muitos países da África.

Inversamente a toda a extravagância observada na Riviera Francesa, onde os líderes chegaram acompanhados de suas grandes comitivas, esse aniversário passou totalmente despercebido. Poucas celebrações oficiais foram organizadas para lembrar a passagem de cinco décadas desde que a França, provisoriamente, deixou, mas mantendo muitos laços, 14 de suas colônias; ao todo, 17 países africanos, incluindo a Nigéria, ficaram independentes em 1960.

Talvez a comemoração coletiva mais importante, paradoxalmente, não tenha se realizado na África. Líderes do Senegal, Mali, Níger, Costa do Marfim, Benin, Togo, Burkina Fasso, Camarões, Mauritânia, Gabão, República do Congo, República Central Africana, Chade e Madagascar foram convidados a Paris para desfilarem na Avenida Champs Elysées no 14 de julho, feriado nacional do ex-governo colonial.

Na África, as poucas comemorações até agora com frequência estão carregadas de muita ambiguidade. Num dos raros grandes eventos comemorativos, o presidente Abdoulayé Wade, do Senegal, inaugurou uma gigantesca estátua de bronze simbolizando o "Renascimento Africano", numa colina deserta perto do aeroporto. Construída por uma empresa norte-coreana no puro estilo do realismo soviético, o monumento é quatro metros mais alto do que a Estátua da Liberdade e suas três figuras gigantes – um homem, uma mulher e uma criança – destacam-se na redondeza.

Mas a inauguração da estátua provocou muita polêmica, em vez de fazer extravasar o orgulho pan-africano esperado por Abdoulayé Wade: desde o seu custo, num país que ocupa a 166ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), até as próprias figuras, quase desnudas, num país avassaladoramente muçulmano (os imãs locais lançaram um vigoroso protesto). E ainda há a estética duvidosa que lembra mais a Rússia stalinista do que a

cultura afro-islâmica do Sahel. Senegaleses chegaram a questionar se aquelas figuras pareciam mesmo africanas.

Abdoulayé Wade disse que, em troca da estátua, apenas cedeu terras do Estado para os norte-coreanos. O custo total do trabalho teria ficado entre US\$ 27 milhões e US\$ 70 milhões.

Para alguns analistas, as contradições envolvendo o monumento simbolizam as dúvidas quanto ao significado desse aniversário. Trata-se de um projeto de construção monumental que foi encomendado de estrangeiros e inaugurado numa cerimônia, em abril, com a participação de líderes como Robert Mugabe, do Zimbábue, e Laurent Gbagbo, da Costa do Marfim – dois presidentes que são objeto de escárnio internacional.

"Essa monumentalidade é um tanto inapropriada", disse Ibrahima Thioub, historiadora senegalesa que leciona na Cheikh Anta Diop University. "O Senegal tem recursos para investir esse dinheiro?" Além do que, acrescentou, "por que conceder um projeto sobre a Renascença Africana para coreanos? Temos escultores africanos muito bons".

Décadas perdidas? Por toda a parte, as comemorações foram esparsas ou marcadas principalmente por visitas de dignatários de países vizinhos, como ocorreu recentemente em Camarões, sem grande afluência de público. "É difícil mobilizar as pessoas para essas comemorações, porque as flores da independência murcharam", disse a historiadora. "Os últimos 50 anos não foram, absolutamente, de realização das esperanças e expectativas das populações".

Para Jean-François Bayart, pesquisador e diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica, em Paris, houve importantes realizações desde a independência. As cidades da África Ocidental, por exemplo, cresceram enormemente e também continuaram se alimentando, conseguindo um equilíbrio que ele considera sem precedentes.

Mas nesse aniversário o que predomina é um mal-estar, acrescentou. "O balanço que se faz da independência não é brilhante e as pessoas falam de décadas perdidas. Não é tão catastrófico como afirmam, mas existem muitos problemas." A própria noção de independência – num contexto de má governança, desigualdade econômica, pobreza e dependência de ajuda externa – tem sido questionada por intelectuais africanos.

Regularmente, vozes levantam-se contra o uso do franco africano, visto como um adjunto humilhante da moeda europeia. Ele tem a garantia de uma taxa fixa frente ao euro, mas as ex-colônias têm de manter uma parte substancial de seus ativos cambiais no Tesouro de Paris.

E a dependência de ajuda externa é grande. Em 2008, essa ajuda ficou entre um quarto e um terço dos gastos do governo em países como Burkina Fasso, Camarões e Mali.

Contra a fragilidade de instituições, intelectuais africanos e ativistas da sociedade civil se insurgem e se mobilizam, exigindo reformas. No Níger, houve protestos em massa no ano passado contra o recuo da democracia, conduzido pelo ex-presidente Mamadou Tandja. Na Guiné, este ano, manifestantes conseguiram que o poder fosse transferido da junta militar a uma liderança civil.

África do Sul, 15 anos depois

Quinze anos atrás chegava ao fim o apartheid na África do Sul, regime dominado por uma minoria branca que por décadas – de 1948 a 1994 – submeteu a maioria negra a leis de segregação racial e condições humilhantes de inferioridade política e social, cujas origens remontam à colonização europeia (holandesa e inglesa). As negociações que puseram fim pacífico ao regime valeram o Nobel da Paz a Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano (CNA), partido nascido na luta contra o regime, e o primeiro presidente Pós-apartheid.

A África do Sul tem o que comemorar neste aniversário de 15 anos. De país condenado pela ONU passou a membro respeitado da comunidade internacional. Tornou-se uma democracia multirracial e pluriétnica, espécie rara no continente africano, e uma economia de mercado estável e integrada ao mundo, a ponto de deixar a vala comum para ser considerada “emergente”.

Este será um ano crucial para o futuro do país. Pela frente, uma crise global que ameaça cortar o passo do seu desenvolvimento e agravar os problemas legados pela maldita herança do apartheid: um grande número de pobres (eram cerca de 50%, hoje ainda são mais de 40% da população), desemprego endêmico (que se aproxima dos 70% entre jovens negros, de 15 a 24 anos), alta criminalidade e baixos níveis de educação e saúde públicas (nada menos que 20% dos sul-africanos, estima-se, estão infectados pelo HIV).

Contra esse terrível pano de fundo existem sinais visíveis de melhora. Visitei recentemente Soweto, ao lado de Johannesburgo, área de segregação racial desde o final do século 19 e palco de lutas contra o apartheid nos anos 1970 e 1980. Lembra-me das imagens vistas na TV: ruas empoeiradas e casas-barracões espremidas umas ao lado das outras. Encontrei paisagem diferente: ruas e avenidas pavimentadas, casas de alvenaria com pequenos jardins, áreas públicas gramadas. Fui também aos subúrbios afluentes de Johannesburgo, hoje bairros progressivamente mistos do ponto de vista racial.

Sim, há uma burguesia e uma classe média negras cada vez maiores. Os canais de ascensão se abriram com o fim do apartheid. Programas foram criados para permitir o acesso acelerado a oportunidades antes restritas à minoria branca. Eles contemplam desde

Mesmo no Senegal, considerado muitas vezes um exemplo porque nunca sofreu um golpe de Estado, escritores amplamente respeitados, como Abdou Latif Coulibaly, criticam o Parlamento por não ser mais do que um “instrumento a serviço do Executivo”. A democracia é refém das elites, diz ele, e seus livros são rotineiramente banidos das grandes livrarias, em consequência.

Abdou Latif também culpa os cidadãos. Numa entrevista concedida há alguns anos para a revista francesa *Politique Africaine*, afirmou que as pessoas erroneamente “acham que o poder é uma questão de essência, uma herança, alguma coisa que está no sangue, que o normal para um Estado é ser uma monarquia ilimitada”.

Tradução de Terezinha Martino. O Estado de S. Paulo, 13 jun. 2010. Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/impresso,os-50-anos-de-africa-livre,565790,0.htm>.

a oferta de fundos para promover a aquisição e criação de empresas por “grupos historicamente marginalizados” (fundamentalmente os negros, mas também chineses e indianos) até a adoção de cotas raciais para a alta gerência das empresas, passando por “discriminação positiva” do governo na escolha de concessionários e fornecedores, entre outras medidas.

Percebe-se o esforço em compatibilizar os objetivos imediatos desses programas com a racionalidade econômica de uma economia de mercado. O resultado é controverso. Os críticos acusam as políticas do Black Economic Empowerment (BEE) de fomentar o surgimento de uma “aristocracia negra” baseada em conexões políticas privilegiadas. Outra acusação frequente é atribuir ao BEE responsabilidade pelo êxodo de profissionais brancos de alta qualificação, que se sentiriam injustamente preteridos em suas oportunidades profissionais.

Os conflitos por posições no mercado de trabalho não se restringem aos altos escalões. Mais próspera que seus vizinhos, a África do Sul atrai um contingente significativo de imigrantes de pouca qualificação profissional. Numa economia em que predominam atividades mais intensivas em capital que em mão de obra, como a mineração, há muita gente querendo trabalhar e poucos empregos à disposição. Em maio de 2008, uma série de distúrbios resultou em dezenas de mortos e centenas de feridos. As vítimas: trabalhadores imigrantes do Zimbábue, de Moçambique, do Malavi. Os algozes: trabalhadores sul-africanos. Todos negros.

Nos últimos seis anos, essas tensões sociais latentes – e às vezes explosivas – se beneficiaram dos efeitos anestésicos de um crescimento econômico de aproximadamente 5%, em média. A crise global, porém, dificilmente permitirá a repetição desse desempenho nos próximos anos. Ela atinge duramente a África do Sul, apesar da solidez de seu sistema bancário, do seu baixo grau de endividamento externo e de sua firme situação fiscal. A razão de fundo é simples: a grande dependência do país em relação às exportações de alguns poucos minérios (ouro e platina, principalmente), cujos preços estão desabando no mercado internacional, bem como em relação ao fluxo de investimento direto estrangeiro, em rápida retração.

Aos impactos da crise somam-se incertezas de uma transição de governo que se avizinha. Jacob Zuma, um personagem polêmico

sobre o qual já pesaram acusações de estupro (das quais foi absolvido) e ainda pesam acusações de corrupção, é o candidato favorito às eleições presidenciais que terão lugar até junho. Teme-se que dê uma guinada “populista” na política econômica e radicalize os programas do BEE. Ele faz juras de que não haverá ruptura e intensifica o diálogo com a minoria branca.

Homem de origem popular, criado pela mãe, sem maior instrução formal, militante histórico da ala esquerda do CNA, Zuma vem recebendo elogios por seu pragmatismo e sua capacidade de negociação. Torcem os empresários e a classe média (branca e negra)

para que a mudança política se dê sem ruptura econômica. Não faltam comparações esperançosas com o Brasil de FHC e Lula. O desafio do político sul-africano, porém, é maior. Não apenas pela circunstância da crise, mas também – quem sabe, principalmente – pelo fato de que, se eleito, presidirá um país em que a identidade nacional não é um “dado da história”, mas uma complexa obra em andamento. Num mundo e num continente em que a convivência democrática entre raças e etnias diferentes tem sido antes a exceção do que a regra, a África do Sul merece atenção e apoio.

Sérgio Fausto. O Estado de S. Paulo, 4 jan. 2009. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/editorias/2009/01/04/opi-1.93.29.20090104.1.1.xml>>.

Aquecimento global estimula guerras na África, diz estudo

Uma nova desgraça foi acrescentada aos futuros malefícios do aquecimento global. Além de poder causar declínio na produção de alimentos e aumentar o nível do mar, a mudança no clima também vai incentivar mais guerra na África.

Baseado na história recente de conflitos e temperatura, um estudo feito por pesquisadores nos Estados Unidos indica que em 2030 a incidência de conflito na África ao sul do deserto do Saara será 54% maior, resultando em adicionais 393 mil mortes em combate.

“Nós certamente não alegamos que todas as guerras estão vinculadas ao clima, ou que o clima é a causa única de qualquer guerra. Tudo que dizemos é que, em média, as guerras civis na África historicamente têm muito mais probabilidade de ocorrerem em anos quentes, e que o aquecimento futuro poderá aumentar a probabilidade dessas guerras”, disse à Folha o principal autor do estudo, Marshall Burke, da Universidade da Califórnia em Berkeley.

O artigo, publicado na última edição da revista científica “PNAS”, baseou-se nos conflitos ocorridos entre 1981 e 2002 e que tenham causado cada um ao menos mil mortos em batalhas. Incluindo os desastres humanitários provocados pelas guerras, como os deslocamentos de refugiados, menos comida e mais doença, as mortes são contadas aos milhões.

Crise no campo

Mas como o calor ajudaria a causar guerras tão diferentes entre si como a luta entre tutsis e hutus em Ruanda ou a guerra civil no Sudão?

“Nós acreditamos que o mecanismo ligando clima e conflito seja a produtividade agrícola. A maioria dos estudos recentes sobre causas de conflito mostrou que o conflito está intimamente

relacionado com crise econômica; na África, as economias estão diretamente ligadas à produtividade agrícola; e nós sabemos que a produtividade agrícola é muito sensível a mudanças na temperatura”, argumenta Burke.

A equipe de cinco pesquisadores lembra no artigo que a agricultura responde por mais de 50% dos produtos internos brutos dos países africanos e é responsável por até 90% dos empregos em muitos deles. E para cada grau Celsius de aumento de temperatura, a produtividade de culturas básicas diminui entre 10% e 30%. Eles notaram que, no período estudado, cada grau de aumento na temperatura correspondia a um aumento de 4,5% nos conflitos no mesmo ano.

“Declínios na produtividade agrícola induzidos pela temperatura devem estar associados com aumento de conflito. Isso é apoiado por evidências subjetivas em boa parte da África, como os conflitos no Mali, Níger e partes do Chifre da África a leste, mas, repito, não queremos atribuir nenhuma guerra em particular a apenas uma causa”, continua o pesquisador.

Entre os cenários contemplados no estudo está um mais “otimista”, que também inclui no modelo um crescimento econômico per capita de 2% e níveis de democratização semelhantes aos do período estudado. “Nós descobrimos que nenhum dos dois é capaz de superar os grandes efeitos do aumento de temperatura na incidência de guerra civil”, escreveram os autores no artigo na “PNAS” (www.pnas.org).

“O último elemento em nossa defesa é que nós tentamos controlar cuidadosamente as características individuais de cada país – quão ricos ou pobres eles são, quão democráticos são – e, mesmo controlando essas variáveis, o forte sinal da temperatura permanece”, afirma Burke.

Ricardo Bonalume Neto. Folha de S. Paulo, 6 dez. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u660747.shtml>.

As pirâmides do Egito

[...]

Os egípcios tinham como verdadeira a continuidade da vida após a morte, portanto, devia-se preservar este corpo para que ele recebesse de forma adequada sua alma.

Preocupados com esta questão, os egípcios desenvolveram um complicado sistema de mumificação – processo artificial de se preservar

o corpo humano da decomposição após a morte –, no qual o corpo era embalsamado e os órgãos retirados, pois os egípcios acreditavam que o corpo e a alma eram separados após a morte. O único órgão que permanecia no lugar era o coração, pois, segundo a tradição, o coração era o local onde residiam as emoções e assim ele não podia ser retirado. Em seguida, o corpo era envolto em faixas de linho branco.

Depois de finalizado este processo, o corpo – então denominado múmia – era colocado dentro de um ataúde, que seria levado à pirâmide para ser protegido e conservado. Na época, por ser um processo muito caro, apenas os faraós e os sacerdotes eram mumificados.

[...]

Existe a crença de que as pirâmides do Egito Antigo seriam monumentos funerários, apesar de algumas teorias defenderem a ideia de que se tratava de sepulcros suntuosos também utilizados como lugar de adoração.

As pirâmides foram estruturadas há aproximadamente 2700 anos, do princípio do antigo reinado até o próximo do período ptolomaico – referente à família macedônica que reinou no Egito ou seja, da morte de Alexandre o Grande, em 323 a.C., até o país virar província romana.

A construção deveria acolher e resguardar o corpo do faraó mumificado e seus objetos de uso pessoal – joias, utensílios de uso pessoal e outros bens materiais – da pilhagem dos túmulos.

As construções eram muito resistentes, vigiadas e o acesso era

propositalmente dificultado tanto que os egípcios, para preservarem os segredos internos destas, matavam os engenheiros que as haviam edificado. Todos os meios possíveis eram usados para se evitar o acesso ao corpo mumificado do faraó e aos seus pertences.

Há conhecimento da existência de cem pirâmides no Egito, sendo a mais célebre a de Quéops – nome dado em homenagem ao mais rico dos faraós do Egito antigo –, a única das sete maravilhas antigas que resiste ao tempo. A Pirâmide de Quéops foi construída por volta de 2.550 a.C. A experiência foi passada de geração para geração – Quéfren, filho de Quéops, e Miquerinos, seu neto, concluíram as três pirâmides de Gizé.

Para se colocar em pé as três pirâmides, calcula-se que cerca de 30 mil egípcios trabalharam durante 20 anos, e a cada três meses havia uma substituição de trabalhadores. A maior grande parte trabalhava no corte e transporte de blocos de pedras. Porém, não havia somente trabalhadores braçais, mas também arquitetos, médicos, padeiros e cervejeiros, pois se acredita que os homens que ali trabalhavam eram pagos com cerveja e alimentos, apesar das várias polêmicas existentes.

Miriam Ilza Santana. InfoEscola, 27 mar. 2008. Disponível em: <www.infoescola.com/historia/piramides-do-egito/>. (Adapt.).

RESUMINDO

Neste capítulo, estudamos os problemas africanos e percebemos que eles têm origens diversas e bastante complexas. É fundamental atentarmos para a soma de fatores ligados à colonização europeia e à grande diversidade étnica e religiosa do continente. A região Norte é mais homogênea em termos culturais e apresenta menos problemas. A região subsaariana é mais heterogênea e apresenta diversos problemas.

Percebemos também que a Aids transformou-se em uma epidemia gravíssima na região subsaariana devido à ausência de governos estáveis e capazes de promover políticas públicas eficientes.

A África do Sul é uma exceção em diversos aspectos, pois apresenta uma indústria moderna e é um país estável. Entretanto, ainda carrega as marcas do *apartheid*, um regime que afetou profundamente a população negra durante o século XX.

Com relação aos conflitos, abordamos alguns temas específicos como forma de exemplificar as crises que podem acometer a região. Tais crises podem ser compostas de diversos fatores. Na maioria dos casos, as fronteiras artificiais criadas pelo domínio europeu obrigaram a convivência, no mesmo país, de grupos distintos e rivais. Isso pode gerar guerras civis, separatismos ou genocídio. Em outros casos, o problema climático também deve ser levado em consideração, especialmente quando a desertificação obriga partes da população a migrar para outras áreas. Há também conflitos em que o principal problema é de origem política e ideológica, como no caso de Angola e Moçambique. Por fim, alguns conflitos são capazes de englobar todos esses elementos.

■ QUER SABER MAIS?



FILMES

- *Diamante de sangue* (*Blood diamond*, Estados Unidos, 2006) Direção: Edward Zwick. 138 min.
- *O jardineiro fiel* (*The constant gardener*, Estados Unidos e Reino Unido, 2005) Direção: Fernando Meirelles. 129 min.
- *O último rei da Escócia* (*Last king of Scotland*, Reino Unido, 2006) Direção: Kevin Macdonald. 121 min.
- *Hotel Ruanda* (*Hotel Rwanda*, África do Sul, Reino Unido e Canadá, 2004) Direção: Terry George. 121 min.

Exercícios complementares

1 UEL Considere os seguintes textos sobre regiões do continente africano.

- I. A expressão Sahel é utilizada para caracterizar a região equatorial da África que, ao contrário do Saara, apresenta grande volume de chuvas e vegetação densa de florestas.
- II. O Magreb, situado ao noroeste do continente, possui clima mediterrâneo e se destaca pela população branca de origem árabe e o predomínio da agricultura.
- III. O chamado “chifre da África” está situado no extremo oeste do continente e se destaca pelas enormes jazidas de minerais ferrosos e carboníferos.

Pode-se afirmar que:

- (a) somente I é correto.
- (b) somente II é correto.
- (c) somente I e II são corretos.
- (d) somente I e III são corretos.
- (e) I, II e III são corretos.

2 UFRGS Considere os seguintes dados de identificação de alguns territórios da África.

1. _____: antiga colônia espanhola invadida pelo Marrocos.
2. _____: pequeno país encravado em território sul-africano.
3. _____: país da África Austral, rico em minério de cobre, cobalto e chumbo.
4. _____: país de grande extensão territorial, que permaneceu por quase 500 anos como colônia portuguesa.
5. _____: país árabe, ex-colônia francesa, onde o turismo é uma das principais fontes de renda.

Assinale a alternativa que preenche corretamente, de cima para baixo, as lacunas anteriores.

- (a) Saara Ocidental – Suazilândia – África do Sul – Angola – Líbia.
- (b) Saara Ocidental – Lesoto – Zâmbia – Angola – Tunísia.
- (c) Saara Ocidental – Namíbia – Nigéria – Moçambique – Tunísia.
- (d) Mauritânia – Lesoto – África do Sul – Moçambique – Argélia.
- (e) Mauritânia – Namíbia – Zâmbia – Angola – Argélia.

3 FGV 2006 No mês de julho de 2005, o grupo dos 7 países mais ricos do mundo concordou em aumentar para 50 bilhões de dólares a ajuda humanitária para o continente africano. Sobre essa ajuda, leia o depoimento a seguir.

“Se os países ricos e a ONU continuarem a agir como babás, os africanos se tornarão uns inúteis que não sabem fazer nada”.

James Shikwati, economista queniano.
Veja, 1917 ed, ano 38, n. 32, 10 ago. 2005.

Essas informações e os conhecimentos sobre a África permitem afirmar que:

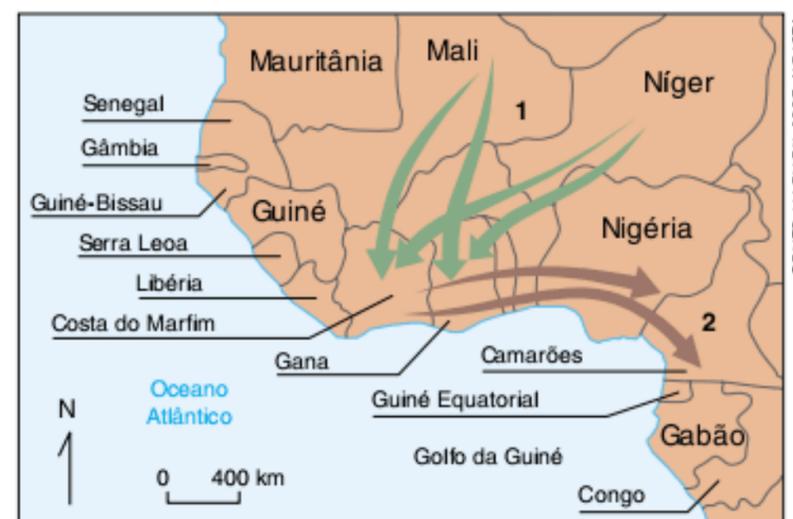
- (a) o depoimento do economista queniano reflete os problemas do norte da África, mas para a porção subsaariana, a ajuda humanitária poderá ter reflexos sociais imediatos.

- (b) os problemas socioeconômicos da África devem ser resolvidos a partir de políticas nacionais, que promovam o crescimento econômico e a distribuição da riqueza interna.
- (c) a decisão do G7 é coerente com as necessidades de retomar o crescimento econômico africano; o depoimento do queniano revela-se contrário ao processo de globalização.
- (d) a decisão atual repete a história, pois ao final dos anos de 1960, a Aliança para o Progresso, desenvolvida pelos Estados Unidos, tinha os mesmos objetivos humanitários, só que destinados à América Latina.
- (e) o depoimento do queniano ignora o fato de que, se a decisão do G7 estivesse relacionada a investimentos financeiros, estes atenderiam grande parte da população, o que reduziria a desigualdade existente.

4 UFRGS As migrações internacionais são fluxos de populações que atravessam fronteiras políticas, deslocando-se dos países de origem para fixar residência em outros países. O golfo da Guiné, na costa ocidental da África, é palco de um duplo movimento migratório.

Considere esses fluxos migratórios na figura a seguir.

Migrações no golfo da Guiné



Os conjuntos de setas, identificados na figura anterior pelos números 1 e 2, representam, respectivamente, o:

- (a) fluxo sazonal para áreas de *plantations* e o fluxo das *plantations* para áreas de mineração.
- (b) fluxo do Sahel para as *plantations* e o fluxo das *plantations* para áreas petrolíferas.
- (c) fluxo de povos animistas para países católicos e o fluxo de católicos para ex-colônias francesas.
- (d) fluxo do Sahel para áreas petrolíferas e o fluxo das áreas petrolíferas para as *plantations*.
- (e) fluxo sazonal para áreas de mineração e o fluxo de áreas de mineração para as *plantations*.

5 UFF A África é um dos continentes mais afetados pela pobreza, guerras e conflitos étnicos. Acrescenta-se, ainda, à dramática realidade africana, a proliferação de doenças, entre elas, a Aids, que já atinge cerca de 25 milhões de africanos (70% do total mundial dos soropositivos, segundo as informações da OMS). Para muitos autores, a África representa uma “periferia abandonada” ou, até mesmo, “desconectada” do capitalismo globalizado.

Entretanto, nesse continente, observa-se a presença de “periferias exploradas” que, em função dos seus recursos naturais estratégicos, atendem aos interesses das empresas globais; esse processo mantém, no século XXI, formas históricas de exploração do colonizado pelo colonizador.

Dentre os recursos estratégicos das “periferias exploradas” da África, merecem destaque:

- (a) os diamantes na África do Sul e o petróleo na Argélia e na Nigéria.
- (b) o urânio e o ferro em Uganda e Angola.
- (c) a bauxita e o alumínio na Somália e no Zaire.
- (d) o cobre na Líbia e o estanho na Tunísia e em Benin.
- (e) o carvão no Egito e o silício na Costa do Marfim.

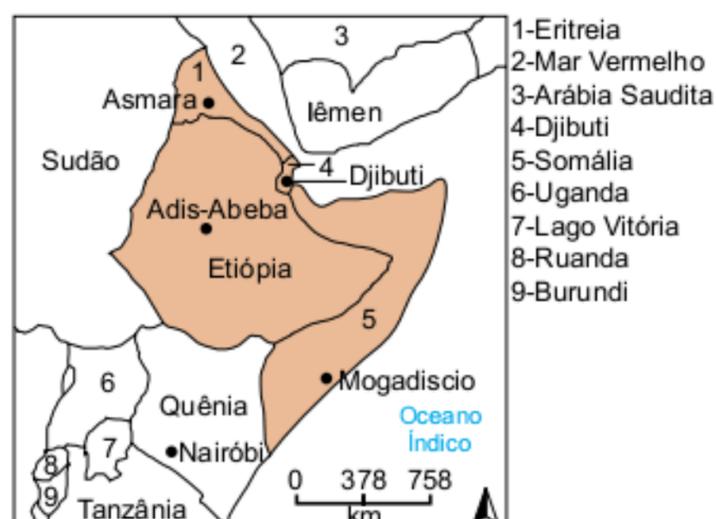
6 Ufes Considere as seguintes proposições a respeito da África do Sul.

- I. A minoria branca da população ainda concentra as riquezas e o poder econômico, mesmo com o fim do *apartheid*.
- II. A legislação segregacionista funcionou como arcabouço de um Estado organizado para fragmentar politicamente a maioria negra da população.
- III. Com o fim do *apartheid*, a minoria branca da população, além de perder o poder político, também perdeu a força.
- IV. O boicote internacional, nos anos 80, devido ao *apartheid* não afetou a minoria branca da população.
- V. O fim do *apartheid* não resolveu definitivamente as desigualdades socioeconômicas.

Assinale a alternativa que aponta apenas as proposições corretas.

- (a) I, III e IV.
- (b) I, II e V.
- (c) II, III e IV.
- (d) II, IV e V.
- (e) III, IV e V.

7 UFSM Observe o mapa.



H. C. Garcia e T. M. Garavello. *Geografia Geral*. São Paulo: Scipione, 2000, p. 338.

A região identificada no mapa, marcada por conflitos geopolíticos, especialmente os de origem étnica, é conhecida como:

- (a) Magreb.
- (b) Chifre da África.
- (c) África Subsaariana.
- (d) Sahel.
- (e) África Negra.

8 Mackenzie Leia o texto a seguir.

De diversas maneiras e em graus variados, o Islã político penetrou em cerca de 75 nações com populações muçulmanas significativas [...]. Nesse regime, a ação governamental fica subordinada aos códigos morais e religiosos estabelecidos pelo Corão, o livro sagrado dos muçulmanos [...]. Muitas dessas comunidades muçulmanas têm ou terão considerável importância econômica, estratégica e social [...]

Garcia; Garavello. *Geografia dos Continentes*.

Sobre a expansão muçulmana, considere as seguintes afirmações.

- I. Com a recente independência das antigas repúblicas soviéticas da Ásia Central, como o Cazaquistão e o Uzbequistão, a expansão islâmica aproxima-se da Europa.
- II. A África é o continente onde a expansão muçulmana ocorre com maior rapidez, tendo atravessado a barreira do Saara e penetrado nas nações da porção Ocidental do continente.
- III. No Oriente Médio, todas as nações são dominadas pelo fundamentalismo, colocando em risco o suprimento de petróleo para o mundo ocidental.

Assinale:

- (a) se todas estiverem corretas.
- (b) se apenas I e II estiverem corretas.
- (c) se apenas II e III estiverem corretas.
- (d) se apenas I estiver correta.
- (e) se apenas III estiver correta.

Frente 1

8

O espaço urbano

Revisando

1. Calcula-se a densidade demográfica. Normalmente consideram-se áreas urbanas as regiões que tenham mais de 50 hab./km².
2. Porque essas cidades já eram centros de administração, que costumavam comandar vastas áreas rurais à sua volta.
3. Função urbana é a função que uma cidade assume em relação a outras ou ao campo em seu entorno. Ser uma cidade comercial, política ou industrial são exemplos de funções urbanas específicas.
4. A centralidade, que é o poder de concentrar as relações das áreas em seu entorno.
5. Com a Revolução Industrial, a economia passou a ser predominantemente urbana, atraindo população para as cidades. As técnicas industriais aumentaram a produtividade do trabalho do campo, diminuindo a necessidade de mão de obra e provocando o êxodo rural.
6. É a porcentagem de população que vive em cidades.
7. São conjuntos de cidades interligadas por sistemas de transporte e comunicação e que estabelecem relações econômicas, políticas e culturais entre si.
8. É a existência de diferentes graus de importância das cidades dentro de uma rede urbana; normalmente dizemos que esta importância é representada pela intensidade da centralidade que cada cidade é capaz de promover.
9. São as cidades principais de grandes áreas conurbadas. Normalmente apresentam grande densidade de serviços, comércio e centros de decisão política e econômica.
10. A metropolização é a tendência à concentração da urbanização em poucos pontos da rede urbana, levando à formação de metrópoles. A desmetropolização, por sua vez, é a desconcentração, ligada ao crescimento mais acentuado das cidades médias.
11. Primeiramente, a expansão e o melhoramento dos sistemas técnicos tornou serviços que antes eram exclusivos das grandes cidades mais disponíveis em vastas áreas do território, aumentando as possibilidades de localização dos investimentos produtivos. Mas, além disso, as cidades médias (entre 100 mil e um milhão de habitantes) apresentam uma relação custo (mão de obra, moradia, alimentação) x benefício (serviços, comércio, equipamentos de educação, saúde e lazer) mais interessante que a das grandes cidades.
12. A principal causa dessa diferenciação é a maneira como se deu o processo de industrialização ou, às vezes, o fato de ele não ter se desenvolvido. Essa maneira dependerá do modo como a economia do país em questão realizou a transição do agrário para o urbano.
13. Região metropolitana é um elemento da legislação urbana brasileira que permite a um conjunto de municípios em processo de conurbação estabelecer regras e medidas de administração comuns e integradas.
14. A segregação socioespacial é a separação dos grupos populacionais no espaço, de forma direta, no caso de condomínios fechados e *shopping centers*, ou indireta, no caso do valor do solo urbano.

Exercícios propostos

O processo de urbanização

1. B
2. B
3. B
4. A
5. B
6. B
7. A
8. A
9. B
10. C

Redes e hierarquia urbana

11. D
12. B
13. E
14. C
15. C
16. B
17. O nível hierárquico de cada cidade depende do seu tamanho populacional, da importância de sua base econômica, do número, da qualificação e da diversidade dos serviços urbanos ofertados e da densidade e amplitude das redes de transportes e telecomunicações.
18. B
19. a) Uma metrópole pode ser definida por vários fatores, entre eles: tamanho expressivo da população; a diversidade e concentração de atividades econômicas; a gestão centralizada (concentração de sedes de empresas e bancos); redes técnicas nodais; a concentração de serviços de ordem superior; localização privilegiada da inovação; densidade de emissão e recepção de informação, comunicação e capitais.
b) O processo de metropolização de São Paulo pode ser associado à industrialização do estado de São Paulo, com concentração de capitais e crescimento do setor terciário.
20. C
21. B
22. A
23. Entre os fatores que alteram a hierarquia da rede urbana no Brasil estão: as mudanças infraestruturais de transporte e telecomunicação; a relocação geográfica dos investimentos; o surgimento de novos setores produtivos; a logística e a gestão empresarial; desmetropolização e crescimento das cidades de porte médio; as mudanças nos hábitos de vida; redirecionamento nos fluxos migratórios e redistribuição da população.
24. a) Duas dentre as consequências:
 - Distribuição espacial da riqueza muito desigual.
 - Rede de cidades na qual existem pouquíssimas cidades médias.
 - Convergência dos fluxos populacionais nacionais para uma única cidade.
 - "Inchaço" urbano da principal cidade, com problemas como favelização, violência, trânsito caótico etc.
 b) Duas dentre as justificativas:
 - A rede urbana equilibrada dos países desenvolvidos faz com que sejam raras as megacidades.
 - O crescimento demográfico é muito maior nos países menos desenvolvidos do que nos mais desenvolvidos.
 - O êxodo rural é residual atualmente nos países mais desenvolvidos e ainda é significativo em muitas das nações menos desenvolvidas.
 - Nos países mais desenvolvidos, as boas redes de transporte e de comunicação têm favorecido processos de desconcentração de atividades e população, inibindo a formação de megacidades.

25. As características que conferem a determinadas cidades o papel de metrópole mundial são: concentração de grande poder de decisão econômica, política e cultural; presença das sedes de grupos empresariais com alcance global; funcionamento de bolsas de valores que operam com empresas nacionais e de outros países e cujo movimento tem consequências sobre o mercado produtivo e financeiro mundial; recepção de imigrantes de diversas partes do mundo conferindo-lhe uma face cosmopolita; sede de grandes companhias do setor de comunicação e agências de notícias. Além disso, as metrópoles mundiais têm mais forte conexão entre si do que com os espaços nacionais nos quais se situam.

26. D
27. D
28. A
29. C
30. C
31. D
32. A
33. D
34. B
35. A
36. B
37. C

O espaço das cidades

38. C
39. A
40. C
41. a) A concentração das atividades financeiras, administrativas e de gestão da economia congestionou a área central. A valorização do espaço central exigia sua ampliação. Os equipamentos surgidos a partir das inovações tecnológicas da Segunda Revolução Industrial, como os elevadores, permitiram a verticalização.
b) As grandes cidades norte-americanas até a Primeira Guerra, principalmente devido à chegada maciça de imigrantes europeus, não eram capazes de atender à demanda de serviços básicos e mostravam um espaço urbano congestionado. A década de 1920, com a expansão da indústria automobilística e a emergência de uma poderosa classe média, muda esse quadro. Os grupos sociais de maior renda ganham maior mobilidade ao comprar o automóvel e por isso podem se deslocar para a periferia. A disponibilidade de maior área, as amenidades da nova paisagem e os serviços que se instalam para atender a essa população de maior renda valorizam as áreas periféricas como áreas residenciais.
42. Pode-se apresentar os seguintes significados:
 - as imensas diferenças entre as áreas centrais e as periféricas das regiões metropolitanas;
 - a ocupação precária das invasões e dos loteamentos clandestinos em contraposição à alta qualidade dos bairros reservados às camadas de maior renda;
 - a linha divisória entre o morro e o asfalto e as muitas outras variantes dessa cisão, presentes nas cidades de diferentes tamanhos e diferentes perfis econômicos;
 - a cidade dividida entre a porção legal, rica e com infraestrutura, e a ilegal, pobre e precária, expressa as desigualdades de renda e é mais um agente na reprodução dessa desigualdade porque a população que está em situação desfavorável acaba tendo muito pouco acesso às oportunidades de trabalho, cultura e lazer.
43. Dois dos argumentos:
 - proximidade de bairros com grande oferta de emprego no setor de comércio e serviços que exigem baixa qualificação;

- localização entre o mar e o Maciço da Tijuca, em área cuja topografia acidentada dificulta a incorporação ao mercado imobiliário formal;
 - precariedade dos meios de transporte de massa na cidade, desestimulando longos movimentos pendulares;
 - condescendência das autoridades públicas com a expansão das favelas em virtude do manancial de votos que esses espaços populares representam;
 - acompanhamento do crescimento demográfico metropolitano.
44. A
45. B
46. D
47. C
48. B
49. D
50. C
51. A
52. B
53. F; V; F; F; V.
54. B
55. B
56. V; V; V; V; V.
57. C
58. B

Problemas socioambientais urbanos

59. B
60. A
61. a) Processo de segregação urbana. Insegurança da sociedade, produto de desigualdades socioeconômicas ou concentração de renda.
b) Duas dentre as ações:
• priorizar os investimentos em infraestrutura nas áreas já favorecidas da cidade;
• negligenciar a implantação de uma política habitacional eficaz voltada para a população de baixa renda;
• possibilitar a territorialização das áreas mais carentes pelo crime organizado em virtude da reduzida atuação governamental;
• implementar política de segurança em caráter permanente apenas nas áreas mais ricas, em contraste com uma atuação episódica nos espaços populares.
62. Megalópole é a junção espacial de duas ou mais áreas metropolitanas. Entre os argumentos que defendem a ideia de que uma megalópole estaria em formação no eixo Campinas, São Paulo e Santos encontram-se: o crescimento das regiões metropolitanas de Campinas e Santos, assim como a de São Paulo, nas últimas décadas, e os intensos fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e informações existentes entre esses centros. Além disso, essas regiões metropolitanas estão muito mais próximas umas das outras do que do Rio de Janeiro. Soma-se a isso o que vem ocorrendo nas últimas décadas com a cidade do Rio de Janeiro, que perdeu sua importância como centro industrial e de serviços e como metrópole nacional.
63. São fatores do processo de urbanização responsáveis pela ocorrência de enchentes em grandes cidades, entre outros: excessiva impermeabilização do solo urbano com aumento do escoamento superficial das águas; obras de canalização e retificação dos rios, alterando seus traçados naturais; deposição de resíduos sólidos nos rios e canais; ocupação desordenada do solo urbano; desmatamento e erosão de encostas; rede subterrânea de escoamento precária; utilização de fundos de vale para a construção de ruas e avenidas.
64. a) A maioria das cidades está no hemisfério Norte (setentrional, boreal). Exceções: São Paulo e Jacarta, no hemisfério Sul, que estão entre as cidades mais poluídas do mundo e as referidas cidades aparecem na tabela 1.

- b) A maioria das cidades poluídas encontra-se nos países subdesenvolvidos, enquanto as cidades mais limpas estão todas em países mais ricos.
65. D
66. A
67. A
68. B
69. C
70. C
71. A
72. A
73. D
74. D
75. A
76. E
77. B
78. E
79. B

Exercícios complementares

O processo de urbanização

1. E
2. E
3. C
4. C

Redes e hierarquia urbana

5. D
6. E
7. D
8. D
9. B
10. D
11. A
12. B

O espaço das cidades

13. A
14. D
15. O planejamento participativo é uma forma democrática de inserção social e de cidadania, pois a população tem acesso a instrumentos que permitem sua participação em decisões que irão repercutir na melhoria de sua qualidade de vida.
16. a) A dinâmica urbana implica mudanças constantes de paisagem ao sabor de interesses capitalistas e sociais, em áreas de importância ou relevância histórica ou socioeconômica. Nos projetos de reforma urbana, o modelo de arrasamento pode ser justificado: I) para uma melhor remuneração do capital imobiliário; II) na remoção de barreiras desobstruindo áreas e facilitando a circulação; III) no reordenamento do espaço para novas atribuições; IV) com mais espaço para a verticalização das construções.
b) Outra maneira de promover reformas urbanas é pelo modelo de refuncionalização, em que temos: I) a preservação da memória histórica e da cultura dos espaços urbanos; II) melhoria e diversificação de áreas destinadas ao lazer e ao turismo; III) manutenção do sentimento de vizinhança; IV) a (re)valorização de áreas urbanas a partir do contraste entre o novo e o velho.
17. a) O poder público é o principal ator envolvido, representado por entidades como a Prefeitura da cidade; como elemento gerenciador, a Companhia Docas do Rio de Janeiro, que ficará encarregada das obras e vinculada à Secretaria Especial de Portos, Governo Federal, portanto, e a Caixa Econômica Federal, com recursos financeiros. Vale destacar a presença do setor privado por meio da Fundação Roberto Marinho, atuando na área cultural e de entretenimento. A tendência é adotar práticas de urbanismo contemporâneo, transformando áreas degradadas em espaços de lazer cultura e consumo.
b) A leitura do segundo texto mostra como provável consequência do processo de revitalização a expulsão da população pobre da área.

Mesmo o programa habitacional deve atingir uma população de poder aquisitivo em lugar da população mais pobre. Sem contar com o sentido ideológico de ocupar uma antiga área degradada deslocada pela modernidade como instrumento de sua legitimação.

Problemas socioambientais urbanos

18. C
19. D
20. a) Entre os custos impostos pelo sítio da cidade do Rio de Janeiro à circulação estão: 1 – os constantes congestionamentos de tráfego produzidos pelo número reduzido de opções de circulação em muitas partes da cidade, que estão imprensadas entre mar e montanha ou ocupam vales estreitos; 2 – a necessidade de construção de túneis, vias elevadas e obras semelhantes, que são investimentos de alto custo; 3 – a prática, já antiga, de arrasamento de morros e de aterro de áreas litorâneas para, entre outros objetivos, facilitar a circulação intraurbana.
b) Entre os principais riscos ambientais estão aqueles associados aos efeitos da água de escoamento superficial. Devido às chuvas torrenciais de verão, o Rio de Janeiro está sujeito, nas partes baixas da cidade, a enchentes causadas pelo rápido escoamento da água por encostas íngremes e cada vez mais impermeabilizadas por construções e por asfalto. Nas encostas, por sua vez, os problemas estão ligados a deslizamentos de terras, que causam muitas vítimas e exigem investimentos de monta em sua contenção.
21. C
22. D

9

Dinâmica demográfica e estruturas da população

Revisando

1. Enquanto o crescimento vegetativo é dado pela diferença entre as taxas de natalidade e mortalidade, o demográfico é o vegetativo acrescido do saldo migratório.
2. A taxa de natalidade é a relação entre o número de nascimentos e o total de pessoas que já existiam na população. A taxa de mortalidade é a relação entre o número de mortes e o total de população que já existia. A taxa de fecundidade é o número médio de filhos por mulher.
3. É o valor da taxa de fecundidade que garante que a população em questão seja reposta, sem diminuir. Normalmente, gira em torno de 2,1.
4. É a passagem do antigo regime demográfico para o novo, por meio da queda acentuada das taxas de natalidade, de fecundidade e de mortalidade, iniciando-se por esta última. Isso gera intenso crescimento populacional e, posteriormente, queda desse crescimento ou mesmo decréscimo populacional.
5. O aumento da produção de alimentos, a melhoria dos sistemas de saúde e a melhoria das habitações e das condições sanitárias das cidades.
6. Entrada da mulher no mercado de trabalho, monetarização e mercantilização das relações sociais e substituição de valores e crenças tradicionais por comportamentos modernos, individualistas e racionalistas.
7. Devido à forte queda do número médio de filhos por mulher, muitos países europeus tendem a ter uma população declinante e outros tendem à estabilização. Tal situação leva à escassez de mão de obra, que torna necessário o fluxo de imigrantes.
8. A queda da fecundidade e o aumento da expectativa de vida.

9. A falta de mão de obra e o aumento dos gastos com a previdência social.
10. A teoria de Malthus, a neomalthusiana e a reformista.

Exercícios propostos

Dinâmica demográfica e estruturas da população

1. D
2. B
3. A
4. A
5. C
6. B
7. E
8. A
9. a) O rápido e intenso crescimento da população mundial tem despertado a comunidade internacional para as relações entre população, desenvolvimento econômico e recursos naturais. Para que essas relações sejam compreendidas, é preciso considerar os fatores que norteiam a sua leitura. A taxa de natalidade é a relação entre o número de nascimentos ocorridos no período de um ano e o total de habitantes de uma cidade, um estado, um país ou um continente. Para chegar a essa taxa, multiplica-se por 1.000 o número de nascimentos ocorridos durante um ano e divide-se o resultado pelo número que representa a população absoluta. A fórmula que expressa tal relação é:
$$\frac{\text{número de nascimento} \times 1.000}{\text{número de habitantes}}$$
 A relação entre o número de óbitos ocorridos em um ano e o número de habitantes do lugar define a taxa de mortalidade. Para chegar a essa taxa, multiplica-se por 1.000 o número de óbitos ocorridos durante um ano e divide-se o resultado pelo número que representa o total da população. Essa relação é expressa pela fórmula
$$\frac{\text{número de óbitos} \times 1.000}{\text{número de habitantes}}$$
 O crescimento vegetativo consiste na diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade (TN – TM) em determinado período (geralmente um ano). O crescimento demográfico de um país resulta do crescimento vegetativo acrescido do contingente de imigração e subtraído do contingente de emigração.
- b) Inúmeras teorias surgiram para tentar explicar o crescimento populacional e suas implicações. Dentre elas, destacam-se a teoria malthusiana, a teoria neomalthusiana e a teoria marxista (também chamada de reformista). A teoria malthusiana foi elaborada pelo economista inglês Thomas Malthus (1776-1834). De acordo com essa teoria, a população mundial crescerá em um ritmo rápido, comparado por ele a uma progressão geométrica (1, 2, 4, 8, 16...), e a produção de alimentos crescerá em um ritmo lento, comparado a uma progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5...). Sendo assim, em um determinado momento, não existiriam alimentos para todos os habitantes da Terra. Muitas são as críticas a essa teoria, como a constatação de que, em nenhum momento, a população mundial cresceu conforme a previsão de Malthus. A teoria neomalthusiana foi elaborada após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A teoria dizia que, se o crescimento demográfico não fosse contido, os recursos naturais da Terra se esgotariam em pouco tempo. Foi sugerida uma rigorosa política de controle de natalidade aos países subdesenvolvidos. A contestação a essa teoria reside no argumento de que se deve melhorar a distribuição de renda. Diferentemente das teorias anteriores, os reformistas atribuem aos países ricos ou desenvolvidos a responsabilidade pela intensa exploração imposta aos países pobres ou subdesenvolvidos, o que resultou em excessivo

crescimento demográfico e pobreza generalizada. Os partidários dessa teoria defendem a adoção de reformas socioeconômicas para superar os graves problemas. A redução do crescimento demográfica seria consequência dessas reformas.

- c) Com base na leitura neomalthusiana, a partir dos anos 1970, países como o Brasil e o México colocaram em prática uma série de ações para o controle da natalidade. As políticas de planejamento familiar pautaram-se por medidas como o uso de métodos anticoncepcionais, a ligadura de trompas, o uso de dispositivo intrauterino (DIU) e a vasectomia. Por outro lado, em países da Europa, como Alemanha e França, já se adotam políticas de natalidade como resposta à queda ocorrida no número de nascimentos. Nelas se incluem licenças maternidades prolongadas, pagamento de elevados salários-família ou salários-maternidade, propagandas de incentivo ao aumento do número de filhos e assistência total do Estado em termos de saúde e educação às crianças e adolescentes.
- d) Com relação ao envelhecimento da população, as últimas pirâmides etárias do Brasil mostram que a base está se tornando cada vez mais estreita, e o ápice mais largo. O corpo está cada vez maior, refletindo a diminuição das taxas de crescimento vegetativo. Isso resultou na mudança do perfil da pirâmide etária da população brasileira, que era eminentemente ligada à estrutura de economia subdesenvolvida, mas hoje apresenta um perfil de economia de transição. Países subdesenvolvidos industrializados, como o Brasil, têm apresentado aumento de idosos em sua estrutura etária. Em 2000, 30% dos brasileiros tinham de 0 a 14 anos, e os maiores de 65 anos representavam 5% da população. Em 2050, esses dois grupos etários devem se igualar: cada um deles deverá representar 18% da população brasileira. Tais números revelam a importância cada vez maior das políticas públicas relativas à previdência social, diante do crescente número de pessoas aposentadas em relação àquelas que estão em atividade. Tornam-se também cada vez mais importantes as políticas de saúde e lazer voltadas para a terceira idade. Também fazem parte dessa discussão questões como a acessibilidade dos idosos em transportes públicos e em espaços públicos, como escolas, hospitais, universidades, parques etc.
10. a) O Brasil vem passando por uma forte evolução na longevidade de sua população. A urbanização e o melhor acesso a medicamentos, entre outros aspectos, aumentam a longevidade, fato evidenciado no topo da pirâmide etária com aumento de idosos entre 1992 e 2002.
- b) O gráfico mostra um ligeiro predomínio de população feminina e uma diminuição nos números absolutos, indicando um amadurecimento da população.
11. E
12. a) De acordo com o mapa, a Itália apresenta uma faixa de idade média entre 40 anos ou mais, enquanto o Paraguai enquadra-se na faixa entre 20 e 25 anos. A Itália mostra um perfil populacional em envelhecimento, acarretando consequências como baixa População Economicamente Ativa (PEA), o que implica falta de mão de obra, aumento com gastos em previdência, principalmente com aposentadorias, maiores investimentos e gastos com geriatria. Com o envelhecimento da população, diminui a oferta de mão de obra com reflexos sobre os fluxos migratórios. Isso favorece a entrada de imigrantes, o que pode acarretar xenofobia e atritos.

b) A África Subsaariana pode ser caracterizada pela presença de países de perfil socioeconômico primário, com alta taxa de natalidade e baixa expectativa de vida, decorrentes de fatores como: pobreza (más condições de vida); difícil acesso a programas de saúde e educação; epidemias; guerras que provocam impactos sobre enormes contingentes populacionais, que se deslocam pelo continente como refugiados; baixa expectativa de vida ao nascer; falta de saneamento básico; fatores culturais a partir do perfil cultural de sociedades rurais; falta de informações sobre métodos contraceptivos, alta taxa de fecundidade, mães muito jovens com muitos filhos.

13. C
14. D
15. D
16. D
17. E
18. A
19. D
20. E
21. A
22. D
23. A
24. D
25. C
26. E
27. B

Exercícios complementares

Dinâmica demográfica e estruturas da população

1. E
2. E
3. a) Entre as consequências positivas da transição demográfica brasileira, temos: o menor contingente de jovens criaria um hiato que permitiria investimento em sua qualificação; a redução do contingente de jovens que se apresenta ao mercado de trabalho a cada ano diminuiria a pressão sobre o mercado de trabalho; o aumento relativo do contingente de adultos elevaria a população economicamente ativa. Entre as consequências negativas, temos: o maior contingente de idosos exige o aumento dos gastos previdenciários e dos serviços de saúde; a diminuição da mão de obra disponível; a redução do mercado de consumo.
- b) O acelerado processo de urbanização brasileiro, com a organização socioespacial das metrópoles, provoca as seguintes características: uma acentuada segregação espacial entre as áreas nobres, destinadas aos mais ricos, e as áreas periféricas, desprovidas de serviços básicos, reservadas aos mais pobres; o deslocamento de numerosas funções do núcleo central para os subcentros urbanos; espaço das favelas estigmatizado como áreas marginais e local de práticas ilícitas.
4. A redução da natalidade pode causar:
 - a) aumento da proporção de idosos na estrutura populacional, com aumento das despesas previdenciárias;
 - b) redução do número de jovens no mercado de trabalho, com necessidade de importação de mão de obra do exterior, o que muitas vezes gera tensões internas, manifestadas por xenofobia;
 - c) o Estado perde simbolicamente o grupo etário que representou o futuro da nação.
5. B
6. E
7. D
8. B
9. E
10. C
11. C
12. C

13. C
 14. D
 15. E
 16. D
 17. a) A partir da década de 1980, o índice de crescimento da população urbana (53,14%) ultrapassa o índice da população rural (46,86%).
 b) Migração campo-cidade (êxodo rural); forte concentração fundiária, a qual limita o desenvolvimento das atividades agropecuárias; crise e estagnação da base agrícola do Estado, marcada pela baixa produtividade; secas periódicas; expectativa da população de encontrar melhores condições de vida nas cidades, entre outros fatores.
 c) Forte concentração demográfica em Fortaleza e sua região metropolitana; aumento da pobreza urbana, com o crescimento do desemprego e do emprego informal nas cidades, principalmente na capital; aumento do déficit de habitações, com o crescimento de favelas e áreas de risco, especialmente em Fortaleza; deficiência dos serviços de saneamento básico nas cidades, entre outros aspectos.
18. a) Pirâmide I – alta natalidade; baixa expectativa de vida; elevada proporção de crianças e jovens.
 Pirâmide II – redução das taxas de natalidade; elevada expectativa de vida; predomínio da população adulta.
 Pirâmide III – baixa natalidade e reduzida proporção de crianças e jovens; elevada expectativa de vida; elevada proporção de idosos.
 b) Pirâmide I – Índia e Nigéria; Pirâmide III – Alemanha e Itália.
 c) Pirâmide I – estímulo ao planejamento familiar; difusão de métodos anticoncepcionais. Pirâmide III – pagamento de benefícios às famílias com mais de um filho; proteção às crianças, por meio de assistência médica e educacional promovida pelo Estado; períodos extensos de licença maternidade ou paternidade aos pais.
19. C
 20. A
 21. E
 22. B
 23. C
 24. E
 25. C
 26. B
 27. A

Frente 2

9

América do Norte

Revisando

1. Pode-se dividir o continente americano de duas formas: geograficamente, em América do Norte, Central e do Sul, e culturalmente, em América Anglo-Saxônica e América Latina.
 2. Podemos apontar um fator cultural e outro político. Culturalmente, a religião protestante foi decisiva, por incentivar o Capitalismo, a iniciativa privada e o empreendedorismo. Politicamente, a Inglaterra manteve certa distância das suas 13 colônias americanas, permitindo o surgimento de maior independência de ações e ideias mesmo durante o período colonial.
 3. A expansão se deu através de guerras (contra os índios e os mexicanos) ou através da compra de territórios.
 4. As indústrias se distribuem em cinturões, ou *belts*, de acordo com o clima, o solo e a história do país, como o *manufacturing belt* no Nordeste ou o *sun belt* no Sul.
5. Podemos citar os ataques terroristas de 2001, o gasto com as guerras do Iraque e Afeganistão, a concorrência com as indústrias chinesas e a crise de 2008.
 6. O Nafta foi uma forma que o governo dos Estados Unidos encontrou para tentar contornar o fechamento gradual do mercado europeu. Para tanto, fez-se necessário aproximar-se ainda mais dos mercados vizinhos, mesmo que na forma mais simples de integração econômica.
 7. O Canadá foi formado por colonizações de origens francesa e inglesa, o que levou a uma divisão cultural no país. Essa divisão alimenta um sentimento separatista entre parte da população de origem francesa, na região do Quebec.
 8. A função do México no Nafta é o fornecimento de mão de obra barata e como local de instalação de empresas a baixo custo.

Exercícios propostos

EUA

1. A
2. D
3. a) As indústrias que utilizam tecnologia de ponta, as de informática e aquelas que são associadas ao processo de acumulação flexível.
 b) Ao longo da costa oeste, com destaque para a Califórnia, junto à bacia do Pacífico, de grande potencial comercial com a Ásia.
4. D
5. A
6. E
7. E
8. D
9. A
10. E
11. D
12. E
13. A urbanização está ligada ao desenvolvimento de atividades nos setores secundário e terciário. A demanda de mão de obra, a mecanização do campo e a liberação de mão de obra são fatores que contribuíram para tal mudança.
14. C
15. E
16. C
17. E

Canadá

18. C
19. 26
20. B
21. C

México

22. E
23. 19
24. a) O Muro de Berlim foi construído no ano de 1961, no contexto da Guerra Fria, caracterizada pela bipolarização política, ideológica e militar entre os blocos socialista e capitalista, liderados pela URSS e pelos EUA, respectivamente. Após um primeiro momento de tensão envolvendo a Alemanha, em 1948, com o bloqueio terrestre imposto pelo governo soviético à cidade de Berlim, foram instituídas no ano seguinte as duas Alemanhas, a ocidental – República Federal da Alemanha – e a oriental – República Democrática Alemã. Em agosto de 1961, foi construído o Muro de Berlim, que separou concretamente os dois lados da cidade (incrustada na parte soviética) e se tornou símbolo da separação alemã e da Guerra Fria.
 b) É possível identificar dois entre os seguintes aspectos:
 – atraídas pelas possibilidades de trabalho e enriquecimento nos EUA, milhares de pessoas tentam cruzar a fronteira dos EUA com o

- México (muitas fábricas norte-americanas, conhecidas como “maquiladoras”, instalaram-se nos últimos anos na fronteira, com o objetivo de utilizar a mão de obra barata oferecida pelos mexicanos que se concentram no Norte do país); esses imigrantes, ao cruzarem a fronteira, podem enfrentar inúmeros problemas, como prisões, conflitos com fazendeiros, fome ou afogamento.
- a população de imigrantes sem documentação que mora e trabalha nos Estados Unidos vem crescendo, regularmente, desde a Reforma de Imigração e o Ato de Controle (IRCA) de 1986; esta legislação gerou um maior controle nas fronteiras e a imposição de penalidades contra aqueles que empregam pessoas sem documentação.
 - com o reforço da fronteira californiana, a tensão maior encontra-se, atualmente, na fronteira do Arizona, para onde os imigrantes mexicanos passaram a ir devido ao menor controle; na falta de policiamento desta fronteira, os fazendeiros da região assumiram esse papel, provocando o aumento da violência e das tensões. É ao longo da fronteira do Arizona que existe um muro intercalado com trechos de arame farpado controlado pela guarda da fronteira norte-americana e por sistemas eletrônicos, com o objetivo de impedir a entrada de imigrantes ilegais nos EUA. Em 2006, foi aprovada a ampliação desse muro, o que tem gerado protestos por parte de organizações não governamentais e de defensores dos direitos humanos.
 - a fronteira é também um lugar de tensão, devido ao tráfico de drogas e armas.
 - As diferenças culturais e linguísticas também provocam o aumento de tensões étnicas e culturais na fronteira.

25. O problema citado pelo texto é a concentração da propriedade da terra nas mãos de poucos. A concentração da propriedade da terra acirrou o descontentamento da maioria camponesa e indígena que estava sendo afastada de suas propriedades individuais ou coletivas. A Revolução Mexicana foi um grande movimento armado que começou em 1910 com uma rebelião liderada por Francisco I. Madero contra o antigo autocrata general Porfirio Díaz. A primeira das grandes revoluções do século XX, a Revolução Mexicana foi caracterizada por uma variedade de líderes de cunho socialista, liberal, anarquista, populista e em prol do movimento agrário. A Revolução é considerada a princípio como o movimento que derrubou a ditadura e possibilitou a ascensão de Francisco Madero em junho de 1911. No entanto, o movimento possuía outra dimensão: os camponeses do sul, liderados por Emiliano Zapata, invadiam e incendiavam fazendas e refinarias de açúcar e, ao mesmo tempo, organizavam um exército popular. Ao norte, o movimento camponês foi liderado por Pancho Villa, também defendendo a reforma agrária.

26. D
27. E
28. C
29. A
30. E

Exercícios complementares

EUA

1. B
2. B
3. D
4. C
5. C

Canadá

6. A

México

- 7. E
- 8. D

10

América Latina

Revisando

1. Podemos dividir a região entre América Central Insular (ilhas) e Ístmica (continente).
2. A América do Sul costuma ser dividida em três partes (sem considerar o Brasil): América Andina, Platina e Guianas.
3. As explicações utilizadas já incluíram visões deterministas, como a relação com o clima, religiosas (Catolicismo) e culturais. Posteriormente foi adotada uma visão econômica e histórica ligada à exploração econômica por parte das potências colonizadoras. Esta é a visão da Cepal.
4. Podemos destacar o turismo, a agricultura de *plantation* e os paraísos fiscais como os maiores exemplos.
5. A eleição de presidentes de origem popular e/ou indígena tornou-se um fato nos últimos anos. Alguns presidentes, como Evo Morales, adotaram uma linha econômica nacionalista. O movimento zapatista mexicano é outro exemplo.
6. Cuba, após entrar em crise com o declínio da URSS, passou a depender da Venezuela de Hugo Chávez. Recentemente, o governo divulgou medidas para tentar dinamizar a economia, incluindo a participação de um setor privado.
7. A Colômbia há anos enfrenta as Farc, que usam financiamento do narcotráfico para combater o governo. Apesar das recentes vitórias do governo de Álvaro Uribe, a guerrilha ainda é vista como uma ameaça.
8. O México é a porta de entrada da cocaína nos Estados Unidos, o maior mercado consumidor do mundo. Os governos mexicano e estadunidense passaram a atuar em conjunto para sufocar o narcotráfico. Esse fato aumentou a competição entre os cartéis e os ataques dos cartéis ao governo mexicano.

Exercícios propostos

Américas Central e do Sul: características gerais

1. Os principais interesses econômicos e estratégicos norte-americanos na região do Caribe referem-se: ao combate à guerrilha e à produção de coca-cocaína na Colômbia; ao controle do suprimento de petróleo venezuelano para os Estados Unidos; à importância do canal do Panamá; e à presença de um governo socialista em Cuba.
2. D
3. D
4. C
5. B
6. D
7. C
8. D

América Latina: região subdesenvolvida

9. D
10. D
11. B
12. a) Construção de uma unidade entre as nações latino-americanas, a fim de garantir sua efetiva soberania em face das ameaças tanto de natureza político-militar quanto econômica.
- b) Dois dentre os motivos: mudanças realizadas na política petrolífera, impondo maior controle do Estado no setor; aproximação com o governo cubano, por meio de programas de alfabetização em massa e de médicos populares; identificação das metas de

Chávez com uma política socialista, o que aproximaria a Venezuela da esfera cubana; discurso de Hugo Chávez francamente anti-americano e crítico em relação às posições dos EUA ante as nações latino-americanas; programa de transformação social e de redistribuição de riquezas, com reforma agrária e concessão de microcrédito para os pequenos proprietários, interferindo no controle de grandes empresas do setor, inclusive norte-americanas.

- 13. D
- 14. a) Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai (países associados: Bolívia e Chile).
- b) 1. Zona de livre-comércio (grande parcela das mercadorias produzidas nos quatro países pode ser comercializada internamente sem a cobrança de tarifas de importação); 2. União aduaneira (padronização das tarifas externas para inúmeras mercadorias).
- 15. D
- 16. A
- 17. E
- 18. C
- 19. A
- 20. E
- 21. E
- 22. E
- 23. C
- 24. B
- 25. D
- 26. A

Conflitos na América Latina

- 27. E
- 28. A
- 29. B
- 30. A
- 31. C
- 32. D
- 33. B
- 34. B
- 35. a) Os maiores fornecedores (exportadores) de produtos para Cuba são a Espanha, a Venezuela, o Canadá, a França, o México e a Itália, destacando-se desde produtos agrícolas e alimentos, até petróleo. Os países que mais comercializam com Cuba, importando produtos desse país, são a Rússia, a Holanda, o Canadá, a Espanha, a China e a França. A maior potência mundial, os EUA, não aparece nas tabelas por causa do embargo econômico imposto pelo país a Cuba em 1962, o que restringiu o comércio entre os dois países.
- b) O Canadá é destacável (3º) exportador para Cuba. É, também, o 3º maior importador de Cuba; o primeiro importador de produtos cubanos da América. No entanto, a balança comercial canadense tem superávit em relação a Cuba; O Canadá é, também, o maior investidor em Cuba, principalmente no setor de mineração, de energia e de exploração de petróleo. O setor do turismo é o que recebe maior volume de recursos estrangeiros em Cuba, liderados por grandes redes de hotéis, como a espanhola (Meliá) e a francesa (Club Med).
- 36. D
- 37. E

Exercícios complementares

América Central e do Sul: características gerais

- 1. E

América Latina: região subdesenvolvida

- 2. a) Duas medidas, das apresentadas a seguir, entre outras: mudança das leis sobre a agricultura; reconhecimento da empresa privada; incentivo ao turismo internacional; formação

de empresas de capital misto; dinamização da vida cultural; criação de mecanismos internos que possibilitem a captação e entrada de dólares no país.

- b) Um fator político-econômico, dos apresentados a seguir, entre outros: a flexibilização do regime cubano, aliada à redemocratização da América Latina, à chegada ao poder de governos de esquerda ou centro-esquerda que se opõem à política estadunidense para o continente americano, intensificou as relações de Cuba com o Brasil e a Venezuela; o aparecimento de um sentimento anti-americano, fortalecido mundialmente, por causa do poder econômico e militar que o governo estadunidense exerce sobre os países latino-americanos e os mais variados povos. Esse fenômeno intensificou as relações entre Brasil, Argentina e Cuba que se organizaram com vistas à defesa da soberania nacional e a participação mais efetiva na economia mundial, resguardando as especificidades e a importância da América Latina, no cenário mundial.
- 3. a) ABolívia. Em dezembro de 2005, o líder cocaleiro Evo Morales venceu, com maioria absoluta e apoio político e financeiro do venezuelano Hugo Chávez, as eleições presidenciais bolivianas, tornando-se o primeiro presidente de origem indígena do país. Ao assumir o poder em 22 de janeiro de 2006, a plataforma política do partido que o representa (MAS – Movimento ao Socialismo) passou a ser discutida nacionalmente e no exterior, colocando em tensão países e investidores diversos em relação ao “Risco-país” que a Bolívia passaria a representar, na economia global. Como forte opositor à erradicação do cultivo da coca defendida pelos Estados Unidos, Evo Morales diverge, frontalmente, do sistema socioeconômico capitalista, que é a força motriz da globalização econômica. Dentre os pontos mais polêmicos da plataforma política desenvolvida por Morales, destacam-se: a nacionalização de indústrias estratégicas e dos recursos naturais (hidrocarbonetos); o controle estatal total das propriedades onde estão presentes os recursos energéticos; a redução dos preços de produtos para o consumo de massa; a saúde e educação gratuitas para toda a população; o aumento dos impostos para as classes média-alta e alta; as resistências à consolidação da Alca; o suporte político e administrativo ao cultivo da folha de coca, reforçando o PIB “subterrâneo”; a redistribuição de terra.
- b) Em relação à crise de governabilidade na Colômbia ligada a fatores paramilitares e/ou econômicos dos narcotraficantes, pode-se destacar: a fuga de divisas do país frente aos imensos lucros ilegais obtidos com a produção, transformação, circulação e consumo da droga em escala internacional; o financiamento ao contrabando, principalmente de armas; a concentração da propriedade rural (os narcotraficantes apropriaram-se de 4,3% da terra cultivável na Colômbia); a concentração da propriedade urbana (20% aproximadamente das transações em propriedade raiz); o progressivo crescimento do mercado de trabalho a serviço das máfias (250 mil empregos, equivalentes a 3% da força trabalhista do país); a reversão no crescimento dos PIB: o regular cresceu 3% e o “subterrâneo” 7%, nos anos de 1990 e 2000; a invasão da economia formal pela informal (os cartéis da coca, por meio de testas-de-ferro, passaram a controlar empresas variadas, que vão desde farmácias até redes de TV, emissoras de rádio e linhas aéreas); o financiamento à narcoguerrilha e ao terrorismo nacional e internacional; uma rede

de suborno e corrupção que atravessa todo o Estado, particularmente as agências estatais encarregadas de seu controle e repressão; a influência política e um eficiente esquema de informação dos narcotraficantes fragmentam, geograficamente, os países produtores, constituindo entraves políticos e militares e, em alguns casos, estabelecendo territórios livres junto com grupos guerrilheiros; a divisão político-administrativa criada pelo Estado é substituída por zonas produtoras de drogas, divididas de acordo com os interesses da máfia e da guerrilha, nas quais as leis, a autoridade e até mesmo a moeda nacional não têm validade; o Estado de direito, além de perder o controle sobre a economia, perde hegemonia, legitimidade e autoridade, com narcotraficantes financiando campanhas para senadores e deputados e golpes de Estado.

4. B
5. A

Conflitos na América Latina

6. B
7. E

11

África

Revisando

- Podemos estabelecer uma divisão religiosa e étnica. A África do Norte apresenta uniformidade religiosa por meio do predomínio do Islamismo e de uma pequena quantidade de etnias. Já a África Subsaariana apresenta uma grande diversidade religiosa, com a presença do Islamismo, do Cristianismo e das religiões animistas, nativas da África. Há também uma enorme diversidade étnica, que contribui para o aumento do número de conflitos nessa região.
- Essa região apresenta uma grande instabilidade devido a questões étnicas, políticas e econômicas ligadas à história do continente africano e ao domínio estrangeiro, fazendo com que o capital internacional não tenha interesse em investir nessa região. Sem investimentos os governos não têm recursos, sem recursos não há melhorias, sem melhorias as crises se agravam, contribuindo, dessa forma, para afastar os investimentos. As questões étnicas fazem com que não haja entre a população um sentimento nacional unificado.
- A divisão ocorreu na Conferência de Berlim, em 1885. Desse momento em diante, a África passou a adotar o sistema de *plantation* para alimentar os países europeus. Em alguns países da África, a exploração se deu em função das riquezas minerais.
- A prevenção da Aids depende de Estados bem-aparelhados e organizados, o que não ocorre na África Subsaariana. Sem campanhas de educação e prevenção, sem dinheiro para tratamento e mesmo sem estradas e meios de comunicação, a prevenção e o tratamento não chegam às pessoas.
- O *apartheid* foi um sistema de completa segregação racial estabelecido pela elite de origem europeia da África do Sul. Esse sistema esteve em vigor entre as décadas de 1940 e 1990, fazendo com que a população negra tivesse péssimas condições de vida.
- Nos conflitos de Ruanda e Libéria, o principal destaque é para os fatores cultural e étnico. A diversidade étnica desses países e a saída dos colonizadores europeus permitiram a explosão de conflitos entre os diferentes grupos.
- A Somália vive uma guerra civil desde 1991, com vários grupos diferentes disputando o poder. O colapso do Estado levou ao colapso da economia.

Como a posição geográfica da Somália é estratégica, controlando uma das saídas do Mar Vermelho (por onde passa grande parte do comércio marítimo global), parte da população passou a buscar sua sobrevivência na pirataria, sequestrando navios mercantes e exigindo resgates.

- Porque Angola e Moçambique viveram guerras civis ligadas ao contexto da Guerra Fria e do choque entre grupos capitalistas e socialistas. O componente étnico, nesses países, não foi significativo para a deflagração dos conflitos.
- Religiosamente e etnicamente, devido aos conflitos ocorridos no Sudão, houve o choque entre a população do norte (árabe e islâmica) e a população do sul (negra e cristã ou animista), que acarretou na criação de um novo país, o Sudão do Sul. Em termos climáticos e étnicos há o problema de Darfur, onde a população é negra e islâmica e é atacada por milícias árabes islâmicas. O conflito também tem um fundo climático, já que a região está se desertificando, o que aumenta a disputa por terras férteis.
- Além da grande diversidade étnica, a Nigéria apresenta também choques entre cristãos e muçulmanos. O país também é rico em petróleo, o que causa tensões separatistas.
- Porque ela apresenta uma uniformidade religiosa (Islamismo) e uma quantidade relativamente pequena de etnias, o que ajuda a diminuir a incidência de conflitos. Vale ressaltar que a colonização europeia foi mais pacífica na África do Norte, pois os europeus já conheciam melhor a região e as fronteiras e, mesmo artificiais, acabaram respeitando melhor a divisão étnica.

Exercícios propostos

Gerais

- B
- As relações de natureza conflituosa entre Europa e África resultam, principalmente, do crescimento lento das economias europeias e da redução dos postos de trabalho que estão levando a um aumento das restrições ao ingresso de população de origem africana na Europa, favorecendo a eclosão de conflitos étnicos e religiosos e o recrudescimento da intolerância com relação aos imigrantes e seus descendentes. Quanto às relações de natureza não conflituosa encontram-se: o comércio complementar de alimentos e bens industriais; o amplo espectro de trocas culturais; a modernização tecnológica da agricultura norte-africana por europeus; o investimento europeu na indústria turística africana.
- A
- Esse período é caracterizado pelo processo de descolonização em diversas regiões da África e da Ásia. Uma das principais decorrências desse processo foi o surgimento de Estados Nacionais aumentando o número de países no cenário internacional. Como exemplo, podemos citar a crescente participação desses novos países em competições de ordem internacional como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, dando perfil a essas novas nacionalidades.
- A divisão do continente, estabelecida pelos europeus no período colonialista, não respeitou a diversidade política e cultural dos africanos, acabando, frequentemente, por reunir grupos rivais em um mesmo território e/ou até por dividir membros de uma mesma etnia em distintos territórios, nos países formados no período pós-colonial. Como consequência, instauraram-se diversos conflitos no continente africano, influenciando decisivamente na situação de extrema pobreza, na recorrência de guerras civis, golpes de Estado e no persistente subdesenvolvimento da maioria de seus países.
- 14

- E
- A criação de estados artificiais, sem levar em conta os conflitos tribais, desestabiliza politicamente a Somália e o continente africano, afastando investimentos e aumentando o subdesenvolvimento.
- D
- D
- D
- D
- C
- D
- B
- E

África Subsaariana

- E
- A
- B
- B
- Os povos da África Subsaariana enfrentam sérios problemas: a epidemia da Aids está dizimando parcelas crescentes da população em todas as faixas etárias, por causa da falta de assistência médica sistemática e da ausência de infraestrutura sanitária e educacional; a fome, que atinge várias regiões, por causa do desmantelamento da agricultura tradicional, das guerras e da desertificação; a falta de recursos para ações imediatas de controle das doenças; os conflitos étnicos, que dão origem a guerras de longa duração e alimentam a proliferação de campos de refugiados vivendo em condições precárias; a instabilidade política, que reflete a grande desigualdade de renda e as disputas entre grupos de interesse e lideranças de origem tribal; a escassez de investimentos em setores estratégicos da economia, que agravam as condições e a qualidade de vida das populações.
- C

Aids

- a) As sucessivas crises de fome no continente são proporcionadas:
 - por uma desertificação crescente dos solos agrícolas, há pelo menos meio século, por causa da ação antrópica, principalmente nas chamadas "franjas" dos desertos (como também são conhecidas as estepes africanas) e mais recentemente pela destruição das florestas úmidas africanas, pela pressão demográfica que os intensos fluxos migratórios causam nesses espaços de biodiversidade;
 - pelas mudanças radicais nas estruturas produtivas e alimentares dos povos africanos que, desde o final do século XIX, passaram a ter que reduzir os espaços agrícolas voltados para os cultivos e a criação de subsistência em função da "emergência" para a ampliação das atividades agrícolas comerciais voltadas para os mercados internacionais, principalmente o europeu e o norte-americano, o que modificou a posição do continente na divisão internacional do trabalho, definindo, a partir do neocolonialismo, a dependência dos povos africanos da importação de produtos alimentares europeus e norte-americanos, o que modificou, expressivamente, a dieta dos povos da África Subsaariana, principalmente;
 - pelas guerras locais estabelecidas por clãs e etnias que buscam se consolidar hegemonicamente nos territórios africanos, muitas vezes, com apoio de chefes de Estado corruptos que representam os interesses de apenas um ou de poucos grupos e clãs que se alojam sob os tetos constitucionais nacionais;
 - pelo baixo grau de desenvolvimento humano da maioria dos países do continente. Estes, por causa do atraso nas suas estruturas sociais, ainda não passaram por revoluções médi-

o-hospitalares e infraestruturais básicas, capazes de erradicar os problemas básicos de saúde, como a difteria, malária, doença de Chagas, amarelão e outras associadas à reduzida infraestrutura sanitária no continente.

- b) Podem ser:
- a redução acelerada de população em idade adulta, o que diminuirá, substancialmente, a mão de obra geradora de riquezas ocupada em empregos formais e informais;
 - a redução dos investimentos ligados à produção e à logística (setores estratégicos) dos Estados africanos por causa do aumento emergencial dos investimentos sociais (escolas públicas, creches, hospitais etc.) frente à quantidade elevada de "incapazes" sem o sustento familiar imediato nem periférico;
 - a diminuição expressiva dos tributos recolhidos pelos Estados nacionais da sociedade civil africana, causando impacto nas contas públicas e reduzindo o potencial previdenciário para os mais velhos e os subsídios para os demais setores da economia;
 - queda da qualidade da formação profissional por causa dos óbitos de adultos especializados e/ou qualificados para o trabalho, o que demandará o recomeço da formação básica, média e superior das populações africanas;
 - perda da tradição produtiva nas lavouras e atividades de subsistência no continente, pela diminuição das "memórias vivas" da ancestralidade tribal e étnica da África.

África do Sul

24. D
25. - Diversidade multicultural com predomínio de população negra (75%), seguida de brancos (18%), mestiços (10%) e asiáticos (4%), e diversidade étnica entre os negros (19% zulus, 17% xhosa, 13% sothos, 10% tswanas e 9% outros).
- Divisão e rivalidade étnico-tribal entre sul-africanos negros, disputando o poder e o controle do Estado.
 - Forte distinção entre as classes sociais, sendo a massa da população negra muito pobre com poucos ascendendo à classe média, contrastando com os mestiços e asiáticos de classe média e os brancos de classe média e alta.
 - Conflito e fragmentação da representação política em diferentes grupos étnicos.
 - Pequena alteração do padrão de distribuição de renda, gerando violência intertribal e étnica.

Conflitos e crises

26. A
27. D
28. a) Por causa das importantes jazidas de petróleo existentes, fazendo com que, principalmente os Estados Unidos e a Inglaterra vejam no conflito regional, que envolve grupos muçulmanos, uma ameaça à estabilidade da produção.
- b) O período colonial recente gerou inúmeros conflitos étnico-tribais no continente africano como na porção central no Congo entre hutus e tutsis, entre outros grupos, que buscam a afirmação de autonomia nacional, apesar da divisão territorial estabelecida com o processo de descolonização.
- c) A Nigéria também é palco de inúmeros conflitos étnico-tribais como a oposição entre cristãos e muçulmanos, que dominam a porção setentrional do país. A Nigéria é formada por mais de 200 grupos étnicos, reunidos numa mesma unidade política durante o neocolonialismo, e que passaram a disputar o poder com o processo de independência.

29. B
30. B
31. B
32. B
33. a) No regime federativo, a estrutura governamental baseia-se em unidades políticas que estão reunidas em um só Estado, sob um governo central, mas que conservam determinada autonomia política e legislativa.
- b) Na Nigéria, o país mais populoso do continente africano (cerca de 111 milhões de habitantes), há, aproximadamente, 250 grupos étnicos com línguas e culturas diferentes. Na década de 1960, o regime federativo foi extinto, e o poder centralizou-se nas mãos de uma das etnias. Houve, porém, oposição de vários grupos étnicos, o que gerou conflitos nas últimas décadas: golpes políticos, eleições anuladas e guerra civil entre o governo e grupos que visam à divisão do país. Portanto, a retomada do regime federativo, provavelmente atenuaria os problemas políticos e étnicos desse país, descentralizando o poder, conferindo certa autonomia aos estados formadores da União e atendendo, assim, à principal reivindicação de diversos grupos étnicos da Nigéria.

África do Norte

34. V; F; F; V.
35. B
36. B
37. A

Exercícios complementares

Gerais

1. B
2. B

África Subsaariana

3. B
4. B

Aids

5. A

África do Sul

6. B

Conflitos e crises

7. B

África do Norte

8. B